



1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Elisabete Cação dos Santos

O TEXTO DO DISCURSO *CONTRA CTESIFONTE* DE
ÉSQUINES A PARTIR DO MS. *RES. 463* DA BNP
INTRODUÇÃO, EDIÇÃO CRÍTICA, TRADUÇÃO E NOTAS

Tese no âmbito do Doutoramento em Estudos Clássicos, ramo Poética e Hermenêutica orientada pelos Professores Doutores Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho e Felipe Gonzalo Hernández Muñoz e apresentada à Faculdade de Letras, departamento de Línguas, Literaturas e Culturas.

Agosto de 2019

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

O TEXTO DO DISCURSO *CONTRA CTESIFONTE* DE ÉSQUINES A PARTIR DO MS. RES. 463 DA BNP Introdução, edição crítica, tradução e notas

Elisabete Cação dos Santos

Tese no âmbito do Doutoramento em Estudos Clássicos, ramo Poética e Hermenêutica, orientada pelos Professores Doutores Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho e Felipe Gonzalo Hernández Muñoz e apresentada à Faculdade de Letras, ao departamento de Línguas, Literaturas e Culturas.

Agosto de 2019



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Esta tese foi realizada no âmbito do projecto de Doutoramento SFRH/BD/111097/2015 financiado pela FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, e do projecto “Manuscritos griegos en España y su contexto europeo (II): *recentiores*, papiros, conjeturas y ediciones aldinas” - FFI2015-67475-C2-2-P.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, mais do que a qualquer outra pessoa, o meu sentimento inefável e cego segue para a minha mãe e para o meu pai. Não há mais palavras. Não é preciso falar para agradecer, pois um único olhar silencioso é o bastante para expressar o que não sei dizer.

De seguida, gostaria de expressar a minha total gratidão à Professora Doutora Maria do Céu Fialho e ao Doutor Felipe Hernández Muñoz pela liberdade crítica, pela generosidade científica, pela presença em tempos difíceis e de dúvida, que em poucas horas eram dissipados pelas suas palavras tranquilizadoras.

Quero também apresentar a minha total reverência e respeito ao Carlos Martins de Jesus, que traçou, neste início do século XXI, o caminho da crítica textual de textos gregos clássicos em Portugal e que muito contribui para a conclusão desta tese.

Aos Professores Doutores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra Delfim Leão, José Luís Brandão, Carmen Soares, Paula Barata Dias, e também a todos aqueles que colaboram com o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos que não estão sempre presentes fisicamente em Coimbra, mas que por qualquer outro meio sempre tiveram uma palavra de ânimo e coragem: a vós, muito obrigada.

Agradeço à Maria João (que nunca vai ler esta tese) por me ter dito que latim era difícil e que eu não devia ter a disciplina no Ensino Secundário, e agradeço também às Professoras de Latim do meu Ensino Secundário, Sras. Professoras Alcina e Maria Margarida Brandão, que me fizeram ver que as línguas e culturas clássicas não são nenhuma bicho de sete cabeças - são, aliás, muito interessantes.

Aos amigos deste longo caminho, o meu sincero agradecimento, pela constância e pela presença, quando eu posso não ter sido nem constante nem presente. Haja paciência! Não é demais, nunca, enunciar os vossos nomes e esperar que me acompanhem em mais momentos bons como os que tivemos até aqui: Ália Rosa, Ana Seíça Carvalho, Carina Fernandes, Cláudia Sousa, Cláudio Castro Filho, Cátia Alves Coelho, Daniela Pereira, Diogo Moura, Diogo Ribeirinha, Diogo Teixeira, Inês Lopes, Iolanda Mendes, João Diogo Loureiro, João Pedro Gomes, Laura Oliveira, Margarida Cardoso, Marina Fernandes, Pedro Martins, Ricardo Acácio, Rodolfo Lopes, Sofia Carvalho, Sofia Fernandes, Tânia Mendes. Ou o elenco do Thíasos entre 2012 e 2015. Ou um scroll no Facebook em busca dos nomes que ficaram por dizer.

Por fim, estou especialmente grata ao Hugo Figueiredo e ao Zé Lúcio, o gato, que me aturam há três anos sem qualquer desânimo.

*A todos muito obrigada,
Elisabete*

Resumo

A tese que agora se apresenta é uma edição crítica do texto do discurso “Contra Ctesifonte” de Ésquines, orador grego do século IV a.C.

Esta tese compreende uma primeira parte introdutória com os dados biográficos, literários e históricos do autor. Dá conta, em seguida, da história da transmissão do manuscrito, o “Reservado 463” da Biblioteca Nacional de Portugal, cujo interesse filológico motivou esta nova edição crítica. No âmbito da introdução ainda, explica os motivos da nova edição crítica, apresentando para isso, análises filológicas das novidades e das relações de dependência e contaminação que o manuscrito português estabelece com os manuscritos e famílias de manuscritos para o texto de Ésquines, incluindo a nova colação do manuscrito espanhol (Matritensis 4693) e também da edição aldina de Ésquines.

A segunda parte, que contém a edição crítica em si, é antecedida por compêndios de autores antigos e modernos, siglas utilizadas no aparato crítico, lista de códices de manuscritos e lista de papiros ordenados numericamente.

Na terceira parte, apresenta a primeira tradução completa deste discurso em língua portuguesa, acompanhada de notas explicativas. Em anexo, por fim, inclui um índice de nomes próprios e topónimos referidos na tradução; uma tabela que analisa 1045 unidades críticas opondo manuscritos e famílias de manuscritos entre si, analisando as relações de dependência entre eles; inclui também imagens do manuscrito português, espanhol e da edição aldina, assim como também de alguns fragmentos de papiro que exemplificam alguma análise textual, descrita no aparato crítico. Por fim, apresenta uma bibliografia atualizada e recente, tanto quanto possível.

PALAVRAS-CHAVE: Ésquines, Contra Ctesifonte, edição crítica, Biblioteca Nacional de Portugal, manuscrito.

Abstract

This thesis is a critical edition of the speech “Against Ctesiphon”, from the fourth century BC Greek orator Aeschines.

This thesis has three main parts, the first of which is an Introduction that presents the biographical, literary and historical data of the orator. It then gives details of the history of the manuscript’s transmission, the “Reservado 463” of the National Library of Portugal, from which the critical edition was thought out and derived. To conclude this part, this thesis argues the grounds for this new critical edition, it analyzes the originality of the manuscript and the relations that are established between manuscripts and the Aeschinean families of manuscripts and also the relationship established between the Portuguese one and the Spanish manuscript (Matritensis 4693) and the Aldine edition of Aeschines.

The second part, the critical edition per se, is preceded by compendia of ancient and modern authors, abbreviations used in the critical apparatus, the codices of manuscripts and a numerically ordered list of papyri.

In the third part this thesis provides the first complete translation of this speech to the Portuguese language, followed by explanatory footnotes. In the appendix it includes a proper noun and toponymic index referred to in the translation; a table that analyses 1045 critical units where manuscripts and families of manuscripts essay their relation of dependence; it also includes images of the Portuguese and Spanish manuscripts and of the Aldine edition, as well as papyri fragments that show some philological analysis described in the critical apparatus. In the end there is an up-to-date bibliography as far as possible.

KEYWORDS: *Aeschines, Against Ctesiphon, critical edition, National Library of Portugal, manuscript.*

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE: INTRODUÇÃO	11
<u>PRIMEIRO CAPÍTULO: VIDA E OBRA</u>	13
1.1. Dados biográficos de Ésquines	15
1.2. Cronologia histórica e literária	19
1.2.1. Ascensão de Filipe II da Macedónia	19
1.2.2. Paz de Filócrates e o discurso <i>Sobre a Falsa Embaixada</i> de Ésquines	21
1.2.3. O discurso <i>Contra Timarco</i>	26
1.2.4. Dados entre 346 e a Batalha de Queroneia em 338	29
1.2.5. Dados entre 338 e 330	32
1.2.6. O discurso <i>Contra Ctesifonte</i>	34
<u>SEGUNDO CAPÍTULO: HISTÓRIA DO MANUSCRITO</u>	39
2.1. O manuscrito <i>Res. 463</i> da Biblioteca Nacional de Portugal: história e transmissão do manuscrito	41
2.1.1. O manuscrito	44
<u>TERCEIRO CAPÍTULO: NOVA EDIÇÃO CRÍTICA</u>	47
3.1. Motivos e metodologia da nova edição	49
3.1.1. Colação	50
3.1.2. Aparato crítico	50
3.1.3. Selecção de leituras	51
3.2. A Edição Crítica	51
3.2.1. Variantes Próprias	51
3.2.2. Correções marginais ou <i>supra lineam</i>	53
3.2.3. Adições e omissões	54
3.2.4. Coincidências com papiros	56
3.2.5. Antecipações de correções	56
3.2.6. Relação de <i>U</i> com outros manuscritos	56
3.2.7. Outras questões textuais	59
a. Novo Papiro 48	59
b. <i>Scriptio plena</i>	59
c. O caso de ὁ ἄνδρες Ἀθηναῖοι	59
d. Iota adscrito/ subscrito	59
3.2.8. Tabela de diferenças entre as edições de Martin-Budé e Dilts e o manuscrito <i>U</i>	59

3.2.9. Análise de casos	71
a. As cinco novas edições diferentes	71
b. Conjecturas antecipadas	73
c. Homeoteleuto	74
d. Ditografia	74
e. Haplografia	75

SEGUNDA PARTE: EDIÇÃO CRÍTICA	77
COMPENDIA AVCTORVM ANTIQVORVM	79
TABVLA AVCTORVM RECENTIORVM	79
CONSPECTVS SIGLORVM	80
CODICES DERIVATI	80
PAPYRI	80
SIGLA	81
KATA KTHSEIΦΩNTOS	83

TERCEIRA PARTE: TRADUÇÃO	217
---------------------------------	-----

ANEXOS	269
ÍNDICE DE NOMES	271
IMAGENS	275
1. Figura 1	276
2. Figura 2	277
3. Figura 3	278
4. Figura 4	279
5. Figura 5	280
6. Figura 6	281
TABELA DE CORRESPONDÊNCIA DOS MESES DO ANO	282

BIBLIOGRAFIA	283
---------------------	-----

PRIMEIRA PARTE

INTRODUÇÃO

PRIMEIRO CAPÍTULO

VIDA E OBRA

1.1. DADOS BIOGRÁFICOS DE ÊSQUINES

Acerca da vida de Êsquines, as principais fontes de informação biográfica são pouco mais do que os próprios discursos do autor, que nos chegaram em número de três, e as doze cartas, entre autênticas e apócrifas. Os dois discursos constituintes do *corpus demosthenicum*: *Sobre a Falsa Embaixada* (XIX) e *Sobre a Coroa* (XVIII) são também fontes fundamentais de informação para o retrato de Êsquines. Há, também, ainda alguns testemunhos biográficos de Pseudo-Plutarco, de Filóstrato, de Fócio, uma entrada no léxico da Suda, três biografias que encabeçam a maior parte dos manuscritos da transmissão dos textos de Êsquines, duas anónimas e uma assinada por um Apolónio de identificação desconhecida, e ainda um fragmento de papiro¹.

Não podemos, no entanto, considerar todas estas fontes de conteúdo fidedigno, pois muitas vezes se contradizem e acrescentam pormenores impossíveis de verificar e de especulação questionável, que nos obrigam a um escrutínio constante dos textos, para o qual a metodologia de Edward Harris, com o sentido de construir linearidade histórica para o caso de Êsquines é, até certo ponto, fiável. No que concerne aos discursos de Êsquines e Demóstenes, as informações históricas ficam dependentes de apresentação de provas fidedignas, que nos cabe a nós interpretá-las, quando as há, ou, se não as há, verificar se o oponente do discurso as aceita sem refutação, aplicando a lógica de que, uma vez aceites, o oponente não perjuraría em vão².

Todavia, há relativa congruência na biografia de Êsquines.

O seu pai chamava-se Atrometo³ e teria 94 anos quando do processo em tribunal acerca da embaixada a Filipe II da Macedónia, do qual nos dá conta Êsquines em *Sobre a Falsa Embaixada*. Teria vivido 95 anos, e dessa forma é possível estabelecer uma data aproximada de nascimento e morte, c. 437/436 e c. 342⁴. Diz-nos Êsquines que o seu pai, em jovem, depois de ter perdido propriedades por causa da Guerra do Peloponeso, participava em competições gímnicas e, ao ser expulso de Atenas pelo governo dos Trinta Tiranos, participou em campanhas militares na Ásia, como mercenário⁵. Participou ainda no restabelecimento da democracia em Atenas em 403⁶. Outras biografias, contudo, descrevem Atrometo como sendo de condição mais baixa, escravo até⁷, que ensinaria as primeiras letras numa escola própria, ajudado pelo seu

¹ [Plu], *Vitae Decem Oratorum* 840a - 841a; Philostr. *Vitae Sophistarum* 18, «Êsquines»; Phot. *Bibl.* 61; Suid. s. v. *Aischines*; Apollon. *Vit. Aeschin.*; Pap. Oxy. 1800, frg. 3, col. ii.

² Harris 1995, cap. 1 "Whom to believe?".

³ Sobre o nome de Atrometo, leia-se a biografia de Apolónio; Dem. 18.130.

⁴ Aeschin. 3.191.

⁵ Sobre a actividade forçada de servir como mercenário na Ásia, veja Harris 1995: 25.

⁶ Aeschin. 2.147. Veja-se, no entanto, o argumento de Harris 1995: 23, n. 19.

⁷ Dem. 18.129.

filho Ésquines⁸, o que significaria que precisava de trabalhar para subsistir e daí a sua condição inferior. É também assim que alguns biógrafos explicam a cultura literária de Ésquines, em relação a autores antigos (Homero, Hesíodo, Sólon), presentes em citações nos seus discursos. Esse conhecimento literário aplicava-se também a um outro conhecimento mais prático de leis e decretos, apesar da corrente escolástica que determina a possibilidade de muitas dessas citações de leis e decretos poderem ter sido forjadas na transmissão textual⁹.

Sobre a sua mãe, Glaucoteia, Ésquines não adianta muita informação a não ser o facto de ser irmã de um Cleobulo, filho de Glauco de Acarnas, que seria sacerdote e teria ganho uma batalha naval¹⁰. No entanto, segundo Demóstenes, Glaucoteia seria uma sacerdotisa de estatuto duvidoso, injuriando-a até de prostituta¹¹, que teria a ajuda de Ésquines para a leitura de livros sagrados, mistura de libações e realização de purificações, durante os processos rituais¹².

Ésquines teve dois irmãos, um mais velho Filócares e um mais novo Afobeto. Filócares exercitava-se nos ginásios, assim como o seu pai; participou em campanhas com o general Ifícrates e desempenhou a função de estratega, pelo menos, durante três anos seguidos, como relata Ésquines. Afobeto serviu como embaixador diante do rei Persa e, mais tarde, ocupou o cargo de supervisor do erário público¹³. Por seu lado, Demóstenes reconhece o serviço público dos irmãos de Ésquines, mas detalha, no entanto, que nenhum mereceu o posto que ocupou, por serem homens vulgares¹⁴.

Ésquines terá nascido em 390/389 a. C.¹⁵, pois ele próprio teria 45 anos no momento do processo de acusação de Timarco, datado de c. 346/345. Da sua infância, a partir das biografias, sabemos que terá ajudado o seu pai na escola e que se exercitava nos ginásios. Depois do período da infância, prestou o serviço militar e sabemos que se inscreveu na efébia¹⁶, pois como documentam as notícias, durante dois anos (372-370), foi guarda da fronteira (περίπολος); colaborou na escolta de provisões enviadas a Fliunte (366); combateu nas imediações de Nemeia; participou na batalha de Mantinea (362) como hoplita; fez parte das expedições à Eubeia (357 e 348), distinguindo-se na batalha de Taminas, que lhe garantiu a atribuição de uma coroa pela valentia, tanto no terreno, como mais tarde entre o povo¹⁷. No entanto, a sua distinção valeu-lhe a aclamação irónica de "admirável soldado" por parte de Demóstenes¹⁸, e, por esse motivo, Ésquines não deixa de o acusar de desertor do campo de batalha, por diversas vezes, distinguindo-o de si próprio ao congratular-se como digno de louvor pelo seu patriotismo.

⁸ Dem. 18.258-259.

⁹ Canevaro 2013.

¹⁰ Aeschin. 2.78.

¹¹ Dem. 18.130. Acerca da injúria, veja-se Harris 1995: 25.

¹² Dem. 18.259-260, 19. 199, 281.

¹³ Aeschin. 2.149

¹⁴ Dem. 19.237.

¹⁵ Aeschin. 1.49; Harris 1985 e 1988, contra a opinião de Lewis 1958.

¹⁶ Arist. *Ath.* 42.

¹⁷ Aeschin. 2.167-170.

¹⁸ Dem. 19.113.

Sobre a sua descendência, no discurso *Sobre a Falsa Embaixada* de c. 343, Ésquines revela que é casado com a filha de Filodemo (da qual não sabemos mais nada) e que tem três filhos, uma rapariga e dois rapazes e, a todos eles, aos filhos e a outros parentes, dá-os como presentes em tribunal enquanto discursava¹⁹.

Embora Ésquines realce a sua ascensão política como mais esforçada do que a de Demóstenes, este último não tem qualquer pejo em denunciar esse facto como uma condição de subserviência, indigna de um bom cidadão²⁰. Nos textos de Demóstenes, este não se escusa de mencionar o facto de Ésquines ter sido actor de teatro. Demóstenes critica-o por ter sido mau actor, apesar da qualidade da sua voz²¹, por apenas desempenhar papéis secundários, a quem era atribuída a personagem de tirano ou o papel inferior, como aos τριταγωνισταί²². De resto, Ésquines representou a personagem de Creonte numa encenação da *Antígona* de Sófocles, bem como a de Tiestes, Cresfontes, Enomau, e ainda Polidoro na *Hécuba* de Eurípidés²³.

Ésquines ocupou ainda cargos menores em funções de administração pública, como os de ὑπογραμματεὺς e ὑπηρέτης, cargos de subsecretários tanto na Assembleia como em tribunal, cujo tempo de ofício não podia ascender a mais de dois anos. Foi também eleito secretário-leitor de documentos, como decretos e leis²⁴ e, por fim, tornou-se γραμματεὺς ou secretário em pleno, como desdenharia Demóstenes²⁵, pois este cargo, ainda assim, não seria, de modo nenhum, equiparado ao do de ῥήτωρ, o orador, aquele que discursava perante a Assembleia ou tribunal.

Pelo facto de ter ocupado cargos semelhantes aos descritos anteriormente, Ésquines formou-se e inteirou-se bastante das leis, o que lhe deu especial habilidade para apresentar os seus casos em tribunal em duas ocasiões, no processo contra Timarco (346) e no processo contra Ctesifonte (330).

Ésquines, pelo que dissemos, não entrou na política por favorecimento familiar. O seu pai não teve qualquer proeminência financeira, de modo a ocupar-se simplesmente de assuntos políticos. Assim como o seu pai, também Ésquines teve de desempenhar cargos e realizar tarefas que o auxiliassem monetariamente, pois a sua família não possuía propriedades das quais pudessem extrair algum tipo de rendimento. Pelo contrário, Demóstenes, por várias vezes nos seus discursos, como sinal de enobrecimento e superioridade social, destaca-se de Ésquines e da sua condição financeira, ao afirmar que ele tinha contribuído de forma benfeitora para a cidade, ao ter desempenhado vários serviços públicos dispendiosos (λειτουργία), entre eles o equipamento de trirremes (τριηραρχία) e o financiamento de coros (χορηγία).

Se o acesso à carreira política poderia ser alcançado através de amizades e relações pessoais com cidadãos influentes no mundo da política (oradores, estrategos), também

¹⁹ Aeschin. 2. 152.

²⁰ Dem. 18. 265.

²¹ Dem. 19. 337-339.

²² Dem. 18.180, 209, 265; 19.200, 246-247.

²³ Dem. 18.267.

²⁴ Dem. 19.70, 200.

²⁵ Dem. 19.249.

para Ésquines não foi esse o caso, apesar de o próprio tentar forçar uma relação de afetividade, através do seu pai, com uma família da φρατρία dos Eteobutadas²⁶, e, através do irmão da mãe, Cleobulo, ao colocá-lo numa vitória naval contra Quílon de Esparta²⁷, ao lado do ateniense Demeneto de Buzigas.

Ésquines ganha visibilidade a partir de 348, com o caso da defesa de Olinto, mas o protagonismo veio em 346, quando apresentou em tribunal a sua acusação contra Timarco. Esta era uma das formas de ganhar visibilidade e de se introduzir no mundo da política²⁸, quer escrevendo discursos para outros, como logógrafo, assim como Demóstenes fazia, quer denunciando ilegalidades em assuntos particulares, ou, para mais notoriedade, em assuntos públicos. Também Demóstenes, neste campo, foi superior e deambulava entre o tribunal e a Assembleia há mais tempo e com maior à vontade do que Ésquines. Contrariamente, Ésquines advogava a prática de apenas intentar um processo de acusação perante a necessidade, de forma moderada e, por isso, na abertura do *Contra Timarco*, refere que apenas instaurou o processo de acusação porque estava ele próprio a ser acusado, pressupondo que esta contra-acusação seria em legítima defesa.

Depois de ter tido sucesso no processo de acusação contra Timarco, Ésquines adquire maior protagonismo na cena política: participa na embaixada a Filipe II da Macedónia em 346; consolida a sua amizade com Fócion, o renomado general que foi eleito estratega por 45 vezes, e com Eubulo, que exerceu o cargo de supervisor do Fundo Teatral (τὸ θεωρικόν), o fundo destinado ao pagamento de cidadãos mais pobres para assistência ao teatro, e com quem se associou Demóstenes, num primeiro momento.

O sucesso e qualidade da sua voz durante os discursos foram também um dos motivos para a inclusão de Ésquines nos círculos políticos mais destacados de Atenas. No entanto, é só já com cerca de 44 anos que Ésquines ganha maior relevo na política - não é, porém, pela entrada tardia que a sua ascensão não se faria rapidamente.

A sua carreira terminaria depois do discurso *Contra Ctesifonte*, no qual Ésquines acusa este último de ter feito uma proposta ilegal: a coroação de Demóstenes, no teatro de Dioniso, pela honra e prestação de bons serviços à cidade de Atenas. Apesar de não acusado directamente, pois a acusação era efectivamente contra a proposta de Ctesifonte, Demóstenes defendeu-se ao proferir o discurso *Sobre a Coroa*, resultando na esmagadora vitória sobre Ésquines, que, ao não conseguir um quinto dos votos necessários, acabou exilado. Sem dados precisos, as biografias tardias dizem que se exilou primeiro em Éfeso, depois em Rodes e finalmente em Samos, onde acabaria por morrer com setenta e cinco anos.²⁹

²⁶ Aeschin. 2.147. Ésquines promove a relação através da participação conjunta nos mesmos actos religiosos (βωμοί). À família dos Eteobutadas tinha pertencido, por exemplo, o orador Licurgo.

²⁷ Aeschin. 2.78.

²⁸ Harris 1995: 33-40; Lucas de Dios 2002: 58-61.

²⁹ Harris 1988.

1.2. CRONOLOGIA HISTÓRICA E LITERÁRIA

De Ésquines apenas nos chegaram três discursos, *Contra Timarco* (346), *Sobre a Falsa Embaixada* (343), *Contra Ctesifonte* (336) e doze cartas, nem todas elas autênticas³⁰.

Ésquines faz a sua introdução e desenvolvimento da carreira política em um momento da história da Grécia muito particular: desde a ascensão de Filipe II da Macedónia, por volta de 359, até ao declínio de Atenas a partir da Batalha de Queroneia em 338.

No âmbito da política externa, Atenas viu-se envolvida na Guerra Social ou Guerra dos Aliados (357-355) e na Terceira Guerra Sagrada (356-346), que culminou com as negociações de paz com a Macedónia. A observância da Paz de Filócrates, concluída em 346, foi rapidamente transgredida e Demóstenes profere, em c. 344, a *Segunda Filípica*. Pequenos conflitos armados surgiam por toda a Hélade e exigiam o auxílio de Atenas e Esparta, especialmente em situações em que Filipe interferia directamente. Em c. 343, Demóstenes acusa Ésquines de má conduta na embaixada de 346, que serviu para negociar as cláusulas do tratado de paz, no discurso homónimo *Sobre a Falsa Embaixada*. Dessa data a 338, Demóstenes profere outros discursos em favor de intervenções militares atenienses contra ataques de Filipe, no Quersoneso e no Haloneso. Em c. 341, profere a *Terceira Filípica*. O confronto inevitável entre Atenas e Filipe acontece em 338 na batalha de Queroneia. Depois do confronto, Ésquines inicia, em c. 336, o processo contra Ctesifonte, cujo maior visado é Demóstenes, para o concluir em 330.

1.2.1. Ascensão de Filipe II da Macedónia

A Macedónia nunca teve um estatuto bem definido entre os Gregos. Tanto era considerada grega, como igualmente bárbara, de acordo com o que mais conviesse à visão e situação de cada um. A sua situação política e militar, neste período, transforma-se radicalmente com o reinado de Filipe II. O reino que antes era desorganizado social, política e militarmente, vê-se agora sob uma profunda reforma levada a cabo por Filipe. O macedónio começa por organizar o exército e a reforma militar foi acompanhada por um desenvolvimento económico e social. Com as suas conquistas territoriais, fundou cidades e controlou os territórios nas imediações da Macedónia, como a Trácia, a Ilíria e a Peónia.

Atenas envolveu-se nesta expansão da Macedónia também por questões territoriais, mas sobretudo económicas, como foi o caso da cidade de Anfípolis, na península Calcídica, uma das suas antigas colónias, de ainda antes da Guerra do Peloponeso, estrategicamente posicionada, que facilitava o acesso ao Rio Estrímon, às florestas que proviam madeira para a construção de barcos e ainda às minas de ouro e prata do monte Pangeu, acessos que agora se viam no interesse de Filipe. Diodoro Sículo, na sua *Biblioteca Histórica*, conta-nos que Filipe abandonaria o seu interesse por Anfípolis, e a devolveria a

³⁰ Sobre as cartas de Ésquines, veja-se a obra, ainda de referência, de Drerup 1904 e García Ruíz/Hernández Muñoz 2012.

Atenas, caso ela não interferisse nos seus planos de reconquista de Pidna, cidade mais a sul, perto da Tessália³¹. Os subornos e promessas de Filipe vão definir o carácter e consequente *modus operandi* de futuras negociações de paz, tanto com Atenas, como com outras cidades-estado.

Anfípolis foi capturada por Filipe em 357, cujos pedidos de auxílio foram ignorados por Atenas, por confiarem na devolução da cidade para mão ateniense, como acordado. Contudo, Filipe não cumprira a promessa que fizera e Anfípolis continuou sob o domínio de Filipe³². Os atenienses declaram guerra³³, mas o conflito da Guerra Social, que despoletou no mesmo ano, impediu-os de prosseguir guerra contra a Macedónia.

Além de Anfípolis, Filipe envolveu-se também militarmente com a cidade de Olinto. Esta cidade, depois de renunciar a uma aliança com os Ilírios, celebrou uma outra com Filipe, usando o seu crescimento político e militar para tentar recuperar uma antiga cidade, Potideia. Em 356, Filipe de facto capturou e entregou-lhes a cidade de Potideia, mas vendeu os seus cidadãos para a escravatura. Durante os anos de 356 e 354, Filipe controlou e subjugou os povos vizinhos da Macedónia, e, na sequência destas batalhas, é ferido num olho³⁴. Em 352, volta de novo à cena militar, agora na Tessália, a sul da Pensínsula Calcídica, encabeçada por Olinto e da qual fazia parte Anfípolis, avançando até perto das Termópilas para ser travado pelo exército ateniense. No seu regresso à Macedónia, Filipe expande-se para leste, até Bizâncio, fazendo cerco a Heraion Teichos. O controlo de todo este território tinha graves implicações, pois Atenas abastecia-se de cereais a partir das suas colónias localizadas nestas regiões, agora controladas por Filipe.

É neste momento (c. 351), depois de Olinto acolher dois meios-irmãos de Filipe, cujo acto Filipe considerou uma traição, que o macedónio investe contra cidades à volta de Olinto. Esta, sentindo-se ameaçada, celebra uma paz com Atenas. Demóstenes discursa na Assembleia a *Primeira Filípica*, cujo texto denuncia a apatia e inacção ateniense no auxílio de conflitos nas cidades a norte. Além disso, Demóstenes denuncia as conquistas e o crescimento desmesurado de Filipe como consequência dessa apatia ateniense (Pidna e Potideia já capturadas por Filipe). Dois anos mais tarde, profere uma série de três discursos em favor da causa e auxílio de Olinto, as *Olínticas*.

No final do verão de 348, Atenas prepara uma expedição naval para auxiliar os Olínticos que estavam já sob o cerco de Filipe, mas a armada foi impedida de prosseguir viagem por causa dos ventos etésios que dificultavam a navegação para norte, durante o inverno. Pela mesma altura, Frínon, um ateniense, foi capturado por piratas e levado até Filipe. Depois de ter pago o seu resgate, Frínon volta a Atenas e pede à Assembleia que enviasse um embaixador para recuperar o seu dinheiro, pois teria sido capturado ilegalmente durante o período de tréguas dos Jogos Olímpicos. No seu regresso, o embaixador traz o montante do resgate e uma mensagem de Filipe, pela qual

³¹ D. S. 16.3.

³² Dem. 1.8; D. S. 16.8.

³³ Aeschin. 2.70, 3.54.

³⁴ D. S. 16.31 e 34.

fazia saber que não estava interessado em fazer guerra contra Atenas, com a intenção ulterior de desprover os Olínticos de apoio militar que Atenas enviaria. Depois disso, vota-se em Assembleia uma proposta de Filócrates que permitia a recepção de embaixadores da Macedónia para dar início às negociações de paz. Este decreto acabou por não ser executado, porque ainda antes da chegada da expedição ateniense, Filipe destruiu a cidade de Olinto e escravizou a população³⁵.

Depois da queda de Olinto, e até à celebração da paz de 346³⁶, Atenas propõe o envio de embaixadas a outras cidades de modo a uni-las na tomada de medidas preventivas contra Filipe II³⁷. A proposta foi feita perante a Assembleia ateniense pelo influente orador Eubulo e defendida com entusiasmo por Ésquines, cuja aprovação foi imediata. Ésquines foi, por essa razão, enviado como embaixador a Megalópolis³⁸. Contudo, aí, a sua eficácia não foi relevante o suficiente para ter a aprovação da Assembleia arcádica.

Por toda a Hélade, multiplicavam-se as querelas entre as *poleis*. Quios, Rodes e Bizâncio, as cidades mais poderosas do Egeu, tinham saído da Segunda Liga Ateniense, depois do desfecho da Guerra Social. Atenas mantinha uma aliança com Esparta, enquanto tentava manter boas relações com os Arcádios, Messénios e Argivos, sobre os quais Esparta tentava impor o seu domínio. Tebas, apoiada por Filipe, e a Fócida, apoiada por Atenas e Esparta, opunham-se em luta há dez anos na Terceira Guerra Sagrada. Sem união das cidades para pensar em medidas de guerra contra Filipe, a razoabilidade política voltava-se agora para a necessidade de fazer paz, na perspectiva de Eubulo e Ésquines, pois Demóstenes, apartando-se desta visão de conjunto, continuaria a defender a ideia de que Atenas deveria enfrentar e encetar guerra contra Filipe.

1.2.2. Paz de Filócrates e o discurso *Sobre a Falsa Embaixada de Ésquines*

Por ocasião do resgate de dois atenienses, Iátrocles e Evéreto, que estavam presos por Filipe desde a queda de Olinto, Atenas envia em embaixada o actor Aristodemo, por quem Filipe nutria admiração, para pedir a sua libertação. No seu relatório da embaixada, Aristodemo, além de ter dado conta da libertação dos dois atenienses, traz ainda a mensagem de que Filipe gostaria de se tornar aliado de Atenas. Demóstenes terá proposto a atribuição de uma coroa a Aristodemo e Filócrates, bem como uma moção para enviar uma embaixada a Filipe, constituída por dez elementos³⁹, para iniciar as negociações de paz e aliança.⁴⁰

O discurso *Sobre a Falsa Embaixada* (343) de Ésquines em confronto com o discurso homónimo de Demóstenes são os relatórios mais detalhados que nos chegaram

³⁵ D. S. 16.53.

³⁶ Harris 1995: 158-161.

³⁷ Aeschin. 3.64-70, Dem. 19.15, 18.23-24.

³⁸ Aeschin. 2.79.

³⁹ Sobre o número de pessoas que constituíam uma embaixada, ver Mosley 1965. Os constituintes da embaixada eram Filócrates, Demóstenes, Ctesifonte, Aristodemo, Iátrocles, Frínon, Ésquines, Dércilo, Nausicles e Címon.

⁴⁰ Aeschin. 2.15-19.

sobre o papel das embaixadas nas negociações para a Paz de Filócrates. O discurso de Demóstenes, um discurso de acusação de Ésquines pelo facto de se ter deixado corromper por subornos de Filipe, foi naturalmente o primeiro a ser proferido e centra mais a sua argumentação no assassinio de carácter de Ésquines que, propriamente, na descrição da actuação das embaixadas.⁴¹

A primeira embaixada dirige-se a Pela no início do ano de 346 e Ésquines relata que todos os participantes da embaixada teriam decidido falar por ordem de idade (de resto, como era costume acontecer também na Assembleia ateniense), resultando que Demóstenes falaria em último lugar por ser o mais novo de todos. Ésquines detalha que abordou todos os pontos acordados previamente em Assembleia, sobretudo o caso de Anfípolis, e que, por fim, falou Demóstenes, de quem todos esperavam um desempenho formidável. Ésquines é a única fonte sobre o que sucedeu a seguir e é, por isso, questionável o seu exagero. Relata que Demóstenes começou por proferir um proémio obscuro, e que, nervoso e com medo diante da figura de Filipe, não disse mais palavra. Filipe encorajou-o a prosseguir, mas o desfecho foi o mesmo.⁴² No final, Filipe retirou-se da sessão e voltou mais tarde com resposta para todos os oradores, excepto para Demóstenes⁴³.

Depois do regresso a Atenas, os embaixadores procederam à apresentação dos relatórios (εἴθυναί) perante o Conselho. Ésquines refere superficialmente os discursos dos outros membros da embaixada e reporta com mais detalhe, conquanto precavia a sua defesa, os discursos de Demóstenes e o seu próprio. De Demóstenes, diz-nos que ele teria proposto o louvor dos embaixadores pela sua conduta na embaixada, com a atribuição de coroas de louro e um convite para jantar no Pritaneu⁴⁴. No âmbito geral da apresentação dos relatórios, concordou-se que a embaixada tinha conseguido o seu objectivo de negociar paz e aliança com Filipe, enquanto se liam e prestavam declarações sobre a carta, que dele tinham trazido no regresso a Atenas.⁴⁵ Seguidamente, os embaixadores apresentaram-se na Assembleia para propor a discussão da paz e aliança, e dos termos em que estas se concluiriam, isto é, tendo especial atenção na definição dos aliados atenienses para futura inclusão no tratado. Ésquines descreve

⁴¹ Harris 1995: 57 e Lucas de Dios 2002: 28.

⁴² Aeschin. 2.34-35.

⁴³ Aeschin. 2.38. Sobre todas as afirmações que relatam o decorrer dos discursos dos embaixadores, veja-se Harris 1995: 58 e Guth 2015. Os estudiosos são críticos em relação aos exageros que dizem respeito a Demóstenes. Primeiro, não acreditam que Demóstenes não tivesse conseguido acabar o seu discurso pela diversa experiência que tinha em falar em público, quer em Assembleia, quer em tribunal. Em segundo lugar, se concluiu o seu discurso terá mencionado o caso de Anfípolis, pois já o tinha apresentado em Assembleia por diversas vezes, especialmente nos discursos das *Olínticas* e na *Primeira Filípica*. Por fim, recorrem a um testemunho de Plutarco (*Dem.* 16.1) que, com a dificuldade de ser um biógrafo 400 anos depois dos acontecimentos e sem outros testemunhos ou fontes, diz que "Filipe escutou e respondeu a todo o discurso de Demóstenes com cuidado." Nos primeiros dois argumentos há espaço para dúvida, no terceiro ainda mais, e não é difícil imaginar sucumbir perante um rei que poderia pôr em causa a liberdade e sobrevivência atenienses. Além disso, Ésquines propõe, durante o discurso, chamar à tribuna os outros embaixadores que poderiam confirmar a sua versão dos acontecimentos.

⁴⁴ Miller 1978.

⁴⁵ Aeschin. 2.45.

depois uma mudança de cordialidade de Demóstenes, diminuindo e humilhando os companheiros de embaixada⁴⁶. Revela que Demóstenes terá proposto, por fim, através de um *προβούλευμα* que, uma vez chegados a Atenas os representantes desses aliados, os prítanes atenienses deveriam convocar uma Assembleia para dois dias. Ao mesmo tempo da proposta de Demóstenes, dá entrada na Assembleia ateniense uma outra, à qual se chamou de Resolução dos Aliados (*δόγμα συμμάχων*), que prossupunha o adiamento dessas Assembleias até à chegada a Atenas de todos os representantes desses mesmo aliados, medida que não constava da proposta de Demóstenes.⁴⁷ É através desta estratégia que Ésquines se defende, voltando a acusação de corrupção para Demóstenes por ter apressado a paz e por não incluir todos os possíveis aliados de Atenas no tratado, provando-o através da menção ao decreto que a Assembleia votou em favor de Demóstenes. Deste modo, ao votar o decreto de Demóstenes, a Assembleia invalidava o decreto da Resolução dos Aliados e, conseqüentemente, podia avançar para a marcação da data em que se discutiria o tratado de paz e aliança com Filipe, sem a presença de todos os representantes dos aliados.

Com a presença em Atenas de embaixadores macedónios, os prítanes convocaram as reuniões da Assembleia para os dias 18 e 19 do mês *Elaphebólion* (Março/Abril). O dia 18 seria dedicado à deliberação das cláusulas a incluir no tratado e o dia 19 seria dedicado apenas à votação.

Demóstenes acusa Ésquines de mudar de opinião entre os dois dias das Assembleias, já que, no primeiro, apoiava ferverosamente a moção de Filócrates, a qual apelava a Assembleia a aceitar com urgência (discutir paz e aliança com Filipe, sem a inclusão de outros estados gregos) e, no segundo dia, apelava a outra. Em sua defesa, Ésquines, em *Sobre a Falsa Embaixada*, manda ler ao secretário o decreto que estipulava a organização da agenda dos dois dias de Assembleia, argumentando que ele não poderia ter convencido a Assembleia a votar, no segundo dia, a proposta de Filócrates, porque nesse dia não haveria já espaço dedicado a deliberações.⁴⁸ Este não é um verdadeiro motivo de defesa da parte de Ésquines, que resulta conseqüentemente, e pela força da palavra de Demóstenes, em conseguir estabelecer uma ligação entre Filócrates, Ésquines e os apoiantes da facção pró-Macedónia que queriam celebrar a paz a qualquer custo. Em relação à primeira acusação, Ésquines defender-se-á com argumentos históricos e políticos⁴⁹, com dificuldade e sem consistência, pois tomando o exemplo histórico, Ésquines relata os momentos finais da Guerra do Peloponeso, descrevendo como, assim como antes, também nesse momento seria necessário celebrar uma paz, não a qualquer custo e sem qualquer vantagem ou espaço de manobra que, com as suas imposições de guerra, voltasse a humilhar Atenas. Por outro lado, politicamente, o facto de se celebrar um tratado de paz que não incluísse todos os aliados de Atenas, especialmente os Fócios (em guerra com Filipe na Terceira Guerra Sagrada), apoiados por Atenas e Esparta, não

⁴⁶ Aeschin. 2.52.

⁴⁷ Aeschin. 2.53.

⁴⁸ Aeschin. 2.65.

⁴⁹ Aeschin. 2.75-77 e 133.

era verdadeiramente uma questão para ambas as cidades, durante as negociações, pois Atenas e Esparta tinham sido arredadas dos assuntos dos Fócios, quando Falecos, filho do general focídio Onomarco, recuperou o poder, nesse mesmo ano, em 346.

Em algum momento durante as deliberações do dia 18 de Elaphebólion, a Resolução dos Aliados foi lida, cujo principal ponto incidia sobre a deliberação acerca da paz, omitindo contudo a aliança. Acrescentou-se à proposta do decreto a possibilidade de qualquer grego, em três meses, se inscrever na mesma estela resolutiva da paz, junto dos Atenienses, e celebrar com eles os juramentos e os tratados⁵⁰. No dia seguinte, o dia dedicado às votações, Ésquines relata o comportamento de Demóstenes que, dirigindo-se à Assembleia, afirmava que não havia utilidade em discutir mais se não fosse ou para fazer a guerra ou para fazer a paz com aliança. De seguida, falou Antípatro, embaixador da Macedónia, referindo que jamais Filipe concordaria em negociar a paz segundo os termos expostos na Resolução dos Aliados. Os Atenienses, por seu turno, por não terem o apoio dos outros estados gregos nem para a guerra, nem para a sua inclusão no tratado de paz, e confrontados com a necessidade de contribuírem ainda com mais financiamento próprio para a guerra, caso a paz não se celebrasse, votaram por fim a proposta de Filócrates, excluindo-se da posse por Anfípolis e abandonando antigos aliados que estavam em guerra com Filipe.⁵¹ No entanto, Demóstenes ressalva que, à proposta de Filócrates, teria sido acrescentada uma cláusula que concedia 'paz e aliança para Atenas e para os aliados de Atenas'⁵², permitindo a inclusão de quem quer que fosse. No entanto, esta cláusula apenas significava aliança para Atenas e os que com ela, em συνέδριον, deliberaram e votaram sobre o tratado.

Menos de uma semana depois, no dia 25 de Elaphebolion, chega a Atenas Critobulo de Lâmpsaco, enviado por Quersobleptes, rei trácio do Quersoneso, antigo aliado de Atenas, com o pedido de inscrever o Quersoneso no tratado de paz e aliança com Filipe II da Macedónia. Demóstenes, πρόεδρος da sessão desse dia, admite não colocar a votação este pedido, uma vez que essas mesmas votações já tinham acontecido na semana anterior e, caso se abrisse o precedente, poder-se-ia pôr em causa o tratado com Filipe.⁵³ Apesar de se ter votado o pedido, Ésquines não adianta o resultado, e essa é razão suficiente para concluir que Quersobleptes ficou fora dos membros do tratado de paz, e conseqüentemente, à mercê da conquista de Filipe.

O tratado de paz não entraria em vigor até que ambos os lados o jurassem. Por isso, os mesmos constituintes da primeira embaixada partiam agora numa segunda, depois de um decreto de Demóstenes propor finalmente a saída dos embaixadores de Atenas para Pela, na Macedónia⁵⁴. Partiram no mês de Muníquion, o mês seguinte às Assembleias, correspondente ao mês de abril/ maio, e esperaram em Pela pelo regresso de Filipe, em campanhas pela Trácia, até ao mês de Targélion (maio/ junho), ao lado

⁵⁰ Aeschin. 3. 69-70.

⁵¹ Aeschin. 3.71-72.

⁵² Dem. 19.159.

⁵³ Aeschin. 2.83-85.

⁵⁴ Dem. 19.154; Aeschin. 2.91.

de outros embaixadores de outras *poleis* gregas, de Tebas, da Tessália, de Esparta e da Fócida, todas com o intuito de procurar em Filipe uma figura mediadora para concluir um conflito que já se arrastava há 10 anos, a Terceira Guerra Sagrada. Ésquines dá conta que a Assembleia não os tinha instruído sobre o que dizer em relação aos outros estados gregos, se não para fazer o que fosse possível de vantajoso para a cidade.⁵⁵

Depois de Filipe chegar a Pela, é Demóstenes que nos informa que o rei tentara subornar os membros da embaixada com a oferta de uma quantia em ouro para cada um. Vendo que nem todos aceitavam a sua oferta privada, teria feito uma oferta coletiva.⁵⁶ Por um lado, Demóstenes diz-nos que usou a sua parte para resgatar prisioneiros atenienses na Macedónia. Por outro lado, Ésquines remete-se à política externa e adverte o macedónio sobre a necessidade de terminar o conflito na Grécia central, sem destruição de cidades, com imposição de penas justas para cada cidade, garantindo a soberania de cada uma. Isto significava que nenhuma pólis grega teria demasiado poder para controlar outras (nomeadamente através da imposição de penas severas) ou sequer teria um vasto território. Ésquines teria o caso da Fócida em mente, por isso Falecos seria julgado pela Terceira Guerra Sagrada, mas a cidade não seria destruída. Além disso, no plano geopolítico, ficava assegurado que Tebas não teria o controlo sobre as *poleis* da Beócia; e Filipe continuaria a gozar da lealdade e do apoio militar da Tessália. Isso asseguraria, em primeiro lugar, a desunião entre as *poleis*, a continuação de Filipe como uma figura mediadora na Grécia central e o desimpedimento em continuar as suas campanhas, quer na Trácia, quer caminhando para sul da Tessália, em direcção às Termópilas, como já antes tinha tentado.

Filipe jurou o tratado de paz em Pela⁵⁷ e assim que os Atenienses chegaram a Atenas informaram o Conselho da sua participação, durante o qual Demóstenes acusa Ésquines e outros embaixadores de serem favoráveis ao rei macedónio, por terem aceitado o ouro como suborno e como meio facilitador de concluir a paz, segundo os termos e imposições de Filipe, ao mesmo tempo que colocavam a cidade em risco e abandonavam à sua sorte outras *poleis*, nomeadamente a Fócida. Redigido o *προβούλευμα* do Conselho para se discutir em Assembleia a prestação da embaixada, a 16 do mês de Escirofóriorion (junho/julho), os embaixadores deliberaram sobre os acontecimentos. Filócrates apresentou uma proposta de extensão de aliança dos Atenienses com Filipe para os seus descendentes, e de recomendação da rendição dos Fócios sobre o controlo do templo de Delfos, questão que tinha iniciado a guerra sagrada⁵⁸. Demóstenes, descontente com a disposição e os contornos que as negociações da embaixada tinham assumido, demite-se de participar na terceira embaixada a Filipe e Ésquines, doente, também não segue com os outros embaixadores.

⁵⁵ Aeschin. 2.104.

⁵⁶ Dem. 19.166-167. Sobre a oferta de presentes de hospitalidade e a impossibilidade de os Atenienses receberem presentes enquanto embaixadores, veja-se Harris 1995: 85-86.

⁵⁷ Dem. 18.32.

⁵⁸ O templo de Delfos e o recinto à sua volta eram sagrados, pertenciam à Liga Anfictiónica e não podia ser tomado por nenhuma cidade em particular.

A terceira embaixada terá partido de Atenas, por volta do dia 21 de Escirofórion. Entre os dias de preparação e saída da embaixada, Falecos da Fócida acorda uma trégua com Filipe II, com o objectivo de assegurar uma saída para si próprio e não ser morto.⁵⁹ A 24 de Escirofórion, a embaixada ateniense, em Cálcis, toma conhecimento da fuga de Falecos e consequente capitulação dos Fócios e regressa imediatamente a Atenas, chegando no dia 27 de Escirofórion, ao mesmo tempo que Filipe, avançando para sul, toma o controlo das Termópilas. Em Assembleia, a embaixada relata os acontecimentos da capitulação dos Fócios e um ateniense, Calístenes, com receio de um ataque de Filipe, propõe que mulheres e crianças sejam trazidas para dentro da cidade, que as fortificações sejam melhoradas e o Pireu seguro. Apesar de tudo, a terceira embaixada é enviada novamente, agora para Delfos, onde Filipe convocara uma reunião da Liga Anfictiónica e para onde os Atenienses se dirigiram para ratificação do tratado de paz, à qual se juntou Ésquines, entretanto já recuperado.

Em Delfos, durante a reunião da Liga Anfictiónica, discutiram-se as penas a aplicar aos Fócios. Uma vez que Falecos tinha fugido, era impossível castigá-lo apenas a ele e logo foram estabelecidos os castigos para todos os Fócios: a rendição de cidades na Beócia; o pagamento de 60 talentos por ano até ao montante que Falecos teria retirado do templo de Delfos; a destruição de cidades para que não houvesse lugar à constituição de aldeias superiores a 50 casas; e o impedimento de comprar cavalos e armas. Depois da reunião, a embaixada regressou a Atenas onde reportou as penas aplicadas aos Fócios. O sentimento era duplo: por um lado, os Atenienses respiravam de alívio porque não estava iminente um ataque de Filipe, por outro lado, estavam revoltados com a severidade das penas aplicadas, e como sinal de protesto não enviaram uma delegação ateniense para participar nos Jogos Píticos, que eram, nesse ano, presididos por Filipe II da Macedónia.

1.2.3. O discurso *Contra Timarco*

A celebração da Paz de Filócrates aconteceu em 346, mas apenas é relatada, três anos depois, nos discursos de acusação e defesa de Demóstenes e Ésquines, respectivamente, em 343, ambos sob o mesmo título, *Sobre a Falsa Embaixada*. Em 346, no entanto, Ésquines antecipa um processo de acusação que Demóstenes e Timarco preparavam contra ele, através do qual pretendiam acusá-lo de traição por ter convencido a Assembleia a aceitar as promessas de Filipe. A relação de Demóstenes com os outros embaixadores, e sobretudo com Ésquines, tinha vindo a deteriorar-se desde o final da segunda embaixada, e antes que Demóstenes e Timarco pudessem iniciar a acusação, Ésquines antecipa-se, acusando ele próprio, pela primeira vez⁶⁰, o elemento mais frágil daquela coligação, no discurso *Contra Timarco*. Timarco era mais velho do que Demóstenes, perto da idade de

⁵⁹ Aeschin. 2.140; D. S. 16.59.3.

⁶⁰ Preus 2012.

Ésquines⁶¹, e com experiência em cargos públicos⁶², o que, de algum modo, facilitava o processo por uma questão de quantidade de material de vida acusável - isto é, passando em revista a carreira política e a vida pública e privada de Timarco, seria mais fácil acusá-lo de algum crime contra a cidade. E foi o que de facto aconteceu.

Os discursos forenses da Grécia antiga estão pejados de estratégias retóricas de modo a julgar um crime privado com substância e matéria pública, como por exemplo os casos de acusação por agressão física a um cidadão⁶³. Deste modo, os casos privados ganham uma nova dimensão e perspectiva - uma acusação por vingança pessoal deixa de o ser, quando o objectivo dessa mesma acusação transfere a imputação de agravo da esfera privada para a esfera pública. A noção de que o crime teria sido cometido contra a cidade e não contra a integridade física ou psicológica do cidadão, enquanto pessoa individual, favorece necessariamente a acusação pública, veiculada pela aplicação da lei. A estratégia de defesa, então, passava por desenvolver a teoria de que teriam sido agredidas as próprias leis, logo a cidade teria interesse em condenar o agressor, evitando assim a perpetuação de crimes por vingança pessoal e mantendo o controlo do estado pela aplicação da lei.⁶⁴ Desta forma, o acusado socorre-se das leis agravadas e ajuda-se a si próprio, transformando o seu processo de acusação privada num processo de acusação pública.

A discussão e polémica acerca do *Contra Timarco* residem na debilidade do caso apresentado. Harris, a par de outros estudiosos⁶⁵, argumentam que as leis citadas pouco ajudariam na condenação de Timarco. Apesar de, todavia, argumentar a favor da debilidade do caso, Fischer apresenta uma série de argumentos na construção da estratégia de acusação que acabaria por levar Timarco à condenação e à perda de direitos civis (ἀτιμία). Essa estratégia passava por apresentar em tribunal uma construção do ataque às leis da moralidade e da educação das crianças, contras as quais Timarco teria cometido *hybris*. Além disso, entendemos, como Gagarin⁶⁶, que a relevância dos argumentos apresentados enquanto rumores (φήμη), no contexto jurídico ateniense, não são descartáveis porque caracterizam o acusado e moldam a opinião ateniense. A matéria legal e jurídica não se pode desassociar da matéria política e social, porquanto o cidadão actua na cidade e em sociedade.

Ésquines, ao tomar conhecimento de que estava para ser acusado por corrupção na embaixada a Filipe, toma a iniciativa de acusar Timarco, sem qualquer prova ou fundamento de agravo pessoal a não ser a sua associação com Demóstenes com quem a inimizade era mútua, mas indicando que Timarco atentava contra as leis da cidade, sobretudo, por se dirigir à Assembleia e falar em público enquanto prostituía o seu corpo. Os casos de prostituição eram difíceis de provar, conquanto ninguém, de condição livre,

⁶¹ Aeschin. 1.49.

⁶² Dem. 19.186.

⁶³ Leia-se, a título de exemplo, Demóstenes *Contra Mídias*, *Contra Aristócrates* e *Contra Cónon*.

⁶⁴ Cohen in Gagarin et al. (2005): 217-235

⁶⁵ Haris 1995:101-106; Lucas de Dios 2002:138-140; Buchet 2008; apesar disso, Fischer 2001: 25-67.

⁶⁶ Gagarin 2012.

confirmaria voluntariamente em tribunal este tipo de relação.⁶⁷ Sem provas concretas e dependendo do denegrimiento do carácter de Timarco, Ésquines acusa-o ainda de não ter alimentado os pais na velhice, de não ter prestado serviço militar, e de má administração do património privado.⁶⁸

Ésquines acusa Timarco através da prova de escrutínio dos oradores, *δοκιμασία τῶν ῥητόρων*, cujo fundamento está em clara contradição com a lei sobre a prostituição, que é citada por Ésquines.

Se um ateniense se prostituir (*ἐταρειῖν*), não lhe será permitido vir a tornar-se um dos nove arcontes, nem exercer qualquer sacerdócio, nem assumir as funções de advogado público, nem desempenhar qualquer magistratura, tanto no interior da cidade como fora dela, seja por tiragem à sorte seja por eleição; não poderá ser enviado como mensageiro, nem exprimir a sua opinião, nem associar-se aos sacrifícios promovidos pelo Estado, nem usar em público coroas, nem transpor os limites purificados da ágora. Se alguém infringir estas interdições depois de haver sido condenado por prostituição, sofrerá a punição capital.⁶⁹

Ésquines não poupa espaço da acusação detalhando a lista de pessoas com quem Timarco se prostituía desde a adolescência: Misgolas (§41), Fedro (§43), Cedónides, Autoclides e Tersandro (§52), Ánticles (§53), Pitálaco, um escravo público propriedade da cidade (§54), Hegesandro (§58), entre outros que Ésquines não nomeia. O ultraje e o vilipêndio público não são incomuns na oratória grega, pelo contrário, são aceites como reflexão moral sobre o carácter do acusado, mais uma vez usado como estratégia retórica, sem qualquer valor probatório legal. Ésquines dirá (§188): ‘Por que não nos atraioaria aquele que comete *hybris* contra o seu próprio corpo?’

Ésquines promove outro rol de acusações acerca do desperdício do seu património e lista os gastos: destruição da herança paterna (§96), venda da casa paterna (§98), venda de outras propriedades e terrenos ao abandono (§99), dívidas de dinheiro (§100); vivia da pensão por invalidez do tio Arignoto, depois do pai morrer, cujo valor lhe foi retirado, depois de ter falhado em levar o tio à demonstração de prova de inaptidão (§104).

Sem provas, Ésquines acusa ainda Timarco de nunca ter obtido um cargo público justamente, quer por votação quer por sorteio, mas sempre por algum esquema. Timarco foi inspector de contas e Ésquines acusa-o de ter enganado a cidade (§107). Apesar de ter sido membro do Conselho em 361/360 a.C., ele e Hegesandro teriam roubado do tesouro de Atena mil dracmas (§110), e, por esta última razão, fora expulso, mas, mais tarde, readmitido no Conselho (§112); por fim, Ésquines informa que ainda teria aceitado um suborno enquanto ocupava o cargo de inspector de tropas mercenárias (§113).

O facto de o rumor e de o ouvir-dizer servirem de instrumento para a acusação deixa-nos margem para especulação sobre o que, de entre estes argumentos, é ou não

⁶⁷ Lísias, *Sobre o assassinato de Eratóstenes*.

⁶⁸ Aeschin. 1.28-30.

⁶⁹ Aeschin. 1.21. Tradução de Leão 2009: 300.

verdade, é ou não inventado, e, conseqüentemente, tem ou não base legal.

Depois de ter apresentado, na primeira parte do discurso (§1-115), as leis que serviriam para a acusação de Timarco e depois de ter passado em revista a sua vida de opróbrio, Ésquines antecipa, na segunda parte do discurso (§116-196), os possíveis temas de defesa de Timarco. Uma vez que Timarco era associado a Demóstenes, naturalmente, Ésquines não deixa de dedicar espaço ao ataque do rival⁷⁰, exemplificando que sofistas⁷¹ como Demóstenes, que virão à tribuna defender Timarco, usarão de técnicas discursivas para ludibriar o justo raciocínio das leis em causa, a lei sobre a prostituição (§119)⁷², ou para justificar a acusação de Timarco como extemporânea, desviando, assim, o verdadeiro motivo pelo qual foi movida esta acusação: Demóstenes teria intenção de acusar Ésquines, através da falta de prestação de provas da embaixada a Filipe, pela sua traição e suborno aceite. Por esse motivo, antecipando-se da acusação, Ésquines adianta que é necessário que os juízes se mantenham atentos e se atenham às provas relacionadas directamente com o caso de Timarco⁷³, terminando o discurso com o elogio das leis justas e convenientes (§178) estabelecidas por legisladores competentes e justos para a cidade⁷⁴ (§183), bem como a salvaguarda dessas mesmas leis nas mãos dos Atenenses e a necessidade de aplicá-las no caso de Timarco (§192).

1.2.4. Dados entre 346 e a Batalha de Queroneia em 338

Depois de 346, data das embaixadas que levaram ao processo da Paz de Filócrates, a dita paz não durou mais que dois anos. Entre 346 e 344, Filipe procedeu a reformas populacionais na Macedónia, novas campanhas em Epiro, envolveu-se no governo da Tessália, instaurando a decadarquia e operando reformas geográficas ao dividir a Tessália em quatro regiões (τετραρχία)⁷⁵. Atenas envia uma campanha para a Acarnânia por precaução de invasões. Ao mesmo tempo, por um lado, chegava da Macedónia um convite do rei para renegociar a Paz de Filócrates, com os que dela quisessem fazer parte, elevando-a a uma paz comum. Por outro lado, chegavam a Atenas queixas de

⁷⁰ Plut. *Dem.* 4. Ésquines faz uso de uma característica da fala de Demóstenes, difundida desde a antiguidade como anedota, num jogo de palavras não menos característico. Consiste na palavra Bátalo (βάταλος com dois tau) (Aeschin. 1.126), alcunha dada a Demóstenes pelo seu aspecto doentio e fraqueza de corpo enquanto criança, que está relacionado com o verbo βατταρίζειν, que significa “gaguejar”. Ao mesmo tempo, βάταλος, só com um tau, significa “ânus”. Este tipo de difamação serve o propósito de denunciar subtilmente os trejeitos efeminados de Demóstenes e associá-lo ao modo de vida de Timarco, agora em análise.

⁷¹ Aeschin. 1.117. O uso do termo sofista com carácter depreciativo: Aeschin. 1.125.

⁷² Segundo esta passagem de Ésquines, confirmamos que a prostituição masculina não era ilegal em Atenas e estava regulamentada através da instituição do imposto sobre a prostituição (τὸ πορνικὸν τέλος) e da comprovação do colector deste imposto (τελώνου), argumento que Demóstenes usaria para provar a não inscrição de Timarco em listas de prostitutas ou prostíbulos. Sobre a equiparação da prostituição masculina com a prostituição feminina em Atenas, leia-se Curado 2008: 461-493. Sobre a questão da relevância dos argumentos usados como prova, leia-se Gagarin 2012.

⁷³ Aeschin. 1.166-170.

⁷⁴ Sobre o tópico recorrente de justiça das leis de Drácon, Sólon e outros legisladores, Buchet 2008.

⁷⁵ Dem. 6.22, Dem. 9. 26; D. S. 16.69.8.

aliados de Filipe, que queriam ver a paz renegociada e corrigida (ἐπανόρθωσις). A Paz de Filócrates era claramente precária, sem qualquer segurança ou inevitabilidade de declaração de guerra e, por esse motivo, Hegesipo leva em embaixada, da Assembleia de Atenas, emendas para a Paz de Filócrates. Do lado dos Atenenses, essas emendas, que jamais seriam aceites por Filipe II da Macedónia, consistiam na recuperação de territórios (Haloneso, possivelmente o Quersoneso, deixando de fora Anfípolis), dos quais os Atenenses reclamavam a 'restituição' (ἀποδιδόναι) de algo que pertencera previamente aos Atenenses, quando Filipe estava interessado em 'doar' (διδόναι) os territórios a Atenas por algo em troca⁷⁶.

A política externa interferia agora na política interna e inclusivamente nos casos jurídicos domésticos. Depois da acusação de Timarco, Hipérides acusa Filócrates, em 343, de redacção de propostas desvantajosas para a cidade, debaixo de coerção e suborno, cujo resultado é a sua condenação *in absentia*⁷⁷. Depois, Demóstenes acusa Ésquines no discurso *Sobre a Falsa Embaixada* e este último é absolvido por uma pequena margem de votos. No mesmo ano, Demóstenes profere a sua *Segunda Filípica*, atacando Filipe e exortando os Gregos à preparação para a guerra, sugerindo que a degradação da paz é evidente.

Ésquines, depois de ter participado nas embaixadas que conduziram à celebração da Paz de Filócrates, viu a sua popularidade decrescer à medida que a de Demóstenes aumentava, proporcionalmente à popularidade das suas medidas políticas. O facto de a Ésquines lhe ter sido atribuído um cargo de representação de Atenas no caso de uma disputa no templo de Delos e este lhe ter sido retirado depois a favor de outro orador, foi também um duro golpe na sua popularidade, que estava já em rota descendente⁷⁸.

Pequenos conflitos surgem por toda a Grécia que, ora demandam a atenção de Atenas, ora de Filipe, e o antagonismo existente entre as duas potências agudiza-se no auxílio a umas e outras cidades, criando um maior fosso entre Atenas e a Macedónia. No Peloponeso, Argos, Messene⁷⁹ e outras cidades apelam ao auxílio de Filipe para impedir a hegemonia de Esparta. Filipe interfere também em Epiro, na Eubeia, em Oreu e na Erétria, colocando no governo pessoas da sua confiança. Ainda em 343, Filipe envia a Atenas Píton de Bizâncio com o intuito de renegociar os termos da Paz de Filócrates⁸⁰. No ano seguinte, Filipe regressa à Trácia para novas campanhas e funda colónias militares. Cálias da Cálcide celebra uma aliança com Atenas com receio das novas movimentações de Filipe, ao mesmo tempo que Atenas funda no Quersoneso novas cleruquias, sob o comando de Diopites. Esta situação causa o primeiro grande confronto entre Atenas e Filipe, por causa da cidade de Cárdia, que se negava ajudar Atenas na questão da colonização, pois esta estava inscrita na Paz de Filócrates como aliada da Macedónia. Diopites ataca a costa trácia, a quem se lhe

⁷⁶ [Dem.] 7. 24-29, Dem. 19.331.

⁷⁷ Aeschin. 3.79; Dem. 19.116.

⁷⁸ Dem. 18.134-136.

⁷⁹ Dem. 6.15.

⁸⁰ [Dem.] 7.18-23.

junta Cares, em 340, e Filipe vem em socorro de Cárdia. Filipe envia uma armada para o mar de Propôntida, por retaliação das cleruquias atenienses no Quersoneso, iniciando também o cerco a Perinto, Bizâncio e Selimbria⁸¹.

Estes incidentes incitam Filipe a escrever uma carta à Assembleia ateniense, onde este relata os agravos que Atenas lhe infligiu, especialmente em Cárdia e na costa da Trácia, como uma espécie de declaração informal de guerra. Ora, os estudiosos⁸² argumentam que não era intenção de Filipe atacar solo ático, pois, assim como antes, a sua estratégia militar e política passava por controlar o poder das potências gregas (Atenas, Tebas e Esparta), opondo-as uma às outras, através da diplomacia e promessas vazias, em vez de entrar em conflito directo ou tê-las unidas em aliança contra ele próprio. Demóstenes responde a esta carta e a principal ideia, reforçada na *Terceira Filípica*, é a de que os Atenienses devem procurar aliados e preparar-se para a guerra.

No ano de 340/339, o conselho da Liga Anfictiónica reúne-se em Delfos e Ésquines consegue desviar a atenção de incumprimentos atenienses para o facto de Anfissa cultivar solo sagrado na planície de Cirra⁸³. Rapidamente, na primavera de 339, a Tessália, cabeça do conselho da Liga, inicia a Quarta Guerra Sagrada, ataca Anfissa, esta rapidamente se rende e é-lhe imposta uma multa. Filipe, em campanhas a norte da Macedónia, retorna à Grécia Central, chamado para mediar o incumprimento do pagamento de Anfissa⁸⁴. A tensão militar agudiza-se, pois com Filipe na Grécia Central este aproveitaria a deslocação para recuperar uma guarnição militar perdida para os Tebanos em Niceia, na Lócrida, perto do estreito das Termópilas. Ao contrário do que os Tebanos e os Atenienses esperavam, nem em Anfissa nem em Niceia Filipe desferiu o primeiro ataque, mas em Elateia, uma cidade muito mais perto de Tebas⁸⁵.

O pânico instala-se em Atenas⁸⁶. A Assembleia propõe o envio imediato de uma embaixada a Tebas, na qual segue Demóstenes, com o propósito de negociar uma força conjunta para travar Filipe, e cujos termos eram inclusivamente desfavoráveis aos Atenienses, que teriam de reconhecer a supremacia tebana na Beócia, operar militarmente sob domínio tebano e ainda pagar dois terços dos custos iniciais da guerra. Filipe tenta impedir esta força conjunta de Tebanos e Atenienses⁸⁷, mas os primeiros acabam por escolher a celebração de aliança com Atenas, e Filipe é, por isso, obrigado a intervir militarmente. Simulando uma retirada do posto de Citino, Filipe ataca Anfissa e chega ao golfo de Corinto. Filipe continuava a tentar negociar uma paz para evitar o confronto directo, mas Atenas rejeita a oferta. O plano geral de guerra desenhava-se agora com Tebanos e Atenienses apoiados por várias outras cidades, como Eubeia, Acaia, Corinto, Mégara, Lêucade e Córcira⁸⁸. O golpe final deu-se em Queroneia a 7 do

⁸¹ D. S. 16.74.2; Philochorus *FHG* 135.

⁸² Harris 1995:124-137, Rhodes 2006: 313-318.

⁸³ Aeschin. 3.115.

⁸⁴ Aeschin. 3.129.

⁸⁵ Aeschin. 3.140; D. H. *Amm.* 1.11; D. S. 16.84.2; Plu. *Dem.* 18.

⁸⁶ Dem. 18. 168-171.

⁸⁷ Dem. 18.167.

⁸⁸ Dem. 18.237.

mês de Metageitnión (julho/ agosto)⁸⁹. Em Atenas, a Assembleia decretava, esperando o pior de Filipe, que mulheres e crianças fossem trazidas para o interior das muralhas, que o Pireu fosse artilhado contra um possível ataque e convocados para a guerra os cidadãos com idade superior a 50 anos⁹⁰. Mas não houve incursões em Atenas. Filipe libertou prisioneiros de guerra e enviou Antípatro a Atenas para negociar uma paz, cujos termos passavam por abandonar intenções militares, recebendo em troca Oropo, uma cidade sob influência tebana⁹¹, e mantendo algumas ilhas sob o seu domínio⁹². Ésquines foi nomeado para servir na embaixada para negociar os termos da paz, juntamente com Fócion e Demades⁹³. A paz desenvolveu-se para uma Paz Comum, depois de Filipe ter capturado Corinto e ter invadido algumas cidades no Peloponeso. Os termos de Filipe ditavam liberdade e autonomia para todos os estados gregos, sem superioridade de qualquer um deles, com auxílio e apoio na defesa do reino da Macedónia⁹⁴.

1.2.5. Dados entre 338 e 330

Depois da batalha de Queroneia e apesar da celebração da Paz de Demades, Demóstenes continuou a receber grande estima dos Atenienses, por sempre ter advogado a ideia de que Filipe iria eventualmente atacar Atenas. Apesar do louvor, Demóstenes foi objecto de vários processos de acusação⁹⁵, mas isso não o impediu de ser escolhido para proferir o discurso fúnebre em honra dos caídos em Queroneia. Ésquines, sem conseguir rivalizar quer em reconhecimento público, quer em oposição política efectiva, retirou-se da cena política e mantém um perfil discreto.

Demóstenes continua a sua carreira pública ocupando diversos cargos, como o de controlador do trigo da cidade (σιτώνης), sendo também eleito inspector de fortificações (τειχοποιός) em 337/336, e ainda inspector do Fundo Teatral (ἡ ἀρχὴ ἢ ἐπὶ τῷ θεωρικῷ)⁹⁶.

O assassinio de Filipe, no verão de 336, fazia prever, um pouco por toda a Grécia, que a hegemonia da Macedónia teria chegado ao fim. E depois da sua morte, em Atenas, Ctesifonte, um político pouco conhecido, apresenta na Assembleia uma proposta de concessão de uma coroa de ouro a Demóstenes pela generosidade de ter participado monetariamente a construção das muralhas e por ter prestado bons serviços à cidade. Esta proposta de Ctesifonte ocorre antes de Demóstenes ter concluído o cargo público que exercia, o de τειχοποιός, e antes que este pudesse ter apresentado o seu relatório de contas do cargo. Ésquines aproveita então o momento e dá início ao processo

⁸⁹ Plut. *Cam.* 19.5; Rhodes 2006: 318, mas Harris 1995: 133.

⁹⁰ Lyc. *Leoc.* 16, 37.

⁹¹ D. S. 16.87.3; Just. 9.4; Paus. 1.34.1.

⁹² Lemnos, Esquiro, Delos e Samos.

⁹³ Aeschin. 3.227; Dem. 18.282.

⁹⁴ Just. 9.5.1; [Dem.] 17.8, 16-17.

⁹⁵ Dem. 18.249. Sobre este assunto, leia-se a Tchernetska 2005, Horváth 2009 e 2014 e Muñoz Florez 2011, que publica tradução e comentário a partir da descoberta de novo texto, parte do *Contra Diondas*, do orador Hipérides, no Palimpsesto de Arquimedes.

⁹⁶ Aeschin. 3.24, 31; Dem. 18.113.

judicial contra Ctesifonte, pelo facto de este ter apresentado uma moção ilegal (γραφὴν παράνομον), sob o argumento da impossibilidade de concessão de coroas aos cidadãos em exercício em um cargo público, ainda sob escrutínio, e por nem todos os serviços prestados por Demóstenes à cidade terem sido, de facto, vantajosos. Contudo e apesar de iniciado o processo em 336, Ésquines só desenvolveria a apresentação pública em tribunal em 330⁹⁷.

Depois do assassinio de Filipe, os Tessálios nomearam o seu filho Alexandre arconte perpétuo e, segundo Diodoro Sículo, Atenas e Tebas apresentaram também a sua lealdade para com Alexandre⁹⁸. Mas em 335, quando este último andava em campanhas pela Ásia, chegaram rumores à Grécia da sua morte e esse motivo foi suficiente para que Tebas iniciasse uma revolta com o propósito de derrubar o tirano da Grécia, com o apoio de Demóstenes, mas a revolta foi rapidamente controlada por Alexandre.⁹⁹ Os Tebanos foram destruídos, Alexandre pedia a cabeça de todos os Atenienses que tinham apoiado a revolta, como Demóstenes, mas a bajulação de Demades conseguiu apaziguar Alexandre, que ficou contente com o exílio do general Caridemo¹⁰⁰.

Alexandre volta às campanhas pela Ásia, e quando todos esperavam que não fosse bem sucedido e que o império que se desenhava desmoronasse, provou que conseguia manter e aumentar o que fora iniciado pelo seu pai, mantendo o controlo na Grécia Central e na Ásia, nas batalhas de Granico (334), Isso (333) e Gaugamela (331).

Em 331, no entanto, o rei Ágis III de Esparta tentou rebelar-se contra Alexandre. Os Espartanos apelaram a ajuda ateniense, mas Demades aconselhou-os a não intervir no conflito, e rapidamente Antípatro, fiel de Alexandre, consegue pôr fim à revolta espartana, perto da cidade de Megalópolis¹⁰¹.

No verão de 330, Ésquines dá continuidade ao processo de acusação de Ctesifonte, seis anos depois de o ter iniciado. A questão do adiamento do caso faz correr tinta entre os estudiosos. Ésquines diz-nos que os seus meios apenas lhe permitiram avançar nesse ano com o caso¹⁰², mas esse motivo é claramente artifício retórico para evitar perder o processo sem sequer lhe ter dado andamento. As hipóteses em relação ao adiamento do caso são das mais variadas: seja por conflitos externos entre Alexandre e os Persas, ou pela revolta do rei Ágis III em Esparta, seja por conflitos internos renovados pelo sentimento pro- e anti-Macedónia dos oradores e políticos de Atenas¹⁰³. No entanto,

⁹⁷ Burke 1977, mas Sawada 1996 e ainda Harris 1995: 140-142.

⁹⁸ D. S. 17.4.

⁹⁹ Plut. *Alex.* 11; Arrian, *Anab.* 1.9-10.

¹⁰⁰ Plu. Dem. 23; Plut. Phoc. 17.2; D. S. 17.15.

¹⁰¹ D. S. 17.62.6-63. Aeschin. 3.133.

¹⁰² Aeschin. 3.217-218; Dem. 18.308-311

¹⁰³ Harris (1995:141) diz que Alexandre, ao afirmar o seu poder contra os Persas e por toda a Grécia, abre uma brecha para a indefinição e vazio das políticas de Demóstenes contra a Macedónia. Ésquines teria visto nesta situação uma vantagem para que essas políticas fossem agora julgadas. Além disso, ajudava também o facto de Demóstenes não ter apresentado qualquer medida para apoiar a revolta do rei Ágis III de Esparta, o que o teria desacreditado em público. Outra opinião é a de Sawada (1996) que diz que a visão de Harris, entre outros, é uma influência de ver a política interna grega apenas como pro- e anti-Macedónia. Diz que Ésquines continuou o processo em 330 não por iniciativa própria, mas sim por

colocamo-nos ao lado de Ian Worthington¹⁰⁴, que, mais recentemente, adota uma posição moderada, quando cautelosamente especula que deverá ter acontecido algo que tenha causado algum tipo de vulnerabilidade em Demóstenes e, decorrente da inimizade constante entre aquele e Ésquines, este pôde concluir a acusação iniciada em 336.

1.2.6. O discurso *Contra Ctesifonte*

1) Proémio

§1 Introdução

§2 Louvor das leis e das instituições atenienses

§3-4 Caos da vida legal ateniense

§5-8 Necessidade de julgar de acordo com as leis estabelecidas

2) Narração

§9-31 Primeiro Argumento: lei sobre a necessidade de prestação de contas de um cargo público antes de receber uma coroa

§32-48 Segundo Argumento: local de atribuição da coroa dependente da instituição que a conceda: Assembleia/ Conselho

§49-167 Terceiro Argumento: a lei não permite falsos testemunhos; Ctesifonte quando propõe a atribuição de uma coroa a Demóstenes porque este “continua a dizer e a fazer o melhor para o povo”

§49-57 Demonstração da carreira política de Demóstenes em quatro períodos críticos
⇒ §58-78 Primeiro período: hostilidades em Anfípolis até à Paz de Filócrates em 346

⇒ §79-105 Segundo período: desde 346 até à declaração de guerra a Anfissa em 339

⇒ §106-158 Terceiro período: desde 339 até à batalha de Queroneira em 338

⇒ §159-167 Quarto período: desde a batalha de Queroneia até ao presente

3) Refutações

§168-176: orador ideal contrastado com o carácter de Demóstenes

§177-189: possíveis contra-argumentações sobre concessão de coroas

§180-190: dificuldade em receber coroas no passado

§201-229: novas antecipações de contra-argumentação

§230-247: novas acusações e necessidade de estabelecer um exemplo para os jovens

algum tipo de pressão de Demóstenes. Buckler (2001:146), por outro lado, afirma que foi Ctesifonte que renovou a proposta de coroação de Demóstenes e, por esse motivo, Ésquines teria dado continuidade ao caso. Yunis (2001:9-11) mantém a visão de Harris, contrariando Sawada uma vez que "anti-Macedonian feeling remained strong. [...] Since Aeschines had not been a major politician since the 340s, Demosthenes would have had nothing to gain and much to lose by reviving it.". Ou seja, acredita que Demóstenes ainda teria bastante prestígio entre os Atenienses em 330.

¹⁰⁴ Worthington 2012:294-295.

§248-253: necessidade de honrar os cargos públicos e de castigar severamente os oradores que desrespeitam as leis

4) Epílogo

§254-260: a decisão dos juízes pesará sobre toda a cidade

O discurso *Contra Ctesifonte* é um discurso de acusação contra uma proposta de decreto de Ctesifonte, que pretendia honrar Demóstenes com uma coroa de ouro pelo facto de ter contribuído, com uma quantia privada de cem minas para a fortificação de muralhas durante a magistratura do cargo de *τειχοποιός*, além de reiteradamente dizer e fazer o mais conveniente para o povo. Essa coroa de ouro, continua a proposta de decreto, deveria ser entregue no teatro de Dioniso, durante a celebração das Grandes Dionísias.

Ésquines decide interpelar esta proposta de decreto, através do procedimento jurídico da *γραφή παρανόμων*, com uma acusação assente em três principais argumentos: 1) Demóstenes não poderia receber uma coroa de ouro antes de passar na prova das *εὐθύναι*, isto é, antes de apresentar contas do cargo que ocupava; 2) uma coroa de ouro proclamada pela Assembleia deveria ser entregue no local de reunião da Assembleia, e se proclamada pelo Conselho, no local do Conselho, e “de modo nenhum em outro lugar”; 3) segundo o decreto, Demóstenes teria reiteradamente feito e dito o mais conveniente para a cidade. Ésquines discorda também deste ponto ao contra argumentar que Ctesifonte fez uma proclamação falsa e deverá ser acusado por isso.

Se a maioria dos estudos apenas nota que o terceiro argumento contra Ctesifonte é o mais problemático legalmente porque pressupõe o exame minucioso à carreira política de Demóstenes sem ter o apoio de uma lei específica sobre a qual recairia a violação, é necessário ter em conta o muito crítico capítulo de Edward Harris¹⁰⁵, que levanta problemas argumentativos na apresentação dos três pontos da acusação de Ésquines, e que na óptica do estudioso é motivo da total falibilidade do caso.

Por um lado, o primeiro ponto crítico de Harris é o de que Ctesifonte propôs a coroação de Demóstenes tendo em conta a sua carreira política geral e não especificamente pelo desempenho de Demóstenes no cargo de *τειχοποιός*, a magistratura durante a qual Ctesifonte apresentara a sua moção. Neste último caso, Demóstenes estaria em clara violação da lei, por se encontrar ainda sob prestação de contas (*ἔπειδ' ἂν λόγον καὶ εὐθύνας τῆς ἀρχῆς δῶ'* - “uma vez que tenha dado explicações e prestado contas da magistratura”)¹⁰⁶. No entanto, e reside neste ponto o motivo de debate, a recepção de coroas era permitida durante uma magistratura, desde que não fosse concedida em virtude da magistratura em exercício. Ora, não é esta a interpretação que Ésquines faz da lei, se tomarmos como prova as cem minas de contribuição privada de Demóstenes para a magistratura da fortificação das muralhas. Ésquines

¹⁰⁵ Harris 1995:138-148.

¹⁰⁶ Aeschin. 3.11.

afirma ainda que Demóstenes ocuparia até, de momento, outros cargos, como o de inspector do Fundo Teatral, e que desses também ainda não tinha prestado contas, fazendo notar, deste modo, que a ocasião da concessão de coroa, pelo decreto de Ctesifonte, tinha fundo legal de acusação.

Por outro lado, ainda que Demóstenes cite outros cidadãos que receberam coroas por terem participado as suas magistraturas com dinheiro privado¹⁰⁷, o facto de se ter tornado usual a recepção de coroas, por este tipo de contribuição privada, abre um precedente através do qual Demóstenes tenta defender-se. É na interpretação da primeira acusação que reside a discussão. Demóstenes julga que não é digno de acusação por ter participado a construção das muralhas com dinheiro privado, e de facto não o é. Outros antes o fizeram e nada o impedia de o fazer. Ésquines, por seu turno, toma o exercício do cargo e a falta de prestação de contas do mesmo como elemento de acusação. Não nos chegou a redacção da proposta de Ctesifonte, mas Demóstenes inclui a acusação de Ésquines na sua defesa, nos parágrafos 54 e 55. Em traços largos, está de acordo com o que é transmitido por Ésquines, logo a discórdia entre os dois, no que respeita à matéria de acusação tem que ver com a redacção usada por Ctesifonte, pois Demóstenes defende-se através da sua contribuição privada e Ésquines socorre-se do facto de Demóstenes estar ainda em funções, para haver lugar à acusação. Esta defesa será antecipada por Ésquines ao referir a importância e o papel dos θεσμοθέται que, entre outras funções, deviam rever, anualmente, leis em contradição¹⁰⁸.

A mesma lógica de ambos é aplicada ao segundo argumento da acusação: a atribuição da coroa no teatro de Dioniso, durante a celebração das Grandes Dionísias. Ésquines cita uma lei que prevê a atribuição de coroas em local de reunião da Assembleia, quando dedicadas pela Assembleia, ou em local do Conselho, quando dedicadas pelo Conselho¹⁰⁹, e “ἄλλοθι δὲ μουδαμοῦ” (e de modo nenhum em outro lugar). No entanto, Demóstenes socorre-se de uma outra lei sobre as Dionísias que expressamente afirma que “τούτους δ’ ἐξεῖναι ἐν τῷ θεάτρῳ Διονυσίοις ἀναγορεύεσθαι” (“[a coroação] é possível ser proclamada no teatro de Dioniso”)¹¹⁰. Mais uma vez é possível explorar a brecha argumentativa das leis apresentadas por Ésquines, mas outra vez Ésquines antecipa essa contra-argumentação de Demóstenes, ao afirmar que o hábito de proclamar as coroas no teatro de Dioniso criou um precedente contrário às leis em vigor, e nesse sentido, os θεσμοθέται também deverão actuar na revisão dessas leis contraditórias. O facto de se atribuir coroas por qualquer tipo de préstimo, como Ésquines acusa¹¹¹, e de bastantes vezes se anunciar publicamente essa coroação no teatro de Dioniso, não torna a lei violável e sem punição.

O terceiro e último argumento de Ésquines para a acusação de Ctesifonte, e o mais

¹⁰⁷ Dem. 18.114-116, 118, 120-121.

¹⁰⁸ Aeschin. 3.38, 40.

¹⁰⁹ Aeschin. 3.32, 34, 36.

¹¹⁰ Dem. 18.120.

¹¹¹ Aeschin. 3.180-190 lista uma série de nomes ilustres dos antepassados a quem foram concedidas honras mais merecidas do que agora esta a Demóstenes.

longo, é também o mais geral e aberto a interpretações, pois centra-se na formulação, citada por Ésquines, do decreto de Ctesifonte: “ὅτι διατελεῖ λέγων καὶ πράττων τὰ ἄριστα τῷ δήμῳ” (“continua a dizer e a fazer o melhor para a cidade”)¹¹², que pretendia louvar Demóstenes pelos seus bons e continuados serviços prestados à cidade e ao povo de Atenas. A crítica a este passo decorre do facto de se considerar apenas de natureza política o argumento apresentado. Não há dúvida que o terceiro argumento da acusação serve sobretudo para inspecionar e examinar a carreira política de Demóstenes e é, por causa disso, um argumento de natureza política. O que não podemos deixar de considerar, no entanto, é o expediente de que Ésquines se socorre para fazer deste argumento um argumento também de natureza jurídica e legal. Levantar falsos testemunhos ou propor ilegalidades num decreto era punível por lei, e, segundo Ésquines, era falso o que, no decreto, Ctesifonte afirmava sobre Demóstenes.

A partir deste momento, Ésquines esforça-se por dar conta das mais importantes intervenções de Demóstenes na Assembleia, em quatro períodos específicos da história política ateniense, com o objectivo de o acusar de má conduta e de má intervenção e mau aconselhamento nos assuntos políticos. Esses períodos, como de resto descritos na estrutura do discurso atrás representada, relacionam-se com o processo das embaixadas que levou à celebração da Paz de Filócrates, com o tempo mediado entre a celebração da paz e a declaração de guerra com Anfissa, o seguinte até ao final da batalha de Queroneia, e por fim, até à presente data do processo de acusação, 330 a.C.

Parece-nos que o caso de Ésquines não era tão falível quanto Harris nos faz pensar, na medida em que acusa Ctesifonte de acordo com as leis que lhe convêm, assim como Demóstenes se defende também de acordo com outras leis que mais lhe convêm. O facto de Ésquines antecipar alguns dos pontos argumentativos da defesa de Demóstenes é, por um lado, um tópico habitual da retórica forense, mas, por outro, é razão para crer que conhecia essas leis, e o seu uso ou não na argumentação é apenas estratégia de acusação. Não terá sido talvez a melhor estratégia, uma vez que Demóstenes gozava ainda de considerável estima entre os Atenienses.

Com a derrota, Ésquines não alcança nem a quinta parte dos votos necessária para continuar na cidade e, por consequência, perde os seus direitos civis (ἀτιμία). Sobre o final da vida de Ésquines, apesar das contradições dos biógrafos, é mais ou menos consensual que se tenha exilado em Rodas, depois de ter perdido o caso, e aí tenha iniciado uma escola de retórica.

¹¹² Aeschin. 3.49, 50, 101 e 237, com ligeiras variações de linguagem, todas as passagens repetem a formulação.

SEGUNDO CAPÍTULO

HISTÓRIA DO MANUSCRITO

2.1. O MANUSCRITO RES. 463 DA BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL: HISTÓRIA E TRANSMISSÃO DO MANUSCRITO

Com a publicação, em 1892, do inventário de Charles Graux dos manuscritos gregos em bibliotecas e arquivos espanhóis e portugueses, a comunidade científica filológica toma conhecimento da existência do manuscrito que estudámos nos últimos três anos. Trata-se de um manuscrito da colecção dos *Reservados* da Biblioteca Nacional de Portugal, número 463, que contém apenas a terceira oração de Ésquines, o discurso *Contra Ctesifonte*, com anotações marginais, desde a simples glosa à introdução de novas leituras sugeridas pelos copistas do manuscrito e não descritas nos escólios a Ésquines.

Este manuscrito, desde o momento em que foi ofertado à Biblioteca Nacional de Portugal, esteve mais de um século desconhecido, muito provavelmente pelo seu erro de catalogação, pois está encadernado com uma edição aldina de Demóstenes e, à cabeça, em português, foi-lhe atribuído o título de “Oração da corôa em grego”, título da obra de Demóstenes, bem como, com a mesma mão e tinta, o número da catalogação da BNP – 463 (ver “Figura 1” dos anexos). Trata-se claramente de um erro de catalogação, no momento em que o manuscrito chega à biblioteca, ou pouco depois disso, uma vez que, imediatamente abaixo, pela mão do copista, em grego, está escrito Αἰσχίνου ῥήτορος λόγος κατὰ κτησιφῶντος.

Em 1796, aquando da constituição formal daquilo que viria a ser a Biblioteca Nacional de Portugal, D. Frei Manuel do Cenáculo, o último possuidor conhecido deste manuscrito, troca correspondência com António Ribeiro dos Santos, bibliotecário-mor da Real Biblioteca de Lisboa, a fim de doar obras de valor intelectual e cultural. D. Frei Manuel do Cenáculo, na sua oferta de *monumenta* à BNP, constitui um catálogo, intitulado *Catálogo Methodico dos Livros que o Exmo. e Rmo. D. Frei Manoel do Cenáculo Villas-boas, bispo de Beja, doou à Real Bibliotheca pública da Corte no anno de 1797* e, na sua oferta, inclui manuscritos, códices, moedas e outras raridades. É no tomo III do *Catálogo*, volume dedicado aos manuscritos, na página referente à *Oratória*, que se descreve a oferta do presente manuscrito, indentado em relação à entrada anterior, uma aldina de Demóstenes, a par de uma outra de Isócrates em oito volumes (ver “Figura 2” dos anexos).

Em relação a esta página de ofertas, é curioso notar, no entanto, que todas elas estão rasuradas. Em todo o catálogo, esta situação apenas se verifica mais uma vez, na categoria de “História dos Ss. Reys de Portugal”, uma crónica de D. João. É impossível saber o que significam estas rasuras, pois não há qualquer nota que as explique. No entanto, em relação à indentação, esta parece-nos revelar o aspecto final em que se encontra o manuscrito, isto é, encadernado com a edição aldina de Demóstenes. Julgamos que a própria encadernação não foi acidental, mas propositada, tendo em conta os autores, o assunto e o objectivo para qual o manuscrito foi copiado (provavelmente

estudar o *Contra Ctesifonte* e a *Oração da Coroa* juntos). O propósito do copista ou do possuidor, e também provavelmente o facto de o manuscrito não ter uma colecção ou códice dos quais fizesse parte, podem ser indicadores para a sua inserção na edição aldina de Demóstenes. É bastante plausível que Frei Manuel do Cenáculo tenha adquirido o volume já com este aspecto final.

Em relação à datação do manuscrito, em parte alguma dos fólios nos é apresentada uma data, mas a BNP avança a possibilidade de ter sido copiado em 1504 e a explicação dada é:

*A datação teve em conta a data de edição da obra de Demóstenes com a qual o manuscrito está encadernado (1504), e que apresenta anotações manuscritas da mesma mão.*¹¹³

Esta justificação é, no mínimo, imprecisa porque:

1) a cópia do manuscrito pode ter sido anterior ou posterior à impressão da aldina, quer da de Demóstenes (uma primeira edição de 1504, uma segunda de 1520), quer da de Ésquines (1513);

2) não sabemos quem fez a encadernação do manuscrito com a edição aldina;

3) podemos, no entanto, afirmar, que não foi Frei Manuel do Cenáculo que copiou o manuscrito pois este foi copiado, possivelmente por duas mãos¹¹⁴, uma das quais a mesma que fez anotações marginais na aldina de Demóstenes.

Ao analisar o ponto 1), para ponderar uma datação do manuscrito, podemos especular três hipóteses. A primeira é a de que pode ter sido copiado antes de 1504. No entanto, uma vez que devemos considerar as anotações marginais da Aldina, a cópia não poderia ter sido feita muito tempo antes, dentro de um período máximo aceitável que seria o período activo profissional de um copista. A segunda hipótese, para a qual mais nos inclinamos, é a de que o manuscrito pode ter sido copiado entre 1504 e 1513, entre a publicação da aldina de Demóstenes e a de Ésquines. É possível que o adquirente de uma aldina de Demóstenes tenha copiado o texto de Ésquines com o propósito de estudar o *Contra Ctesifonte* e o *Sobre a Coroa* juntos, por exemplo. Em relação à terceira hipótese, é ainda possível que o manuscrito tenha sido copiado depois de 1513, depois da publicação da aldina de Ésquines, uma vez que apresenta erros conjuntivos com a edição impressa. Uma forma de refutar esta hipótese é apresentar o argumento contrário, isto é, o manuscrito foi copiado antes de 1513 e ele próprio serviu de modelo para a aldina de Ésquines e, por isso, apresentam erros conjuntivos.

Em relação às justificações 2) e 3), importa referir que acerca da obtenção do manuscrito por Frei Manuel do Cenáculo, esta é ainda uma pergunta à qual não conseguimos

¹¹³ <http://catalogo.bn.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1507K48Y18C67.48183&profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionsummary&uri=full=3100024~!1388863~!6&ri=4&aspect=subtab11&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=esquines&index=.GW&uindex=&aspect=subtab11&menu=search&ri=4>. Consultado a 09.10.2017.

¹¹⁴ Nota-se uma clara distinção de caligrafia na passagem do fólio 38 para o 39.

dar resposta. De entre a vasta obra de Frei Manuel do Cenáculo, a correspondência e os diários poderiam fornecer-nos algumas pistas, pois há cinco volumes de diários manuscritos com mais de 500 páginas cada um¹¹⁵, correspondência trocada com altas figuras que ocupavam cargos proeminentes e com quem Frei Manuel do Cenáculo mantinha um tipo de relação clientelar¹¹⁶, a quem escrevia, entre outros assuntos, sobre compra e venda de livros e manuscritos. Os diários estão manuscritos e inéditos, mas alguma da correspondência está transcrita e publicada. Contudo, estas obras começam apenas depois de 1750, data em que Frei Manuel do Cenáculo viajou pela Europa e durante a qual pôde ter comprado o manuscrito, provavelmente já encadernado com a aldina de Demóstenes, pois não há registo deles nem menção à sua compra na correspondência e na literatura diarística consultável, que apenas começa em 1766.

Em 1797, temos a confirmação de **D. Frei Manuel do Cenáculo** da doação de um manuscrito de Ésquines. Quase cem anos depois, em 1892, para a história do manuscrito português, **Charles Graux**, nas suas *Notices sommaires de manuscrits grecs d’Espagne et de Portugal*, confirma a existência do manuscrito inserido na Aldina de Demóstenes¹¹⁷ e trabalha sobre ele, tentando entroncá-lo num estema da tradição manuscrita¹¹⁸, mas sem apontar certezas. Confirma duas ou mais mãos que copiaram o manuscrito e aponta algumas das suas variantes. Depois dele, **Maximilian Heyse**, em 1912¹¹⁹, faz menção ao manuscrito português, e com total desconhecimento, presta consequentemente informações erradas, afirmando que o manuscrito na Biblioteca Nacional é composto pelos três discursos de Ésquines, quando na verdade apenas tem o último. Em relação à edição de **Martin e Budé** de 1927, na sua introdução afirmam a preferência pela escola do ecletismo para a sua edição crítica e avisam da inutilidade de “manuscritos isolados” por não oferecerem “variantes consideradas como antigas”¹²⁰. Mais tarde, **Renata Roncali**, em 1969, parece não conhecer o manuscrito português porque não lhe faz menção, situação que é confirmada por **Pietro Leone**¹²¹, embora reconheça, em 1972, a existência de um códice da época humanística na Biblioteca Nacional de Portugal. No

¹¹⁵ **Volume 1:** <http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?id=313>; **Volume 2:** <http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?id=315>; **Volume 3:** <http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?id=316>; **Volume 4:** <http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?id=317>; **Volume 5:** <http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?id=314>. Consultados a 6 de Fevereiro de 2017.

¹¹⁶ Lourenço Vaz 2013: 29.

¹¹⁷ Graux 1892: 304. “Le manuscrite est relié à la suite de l’édition aldine de Démosthène, Venise, octobre 1503.”

¹¹⁸ Graux 1892: 304. “Il y a quelques courtes gloses sur les marges. Pour le texte, ce manuscrito nous paraît se rapprocher du manuscrito B; mais il s’en écarte quelquefois soit pour suivre les manuscritos A et C, soit pour donner des leçons qui lui sont propres; nous communiquons la collation que nous avons prise du début du discours, d’après l’édition *Aeschinis orationes* recensuit Andreas Weidner, Berlin, Weidmann, 1872.”

¹¹⁹ Heyse 1912: 3. “Von bisher noch nicht kollationierten Handschriften der Reden sind mir dem Namen nach folgende bekannt geworden: 1) eine Lissaboner der Nationalbibliothek, s. XV, die alle drei Reden enthält.”

¹²⁰ Martin-Budé 1927: xix, xx.

¹²¹ Apud Leone 1972: 13, n. 14.

entanto, no seu artigo para a história do texto de Ésquines, apenas se concentra no estudo do valor textual dos papiros descobertos até então. **Martín Velasco**, em 1993, aglomerando vasta bibliografia para o estudo da obra de Ésquines, menciona o manuscrito português, confirmando que foi um dos treze manuscritos da época humanística que Maximilian Heyse não utilizou no seu trabalho. No valioso estudo de **Aubrey Diller**, em 1979, apenas se descreve sumariamente o manuscrito, apoiado no que Charles Graux já tinha escrito sobre ele em 1892. A última edição crítica de referência da Teubner é de 1997, feita por **Mervin Dilts**, e nela não se faz referência ao manuscrito português. **Mateo Monaco**, em 2000, assim como Leone, nada aponta em relação ao códice mas, no seu estudo, argumenta em favor das leituras dos papiros em relação às dos códices pela sua antiguidade, o que é importante para o próprio confronto do manuscrito português com a restante crítica textual.

Por fim, e sobretudo pelo espaço e tempo que lhe dedica, o manuscrito é estudado em 2009 por **Hernández Muñoz**, por ocasião do seu projecto *Los oradores griegos en los manuscritos españoles*¹²², de onde pôde concluir não só a validade e importância do manuscrito no estudo da tradição manuscrita de Ésquines, como também a sua fundamental contribuição para uma nova edição crítica, cujos resultados apresentamos agora nesta tese.

Resta dizer que subsistem ainda problemas para a transmissão da obra de Ésquines¹²³ decorrentes do facto de não haver uma edição crítica que englobe as contribuições de todos os papiros, manuscritos, escólios, etc., cujas leituras, seguramente, contribuiriam para uma melhoria do *status editionum*. Além disso, o erro de catalogação da Biblioteca Nacional e o facto de o manuscrito estar “perdido” numa das pontas da Europa, num país ainda sem grande expressão no campo da crítica textual grega, contribuiu definitivamente para o seu esquecimento e subvalorização.

2.1.1. O manuscrito

O manuscrito *Reservado* 463 da Biblioteca Nacional de Portugal está encadernado no final do volume da edição aldina de Demóstenes da BNP, datada de 1504. À edição aldina, foi-lhe acrescentada uma ‘folha de rosto’ inicial que contém a informação de se tratar de uma ‘Collecção de 3 peças’, divididas entre as ‘Demosthenis orationes (Venetiis 1504)’, os ‘Ulpiani commentarioli in Olynthiacas (Venetiis 1503)’ e, por fim, a ‘Oração da corôa de Demosthenes (Manuscrito grego do séc. XVI)’. A mão que escreveu esta ‘folha de rosto’ parece ser também a mão que, erradamente, deu o título de ‘Oração da Corôa’ ao cabeçalho do manuscrito.

Em relação ao tipo de encadernação, a própria aldina fornece-nos esse tipo de informação, ao fazer imprimir a indicação de que as suas folhas estão, primeiramente, encadernadas em quaterniões e, por fim, em vinte quinterniões. O manuscrito está cosido

¹²² Projecto referência HUM2008-01087FILO.

¹²³ Dilts 1997: XVIII; Martín Velasco 1993: 99; Monaco 2000: 5; Martínez Manzano 2012.

na aldina em oito quintérnios e um duérnio e as suas folhas de papel foram cortadas na mesma largura das folhas da aldina, tendo sido anexado posteriormente à impressão. Há vestígios do corte das folhas, pois notam-se alguns escólios sem o início das palavras, à esquerda do manuscrito aberto em livro.

A aldina apresenta anotações nas suas margens, embora com escólios simples em latim e grego, sobretudo de pequenos apontamentos linguísticos e explicações de formas verbais, do mesmo modo em que se encontram os escólios do manuscrito. É portanto plausível admitir que este manuscrito pertenceu a um estudioso, que o mandou copiar ou adquiriu, com o propósito de confrontar os textos de ambos os autores clássicos gregos.

Este manuscrito foi copiado com algum cuidado, pois notam-se diferentes tintas: preta, em que está escrito todo o texto, pontuação, sinais de separação de títulos (:·) e citações; e vermelha, para marcar o começo de apenas alguns parágrafos, sem regra aparente, pintando a primeira letra do parágrafo, e também para marcar os títulos de documentos lidos durante o discurso (νόμοι, ψηφίσματα, δόγμα συμμάχων, etc.). A última folha, porém, apresenta um rasgo, muito breve, no início do parágrafo [260], eliminando a palavra ἀρετὴ quase na sua totalidade. O seu aspecto final é [καὶ]—ἀρετ[ὴ καὶ]. O manuscrito encontra-se em perfeito estado de conservação, sendo apenas este o único local rasgado. Questionados os funcionários da sala dos Reservados da BNP sobre algum tipo de restauro feito à aldina de Demóstenes ou ao próprio manuscrito, informaram-nos de que não tinham conhecimento de nenhum restauro nem da existência de qualquer registo de restauro de obras.

Por fim, o manuscrito apresenta uma última página, onde não se consegue ler o texto transmitido em tão boas condições quanto as do corpo do texto de Ésquines. A letra parece ter traços da mão inicial do manuscrito, mas não apresenta um texto lógico nem nenhuma estrutura evidente. Combina palavras gregas com caracteres latinos e, por algumas palavras que se adivinham, parecerá ser um esboço ou uma tentativa de poema de louvor a Demóstenes.

TERCEIRO CAPÍTULO

NOVA EDIÇÃO CRÍTICA

3.1. MOTIVOS E METODOLOGIA DA NOVA EDIÇÃO

Esta nova edição deriva dos projectos de investigação, realizados em Espanha por Hernández Muñoz, sobre manuscritos em grego, em colecções de bibliotecas espanholas, sobretudo na Biblioteca Nacional de Espanha. Decorrente desse trabalho, o estudioso espanhol traz à discussão o manuscrito português¹²⁴. Esse facto levou-nos a estudar mais aprofundadamente o manuscrito *Reservado* 463 da Biblioteca Nacional de Portugal, não só para comprovarmos a sua proximidade com as duas famílias mais importantes da tradição manuscrita de Êsquines, mas também para averiguar as suas novidades em relação ao texto até agora editado. Deste ponto em diante, será necessário consultar o *Conspectus Siglorum* (página 80), para identificar as famílias de manuscritos, o novo manuscrito em estudo e as suas relações. A colação do *Reservado* 463 permitiu estabelecer relações entre as famílias *f* e *k*, e permitiu perceber ainda que, assim como *f* e *k* frente à família β ¹²⁵, também o manuscrito português apresenta leituras conjuntivas com as primeiras (*fk*), provavelmente dependentes de um arquétipo comum; é possível que tenha tido dois ou mais modelos, daí a sua larga contaminação com leituras de *fk*, além de constatarmos intervenção intencional do copista, em questões de revisão e correcção de texto.

Este manuscrito apresenta também anotações marginais e conjecturas que revelam erudição e conhecimento, tanto da língua grega, como da língua latina, razão pela qual estamos de acordo com Hernández Muñoz quando avança a hipótese do manuscrito ter pertencido a um erudito ou docente¹²⁶. No entanto, essas anotações não apresentam qualquer semelhança com os escólios de Êsquines, editados por Dilts, pela primeira vez em 1992. Muitas das anotações marginais são glosas ou informações complementares (sobretudo linguísticas, mas também de natureza política); outras vezes são inserções ao corpo do texto, o que mostra que o manuscrito teve uma segunda leitura e sofreu revisão.

Uma vez que é impossível identificar o modelo que serviu de cópia ao manuscrito português (ver subcapítulo 3.2.6), resta-nos ensaiar o valor filológico do manuscrito por si mesmo, para que seja considerado em futuras edições completas de Êsquines.

Desta forma, listamos de seguida os dados que atestam as suas variantes propostas¹²⁷. Dos 260 parágrafos do texto *Contra Ctesifonte*, analisaremos *U* por ele próprio e as suas novas contribuições; faremos a sua confrontação com βfk , as famílias de manuscritos *potissimi* para o *Contra Ctesifonte*, e com a edição Aldina de 1513; por fim, analisaremos *U* em relação às edições de Martin-Budé e Mervin Dilts (tabela do ponto 3.2.8).

¹²⁴ Hernández Muñoz 2009.

¹²⁵ Diller 1979: 41; Martínez Manzano 2012: 183.

¹²⁶ Hernández Muñoz 2009.

¹²⁷ Diller 1979: 42 e 52.

3.1.1. Colação

Neste trabalho, e somente para o discurso *Contra Ctesifonte*, começámos por confrontar as diferenças existentes entre a edição de 1927 de Martin e Budé, publicada pela editora francesa *Les Belles Lettres*, e a edição de 1997 de Mervin Dilts, publicada pela editora alemã *Teubner*. No total, verificámos 215 diferenças entre as duas edições, que vão da simples *transpositio*, passando por omissões ou adições, até leituras divergentes (ver tabela do subcapítulo 3.2.8). Seguidamente, completámos a colação de *U* (ver *conspectus siglorum*) frente às edições de Martin-Budé/Dilts. O manuscrito português ora se inclina para a leitura de um, ora para a de outro, no entanto não se esgota neste padrão e, por diversas vezes, sugere novas leituras, a maioria das quais já propostas noutros manuscritos, sem deixar de apresentar, noutros casos, leituras isoladas e únicas. Dada a proximidade temporal e geográfica de um manuscrito espanhol, este com identidade e data precisas¹²⁸, sentimos necessidade de dedicar também espaço à colação de *T* (ver *conspectus siglorum*), concluindo que há semelhanças entre ambos os manuscritos que promovem novas relações de leituras para o texto de Ésquines. Além desta colação, demo-nos conta de que, em alguns momentos, Dilts introduzia no seu aparato crítico leituras da edição aldina de Ésquines, quando esta se apartava das leituras dos manuscritos *potissimi*. Com a nossa própria colação da Aldina, apercebemo-nos de que havia incorrecções no aparato crítico de Dilts, e por essa razão fornecemos agora também, com esta edição, todas as leituras da edição aldina, identificada por *Ald* e não *E*, como Diller.

3.1.2. Aparato crítico

O aparato crítico desta nova edição é uma revisão aumentada do aparato da edição crítica de Dilts. Contém nova informação dos manuscritos estudados (*TU*), bem como da edição aldina, apresentados de forma positiva, seguindo a estrutura de apresentação de Dilts. Uma vez que *TU* não são passíveis, até agora, de entroncar no estema das famílias de *βfk*, a sua informação, no aparato, vem adicionada depois destes manuscritos. Apesar de podermos entroncar a edição aldina dependente da família *f*, damos a ocorrência de todas as suas leituras, pelo motivo de revisão da colação da aldina, e pela relação que apresenta com as leituras de *TU*.

Deste modo, o nosso aparato crítico será lido de forma cronológica, apresentando primeiro as leituras dos papiros, seguido das dos manuscritos e da aldina, e, por fim, das correccões e conjecturas dos editores modernos.

¹²⁸ O manuscrito *T* (*Matrit.* 4693) foi copiado por Constantino Láscaris em 1462, em Milão. Hernández Muñoz (2009) atribuiu-lhe a letra *Z* para o denominar entre a lista de mss. da tradição de Ésquines, mas em discussão com o autor decidimos atribuir-lhe a letra *T* maiúscula (ainda não usada), por uma questão de eufonia com a palavra 'matritensis'.

3.1.3. Selecção de leituras

O trabalho de selecção de leituras teve por base a tabela do ponto 3.2.8. Os estudos e métodos da crítica textual são vários e variados e, por esse motivo, para esta edição, mecanizámos o seguinte método: primeiramente, convergência de leituras de papiros suportados por manuscritos; em segundo lugar, leituras de papiros suportados por conjectura; seguidamente, leituras de papiros suportados por citações antiga ou paralelismos textuais; e por fim, a relevância da tradição manuscrita.

Para a análise textual do discurso *Contra Ctesifonte*, segundo Monaco¹²⁹, a sua estatística evidencia que o manuscrito *k* sugere tendencialmente a leitura atestada em algum papiro, e por isso o estudioso italiano conclui que *k* pode ser o manuscrito com as leituras mais antigas. Essa também parece ser, quase sempre, a opção de Martin-Budé na edição das Belles Lettres, que tende ser mais conservadora na selecção de leituras.

3.2. A EDIÇÃO CRÍTICA

O valor do manuscrito português não se mede, nem se esgota na simples escolha entre as leituras das edições francesa e alemã, pelo que, seguidamente, apresentamos as variantes próprias do manuscrito, correcções à margem, adições ou omissões, leituras apoiadas por papiros e variantes conjuntivas com a edição Aldina, e, por fim, antecipações de correcções ou conjecturas de editores modernos.

As listas de variantes das alíneas seguintes são apresentadas com a numeração da nossa edição crítica (compatível com a numeração da edição crítica de Dilts), seguida das leituras da edição de Dilts frente às (|) novas variantes do manuscrito português.

3.2.1. Variantes Próprias

Esta análise mostra-nos que há um número significativo de variantes próprias apresentadas por *U* que são isoladas, quer sejam frente a outros manuscritos, quer sejam propostas únicas, isto é, uma vez que o manuscrito nunca tinha sido completamente colacionado, são variantes novas, não descritas em qualquer aparato crítico e que actuam em variados domínios da língua.

[8.1] νυνὶ πάντες] νῦν πάντες

[11.5] λήσετε] λύσετε

[23.4] ἔννομον] εὐνομον

[27.3] ἐπιβολὰς] ἐπιβουλὰς

[39.1] ἐν] ἐκ

[46.7] οὐδὲ εἷς] οὐδεὶς

¹²⁹ Monaco 2000: 76 e sqq. A sua análise estatística apresenta 103 lições de papiros para a terceira oração, das quais 64 confirmam as leituras de *k* contra 33 as das famílias *βf*. Em nota, adianta que duas confirmam apenas *f*, e três a família *β*. (No total, dá 102 lições: ou se enganou no total, ou se enganou na distribuição.)

- [53.2] δοκῶ] δοκοῦν
 [54.5] ἕνα] ἕνεκα
 [81.2] ὑπὲρ τούτων] καὶ ὑπὲρ
 [88.9] εἰκὸς] εἰκῶς
 [90.6] αὐτῷ] ἑαυτῷ
 [93.7] εἰδῆτε] ἰδῆτε
 [98.2] τούτοις] τούτους
 [117.7] ὠνομάζετε] ὀνομάζετε
 [118.5] οὕτω] οὕτως
 [124.7] ψηφίζονται] ψηφίζονται
 [125.2] ἡμῶν] ὑμῶν
 [129.11] ἐπανεληλυθότος] ἐπανελθόντος
 [137.1] Φρυνώνδας] Φρυνώντας
 [137.8] διὰ τὰ] τὰς διὰ
 [138.4] Κολλυτεύς] Κολλιτεύς
 [143.7] τὸν] τὸ
 [145.5] αὐτῷ] ἑαυτῷ
 [150.4] δεσμωτήριον] δαιμωτήριον
 [154.4] τραγωδῶν] τραγωδιῶν
 [161.9] προδέδωκεν] παρέδωκεν
 [166.2] ἔχω σοι] ἔχωσι
 [174.3] βούλεσθαι] βούλεσθε
 [177.3] τὰς] τοὺς
 [184.2] γὰρ] δὲ
 [187.17] τοῖς] τῆς
 [191.7] ὅς] ὡς
 [193.10] ἕξαμαρτάνοιεν] ἕξαμαρτάνοι
 [196.6] τὰ] τοῖς
 [199.6] ἀλλ' ὠρισμένον] ἀλλ' ὡς ὀρισμένον
 [201.2] προερωῶ] δὲ ἐρῶ
 [205.6] τῇ τελευτῇ] τῆς τελευτῆς
 [205.7] μηδ' ἀγνοεῖσθ'] μηδ' ἀγνωεῖθ'
 [206.4] μάχεσθε] μάχεσθαι
 [208.13] ὑπάρχον] ὑπάρχων
 [209.5] ποῖ] πῆ
 [211.8] βεβιωκῶς] βεβιωτικῶς
 [226.3] ἀποδοῖτο] ἀπόλλυσιν U^a ἀποδεῖτο U^{mg}, corr. U^{sl}
 [229.6] ὄρᾱ] ὄρᾱν
 [230.6] ὑμῖν] ἡμῖν
 [231.5] ὅταν] ὅτε
 [231.7] ὑμῶν] ἡμῶν
 [234.8] οὕτω] οὕτως

- [235.9] ἐπέθετο] ὑπέθετο
 [240.5] σαυτοῦ] αὐτοῦ
 [244.8] τω] τε
 [248.1] ἐάν] ἐάν οὖν
 [256.6] τρέφοντας] τρέφοντες
 [259.7] ἀντιπράττειν] ἀντιπράττω

3.2.2. Correções marginais ou *supra lineam*

O número de correções à margem, que se apresenta na tabela do ponto 3.2.8, é ele também um conjunto de novas variantes: se *U ante correctionem* concorda em muitos casos com uma variante já transmitida, *U post correctionem*, ou como o identificaremos U^{mg} ou ainda U^{sl} (*supra lineam*), apresenta variantes novas em relação a todas as outras famílias de manuscritos, correções e/ou conjecturas.

- [2.2] ἐφεστηκότων] προεστώτων U^{sl}
 [3.5] ἐάν] εἰ U^{sl}
 [3.6] ὄντως] ἀληθῶς U^{mg}
 [7.13] τήνδε] ταύτην U^{mg}
 [10.5] τυχόν] ἴσως U^{mg}
 [11.4] κρείττονες] χρείττους U^{mg}
 [21.3] μὴ] φαίη τίς U^{mg}
 [25.4] γενομένην] γεγραμμένην U^{mg}
 [28.5] λύων] κωλύοντα U^{mg}
 [44.3] νόμω] τῶν νόμων U^{mg}
 [47.10] εἰδῆ] ἐχῆ U^{mg}
 [72.2] ἀηδίαν] ἀδικίαν U^{mg}
 [80.3] τε] καὶ U^{mg}
 [84.4] καὶ1] τὰ U^{mg}
 [93.2] ἰσχύσειν] ἰσχύειν U^{mg}
 [107.6] τοῖς γιγνομένοις] τοῖς γενομένοις U^{mg} conflat.
 [117.3] μεθεστηκότων] καθεστηκότων U^{mg}
 [126.3] ἐπ' ἀναστάσει] ἐπαναστάς U^{mg}
 [130.6] τελευτή] τελετή (sic) U^{mg}
 [132.1] τοιγάρτοι] τί γάρ τοι U^{mg}
 [132.1] τί τῶν ἀνελπίστων καὶ om. U^{mg}
 [132.2] ἀνθρώπινον] ἀπανθρώπιον U^{mg}
 [132.5] ὁ] καὶ corr. U^{mg}
 [133.2] ἀστυγείτων] ἀστυγειτόνων U^{mg}
 [133.2] μεθ'] εἰς U^{sl}
 [135.1] δὲ κάγῶ] δὴ καὶ ἐγὼ U^{mg}
 [135.4] δὴ] καὶ U^{mg} (Hes.)

- [138.5] Ἐρχιεύς] ἀρχιερεύς U^{mg}
 [143.6] παρὰ] πρὸς U^{mg}
 [146.9] διαμαρτυρομένου] διαμαρτυρωμένου U^{mg}
 [152.8] ἐθελήσεις] ἐθέλεις U^{mg}
 [153.7] ἐπεισιοῦσιν] εἰσιοῦσιν U^{mg}
 [158.5] πόρω] πόρθμω U^{mg}
 [159.10] εἰᾶτε] ἔατε U^{mg}
 [161.9] προδέδωκεν] προὔδωκεν U^{mg}
 [162.12] εὔρηται] εὔρε U^{mg}
 [184.3] ταλακάρδιοι] ταληκάρδιοι U^{mg}
 [192.7] παραποιήσειαν U^{mg}
 [199.4] παρασχέσθαι] παρέσθαι U^{mg}
 [197.8] τιμήσει] τιμωρία U^{mg}
 [202.9] πῶς κατηγορήκα post δὲ add. U^{mg}
 [208.3] εἰ] ἐὰν U^{mg}
 [216.4] νεωτέρων] νέων U^{mg}
 [244.9] διαχρήσεται] διαχρήσει U^{mg}
 [251.5] περιόντα] παριόντα U^{sl}

3.2.3. Adições e omissões

Em relação a adições e omissões, as propostas de *U* muitas vezes vêm no corpo do texto, mas não é invulgar aparecerem à margem. São sobretudo artigos definidos, conjunções ou partículas, que não costumam significado ao texto.

Adições

- [7.5] ἐξαιρεῖσθαι] ἐξαιρεῖσθαι χρηὴ τὸ δικαῖον U^{mg}
 [24.9] δημοσθένης] δημοσθένης καὶ U
 [24.12] εἰ] εἰ δὴ TU
 [37.5] νόμους] τοὺς νόμους U
 [37.7] post ταῦτα add. οὕτως μῆθ' ὑμᾶς ποτὲ U
 [45.1] ἀποδείξει] ἀποδείξει ὁ νόμος TU
 [50.1] λόγος] ὁ λόγος U
 [62.5] δὲ] δὲ ὁ U
 [78.3] post χρηστός add. οὐδ' ὥστις (ὅστις T) ἐστὶν οἴκοι φλαῦρος (φαῦλος T) οὐδέποτ'
 ἦν ἐν Μακεδονίᾳ καλὸς κάγαθός TU
 [80.2] ὁ ante Φίλιππος add. TU
 [88.8] πρὸς] πρὸς τοὺς U
 [95.3] ὑπὸ] ὑπὸ τοῦ U
 [124.9] ἔχοντας] ἔχοντάς τε U
 [125.4] 4 καὶ] καὶ τοῦ U
 [139.1] εἶτα ante Λεωδάμας add. TU

- [140.10] τῆς post περι add. U
 [142.3] τις post εἰ add. U^{mg}
 [146.7] ἐν ταῖς post ξενικῶ add. TU
 [153.3] τὸν post ὄραν add. U
 [239.4] ὁ δῆμος post ἐδέξατο add. U
 [244.1] φήσεται ante ὅτι add. U
 [248.3] καλῶς ποιήσεται post φυλάξησθε add. U
 [249.7] οὕτω γὰρ post ἐπαίνους add. U

Omissões

- [8.11] τὴν βfkTAld om. U
 [13.1] καὶ om. U
 [28.4] ταχὺ om. U^{mg}
 [28.5] τὰς om. U^{mg}
 [51.7] τὸν1 om. U
 [64.2] οὐ om. U
 [64.5] μὲν om. U
 [76.2] ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι om. UAld
 [94.4] μὲν om. U
 [131.6] ἄξιος om. U
 [137.3] καὶ2 om. U
 [153.8] τῆ om. U
 [169.8] τῶν om. U
 [171.3] πρὸς om. U
 [178.6] δὲ1 om. U
 [179.7] καὶ om. U
 [184.8] τὸ om. U
 [187.4] γὰρ om. U
 [187.10] καὶ om. U
 [192.10] γὰρ om. U
 [193.8] ποτὲ om. U
 [204.5] τῆς om. U
 [210.5] ἡ om. U
 [214.4] τὴν om. U
 [219.1] γὰρ om. U
 [226.7] τῶν om. U
 [238.1] δ' om. U
 [250.9] τῆς om. U

3.2.4. Coincidências com papiros

É também de notar que há, pelo menos, seis coincidências de leituras com papiros. Apesar de ser notória a contaminação do manuscrito *k* atestando a leitura de um papiro (já argumentada por Monaco, como dito anteriormente), são os exemplos [195.6] e [195.12] que mais nos despertam a atenção, por apenas se atestar em *UAld* a leitura do papiro 12. Como explicar, então, que *UAld* transmitam, conjuntamente, uma leitura de um papiro? De que modelos se serviram? Que relação estabelecer entre *U* e a Aldina, quando casos há em que apresentam leituras diferentes entre si?

[8.6] γεγραφότα Π32kTU^{mg} γράψαντα βfU^aAld

[96.4] ὥστε Π5kU^{mg} ὡς βfTU^aAld

[114.9] ιδιώτου] ἢ ιδιώτου Π41kTU

[115.1] ὄσφ Π41V^ckTU

[195.6] ὑπελογίζοντο Π12UAld

[195.12] ὑπελογίσαντο] ὑπελογίζοντο Π12UAld

3.2.5. Antecipações de correcções

Por cinco ocasiões, *U* antecipa uma conjetura de um editor moderno. É interessante notar, por exemplo, o caso de [72.9] e [105.8], onde a correcção antecipada vem em *U^a*, para posteriormente, em *U^f*, acompanhar a lição de toda a tradição manuscrita. Não sabemos se, neste casos, as leituras terão sido copiadas a partir de um modelo perdido ou se resultam da intervenção do próprio copista. O último caso [257.7], no entanto, confirma a tese de que o copista possivelmente seria um erudito com conhecimentos de língua grega, capaz de efectuar correcções linguísticas.

[72.9] προσβιασαμένου] προβιασαμένου βfkTU^cAld, hab. U^a Reiske cf. 93

[105.8] ἄ βfkU^{mg}Ald, hab. TU^a, corr. Stephanus

[151.3] τοὺς βοιωτάρχας ἀπεκάλει U^{mg} Blass Martin-Budé ἀπεκάλει τοὺς βοιωτάρχας k Dilts τοὺς βοιωτάρχας (βιω- U) ἀπεκάλεσε βfT^cU^aAld, num recte?

[109.6] ἐργάσεσθαι] ἐργάσασθαι βfT, corr. U Stephanus

[257.7] προσῆκον] προῆκον βfk, corr. U Emperius προσῆκον TAld

3.2.6. Relação de *U* com outros manuscritos

Depois de termos visto as novidades de *U* singularmente, passamos agora à análise de *U* frente às famílias de manuscritos *βfk*, ao manuscrito *T* e à edição aldina.

De todo o texto, foram analisadas 1044 unidades críticas, de onde facilmente concluímos a afinidade de *TUAld*, com as famílias *βf*, frente a *k*. Este conjunto isoladamente (*βfTUAld*) representa mais de 40% de todos os confrontos do texto.

Na tabela seguinte, apresentamos a análise das unidades críticas do aparato, onde confrontamos os manuscritos utilizados, uns frente a outros. Por esta análise, podemos

constatar as relações mais frequentes entre eles, de onde foi possível, a partir daí, fazer o ensaio da dependência familiar de *TUAl*d, apresentada nesta tese.

Ainda que se destaque, em relação a todas as outras confrontações, o número elevado de variantes conjuntivas de *fUAl*d frente a βk , não podemos afirmar que *U* é uma cópia de *f*, porque também há casos de contaminação de leituras de *U* coincidentes com β e/ou *k*; há ainda casos em que *U* dá a mesma leitura da aldina e casos em que diverge dela. Tentámos analisar também os escólios de *U* frente à edição dos *Scholia in Aeschinem* de Dilts¹³⁰, de modo a tentar encontrar convergência dentro dos manuscritos da família *f*, mas nenhum ponto digno de menção é razoável para estabelecer uma conexão. Portanto, por essa via, também não podemos identificar a partir de que manuscrito foi copiado *U*.

Há, no entanto, segundo Diller, um conjunto de manuscritos das famílias β e *f*, que, apesar de dependentes destes, nunca foram colacionados. É, por exemplo, o caso do manuscrito *Matritensis* 4693, dependente da família β , com o qual, já se disse, *U* tem afinidades, e para o qual, agora colacionado, apresentamos as suas leituras em aparato crítico. Na família *f*, há ainda outros manuscritos não colacionados, dependentes dos manuscritos *SdR*¹³¹. Se, ao termos analisado *TU*, pudemos assumir que havia algum tipo de dependência entre eles, como deixar de considerar a validade de outros manuscritos, apenas por falta de colação?

A partir destas considerações, como entroncar *U* no estema da terceira oração? De onde supor a sua cópia, ou a que manuscritos teve acesso o copista de *U*? Qual a sua intenção ao copiar o manuscrito? Qual o seu objectivo, uma vez que intervém directamente no texto, acrescenta novos comentários à margem, sejam eles gramaticais ou meramente explicativos, e apenas transmite isoladamente a terceira oração? Não podendo identificar a identidade do copista, nem pela sua caligrafia nem pela data do manuscrito, e sendo um manuscrito *recentior* da época humanística, torna-se um trabalho árduo acreditá-lo entre a tradição manuscrita de Ésquines.

β fTUAl - k	438	fTUAl - k	73	kU - β fTAl	38	U - k - β fTAl	7	TUAl - f - k	4
β kTUAl - f	34	fUAl - kT	48	kTU - fAl	18	U - k - fTAl	3	TUAl - β k	2
β fUAl - kT	26	fUAl - β kT	41	kTUAl - f	16	U - kT - fAl	3	TU - k - β f	1
β kTU - fAl	17	fkUAl - β T	25	kU - fTAl	6	U - T - Ald	2	TU - β fkAl	1
β fTU - kAl	13	fU - kTAl	20	kTU - f - Ald	4	U - f - TAl	1		
β fUAl - k - T	6	fU - β kTAl	17	kUAl - fT	1	UAl - k - f - T	1		
β fAl - kTU	5	fkUAl - T	16	kUAl - β fT	1				
β fkTU - Ald	4	fTU - kAl	13	kTAl - f - U	1				
β Al - fkTU	3	fkU - TAl	12	kU - β TAl - f	1				
β fAl - k - TU	3	fkTU - Ald	11	kU - fAl - β T	1				
β fkU - TAl	3	fkU - β TAl	10	kUAl - β T - f	1				

¹³⁰ Dilts 1992.

¹³¹ Dilts 1979: 41-43.

$\beta kUAld - T$	3	$fUAld - k - T$	9	$kU - \beta fAld - T$	1
$\beta fTU - k - Ald$	3	$fkTUAld - \beta$	8	$kTU - \beta f - Ald$	1
$\beta - fUAld - k - T$	1	$fk - \beta TUAld$	8		
$\beta fAld - k - T - U$	1	$fkAld - TU$	7		
$\beta fkT - U - Ald$	1	$fTUAld - \beta k$	5		
$\beta fkU - T - Ald$	1	$fU - k - TAld$	4		
$\beta fT - k - UAld$	1	$fkAld - \beta TU$	4		
$\beta fU - kTAld$	1	$fk - TUAld$	4		
$\beta fU - TAld$	1	$fk - \beta TAld - U$	4		
$\beta kU - fTAld$	1	$fUAld - \beta T - k$	4		
$\beta kUAld - fT$	1	$f - kT - UAld$	3		
		$fTU - k - Ald$	3		
		$fU - kT - Ald$	2		
		$fkU - \beta T - Ald$	2		
		$fTUAld - \beta - k$	2		
		$fkT - UAld$	2		
		$fTU - \beta kAld$	2		
		$fU - \beta kT - Ald$	2		
		$fU - \beta TAld - k$	2		
		$fAld - \beta T - k - U$	1		
		$fk - TU - Ald$	1		
		$fkAld - U$	1		
		$fkT - U - Ald$	1		
		$fT - k - UAld$	1		
		$fTAld - k - U$	1		
		$fTU - k - \beta Ald$	1		

A relação mais frequente é sem dúvida $\beta fTUAld$ frente a k ou $fTUAld$ frente a k (cerca de 49% do texto), quando os manuscritos dependentes da família β não são unísonos. Não podemos, no entanto, deixar de considerar a influência de k nos 34 casos de $\beta kTUAld$ frente a f e os 38 casos de provável *contaminatio* em que kU se alinham frente a $\beta fTAld$. É também interessante notar os 16 casos em que U apresenta uma leitura isolada frente a todos os outros manuscritos e famílias de manuscritos. Quando comparada esta tabela com a lista de variante próprias (subcapítulo 3.2.1), cujo total é 54 novas leituras, apenas 16 delas são frente à tradição manuscrita, sendo que os restantes 38 casos são completas novas leituras, muito provavelmente intervenção deliberada do copista. Não nos parece relevante os únicos 6 casos em que $TUAld$ se unem frente à tradição manuscrita, no entanto, não podemos deixar de considerar estes pontos de contacto únicos que criam traços de dependências entre si.

3.2.7. Outras questões textuais

a. Novo Papiro 48

Esta edição adiciona, em aparato crítico, a referência a um novo fragmento de papiro, o número 48 da lista de papiros (ver página 80), estudado depois da publicação da edição de Dilts em 1997. Nesse mesmo ano, na revista *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 115, Gabriella Messeri Savorelli e Rosario Pintaudi publicam este novo fragmento, que faz parte da coleção de rolos de papiros literários da Biblioteca Medicea Laurenziana. Este fragmento contém informação desde [162.12] até [163.4].

b. *Scriptio plena*

Em casos em que Martin-Budé e Dilts discordavam entre o uso de *scriptio elisa*/*scriptio plena*, demos preferência à *scriptio elisa*.¹³² Esta situação ocorre apenas em dois casos da tabela do ponto 3.2.8: [118.5] e [235.9]. Não há consistência entre as duas formas de escrita, quer nas edições, quer no manuscrito português.

c. O caso de ὁ ἄνδρες Ἀθηναῖοι

Salvo quando referenciado em aparato crítico, a expressão ὁ ἄνδρες Ἀθηναῖοι não é nunca alvo de análise crítica por ser constante a sua forma abreviada, no manuscrito português por ὁ Ἀθηναῖοι.

d. Iota adscrito/ subscripto

No manuscrito português, verifica-se a ocorrência de iotas subscriptos apenas no fólio 13, que contem os parágrafos 67 a 73 - em todo o restante texto, estão omissos. Por uma questão de consistência e de edição actual, editamos o texto com todos os iotas subscriptos.

3.2.8. Tabela de diferenças entre as edições de Martin-Budé e Dilts e o manuscrito *U*

Para a leitura da tabela seguinte (ver ponto 3.1.1 deste capítulo), começamos por buscar a referência do parágrafo e linha na última edição crítica para o *Contra Ctesifonte*, publicada na Teubner por Mervin Dilts. Seguidamente, e por ordem cronológica da publicação das edições, apresentamos as leituras escolhidas por Martin-Budé (Belles Lettres) e Dilts (Teubner). Na coluna seguinte, apresentamos as leituras de *U* (que normalmente são conjuntivas com a tradição manuscrita), e, por fim, ainda outros casos, que não couberam em qualquer lição dada pelos manuscritos ou pelos editores.

Na tabela, apresentamos 215 diferenças, das quais optamos por editar 96 vezes a leitura dada por Martin-Budé, 114 vezes a leitura dada por Dilts, e por cinco vezes a leitura dada por *U*, devidamente suportada pela tradição manuscrita e geralmente

¹³² Sobre o problema *scriptio plena/ elisa*, ver Hernández Muñoz 2008: 83-88.

acompanhada pelas leituras de *TAld*.

Optámos por distinguir a nossa selecção de leituras com um esquema de cores, para que se tornasse ainda mais clara a nossa opção: verde para quando selecionamos a leitura da edição das Belles Lettres, azul para Teubner e amarelo para a leitura de *U*.

Parag. Linha (Dilts)	Martin-Budé	Dilts	U	OUTROS
3.3	ταῦτα	ταύτας	ταῦτα	τοιαῦτα Markland ταῦτ' T
	βfkUAld	corr. Cobet		
3.3	τὰ ψηφίσματα	[τὰ ψηφίσματα]	τὰ ψηφίσματα	
		del. Westermann Dilts		
3.5	ἄν	ἔάν	ἄν	εἰ U ^{sl}
	βfTUAld	k		
3.6	κληρούμενος	[κληρούμενος]	κληρούμενος	
		del. Westermann Dilts		
7.3	ἡγεῖσθαι μικρὸν	μικρὸν ἡγεῖσθαι	μικρὸν ἡγεῖσθαι	ἡγεῖσθαι am ^a V ^a
	gV^akT	Π31m^xLfUAld		
8.1	δὲ χρή	χρή	δὲ χρή	
	βfTUAld	k		
8.10	τῷ συμφέροντι τῷ ὑμετέρῳ	τῷ ὑμετέρῳ συμφέροντι	τῷ συμφέροντι τῷ ὑμετέρῳ	
	βfTUAld	Π32k		
9.9/10	καὶ κηρύγμασιν	καὶ <στεφάνοις καὶ> κηρύγμασιν	καὶ κηρύγμασιν	καὶ στεφάνοις καὶ κηρύγμασιν Marcell.
		add. Anon. Dilts cf. 12		
10.5	τυχὸν δὲ καὶ ἐν τῷ αὐτῷ ἔνιαυτῷ	[τυχὸν δὲ καὶ ἐν τῷ αὐτῷ ἔνιαυτῷ]	τυχὸν δὲ καὶ ἐν τῷ αὐτῷ ἔνιαυτῷ	
		del. Cobet Dilts		
11.2	τὸν	[τὸν]	τὸν	
		del. Cobet Dilts		
11.6	τινες	[τινες]	τινες	
		del. Cobet Dilts		
11.7	εἰσιν	[εἰσιν]	εἰσιν	
		del. Cobet Dilts		
11.9	πρὸς τὰ ψηφίσματα	[πρὸς τὰ ψηφίσματα]	πρὸς τὰ ψηφίσματα	
		del. Dobree Dilts		
12.7	ἐγὼ ἄρτίως	ἄρτίως	ἐγὼ ἄρτίως	
	βfTUAld	k		
14.9	τριάκονθ' ἡμέρας	τριάκοντα ἡμέρας	τριάκονθ' ἡμέρας	
		hiat. pace Blass Dilts		
15.4	καὶ εὐθύνας	[καὶ εὐθύνας]	καὶ εὐθύνας	
	Π7	del. Reiske Dilts		
15.5	καὶ τὰς ἄλλας	καὶ ἄλλας	καὶ τὰς ἄλλας	
	Π33βfkTUAld	Dilts		

15.5	κελύει	[κελύει]	κελύει	
		om. Π33, del. Franke		
17.7	ἀρχαία οὔση	ἀρχαία <τ>οὔση	ἀρχαία οὔση	
		add. Blass (hiat.)		
18.5	ἱερά	γέρα	γέρα	
	Π7 Dobree et Hamaker, num recte	βfkTUAld		
19.3	προσόδων	[προσόδων]	προσόδων	
		del. Bake		
20.3	καὶ τὴν ἐκεῖ σκυθρωπὸν	καὶ τὸν ἐκεῖ σκυθρωπὸν	καὶ τῶν ἐκεῖ σκυθρωπῶν	καὶ τὸν ἐκεῖ σκυθρωπὸν καὶ τῶν μεγίστων κύριον ἄγει Π7amgVL ^c , om. xL ^a fk
	Reiske	Π7 Bernardus Lambin	βTUAld	
20.5	ἡ βουλή ἢ ἐξ Ἀρείου πάγου	[ἡ βουλή ἢ ἐξ Ἀρείου πάγου]	ἡ βουλή ἢ ἐξ Ἀρείου πάγου	
		del. Blass Dilts		
21.3	φησὶ μὴ	μὴ	φησὶ μὴ	φαίη τις U ^m g
	βfkTU^aAld , num recte	Π7 verisimiliter		
21.4	χρήματα τῆς πόλεως	τῆς πόλεως χρήματα	χρήματα τῆς πόλεως	
	βfkTUAld	Π7		
21.8	τάς οὐσίας ὁ νομοθέτης	ὁ νομοθέτης τάς οὐσίας	τάς οὐσίας ὁ νομοθέτης	
	βfTUAld	Π7k		
24.4	ἐπὶ τὸ θεωρικόν	ἐπὶ τῶ θεωρικῶ	ἐπὶ τῶ θεωρικῶ	τῶν θεωρικῶν m^cU^mgAld (Π7 et Π33 incert.)
	Blass cf. 25; Dem. 18.55, 113	β(m^a)fkTU		
24.10	τὸ θεωρικόν	τῶ θεωρικῶ	τῶν θεωρικῶν	
	Blass (Π7 incert.)	f	βkTUAld	
24.11	ψήφισμα	διαλογισμὸς τῶν ἡμερῶν	ὅτι μεσοῦντα τὴν ἀρχὴν ἔγραψεν στεφανόν (αὐτὸν στεφανοῦν UAld) ἀναγίνωσκε (ἀναγινώσκετε fU^a) ἀναγινώσκειται k^cU^mg) διαλογισμὸς τῶν ἡμερῶν	tit. om. Π7amg ^a V ^a L ^a k ^a
	e		post θεωρικ. add. ὅτι μεσοῦντα τὴν ἀρχὴν ἔγραψεν στεφανόν. ἀναγινώσκε βfk^cTUAld , om. k^aΠ7 del. Bekker	
25.1	ὧ Ἀθηναῖοι	ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι	ὧ Ἀθηναῖοι	
		fkAld	TU	
25.7	νεωρίων ἀρχὴν	νεωρίων ἥρχον	νεωρίων ἀρχὴν	νεώριον vel νεώρια Dobree (ἀρχὴν deleto) <ἥρχον τὴν> νεωρίων ἀρχὴν Rhodes
	βfkTUAld	Kaibel		
26.2	βούλομαι	βουλόμενος	βούλομαι	
	βfkTUAld	corr. Cobet		
26.5	ὁ δὲ Κτησιφῶν	Κτησιφῶν δὲ	ὁ δὲ Κτησιφῶν	
	βfkTUAld	Π13 et Blass (cf. 34), num recte		
29.2	καὶ	καὶ πᾶσι	καὶ πᾶσι	
	om. amg , pace Blass	k		

31.9	ἐξελέγχω	ἐξελέγξω	ἐξελέγξω	ἐλέγξω g ἐξηλεγξα U ^{mg}
	m ^c Stephanus	am ^a VxLfkTUAld		
31.12	παρανομώτατα	παράνομα	παρανομώτατα	
	βTU ^a Ald	fkU ^{mg}		
32.4	στεφανοὶ ἢ βουλή	ἡ βουλή στεφανοῖ	στεφανοὶ ἢ βουλή	
	βfkTUAld	e Blass (hiat.)		
37.7	τήν	[τήν]	τήν	
		del. Poutsma Dilts		
39.3	νομοθέτας	νομοθέταις	νομοθέτας	
	Π35βfkTUAld	corr. Dobree		
39.5	καί	[καί]	καί	
		del. Kaibel Dilts		
45.2	εἰς	[εἰς]	εἰς	
		del. Usener Dilts		
45.3	εἰς	[εἰς]	εἰς	
		del. Usener Dilts		
46.6	καταγνώναι τοῦ δήμου τοῦ Ἀθηναίων	τοῦ δήμου τοῦ Ἀθηναίων καταγνώναι	καταγνώναι τοῦ δήμου τοῦ Ἀθηναίων	ἄθηναίου k ^a
	βfTUAld	k		
47.2	στέφανον ἀναρρηθέντα	ἀναρρηθέντα στέφανον	ἀναρρηθέντα στέφανον	
	amg et Blass (hiat.), pace Blass	VxLfkTUAld		
47.8	ἡμετέρων	ἡμετέρων	ἡμετέρων	
	T	fkUAld Dilts		
49.7	καί λέγων	λέγων	λέγων	
	k arg.	βfTUAld cf. 237 et Dem. 18.54, 57, 59		
50.8	ἐγγράφειν	γράφειν	ἐγγράφειν	
	βfTU	kAld cf. 3 arg.		
51.5	ὄντα	ὄντα ἑαυτῶ	ὄντα ἑαυτῶ	
	ἑαυτῶ om. Harpocrat. Blass			
53.5	μὲν ἀληθῆ	ἀληθῆ μὲν	μὲν ἀληθῆ	
	βfkTUAld	Π14, Cobet Monaco		
54.8	γενομένη	[γενομένη]	γενομένη	
		del. Blass Dilts		
56.2	ἔγωγε	ἐγὼ τε	ἐγὼ τε	ἐγὼ δὴ Taylor ἐγὼ τι Bake ἐγὼγ' Schultz ἐγὼ ἀποκρίνομαι Baiter-Sauppe ἐγὼ - ἀποκρίνομεν del. Hamaker
	Sauppe			
56.2	ἀποκρίνομαι	ἀποκρίνομαι	ἀποκρίνομαι	τε ἀποκρίνομαι del. Franke
	Bake	amgxLfkTUAld	VTU	
56.2	ἐναντίον σοι	σοι ἐναντίον	ἐναντίον σοι	
	βfkTUAld	transp. Markland, sed cf. 43. 147		
56.7	ἀποκρίνομαι	ἀποκρίνομαι	ἀποκρίνομαι	ἀποκρίνομεν V
	am gxLkT	Π36fUAld		

57.2	ἀκούσωσι βfkTUAId , num recte	ἀκούωσι Π36 Hamaker	ἀκούσωσι	
57.7	— del. Taylor coll. 4 αἰτίους γεγενημένους, sed cf. repetitionem ad 61, 236 2.108	αἴτιον γεγενημένον	αἴτιον γεγενημένον	γεγενημένον αἴτιον k
57.8	μέλλειν ποιεῖσθαι del. Weidner	μέλλειν ποιεῖσθαι k	ποιεῖσθαι μέλλειν βfTUAId	ποιεῖσθαι μέλλειν del. Blass
59.7	ἔστιν ἡμῶν del. Blass	ὑμῶν ἔστιν	ὑμῶν ἔστιν	ὑμῶν post ἔστιν k ἡμῶν cod. Flor. Stephanus
59.9	αὐτὸς ὁ βfTUAId	ὁ k	αὐτὸς ὁ	
68.1	μετὰ δὲ βfTUAId	μετὰ k	μετὰ δὲ	
69.2	ἐν τῇ δὲ del. Bake	ἐν δὲ τῇ	ἐν δὲ τῇ	γε Weidner
69.3	ἐκκλησιῶν ἀνεγνώσθη Martin-Budé	ἐκκλησιῶν [τῇ ὀγδόῃ δέκα] ἀνεγνώσθη del. Taylor Dilts, sed cf. 68, 98	ἐκκλησιῶν τῇ ὀγδόῃ ἐπὶ δέκα ἀνεγνώσθη fkTUAId	
72.3	τῆς εἰρήνης τὴν συμμαχίαν βfTUAId	τὴν συμμαχίαν τῆς εἰρήνης k	τῆς εἰρήνης τὴν συμμαχίαν	τῆς φιλίας ἀπορρήξει τὴν συμμαχίαν D. H.
73.4	ἐλαφηβολιώνος μηνὸς om. amg	ἐλαφηβολιώνος μηνὸς	ἐλαφηβολιώνος μηνὸς	
73.9	προκαθεζόμενος Bernardus	[λέγω] καθεζόμενος Bernardus Dilts	λέγω καθεζόμενος fkTUAId	λέγω post καθεζόμενος am⁴gxL
74.3	γράμμα τι Stephanus	[γραμμάτων] γραμμάτων del. Blass Dilts	γραμμάτων	τοῦτο Bernardus ῥημάτων Weiske (ap. editionem Brēmi)
76.4	— πρέσβεις del. Blass	πρέσβεις βfTUAId cf. 77	πρέσβεις	
76.8	ἀπήσαν εἰς Θῆβας del. Taylor	ἀπήσαν εἰς Θῆβας	ἀπήσαν εἰς Θῆβας	
76.9	εἰς Θῆβας	[εἰς Θῆβας] del. Wilamowitz Dilts	εἰς Θῆβας	
78.7	Μακεδονία κατὰ τὴν πρέσβειαν om. VT , del. Schultz	Μακεδονία κατὰ τὴν πρέσβειαν	Μακεδονία κατὰ τὴν πρεσβείαν	
79.6	τὴν ἀτυχίαν k (cf. 83 τὴν συμφορὰν)	τάς ἀτυχίας βfTUAId (cf. 131)	τάς ἀτυχίας	
81.1	τε k	δ' Π38βfTUAId	δ'	
82.1	οἱ τῇ τῆς πόλεως προσπολεμοῦντες προσπ- post πόλεως af^a	οἱ προσπολεμοῦντες τῇ τῆς πόλεως k	οἱ τῆς πόλεως προσπολεμοῦντες mgVxLf^aTUAId , num recte	τῇ om. βfTUAId

87.6	πάντας δεξιούμενος και προσγελῶν	πάντας προσγελῶν	πάντας δεξιούμενος και προσγελῶν	
	βfTUAlD , sed cf. schol. Aeschin. 194	Π9k (προσ[επι]γελῶν Π9) Prisc.		
88.7	πόλεμον μέγιστόν ἐστι	πόλεμόν ἐστι μέγιστον	πόλεμον μέγιστόν ἐστι	
	βfTUAlD , fort. recte	k cf. Π47(b) πόλεμόν ἐστι δ.....[c. 7]..ι.ον		
90.7	τὸν Ἀθηναίων δῆμον	τὸν δῆμον τῶν Ἀθηναίων	τὸν Ἀθηναίων δῆμον	
	βfTUAlD	k cf. 156		
91.11	γράψαντι	γράφοντι	γράψαντι	
	Π38Π47(e)βfkTUAlD	Schultz		
93.4	τάς μὲν βοηθείας ὡς δεῖ τὴν πόλιν	ὡς δεῖ τὴν πόλιν τάς μὲν βοηθείας	ὡς δεῖ τὴν πόλιν τάς μὲν βοηθείας	
	post βοηθείας βTAld	fkU		
93.8	καλλίου γραφήν	καλλία γραφεῖσαν	καλλίου γραφήν	
	βfkTUAlD	emend. Bl.		
93.8	καὶ τὴν	[καὶ τὴν]	καὶ τὴν	
		del. Blass		
93.8	ἀνάγνωθι	καὶ ἀνάγνωθι	ἀνάγνωθι	
	καὶ om. e, del. Blass			
96.4	ἀπορίαν ἔσεσθαι	ἔσεσθαι ἀπορίαν	ἔσεσθαι ἀπορίαν	
	Π5	βfkTUAlD		
97.2	δ'	τ'	δὲ	
	fkTU , om. βAlD	Blass		
98.3	δισχιλίους	δισμυρίους	δισχιλίους	
	βfTUAlD	Π39k "recte puto" Blass		
99.6	λέγειν ἀριθμῶν	λέγειν	λέγειν ἀριθμῶν	
	fUAlD	βkT Stob.		
100.7	καὶ κελεύει	[καὶ κελεύει]	κελεύων	
	k	del. Franke Dilts	βfTUAlD	
100.11	πρὸς τοὺς Ὠρεῖτας πρέσβεις	[πρὸς τοὺς Ὠρεῖτας πρέσβεις]	πρὸς τοὺς Ὠρεῖτας πρέσβεις	
		del. Weidner Dilts		
103.10	ἐπαγγελλόμενον	ἐπαγγελλόμενον	ἐπαγγελλόμενον	
	βfkTUAlD	corr. Stephanus		
104.2	οὐδὲν	[οὐδὲν]	οὐδὲν	
		del. Reiske Dilts		
105.7	ἔστιν	ἔνεστιν	ἔνεστιν	
	aVxLTAlD	mgfkU		
105.8	ἄ	ὄ	ὄ	
	βfkU^mgAlD Martin-Budé	TU^a corr. Stephanus Dilts		
107.1	ὠνομασμένον	[ὠνομασμένον]	ὠνομασμένον	
		coll. Harp., del. Weidner Dilts		
109.4	αὐτῶν	[αὐτῶν]	αὐτῶν	
		del. Markland Dilts		

110.2	τὸν ὄρκον μόνον om. L	τὸν ὄρκον μόνον mgx	μόνον τὸν ὄρκον aVfTUAld	
110.6	καὶ Λητοῦς	καὶ <τῆς> Λητοῦς add. Sch. coll.111, 121	καὶ Λητοῦς	
111.8	αὐτοῖς fAld	αὐτῶν βkTU schol. cf. 121	αὐτῶν	
114.3	τοῦ Brémi, om. I	ὑπὲρ τοῦ	ὑπὲρ τοῦ	
117.7	τοῦ k	τῶν βfTUAld	τῶν	
118.5	ἀκούσας ἐγὼ om. fAld	ἀκούσας δ' ἐγὼ	ἀκούσας δὲ ἐγὼ	
118.8	γῆν τὴν ἱερὰν βTAld cf. 120, 122, 124, fort. recte	ἱερὰν γῆν fkU cf. 109, 119; Dem. 19.154, 155, 157	ἱερὰν γῆν	
121.7	μηδ' Bekker	μήποθ' μήποθ' fU cf. 111	μήποθ'	μηθ' βkTAld cf. 108
122.1	τοιαῦτα βfkTUAld	ταῦτα Reiske cf. Dem. 18.241	τοιαῦτα	
124.12	ἀνάγνωθι e Blass	ἀναγνώσεται	ἀναγνώσεται	
124.12	— del. Blass sed cf. 190; 1.11, 147	ὑμῖν ὁ γραμματεὺς τὸ ψήφισμα	ὑμῖν ὁ γραμματεὺς τὸ ψήφισμα	
127.9	διατέθηκεν amgV³xL	διατέθεικεν V³fkTU^{mg}Ald	διατέθειμεν U ^a	
131.3	πρώνη γε e	γε πρώνη βfTUAld cf. 252; 1.26	γε πρώνη	πρώνη γε πότε k
131.6	εἶ σὺ ζημίας ἄξιος εἶ ante σὺ k	σὺ ζημίας ἄξιος εἶ	ζημίας εἶ	σὺ om. βfTAld ἄξιος om. U
131.6	ἀλειτήριε Martin-Budé	ἀλιτήριε fkUAld cf. 157.9	ἀλιτήριε	5 τίνος - 8 ἱερά om. T (*caso de haplografia)
135.6	δῶκεν μέγα πῆμα Sauppe	μεγ' ἐπήγαγε πῆμα T^{mg}Ald Hes. <i>Op.</i> 240 sqq.	μέγα πῆμα δῶκε amgxLfkT³U^a (ἔδωκε k)	πῆμα μέγα δῶκε V μέγ' ἐπήλασε πῆμα Chrysippus apud Plu.
136.1	ἐὰν δὲ βTAld	ἐὰν fkU	ἐὰν	
140.3	τῆς aVfU	τῶν mgxLkT	τῆς	τῆς τῶν Ald (per conflat., cf. 84, 118)
140.4	ἐπήγαγε βfkTUAld	ἐπήγε corr. Blass	ἐπήγαγε	
140.10	μόνον VxLT	μόνην amgfkUAld	μόνην	
144.5	τά hab. Martin-Budé	<τά> add. Baiter-Sauppe Dilts	—	

145.7	ὅποι	ὄπου	ὄπότ'	
	Ald Reiske et codd. descripti	βkT cf. Dem. 18.29	fU	
146.3	αὐτῶ	ἐαυτῶ	αὐτῶ	
	βfTUAld	k		
147.9	τοῦτ' ἀγανακτεῖ	τοῦτ' ἤδη ἀγανακτεῖ	τοῦτ' ἀγανακτεῖ	
	ἤδη om. βfTUAld	k		
149.7	κήρυγμά τι τοῦτο	τοῦτο κήρυγμά τι	τούτῳ κήρυγμά τι Pγρ τοῦτο	κήρυγματι τούτῳ k
	cod. Flor. Blass	βfTUAld (τούτῳ U ^a , corr. U ^{ms})		
149.8	αὐτῶ	ἐαυτῶ	ἐαυτῶ	
	βfAld	kTU		
151.3	τοὺς βιωτάρχας ἀπεκάλει	ἀπεκάλει τοὺς βιωτάρχας	τοὺς βιωτάρχας ἀπεκάλεσε	
	ἀπεκάλει U ^{ms} Blass	k Dilts	βfT^aUAld (βιω- U), num recte	
152.6	καὶ σπουδαία	καὶ σπουδαία τῶν ἔργων	καὶ σπουδαία τῶν πραγμάτων	
	τῶν πραγμάτων om. βkT	Alex. Sauppe	fUAld , num recte	
152.7	πάντων	ἀπάντων	ἀπάντων	τῶν am ἀπάντων ἀνθρώπων om. Zon.
	gVxLkT	fUAld Alex.		
152.8	ἐπιχειρήσεις	ἐπιχειρήσειν ἐθελήσεις	ἐπιχειρήσειν ἐθελήσεις	ἐθέλεις U ^{ms}
	Reiske cf. 1.185; Dem. 8.14: βοηθήσειν αὐτοῖς ἀξιώσειν			
153.2	τῇ διανοίᾳ	τὴν διάνοιαν	τὴν διάνοιαν	
	g Bernardus (cf. 157. 186)	amVxLfkTUAld Alex. (cf. 1.179 τὰς ψυχὰς)		
155.7	ὁ	τῶν	ὁ	ὁ τῶν Ald (per conflat.)
	fU om. k , num recte	βT		
155.9	καὶ λελοιπότα	λελοιπότα	καὶ λελοιπότα	
	βTUAld , num recte	fk		
157.4	καὶ παῖδας	παῖδας	καὶ παῖδας	
	βfkTUAld	Hdn.		
158.1	πόλις γὰρ	γὰρ πόλις	πόλις γὰρ	
	βfTUAld	Π42k cf. 1.47, 186; Dem. 18.234, 278		
159.4	ἐκ	ἀπὸ	ἐκ	
	βfkTUAld del. Auger	Scrimg.		
159.9	κατὰ μὲν τοὺς πρώτους χρόνους	[κατὰ μὲν τοὺς πρώτους χρόνους]	κατὰ μὲν τοὺς πρώτους χρόνους	
		del. Taylor		
162.4	υἱός	[υἱός]	υἱός	
		del. Blass		
162.7	ὁ τι	ὁ τι δέ	ὁ τι δέ	
	δέ om. k			
163.12	σαντοῦ	αὐτοῦ	ἐαυτοῦ	αὐτῶ T
	m^ag^c cf. 176	αὐτοῦ am^ag^aVxLk , corr. Bai. Sau.	fUAld	

166.6 166.7	ὑποτέμνεται τὰ νεῦρα τῶν πραγμάτων	ἀνατετεμνήκασί τινες τὰ κλήματα τὰ τοῦ δήμου [ὑποτέμνεται τὰ νεῦρα τῶν πραγμάτων]	ἀνατετεμνήκασί τινες τὰ κλήματα τὰ τοῦ δήμου ὑποτέμνεται τὰ νεῦρα τῶν πραγμάτων	ἀνατετεμνήκασί τινες om. Hdn., del. Blass ὑποτέμνεται] ὑποβέβληται Hdn. τὰ νεῦρα τῶν πραγμάτων om. Hdn., del. Blass τῶν πραγμάτων νεῦρα Poll. τῶν πραγμάτων] τοῦ δήμου D. H.
	ἀνατετεμνήκασί τινες τὰ κλήματα τὰ τοῦ δήμου om. D. H.	del. Dilts	fkTUAld	
168.1	ἄν	ἐάν	ἐάν	
	k	βfTUAld cf. 180. 254		
168.7	καί	καί πάλιν	καί πάλιν	
	om. Martin-Budé	fkTUAld Dilts		
172.7	γεγένηται Δημοσθένης	Δημοσθένης γεγένηται	Δημοσθένης γεγένηται	
	Ald. Martin-Budé	TU		
176.6	σαντοῦ	ἐαυτοῦ	σαντοῦ	
	βfTUAld	k cf. 163		
176.8	δειλίῳ	διὰ δειλίαν	διὰ δειλίαν	διὰ om. VT
	p Schultz			
180.1	—	τὸ ²	τὸ ²	
	τὸ om. k	Π1βfTUAld		
180.3	παραθέμενοι	παρακαταθέμενοι	παρακαταθέμενοι	
	Her werden	Π1βfkTU D. H. (apud schol. 412b) Stob. cf. schol. 412a		
180.4	ταλαιπωρίας	ταλαιπωρίας ὑπομείναντες	ταλαιπωρίας ὑπομείναντες	
	om. Martin-Budé	fkTUAld Dilts		
180.8	ἄν	ἐάν	ἐάν	
	Π1k	βfTUAld Stob. cf. 32. 168. 254		
181.3	—	ἐν	—	
	ἐν om. fUAld	Π1βkT		
181.4	ἐνικᾶτε	ἐνικήσατε	ἐνικᾶτε	νενικήκατε k ἐνικήκατε Π1
	βfTUAld	corr. Schindel coll. 2.80, 1.189, 222		
182.1	ἔγωγε	ἐγὼ	ἔγωγε	
	βfkTUAld	Π1 cf. 1.55		
182.2	ἡγοῦμαι	ἡγοῦμαι εἶναι	ἡγοῦμαι	
	εἶναι om. βfTUAld	Π1k		
182.3	κάκείνων	καί ἐκείνων	καί ἐκείνων	
	Π1k	βfTUAld cf. 1.133		
182.6	οἱ μὴ τετιμημένοι	[οἱ μὴ τετιμημένοι]	οἱ μὴ τετιμημένοι	
		del. Hamaker Dilts		
186.3	ἐστίν, ὃ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, ὃ	ἐστίν ὧν ἐγὼ	ἐστίν, ὃ Ἀθηναῖοι, ὃ	
	βfkTUAld (ἄνδρες om. TUAld)	Π1 et Blass		
186.5	ἀποκρίνασθε ἄν	ἀποκρινεῖσθε	ἀποκρίνεσθε ἄν	ἀποκρινεῖσθε ἄν m^sg^s ἄν ἀποκρινεῖσθ' k ἀποκρίνασθε ἄν m^ax (-σθαι x) ἀποκρίνοισθε Π1^a
	Ald	Π1^c cf. 243	ag^sVLfTU	

187.2	παρά τὸ βουλευτήριον	[παρά τὸ βουλευτήριον]	παρά τὸ βουλευτήριον	
		del. Bake Dilts		
190.7	πόλιος πρώτοι	πόλεως πρώτοι	πρώτοι πόλεως	πρώτοι ἤρξαν πόλεως U^{ms}
	k	corr. Franke ¹	βfTU^aAld , num recte	
191.7	ὄς	οὖς	ὦς	ὥστε Weidner
	fkTU^{ms}Ald	Markland	U^a	
195.4	ἀπὸ φυλῆς αὐτῶ συγκατελθόντων	συγκατελθόντων αὐτῶ ἀπὸ φυλῆς	συγκατελθόντων αὐτῶ ἀπὸ φυλῆς	
	I Blass (hiat.)	βfkTUAld		
195.8	ἐξελαύνειν παρά τοὺς νόμους γράφοντά τι	ἐξελαύνειν γράφοντά τι παρά τοὺς νόμους	ἐξελαύνειν παρά τοὺς νόμους γράφοντά τι	παρά τοὺς νόμους del. Dobree τοὺς ante παρά add. T
	παρά τοὺς νόμους post ἐξελαύνειν βfTUAld	Π12k		
196.3	ἐν τῷ πρυτανείῳ	ἐν πρυτανείῳ	ἐν τῷ πρυτανείῳ	
	βfkTUAld	Π12 et Sch. coll. 178, 2.80; Dem. 19.330		
196.6	τοῖς παράνομα	τοῖς τὰ παράνομα	τοῖς τοῖς παράνομα	
	τὰ om. βfkTAlD	τὰ Π12 et Wei. cf. 7, 11, 192		
197.1	συνηγόρω δικαίω καὶ σώφρονι	δικαίω συνηγόρω	δικαίω συνηγόρω καὶ σώφρονι	
	mgT^a	Π12k	aVxLfT^aUAld	
197.5	ὔδωρ	[ὔδωρ]	ὔδωρ	
		del. Weidner Dilts		
197.7	ψήφω μῆ	ψήφω	ψήφω μῆ	
	βfTUAld	Π12k cf. 8		
198.4	οὐδὲν ὄσιον	οὐδὲν ἐστὶν ὄσιον	οὐδὲν ὄσιον	
	ἐστὶν om. βfTUAld	Π12k		
198.6	τὴν πρώτην ὑμᾶς	ὑμᾶς τὴν πρώτην	ὑμᾶς τὴν πρώτην	
	k	Π12βfTUAld		
199.5	τὴν γραφὴν φεύγοντι	τὴν γραφὴν τῶν παρανόμων φεύγοντι	τὴν γραφὴν τῶν παρανόμων φεύγοντι	τὴν - παρανόμων del. Franke
	τῶν παρανόμων del. Wei., sed cf. 191, 194			
201.5	ἄθορύβως	ἄνευ θορύβου	ἄνευ θορύβου	
	k	βfTUAld cf. 2		
205.3	τὸν	πρὸς τὸν	—	καὶ τὸν βTAlD
	Blass	k	πρὸς τὸν om. fU	
205.4	λέγω	[λέγω]	λέγων	
		del. Blass Dilts		
207.6	μεταβαλλόμενος	μεταβαλλόμενος	μεταβαλλόμενος	
	βfkTUAld	corr. Blass		
209.2	φύγω	καταφύγω	καταφύγω	
	βT	fkUAld, cf. infra		
209.3	με	με ἐκ τῆς πολιτείας	με ἐκ τῆς πολιτείας	
	ἐκ τῆς πολιτείας om. k			
214.3	φησὶ φοβείσθαι	[φησὶ φοβείσθαι]	φησὶ φοβείσθαι	
		del. Hamaker		

214.7	ἀλλήλων	ἀλλήλων ἀδικεῖν	ἀλλήλων ἀδικεῖν	
	ἀδικεῖν om. VT, del. Blass sed cf. 1.111 et 2.6			
217.3	ἕκαστον	ἕκαστα	ἕκαστα	
	Ald pace Π46	kTU		
217.4	πρὸς πολιτεῖαν	πρὸς τὴν πολιτεῖαν	πρὸς τὴν πολιτεῖαν	
	om. Martin-Budé			
217.8	βουλοίμην	βουλοίμην <ἄν>	βουλοίμην	
		add. Bekker Dilts		
217.9	ἐδεξάμην	δεξάμην	ἐδεξάμην	
	βfkTUAld Martin-Budé	corr. Blass Dilts cf. 1.55		
220.3	λανθάνειν	λανθάνειν ἡμᾶς	λανθάνειν ἡμᾶς	
	am	gVxLfkTUAld		
221.6	δωροδοκηθέντα χρόνων ἐγγεγεννημένων ἐν οἷς ὑπ' ἐμοῦ φανερώς ἐξηλέγχου	δωροδοκηθέντα ἐν οἷς ὑπ' ἐμοῦ φανερώς ἐξηλέγχου χρόνων ἐγγεγεννημένων	δωροδοκηθέντα χρόνων ἐγγεγεννημένων ἐν οἷς ὑπ' ἐμοῦ φανερώς ἐξηλέγχου	
	χρόνων ἐγγεγεννημένων post 5 δωροδοκηθέντας βfkTUAld	transp. Dobree		
222.3	τριακοσίων	τριακοσίων νεῶν	τριακοσίων νεῶν	
	νεῶν om. βT			
222.6	πλέον	πλείον	πλείον	
	βTAld	fkU		
222.6	ὅτε	ὄπερ	ὅτε	ὀπότε k ὄποτε Weidner ὄτω Cobet ναυτικὸν οὐ εἶχον ὅτε schol. 222.484
	βfTUAld	(vel ὄ) Dobree		
224.3	καὶ ἀπὸ	καὶ <ὄ> ἀπὸ	καὶ ἀπὸ	
		add. Blass Dilts		
224.6	καὶ ¹	[καὶ ¹]	καὶ ¹	
		del. Cobet Dilts		
226.1	ἀντερωτᾶς	ἀνερωτᾶς	ἀνερωτᾶς	
	β	fkTUAld		
227.5	αἰτεῖς	ἦτεῖς	αἰτεῖς	
	βfkTUAld	corr. Blass		
228.7	εὐπορίαν λόγων	λόγων ἐμπειρίαν	λόγων ἐμπειρίαν	λόγων εὐπειρίαν m ^g εὐροίαν λόγων Blass
	k	am ^g VxLfU ^a Ald (ἀπορίαν aU ^{mg}), cf. 1.24		
230.2	ἀποβλέψαντες	ἀποβλέποντες	ἀποβλέποντες	ἀναβλέψαντες k
	ez cod. Flor.	βfTUAld		
231.6	οὐκ οἴεσθε	οὐκ <ἄν> οἴεσθε	οὐκ οἴεσθε	
		add. Cobet Dilts		
235.4	ταφᾶς καὶ	[ταφᾶς καὶ]	ταφᾶς καὶ	
		del. Weidner Dilts		
235.8	μέμνησθ'	μεμνήσεσθ'	μέμνησθε	
	βfkTUAld	corr. Cobet		
235.9	δήμου	τῆ τοῦ δήμου	τῆ τοῦ δήμου	
	τῆ τοῦ om. k			

237.4	τῶ Ἀθηναίων	τῶν Ἀθηναίων	τῶν Ἀθηναίων	
	fAld	βkTU		
237.12	λανθάνειν οἶει	οἶει λανθάνειν [ἡμᾶς]	οἶει λανθάνειν ἡμᾶς	
	Martin-Budé Dilts	ἡμᾶς om. k, sed cf. 220	βfTUAld	
238.6	ἐν τῇ ἐπιστολῇ	[ἐν τῇ ἐπιστολῇ]	ἐν τῇ ἐπιστολῇ	
		del. Hamaker Dilts		
239.5	αὐτὸ τοῦτο	αὐτὸ	αὐτὸ τοῦτο	
	fkTUAld	τοῦτο om. Dilts		
239.9	ἀπεστέρηκας	ἀπεστέρησας	ἀπεστέρησας	
	D	βfkTUAld		
241.3	ἐγκωμιάσει	ἐγκωμιάζει	ἐγκωμιάσει	
	βfkTUAld	corr. Reiske		
241.5	μὲν	[μὲν]	μὲν	
		del. Gebauer Dilts		
241.7	δὲ	[δὲ]	δὲ	
		del. Markland Dilts		
242.2	ποιῆσαι	ποιήση	ποιήσαι	ποιησαιάσθω U ^{mg}
	βfkTU ^a Ald	corr. Bekker		
243.2	στεφανοῦσθαι	στεφανῶσαι	στεφανοῦσθαι	
	βfkTUAld	corr. Blass coll. 26. 182. 187. 212. 236		
243.6	ἄμα	ἄμα σοι	ἄμα σοι	σοι ἄμα k
	del. σοι Weidner [hiat.]	βfTUAld		
244.1	—	δώσετε	οὐ δώσεται	οὐ δώσετε amVlf TU ^{sl} Ald (-ται U ^a), num recte
	δώσετε del. Sauppe	gxk	U ^a	
245.5	ἄθλον τὸν	ἄθλον <μὲν> τὸν	ἄθλον τὸν	
		add. Blass Dilts		
246.3	πολὺ	πολὰ	πολὺ	
		(sic) Dilts		
248.3	ὄντας	<δ> ὄντας	ὄντας	
		add. Blass Dilts		
248.6	τὸ πολὺ	πολὺ	πολὺ	
	f	βkTUAld, cf. 1.179		
249.3	τὸν λόγον	καὶ τῶν λόγων	καὶ τῶν λόγων	
	amgVLTU ^{mg}	xfkU ^a		
250.1	εἰ	ὅτι	ὅτι	
	amgVLT	xfkUAld		
250.5	ἐστὶν ἐκ	ἐστὶν ἢ ἐκ	ἐστὶν ἐκ	
	ἢ om. amgVlfTUAld			
250.8	ὕμιν	[ὕμιν]	ὕμιν	
		del. Sauppe Dilts		
252.2	πόλλακις μέμνημένος	μέμνημένος πόλλακις	πόλλακις μέμνημένος	
	amgVlfTUAld	xk		

252.8	ψῆφος	μόνον	μόνον	
	Harp. S. utrum del. coni. Baïter-Sauppe	Π47(t)βfκTUAld		
252.9	ἦ ἀπέθανεν	[ἦ ἀπέθανεν]	ἦ ἀπέθανεν	
		del. Schaefer Dilts		
254.1	μέμνησθε	μῆν μνήσθητε	μέμνησθε	μῆ οὐ μνησθήτε Sauppe
	LfUAld	amgVxkT (Bekker)		

3.2.9. Análise de casos

a. As cinco novas edições diferentes

Esta edição intervém com cinco novas leituras relativamente à edição de Martin-Budé e Dilts. Apresentamos abaixo os casos que são sobretudo de intervenção conjectural dos editores modernos (na maior parte dos casos deleções), e posteriormente adoptados por Martin-Budé e Dilts, mas nos quais não considerámos haver necessidade de intervenção, na medida em que a tradição manuscrita é relativamente consistente e coerente e dá-nos uma leitura possível. Nestes casos, onde a gramaticalidade das frases não é posta em causa, e segundo a nossa metodologia, demos preferência à tradição manuscrita.

[57.8] ποιῆσθαι μέλλειν **βfTUAld** μέλλειν ποιῆσθαι **k** Dilts ποιῆσθαι del. Weidner
Martin-Budé ποιῆσθαι μέλλειν del. Blass

A deleção de Weidner, seguida por Martin-Budé, decorre no sentido de que na maioria das vezes em que o presente do infinitivo médio ποιῆσθαι ocorre na obra de Ésquines, este encontra-se isolado. No entanto, não raras vezes, μέλλειν, num infinitivo ou conjugado, ocorre também para marcar a noção de futuro numa construção perifrástica. Logo, se a tradição manuscrita apenas se opõe na questão da *transpositio* de palavras, não julgámos haver necessidade de eliminação de ποιῆσθαι, segundo Weidner e Martin-Budé, ou inclusivamente a total remoção da expressão, segundo Blass. O infinitivo μέλλειν, em Ésquines, tanto ocorre antes como depois do verbo principal, e por essa razão seguimos a leitura mais bem atestada da tradição manuscrita.

[69.3] ἐκκλησιῶν – δέκα **k** τῆ – δέκα post δόγμα **βfTUAld** τῆ ὀγδόῃ δέκα del. Taylor Martin-Budé Dilts, sed cf. 68 et 98

Aquando da realização das embaixadas atenienses a Filipe II da Macedónia, Ésquines e Demóstenes referenciam, nos textos *Sobre a Falsa Embaixada*, *Contra Ctesifonte* e *Sobre a Coroa*, as datas de realização das sessões da Assembleia, em Atenas, que conduziram à

celebração da Paz de Filócrates: 18 e 19 de Elafebólion. A forma mais atestada de marcar essas datas é τῆ ὀγδόῃ ἐπὶ δέκα e ἐνάτῃ ἐπὶ δέκα¹³³, com a preposição ἐπὶ. Os editores Taylor, Martin-Budé e Dilts, além de eliminarem a unidade crítica, desconsideraram a preposição ἐπὶ, ainda que Martin-Budé nos dê conta dela em aparato crítico. Por consistência com o estilo de Ésquines e de Demóstenes, editamos a preposição ἐπὶ, atestada na tradição manuscrita.

Outra questão que ressalta desta unidade crítica é a sua posição no texto: depois de δόγμα em **βfTUAld** ou depois de ἐκκλησιῶν em **k**. Tendo em conta o estilo linguístico de Ésquines, diferente do estilo retórico, dos hipérbatos e das construções grandiosas de Demóstenes, Ésquines tende a apresentar um estilo mais simples, e por essa razão cremos que faz sentido, no início do parágrafo 69, acoplar os complementos da frase e não colocar a informação da data entre δόγμα κοινὸν τῶν συμμάχων.

[110.2] μόνον τὸν ὄρκον **aVfTUAld** τὸν ὄρκον μόνον **mgx** Dilts μόνον om. **L**
Martin-Budé

Por um lado, é muito frequente encontrar em Ésquines a coordenação copulativa de frases, segundo a estrutura μόνον... ἀλλὰ καὶ. Esta unidade crítica é mais uma dessas expressões, pelo que não concordamos com a deleção de μόνον por **L** e Martin-Budé, de modo a podermos manter o paralelismo e a coordenação da primeira frase com a seguinte.

Por outro, entre a *transpositio* das leituras, atestada pela maioria dos manuscritos e por **mgx** e Dilts, optámos pela mais bem atestada. Não somos indiferentes, no entanto, ao facto de a família **β** (**amgVxL**) estar dividida entre as leituras, o que evidencia a dificuldade da passagem, agravada pela haplografia de **k** (ver aparato crítico [109.7]), que omite, neste ponto, várias linhas de texto.

[166.6/7]

6 ἀνατετεμνήκασί – δήμου om. D. H., del. Martin-Budé ἀνατετεμνήκασί τινες om. Hdn., del. Blass | ἀνατετεμνήκασί] ἀνατετεμνήκασί **TUAld** | τὰ² om. **fkTUAld**
7 ὑποτέτμηται - πραγμάτων del. Dilts | ὑποτέτμηται] ὑποβέβληται Hdn. | τὰ – πραγμάτων om. Hdn., del. Blass | τῶν πραγμάτων νεῦρα Poll. | τῶν πραγμάτων] τοῦ δήμου D. H.

Este caso apresenta uma metáfora de contexto natural e médico. Por um lado, Martin-Budé omitem a primeira parte da metáfora [166.6] apoiados pela recensão de Dionísio de Halicarnasso, e Dilts omite a segunda parte da metáfora, apoiado pela recensão de Herodiano, e em parte pela de Pollux e de Dionísio de Halicarnasso. Ora, Ésquines põe esta metáfora na boca de Demóstenes, numa intervenção sua na Assembleia. No *corpus*

¹³³ Dem. 19.57.

de Demóstenes, aparece uma única vez τὰ νεῦρα, em 19.283, precisamente a colocar em Ésquines o uso da metáfora da falta de vigor na punição dos malfeitores da cidade (μη νεῦρ' ἐπὶ τοὺς ἀδικοῦντας ἔχει). Apesar desta única referência em Demóstenes não ser propriamente útil para a selecção da nossa leitura, a tradição manuscrita é bastante consistente, o que nos fez optar por transmitir ambas as partes da metáfora, que, de resto, não são descabidas em Ésquines (exemplo da citação de poetas), *pace* Dionísio de Halicarnasso, Pollux e Herodiano.

[237.12] ἡμᾶς del. Blass Martin-Budé Dilts, cf. 220

A maioria das questões críticas relacionadas com a transmissão do pronome pessoal, na sua forma de objecto directo (ou com outras funções sintáticas), tem que ver com a divergência entre a primeira pessoa do plural e a segunda do plural¹³⁴. Em alguns manuscritos, é fácil confundir um *η* (eta) com um *υ* (ípsilon), se o *η* desenhado se parecer a um *n* capitalizado em caracteres de pequenas dimensões (*N*); que, por sua vez, se confundirá a um *υ*, caso seja desenhado mais vincadamente na sua base, quase parecendo um *ν* (nu).

Não é de todo o caso aqui presente. Trata-se de uma deleção proposta por Blass, seguida por Martin-Budé e Dilts, cuja tradição manuscrita não apoia e cujo parágrafo 220 nos dá um paralelo desta mesma exacta expressão.

b. Conjecturas antecipadas

[105.8] ᾗ βfkU^{mg}Ald, hab. TU^a, corr. Stephanus

Stephanus propõe a correcção do pronome relativo ᾗ para ὃ, o primeiro no neutro do plural e o segundo no masculino singular e ambos com função de sujeito. A correcção proposta ocorre porque a forma verbal ἔνεστιν está no singular, referenciando apenas um homem (οὐκ ἔνεστιν ἄνδρα γεγονέναι ἀγαθόν) e a palavra ἄνδρα será substituída pelo pronome relativo. No entanto, uma vez usando o verbo ser, na sua forma composta ἔνεστιν, seria também admissível o uso do neutro do plural, que é, de resto, a leitura seguida pela edição de Martin-Budé.

É, por isso, curioso notar que a primeira mão de **U** transmite a correcção proposta por Stephanus, ou seja ὃ, e à margem corrige para a leitura que é transmitida pela tradição manuscrita. Por seu lado, **T** mantém ὃ, sem qualquer correcção, ambos confirmando, por fim, a conjectura de Stephanus, adoptada por Dilts.

¹³⁴ Vejam-se os aparatos críticos dos parágrafos 18, 20, 47, 58, 59, 67, 68, 70, 73, 78, 79, 80, 86, 87, 93, 94, 100, 123, 125, 129, 134, 137, 141, 143, 157, 161, 163, 172, 173, 175, 178, 186, 189, 193, 196, 212, 240, 247, 256, 258.

[151.3] τοὺς βοιωτάρχας ἀπεκάλει U^{mg} Blass Martin-Budé ἀπεκάλει τοὺς βοιωτάρχας k Dilts τοὺς βοιωτάρχας (βιω- U) ἀπεκάλεσε $\beta f T^c U^a Ald$, num recte?

Estamos perante um caso de *conflatio* de U^{mg} , que adopta a ordem frásica de $\beta f T^c U^a Ald$ (que de resto já o fazia antes da correcção), e que, por contaminação de k , adopta o imperfeito do indicativo activo ἀπεκάλει, substituindo o aoristo ἀπεκάλεσε. Esta é a leitura adoptada por Blass e Martin-Budé, que não seria uma conjectura confirmada, caso todos os manuscritos que transmitem os discursos de Ésquines estivessem colacionados. É uma novidade unicamente registada no manuscrito português e, cremos, reconhecimento da sua validade filológica, pela deliberada intervenção do copista do manuscrito. A construção do texto admite ambas as formas verbais e, nesse sentido, reconhecemos que ἀπεκάλεσε, sendo a mais bem atestada da tradição manuscrita, possa ser a leitura original. No entanto, devemos ter em conta que k transmite ἀπεκάλει e que U^{mg} corrigiu ἀπεκάλεσε e, ainda, que os editores Blass, Martin-Budé e Dilts preferem a forma de imperfeito à de aoristo. Esta é também a nossa escolha, uma vez que, de acordo com o teor do texto e invectiva constante de Ésquines a Demóstenes, é sensato usar o imperfeito para denotar a acção continuada de Demóstenes que, quando sobe à tribuna, chama traidores a todos os Gregos.

c. Homeoteleuto

[131.5] τίνοϛ - [131.8] ἱερά om. T

O caso mais exemplificativo de homeoteleuto na análise dos novos manuscritos (TU) ocorre no corpo de T . Há outros casos de homeoteleuto noutros manuscritos (nomeadamente em cabeças de famílias, como nos manuscritos fk), mas interessa-nos sublinhar esta novidade em T . Sabemos que este manuscrito foi revisto, porque apresenta correções, anotações à margem e *supra lineam*, no entanto este homeoteleuto não foi corrigido.

É um caso fácil de identificar e de perceber, pois a unidade crítica que induziu o copista em erro é grande (οὐκ ἦν αὐτῷ καλὰ τὰ ἱερά) e repete-se igual e imediatamente um pouco mais abaixo. Além disso, este homeoteleuto elimina uma passagem em que as próprias famílias de manuscritos não são consensuais, pois admitem casos de deleção e transposição de palavras (ver aparato crítico para [131.6]).

d. Ditografia

[196.6] τὰ Π12 et Weidner cf. 7, 11, 192 om. $\beta fk T Ald$ τοῖϛ U

Em relação a casos de ditografia, este é o caso mais exemplificativo e curioso de

analisar. A passagem em questão é τοῖς τὰ παράνομα γράφουσι. O artigo τὰ está presente no papiro 12 e é também conjecturado por Weidner, com quem concordamos, não só pela presença da leitura no papiro, como também por questões linguísticas, pois é constante a repetição da expressão nos textos de Ésquines. O artigo neutro τὰ é, no entanto, omitido de toda a tradição manuscrita e também da aldina. Em **U**, contudo, podemos concluir que a repetição do segundo τοῖς é propositada, pois na revisão o copista deste segmento colocou quatro pontos subscritos indicando a leitura errónea. Todavia, não há qualquer indicação de correção à margem, nem há rasuras, e por isso concluímos que é possível que o seu modelo tivesse já esta repetição. O copista reproduziu-a, mas assinou-a com os quatro pontos subscritos, de modo a mostrar o seu desacordo, mesmo sem propor alteração. Cremos que a explicação de não ter ocorrido correção do copista se deve aos exemplos de assimilação regressiva de alguns artigos definidos nos casos de palavras antecedentes, embora o único exemplo ocorra apenas na expressão ὁ δῆμος ὁ Ἀθηναίων ([46.6], [48.4], [209.5] e [258.7]) e nunca com τὰ παράνομα ([7.2], [11.8] e [192.4]).

e. Haplografia

[205.3] πρὸς τὸν **k** om. **fU** καὶ τὸν **βTAld** τὸν Blass

Este caso de haplografia ocorre no conjunto **fU**, o que nos leva, de novo, a questionar que modelo terá seguido **U** para a sua cópia, uma vez que a omissão que gera a haplografia apenas se encontra em nestes dois manuscritos. É facilmente explicada pela presença de πρῶτον imediatamente antes de πρὸς τὸν, o que induziu o copista do manuscrito **f** em erro. Não podemos confirmar se o caso se mantém nos restantes treze manuscritos dependentes de **f**, porque não tivemos acesso a eles, mas podemos, no entanto, verificar que a aldina, também ela dependente de **f**, segundo o esquema da tradição manuscrita de Ésquines proposto por Diller, não segue a leitura da omissão, aliás socorre-se da leitura dos manuscritos da família **β**, e seleciona καὶ τὸν em vez de πρὸς τὸν, talvez para evitar a repetição. Contudo, esta repetição evidencia um paralelismo com a oração anterior, e por esse motivo, uma vez que estilisticamente o *Contra Ctesifonte* está pejado de paralelismos, optámos por selecionar a leitura de **k**.

SEGUNDA PARTE

EDIÇÃO CRÍTICA

COMPENDIA AVCTORVM ANTIQVORVM

Aeschin.	Aeschines	Mant.	<i>Mantissa Proverbiorum</i> , ed. Schneidewin/Leutsch
Alex.	Alexander rhetor	Paus.	Pausanias
And.	Andocides	Ph.	Photius
Anon.	Anonymus	Philod.	Philodemus
Apostol.	Apostolius	Phoeb.	Phoebammones
Aps.	Apsines	Plan.	Planudes
Aristid.	Aristides	Plin.	Plinius
Chrysip.	Chrysippus	Plu.	Plutarchus (Mor., v. Phoc., v. Dem.)
D. C.	Dion Cassius	Poll.	Pollux
Dem.	Demosthenes	Prisc.	Priscianus
D. H.	Dionysius Halicarnasensis	Quint.	Quintilianus
D. S.	Diodorus Siculus	<i>Rhet. Her.</i>	<i>Rhetorica ad Herennium</i>
Demetr.	Demetrius	S. E.	Sextus Empiricus
Doxopatr.	Doxopatrae	Soptr.	Sopatrus
Gnom.	<i>Gnomologium</i> , ed. Boissonade	Stob.	Stobaeus
Harp.	Harpocratio	Suid.	Suidae
Hdn.	Herodianus	Syr.	Syrianus
Hermog.	Hermogenes	Theod.	Theodorus Gaza
Hes.	Hesiodus	Theon	Theon Rhetor
Io. Sard.	Ioannes Sardianus	Tib.	Tiberius
Io. Sic.	Ioannes Siceliota	Tz.	Tzetzes
Lex. Pat.	<i>Λέξεις μεθ' ἱστοριῶν ἐκ τῶν Δημοσθένους λόγων</i> , ed. Sakkelion	vita Dem.	vita Demosthenes
Luc. Peregr.	Lucianus	Z.	Zonaras
Lycurg.	Lycurgus	Zon.	Zonaeus
Lys.	Lysias		
Marcell.	Marcellus Sidetes		

TABVLA AVCTORVM RECENTIORVM

Auger	Cobet	Heyse	Reising	Simcox
Baiter	Dilts	Jacoby	Reiske	Stephanus
Baiter-Sauppe	Dindorf	Kaibel	Rhodes	Taylor
Bake	Dobree	Kleyn	Richards	Usener
Bekker	Emperius	Lambin	Sakorrhaphos	Vitelli
Bekker	Franke	Lobeck	Sauppe	Wackendorf
Benseler	Frohberger	Markland	Schaefer	Weidner
Bernardus	Gebauer	Naber	Schanz	Westermann
Blass	Halm	Orelli	Scheibe	Wilamowitz
Boekmeijer	Hamaker	Papavasilius	Schindel	Wolf
Brémi	Hernández	Petrus Faber	Schultz	
Budé-Martin	Herwerden	Poutsma	Schöll	

CONSPECTVS SIGLORVM

β deperditus

a = Angelicus gr. 44 saec. XVIII

m = Parisinus gr. 3003 saec. XV

g = Parisinus gr. 2930 saec. XV

V = Vaticanus gr. 64 an. 1269/70

x = Parisinus supp. gr. 660 saec. XIV

L = Laurentianus 57,45 saec. XV

f = Coislitanus 249 saec. X

k = Parisinus gr. 2998 saec. XIII/ XIV

T = Matritensis 4693, ca. 1462

U = BNP Reservado 463 (Ulyssiponensis), saec. XVI

Ald = Editio Aldina an. 1513

CODICES DERIVATI

cod. **Flor.** = Laurentianus 60.4, saec. XV

A = Laurentianus conv. soppr. gr. 84, saec. XIV

B = Barberinus gr. 159 (olim 139), saec. XV

d = Marcianus gr. VIII 20, an. 1351

D = Ambrosianus G 69 sup (gr. 409), ca. 1453

e = Marcianus gr. VIII 4, an. 1208

h = Parisinus gr. 2947, saec. XV

I = Parisinus gr. 3002, saec. XVI

p = Wolfenbüttel 902, an. 1423

q = Philips 8077, saec. XV

S = Ambrosianus I 22 sup. (gr. 455), incert.

z = Mosquensis gr. 475, incert.

PAPYRI

Π1 Ctesiph. 178-86 Pap. Vindob. G. 2.314 (1886), saec. I-III

Π3 Ctesiph. 166 sq. Pap. Oxy. 457 (1903), saec. II

Π5 Ctesiph. 94. 96. Pap. Oxy. 703 (1904), saec. III

Π7 Ctesiph. 14-27 Pap. Oxy. 1625 (1919), saec. II

Π8 Ctesiph. 47 Pap. Groning. (Amstelod. 2) (1993), incert.

Π9 Ctesiph. 86. sq. Pap. Mil. Vogl. 2.41 (inv. 221) (1937), incert.

Π12 Ctesiph. 194-200 Pap. Hamb. 165 (inv. 406) (1954), saec. II

Π13 Ctesiph. 24. 26. sq. Pap. Duk. inv. G3 (ex Pap. Robinson inv. 1) (1955)

Π14 Ctesiph. 51 sq. Pap. Oxy. 2404 (1957), saec. II-III

Π18 Ctesiph. 239 Pap. Köln VI 254 (1987)

Π31 Ctesiph. 6-7 Pap. Oxy. 4039 (1994), saec. I-II

Π32 Ctesiph. 8 Pap. Oxy. 4040 (1994), saec. II-III

Π33 Ctesiph. 15-17. 22-23 Pap. Oxy. 4041 (1994), saec. II-III

Π34 Ctesiph. 33-34. 35-36 Pap. Oxy. 4042 (1994), saec. II

Π35 Ctesiph. 39 Pap. Oxy. 4043 (1994), saec. II-III

- Π36 Ctesiph. 56-58 Pap. Oxy. 4044 (1994), saec. II
 Π37 Ctesiph. 57-59. 60-61 Pap. Oxy. 4045 (1994), saec II-III
 Π38 Ctesiph. 80-81. 91 Pap. Oxy. 4046 (1994), saec. V-VI
 Π39 Ctesiph. 98 Pap. Oxy. 4047 (1994), saec. II
 Π40 Ctesiph. 101 Pap. Oxy. 4048 (1994), saec. I
 Π41 Ctesiph. 110-115 Pap. Oxy. 4049 (1994), saec. III
 Π42 Ctesiph. 157-158 Pap. Oxy. 4050 (1994), saec. II-III
 Π43 Ctesiph. 160-161 Pap. Oxy. 4051 (1994), saec. II
 Π44 Ctesiph. 195-196 Pap. Oxy. 4052 (1994), saec. I-II
 Π45 Ctesiph. 213-214. 215-216 Pap. Oxy. 4053 (1994), II-III
 Π46 Ctesiph. 216-217 Pap. Oxy. 4054 (1994), saec. II-III
 Π47 Ctesiph. 87-92. 94. 220, 223-225. 233-234. 240. 242. 248-249. 252 Pap. Oxy. 4055 (1994), II-III
 Π48 Ctesiph. 162-163 Pap. Oxy. 2404 (1997), saec. II-III

SIGLA

add. = addidit	^a = ante correctionem
ap. = apud	^c = post correctionem
arg. = argumentum	^{mg} = in margine
cett. = ceteri	^{sl} = supra lineam
cf. = confer	[] includuntur quae eiecta sunt
conflat. = conflatio	< > includuntur quae addita sunt
coni. = coniecit	
cod.(d). = codex, codices	
corr. = correxit, -erunt, correcte	
def. = defendit	
del. = delevit	
edd. = editiones	
emend. = emendavit	
fen. = fenestra	
fort. = fortasse	
gloss. = glossa	
hab. = habet	
hiat. = hiatus	
homeot. = homeoteleuton	
incert. = incertus, -i	
mal. = maluit	
om. = omittit, -unt	
praeb. = praebet	
repetit. = repetitio	
serv. = servat	
schol. = scholium, -ia	
susp. = suspexit	
term. = terminatio	
tit. = titulus, -um	
transp. = transposuit	

Nota de leitura:
Todos os "cf." em aparato crítico referem-se ao
número do parágrafo.

ΚΑΤΑ ΚΤΗΣΙΦΩΝΤΟΣ

[1] Τὴν μὲν παρασκευὴν ὁρᾶτε, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, καὶ τὴν παράταξιν ὅση γεγένηται, καὶ τὰς κατὰ τὴν ἀγορὰν δεήσεις, αἷς κέχρηται τινες ὑπὲρ τοῦ τὰ μέτρια καὶ τὰ συνήθη μὴ γίγνεσθαι ἐν τῇ πόλει· ἐγὼ δὲ πεπιστευκῶς ἦκω πρῶτον μὲν τοῖς θεοῖς, δεύτερον δὲ τοῖς νόμοις καὶ ὑμῖν, ἡγούμενος οὐδεμίαν παρασκευὴν μείζον ἰσχύειν παρ' ὑμῖν τῶν νόμων καὶ τῶν δικαίων.

[2] Ἐβουλόμην μὲν οὖν, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, καὶ τὴν βουλὴν τοὺς πεντακοσίους καὶ τὰς ἐκκλησίας ὑπὸ τῶν ἐφεστηκότων ὀρθῶς διοικεῖσθαι, καὶ τοὺς νόμους οὓς ἐνομοθέτησεν ὁ Σόλων περὶ τῆς τῶν ῥητόρων εὐκοσμίας ἰσχύειν, ἵνα ἐξῆν πρῶτον μὲν τῷ πρεσβυτάτῳ τῶν πολιτῶν, ὡσπερ

tit. αἰσχίνου κατὰ κτησιφώντος **amVLfk** αἰσχίνου ῥήτορος κατὰ κτησιφώντος **xAlD** τοῦ αὐτοῦ λόγος τρίτος κατὰ κτησιφώντος **T** αἰσχίνου ῥήτορος λόγος κατὰ κτησιφώντος γράψαντος στεφανῶσθαι δημοστένην παιανιέα **U**

[1]

2 τὴν¹ om. Harp. Ph. | παράταξιν συντάξιν (sic) **U^{ms}** | τὴν² om. Harp.
3 μέτρια] προ(σ)ήκοντα (**U^{ms}**) vel καθήκοντα schol. 3.1.4a | τὰ² om. **k**
4 ἐν del. Naber cf. 6, 8, 25, 156 ἄν schol. 3.1.1b (**D**)
5 δεύτερον δὲ **βfTUAld** ἔπειτα δεύτερον **k** (cf. 1.7) ἔπειτα Stephanus
6 μείζον ἰσχύειν **k** μείζον post ὑμῖν **βfTUAld**

[2]

1 μὲν om. Anon. | οὖν] ἄν Dobree cf. 115
2 τῶν πεντακοσίων **TU^{ms}** | ἐφεστηκότων] προεστώτων **U^{s1}**
4 ὁ om. **k**
5 ἐξῆν cod. **Flor.** Bekker ἐξῆ **mgV^axLfkTUAld** ἔξει **a**
ἐξὸν ἦν **V^cU^{ms}**

οἱ νόμοι προστάττουσι, σωφρόνως ἐπὶ τὸ βῆμα παρελθόντι
 ἄνευ θορύβου καὶ ταραχῆς ἐξ ἐμπειρίας τὰ βέλτιστα τῆ
 πόλει συμβουλευεῖν, δεύτερον δ' ἤδη καὶ τῶν ἄλλων πολι-
 τῶν τὸν βουλόμενον καθ' ἡλικίαν χωρὶς καὶ ἐν μέρει περι-
 10 ἐκάστου γνώμην ἀποφαίνεσθαι· οὕτω γὰρ ἂν μοι δοκεῖ ἢ
 τε πόλις ἄριστα διοικεῖσθαι, αἶ τε κρίσεις ἐλάχισται γίγνε-
 σθαι.

[3] Ἐπειδὴ δὲ πάντα τὰ πρότερον ὠμολογημένα καλῶς 1
 ἔχειν νυνὶ καταλέλνται, καὶ γράφουσί τε τινὲς ῥαδίως πα-
 ρανόμους γνώμας, καὶ ταῦτα ἕτεροὶ τινες τὰ ψηφίσματα
 ἐπιψηφίζουσιν, (οὐκ ἐκ τοῦ δικαιοτάτου τρόπου λαχόντες
 προεδρεύειν, ἀλλ' ἐκ παρασκευῆς καθεζόμενοι), ἂν δέ τις 5
 τῶν ἄλλων βουλευτῶν ὄντως λάχῃ κληρούμενος προεδρεύ-
 ει, καὶ τὰς ὑμετέρας χειροτονίας ὀρθῶς ἀναγορεύῃ, τοῦτον
 οἱ τὴν πολιτείαν οὐκέτι κοινήν, ἀλλ' ἤδη ἰδίαν αὐτῶν
 ἡγούμενοι, ἀπειλοῦσιν εἰσαγγελεῖν, καταδουλούμενοι τοὺς
 ἰδιώτας καὶ δυναστείας ἑαυτοῖς περιποιούμενοι, [4] καὶ τὰς 1

[2]

6 προστάττουσι **k** κελεύουσι **βftUAld**

7 ἄνευ - ταραχῆς del. Blass

9 βουλεύόμενον **U^a**, corr. **U^{mg}** | χωρὶς om. **k** | καὶ ἐν μέρει del. Blass cf.
 4; 1.35

10 δοκεῖ **LfU** δοκῆ **amgVxf^akTAld**

11 ἐλάχισται] οὐχ ἐλάχισται schol. 3.2.8 ἐλάχισται **TAld** οὐδὲ
 ἐλάχισται **U^{mg}** τάχιστα Bekker

[3]

2 τε om. **fkTUAld**

3 ταῦτα **βfkUAld** ταῦθ' **T** ταύτας Cobet τοιαῦτα Markland |
 τὰ ψηφίσματα del. Westermann Dilts

5 προεδρεύειν del. Weidner | ἂν **βftU^aAld** ἐὰν **k** εἰ **U^{sl}**

6 ὄντως **amgxfLU^aAld** ὄντων **V^k** οὕτως **V^a** οὕτω **T**
 ἀληθῶς **U^{mg}** | κληρούμενος del. Westermann Dilts | κληρούμενος
 προεδρεύειν del. Cobet | προεδρεύειν del. Weidner

8 οὐκέτι κοινήν **fkU D. C.** κοινήν οὐκέτι **βT** οὐκ ἔστι κοινήν **Ald** |
 ἀλλ' ἤδη **k** cf. 1.18; 2.72; 3.134 ἀλλ' **amgfTUAld** ἤδη ἀλλ' **VxL**

9 ἡγούμενοι **amgxLk** ἡγούμενοι εἶναι **VftUAld** | εἰσαγγέλλειν
βfkTUAld, corr. Bernardi

10 δυναστείας **βftUAld** τὰς δυναστείας **k** | περιποιούμενοι **k**, cf. 89
 περιποιούντες **βftUAld**

[4]

1 καὶ om. **amV^axLfTUAld**

κρίσεις τὰς μὲν ἐκ τῶν νόμων καταλελύκασι, τὰς δ' ἐκ τῶν ψηφισμάτων μετ' ὀργῆς κρίνουσιν, σεσίγηται μὲν τὸ κάλλιστον καὶ σωφρονέστατον κήρυγμα τῶν ἐν τῇ πόλει 'τίς ἀγορεύειν βούλεται τῶν ὑπὲρ πενήκοντα ἔτη γεγονότων, καὶ πάλιν ἐν μέρει τῶν ἄλλων Ἀθηναίων;' τῆς δὲ τῶν ῥητόρων ἀκοσμίας οὐκέτι κρατεῖν δύνανται οὔθ' οἱ νόμοι οὔθ' οἱ πρυτάνεις οὔθ' οἱ πρόεδροι οὔθ' ἡ προεδρεύουσα φυλή, τὸ δέκατον μέρος τῆς πόλεως.

[5] Τούτων δ' ἐχόντων οὕτως, καὶ τῶν καιρῶν ὄντων τῇ πόλει τοιούτων ὁποίους τινὰς αὐτοὺς ὑμεῖς ὑπολαμβάνετε εἶναι, ἐν ὑπολείπεται μέρος τῆς πολιτείας. Εἴ τι καγὼ τυγχάνω γιγνώσκων, αἱ τῶν παρανόμων γραφαί. Εἰ δὲ καὶ ταύτας καταλύσετε ἢ τοῖς καταλύουσιν ἐπιτρέψετε, προλέγω ὑμῖν ὅτι λήσετε κατὰ μικρὸν τῆς πολιτείας τισὶ παραχωρήσαντες.

[6] Εὖ γὰρ ἴστε, ὦ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, ὅτι τρεῖς εἰσὶ πολιτεῖαι παρὰ πᾶσιν ἀνθρώποις, τυραννὶς καὶ ὀλιγαρχία καὶ δημοκρατία, διοικοῦνται δ' αἱ μὲν τυραννίδες καὶ ὀλιγαρχίαι τοῖς τρόποις τῶν ἐφεστηκότων, αἱ δὲ πόλεις αἱ δημοκρατούμεναι τοῖς νόμοις τοῖς κειμένοις. Μηδεὶς οὖν ὑμῶν τοῦτ' ἀγνοεῖτω, ἀλλὰ σαφῶς ἕκαστος ἐπιστάσθω ὅτι ὅταν εἰσὶν εἰς δικαστήριον γραφὴν παρανόμων δικάσων, ἐν ταύτῃ τῇ ἡμέρᾳ μέλλει τὴν ψήφον φέρειν περὶ τῆς ἑαυτοῦ παρρησίας. Διόπερ καὶ ὁ νομοθέτης τοῦτο πρῶτον ἔταξεν

[4]

3 μὲν **amgV^axLTAld** δὲ **V^ck** om. **fU**

[5]

1 οὕτως] οὕτω **T** | καιρῶν] καιροὺς δὲ **U^{mg}**

2 τινὰς om. **fUAld**

[6]

7 εἰσὶν del. Cobet (hiat.) εἰσὶν τις **T^{sl}U^{sl}** | γραφὴν **β^fkTU** γραφῆς **f^a**
 γραφὴ **Ald** | ἐν om. **f**

8 ἑαυτοῦ **Π31^cβ^fTUAld** αὐτοῦ **Π31^ak**

ἐν τῷ τῶν δικαστῶν ὄρκῳ, ᾗ ψηφιοῦμαι κατὰ τοὺς νόμους, 10
 ἐκεῖνό γε εὖ εἰδῶς ὅτι ὅταν διατηρηθῶσιν οἱ νόμοι τῇ
 πόλει, σφύζεται καὶ ἡ δημοκρατία. [7] Ἄ χρη διαμνημονεύον- 1
 τας ὑμᾶς μισεῖν τοὺς τὰ παράνομα γράφοντας, καὶ μηδὲν
 μικρὸν ἠγεῖσθαι εἶναι τῶν τοιούτων ἀδικημάτων, ἀλλ' ἕκα-
 στον ὑπερμέγεθες, καὶ τοῦθ' ὑμῶν τὸ δίκαιον μηδένα 5
 <ἐάν> ἀνθρώπων ἐξαιρεῖσθαι, μήτε τὰς τῶν στρατηγῶν συν-
 ηγορίας, οἱ ἐπὶ πολὺν ἤδη χρόνον συνεργοῦντές τισι τῶν
 ῥητόρων λυμαίνονται τὴν πολιτείαν, μήτε τὰς τῶν ξένων
 δεήσεις, οὓς ἀναβιβαζόμενοί τινες ἐκφεύγουσιν ἐκ τῶν δι-
 καστηρίων, παράνομον πολιτείαν πολιτευόμενοι· ἀλλ' ὡς-
 περ ἂν ὑμῶν ἕκαστος αἰσχυνθείη τὴν τάξιν λιπεῖν, ἦν ἂν 10
 ταχθῆ ἐν τῷ πολέμῳ, οὕτω καὶ νῦν αἰσχύνητε ἐκλιπεῖν
 τὴν τάξιν ἣν τέταχθε ὑπὸ τῶν νόμων φύλακες τῆς δημο-
 κρατίας τήνδε τὴν ἡμέραν.

[8] Κάκεινο δὲ χρη διαμνημονεύειν, ὅτι νυνὶ πάντες οἱ πολῖ- 1
 ται παρακαταθέμενοι τὴν πόλιν ὑμῖν καὶ τὴν πολιτείαν
 διαπιστεύσαντες, οἱ μὲν πάρεισι καὶ ἐπακούουσι τῆσδε τῆς
 κρίσεως, οἱ δὲ ἄπεισιν ἐπὶ τῶν ἰδίων ἔργων· οὓς αἰσχυνό-

[6]

10 νόμους Π31^cβfkTUAld ὄρκους Π31^a
 11 ὅταν Π31 (ut vid.) βfTUAld ἂν k

[7]

2 μηδὲν βfkTU^{mg}Ald μηδὲ U^a μηθὲν Π31
 3 μικρὸν ἠγεῖσθαι Π31m^cxLfUAld ἠγεῖσθαι μικρὸν gV^c kT
 ἠγεῖσθαι am^aV^a
 4 μηθένα Π31
 5 add. Reiske | ἐξαιρεῖσθαι χρη τὸ δίκαιον U^{mg}
 6 συνεργοῦντές βfTUAld συνηγοροῦντες kU
 9 πολιτευόμενοι amgV^axLfUAld πολιτευσάμενοι V^ckT
 13 τήνδε amgV^axLfTUAld εἰς τήνδε V^ckU^a <εἶναι> τήνδε Kaibel
 <όντες> Weidner ταύτην U^{mg}

[8]

1 δὲ χρη βfTUAld χρη k | νυνὶ πάντες k cf. 87; 1.25 νῦν ἀπάντες
 βfTUAld νῦν πάντες U
 3 διαπιστεύσαντες VxLfktUAld πιστεύσαντες amg
 4 ἰδίων mgVxLfktUAld οἰκείων a

μενοι καὶ τῶν ὄρκων οὓς ὠμόσατε μεμνημένοι καὶ τῶν 5
νόμων, ἐὰν ἐξελέγξω Κτησιφῶντα καὶ παράνομα γε-
γραφότα καὶ ψευδῆ καὶ ἀσύμφορα τῇ πόλει, λύετε, ὧ ἄν-
δρες Ἀθηναῖοι, τὰς παρανόμους γνώμας, βεβαιοῦτε τῇ
πόλει τὴν δημοκρατίαν, κολάζετε τοὺς ὑπεναντίως τοῖς
νόμοις καὶ τῷ ὑμετέρῳ συμφέροντι πολιτευομένους. Κἂν 10
ταύτην ἔχοντες τὴν διάνοιαν ἀκούητε τῶν μελλόντων ῥη-
θήσεσθαι λόγων, εὖ οἶδ' ὅτι καὶ δίκαια καὶ εὖορκα καὶ
συμφέροντα ὑμῖν αὐτοῖς ψηφιεῖσθε καὶ πάση τῇ πόλει.

[9] Περί μὲν οὖν τῆς ὅλης κατηγορίας μετρίως μοι ἐλπίζω 1
προειρηθῆσθαι· περὶ δὲ αὐτῶν τῶν νόμων οἱ κείνται περὶ
τῶν ὑπευθύνων, παρ' οὓς τὸ ψήφισμα τυγχάνει γεγραφῶς
Κτησιφῶν, διὰ βραχέων εἰπεῖν βούλομαι.

Ἐν γὰρ τοῖς ἔμπροσθεν χρόνοις ἄρχοντές τινες τὰς μεγί- 5
στας ἀρχὰς καὶ τὰς προσόδους διοικοῦντες, καὶ δωρο-
δοκοῦντες περὶ ἕκαστα τούτων, προσλαμβάνοντες τοὺς τε
ἐκ τοῦ βουλευτηρίου ῥήτορας καὶ τοὺς ἐκ τοῦ δήμου,
πόρρωθεν προκατελάμβανον τὰς εὐθύνας ἐπαίνοις καὶ

[8]

6 ἐξελέγξω Π32 (ut vid.) xL ἐξελέγξωμεν amgV^kTU ἐλέγξωμεν
fAld | γεγραφότα Π32kTU^{ms} γράψαντα βfU^aAld

9 ὑπεναντίως Π32 (ut vid.) ag^aVxLkU ὑπεναντίους mg^cfTAld | τοῖς
νόμοις Π32VxLkTU τῷ νόμῳ amgfAld

10 καὶ Π32k καὶ τῇ πόλει καὶ βfTUAld | τῷ ὑμετέρῳ συμφέροντι
Π32k συμφέροντι τῷ ὑμετέρῳ βfTUAld | πολιτευμέ[νους c. 6].. ω
γραμματικε Π32

11 τὴν βfkTAld om. U | ἀκούητε k ἀκούοιτε βfTUAld ἀκούσητε
Bekker (1815)

12 καὶ¹ om. βfAld

[9]

3 ψήφισμα k ψήφισμα τοῦτο βfTUAld

5 γὰρ om. Anon. | ἄρχοντές τινες βfkTUAld τινες ἄρχοντες Anon.
| τὰς βfTUAld Anon. om. kU

6 ἀρχὰς βfTUAld Anon. ἀρχὰς ἐν τῇ πόλει k

7 τε om. k | τε ἐκ] ἐπὶ Anon.

9 προκαταλαμβάνοντες schol. 3.9.26 |

κηρύγμασιν, ὥστ' ἐν ταῖς εὐθύναις τῶν ἀρχῶν εἰς 10
 τὴν μεγίστην μὲν ἀπορίαν ἀφικνεῖσθαι τοὺς κατη- 1
 γόρους, πολὺ δὲ ἔτι μᾶλλον τοὺς δικαστάς. [10] Πολλοὶ
 γὰρ πάνυ τῶν ὑπευθύνων, ἐπ' αὐτοφώρῳ κλέπται τῶν
 δημοσίων χρημάτων ὄντες ἐξελεγχόμενοι, διεφύγγανον ἐκ
 τῶν δικαστηρίων, εἰκότως ἤσχύοντο γὰρ οἶμαι οἱ δικα- 5
 σταί, εἰ φανήσεται ὁ αὐτὸς ἀνὴρ ἐν τῇ αὐτῇ πόλει, τυχὸν
 δὲ καὶ ἐν τῷ αὐτῷ ἐνιαυτῷ, πρώην μὲν ποτε ἀναγορευό-
 μενος ἐν τοῖς ἀγῶσιν ὅτι στεφανοῦται ἀρετῆς ἕνεκα καὶ
 δικαιοσύνης ὑπὸ τοῦ δήμου χρυσῷ στεφάνῳ, ὁ δὲ αὐτὸς
 ἀνὴρ μικρὸν ἐπισχῶν ἔξαισιν ἐκ τοῦ δικαστηρίου κλοπῆς 10
 ἕνεκα τὰς εὐθύνας ὠφληκῶς ὥστε ἠναγκάζοντο τὴν
 ψῆφον φέρειν οἱ δικασταὶ οὐ περὶ τοῦ παρόντος ἀδική-
 ματος, ἀλλ' ὑπὲρ τῆς αἰσχύνης τοῦ δήμου.

[11] Κατιδὼν δὲ τις ταῦτα νομοθέτης τίθησι νόμον καὶ 1
 μάλα καλῶς ἔχοντα, τὸν διαρρήδην ἀπαγορεύοντα τοὺς
 ὑπευθύνους μὴ στεφανοῦν. Καὶ ταῦτα οὕτως εὖ προκατει-
 ληφότος τοῦ νομοθέτου, εὕρηνται κρείττονες λόγοι τῶν 5
 νόμων, οὓς εἰ μὴ τις ὑμῖν ἐρεῖ, λήσετε ἐξαπατηθέντες. τού-

[9]

10 στεφάνοις καὶ ante κηρύγμασιν add. Anon. Dilts cf. 12, 45, 178, 210,
 249; sed cf. 33, 36, 40, 204, 205, 246 | ἐν – ἀρχῶν del. Dobree | τῶν ἀρχῶν
 del. Weidner | ἀρχῶν **k** ἀρχόντων **βfTUAlD**

[10]

2 γὰρ] δὲ Dobree

3 ἐκ **amgV^axLfTUAlD** cf. 7, 233; 1.163, 179 ἀπὸ **V^ck**

4 οἱ om. **f^a**

5 ὁ om. **k** | τυχὸν] ἴσως **U^{mg}**

5.6 τυχὸν δὲ καὶ ἐν τῷ αὐτῷ ἐνιαυτῷ del. Cobet Dilts

7 ἐν – ἀγῶσιν del. Dobree

10 ἕνεκα – εὐθύνας del. Blass

11 οἱ δικασταὶ del. Dobree

[11]

1 δὴ Marcell. δὲ **βfkTUAlD** | καὶ om. Anon.

2 τὸν del. Cobet Dilts | ἀπαγορεύοντα **βfTUAlD** Anon. δια-
 γορεύοντα **k**

3 οὕτως om. **aL**

4 κρείττονες] κρείττους **U^{mg}** | κρείττονες λόγοι **βfTUAlD** λόγοι
 κρείττονες **k**

5 λήσετε] λύσετε **U**

των γάρ τινες τῶν τοῦς ὑπευθύνους στεφανούντων παρὰ
 τοῦς νόμους οἱ μὲν φύσει μέτριοι εἰσιν, (εἰ δὴ τις ἐστὶ μέ-
 τριος τῶν τὰ παράνομα γραφόντων), ἀλλ' οὖν προβάλλον-
 ταί γε τι πρὸ τῆς αἰσχύνης. Προσγράφουσι γὰρ πρὸς τὰ
 ψηφίσματα στεφανοῦν τὸν ὑπεύθυνον, ἔπειδ' ἄν λόγον καὶ 10
 εὐθύνας τῆς ἀρχῆς δῶ'. [12] Καὶ ἡ μὲν πόλις τὸ ἴσον ἀδί- 1
 κημα ἀδικεῖται· προκαταλαμβάνονται γὰρ ἐπαίνοις καὶ
 στεφάνοις αἱ εὐθυναί· ὁ δὲ τὸ ψηφισμα γράφων ἐνδείκνυ-
 ται τοῖς ἀκούουσιν ὅτι γέγραφε μὲν παράνομα, αἰσχύνεται
 δὲ ἐφ' οἷς ἡμάρτηκε. Κτησιφῶν δέ, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, 5
 ὑπερπηδήσας τὸν νόμον τὸν περὶ τῶν ὑπευθύνων κείμενον,
 καὶ τὴν πρόφασιν ἣν ἐγὼ ἀρτίως προεἶπον ὑμῖν ἀνελὼν, πρὶν
 λόγον πρὶν εὐθύνας δοῦναι γέγραφε μεταξὺ Δημοσθένην
 ἄρχοντα στεφανοῦν.

[13] Λέξουσι δέ, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, καὶ ἕτερόν τινα 1
 λόγον ὑπεναντίον τῷ ἀρτίως εἰρημένῳ, ὡς ἄρα, ὅσα τις αἰ-
 ρετὸς ὢν πράττει κατὰ ψηφισμα, οὐκ ἔστι ταῦτα ἀρχή,
 ἀλλ' ἐπιμέλειά τις καὶ διακονία· ἀρχὰς δὲ φήσουσιν ἐκεί- 5
 νας εἶναι ἅς οἱ θεσμοθέται ἀποκληροῦσιν ἐν τῷ Θησειῷ,
 κάκείνας ἅς ὁ δῆμος εἴωθε χειροτονεῖν ἐν ἀρχαιρεσίαις,

[11]

6 τινες del. Cobet Dilts

7 εἰσιν del. Cobet (hiat.) Dilts | ἐστὶ μέτριος **kT** ἐστὶ μέτριος ἐπὶ
βfUAld

8 τὰ om. **k**

9 προσεγγράφουσι **am^agVxLfkUAld**, corr. Dobree et **m^c** cf. 203 et
 schol. 3.11.32b | πρὸς τὰ ψηφίσματα del. Dobree Dilts

10 λόγον καὶ et τῆς ἀρχῆς om. Dem. 18.58

[12]

4 γέγραφε **VkT** γεγράφα **amg^axf^a** ἐγεγράφη **f^cUAld** γεγράφη
g^cL

6 περὶ **amgVxfkcTUAld** ὑπὲρ **Lk^a**

7 ἐγὼ ἀρτίως **βfTUAld** ἀρτίως **k**

[13]

1 λέξουσι **βf^ckTUAld** ἔξουσι **f^a** | καὶ om. **U** | τινα om. **axL^af** κατὰ
 τινα **L^c**

5 κληροῦσιν Blass (hiat.) cf. *Αθ.* 62.1

6 εἴωθε χειροτονεῖν **βfTUAld** χειροτονεῖ **k**

στρατηγούς καὶ ἰππάρχους καὶ τὰς μετὰ τούτων ἀρχάς, τὰ δ' ἄλλα πάντα πραγματείας προστεταγμένας κατὰ ψήφισμα.

[14] Ἐγὼ δὲ πρὸς τοὺς λόγους τοὺς τούτων νόμον ὑμέτερον παρέξομαι ὃν ὑμεῖς ἐνομοθετήσατε λύσειν ἡγούμενοι τὰς τοιαύτας προφάσεις, ἐν ᾧ διαρρήδην γέγραπται, 'τὰς χειροτονητάς' φησιν 'ἀρχάς', ἀπάσας ἐνὶ περιλαβῶν ὀνόματι ὁ νομοθέτης, καὶ προσειπὼν ἀπάσας ἀρχάς εἶναι ἅς ὁ δῆμος χειροτονεῖ, 'καὶ τοὺς ἐπιστάτας' φησὶ 'τῶν δημοσίων ἔργων.' Ἔστι δὲ ὁ Δημοσθένης τειχοποιός, ἐπιστάτης τοῦ μεγίστου τῶν ἔργων· 'καὶ πάντας ὅσοι διαχειρίζουσί τι τῶν τῆς πόλεως πλέον ἢ τριάκοντα ἡμέρας, καὶ ὅσοι λαμβάνουσιν ἡγεμονίας δικαστηρίων.' οἱ δὲ τῶν ἔργων ἐπιστάται πάντες ἡγεμονία χρῶνται δικαστηρίου· τί τούτους κελεύει ποιεῖν; [15] οὐ διακονεῖν, ἀλλ' ἄρχειν δοκιμασθέντας ἐν τῷ δικαστηρίῳ, ἐπειδὴ καὶ αἱ κληρωταὶ ἀρχαὶ οὐκ ἀδοκίμαστοι, ἀλλὰ δοκιμασθεῖσαι ἄρχουσι, 'καὶ λόγον καὶ εὐθύνας ἐγγράφειν πρὸς τοὺς λογιστάς', καθά-

[13]

7 στρατηγούς – ἀρχάς del. West

7.8 τὰ δ'ἄλλα πάντα **fTUAld** τὰς δ'ἄλλας ταύτας **βT^a** (ταῦτα **am^a** **V^a**) **k**

[14]

5 ὁ νομοθέτης del. Weidner | προσειπὼν **βfkD^cTUAld** προειπὼν **D^a** | ἀπάσας ἀρχάς **Π7** ἀρχάς ἀπάσας **βfkTUAld**

7 Δημοσθένης del. Schanz

8 πάντας **βfkTUAld** πάντες fort. **Π7**

9 τριάκονθ' ἡμέρας hab. Budé-Martin (hiat. pace Blass Dilts)

[15]

4 καὶ εὐθύνας del. Reiske Dilts | πρὸς **Π7** cf. 20 πρὸς τὸν γραμματέα καὶ **βfkTUAld** | τοὺς ἰ (i.e. δέκα) fort. **Π7**

περ καὶ τὰς ἄλλας ἀρχὰς [κελεύει]. Ὅτι δὲ ἀληθῆ λέγω, 5
τοὺς νόμους αὐτοὺς ὑμῖν ἀναγνώσεται.

Νόμοι

[16] Ὅταν τοίνυν, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, ἅς ὁ νομοθέτης 1
ἀρχὰς ὀνομάζει, οὗτοι προσαγορεύωσι πραγματείας καὶ
ἐπιμελείας, ὑμέτερον ἔργον ἐστὶν ἀπομνημονεύειν καὶ ἀντι-
τάττειν τὸν νόμον πρὸς τὴν τούτων ἀναίδειαν, καὶ ὑποβάλ-
λειν αὐτοῖς ὅτι οὐ προσδέχεσθε κακοῦργον σοφιστὴν οἰό- 5
μενον ῥήμασι τοὺς νόμους ἀναιρήσειν, ἀλλ' ὅσῳ ἂν τις
ἄμεινον λέγη παράνομα γεγραφώς, τοσοῦτῳ μείζονος
ὀργῆς τεύξεται. Χρὴ γάρ, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, τὸ αὐτὸ
φθέγγεσθαι τὸν ῥήτορα καὶ τὸν νόμον· ὅταν δὲ ἑτέραν μὲν 10
φωνὴν ἀφιῆ ὁ νόμος, ἑτέραν δὲ ὁ ῥήτωρ, τῷ τοῦ νόμου
δικαίῳ χρὴ δίδόναι τὴν ψῆφον, οὐ τῇ τοῦ λέγοντος ἀναι-
σχυντία.

[15]

5 καὶ τὰς ἄλλας Π33βfkTUAld καὶ ἄλλας Dilts | κελεύει om. Π33
del. Franke Dilts | ἀληθῆ Π7^cβfkTUAld ἀληθὲς Π7^a
6 αὐτοὺς ὑμῖν Π7βfTUAld ὑμῖν αὐτοὺς Π33k | ἀναγνώσεται Π7βf
TUAld ἀνάγνωτε k
7 tit. νόμοι Π7Π33mfkUAld νόμος aV sine term. xL om. gT

[16]

1 ὧ – ἀθηναῖοι om. Stob. | ἅς ὁ Π7Π33V^cfkTU^{mg}Ald ὁ μὲν amg
V^axLAld
2 ὀνομάζει Π7Π33V^cfkUAld ὀνομάζει amgV^axLT | οὗτοι Π7Π33f
kU οὗτοι δὲ βT
5 κακοῦργον del. Kaibel
6 ὅσῳ gfkTUAld ὅσα amVxL ὅσον Π33 (ut vid.)
10 ἀφιῆ V^c Plin. ἀφίη fktU^{mg} Stob. Alex. ἀφίησιν amgV^axLU^aAld
11 χρὴ δίδόναι βfkTUAld Alex. δίδόναι χρὴ Stob. | οὐ βfkTUAld
μὴ Alex. Stob.

[17] Πρὸς δὲ δὴ τὸν ἄφυκτον λόγον ὃν φησι Δημοσθένης, 1
 βραχέα βούλομαι προειπεῖν. Λέξει γὰρ οὗτος· ‘τειχοποιός 1
 εἰμι· ὁμολογῶ· ἀλλ’ ἐπιδέδωκα τῇ πόλει μνᾶς ἑκατόν, καὶ
 τὸ ἔργον μεῖζον ἐξείργασται. Τίνος οὖν εἰμι ὑπεύθυνος; εἰ 5
 μή τις ἐστὶν εὐνοίας εὐθυνα.’ Πρὸς δὴ ταύτην τὴν πρόφα- 5
 σιν ἀκούσατέ μου λέγοντος καὶ δίκαια καὶ συμφέροντα.

Ἐν γὰρ ταύτῃ τῇ πόλει, οὕτως ἀρχαία οὔση καὶ 1
 τηλικαύτη τὸ μέγεθος, οὐδεὶς ἐστὶν ἀνυπεύθυνος τῶν καὶ 1
 ὀπωσοῦν πρὸς τὰ κοινὰ προσεληλυθότων. [18] Διδάξω 1
 δ’ ὑμᾶς πρῶτον ἐπὶ τῶν παραδόξων. Οἶον τοὺς ἱερέας καὶ 1
 τὰς ἱερείας ὑπευθύνους εἶναι κελεύει ὁ νόμος, καὶ συλλή- 1
 βδην ἅπαντας καὶ χωρὶς ἐκάστους κατὰ σῶμα, τοὺς τὰ 5
 γέρα μόνον λαμβάνοντας καὶ τὰς εὐχὰς ὑπὲρ ὑμῶν πρὸς 5
 τοὺς θεοὺς εὐχομένους, καὶ οὐ μόνον ἰδίᾳ, ἀλλὰ καὶ κοινῇ 1
 τὰ γένη, Εὐμολπίδας καὶ Κήρυκας καὶ τοὺς ἄλλους ἅπαν- 1
 τας. [19] Πάλιν τοὺς τριηράρχους ὑπευθύνους εἶναι κελεύει 1
 ὁ νόμος, οὐ τὰ κοινὰ διαχειρίσαντας, οὐδ’ ἀπὸ τῶν ὑμετέ-

[17]

2 προειπεῖν **m^cx^akU^{mg}** προσειπεῖν **am^agVx^cLfTU^aAld** | λέξει **βf^ck**
TUAld ἔξει **f^a** | οὕτως **f^akU^{sl}** οὗτος **βf^cTU^aAld**
 4 ἐκείργασμαι fort. **a** et Reiske (Π33 incert.)
 5 εὐθυνα] εὐθύνη **TUAld**
 6 καὶ¹ **afAld** καὶ ὑμῖν **VkTU** ὑμῖν καὶ **mgxL**
 7 ἐν **Π7βfTUAlD** εὐ **k** | <τ> ante οὔση add. Blass (hiat.) Dilts
 8 τηλικαύτη **Π7βfTUAlD** τοσαύτη **k**

[18]

2 ἱερεῖς **Π7βfkTUAlD**, corr. Bekker
 3 κελεύει ὁ νόμος **βfkTUAlD** ὁ νόμος κελεύει **Π7**
 4 ἅπαντας **βfkTUAlD** πάντας **Π7** | καὶ τὰ σώματα **U^a**, corr. **U^{mg}** |
 τοὺς **βfkTUAlD** καὶ τοὺς **Π7**
 5 γέρα **βfkTUAlD** ἱερὰ **Π7** Dobree et Hamaker, num recte | μόνον
Π7m^cVxLfkTU^{sl}Ald μόνᾳ **am^ag** μόνοι **U^a** | εὐχὰς **βfkTUAlD**
 εὐχὰς τὰς **Π7** | ὑμῶν **mgVxLfkTUAlD** ἡμῶν **aΠ7**

[19]

2 διαχειρίζοντας Bake

ρων προσόδων πολλά μὲν ὑψηρημένους, βραχέα δὲ κατα-
θέντας, ἐπιδιδόναι δὲ φάσκοντας, ἀποδιδόντας δὲ ὑμῖν τὰ
ὑμέτερα, ἀλλ' ὁμολογουμένως τὰς πατρώας οὐσίας εἰς τὴν 5
πρὸς ὑμᾶς ἀνηλωκότας φιλοτιμίαν.

Οὐ τοίνυν μόνοι οἱ τριήραρχοι, ἀλλὰ καὶ τὰ μέγιστα
τῶν ἐν τῇ πόλει συνεδρίων ὑπὸ τὴν τῶν δικαστῶν ἔρχεται
ψῆφον. [20] Πρῶτον μὲν γὰρ τὴν βουλήν τὴν ἐν Ἀρείῳ πάγω 1
ἐγγράφειν πρὸς τοὺς λογιστὰς ὁ νόμος κελεύει λόγον καὶ
εὐθύνας διδόναι, καὶ τὸν ἐκεῖ σκυθρωπὸν καὶ τῶν μεγί-
στων κύριον ἄγει ὑπὸ τὴν ὑμετέραν ψῆφον. Οὐκ ἄρα στε- 5
φανωθήσεται ἡ βουλή ἢ ἐξ Ἀρείου πάγου; οὐδὲ γὰρ πά-
τριον αὐτοῖς ἐστίν. Οὐκ ἄρα φιλοτιμοῦνται; πάνυ γε,
ἀλλ' οὐκ ἀγαπῶσιν ἕαν τις παρ' αὐτοῖς μὴ ἀδικῆ, ἀλλ' ἕαν
τις ἐξαμαρτάνῃ, κολάζουσιν· οἱ δὲ ὑμέτεροι ῥήτορες τρυ-
φῶσι. Πάλιν τὴν βουλήν τοὺς πεντακοσίους ὑπεύθυνον
πεποίηκεν ὁ νομοθέτης. [21] Καὶ οὕτως ἰσχυρῶς ἀπιστεῖ τοῖς 1
ὑπευθύνοις ὥστ' εὐθὺς ἀρχόμενος τῶν νόμων λέγει· ἀρχὴν

[19]

3 προσόδων del. Bake Dilts | ὑψηρημένους Π7 ὑφαιρουμένους βfk
TU^{sl}Ald | καταθέντας Π7fk κατατιθέντας βTUAlD
4 <οὐδ'> ἐπιδιδόναι Blass | τε Bake δὲ βfkTUAlD quod del. Wilam.
(Π7 incert.) μὲν Markland
5 ὁμολογουμένους U^a, corr. U^{sl} | τὰς Π7βAlD τοὺς τὰς fkTU
7 μόνον k μόνοι βfTUAlD (Π7 incert.)
8 δικαστῶν Π7kAlD δικαστηρίων βfTU

[20]

1 τὴν² Π7βkTUAlD om. f
3 εὐθύνας βfTU (ut vid.) Ald εὐθύναν k (Π7 incert.) | καὶ¹ – 4
ἄγει Π7amgVL^cTUAlD om. xL^afk | διδόναι del. Cobet cf. 15 | τὸν ...
σκυθρωπὸν Π7 et Lambin τῶν ... σκυθρωπῶν βTUAlD τὴν ...
σκυθρωπὸν Reiske
4 κυρίαν Wolf | ἄγει Π7 Bernardus ἄγειν βfkTUAlD | ὑμετέραν
gxfkTAld ἡμετέραν amVLU (Π7 incert.)
5 ἢ βουλή ἢ ἐξ Ἀρείου πάγου del. Blass Dilts (hiat., num gloss.? cf. 252)
6 αὐτοῖς ἐστίν βfTUAlD ἐστίν αὐτοῖς k (Π7 incert.)
7 ἕαν] ὅ, ἄν Dobree
8 ἐξαμαρτάνῃ] ἐξεμαρτάνῃ (sic) U

[21]

1 ἀπιστεῖ τοῖς ὑπευθύνοις Π7m^cfkU^aAlD ἀπαιτεῖ τοὺς ὑπευθύνους
am^agVxLTU^{sl}
2 εὐθὺς Π7k εὐθέως βfTUAlD | λέγει del. Cobet

ὑπεύθυνον μὴ ἀποδημεῖν. Ὡς Ἡράκλειος, ὑπολάβοι ἄν τις,
 ὅτι ἦρξα, μὴ ἀποδημήσω; ἵνα γε μὴ προλαβὼν χρήματα τῆς
 πόλεως ἢ πράξεις δρασμῶ χρήση. Πάλιν ὑπεύθυνον οὐκ 5
 ἔῃ τὴν οὐσίαν καθιεροῦν, οὐδὲ ἀνάθημα ἀναθεῖναι,
 οὐδ' ἐκποιήτον γενέσθαι, οὐδὲ διαθέσθαι τὰ ἑαυτοῦ,
 οὐδ' ἄλλα πολλά· ἐνὶ δὲ λόγῳ ἐνεχυράζει ὁ νομοθέτης τὰς
 οὐσίας τὰς τῶν ὑπευθύνων, ἕως ἄν λόγον ἀποδώσι τῇ πόλει.
 [22] Ναί, ἀλλ' ἔστι τις ἄνθρωπος ὃς οὐτ' εἴληφεν οὐδὲν τῶν 1
 δημοσίων οὐτ' ἀνήλωκε, προσῆλθε δὲ πρὸς τι τῶν κοινῶν.
 Καὶ τοῦτον ἀποφέρειν κελεύει λόγον πρὸς τοὺς λογιστάς.
 Καὶ πῶς ὁ γε μηδὲν λαβὼν μηδ' ἀναλώσας ἀποιήσει λόγον
 τῇ πόλει; αὐτὸς ὑποβάλλει καὶ διδάσκει ὁ νόμος ἃ χρῆ 5
 γράφειν· κελεύει γὰρ αὐτὸ τοῦτο ἐγγράφειν, ὅτι 'οὐτ'
 ἔλαβον οὐδὲν τῶν τῆς πόλεως οὐτ' ἀνήλωσα'. Ἄνυπεύθυνον
 δὲ καὶ ἀζήτητον καὶ ἀνεξέταστον οὐδὲν ἔστι τῶν ἐν τῇ
 πόλει. Ὅτι δὲ ἀληθῆ λέγω, αὐτῶν ἀκούσατε τῶν νόμων.

[21]

3 μὴ Π7 (ut vid.) ap. Dilts φησὶ μὴ **βfkTU^aAld**, num recte? φαίη
 τίς **U^{mg}** | ἄν τις] τις ἄν Blass (hiat.)

4 χρήματα τῆς πόλεως **βfkTUAld** τῆς πόλεως χρήματα Π7

8 ἐνεχυράζει Π7**TAld** ἐνεχυράζει **f^ak** ἐνεχειράζει **f^aU** | ὁ
 νομοθέτης τὰς οὐσίας Π7**k** τὰς οὐσίας ὁ νομοθέτης τὰς **βfkTUAld**
 (τὰς¹ om. **f^a**)

[22]

1 οὐδὲν **βkTUAld** οὐδὲ **f** (Π7 incert.)

2 ἀνήλωκε **βfkTUAld** ἀνάλωκε Π7

4 ἀποιήσει (sic) **U**

5 ὁ – 6 γράφειν del. Blass | ἃ – 6 γράφειν del. Hamaker

6 ὅτι et 7 οὐδὲν om. Π33

7 ἀνήλωσα **βfkTUAld** ἀνάλωσα Π7 | ἄνυπεύθυνον Π7Π33 (ut vid.)

k Ph. ἀνεύθυνον **βfkTUAld**

8 ἀζήτητον κ. ἀνεξέταστον Π7Π33**fkUAld** ἀνεξέταστον κ. ἀζήτητον
βT

9 νόμων Π7Π33**βfkTUAld** ἐν τῇ πόλει **k**

Νόμοι 10

[23] Ὅταν τοίνυν μάλιστα θρασύνηται Δημοσθένης λέγων 1
 ὡς διὰ τὴν ἐπίδοσιν οὐκ ἔστιν ὑπεύθυνος, ἐκεῖνο αὐτῶ
 ὑποβάλλετε· οὐκ οὖν ἐχρῆν σε, ὦ Δημόσθενης, ἔασαι τὸν
 τῶν λογιστῶν κήρυκα κηρύξαι τὸ πάτριον καὶ ἔννομον κή- 5
 ρυγμα τοῦτο, τίς βούλεται κατηγορεῖν; ἔασον ἀμφισβητή-
 σαι σοι τὸν βουλόμενον τῶν πολιτῶν ὡς οὐκ ἐπέδωκας,
 ἀλλ' ἀπὸ πολλῶν ὧν ἔχεις εἰς τὴν τῶν τειχῶν οἰκοδομίαν
 μικρὰ κατέθηκας, δέκα τάλαντα εἰς ταῦτα ἐκ τῆς πόλεως
 εἰληφώς. Μὴ ἄρπαζε τὴν φιλοτιμίαν, μηδὲ ἐξαιροῦ τῶν δι-
 καστῶν τὰς ψήφους ἐκ τῶν χειρῶν, μηδ' ἔμπροσθεν τῶν 10
 νόμων, ἀλλ' ὕστερος πολιτεύου. Ταῦτα γὰρ ὀρθοῖ τὴν
 δημοκρατίαν.'

[24] Πρὸς μὲν οὖν τὰς κενὰς προφάσεις, ἃς οὗτοι προφα- 1
 σιοῦνται, μέχρι δεῦρο εἰρήσθω μοι· ὅτι δὲ ὄντως ἦν ὑπεύ-
 θυνος ὁ Δημοσθένης, ὅθ' οὗτος εἰσήνεγκε τὸ ψήφισμα, ἄρ-
 χων μὲν τὴν ἐπὶ τῷ θεωρικῷ ἀρχήν, ἄρχων δὲ τὴν τῶν

[22]

10 tit. Π7Π33m^cxfkUAld om. am^agVLT

[23]

2 αὐτῶ del. Blass (hiat.)

4 ἔννομον] εὔνομον U

5 τοῦτο gV^cxLfkTUAld τούτου amV^a

6 ἐπέδωκας Π33 (ut vid.) βfkTU ἐπιδέδωκας Π7Ald

7 ἀπὸ Π7Π33βftUAld om. k | ταχῶν U^a, corr. U^{s1}

8 εἰς Π7Π33βkTUAld om. f | ἐκ del. Blass ἐκ <τῶν> Wolf cf. 173

9 φιλοτιμίαν <.....>λου Π7

[24]

1 κενὰς Stephanus κοινὰς βfkTUAld (Π7 incert.)

4 τὴν – ἀρχήν] τὴν ἀρχήν τὴν ἐπὶ τ. θ. fort. Π7 | τῷ θεωρικῷ β(m^a)

fkTU τὸ θεωρικὸν Blass, cf. 25; Dem. 18.55, 113 τῶν θεωρικῶν

m^cU^mgAld (Π7 et Π33 incert.)

τειχοποιῶν, οὐδετέρας δέ πω τῶν ἀρχῶν τούτων λόγον 5
 ὑμῖν οὐδ' εὐθύνας δεδωκώς, ταῦτ' ἤδη πειράσομαι ὑμᾶς
 διδάσκειν ἐκ τῶν δημοσίων γραμμάτων. Καί μοι ἀνάγνωθι
 ἐπὶ τίνος ἄρχοντος καὶ ποίου μηνὸς καὶ ἐν τίνι ἡμέρᾳ καὶ
 ἐν ποίᾳ ἐκκλησίᾳ ἐχειροτονήθη Δημοσθένης τὴν ἀρχὴν τὴν 10
 ἐπὶ τῷ θεωρικῷ.

Διαλογισμὸς τῶν ἡμερῶν

Οὐκοῦν εἰ μὴδὲν ἔτι τούτου περαιτέρω δεῖξαμι, δικαίως
 ἂν ἀλίσκοιτο Κτησιφῶν· αἰρεῖ γὰρ αὐτὸν οὐχ ἡ κατηγορία
 ἡ ἐμῆ, ἀλλὰ τὰ δημόσια γράμματα.

[25] Πρότερον μὲν τοίνυν, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, ἀντιγρα- 1
 φεὺς ἦν χειροτονητὸς τῇ πόλει, ὃς καθ' ἐκάστην πρυτανείαν
 ἀπελογίζετο τὰς προσόδους τῷ δήμῳ· διὰ δὲ τὴν πρὸς
 Εὐβουλον γενομένην πίστιν ὑμῖν οἱ ἐπὶ τὸ θεωρικὸν
 κεχειροτονημένοι ἦρχον μὲν, πρὶν ἢ τὸν Ἡγήμονος νόμον 5

[24]

5 δὲ om. **f** | πω **Π7amgxLfUAld** om. **Vk** μὴν πω **Π13**
 6.7 ὑμᾶς διδάσκειν **βfkTUAld** διδάσκειν ὑμᾶς **Π13 (Π7 incert.)**
 9 δημοσθένης **Π7βfkTAld** ὁ δημοσθένης **Π13** δημοσθένης καὶ **U**
 10 τῷ θεωρικῷ **f** cf. supra τῶν θεωρικῶν **βkTUAld**, num recte? τὸ
 θεωρικὸν Blass (**Π7 incert. ap. Dilts**) | post. θεωρικ. add. ὅτι μεσοῦντα
 τὴν ἀρχὴν ἔγραφεν στεφανόν (αὐτὸν στεφανοῦν **UAld**) ἀναγίνωσκε
 (ἀναγινώσκετε **fU^a** ἀναγινώσκειται **k^eU^{mg}**) **βfk^eTUAld**, om. **Π7** (ut
 vid. ap. Dilts) **k^a** del. Bekker
 11 tit. om. **Π7amg^aV^aL^ak^aT** del. Benseler ψήφισμα **e**
 12 εἰ] εἰ δὴ **TU** | τούτου **U^a** περαιτέρω **kU^{mg}** περαιτέρω τούτου
βfTAld
 13 αὐτὸν] αὐτὴν schol. Aristid. | κατηγορία – 13 γράμματα] γραφὴ
 μόνον, ἀλλὰ καὶ τὸ ψήφισμα schol. Aristid.

[25]

1 πρότερον **m^efkUAld** πρῶτον **am^agVxLT** | ἄνδρες om. **k**
 4 γενομένην] γεγραμμένην **U^{mg}**
 5 κεχειροτονημένην **U^a**, corr. **U** | ἡγήμονος **βfTUAld** ἡγεμόνος **k**

γενέσθαι, τὴν τοῦ ἀντιγραφέως ἀρχὴν ἦρχον δὲ τὴν τῶν ἀποδεκτῶν καὶ νεωρίων ἀρχὴν, καὶ σκευοθήκην ὠκοδόμουν, ἦσαν δὲ καὶ ὄδοποιοί, καὶ σχεδὸν τὴν ὅλην διοίκησιν εἶχον τῆς πόλεως. [26] Καὶ οὐ κατηγορῶν αὐτῶν οὐδ' ἐπιτιμῶν λέγω, ἀλλ' ἐκεῖνο ὑμῖν ἐνδείξασθαι βουλόμαι ὅτι ὁ μὲν νομοθέτης, ἐάν τις μιᾶς ἀρχῆς τῆς ἐλαχίστης ὑπεύθυνος ἦ, τοῦτον οὐκ ἔῤ, πρὶν ἂν λόγον καὶ εὐθύνας δῶ, στεφανοῦν, ὁ δὲ Κτησιφῶν Δημοσθένην τὸν συλλήβδην ἀπάσας τὰς Ἀθήνησιν ἀρχὰς ἄρχοντα οὐκ ὤκνησε γράψαι στεφανῶσαι.

[27] Ὡς τοίνυν καὶ τὴν τῶν τειχοποιῶν ἀρχὴν ἦρχεν, ὅθ' οὗτος τὸ ψήφισμα ἔγραψε, καὶ τὰ δημόσια χρήματα διεχειρίζε, καὶ ἐπιβολὰς ἐπέβαλλε, καθάπερ οἱ ἄλλοι ἄρχοντες, καὶ δικαστηρίων ἡγεμονίας ἐλάμβανε, τούτων ὑμῖν αὐτὸν Δημοσθένην μάρτυρα [καὶ Κτησιφῶντα] παρέξομαι. Ἐπὶ γὰρ Χαιρώνδου ἄρχοντος, θαρρηλιῶνος μηνὸς

[25]

6 ἀντιγραφέως **βftUAld** γραφέως **k** | ἦρχον – 7 νεωρίων om. **V^a**
7 ἀποδεκατῶν **U^a**, corr. **U^{mg}** | νεωρίων ἀρχὴν **βfkTUAld** νεωρίων ἦρχον **Kaibel** νεώριον vel νεώρια **Dobree** (ἀρχὴν delete) <ἦρχον τὴν> νεωρίων ἀρχὴν **Rhodes** | καί² – ὠκοδόμη post **6** ἀρχὴν **k^a**

[26]

2 βούλομαι **βfkTUAld** βουλόμενος corr. **Cobet**
4 λόγον **Π13 Scheibe** λόγους **βfkTUAld**
5 ὁ δὲ κτησιφῶν **βfkTUAld** κτησιφῶν δὲ **Π13 et Blass**, cf. 34, num recte?
6 ἀπάσας om. **k**

[27]

3 ἐπιβολὰς] ἐπιβουλὰς **U** | ἐπέβαλλε **amgVxL^afTU** ἐπέβαλε **LkAld** | οἱ **βkTAld** καὶ οἱ **fU** | ἄλλοι om. **xLk**
4 τούτων **amgxL^afUAld** τοῦτον **VL^akT**
5 μάρτυρα καὶ κτησιφῶντα **k del. Hamaker** καὶ κτησιφῶντα μάρτυρας **βftUAld**
6 Χαιρώνδου] Χερώνδου (sic) **U** | θαρρηλιῶνος μηνὸς **βftUAld Theod.** μηνὸς θαρρηλιῶνος **k**

δευτέρα φθίνοντος, ἐκκλησίας οὔσης ἔγραψε Δημοσθένης ἀγορὰν ποιῆσαι τῶν φυλῶν σκιροφοριῶνος δευτέρα ἰσταμένου καὶ τρίτη, καὶ ἐπέταξεν ἐν τῷ ψηφίσματι ἐκάστης τῶν φυλῶν ἐλέσθαι τοὺς ἐπιμελησομένους τῶν ἔργων ἐπὶ τὰ τεῖχη καὶ ταμίας, καὶ μάλα ὀρθῶς, ἴν' ἡ πόλις ἔχοι ὑπεύθυνα σώματα, παρ' ὧν ἔμελλε τῶν ἀνηλωμένων λόγον ἀπολήψεσθαι. Καὶ μοι λέγε τὸ ψήφισμα. 10

Ψήφισμα

[28] Naί, ἀλλ' ἀντιδιαπλέκει πρὸς τοῦτο εὐθύς λέγων ὡς οὔτ' ἔλαχε τειχοποιὸς οὔτ' ἐχειροτονήθη ὑπὸ τοῦ δήμου. Καὶ περὶ τούτου Δημοσθένης μὲν καὶ Κτησιφῶν πολὺν ποιῶνται λόγον· ὁ δὲ γε νόμος βραχύς καὶ σαφής καὶ ταχύ λύων τὰς τούτων τέχνας. Μικρὰ δὲ ὑμῖν ὑπὲρ αὐτῶν πρῶτον προειπεῖν βούλομαι. [29] Ἔστι γάρ, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, τῶν περὶ τὰς ἀρχὰς εἶδη τρία, ὧν ἐν μὲν καὶ πᾶσι φανερώτατον οἱ κληρωτοὶ καὶ οἱ χειροτονητοὶ ἄρχοντες, δεύτερον δὲ ὅσοι τι διαχειρίζουσι τῶν τῆς πόλεως ὑπὲρ τριάκοντα ἡμέρας καὶ οἱ τῶν δημοσίων ἔργων ἐπιστάται, 5

[27]

7 ἔγραφε **k** ἔγραφε ψήφισμα **βfTUAlD**
 8 σκιρφοριῶνος **AId** σκιφοριῶνος **U^a**, corr. **U^{mg}**
 9 ἐν – ψηφίσματι del. Reiske | ἐκάστη Baiter-Sauppe
 10 ἐπιμελησομένους **mgV^axLfUAlD** ἐπιμεληθησομένους **aV^ckT** |
 ἐπὶ – 11 τεῖχη del. Reiske
 11 ἔχοι **k** ἔχη **βfTUAlD**
 13 τὰ ψηφίσματα **βfkTUAlD**, corr. Franke
 14 tit. ψηφίσματα **m^cxL^cAId**, corr. Franke om. **am^agVL^akTU**

[28]

1 εὐθύς **k** cf. 21, 68, 216 εὐθέως **βfTUAlD** Lex. Pat. | λέγων om. **k**
 2 ὑπὸ – δήμου del. Blass
 4 ὁ δὲ γε νόμος **βkT^cU^{mg}** ὁ δὲ γενόμενος **fT^aU^aAId** | βραχύς καὶ σαφής **βfTU^aAId** βραχῆ (βραχὺν **U^{mg}**) καὶ σαφῆ **kU^{mg}** | ταχύ om. **U^{mg}**
 5 λύων **βfTU^a** λύοντα **kAId** κωλύοντα **U^{mg}** | τὰς om. **U^{mg}**

[29]

2 πᾶσι om. **amg**, pace Blass

τρίτον δ' ἐν τῷ νόμῳ γέγραπται, καὶ εἴ τινες ἄλλοι αἰρετοὶ
 ἡγεμονίας δικαστηρίων λαμβάνουσι, καὶ τούτους ἄρχειν
 δοκιμασθέντας. [30] Ἐπειδὴν δ' ἀφέλη τις τοὺς ὑπὸ τοῦ 1
 δήμου κεχειροτονημένους καὶ τοὺς κληρωτοὺς ἄρχοντας,
 καταλείπονται οὓς αἱ φυλαὶ καὶ αἱ τριπτύες καὶ οἱ δῆμοι
 ἐξ ἑαυτῶν αἰροῦνται τὰ δημόσια χρήματα διαχειρίζειν. 5
 [τούτους αἰρετοὺς ἄρχοντας εἶναι]. Τοῦτο δὲ γίγνεται ὅταν,
 ὡσπερ νῦν, ἐπιταχθῆ τι ταῖς φυλαῖς, ἢ τάφρους ἐξεργάζε-
 σθαι ἢ τριήρεις ναυπηγεῖσθαι. Ὅτι δὲ ἀληθῆ λέγω, ἐξ αὐ-
 τῶν τῶν νόμων μαθήσεσθε.

Νόμοι

[31] Ἀναμνήσθητε δὴ τοὺς προειρημένους λόγους, ὅτι ὁ 1
 μὲν νομοθέτης τοὺς ἐκ τῶν φυλῶν ἄρχειν κελεύει δοκιμα-
 σθέντας ἐν τῷ δικαστηρίῳ, ἡ δὲ Πανδιονὶς φυλὴ ἄρχοντα
 καὶ τειχοποιὸν ἀπέδειξε Δημοσθένην, ὃς ἐκ τῆς διοικήσεως
 εἰς ταῦτα ἔχει μικροῦ δεῖν δέκα τάλαντα, ἕτερος δ' ἀπα- 5
 γορεύει νόμος ἀρχὴν ὑπεύθυνον μὴ στεφανοῦν, ὑμεῖς δὲ
 ὁμωμόκατε κατὰ τοὺς νόμους ψηφιεῖσθαι, ὁ δὲ ῥήτωρ γέ-

[29]

6 εἴ τινες **amgxfUAld** οἵτινες **VLkT** | αἰρετοὶ del. Cobet

[30]

1 ἀφήλη **fkTUAld** ἀφέληται **β**

3 καταλείπονται **m^cfkU** καταλίπωνται **am^agVxLT** καταλείπεται

Ald | οὓς **amgVx^cLfTUAld** ὡς **x^ak**

5 del. Scheibe cf. 45 | τοὺς τε **U^a**, corr. **U^mg**

9 tit. **afkU**, om. **T** νόμος **mgV**, sine term. **xL**

[31]

3 πανδιονίς] πανδιονής (sic) **U** | φυλή del. Blass (hiat.)

5 δεῖν **βf^cTUAld** δεῖπειν **f^ak**

6 ὑμεῖς – 8 στεφανοῦν om. **k** (homoeot.)

γραφε τὸν ὑπεύθυνον στεφανοῦν, οὐ προσθεῖς ἔπειδ' ἂν δῶ
 λόγον καὶ εὐθύνας, ἐγὼ δὲ ἐξελέγξω τὸ παράνομον μάρτυ-
 ρας ἅμα τοὺς νόμους καὶ τὰ ψηφίσματα καὶ τοὺς ἀντιδί- 10
 κους παρεχόμενος. Πῶς οὖν ἂν τις περιφανέστερον ἐπιδεί-
 ξειεν ἄνθρωπον παράνομα γεγραφότα;

[32] Ὡς τοίνυν καὶ τὴν ἀνάρρησιν τοῦ στεφάνου παρανό- 1
 μως ἐν τῷ ψηφίσματι κελεύει γίνεσθαι, καὶ τοῦθ' ὑμᾶς
 διδάξω. Ὁ γὰρ νόμος διαρρήδην κελεύει, ἐὰν μὲν τινα στε-
 φανοῖ ἢ βουλή, ἐν τῷ βουλευτηρίῳ ἀνακηρύττεσθαι, ἐὰν 5
 δὲ ὁ δῆμος, ἐν τῇ ἐκκλησίᾳ, ἄλλοθι δὲ μηδαμοῦ. Καί μοι
 λέγε τὸν νόμον.

Νόμος

[33] Οὗτος ὁ νόμος, ὃ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, καὶ μάλα καλῶς 1
 ἔχει. Οὐ γὰρ οἶμαι ᾧετο δεῖν ὁ νομοθέτης τὸν ῥήτορα σε-
 μνύνεσθαι πρὸς τοὺς ἔξωθεν, ἀλλ' ἀγαπᾶν ἐν αὐτῇ τῇ
 πόλει τιμώμενον ὑπὸ τοῦ δήμου καὶ μὴ ἐργολαβεῖν ἐν τοῖς 5
 κηρύγμασιν. Ὁ μὲν οὖν νομοθέτης οὕτως· ὁ δὲ Κτησιφῶν
 πῶς; ἀναγίνωσκε τὸ ψήφισμα.

[31]

8 οὐ **k** μὴ **βfTUAl**d

9 ἐξελέγξω **am^aVxLfktUAl**d, cf. 31 ἐξελέγγω **m^c** et Stephanus cf. 8

ἐλέγξω **g** ἐξηλεγγα **U^mg**

12 παράνομα **fkU^mg** παρανομώτατα **βTU^aAl**d cf. 107

[32]

3.4 στεφανοῖ ἢ βουλή **βfkTUAl**d ἢ βουλή στεφανοῖ **e** Blass (hiat.)

4 κηρύττεσθαι con. Blass (hiat.) cf. 35, 48 contra 34, 45, 46

7 tit. om. **gxT**

[33]

2 δεῖν **βfTUAl**d δείνον **k** δεῖν ᾧετο Blass (hiat.)

4 ὑπὸ τοῦ δήμου om. Π34 (ut vid.)

5 οὖν om. **VxLfTUAl**d

7 tit. om. **gVxLfTU**

Ψήφισμα

[34] Ἀκούετε, ὦ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, ὅτι ὁ μὲν νομοθέτης 1
κελεύει ἐν τῷ δήμῳ ἐν Πυκνὴ τῇ ἐκκλησίᾳ ἀνακηρύττειν
τὸν ὑπὸ τοῦ δήμου στεφανούμενον, ἄλλοθι δὲ μηδαμοῦ,
Κτησιφῶν δὲ ἐν τῷ θεάτρῳ, οὐ τοὺς νόμους μόνον ὑπερ- 5
βάς, ἀλλὰ καὶ τὸν τόπον μετενεγκῶν, οὐδὲ ἐκκλησιαζόντων
Ἀθηναίων, ἀλλὰ τραγωδῶν γιγνομένων καινῶν, οὐδ' ἐναν-
τίον τοῦ δήμου, ἀλλ' ἐναντίον τῶν Ἑλλήνων, ἵν' ἡμῖν συν-
ειδῶσιν οἷον ἄνδρα τιμῶμεν.

[35] Οὕτω τοίνυν περιφανῶς παράνομα γεγραφῶς, παρα- 1
ταχθεὶς μετὰ Δημοσθένους ἐποίσει τέχνας τοῖς νόμοις· ἃς
ἐγὼ δηλώσω καὶ προερῶ ὑμῖν, ἵνα μὴ λάθητε ἐξαπατηθέν-
τες.

Οὗτοι γάρ, ὡς μὲν οὐκ ἀπαγορεύουσιν οἱ νόμοι τὸν ὑπὸ 5
τοῦ δήμου στεφανούμενον μὴ κηρύττειν ἔξω τῆς ἐκκλη-
σίας, οὐχ ἔξουσι λέγειν, οἴσουσι δὲ εἰς τὴν ἀπολογίαν τὸν
Διονυσιακὸν νόμον, καὶ χρήσονται τοῦ νόμου μέρει τινὶ
κλέπτοντες τὴν ἀκρόασιν ὑμῶν, [36] καὶ παρέξονται νόμον 1
οὐδὲν προσήκοντα τῇδε τῇ γραφῇ, καὶ λέξουσιν ὡς εἰσὶ τῇ

[34]

2 πυκνὴ **a^am^aVxLT** πύκνη **f** πυκνὴ **a^am^agkUAld** | τῇ ἐκκλησίᾳ del.
Taylor, sed cf. infra ἐκκλησιαζόντων

4 κτησιφῶν δὲ **βfTUAld** ὁ δὲ κτησιφῶν **k** cf. 33 | οὐ **βfTUAld**
οὔτε **k** | μόνον τοὺς νόμους **T**

6 γιγνομένων **k** ἀγωνιζομένων **βfTUAld** cf. 41, 154 et schol. 3.41.94 |
καινῶν om. **k**

7 ἐναντίον **βfTUAld** ἐναντίων **k**

[35]

3 προερῶ **βkT** προσερῶ **fUAld** | ὑμῖν del. Blass (hiat.)

[36]

2 τῇδε τῇ γρ. **Π34fkUAld** τῇ γρ. τῇδε **βT**

πόλει δύο νόμοι κείμενοι περὶ τῶν κηρυγμάτων, εἷς μὲν, ὃν νῦν ἐγὼ παρέχομαι, διαρρήδην ἀπαγορεύων τὸν ὑπὸ τοῦ δήμου στεφανούμενον μὴ κηρύττεσθαι ἔξω τῆς ἐκκλησίας, ἕτερον δ' εἶναι νόμον φήσουσιν ἐναντίον τούτῳ, τὸν δεδωκότα ἐξουσίαν ποιεῖσθαι τὴν ἀνάρρησιν τοῦ στεφάνου τραγωδοῖς ἐν τῷ θεάτρῳ, ἐὰν ψηφίσηται ὁ δῆμος κατὰ δὴ τοῦτον τὸν νόμον φήσουσι γεγραφέναι τὸν Κτησιφῶντα.

[37] Ἐγὼ δὲ πρὸς τὰς τούτων τέχνας παρέξομαι συνηγόρους τοὺς νόμους τοὺς ὑμετέρους, ὅπερ διατελῶ σπουδάζων παρὰ πᾶσαν τὴν κατηγορίαν. Εἰ γὰρ τοῦτό ἐστιν ἀληθές, καὶ τοιοῦτον ἔθος παραδέδυκεν ὑμῶν εἰς τὴν πολιτείαν ὥστ' ἀκύρους νόμους ἐν τοῖς κύρισις ἀναγεγράφθαι, καὶ δύο περὶ μιᾶς πράξεως ὑπεναντίους ἀλλήλοισι, τί ἂν ἔτι ταύτην εἴποι τις εἶναι τὴν πολιτείαν, ἐν ἧ ταῦτα προστάττουσιν οἱ νόμοι ποιεῖν καὶ μὴ ποιεῖν; [38] ἀλλ' οὐκ ἔχει ταῦθ' οὕτως· μήθ' ὑμεῖς ποτε εἰς τοσαύτην ἀταξίαν τῶν νόμων προβαίητε, οὔτε ἡμέληται περὶ τῶν τοιούτων τῷ νομοθέτῃ τῷ τὴν δημοκρατίαν καταστήσαντι, ἀλλὰ διαρρήδην προστέτακται τοῖς θεσμοθέταις καθ' ἕκαστον ἐνιαυτὸν διορθοῦν ἐν τῷ δήμῳ τοὺς νόμους, ἀκριβῶς ἐξετάσαντας καὶ σκεψαμένους εἴ τις ἀναγέγραπται νόμος ἐναντίος ἑτέρῳ νόμῳ, ἢ ἄκυρος ἐν τοῖς κύρισις, ἢ εἴ που

[36]

4 ἀπαγορεύων Π34βkT ἀπαγορεύοντα fUAld

[37]

5 νόμους] τοὺς νόμους U

6 ἀλλήλοισι] ἀλλήλους U^{sl} | τί ἂν ἔτι] ἔτι ἂν Blass

7 τὴν del. Routsma Dilts | ταῦτα] ταῦτα UAld οὕτως μηθ' ὑμᾶς ποτε post ταῦτα add. U

[38]

2 μήθ' fTUAld μὴ βkT^a

7.8 νόμος ἐναντίος βfTUAld ἐναντίος νόμος k

8 εἴ om. f^a

εἰσὶ νόμοι πλείους ἐνὸς ἀναγεγραμμένοι περὶ ἐκάστης πρά-
 ξεως. [39] Ἐάν τι τοιοῦτον εὐρίσκωσιν, ἀναγεγραφότας ἐν 1
 σανίσιν ἐκτιθέναι κελεύει πρόσθεν τῶν ἐπωνύμων, τοὺς δὲ
 πρυτάνεις ποιεῖν ἐκκλησίαν ἐπιγράψαντας νομοθέτας, τὸν
 δ' ἐπιστάτην τῶν προέδρων διαχειροτονίαν διδόναι τῷ
 δήμῳ, καὶ τοὺς μὲν ἀναρρεῖν τῶν νόμων, τοὺς δὲ καταλεί- 5
 πειν, ὅπως ἂν εἷς ἦ νόμος καὶ μὴ πλείους ἐκάστης πρά-
 ξεως. Καί μοι λέγε τοὺς νόμους.

Νόμοι

[40] Εἰ τοίνυν, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, ἀληθῆς ἦν ὁ παρὰ 1
 τούτων λόγος καὶ ἦσαν δύο κείμενοι νόμοι περὶ τῶν κη-
 ρυγμάτων, ἐξ ἀνάγκης οἶμαι τῶν μὲν θεσμοθετῶν ἐξευρόν-
 των, τῶν δὲ πρυτάνεων ἀποδόντων τοῖς νομοθέταις ἀν-
 ἤρητ' ἂν ὁ ἕτερος τῶν νόμων, ἦτοι ὁ τὴν ἐξουσίαν δεδωκώς 5
 ἀνειπεῖν ἢ ὁ ἀπαγορεύων· ὅποτε δὲ μηδὲν τούτων γεγένη-

[38]

9 ἐνὸς del. Prisc. Usener | πράξεως εἷς Prisc. ἢ εἷς Usener

[39]

1 ἀναγράφοντας Blass cf. 38 ἀναγέγραπται | ἐν] ἐκ U

3 προγράψαντας Weidner cf. Dem. 19.185 | νομοθέτας Π35 (ut vid.)

βfkTUAlD νομοθέταις Dobree

4.5 τῷ δήμῳ del. Schöll

5 καὶ del. Kaibel Dilts | καταλείπειν **βf^ckUAlD** καταλιπεῖν **f^aT**

6 ὅμως **U^a** ὅπως **TU^mgAlD** | πλείους **amgfUAlD** πλείους περὶ
VxLkT

8 tit. om. **amgT** νόμος V sine term. **xL**

[40]

1 ἀληθῆς ἦν **βfTUAlD** ἦν ἀληθῆς **k**

2 κείμενοι νόμοι **βfTUAlD** νόμοι κείμενοι **k**

3 οἶμαι **k** οἶομαι **βfTUAlD**

4 ἀποδόντων **m^cfkU** ἀποδιδόντων **β(m^a)TAlD**

6 ἀνειπεῖν **βfTUAlD** ἂν εἰπεῖν **k** | γεγένηται **fkTU^c** γένηται
βU^aAlD

ται, φανερώς δὴ που ἐξελέγχονται οὐ μόνον ψευδῆ λέγοντες, ἀλλὰ καὶ παντελῶς ἀδύνατα γενέσθαι.

[41] Ὅθεν δὲ δὴ τὸ ψεῦδος τοῦτο ἐπιφέρουσιν, ἐγὼ διδάξω ὑμᾶς, προειπὼν ὧν ἕνεκα οἱ νόμοι ἐτέθησαν οἱ περὶ τῶν ἐν τῷ θεάτρῳ κηρυγμάτων. Γιγνομένων γὰρ τῶν ἐν ἅσται τραγωδῶν ἀνεκῆρυττον τινες, οὐ πείσαντες τὸν δῆμον, οἱ μὲν ὅτι στεφανοῦνται ὑπὸ τῶν φυλετῶν, ἕτεροι δ' ὑπὸ τῶν δημοτῶν· ἄλλοι δὲ τινες ὑποκηρυζάμενοι τοὺς αὐτῶν οἰκέτας ἀφίεσαν ἀπελευθέρους, μάρτυρας τοὺς Ἑλληνας [τῆς ἀπελευθερίας] ποιούμενοι. [42] Ὁ δ' ἦν ἐπιφθονώτατος, προξενίας εὐρημένοι τινὲς ἐν ταῖς ἔξω πόλεσι, διεπράττοντο ἀναγορεύεσθαι ὅτι στεφανοῖ αὐτοὺς ὁ δῆμος, εἰ οὕτω τύχοι, ὁ τῶν Ῥοδίων ἢ Χίων ἢ καὶ ἄλλης τινὸς πόλεως ἀρετῆς ἕνεκα καὶ ἀνδραγαθίας. Καὶ ταῦτ' ἔπραττον οὐχ ὥσπερ οἱ ὑπὸ τῆς βουλῆς τῆς ὑμετέρας στεφανούμενοι ἢ ὑπὸ τοῦ δήμου, πείσαντες ὑμᾶς καὶ μετὰ ψηφίσματος, πολλὴν χάριν καταθέμενοι, ἀλλ' αὐτοὶ προελόμενοι, ἄνευ δόγματος ὑμετέρου. [43] Ἐκ δὲ τούτου τοῦ τρόπου συνέβαινε τοὺς μὲν θεατὰς καὶ τοὺς χορηγοὺς καὶ τοὺς ἀγωνιστὰς ἐνοχλεῖσθαι, τοὺς δὲ ἀνακηρυττομένους ἐν τῷ θεάτρῳ μείζοσι τιμαῖς τιμᾶσθαι τῶν ὑπὸ τοῦ δήμου στεφανουμένων. Τοῖς μὲν γὰρ ἀπεδέδεικτο τόπος ἢ ἐκκλησία ἐν ἧ' χρῆν στεφανοῦσθαι, καὶ ἀπείρητο ἄλλοθι

[41]

1 ψεῦδος **βkT^a** ψευδὲς **fT^cUAld**
 2 ὑμᾶς del. Blass (hiat.)
 3 τῷ om. **k**
 5 φυλετῶν **βkTAld** φυλῶν **fU**
 6 δ' <ὅτι> Cobet | δὲ om. **k**
 7 ἀφίεσαν **βf^cTUAld** ἀφείσαν **k** ἀφήεσαν **f^a** | ἐλευθέρους Cobet
 8 del. Cobet | τῆς ἀπελευθερίας post 7 μάρτυρας **βfT^cUAld**

[42]

2 εὐρημένοι τινὲς **kU^{mg}** τινὲς εὐρημένοι **βfT^cAld** τινὲς (τινὸς **T^a**)
 εὐρηκότες **T^aU^a**
 4 ἄλλης τινὸς **βfTUAld** τινος ἄλλης **k**
 5 ἀρετῆς ἕνεκα **k** ἕνεκα ἀρετῆς **βfTUAld**
 6 οἱ om. **βfTU**
 7 ἢ <οἱ> Cobet | μετὰ ψηφίσματος del. Cobet

[43]

4 τιμαῖς om. **β (V^a) U^aAld**, hab. **U^{sl}**
 5 ἀπέδεικτο **Ald** ἀπεδέδεικται **T** ἀποδεκτο **U^{mg}**
 6 χρῆν **amgxLk** χρῆν **VfTUAld**

μηδαμου' κηρύττεσθαι· οἱ δὲ ἀνηγορεύοντο ἐναντίον ἀπάντων τῶν Ἑλλήνων· κάκεινοι μὲν μετὰ ψηφίσματος, πείσαντες ὑμᾶς, οὗτοι δ' ἄνευ ψηφίσματος.

[44] Συνιδὼν δὴ τις ταῦτα νομοθέτης, τίθησι νόμον οὐδὲν ἐπικοινωνοῦντα τῷ περὶ τῶν ὑπὸ τοῦ δήμου στεφανουμένων νόμῳ, οὔτε λύσας ἐκείνον· οὐδὲ γὰρ ἡ ἐκκλησία ἠνωχλεῖτο, ἀλλὰ τὸ θέατρον· οὔτ' ἐναντίον τοῖς πρότερον κειμένοις τιθείς· οὐ γὰρ ἔξεστιν· ἀλλὰ περὶ τῶν ἄνευ ψηφίσματος ὑμετέρου στεφανουμένων ὑπὸ τῶν φυλετῶν καὶ δημοτῶν, καὶ περὶ τῶν τοὺς οἰκέτας ἀπελευθερούντων, καὶ περὶ τῶν ξενικῶν στεφάνων, καὶ διαρρήδην ἀπαγορεύει μὴτ' οἰκέτην ἀπελευθεροῦν ἐν τῷ θεάτρῳ, μὴθ' ὑπὸ τῶν φυλετῶν ἢ δημοτῶν ἀναγορεύεσθαι στεφανούμενον, μὴθ' ὑπ' ἄλλου, φησί, μηδενός, ἢ ἄτιμον εἶναι τὸν κήρυκα.

[45] Ὅταν οὖν ἀποδείξῃ τοῖς μὲν ὑπὸ τῆς βουλῆς στεφανουμένοις εἰς τὸ βουλευτήριον ἀναρρηθῆναι, τοῖς δ' ὑπὸ τοῦ δήμου στεφανουμένοις εἰς τὴν ἐκκλησίαν, τοῖς δ' ὑπὸ τῶν δημοτῶν στεφανουμένοις καὶ φυλετῶν ἀπείπη μὴ κηρύττεσθαι τοῖς τραγωδοῖς, ἵνα μηδεὶς ἐραυίζων στεφάνους

[43]

7 ἐναντίον Cobet ἐνώπιον **βfkTUAld**

9 οὗτοι **βfTUAld** οἱ **k**

[44]

1 συνιδὼν **βfTUAld** συνειδὼς **k** | δὴ **βfTUAld** δέ **k**

2 τῷ om. **ak^a** | περὶ om. **ak**

3 νόμῳ] τῶν νόμων **U^{ms}** | οὐδὲ **βfTUAld** οὐ **k** | ἠνωχλεῖτο **amGLf**

TU^{ms}Ald ἠνωχλεῖτο **xkU^a** ἠνοχλεῖτο **V**

4 κειμένοις **k** κειμένοις νόμοις **βfTUAld**

5 τιθείς **βfTUAld** τίθησιν **k** | οὐ] οὐδὲ **U^{ms}**

6.7 τῶν φυλετῶν κ. δημοτῶν **βfTUAld** τῶν δημοτῶν κ. τῶν φυλετῶν **k**

11 μηδενός **βAld** μηθενός **fTU** post μηδενός add. 45,7 ἀνακη-

ρύττεσθαι – 8 φυλετῶν **k**

[45]

1 ἀποδείξῃ ὁ νόμος **TU**

2 εἰς del. Usener Dilts

3 εἰς del. Usener Dilts

3 et 4 στεφανουμένοις del. Cobet

4 φυλετῶν **βfTUAld** δημοτῶν **k**

5 στεφάνους **βfTUAld** στέφανον **k**

καὶ κηρύγματα ψευδῆ φιλοτιμίαν κτᾶται, προσαιπίη
 δ' ἐν τῷ νόμῳ μηδ' ὑπὸ ἄλλου μηδενὸς ἀνακηρύττεσθαι,
 ἀπούσης βουλῆς καὶ δήμου καὶ φυλετῶν καὶ δημοτῶν, –
 ὅταν δέ τις ταῦτα ἀφέλη, τί τὸ καταλειπόμενόν ἐστι πλὴν
 οἱ ξενικοὶ στέφανοι; 10
 [46] Ὅτι δ' ἀληθῆ λέγω, μέγα σημεῖον ὑμῖν τούτου ἐξ 1
 αὐτῶν τῶν νόμων ἐπιδείξω. Αὐτὸν γὰρ τὸν χρυσοῦν στέ-
 φανον, ὃς ἂν ἐν τῷ θεάτρῳ τῷ ἐν ἄστει ἀναρρηθῆ, ἱερὸν
 εἶναι τῆς Ἀθηνᾶς ὁ νόμος κελεύει, ἀφελόμενος τὸν στε-
 φανούμενον. Καίτοι τίς ἂν ὑμῶν τολμήσειε τοσαύτην ἀνε- 5
 λευθερίαν καταγνῶναι τοῦ δήμου τοῦ Ἀθηναίων; μὴ γὰρ
 ὅτι πόλις, ἀλλ' οὐδ' ἂν ιδιώτης οὐδὲ εἷς οὕτως ἀγεννῆς
 γένοιτο ὥστε ὄν αὐτὸς ἔδωκε στέφανον ἅμα ἀνακηρύττειν
 καὶ ἀφαιρεῖσθαι καὶ καθιεροῦν. Ἀλλ' οἶμαι διὰ τὸ ξενικὸν
 εἶναι τὸν στέφανον καὶ ἡ καθιέρωσις γίνεταί, ἵνα μηδεὶς 10
 ἀλλοτρίαν εὐνοίαν περὶ πλείονος ποιούμενος τῆς πατρίδος
 χείρων γένηται τὴν ψυχὴν. [47] Ἀλλ' οὐκ ἐκείνον τὸν ἐν τῇ 1
 ἐκκλησίᾳ ἀναρρηθέντα στέφανον οὐδεὶς καθιεροῖ, ἀλλ' ἔξε-
 σσι κεκτῆσθαι, ἵνα μὴ μόνον αὐτός, ἀλλὰ καὶ οἱ ἐξ
 ἐκείνου, ἔχοντες ἐν τῇ οἰκίᾳ τὸ ὑπόμνημα, μηδέποτε κακοὶ

[45]

6 καὶ om. Z.

7 μηδ' **βfTUAld** μήθ' **k** | ἀνακηρύττεσθαι <ἂν μὴ ψηφίσεται ὁ
 δήμος> Blass cf. 47

8 ἀπούσης – δημοτῶν del. Taylor

9 ἀφέλη **k** ἀφέληται **βfTUAld**

[46]

1 μέγα σημεῖον ὑμῖν **βfTUAld** σημεῖον ὑμῖν μέγα **k** | τούτου **βfk**
TUAld τούτων Blass cf. 2.103, 141 (hiat.)3 τῷ² om. **fUAld**4 ὁ νόμος κελεύει **k** (cf. 20, 32, 34, 249) κελεύει ὁ νόμος **βfTUAld**
 (cf. 18, 19)6 καταγνῶναι τοῦ... Ἀθηναίων **βfTUAld** τοῦ... Ἀθηναίων καταγνῶναι
 (Ἀθηναίου **k**^a) **k** | τοῦ² **k** τῶν **βfTUAld**7 οὐδὲ εἷς] οὐδεὶς **U**8 ἅμα **afkAld** ἅμα καὶ **mgVxLTU**

9 καὶ καθιεροῦν del. Cobet

10 καθιέρωσις **βfTUAld** ἰέρωσις **k** | γίνεταί **βkT** γεγένηται
fUAld11 εὐνοίαν **βfTUAld** ἔννοιαν **k**

[47]

2 ἀναρρηθέντα στέφανον **VxLfkTUAld** στέφανον ἀναρρηθέντα
amg et Blass (hiat.), pace Blass4 τὸ **agVxLTUAld** del. Bake τι **m** τοῦθ' Weidner

τὴν ψυχὴν εἰς τὸν δῆμον γίνωνται. Καὶ διὰ τοῦτο προσ- 5
 ἔθηκεν ὁ νομοθέτης μὴ κηρύττεσθαι τὸν ἀλλότριον στε-
 φανον ἐν τῷ θεάτρῳ, ἐὰν μὴ ψηφίσῃται ὁ δῆμος, ἢ ἡ
 πόλις ἢ βουλομένη τινὰ τῶν ἡμετέρων στεφανοῦν πρέσβεις
 πέμψασα δεηθῆ τοῦ δήμου, ἵνα κηρυττόμενος μείζω χά-
 ριν εἰδῆ τῶν στεφανούντων ὑμῖν ὅτι κηρύξαι ἐπετρέψατε. 10
 Ὅτι δ' ἀληθῆ λέγω, τῶν νόμων αὐτῶν ἀκούσατε.

Νόμοι

[48] Ἐπειδὴν τοίνυν ἐξαπατῶντες ὑμᾶς λέγωσιν ὡς 1
 προσγέγραπται ἐν τῷ νόμῳ ἐξεῖναι στεφανοῦν, ἐὰν ψηφί-
 σῃται ὁ δῆμος, ἀπομνημονεύετε αὐτοῖς ὑποβάλλειν· ναί, εἴ
 γε σέ τις ἄλλη πόλις στεφανοῖ· εἰ δὲ ὁ δῆμος ὁ Ἀθηναίων,
 ἀποδέδεικται σοι τόπος ὅπου δεῖ τοῦτο γίνεσθαι, ἀπείρη- 5
 ται σοι ἕξω τῆς ἐκκλησίας μὴ κηρύττεσθαι. Τὸ γὰρ ἄλλοθι
 δὲ μηδαμοῦ ὅ τι ἐστίν, ὅλην τὴν ἡμέραν λέγε· οὐ γὰρ
 ἀποδείξεις ὡς ἔννομα γέγραφεν.

[47]

6 μὴ **βfTUAlD** μέτε **k**

8 τινὰ **βfkTUAlD** τινὰς **Π8** | ἡμετέρων **fkUAlD** ὑμετέρων **T**
 Budé-Martin | στεφανοῦν **βfkTUAlD** οὕς ἂν ἀξιοῖτο στεφανοῦν **Π8**

9 πέμψασα **βfkTU^{ms}AlD** πέμπουσα **Π8** πέμψας **U^a** | ἢ ὁ **Π8** et
 Stephanus καὶ ὁ Halm ἵνα **βfkTUAlD**

10 εἰδῆ] ἐχῆ **U^{ms}** | στεφανούντων] στεφανῶν **U^{ms}** | ὑμῖν **Π8** et Wolf ὑμῖν
 ἢ τοῖς στεφάνοις **βfkTUAlD** (στεφανοῖσιν **U** στεφανοῦσιν **TAlD**)

11 νόμων **Π8k** νόμων αὐτῶν **βfTUAlD**

12 tit. νόμος **amVT** sine term. **xL** om. **g**

[48]

2 προσγέγραπται **k** προγέγραπται **βfTUAlD** | στεφανοῦν del. Blass
 3 ἀπομνημονεύετε **βfTUAlD** ὑπομνημονεύετε **k** | ὑποβάλλειν **βkT**
 ὑποβαλεῖν **fUAlD**

5 ἀποδέδεικται **m^cx^afkU** ἀποδέδεικτό **am^agVx^cLTAlD** | γίνεσθαι
V^ck γενέσθαι **amgV^axLfTUAlD**

8 γέγραφεν **V^ckT** γέγραφας **amgV^axLfUAlD**

- [49] Ἔστι δὲ ὑπόλοιπόν μοι μέρος τῆς κατηγορίας ἐφ' ᾧ 1
 μάλιστα σπουδάζω· τοῦτο δέ ἐστιν ἡ πρόφασις δι' ἣν
 αὐτὸν ἀξιοῖ στεφανοῦσθαι. Λέγει γὰρ οὕτως ἐν τῷ ψηφί-
 σματι· 'καὶ τὸν κήρυκα ἀναγορεύειν ἐν τῷ θεάτρῳ πρὸς
 τοὺς Ἕλληνας ὅτι στεφανοῖ αὐτὸν ὁ δῆμος ὁ [τῶν] Ἀθη- 5
 ναίων ἀρετῆς ἕνεκα καὶ ἀνδραγαθίας, καὶ τὸ μέγιστον·
 'ὅτι διατελεῖ λέγων καὶ πράττων τὰ ἄριστα τῷ δήμῳ'.
 [50] Ἀπλοῦς δὴ παντάπασι ὁ μετὰ ταῦτα ἡμῖν λόγος γίνε- 1
 ται, καὶ ὑμῖν ἀκούσασι κρῖναι εὐμαθῆς· δεῖ γὰρ δὴ πού
 τὸν μὲν κατηγοροῦντα ἐμὲ τοῦθ' ὑμῖν ἐπιδεικνύναι ὡς εἰ-
 σὶν οἱ κατὰ Δημοσθένους ἔπαινοι ψευδεῖς, καὶ ὡς οὐτ' ἤρ- 5
 ξατο λέγειν τὰ βέλτιστα, οὔτε νῦν διατελεῖ πράττων τὰ
 συμφέροντα τῷ δήμῳ. Κἂν τοῦτ' ἐπιδείξω, δικαίως δὴ πού
 τὴν γραφὴν ἀλώσεται Κτησιφῶν· ἅπαντες γὰρ ἀπαγορεύ-
 ουσιν οἱ νόμοι μηδένα ψευδῆ [γράμματα] ἐγγράφειν ἐν τοῖς
 δημοσίοις ψηφίσμασι. Τῷ δ' ἀπολογουμένῳ τούναντίον 10
 τούτου δεικτέον ἐστίν. Ὑμεῖς δ' ἡμῖν ἔσεσθε τῶν λόγων
 κριταί.
 [51] Ἔχει δ' οὕτως. Ἐγὼ τὸν μὲν βίον τὸν Δημοσθένους 1
 ἐξετάζω μακροτέρου λόγου ἔργον ἡγοῦμαι εἶναι. Τί γὰρ

[49]

1 μοι om. arg. | ἐστίν arg.

5 del. Weidner

7 λέγων **βfTUAld** cf. 237; Dem. 18.54, 57, 59 καὶ λέγων **k** arg. | τὰ
 ἄριστα τῷ δήμῳ **βfTUAld** (δήμῳ τῶν Ἀθηναίων arg.) τῷ δήμῳ τὰ
 ἄριστα **k**

[50]

1 λόγος] ὁ λόγος **U**4 κατὰ **βTAld** κατὰ τοῦ **fkU** περὶ **U^{ms}** Syr.8 del. Taylor cf. schol. 3.50.106 om. **Ald** | ἐγγράφειν **βfTU** γράφειν
kAld cf. 3 arg.

[51]

1 τὸν² **βk** τοῦ **fTUAld**2 εἶναι om. cod. **Flor.** del. Blass (hiat.) sed vid. 1.137; 3.182

δεῖ νῦν ταῦτα λέγειν ἢ τὰ περὶ τὴν τοῦ τραύματος γραφὴν
 αὐτῷ συμβεβηκότα, ὅτ' ἐγράψατο εἰς Ἄρειον πάγον Δημο- 5
 μέλην τὸν Παιανιέα, ἀνεψιὸν ὄντα ἑαυτῷ, καὶ τὴν τῆς κε-
 φαλῆς ἐπιτομήν· ἢ τὰ περὶ τὴν Κηφισοδότου στρατηγίαν
 καὶ τὸν τῶν νεῶν ἔκπλουν τὸν εἰς Ἑλλάσποντον, ὅτε εἷς 1
 ὢν τῶν τριηράρχων Δημοσθένης, [52] καὶ περιάγων τὸν
 στρατηγὸν ἐπὶ τῆς νεῶς καὶ συσσιτῶν καὶ συνθύων καὶ συ-
 σπένδων, καὶ τούτων ἀξιωθεὶς διὰ τὸ πατρικὸς αὐτῷ φίλος
 εἶναι, οὐκ ὤκνησεν ἀπ' εἰσαγγελίας αὐτοῦ κρινομένου περὶ 5
 θανάτου κατήγορος γενέσθαι· καὶ ταῦτ' ἤδη τὰ περὶ Μει-
 δίαν καὶ τοὺς κονδύλους οὓς ἔλαβεν ἐν τῇ ὀρχήστρα
 χορηγὸς ὢν, καὶ ὡς ἀπέδοτο τριάκοντα μνῶν ἅμα τὴν τε
 εἰς αὐτὸν ὕβριν καὶ τὴν τοῦ δήμου καταχειροτονίαν ἣν ἐν 1
 Διονύσου κατεχειροτόνησε Μειδίου. [53] Ταῦτα μὲν οὖν μοι
 δοκῶ καὶ τᾶλλα τὰ τούτοις ὅμοια ὑπερβήσεσθαι, οὐ
 προδιδοὺς ὑμᾶς οὐδὲ τὸν ἀγῶνα καταχαριζόμενος,

[51]

4 αὐτῷ συμβεβηκότα del. Blass | ἐγράψαντο Harp. (codd.)

4.5 δημομέλην Bekker δημομέλη **βkTAld** δημομελῆ **fU** δημόσια Harp.

5 παιανέα **f^a** | ἑαυτῷ om. Harp. et Blass

7 τὸν¹ om. **U** | τὸν εἰς **βfTUAld** εἰς τὸν **k** (Π14 incert.) | εἷς **βfkTUAld** ὁ εἷς Π14

8 τριηράρχων **f^akU** τριηραρχῶν **βf^aTAld** (Π14 incert.)

[52]

2 καὶ³ del. Halm

3 αὐτῷ **βfTUAld** αὐτῶν **k**

5 ἤδη] δῆ Cobet

9 διονύσου Π14^c**βfkTUAld** τοῖς διονουσίσις Π14^a

[53]

2 δοκῶ] δοκοῦν **U**

ἀλλ' ἐκεῖνο φοβούμενος μή μοι παρ' ὑμῶν ἀπαντήση τὸ
δοκεῖν ἀληθῆ μὲν λέγειν, ἀρχαῖα δὲ καὶ λίαν ὁμολογού- 5
μενα. Καίτοι, ὧ Κτησιφῶν, ὅτω τὰ μέγιστα τῶν αἰσχυρῶν
οὕτως ἐστὶ πιστὰ καὶ γνώριμα τοῖς ἀκούουσιν ὥστε τὸν
κατήγορον μὴ δοκεῖν ψευδῆ λέγειν, ἀλλὰ παλαιὰ καὶ λίαν
προωμολογημένα, πότερα αὐτὸν δεῖ χρυσῷ στεφάνῳ στε-
φανωθῆναι, ἢ ψέγεσθαι; καὶ σὲ τὸν ψευδῆ καὶ παράνομα 10
τολμῶντα γράφειν πότερα χρή καταφρονεῖν τῶν δικαστη-
ρίων, ἢ δίκην τῇ πόλει δοῦναι;

[54] Περὶ δὲ τῶν δημοσίων ἀδικημάτων πειράσομαι σαφέ- 1
στερον εἰπεῖν. Καὶ γὰρ πυνθάνομαι μέλλειν Δημοσθένην,
ἐπειδὰν αὐτοῖς ὁ λόγος ἀποδοθῆ, καταριθμεῖσθαι πρὸς
ὑμᾶς ὡς ἄρα τῇ πόλει τέτταρες ἤδη γεγένηται καιροὶ ἐν
οἷς αὐτὸς πεπολίτευται. Ὡν ἓνα μὲν καὶ πάντων πρῶτον, 5
ὡς ἔγωγε ἀκούω, καταλογίζεται ἐκεῖνον τὸν χρόνον ἐν ᾧ
πρὸς Φίλιππον ὑπὲρ Ἀμφιπόλεως ἐπολεμοῦμεν· τοῦτον
δ' ἀφορίζεται τῇ γενομένῃ εἰρήνῃ καὶ συμμαχίᾳ ἣν Φιλο-
κράτης ὁ Ἀγνούσιος ἔγραψε καὶ αὐτὸς οὗτος μετ' ἐκείνου,
ὡς ἐγὼ δεῖξω. [55] Δεύτερον δέ φησι γενέσθαι ὃν ἤγομεν 1

[53]

4 μοι Π14¹βfkTUAld τις Π14² | ἀπαντήση βfkTUAld ἀπαντήση
τι τοιοῦτον Π14¹ ἀπαντήση θόρυβος Π14² (cf. 1.83 μείζων – θόρυβος)
| τὸ δοκεῖν Π14¹βfkUAld καὶ δόξω Π14² δοκεῖν T
5 ἀληθῆ μὲν Π14 Cobet Monaco μὲν ἀληθῆ βfkTUAld
7 οὕτως Π14²βfTUAld ὅπως Π14¹ utrum om. k | ὥστε Π14Lk ὡς
amgVxfTUAld
9 προωμολογημένα βkT προωμολογημένα fUAld | στεφανοῦσθαι
Bake cf. 152
10 ψέγεσθαι] ἀτιμοῦσθαι Dobree ἀπολέσθαι Baiter-Sauppe | ψευδῆ
κ. παράνομα βfTUAld παράνομα κ. ψευδῆ k
11 τολμοῦντα U^a, corr. U^{mg}
12 δοῦναι kU διδόναι βfTUAld

[54]

5 ἓνα] ἔνεκα U | πάντων πρῶτον k πρῶτον πάντων VxL^c πρῶτον
amgL^afUAld πρῶτον ἀπάντων T
6 ἐκεῖνον – χρόνον del. Blass (hiat.)
8 ἀφορίζεται k ἀφορίζεται τὸν χρόνον βfTUAld schol. | γενομένη
del. Blass Dilts

[55]

1 φησι mg καιρόν φησι fkT^{mg}UAld φησι καιρόν aVxL

χρόνον τὴν εἰρήνην, δηλονότι μέχρι τῆς ἡμέρας ἐκείνης ἐν
 ἣ καταλύσας τὴν ὑπάρχουσαν εἰρήνην τῇ πόλει, ὁ αὐτὸς
 οὗτος ῥήτωρ ἔγραψε τὸν πόλεμον· τρίτον δὲ ὄν ἐπολεμοῦ- 5
 μεν χρόνον μέχρι [τῆς ἀτυχίας] τῶν ἐν Χαιρωνεία, τέ-
 ταρτον δὲ τὸν νῦν παρόντα καιρόν. Ταῦτα δὲ καταριθμη-
 σάμενος, ὡς ἀκούω, μέλλει με παρακαλεῖν καὶ ἐπερωτᾶν
 ὁποίου τούτων τῶν τεττάρων αὐτοῦ καιρῶν κατηγορῶ, καὶ
 πότε αὐτὸν οὐ τὰ βέλτιστά φημι τῷ δήμῳ πεπολιτεῦσθαι-
 κᾶν μὴ θέλω ἀποκρίνασθαι, ἀλλ' ἐγκαλύπτωμαι καὶ ἀποδι- 10
 δράσκω, ἐκκαλύψειν μέ φησι προσελθῶν καὶ ἄξειν ἐπὶ τὸ
 βῆμα καὶ ἀναγκάσειν ἀποκρίνασθαι.

[56] Ἴν' οὖν μήθ' οὗτος ἰσχυρίζεται ὑμεῖς τε προειδῆτε, 1
 ἔγω τε ἀποκρίνωμαι, ἐναντίον σοι τῶν δικαστῶν, Δημόσθε-
 νες, καὶ τῶν ἄλλων πολιτῶν ὅσοι δὴ ἔξωθεν περιεστᾶσι,
 καὶ τῶν Ἑλλήνων ὅσοις ἐπιμελὲς γέγονεν ἐπακούειν τῆσδε
 τῆς κρίσεως· ὁρῶ δὲ οὐκ ὀλίγους παρόντας, ἀλλ' ὅσους οὐ- 5

[55]

5 del. Cobet | τῶν **k** τῆς **βfTUAlD**
 7 μέλλει **m^gxkAlD** μέλλειν **am^ag^aVlftU** | με om. **k** μὲν **T** |
 παρακαλεῖν **am^ag^aVxLkTU** cf. 72, 96 καλεῖν **m^gfAlD**
 8 ὁποίου – κατηγοροῶ om. **k** del. Cobet
 9 πότε **βfTUAlD** ποτε **k**
 10 ἐγκαλύπτωμαι **amgAlD** ἐγκαλύπτομαι **VxLfkTU**
 11 ἄξειν] ἔλξειν Cobet
 12 ἀναγκάσειν **βT** ἀναγκάζειν **fkUAlD**

[56]

1 προειδῆτε **βf^akTAld** προίδητε **f^a** προδῆτε (sic) **U**
 2 ἐγὼ τε] ἔγωγε Sauppe ἐγὼ δὴ Taylor ἐγὼ τί Bake ἔγωγ'
 Schultz ἐγὼ ἀποκρίνομαι Baiter-Sauppe ἐγὼ – ἀποκρίνωμεν
 del. Hamaker | ἀποκρίνωμαι **amgxLfkT^aAlD** ἀποκρίνομαι **VT^aU**
 ἀποκρινοῦμαι Bake τε ἀποκρίνωμαι del. Franke | ἐναντίον σοι **βf-**
kTUAlD, sed cf. 43, 147 σοι ἐναντίον Markland | δημόσθενες **βf^ak**
TUAlD δημοσθένει **f^a**
 3 τῶν ἄλλων πολιτῶν **βfTUAlD** τῶν πολιτῶν καὶ τῶν ἄλλων **k** | δὴ
TAld om. **k** δὲ **am^ag^aVxLfU** τε **m^gg^c** | ἔξωθεν **βfUAlD** ἔξω **kT**
 4 ὑπακούειν **βfkTUAlD**, corr. Markland

δεις πώποτε μέμνηται πρὸς ἀγῶνα δημόσιον παραγενομέ-
 νους· ἀποκρίνομαι ὅτι ἀπάντων τῶν τεττάρων καιρῶν κα-
 τηγορῶ σου, οὓς σὺ διαιρῆ, [57] κἄν οἱ τε θεοὶ θέλωσι καὶ 1
 οἱ δικασταὶ ἐξ ἴσου ἡμῶν ἀκούωσι κάγω δύνωμαι ἀπο-
 μνημονεῦσαι ἅ σοι σύνοιδα, πάνυ προσδοκῶ ἐπιδείξειν τοῖς
 δικασταῖς τῆς μὲν σωτηρίας τῇ πόλει τοὺς θεοὺς αἰτίους 5
 γεγενημένους καὶ τοὺς φιλανθρώπως καὶ μετρίως τοῖς τῆς
 πόλεως πράγμασι χρησαμένους, τῶν δὲ ἀτυχημάτων ἀπάν-
 των Δημοσθένην αἴτιον γεγενημένον. Καὶ χρήσομαι τῇ τοῦ
 λόγου τάξει ταύτῃ ἣ τοῦτον πυνθάνομαι ποιεῖσθαι μέλλειν,
 λέξω δὲ πρῶτον περὶ τοῦ πρώτου καιροῦ καὶ δευτέρον 10
 περὶ τοῦ δευτέρου καὶ τρίτον περὶ τοῦ ἐφεξῆς καὶ τέ-
 ταρτον περὶ τῶν νυνὶ καθεστηκότων πραγμάτων. Καὶ δὴ
 ἐπανάγω ἑμαυτὸν ἐπὶ τὴν εἰρήνην ἣν σὺ καὶ Φιλοκράτης
 ἐγράψατε.

[56]

6 πώποτε **βfTUAlD** ποτε **k**7 ἀποκρίνομαι **Π36** (ut vid.) **fUAlD** ἀποκρινούμαι **am gxLkT**
ἀποκρινούμεν **V**8 οὓς σὺ] ὅσους Weidner | διαιρῆ **Π36** (ut vid.) **fkUAlD** διαιρεῖς **βT**

[57]

2 ἀκούωσι **Π36** et Hamaker ἀκούσωσι **βfkTUAlD**, num recte? |
δύνωμαι **Π36mgxLkTUAlD** δύναμαι **af** δύνομαι **V**3 σοι om. **amg** | ἐπιδείξειν **Π36am^cV^axL^ckT** ἀποδείξειν **V^cL^afUAlD**
ἐπιγράφειν **m^ag^a** | τοῖς δικασταῖς del. Blass6 ἀπάντων om. **am^af^a**7 αἴτιον γεγενημένου del. Taylor cf. 4 αἰτίους γεγενημένους, sed cf.
repetit. ad 61, 236; 2.108 γεγενημένον αἴτιον **k**7.8 τοῦ λόγου τάξει **βfTUAlD** τάξει τοῦ λόγου **k**8 ἣ **k** ἣν **βfTUAlD** | ποιεῖσθαι μέλλειν **βfTUAlD** μέλλειν ποιεῖσθαι
k Dilts ποιεῖσθαι del. Weidner Budé-Martin ποιεῖσθαι μέλλειν
del. Blass9 λέξω **βfTUAlD** λέγω **k** | καιροῦ om. **Π36**10 τοῦ² **Π36** (ut vid.) **βkTAld** τῶν **fU**11 νυνὶ **Π36** (ut vid.) **k** cf. 159, 165 νῦν **βfTUAlD** | δὴ **Π36** (ut vid.)
βfTUAlD ἥδη **k**

[58] Ὑμῖν γὰρ ἐξεγένετ' ἄν, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, τὴν 1
 προτέραν ἐκείνην εἰρήνην ποιήσασθαι μετὰ κοινοῦ συνε-
 δρίου τῶν Ἑλλήνων εἴ τινες ὑμᾶς εἶασαν περιμεῖναι τὰς
 πρεσβείας ἅς ἦτε ἐκπεπομφοότες κατ' ἐκείνον τὸν καιρὸν
 εἰς τὴν Ἑλλάδα, παρακαλοῦντες ἐπὶ Φίλιππον, [μετασχεῖν 5
 Ἑλληνικοῦ συνεδρίου] καὶ προϊόντος τοῦ χρόνου
 παρ' ἐκόντων τῶν Ἑλλήνων ἀπολαβεῖν τὴν ἡγεμονίαν· καὶ
 τούτων ἀπεστερήθητε διὰ Δημοσθένην καὶ Φιλοκράτην καὶ
 τὰς τούτων δωροδοκίας ἅς ἐδωροδόκησαν συστάντες ἐπὶ
 τὸ δημόσιον τὸ ὑμέτερον. 10

[59] Εἰ δέ τισιν ὑμῶν ἐξαίφνης ἀκούσασιν ἀπιστότερος 1
 προσπέπτωκεν ὁ τοιοῦτος λόγος, ἐκείνως τὴν ὑπόλοιπον
 ποιήσασθε ἀκρόασιν. Ὡσπερ ὅταν περὶ χρημάτων ἀνηλωμέ-
 νων διὰ πολλοῦ χρόνου καθεζώμεθα ἐπὶ τοὺς λογισμοὺς,
 ἐρχόμεθα δὴ πού ψευδεῖς οἴκοθεν ἐνίοτε δόξας ἔχοντες 5
 [κατὰ τὸν λογισμὸν] ἀλλ' ὅμως ἐπειδὴν ὁ λογισμὸς συγκε-
 φαλαιωθῆ, οὐδεὶς ὑμῶν ἐστὶν οὕτω δύσκολος τὴν φύσιν
 ὅστις οὐκ ἀπέρχεται τοῦτο ὁμολογήσας καὶ ἐπινεύσας ἀλη-

[58]

2 ἐκείνην Π36Π37βfTUAld om. k
 3 εἴ τινες ὑμᾶς εἶασαν Π36βfTUAld εἴ τινες εἶασαν ὑμᾶς Π37
 οἵτινες ἡμᾶς εἶασαν k
 5 ante μετασχεῖν hab. καὶ Π36 hab. καὶ α[.....]υτους Π37
 5.6 del. Dobree cf. 64 et schol. 3.58.127
 8 φιλοκράτη Π37
 9 ἐδωροδόκησαν Π37βfTUAld ἐδωροδόκουν k | ἐπὶ – 10 ὑμέτερον
 om. Π37

[59]

1 ἀπιστότερος βfTUAld [...]v. ἀπισ[τότερος]. Π37 ἄπιστος k
 2 τοιοῦτος om. Π37
 4 καθεζώμεθα amgLfTU καθεζώμεθα VxkAld | ἐπὶ – λογισμοὺς
 del. Dobree
 5 ψευδ. οἴκ. ἐνίοτε βfTUAld ἐνίοτε ψευδ. οἴκ. k
 6 del. Sauppe τῶν λογισμῶν βfkTUAld
 7 ὑμῶν post ἐστὶν k ἡμῶν cod. Flor. Stephanus, del. Blass Budé-
 -Martin
 8 τοῦτο] τοῦθ' TUAld | ὁμολογήσας καὶ del. Blass | καὶ ἐπινεύσας om. k

θες εἶναι, ὅ τι ἂν αὐτὸς ὁ λογισμὸς αἰρή· [60] οὕτω καὶ νῦν τὴν 1
 ἀκρόασιν ποιήσασθε. Εἴ τινες ὑμῶν ἐκ τῶν ἔμπροσθεν
 χρόνων ἤκουσιν οἴκοθεν τοιαύτην ἔχοντες τὴν δόξαν ὡς
 ἄρα ὁ Δημοσθένης οὐδὲν πώποτε εἴρηκεν ὑπὲρ Φιλίππου
 συστάς μετὰ Φιλοκράτους, ὅστις οὕτω διάκειται, μήτ' ἀπο- 5
 γνώτω μηδὲν μήτε καταγνώτω πρὶν <ἂν> ἀκούσῃ· οὐ γὰρ
 δίκαιον. Ἀλλ' ἐὰν ἐμοῦ διὰ βραχέων ἀκούσητε ὑπομνή-
 σκοντος τοὺς καιροὺς καὶ τὰ ψηφίσματα παρεχομένου ἅ
 μετὰ Φιλοκράτους ἔγραψε Δημοσθένης, ἐὰν αὐτὸς ὁ τῆς
 ἀληθείας λογισμὸς ἐγκαταλαμβάνῃ τὸν Δημοσθένην πλείω 10
 μὲν γεγραφότα ψηφίσματα Φιλοκράτους περὶ τῆς ἐξ ἀρχῆς
 εἰρήνης καὶ συμμαχίας, [61] καθ' ὑπερβολὴν δὲ αἰσχύνης 1
 κεκολλακευκότα Φίλιππον καὶ τοὺς παρ' ἐκείνου πρέσβεις,
 [οὐκ ἀναμείναντα] αἴτιον δὲ γεγονότα τῷ δήμῳ τοῦ μὴ
 μετὰ κοινοῦ συνεδρίου τῶν Ἑλλήνων ποιήσασθαι τὴν εἰρή-

[59]

9 τι **βf^akTUAld** δ' **f^aU^{mg}** | αὐτὸς ὁ **βfTUAld** ὁ **k** | αἰρή **amgV^af^ak-**
TUAld αἶρη **V^af^a** αἶρη **xL**

[60]

1 καὶ νῦν om. **k**

5 διάκειται **βfTUAld** διάκειται πρὸς αὐτὸν **k**

6 add. Reising et Dobree | ἀκούσῃ **VfTUAld** ἀκούσει **amg** ἀκούσοι
kT^a term. in morsu tiniae in **x** (πρὶν – ἀκούσῃ om. **L**)

7 ἀκούσητε **βf^akTUAld** del. Blass ἀκούσαντες **f^aU^{mg}** |
 ὑπομνήσκοντος] ὑπομνήσκοντος **U**

8 τὰ ψηφίσματα ... ἅ **k** τὸ ψήφισμα ... ὁ **βfUAld**, **T** non liquet

9 ἔγραψε **βfTUAld** γέγραφε **k** | ἐὰν del. Blass def. Wilam. in Hermes
 59, 1924, 266 | αὐτὸς ὁ **βfTUAld** ὁ αὐτὸς **k**

10 ἐγκαταλαμβάνῃ **mgVxLfTUAld** ἐγκαταλαμβάνει **ak**
 καταλαμβάνῃ conl. Franke sed cf. 91, 239 | δημοσθένη **U**, corr. **U^{mg}**

11 φιλοκράτους **amV^akT** μετὰ φιλοκράτους **gxLfUAld**

[61]

3 del. Wolf om. **Π37** <τοὺς δὲ ὑμετέρους πρέσβεις> οὐκ ἀναμείναντα
 Taylor οὐκ ἀναμείναντα τοὺς πρέσβεις **k** | τοῦ om. **k**

4 τῶν ἐλλήνων om. **amgx^aL^a**

νην, ἔκδοτον δὲ πεποηκότα Φιλίππῳ Κερσοβλέπτην τὸν 5
 Θράκης βασιλέα (ἄνδρα φίλον καὶ σύμμαχον τῇ πόλει)
 ἔὰν ταῦθ' ὑμῖν σαφῶς ἐπιδείξω, δεήσομαι ὑμῶν μετρίαν
 δέησιν· ἐπινεύσατέ μοι πρὸς θεῶν τὸν πρῶτον τῶν τεττά-
 ρων καιρῶν μὴ καλῶς αὐτὸν πεπολιτεῦσθαι. Λέξω δὲ ὅθεν 10

[62] Ἔγραψε Φιλοκράτης ἐξεῖναι Φιλίππῳ δεῦρο κήρυκα 1
 καὶ πρέσβεις πέμπειν περὶ εἰρήνης. Τοῦτο τὸ ψήφισμα
 ἐγράφη παρανόμων. Ἔκον οἱ τῆς κρίσεως χρόνοι· κατη-
 γόρει μὲν Λυκῖνος ὁ γραψάμενος, ἀπελογεῖτο δὲ Φιλοκρά- 5
 τῆς, συναπελογεῖτο δὲ Δημοσθένης· ἀπέφυγε Φιλοκράτης.
 Μετὰ ταῦτα ἐπήει χρόνος Θεμιστοκλῆς ἄρχων· ἐνταῦθ' εἰς-
 ἔρχεται βουλευτῆς εἰς τὸ βουλευτήριον Δημοσθένης, οὔτε
 λαχὼν οὔτ' ἐπιλαχὼν, ἀλλ' ἐκ παρασκευῆς πριάμενος, ἴν'
 εἰς ὑποδοχὴν ἅπαντα καὶ λέγοι καὶ πράττοι Φιλοκράτει, 1
 ὡς αὐτὸ ἔδειξε τὸ ἔργον. [63] Νικᾶ γὰρ ἕτερον ψήφισμα
 Φιλοκράτης ἐν ᾧ κελεύει ἐλέσθαι δέκα πρέσβεις, οἵτινες

[61]

5 πεποηκότα φιλίππῳ **k** φιλίππῳ πεποηκότα **βfTUAld**
 7 ἔὰν **βfTUAld** ἄν **k** | ταῦθ' **βfTUAld** τοῦθ' **k**
 8 τὸν om. **T** | πρῶτον **fUAld** ἔνα **βkTU^{mg}**

[62]

1 κήρυκα **k** κήρυκας **βfTUAld**
 2 εἰρήνης **k** εἰρήνης καὶ συμμαχίας **βfTUAld** | τοῦτο **amgkTAlD**
 τουτί **VxLfU**
 4 λυκῖνος om. **am^ag^a** | ὁ om. **k** | δὲ om. **βfTAlD**
 5 δὲ **L** δὴ **k** δὲ καὶ **amgx^c** (δὲ om. **x^a**) **fAlD** δὲ καὶ ὁ **VT**
 δὲ ὁ **U** | ἀπέφυγε φιλοκράτης **βfTUAld** διέφυγεν ὁ φιλοκράτης **k**
 6 ἐπήει χρόνος del. Hamaker χρόνος del. Weidner χρόνος <τῶν
 ἀρχαιρεσῶν> Reiske, sed cf. And. 1.96 | ὁ χρόνος **mgTAlD**
 7 εἰς – βουλευτήριον del. Blass, sed cf. 125; 1.112
 9 ὑποδοχὴν] ἀπαδοχὴν **U^{mg}**
 10 αὐτὸς **U^a**, corr. **U^{mg}**

[63]

2 φιλοκράτης **βfTUAld** ὁ φιλοκράτης **k** | ἐν – κελεύει del. Blass
 (hiat.) sed cf. 68, 73, 237; 2.65, 83, 104 | ἔλεσθαι (sic) **U^a** ἔλκεσθαι **U^{mg}**

ἀφικόμενοι ὡς Φίλιππον ἀξιώσουσιν αὐτὸν δεῦρο πρέσβεις
 αὐτοκράτορας πέμπειν ὑπὲρ εἰρήνης. Τούτων εἷς ἦν Δημο- 5
 σθένης. Κάκειθεν ἐπανήκων ἐπαινέτης ἦν τῆς εἰρήνης, καὶ
 ταῦτά τοῖς ἄλλοις πρέσβεσιν ἀπήγγελλε, καὶ μόνος τῶν
 βουλευτῶν ἔγραψε σπείσασθαι τῷ κήρυκι τῷ ἀπὸ τοῦ Φι-
 λίππου καὶ τοῖς πρέσβεσιν, ἀκόλουθα γράφων Φιλοκράτει
 ὁ μὲν γε τὴν ἐξουσίαν ἔδωκε τοῦ δεῦρο κήρυκα καὶ πρέ-
 σβεις πέμπεσθαι, ὁ δὲ τῇ πρεσβείᾳ σπένδεται. 10

[64] Τὰ δὲ μετὰ ταῦτα ἤδη μοι σφόδρα προσέχετε τὸν 1
 νοῦν. Ἐπράττετο γὰρ οὐ πρὸς τοὺς ἄλλους πρέσβεις, τοὺς
 πολλὰ συκοφαντηθέντας ὕστερον ἐκ μεταβολῆς ὑπὸ Δημο-
 σθένους, ἀλλὰ πρὸς Φιλοκράτην καὶ Δημοσθένην, εἰκότως,
 τοὺς ἅμα μὲν πρεσβεύοντας, ἅμα δὲ τὰ ψηφίσματα 5
 γράφοντας, πρῶτον μὲν ὅπως μὴ περιμενεῖτε τοὺς πρέ-
 σβεις, οὓς ἦτε ἐκπεπομφοῦτες παρακαλοῦντες ἐπὶ Φίλιππον,
 ἵνα μὴ μετὰ τῶν Ἑλλήνων, ἀλλ' ἰδίᾳ ποιήσησθε τὴν εἰρή-
 νην. [65] δεῦτερον δ' ὅπως μὴ μόνον εἰρήνην, ἀλλὰ καὶ 1
 συμμαχίαν εἶναι ψηφιεῖσθε πρὸς Φίλιππον, ἵν' εἴ τινες
 προσέχοιεν τῷ πλήθει τῷ ὑμετέρῳ εἰς τὴν ἐσχάτην ἐμπέ-
 σοιεν ἀθυμίαν, ὀρῶντες ὑμᾶς αὐτοὺς μὲν παρακαλοῦντας

[63]

3 ὡς VxLkT πρὸς amgfUAld
 4 αὐτοκράτορα T | πέμπειν βfTUAld ἀποστέλλειν k | ὑπὲρ m⁶fU
 ὑπὲρ τῆς am^agVxLkTAld | τούτων βfTUAld τοῦτον k
 6 ταῦτά m^ag^ckT ταῦτα am^ag^aVxLfUAld | τῶν fkAld τῶν ἄλλων
 βTU
 7 ἀπὸ q Wolf ὑπὸ βfkTUAld | ἀπὸ τοῦ del. Herwerden
 9 ἔδωκε k δέδωκε βfTUAld | κήρυκα βkT κήρυκας fUAld
 10 πέμπειν con1. Blass | σπένδεται βfTUAld σπένδεσθαι k

[64]

1 μοι – 2 νοῦν βfTUAld (τὸν om. U) cf. 2.22 σφόδρα μοι τὸν νοῦν
 προσέχετε k
 2 οὐ om. U
 3 <τά> πολλὰ Reiske, hab. Ald
 5 μὲν om. U | τὰ om. m⁶fU
 6 περιμείνητε βfkTUAld, corr. Bernardus
 7 παρακαλοῦντας Markland sed cf. 58, 68
 8 τῶν k τῶν ἄλλων βfTUAld | ἀλλ' ἰδίᾳ βf^ckTUAld ἀλλὰ
 δίχα f^a | ποιήσαισθε Bekker

[65]

1 εἰρήνην k τὴν εἰρήνην βfTUAld
 3 προσέχοιεν βfU^{mg}Ald προσεῖχον kTU^a
 4 ὀρῶντες βfTUAld ὀρῶντας k | ὑμᾶς αὐτοὺς μὲν βfTUAld
 αὐτοὺς μὲν ὑμᾶς k | παρακαλοῦντες U^a, corr. U^{sl}

ἐπὶ τὸν πόλεμον, οἴκοι δὲ μὴ μόνον εἰρήνην, ἀλλὰ καὶ 5
 συμμαχίαν ἐψηφισμένους ποιεῖσθαι· τρίτον δὲ ὅπως Κερ-
 σοβλέπτῃς ὁ Θυράκης βασιλεὺς μὴ ἔσται ἔνορκος, μηδὲ με-
 τέσται τῆς συμμαχίας καὶ τῆς εἰρήνης αὐτῶ. Παρηγγέλλετο
 δ' ἐπ' αὐτὸν ἤδη στρατεία. [66] Καὶ ταῦθ' ὁ μὲν ἐξωνού- 1
 μενος οὐκ ἠδίκηι, πρὸ γὰρ τῶν ὄρκων καὶ τῶν συνθηκῶν
 ἀνεμέσητον ἦν αὐτῶ πράττειν τὰ συμφέροντα, οἱ δ' ἀπο-
 δόμενοι καὶ κατακοινωνήσαντες τὰ τῆς πόλεως ἰσχυρὰ 5
 μεγάλης ὀργῆς ἦσαν ἄξιοι. Ὁ γὰρ μισαλέξανδρος νυνὶ φά-
 σκων εἶναι καὶ τότε μισοφίλιππος Δημοσθένης, ὁ τὴν ξε-
 νίαν ἐμοὶ προφέρων τὴν Ἀλεξάνδρου, γράφει ψήφισμα,
 τοὺς καιροὺς τῆς πόλεως ὑφαιρούμενος, [67] ἐκκλησίαν ποι- 1
 εῖν τοὺς πρυτάνεις τῇ ὀγδόῃ ἰσταμένου τοῦ ἔλαφροβλιῶνος
 μηνός, ὅτ' ἦν τῶ Ἀσκληπιῶ ἢ θυσία καὶ ὁ προαγών, ἐν τῇ
 ἱερᾷ ἡμέρᾳ, ὃ πρότερον οὐδεὶς μέμνηται γεγονός, τίνα 5
 πρόφασιν ποιησάμενος; ἵνα, φησὶν, ἐὰν ἤδη παρῶσιν οἱ
 Φιλίππου πρέσβεις, βουλευέσθαι ὁ δῆμος ὡς τάχιστα περὶ
 τῶν πρὸς Φίλιππον, τοῖς οὐπω παροῦσι πρέσβεσι προκα-
 ταλαμβάνων τὴν ἐκκλησίαν, καὶ τοὺς χρόνους ὑμῶν ὑποτε-
 μνόμενος καὶ τὸ πρᾶγμα κατασπεύδων, ἵνα μὴ μετὰ τῶν

[65]

5 τὸν **βfTUAl**d τὸν πρὸς φίλιππον **k**
 7 μηδὲ Bekker μήτε **βfkTUAl**d
 8 παρηγγέλλετο **U^a**, corr. **U^{mg}**
 9 ἐπ' αὐτὸν ἤδη **βfT¹UAl**d ἤδη ἐπ' αὐτὸν **k** ἐπ' αὐτῶ ἤδη **T^a**

[66]

4 κατακοινωνήσαντες **amgVLfTUAl**d κατακοινώσαντες **xk** | τὰ
 om. **fU**

[67]

1 ποιεῖν **βfUAl**d ποιεῖσθαι **kT**
 2 ἰσταμένου **βkTAld** ἰσταμένη **f**, **U** non liquet
 3 τῶ om. **k** | καὶ ὁ προαγών **xL^afUAl**d (προαγῶν **L^a**) καὶ ὁ προαγῶν
a καὶ ὅτ' ἦν ὁ προαγῶν **mgT** καὶ ὅτ' ἦν ὁ προαγῶν **VL^ck**
 4 ὁ **m^cgVL^ckT** ἢ **fUAl**d om. **am^ag^axL^a** | γεγονός **k** γενόμενον
βfTUAld
 5 ἤδη παρῶσιν **βfTUAl**d παρῶσιν ἤδη **k** | οἱ **k** οἱ τοῦ **βfTUAl**d
 6 δῆμος **βfk^cTUAl**d φίλιππος **k^a** | ὡς om. **fT**
 7 φίλιππον **βkT** φίλιππον πρέσβεων **fUAl**d
 8 ὑμῶν **βfTUAl**d ἡμῶν **k**

ἄλλων Ἑλλήνων, ἐπανεληθόντων τῶν ὑμετέρων πρέσβειων, 10
ἀλλὰ μόνοι ποιήσησθε τὴν εἰρήνην.

[68] Μετὰ δὲ ταῦτα, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, ἤκον οἱ Φιλίππου 1
πρέσβεις· οἱ δὲ ὑμέτεροι ἀπεδήμουν, παρακαλοῦντες τοὺς
Ἑλληνας ἐπὶ Φίλιππον. Ἐνταῦθ' ἕτερον νικᾷ ψήφισμα
Δημοσθένους, ἐν ᾧ γράφει μὴ μόνον ὑπὲρ εἰρήνης, ἀλλὰ 5
καὶ περὶ συμμαχίας βουλευσασθαι, μὴ περιμείναντας τοὺς
πρέσβεις τοὺς ὑμετέρους, ἀλλ' εὐθὺς μετὰ τὰ Διονύσια τὰ
ἐν ἄστει, τῇ ὀγδόῃ καὶ ἐνάτῃ ἐπὶ δέκα. Ὅτι δ' ἀληθῆ
λέγω, τῶν ψηφισμάτων ἀκούσατε.

Ψηφίσματα

[69] Ἐπειδὴ τοίνυν, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, παρεληλύθει τὰ 1
Διονύσια, ἐγίγνοντο δὲ αἱ ἐκκλησίαι, ἐν δὲ τῇ προτέρᾳ
τῶν ἐκκλησιῶν τῇ ὀγδόῃ ἐπὶ δέκα ἀνεγνώσθη δόγμα κοινὸν
τῶν συμμαχῶν, οὗ τὰ κεφάλαια διὰ βραχέων ἐγὼ προερῶ. 5
Πρῶτον μὲν γὰρ ἔγραψαν ὑπὲρ εἰρήνης ὑμᾶς μόνον βου-
λεύσασθαι, τὸ δὲ τῆς συμμαχίας ὄνομα ὑπερέβησαν, οὐκ
ἐπιλελησμένοι, ἀλλὰ καὶ τὴν εἰρήνην ἀναγκαιοτέραν ἢ καλ-

[67]

10 ὑμετέρων hab. **TU^aAld** ἡμετέρων **βfkU^{sl}**

[68]

1 μετὰ δὲ **βfTUAlD** μετὰ **k** | ἤκον <μὲν> conit. Blass | οἱ **k** οἱ τοῦ
βfTUAlD

2 ἡμέτεροι **βfkTU**, corr. **Ald**

2.3 παρακαλοῦντες – φίλιππον del. Schultz cf. 64, 65

3 ἐνταῦθ' **βkTUAlD** ταῦθ' **f** | νικᾷ ψήφισμα **k** ψήφισμα νικᾷ
βfTUAlD

4 [ἐν ᾧ γράφει] conit. Blass cf. 63; 2.61 | ὑπὲρ **m^cg^f** ὑπὲρ τῆς **am^ag^a**
VxLkTUAlD

5 περὶ om. **βfTUAlD** | συμμαχίας **k** συμμαχίας ἡμᾶς **amg VxfU**
συμμαχίας ὑμᾶς **LTAlD**

6 ὑμετέρους **amgVlfTUAlD** ἡμετέρους **xk** | εὐθὺς] εὐθεῖς **U** | τὰ¹
om. **β** cf. 2.61 | τὰ ἐν ἄστει Διονύσια **Ald**

8 τῶν ψηφισμάτων ἀκούσατε **k** ἀκούσατε τῶν ψηφισμάτων **βf-**
TUAlD

9 tit. om. **am^agVxLT** ψήφισμα **k**

[69]

1 παρεληλύθει **βfTUAlD** παρελήλυθε **k**

2 δὲ αἰ] διτταὶ Markland | αἰ om. **k** | δὲ² del. Bake γε Weidner

3 ἐκκλησιῶν – δέκα **k** τῇ – δέκα post δόγμα **βfTUAlD** τῇ ὀγδόῃ
δέκα (sic) del. Taylor Martin-Budé Dilts, sed cf. 68, 98

4 κεφάλαια **U^a**, corr. **U^{mg}**

λίω ὑπολαμβάνοντες εἶναι· ἔπειτα ἀπήνησαν ὀρθῶς ἰασό-
 1 μνοι τὸ Δημοσθένους δωροδόκημα, [70] καὶ προσέγραψαν
 [ἐν τῷ δόγματι] ἐξεῖναι τῷ βουλομένῳ τῶν Ἑλλήνων ἐν
 τρισὶ μῆσιν εἰς τὴν αὐτὴν στήλην ἀναγεγράφθαι μετ' Ἀθη-
 ναίων καὶ μετέχειν τῶν ὄρκων καὶ τῶν συνθηκῶν, δύο μέ-
 5 γιστα προκαταλαμβάνοντες, πρῶτον μὲν τὸν χρόνον τὸν
 τῆς τριμήνου ταῖς τῶν Ἑλλήνων πρεσβείαις ἰκανὸν παρα-
 γενέσθαι κατασκευάζοντες, ἔπειτα τὴν τῶν Ἑλλήνων εὐ-
 νοίαν τῇ πόλει μετὰ κοινοῦ συνεδρίου κτώμενοι, ἵν' εἰ
 παραβαίνοντο αἱ συνθηκαὶ μὴ μόνοι μηδ' ἀπαράσκευοι
 10 πολεμήσαιμεν, ὃ νῦν ἡμῖν παθεῖν συνέβη διὰ Δημοσθένην.
 Ὅτι δ' ἀληθῆ λέγω, ἐξ αὐτοῦ τοῦ δόγματος ἀκούσαντες μα-
 θήσεσθε.

Δόγμα Συμμάχων

[71] Τούτῳ τῷ δόγματι συνειπεῖν ὁμολογῶ, καὶ πάντες οἱ 1
 ἐν τῇ προτέρᾳ τῶν ἐκκλησιῶν δημηγοροῦντες· καὶ ὁ δῆμος
 ἀπῆλθε τοιαύτην τινὰ δόξαν ὑπειληφώς, ὡς ἔσται μὲν ἡ
 εἰρήνη – περὶ δὲ συμμαχίας οὐκ ἄμεινον εἶη διὰ τὴν τῶν
 5 Ἑλλήνων παράκλησιν βουλευσασθαι, ἔσται δὲ κοινῇ μετὰ

[69]

8 ἰασόμενοι **mgVx^cL^ckUAld** om. **ax^aL^a** ἰασάμενοι **fT**

[70]

2 del. Blass

3 ἀναγεγράφθαι **βfT^aUAld** ἀναγράφεσθαι **kT^{s1}**

4 μέγιστα **βfTUAld** τὰ μέγιστα **k**

5 προκαταλαμβάνοντες **βkTUAld** προσκαταλαμβάνοντες **f** | μὲν **k**
 μὲν οὖν **βfTUAld** | τὸν² om. **fU**

6 παραγενέσθαι **k** γενέσθαι **βfTUAld**

7 κατασκευάζοντες **k** παρασκευάζοντες **βfTUAld**

9 παραβαίνοντο **U^a**, corr. **U^{s1}** | μόνον **U^a**, corr. **U^{mg}**

10 ὁ Cobet ἄ **βfkTUAld** | ἡμῖν **mgxkU** ὑμῖν **aVLTAld**

13 tit. δόγμα συμμάχων om. **am^agVxL^aT** συμμάχων om. **m^c**

[71]

1 δόγματι **βfTUAld** ψηφίσματι **k**

3 τοιοῦτόν τι (δόξαν delete) Weidner cf. 1.49 | ὑπειληφώς **VxLkT**
 εἰληφώς **amgfUAld**

5 βουλευσασθαι **βfTUAld** βουλευσθαι **k** | κοινῇ **aL^afUAld** schol.
 κοινῇ **mgVxL^ckT**

τῶν Ἑλλήνων ἀπάντων. Νῦξ ἐν μέσῳ, καὶ παρῆμεν τῇ
 ὑστεραία εἰς τὴν ἐκκλησίαν. Ἐνταῦθα δὴ προκαταλαβὼν
 Δημοσθένης τὸ βῆμα, οὐδενὶ τῶν ἄλλων παραλιπὼν λόγον,
 οὐδὲν ὄφελος ἔφη τῶν χθὲς εἰρημένων εἶναι λόγων, εἰ
 ταῦθ' οἱ Φιλίππου μὴ συμπεισθήσονται πρέσβεις, οὐδὲ γι- 1
 γνώσκειν ἔφη τὴν εἰρήνην ἀπούσης συμμαχίας. [72] Οὐ γὰρ
 ἔφη δεῖν, καὶ γὰρ τὸ ῥῆμα μέμνημαι ὡς εἶπε, διὰ τὴν ἀη-
 δίαν τοῦ λέγοντος ἅμα καὶ τοῦ ὀνόματος, ἀπορρηῆσαι τῆς
 εἰρήνης τὴν συμμαχίαν, οὐδὲ τὰ τῶν Ἑλλήνων ἀναμένειν 5
 μελλήματα, ἀλλ' ἢ πολεμεῖν αὐτούς, ἢ τὴν εἰρήνην ἰδίᾳ
 ποιεῖσθαι. Καὶ τελευτῶν ἐπὶ τὸ βῆμα παρακαλέσας Ἀντίπα-
 τρον ἐρώτημά τι ἡρώτα, προειπὼν μὲν ἃ ἐρήσεται, προδι-
 δάξας δὲ ἃ χρὴ κατὰ τῆς πόλεως ἀποκρίνασθαι. Καὶ τέλος
 ταῦτ' ἐνίκα, τῷ μὲν λόγῳ προσβιασαμένου Δημοσθένους,
 τὸ δὲ ψήφισμα γράψαντος Φιλοκράτους. [73] Ὁ δὲ ἦν ὑπό- 1
 λοιπον αὐτοῖς, Κερσοβλέπτην καὶ τὸν ἐπὶ Θράκης τόπον
 ἔκδοτον ποιῆσαι, καὶ τοῦτ' ἔπραξαν ἕκτη φθίνοντος τοῦ

[71]

6 νῦξ **βf^ckTUAl^d** νῦν **f^a**7 εἰς τὴν ὑστέραν ἐκκλησίαν conⁱ. Blass | προκαταλαβὼν **k**
 προκαταλαμβάνων **βfTUAl^d**8 δημοσθένης τὸ βῆμα **βfTUAl^d** τὸ βῆμα δημοσθένης **k**

[72]

2 καὶ γὰρ τὸ **βfTUAl^d** τὸ γὰρ **k** | ἀηδίαν] ἀδικίαν **U^{mg}**3.4 τῆς εἰρήνης τὴν συμμαχίαν **βfTUAl^d** τὴν συμμαχίαν τῆς
 εἰρήνης **k** τῆς φιλίας ἀπορρηῆσαι τὴν συμμαχίαν D. H.4 τὰ om. **fU**5 μελλήματα **am^cg^eLfkTU^cAl^d** μελήματα **m^ag^aVxU^a** | ἰδίᾳ] ἰδίαν
TU^a, corr. **U^{mg}**6 παρακαλέσας **βkTUAl^d** καλέσας **f**7 τι om. **k** | ἐρήσεται **βkTUAl^d** αἰρήσεται **f**9 προσβιασαμένου] προβιασαμένου **βfkTU^cAl^d**, hab. **U^a**, corr. Reiske
 cf. 93 | δημοσθένους **βkT** τοῦ δημοσθένους **fUAl^d**

ἐλαφηβολιῶνος μηνός, πρὶν ἐπὶ τὴν ὑστέραν ἀπαίρειν πρε- 5
 σβείαν τὴν ἐπὶ τοὺς ὄρκους Δημοσθένην· ὁ γὰρ μισαλέξαν-
 δρος καὶ μισοφίλιππος ὑμῖν οὕτωσι ῥήτωρ δις ἐπρέσβευσεν
 εἰς Μακεδονίαν, ἐξὸν μηδὲ ἄπαξ, ὁ νυνὶ κελεύων τῶν Μα-
 κεδόνων καταπτύειν. Εἰς δὲ τὴν ἐκκλησίαν τὴν τῆ ἕκτη 1
 [λέγω] καθεζόμενος βουλευτῆς ὢν ἐκ παρασκευῆς, ἔκδοτον
 Κερσοβλέπτην μετὰ Φιλοκράτους ἐποίησε. [74] Λανθάνει 1
 γὰρ ὁ μὲν Φιλοκράτης ἐν ψηφίσματι μετὰ τῶν ἄλλων
 [γραμμάτων] παρεγράψας, ὁ δ' ἐπιψηφίσας, Δημοσθένης,
 ἐν ᾧ γέγραπται ἄποδοῦναι δὲ τοὺς ὄρκους τοῖς πρέσβεσι 5
 τοῖς παρὰ Φιλίππου ἐν τῆδε τῇ ἡμέρᾳ τοὺς συνέδρους τῶν
 συμμάχων. Παρὰ δὲ Κερσοβλέπτου σύνοδος οὐκ ἐκάθητο-
 γράψας δὴ τοὺς συνεδρεύοντας ὁμνύειν, τὸν Κερσοβλέπτην
 οὐ συνεδρεύοντα ἐξέκλησε τῶν ὄρκων. [75] Ὅτι δ' ἀληθῆ 1
 λέγω, ἀνάγνωθί μοι τίς ἦν ὁ ταῦτα γράψας, καὶ τίς ὁ
 ταῦτα ἐπιψηφίσας.

[73]

4 μηνός om. **amg**, sed cf. 27, 67, 98

6 ὑμῖν **βfTUAlD** ἡμῖν **k** | οὕτωσι **βT** οὕτως **fUAlD** οὕτως **k**

7 εἰς μακεδονίαν **k** cf. 2.146 ἐν μακεδονίᾳ **βfTUAlD**

9 del. Bernardus Dilts λέγω καθεζόμενος **fkTUALD** λέγω post
 καθεζόμενος **am^agxL** | προκαθεζόμενος Bernardus

[74]

3 del. Blass Dilts γράμμα τι Stephanus τοῦτο Bernardus ῥημάτων
 Reiske (ap. editionem Brémi)

4 ἐν ᾧ γέγραπται del. Markland sed cf. 2.104 | δὲ om. **fTUAlD**

6 δὲ om. **mgV** | κερσοβλέπτου **βkT** τοῦ κερσοβλέτου **fUAlD** | ἐκάθετο
βfTUAlD κεκάθετο **k**

7 δὴ Blass δὲ **axLf^kTUAlD** om. **mgV**

8 ἐξέκεισε **U^a** ἐξέκλεισε **βfkTU^{mg}AlD**, corr. Schultz

[75]

2 ἦν om. **h**, del. Blass, sed vid. 173, 176; 1.71 | γράψας **βfTU AlD**
 γράφων **k** | τίς **amgfAlD** τίς ἦν **VxL kTU** cf. 265

3 ταῦτα del. Blass sed cf. 1.191; 2.55 | ἐπιψηφίσας **k** Franke ἐπι-
 ψηφίσας πρόεδρος **βfTUAlD**

Ψήφισμα

Καλόν, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, καλόν ἢ τῶν δημοσίων γραμ- 5
 μάτων φυλακή· ἀκίνητον γάρ ἐστι, καὶ οὐ συμμεταπίπτει
 τοῖς αὐτομολοῦσιν ἐν τῇ πολιτείᾳ, ἀλλ' ἀπέδωκε τῷ δήμῳ,
 ὁπότεν βούληται, συνιδεῖν τοὺς πάλαι μὲν πονηροὺς, ἐκ με-
 ταβολῆς δ' ἀξιοῦντας εἶναι χρηστούς.

[76] Ὑπόλοιπον δ' ἐστὶ μοι τὴν κολακείαν διεξελεῖν. 1
 Δημοσθένης γάρ, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, ἐνιαυτὸν βουλευσας,
 οὐδεμίαν πώποτε φανήσεται πρεσβείαν εἰς προεδρίαν κα-
 λέσας, ἀλλὰ τότε μόνον καὶ πρῶτον πρέσβεις εἰς προε- 5
 δρίαν ἐκάλεσε καὶ προσκεφάλαια ἔθηκε, καὶ φοινικίδας πε-
 ριεπέτασε, καὶ ἅμα τῇ ἡμέρᾳ ἠγεῖτο τοῖς πρέσβεσιν εἰς τὸ
 θέατρον, ὥστε καὶ συρίττεσθαι διὰ τὴν ἀσχημοσύνην καὶ
 κολακείαν. Καὶ ὅτ' ἀπήεσαν εἰς Θήβας, ἐμισθώσατο αὐτοῖς
 τρία ζεύγη ὄρεικᾶ καὶ [τοὺς πρέσβεις] προὔπεμψεν, εἰς 10
 Θήβας καταγέλαστον τὴν πόλιν ποιῶν. Ἴνα δ' ἐπὶ τῆς

[75]

4 tit. ψήφισμα **am^cV** om. **m^agxL^aT** ψήφος **L^c** ψήφισμα πρόεδροι
fkU

5 γραμμάτων **m^ckT** πραγμάτων **am^agVxLfUAld** Aristides Alex.

6 συμμεταπίπτει **m^cfU** μεταπίπτει **am^agVxLkTAld**

7 τοῖς **βfTUAld** τοῖς ἀντιμεταβαλλομένοις **k** | τῇ om. **βT** | ἀπέδωκε
k schol. ἐπέδωκε **βfTUAld** ἔδωκε Dobree

[76]

1 δ' ἐστὶ μοι **k** δέ μοι ἐστὶ **βfUAld** δέ μοι **T** | κολακείαν **k**
 κολακείαν αὐτοῦ **βfU^mgAld** κολακείαν αὐτῶν **TU^a**

2 ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι om. **UAld**

3 πώποτε om. **k** | φανήσεται **k** φανεῖται **βfTUAld**

4 μόνον καὶ πρῶτον **βfTUAld** cf. 77 πρῶτον καὶ μόνον **k** | πρέσβεις
 del. Blass | <καὶ> εἰς Blass

5 ἐκάλεσε **βkTU** ἔθηκε **fAld**

7.8 καὶ κολακείαν del. Weidner

8 εἰς Θήβας del. Taylor, serv. Wilamowitz | ἐμισθώσατο – 10 Θήβας
 post 10 ποιῶν **axL**

9 τρία om. **axL** | del. Taylor |

9.10 εἰς Θήβας del. Wilamowitz Dilts

ὑποθέσεως μείνω, λαβέ μοι τὸ ψήφισμα τὸ περὶ τῆς προεδρίας.

Ψήφισμα

[77] Οὗτος τοίνυν, ὃ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, ὁ τηλικούτος τὸ 1
μέγεθος κόλαξ, πρῶτος διὰ τῶν κατασκόπων τῶν παρὰ
Χαριδήμου πυθόμενος τὴν Φιλίππου τελευταίην, τῶν μὲν
θεῶν συμπλάσας ἑαυτῷ ἐνύπνιον κατεψεύσατο ὡς οὐ παρὰ
Χαριδήμου τὸ πρᾶγμα πεπυσμένος, ἀλλὰ παρὰ τοῦ Διὸς 5
καὶ τῆς Ἀθηνᾶς, οὓς μεθ' ἡμέραν ἐπιορκῶν νύκτωρ φησὶν
ἑαυτῷ διαλέγεσθαι καὶ τὰ μέλλοντα ἔσεσθαι προλέγειν,
ἐβδόμην δ' ἡμέραν τῆς θυγατρὸς αὐτῷ τετελευτηκυίας,
πρὶν πενθῆσαι καὶ τὰ νομιζόμενα ποιῆσαι, στεφανωσά-
μενος καὶ λευκὴν ἐσθῆτα λαβὼν ἐβουθύτει καὶ παρενόμει, 10
τὴν μόνην ὁ δειλαιοὺς καὶ πρώτην αὐτὸν πατέρα προσει-
ποῦσαν ἀπολέσας. [78] Καὶ οὐ τὸ δυστύχημα ὀνειδίζω, ἀλλὰ 1

[76]

11 περὶ βfTUAld ὑπὲρ k
13 tit. om. T

[77]

8 ἐβδόμην δ' ἡμέραν amgVLkTAld Plu. Mor. et v. Phoc. (δ' om. Plu.
v. Phoc.) Syr. ἐβδόμη δ' ἡμέρα xFU | αὐτῷ βfTUAld Syr. Plu. Mor.
ἑαυτῷ k αὐτοῦ Plu. v. Phoc. | τετελευτηκυίας] τεθνηκυίας Ph.
τελευτηκυίας TU
9 πρὶν βfTUAld Plu. Mor. πρὶν ἢ k Syr.
10 λαβὼν βf^akTU^aAld Syr. βαλὼν fU^c ἀναλαβὼν Plu.
Mor. | παρενόμει m^ag^aV^aLfkTU Syr. παρηνόμει am^cg^cV^cxAld
παρενόμησεν Plu. Mor. Soptr.
11 τὴν μόνην ὁ δειλαιοὺς βfkTUAld Plu. Mor. Syr. ὁ δειλαιοὺς τὴν
μόνην Soptr. | πρώτην βfkTUAld Plu. Mor. Syr. πρῶτον Soptr. |
προσειποῦσαν πατέρα Soptr.
12 ἀπόλεσας om. axL^af^a Soptr.

[78]

1.2 ἀλλὰ τὸν βfkTUAld τὸν δὲ Alex. Tib.

τὸν τρόπον ἐξετάζω. Ὁ γὰρ μισότεκνος καὶ πατήρ πονηρὸς οὐκ ἂν ποτε γένοιτο δημαγωγὸς χρηστός, οὐδὲ ὁ τὰ φίλ-
 τατα καὶ οἰκειότατα σώματα μὴ στέργων οὐδέποθ' ὑμᾶς 5
 περὶ πολλοῦ ποιήσεται τοὺς ἀλλοτρίους, οὐδέ γε ὁ ἴδια
 πονηρὸς οὐκ ἂν γένοιτο δημοσίᾳ χρηστός, οὐδ' ὅστις ἐστὶν
 οἴκοι φαῦλος, οὐδέποτ' ἦν ἐν Μακεδονίᾳ κατὰ τὴν πρέσ-
 βειαν καλὸς κάγαθός· οὐ γὰρ τὸν τρόπον, ἀλλὰ τὸν
 τόπον [μόνον] μετήλλαξεν.

[79] Πόθεν οὖν ἐπὶ τὴν μεταβολὴν ἦλθε τῶν πραγμάτων, 1
 οὗτος γὰρ ἐστὶν ὁ δεύτερος καιρὸς, καὶ τί ποτ' ἐστὶ τὸ αἴ-
 τιον ὅτι Φιλοκράτης μὲν ἀπὸ τῶν αὐτῶν πολιτευμάτων
 Δημοσθένη φυγὰς ἀπ' εἰσαγγελίας γεγένηται, Δημοσθένης
 δὲ ἐπέστη τῶν ἄλλων κατήγορος, καὶ πόθεν ποθ' ἡμᾶς εἰς 5
 τὰς ἀτυχίας ὁ μιὰρὸς ἄνθρωπος ἐμβέβληκε, ταῦτ' ἤδη δια-
 φερόντως ἄξιόν ἐστιν ἀκοῦσαι. [80] Ὡς γὰρ τάχιστα εἴσω 1
 Πυλῶν Φίλιππος παρῆλθε, καὶ τὰς τε ἐν Φωκεῦσι πόλεις
 παραδόξως ἀναστάτους ἐποίησε, Θηβαίους τε, ὡς τόθ' ὑμῖν
 ἐδόκει, περαιτέρω τοῦ καιροῦ καὶ τοῦ ὑμετέρου συμ-

[78]

3 οὐδ' ὡςτις (ὄστις **T**) ἐστὶν οἴκοι φλαῦρος (φαῦλος **T**) οὐδέποτ' ἦν ἐν
 Μακεδονίᾳ καλὸς κάγαθός post χρηστός add. **TU** | τὰ om. **f^a**

4 στέγων **U^a**, corr. **U^{mg}** | ὑμᾶς **fkUAld** ἡμᾶς **βT**

5 πολλοῦ **k** Syr. πλείονος **βfTU** πλείονο (sic) **Ald** | ποιήσεται
βf^rTUAld Syr. (ποιήσεται **f^a**) ποιήσαιτο **k** | οὐδέ – 6 χρηστός del.
 Dobree

6 ἂν **amgVlkT** Syr. ἂν ποτε **xfUAld**

7 ἦν om. **T** ἂν Syr. | κατὰ τὴν πρέσβειαν om. **VT**, del. Schultz

8 κάγαθός γένοιτ' ἂν Syr. | οὐ – 9 μετήλλαξεν (del. Dobree) | τὸν γὰρ
 τόπον μόνον, ἀλλ' οὐ τὸν τρόπον μετήλλαξεν Syr.

9 del. Cobet

[79]

5 ἐπέστη] ἐπέστι (sic) **U** | ἡμᾶς **βfTAld** ὑμᾶς **kU**

6 τὰς ἀτυχίας **βfTUAld** (cf. 131) τὴν ἀτυχίαν **k** (cf. 83 τὴν συμφορὰν)

[80]

2 ὁ ante Φίλιππος add. **TU** | φίλιππος παρῆλθε **βfTUAld** παρῆλθε
 φίλιππος **k** | πόλεις **βfTUAld** φίλιππος **k**

3 τε Blass δὲ **βfTU^aAld** om. **k** καὶ **U^{mg}** | τόθ' **m^cg^cfk UAld** τοῦθ'
am^ag^aVxLT | ὑμῖν **βfTU** ἡμῖν **kAld**

4 τοῦ¹ om. **fAld**

φέροντος ἰσχυροῦς κατεσκευάσεν, ὑμεῖς τε ἐκ τῶν ἀγρῶν 5
φοβηθέντες ἐσκευαγωγήσατε, ἐν ταῖς μεγίσταις δ' ἦσαν αἰ-
τίαις οἱ πρέσβεις οἱ τὴν εἰρήνην πρεσβεύσαντες, πολὺ δὲ
τῶν ἄλλων διαφερόντως Φιλοκράτης καὶ Δημοσθένης, διὰ
τὸ μὴ μόνον πρεσβεύειν, ἀλλὰ καὶ τὰ ψηφίσματα γεγραφέ-
ναι, [81] συνέβη δ' ἐν τοῖς αὐτοῖς χρόνοις διαφέρεισθαι τι 1
Δημοσθένην καὶ Φιλοκράτην σχεδὸν ὑπὲρ τούτων ὑπὲρ ὧν
καὶ ὑμεῖς αὐτοὺς ὑπωπτεύσατε διενεχθῆναι· τοιαύτης δὲ
ἐμπιπτούσης ταραχῆς, μετὰ τῶν συμφύτων αὐτῶ νοσημά-
των ἤδη τὰ μετὰ ταῦτα ἐβουλευέτο, μετὰ δειλίας καὶ τῆς 5
πρὸς Φιλοκράτην ὑπὲρ τῆς δωροδοκίας ζηλοτυπίας, καὶ
ἠγήσατο, εἰ τῶν συμπρεσβευόντων καὶ τοῦ Φιλίππου κα-
τήγορος ἀναφανείη, τὸν μὲν Φιλοκράτην προδήλως ἀπο-
λεῖσθαι, τοὺς δὲ ἄλλους συμπρέσβεις κινδυνεύσειν, αὐτὸς
δ' εὐδοκμήσειν, καὶ προδότης ὧν τῶν φίλων καὶ πονηρὸς 10
πιστὸς τῷ δήμῳ φανήσεσθαι.

[82] Κατιδόντες δ' αὐτὸν οἱ τῆ τῆς πόλεως προσπο- 1
λεμοῦντες ἠσυχία, ἄσμενοι παρεκάλουν ἐπὶ τὸ βῆμα, τὸν

[80]

5 τε] δὲ UAld

6 ἐσκευαγωγήσατε k ἐσκευαγωγήκατε βfTUAlD

7 τὴν εἰρήνην k περὶ τῆς εἰρήνης βfTUAlD

9 τὰ hab. Π38 (ut vid.) k om. βfTUAlD

[81]

1 δ' Π38βfTUAlD τε k

2 δημοσθένην mgxLk τὸν δημοσθένην aVfTUAlD | ὑπὲρ τούτων]

καὶ ὑπὲρ U ὑπὲρ τούτων καὶ T

3 δὲ] δὴ Taylor δὲ del. Reiske, sed cf. 5, 149

4 αὐτῶ amgLfkUAld schol. αὐτῶν VxT

6 δωροδοκίας ζηλοτυπίας m^cgVxL^fkTUAlD ζηλοτυπίας δω-
ροδοκίας am^agL^a

9 συμπρέσβεις βkTAld πρέσβεις fU | κινδυνεύσειν am^cg^k
κινδυνεύειν m^ag^aVxLfTUAlD

10 ὧν βkTUAlD τε ὧν f | τῶν φίλων om. f^a

11 πιστὸς βf^kTUAlD καὶ πιστὸς f^a | φανήσεσθαι βfAlD κληθή-
σεται k φανείσθαι conl. Blass φανήσεται TU

[82]

1 πόλεως προσπολεμοῦντες af^a πόλεως προπολεμοῦντες mgVxLf^f
TUAlD, num recte προσπολεμοῦντες post οἱ k | τῆ om. βfTUAlD

2 ἠσυχία am^ag^aVxLkT ἠσυχῆ m^cg^fUAld | ἄσμενοι βfTUAlD
ἀσμένως k | παρεκάλουν βfTUAlD παρεκάλεσαν k

μόνον ἀδωροδόκητον ὀνομάζοντες τῇ πόλει· ὁ δὲ παριῶν
 ἀρχὰς αὐτοῖς ἐνεδίδου πολέμου καὶ ταραχῆς. Οὗτός ἐστιν, ὃ
 ἄνδρες Ἀθηναῖοι, ὁ πρῶτος ἐξευρῶν Σέρριον τεῖχος καὶ 5
 Δορίσκον καὶ Ἐργίσκην καὶ Μυρτίσκην καὶ Γάνος καὶ Γα-
 νιάδα, χωρία ὧν οὐδὲ τὰ ὀνόματα ἤδειμεν πρότερον. Καὶ
 εἰς τοῦτο φέρων περιέστησε τὰ πράγματα, ὥστ' εἰ μὲν μὴ
 πέμποι Φίλιππος πρέσβεις, καταφρονεῖν αὐτὸν ἔφη τῆς 10
 πόλεως, εἰ δὲ πέμποι, κατασκόπους πέμπειν, ἀλλ' οὐ πρέ-
 σβεις. [83] Εἰ δὲ ἐπιτρέπειν ἐθέλοι πόλει τινὶ ἴση καὶ ὁμοία 1
 περὶ τῶν ἐγκλημάτων, οὐκ εἶναι κριτὴν ἴσον ἡμῖν ἔφη καὶ
 Φιλίππῳ. Ἀλόνησον ἐδίδου· ὁ δ' ἀπηγόρευε μὴ λαμβά-
 νειν, εἰ δίδωσιν, ἀλλὰ μὴ ἀποδίδωσι, περὶ συλλαβῶν δια-
 φερόμενος. Καὶ τὸ τελευταῖον στεφανώσας τοὺς μετὰ Ἀρι- 5
 στοδήμου εἰς Θετταλίαν καὶ Μαγνησίαν παρὰ τὰς τῆς
 εἰρήνης συνθήκας πρεσβεύσαντας, τὴν μὲν εἰρήνην δι-
 ἔλυσε, τὴν δὲ συμφορὰν καὶ τὸν πόλεμον κατεσκεύασεν.

[82]

4 ἀρχὰς αὐτοῖς **βfTUAl** αὐτοῖς ἀρχὰς **k**
 6 καὶ μυρτίσκην om. **βT** | μυρτίσκην **k** μυργίστην **fU**, om. **T**
 μουργίσκην **Ald** τὸ μυρτηνὸν Dem. 18.27 μυρτανὸν Harp. | καὶ
 γανιάδα om. **amgxL** | γανιάδα Harp. γανίδα **VfTUAl** γάνδια **k**
 7 ἤδειμεν Cobet
 9 φίλιππος πρέσβεις **βfTUAl** πρέσβεις φίλιππος **k**

[83]

1 ἐθέλοι **m^cfkTU** ἐθέλει **am^agxAl** θέλοι **L** sine term. **V**
 6 εἰς Μαγνησίαν καὶ Θετταλίαν **T** | τὰς **βT** τὰς περὶ **fkUAl**
 7 πρεσβεύσαντας **k** et lemma schol. (**gVxL**) ἐπιστρατεύσαντας
βfTUAl
 8 καὶ – πόλεμον del. Cobet cf. 79 | κατεσκεύασεν **k** παρεσκεύασεν
βfTUAl

[84] Ναί, ἀλλὰ χαλκοῖς καὶ ἄδαμαντίνοις τείχεσιν, ὡς 1
 αὐτός φησι, τὴν χώραν ἡμῶν ἐτείχισε, τῇ τῶν Εὐβοέων
 καὶ Θηβαίων συμμαχίᾳ. Ἄλλ', ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, περὶ 1
 ταῦτα καὶ μέγιστα ἠδίκησθε καὶ μάλιστα ἠγνοήκατε.
 Σπεύδων δ' εἰπεῖν περὶ τῆς θαυμαστῆς συμμαχίας τῆς 5
 τῶν Θηβαίων, ἴν' ἐφεξῆς λέγω, περὶ τῶν Εὐβοέων πρῶτον
 μνησθήσομαι.

[85] Ὑμεῖς γάρ, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, πολλὰ καὶ μεγάλα 1
 ἠδικημένοι ὑπὸ Μνησάρχου τοῦ Χαλκιδέως, τοῦ Καλλίου
 καὶ Ταυροσθένους πατρός, οὓς οὗτος νυνὶ μισθὸν λαβὼν
 Ἀθηναίους εἶναι τολμᾷ γράφειν, καὶ πάλιν ὑπὸ Θεμίσωνος 1
 τοῦ Ἐρετριέως, ὃς ἡμῶν εἰρήνης οὔσης Ὀρωπὸν ἀφείλετο, 5
 τούτων ἐκόντες ἐπιλαθόμενοι, ἐπειδὴ διέβησαν εἰς Εὐβοίαν
 Θηβαῖοι καταδουλώσασθαι τὰς πόλεις πειρώμενοι, ἐν
 πέντε ἡμέραις ἐβοηθήσατε αὐτοῖς καὶ ναυσὶ καὶ πεζῇ δυ- 1
 νάμει, καὶ πρὶν τριάκονθ' ἡμέρας διελθεῖν ὑποσπόνδους
 Θηβαίους ἀφήκατε, κύριοι τῆς Εὐβοίας γενόμενοι, καὶ τὰς 10
 τε πόλεις αὐτὰς καὶ τὰς πολιτείας ἀπέδοτε ὀρθῶς καὶ δι-
 καίως τοῖς παρακαταθεμένοις, οὐχ ἠγούμενοι δίκαιον εἶναι
 τὴν ὀργὴν ἀπομνημονεύειν ἐν τῷ πιστευθῆναι.

[84]

2 τῇ τῶν εὐβοέων καὶ θηβαίων **βfTUAl** τῇ θηβαίων καὶ τῇ τῶν
 εὐβοέων **k**

4 καὶ¹ **f^ak** καὶ <τὰ> Kaibel τρία **amgVf^cTU^aAl** καὶ τρία **xL**
 τὰ **U^{ms}** | ἠδίκησεν **T^a**, corr. **T^{s1}** | καί²] ἃ **T^a**, corr. **T^{ms}**

5 θαυμαστῆς **V^ax^cL^ckT** μεγίστης **amgV^cx^aL^afUAl** | συμμαχίας
f^ckTUAl συμπαθείας **f^a**

6 λέγω **k** εἶπω **βfTUAl** | τῆς τῶν **k** τῶν **βfTUAl**

[85]

6 ἐπιλαθόμενοι **βT** ἐπιλανθανόμενοι **fkUAl**

8 πεζῇ **k** πεζικῇ **βfTUAl** cf. 96

10 καὶ transp. ante κύριοι Markland

11 τε om. **fUAl**

12 τοῖς παρακαταθεμένοις **k** αὐτοῖς παρακαταθέμενοι **βfTUAl**

[86] Καὶ τηλικαῦθ' ὑφ' ὑμῶν εὖ πεπονθότες οἱ Χαλκιδεῖς, 1
 οὐ τὰς ὁμοίας ὑμῖν ἀπέδοσαν χάριτας, ἀλλ' ἐπειδὴ [τάχι-
 στα] διέβητε εἰς Εὐβοίαν Πλουτάρχῳ βοηθήσοντες, τοὺς
 μὲν πρώτους χρόνους ἀλλ' οὖν προσεποιοῦνθ' ὑμῖν εἶναι
 φίλοι, ἐπειδὴ δὲ τάχιστα εἰς Ταμύνας παρήλθομεν, καὶ τὸ 5
 Κοτύλαιον ὀνομαζόμενον ὄρος ὑπερεβάλομεν, ἐνταῦθα
 Καλλίας ὁ Χαλκιδεύς, ὃν Δημοσθένης μισθαρνῶν ἐνεκω-
 μιάζεν, [87] ὄρων τὸ στρατόπεδον τὸ τῆς πόλεως εἰς δει- 1
 νὰς δυσχωρίας κατακεκλημένον, ὅθεν μὴ νικήσασι μάχην
 οὐκ ἦν ἀναχώρησις, οὐδὲ βοηθείας ἐλπίς οὔτ' ἐκ γῆς
 οὔτ' ἐκ θαλάττης, συναγείρας ἐξ ἀπάσης τῆς Εὐβοίας
 στρατόπεδον, καὶ παρὰ Φιλίππου δύναμιν προσμεταπεμφά- 5
 μενος, ὃ τ' ἀδελφὸς αὐτοῦ Ταυροσθένης, ὁ νυνὶ πάντας

[86]

1 ὑφ' ὑμῶν om. **f**^U ὑφ' om. **mg** | πεπονθότες **βfTUAld** παθόντες **k**
 2 ὑμῖν **agxkTUAld** ἡμῖν **mVLf** | χάριτας del. Cobet | χάριτας - 3
 διέβητε om. **xL^af^a** | del. Sauppe
 3 βοηθήσοντες **βfAld** βοηθοῦντες **k** βοηθήσαντες **TU**
 6 ὑπερεβάλομεν **Π9k** ὑπερεβάλλομεν **βfTUAld**
 7 μισθαρνῶν **Π9V^ckT** μισθὸν λαβῶν **amgV^axLfUAld** cf. 85 et Bach-
 mann 145,8: μισθαρνεῖν τὸ μισθὸν ἀντὶ τινοῦ λαμβάνειν λέγεται |
 ἐνεκωμιάζειν **Π9V^ck** ἐνεκωμιάζον **Π9^a** ἐνεχυρίαζεν **amgV^axL**
fUAld ἐνεγκωμιάζειν **T**

[87]

1 δεινὰς **k** τινὰς **βfTUAld**
 2 δυσχωρίας **Π9f^ckTUAld** δυσχερείας **f^a** | κατακεκλημένον
m^ak (?), corr. Franke κατακεκλειμένον **Π9^cam^eV^afU** (-κλιμ- **Π9^a**)
 κατακεκλεισμένον **m^cgV^cxLTAlld** | μάχην **βfTUAld** μάχη **k**
 3 οὐδὲ **Π9xk** Bekker οὔτε **amgVLfTUAld**
 5 φιλίππου] Φαλαίκου Hammond and Griffith, History of Macedonia,
 vol. 2, 318 n.2
 6.7 πάντας προσ- **Π9k** (προσ[επι]γελῶν **Π9**) Prisc. πάντας δε-
 ξιούμενος καὶ προσ- **βfTUAld**, sed cf. schol. Aeschin. 194

προσγελῶν, τοὺς Φωκικοὺς ξένους διαβιβάσας, ἦλθον ἐφ'
 ἡμᾶς ὡς ἀναιρήσοντες. [88] Καὶ εἰ μὴ πρῶτον μὲν θεῶν τις 1
 ἔσωσε τὸ στρατόπεδον, ἔπειθ' οἱ στρατιῶται οἱ ὑμέτεροι
 καὶ οἱ πεζοὶ καὶ οἱ ἵππεις ἄνδρες ἐγένοντο ἀγαθοί, καὶ
 παρὰ τὸν ἵππόδρομον τὸν ἐν Ταμύναις ἐκ παρατάξεως
 μάχη κρατήσαντες ὑποσπόνδους ἀφείσαν τοὺς πολεμίους, 5
 ἐκινδύνευσεν ἂν ἡ πόλις αἴσχιστα παθεῖν· οὐ γὰρ τὸ δυσ-
 τυχήσαι κατὰ πόλεμον ἐστὶ μέγιστόν κακόν, ἀλλ' ὅταν τις
 πρὸς ἀνταγωνιστὰς ἀναξίους αὐτοῦ διακινδυνεύων ἀπο-
 τύχη, διπλασίαν εἰκὸς εἶναι τὴν συμφορὰν.

Ἄλλ' ὅμως ὑμεῖς τοιαῦτα πεπονθότες πάλιν διελύσασθε 10
 πρὸς αὐτούς. [89] Τυχῶν δὲ συγγνώμης παρ' ὑμῶν Καλλίας 1
 ὁ Χαλκιδεὺς, μικρὸν διαλιπὼν χρόνον πάλιν ἦκε φερόμενος
 εἰς τὴν ἑαυτοῦ φύσιν, Εὐβοϊκὸν μὲν τῷ λόγῳ συνέδριον εἰς
 Χαλκίδα συνάγων, ἰσχυρὰν δὲ τὴν Εὐβοϊαν ἐφ' ὑμᾶς ἔργῳ

[87]

7 ξένους (...)ο(...). Π9 coni. Schindel cf. 1.111; 2.93; 3.134

8 ἡμᾶς **axAld** ὑμᾶς **mgVLfkTU**

[88]

2 οἱ ὑμέτεροι del. Blass (hiat.)

3 οἱ ... οἱ **k om.** Π9**βfTUAld** | ἐγένοντο ἀγαθοὶ Π9**k** ἀγαθοὶ ἐγένοντο
βfTUAld

5 κρατήσαντες **βfTUAld** νικήσαντες **k** μάχη κρατήσαντες μάχης
f^a | ὑποσπόνδους ἀφείσαν Π9^a**k** (ἀφήσαν Π9^a) ἀφείσαν ὑποσπόνδους
βfTUAld (ἀφήσαν **f^a**)

6 ἡ πόλις αἴσχιστα παθεῖν **βfTUAld** (ἔσχιστα (sic) **U**) (ἡμῶν ἡ πόλις
mgV ἡ πόλις ἡμῶν **xL**) ὑμῶν αἴσχιστα παθεῖν πόλις Π47(b) (ut vid.)
k | οὐ] εἰ Vitelli

7 πόλεμον ἐστὶ μέγιστον **k**, cf. Π47(b) πόλεμον ἐστὶ δ.....[c. 7]..ι.ον
 πόλεμον μέγιστόν ἐστὶ **βfTUAld**, fort. recte | κακόν om. **k**

8 πρὸς] πρὸς τοὺς **U** | ἀναξίους αὐτοῦ **βfTUAld** (αὐ- **U** ἑαυ- **Ald**)
 ἑαυτοῦ ἀναξίους **k** | ἀποτύχη **βfTUAld** ἀποτύχοι **k**

9 εἰκὸς **βfTAld** εἰκὸς ἐστὶν **k** εἰκῶς **U**

[89]

1 συγγνώμης παρ' ὑμῶν Π47(c)**k** παρ' ὑμῶν συγγνώμης **βfTUAld**

4 συνάγων **βfTUAld** συναγαγόν Π47(c)**k**

παρασκευάζων, ἐξάριτον δ' αὐτῷ τυραννίδα περιποιού- 5
 μενος. Κάνταυθα ἐλπίζων συναγωνιστὴν Φίλιππον λήψε-
 σθαι, ἀπῆλθεν εἰς Μακεδονίαν καὶ περιήει μετὰ Φιλίππου,
 καὶ τῶν ἐταίρων εἰς ὠνομάζετο. [90] Ἀδικήσας δὲ Φίλιππον 1
 κάκειθεν ἀποδράς, ὑπέβαλεν ἑαυτὸν φέρων Θηβαίοις. Ἐγ-
 καταλιπὼν δὲ κάκεινους καὶ πλείους τραπόμενος τροπὰς
 τοῦ Εὐρίπου παρ' ὃν ᾤκει, εἰς μέσον πίπτει τῆς τε Θη- 5
 βαίων ἔχθρας καὶ τῆς Φιλίππου. Ἀπορῶν δ' ὅ τι χρήσαιτο
 αὐτῷ, καὶ παραγγελλομένης ἐπ' αὐτὸν ἤδη στρατείας, μίαν
 ἐλπίδα λοιπὴν κατεΐδε σωτηρίας, ἔνορκον λαβεῖν τὸν
 Ἀθηναίων δῆμον, σύμμαχον ὀνομασθέντα, βοηθήσειν,
 εἴ τις ἐπ' αὐτὸν ἴοι· ὃ πρόδηλον ἦν ἐσόμενον, εἰ μὴ ὑμεῖς 1
 κωλύσετε. [91] Ταῦτα δὲ διανοηθεὶς ἀποστέλλει δεῦρο πρέ-
 σβεις Γλαυκέτην καὶ Ἐμπέδωνα καὶ Διόδωρον τὸν δολι-
 χοδρομήσαντα, φέροντας τῷ μὲν δῆμῳ κενὰς ἐλπίδας,
 Δημοσθένη δ' ἀργύριον καὶ τοῖς περὶ τοῦτον. Τρία δ' ἦν ἃ

[89]

5 παρασκευάζων Π47(c)βfkTUAld κατασκευάζων Blass
 6 κάνταυθ' Π47(c)k καὶ ταύτης βfTUAld | συναγωνιστὴν]
 συναγωγστὴν (sic) U

[90]

2 κάκειθεν Π47(d)βfTUAld κάκεινον k | ὑπέβαλεν Π47(d)gfkTUAld
 ὑπέβαλλεν amVxL | ἐγκαταλιπὼν Π47(d)βfkTUAld καταλιπὼν
 Franke
 3 τροπὰς post πλείους Π47(d) | τραπόμενος βfUAld cf. Luc. Peregr. 1.51
 στρεφόμενος Tk τρεπόμενος Π47(d)
 4 πίπτει βfUAld ἐπίπτει kT | τε m^cg^eV^ckT om. am^ag^aV^axLfUAld
 5 τῆς βfTUAld τοῦ k
 6 αὐτῷ] ἑαυτῷ U αὐτῷ TAld | παραγγελομένης U | στρατιᾶς βfk
 TUAld, corr. Stephanus
 7 λοιπὴν] λιπὴν (sic) U
 7.8 τὸν ἀθηναίων δῆμον βfTUAld τὸν δῆμον τῶν ἀθηναίων k cf. 156
 9 ἦν om. T | ἐσόμενον U^a, corr. U^{mg}
 10 κωλύσετε am^ag^aVxL^af^akTUAld κωλύσατε f^a ἐκωλύσατε m^cg^c

[91]

1 δὲ om. k | δεῦρο βfTUAld δεύτερον k
 2 δολοχαδρομήσαντα k^a
 3 κενὰς ἐλπίδας k ἐλπίδας κενὰς βfTUAld
 4 τοῦτον k αὐτὸν βfTUAld

ἅμα ἐξωνεῖτο, πρῶτον μὲν μὴ διασφαλῆναι τῆς πρὸς ὑμᾶς 5
 συμμαχίας· οὐδὲν γὰρ ἦν τὸ μέσον, εἰ μνησθεῖς τῶν
 προτέρων ἀδικημάτων ὁ δῆμος μὴ προσδέξαιτο τὴν συμμα-
 χίαν, ἀλλ' ὑπῆρχεν αὐτῶ ἢ φεύγειν ἐκ Χαλκίδος, ἢ τεθνά-
 ναι ἐγκαταληφθέντι· τηλικαῦται δυνάμεις ἐπ' αὐτὸν ἐπε-
 στράτευον, ἢ τε Φιλίππου καὶ Θηβαίων. Δεύτερον δ' ἤκον 10
 οἱ μισθοὶ τῶ γράψαντι τὴν συμμαχίαν ὑπὲρ τοῦ μὴ συνε-
 δρεύειν Ἀθήνησι Χαλκιδέας, τρίτον δὲ ὥστε μὴ τελεῖν συν-
 τάξεις. [92] Καὶ τούτων τῶν προαιρέσεων οὐδεμιᾶς ἀπέτυχε 1
 Καλλίας, ἀλλ' ὁ μισοτύραννος Δημοσθένης, ὡς αὐτὸς
 προσποιεῖται, ὄν φησι Κτησιφῶν τὰ βέλτιστα λέγειν,
 ἀπέδοτο μὲν τοὺς καιροὺς τοὺς τῆς πόλεως, ἔγραψε δ' ἐν
 τῇ συμμαχίᾳ βοηθεῖν ἡμᾶς Χαλκιδεῦσι, ῥῆμα μόνον ἀντι- 5
 καταλλαξάμενος ἀντὶ τούτων, εὐφημίας ἕνεκα προσγράψας
 καὶ Χαλκιδέας βοηθεῖν, ἐάν τις ἴη ἐπ' Ἀθηναίους. [93] τὰς 1
 δὲ συνεδρίας καὶ τὰς συντάξεις, ἐξ ὧν ἰσχύσειν ὁ πόλεμος
 ἡμελλεν, ἄρδην ἀπέδοτο, καλλίστοις ὀνόμασιν αἰσχίστας
 πράξεις γράφων, καὶ τῶ λόγῳ προσβιβάζων ὑμᾶς, ὡς δεῖ 5
 τὴν πόλιν τὰς μὲν βοηθείας πρότερον ποιεῖσθαι τοῖς ἀεὶ

[91]

5 ἐξωνεῖτο **βfkTUAld**, corr. Franke

8 αὐτῶ del. Blass (hiat.)

9 ἐγκαταληφθέντι **mgLfU** ἐγκαταλειφθέντι **aVxkTAld** κατα-
 ληφθέντι Blass (hiat.)

11 γράψαντι **Π38Π47(e)** (ut vid.) **βfkTUAld** γράψοντι Schultz | τὴν
 – τοῦ del. Schultz

12 συντάξεις **amgV^ax^aL^af^akTUAld** φόρους **V^cx^cL^cf^c**

[92]

3 προποιεῖται **U^a**, corr. **U^{sl}**

6 προσγράψας **kTUAld** προγράψας **βf**

7 καὶ om. **βfTUAld**

[93]

2 συνεδρίας **m^cV^ck** προεδρίας **am^agV^axLfTUAld** | ἰσχύειν **U^{mg}**

3 ἡμελλεν **βfTUAld** ἔμελλεν **k**

4 ὑμᾶς **βfTUAld** ἡμᾶς **k** | ὡς δεῖ τὴν πόλιν τὰς μὲν βοηθείας **fkU**
 τὰς μὲν βοηθείας ὡς δεῖ τὴν πόλιν **βTAld**

δεομένοις τῶν Ἑλλήνων, τὰς δὲ συμμαχίας ὑστέρας μετὰ τὰς εὐεργεσίας. Ἴνα δ' εὖ εἰδῆτε ὅτι ἀληθῆ λέγω, λαβέ μοι τὴν Καλλίου γραφὴν καὶ τὴν συμμαχίαν καὶ ἀνάγνωθι τὸ ψήφισμα.

Ψήφισμα

10

[94] Οὕτω τοίνυν τοῦτ' ἐστὶ δεινόν, εἰ καιροὶ πέπρανται 1
τηλικοῦτοι καὶ συνεδρίαὶ καὶ συντάξεις, ἀλλὰ πολὺ τούτου
δεινότερον φανήσεται ὁ μέλλω λέγειν. Εἰς γὰρ τοῦτο
προήχθη Καλλίας μὲν ὁ Χαλκιδεὺς ὕβρεως καὶ πλεονεξίας,
Δημοσθένης δέ, ὃν ἐπαινεῖ Κτησιφῶν, δωροδοκίας, ὥστε 5
τὰς ἐξ Ὀρεοῦ συντάξεις καὶ τὰς ἐξ Ἐρετρίας, τὰ δέκα τά-
λαντα, ζώντων φρονούντων βλεπόντων ἔλαθον ὑμῶν ὑφε-
λόμενοι, καὶ τοὺς ἐκ τῶν πόλεων τούτων συνέδρους
παρ' ὑμῶν μὲν ἀνέστησαν, πάλιν δὲ εἰς Χαλκίδα καὶ τὸ
καλούμενον Εὐβοϊκὸν συνέδριον συνήγαγον. Ὅν δὲ τρόπον 10
καὶ δι' οἴων κακουργημάτων, ταῦτ' ἤδη ἄξιόν ἐστιν ἀκοῦ-

[93]

6 ὑστέρας **k** ὑστέρας ποιείσθαι **βfTUAld**

7 εἰδῆτε] ἰδῆτε **U**

8 τὴν¹ – συμμαχίαν del. Hamaker | καλλίου γραφὴν **βfkTUAld**

καλλία γραφεῖσαν Blass | καὶ τὴν del. Blass | καί² om. **e** del. Blass

10 tit. om. **am^agVxL**

[94]

1 οὕτω **U^a**, corr. **U^{mg}** | [εἰ] con. Blass | καιροὶ **k** οἱ καιροὶ **βfTUAld**

1.2 πέπρανται τηλικοῦτοι **βfTUAld** τηλικοῦτοι πεπράμενοι τυγ-
χάνουσι **k**

2 τούτου **m^cfkUAld** τοῦτο **am^agVxLT**

3 δεινότερον **k** δεινότερον ὑμῖν **βfTUAld** | γε post ὑμῖν add. **T** |
φανήσεται **βfTU** del. Bl. (hiat.) φανήσεται εἶναι **k**

4 μὲν om. **U** | ὁ Χαλκιδεὺς del. Dobree et Hamaker

6 τὰ] εἰς τὰ **T**

7 ζώντων fort. **Π5** Kaibel ὀρώντων **βfkTUAld**

8 τούτων **V^akTU** τούτους **mgV^cxLfAld** τοιούτους **a**

9 ὑμῶν **kT^aAld** ἡμῶν **βfT^aU**

10 εὐβοϊκὸν συνέδριον **aVxL^cfkTUAld** συνέδριον εὐβοϊκὸν **mg**
συνέδρον **L^a**

11 ταῦτ' ἤδη del. Blass (hiat.)

1
 5
 1
 5
 1
 5
 1
 5

1 [95] Ἀφικνεῖται γὰρ πρὸς ὑμᾶς οὐκέτι δι' ἀγγέλων, ἀλλ' αὐτὸς ὁ Καλλίας, καὶ παρελθὼν εἰς τὴν ἐκκλησίαν λόγους διεξῆλθε κατεσκευασμένους ὑπὸ Δημοσθένους. Εἶπε γὰρ ὡς ἦκοι ἐκ Πελοποννήσου νεωστὶ σύνταγμα συντάξας εἰς ἑκατὸν ταλάντων πρόσοδον ἐπὶ Φίλιππον, καὶ διελογίζετο ὅσον ἑκάστους ἔδει συντελεῖν, Ἀχαιοὺς μὲν πάντας καὶ Μεγαρέας ἐξήκοντα τάλαντα, τὰς δ' ἐν Εὐβοίᾳ πόλεις ἀπάσας τετταράκοντα. [96] ἐκ δὲ τούτων τῶν χρημάτων ὑπάρξειν καὶ ναυτικὴν καὶ πεζὴν δύναμιν· εἶναι δὲ πολλοὺς καὶ ἄλλους τῶν Ἑλλήνων οὓς βούλεσθαι κοινωνεῖν τῆς συντάξεως, ὥστε οὔτε χρημάτων οὔτε στρατιωτῶν ἔσσεσθαι ἀπορίαν. Καὶ ταῦτα μὲν δὴ τὰ φανερά· ἔφη δὲ καὶ πράξεις πράττειν ἑτέρας δι' ἀπορρήτων, καὶ τούτων εἶναι τινὰς μάρτυρας τῶν ἡμετέρων πολιτῶν, καὶ τελευτῶν ὀνομαστὶ παρεκάλει Δημοσθένην καὶ συνειπεῖν ἠξίου.

[97] Ὁ δὲ σεμνῶς πάνυ παρελθὼν, τὸν τε Καλλίαν ὑπερεπήνει, τὸ τε ἀπόρρητον προσηποιοῦσατο εἰδέναι, τὴν δ' ἐκ Πελοποννήσου πρεσβείαν ἦν ἐπρέσβευσε, καὶ τὴν ἐξ Ἀκαρνανίας ἔφη βούλεσθαι ὑμῖν ἀπαγγεῖλαι. Ἦν δ' αὐτῷ κεφάλαιον τῶν λόγων πάντας μὲν Πελοποννησίους ὑπάρχειν, πάντας δ' Ἀκαρνανίας συντεταγμένους ἐπὶ Φίλιππον

[95]

1 γὰρ **β^ακTU^aAld** δὲ **fU^{mg}**
 3 διεξῆλθε **βfTUAlD** ἐξέλεξε **k** | ὑπὸ] ὑπὸ τοῦ **U**
 5 ἀπελογίζετο conl. Blass cf. Dem. 19.20
 6 ὅσον **βkTU^{mg}Ald** πόσον **fU^a**
 7 τὰς – 8 τετταράκοντα om. **k**

[96]

2 πεζικὴν **βfkTUAlD**, corr. I Bekker cf. 85
 3 καὶ om. **βfTUAlD**
 4 ὥστε **Π5kU^{mg}** ὡς **βfTU^aAld** | ἔσσεσθαι ἀπορίαν **βfkTUAlD**
 ἀπορίαν ἔσσεσθαι **Π5**
 5 δὴ **Π5** om. **βfkTUAlD**
 7 ἡμετέρων **TU^a**, corr. **U^{sl}**
 8 παρεκάλει **Π5βfTUAlD** παρακαλεῖ **k**

[97]

2 ὑπερήνει **U^a**, corr. **U^{mg}** | τὸ τε **βkT** καὶ τὸ **fUAlD** | δ' **fkTU**, om. **βAlD** τ' Blass Dilts | ἐκ **βk** εἰς **fTUAlD**
 3 πελοποννήσου] πελοποννήσον **UAlD** | Ἀκαρνανίας **U^a**, corr. **U^{mg}**
 5 τῶν λόγων **βfTUAlD** del. Sakorraphus τοῦ λόγου **k**
 6 Ἀκαρνίτας **U^a**, corr. **U^{mg}**

ὑφ' ἑαυτοῦ, εἶναι δὲ τὸ σύνταγμα χρημάτων μὲν εἰς
 ἑκατὸν νεῶν ταχυναυτουσῶν πληρώματα καὶ εἰς πεζοὺς
 στρατιώτας μυρίους καὶ ἰππέας χιλίους, [98] ὑπάρξιν δὲ 1
 πρὸς τούτοις καὶ τὰς πολιτικὰς δυνάμεις, ἐκ Πελοποννή-
 σου μὲν πλεόν ἢ δισμυρίους ὀπλίτας, ἐξ Ἀκαρνανίας δὲ
 ἐτέρους τοσοῦτους· δεδῶσθαι δ' ἀπάντων τούτων τὴν 5
 ἡγεμονίαν ὑμῖν· πραχθήσεσθαι δὲ αὐτὰ οὐκ εἰς μακρὰν,
 ἀλλ' εἰς τὴν ἕκτην ἐπὶ δέκα τοῦ ἀνθεστηριῶνος μηνός· εἰ-
 ρῆσθαι γὰρ ἐν ταῖς πόλεσιν ὑφ' ἑαυτοῦ καὶ παρηγγέλθαι
 πάντας ἢκειν συνεδρεύσοντας Ἀθήναζε εἰς τὴν πανσέληνον.
 Καὶ γὰρ τοῦτο ἄνθρωπος ἴδιον καὶ οὐ κοινὸν ποιεῖ. [99] Οἱ 1
 μὲν γὰρ ἄλλοι ἀλαζόνες, ὅταν τι ψεύδωνται, ἀόριστα καὶ
 ἀσαφῆ πειρῶνται λέγειν, φοβούμενοι τὸν ἔλεγχον· Δημο-
 σθένης δ' ὅταν ἀλαζονεύηται πρῶτον μὲν μεθ' ὄρκου ψεύ-
 δεται, ἐξώλειαν ἐπαρώμενος ἑαυτῷ, δεύτερον δέ, ἃ εὖ οἶ- 5
 δεν οὐδέποτε ἐσόμενα, τολμᾷ λέγειν εἰς ὅπότη' ἔσται, καὶ
 ὧν τὰ σώματα οὐχ ἐώρακε, τούτων τὰ ὀνόματα λέγει, κλέ-

[97]

7 χρημάτων **βfTUAlD** χρήματα **k**9 ἰππέας **k** ἰππεῖς **βfTUAlD**

[98]

2 τούτοις] τούτους **U** | καὶ om. **fUAlD**3 πλεόν **Π39** (ut vid.) **k** πλείονας **βfTUAlD** | δισμυρίους **Π39k** “recte
puto” Blass δισχιλίους **βfTUAlD** | ὀπλίτας <ἐξ Εὐβοίας δὲ ...> Blass |
Ἀκαρνανίας **U^a**, corr. **U^{mg}**4 δεδῶσθαι] διδῶσθαι **U^a**, corr. **U^{mg}** | ἀπάντων **Π39e** Weidner ἀπὸ
πάντων **βfkTUAlD**, num recte? ὑπὸ πάντων Bekker5 ὑμῖν om. **am^ag^af^a** | πραχθήσεσθαι **βfAlD** πραχθήσεται **kTU** |
αὐτὰ **βf** ταῦτα **kTU** om. **AlD**7 ἑαυτοῦ **k** αὐτοῦ **βfTUAlD**8 συνεδρεύσοντας **βkT** συνεδρεύσαντας **fUAlD**9 ἄνθρωπος **m^ag^av^afkTUAlD**, corr. Markland ἄνθρώπων **am^ag^a**
V^axL

[99]

2 ὅταν **βfkTUAlD** ὀπόταν Stob. | τι] τε **T**

4 μὲν om. Stob. | [ψεύδεται] conl. Blass

5 ἐπαρωσάμενος **U^a**, corr. **U^{mg}** | ἑαυτῷ] αὐτῷ **TUAlD** | εὖ om. **k** Stob. |
εἶδεν (om. οὐδέποτε) **A** Stob.6 λέγειν **βkT** Stob. λέγειν ἀριθμῶν **fUAlD** | εἶς ὀπότ' **βfkTUAlD**
Stob. ὡς ποτέ **A** Stob.

7 οὐχ] οὐδεῖς Cobet

7 κλέπτων – 8 καὶ del. Dobree

πτων τὴν ἀκρόασιν καὶ μιμούμενος τοὺς τάληθῆ λέγοντας.
 Ἦ καὶ σφόδρα ἄξιός ἐστι μισεῖσθαι, ὅτι πονηρὸς ὢν καὶ τὰ
 τῶν χρηστῶν σημεῖα διαφθείρει. 10

[100] Ταῦτα δ' εἰπὼν δίδωσιν ἀναγνῶναι ψήφισμα τῷ 1
 γραμματεῖ μακρότερον μὲν τῆς Ἰλιάδος, κενότερον δὲ τῶν
 λόγων οὓς εἶωθε λέγειν, καὶ τοῦ βίου ὃν βεβίωκε, μεστὸν
 δ' ἐλπίδων οὐκ ἐσομένων καὶ στρατοπέδων οὐδέποτε συλ- 5
 λεγησομένων. Ἀπαγαγὼν δ' ὑμᾶς ἄπωθεν ἀπὸ τοῦ κλέμ-
 ματος καὶ ἀνακρεμάσας ἀπὸ τῶν ἐλπίδων, ἐνταῦθ' ἤδη συ-
 στρέψας γράφει καὶ κελεύει ἐλέσθαι πρέσβεις εἰς
 Ἑρέτριαν οἵτινες δεήσονται τῶν Ἑρετριέων, πάνυ γὰρ 5
 ἔδει δεηθῆναι, μηκέτι διδόναι τὴν σύνταξιν ὑμῖν, τὰ πέντε
 τάλαντα, ἀλλὰ Καλλία, καὶ πάλιν ἑτέρους [αἰρεῖσθαι] εἰς 10
 Ὀρεὸν πρὸς τοὺς Ὀρεΐτας πρέσβεις οἵτινες δεήσονται τὸν
 αὐτὸν Ἀθηναίους καὶ φίλον καὶ ἐχθρὸν νομίζειν εἶναι.
 [101] Ἐπειτα ἀναφαίνεται περὶ ἅπαντ' ὢν ἐν τῷ ψηφίσματι 1

[99]

9 ἦ Cobet ex ἦ (ἦ A) Stob. διὸ **βfkTUAld** | σφόδρα Stob. μάλιστα
βfkTUAld | ὅτι **βf^okTUAld** Stob. ἦ **f^o**
 10 διαφθείρει **βf** Stob. φθείρει **k** διαφθείρη **T**

100

2 κενότερον **m^oU^oAld** (-ω- Ald) καινότερον **am^agVxL fkTU^a**
 5 ἄπωθεν **aLTAld** ἄποθεν **mgVxfkU**
 6 ἀπὸ **βkTAlld** ἐπὶ **fU** | ἤδη **k** δὴ **βfTUAld**
 7 καὶ κελεύει del. Franke Dilts καὶ κελεύει **k** κελεύων **βfTUAld**
 9 δεηθῆναι **am^ag^aVxLkT** δεηθῆναι αὐτῶν **m^og^ofUAld** | ὑμῖν **aTAlld**
 ἡμῖν **mgVxLfkU**
 10 del. Franke αἰρεῖσθαι **βfTUAld** αἰρήσεται **k**
 11 πρὸς τοὺς Ὀρεΐτας πρέσβεις del. Weidner Dilts | δεήσονται **k**
 δεήσονται αὐτοῖς **βfAlld** δεήσονται καὶ αὐτοὶ **T** δεήσονται καὶ
 αὐτοὶ αὐτοῖς **U**
 12 ἀθηναίους **fkTUAld** ἀθηναίους **β** | καὶ¹ om. **βfTU** | εἶναι del.
 Taylor, sed cf. 1.44; 2.112, 146

[101]

1 περὶ] παρ' Blass πάλιν Schultz πέρασ Reiske | ἅπαντ' ὢν
 Sauppe ἁπάντων **βfTUAld** πάντων **k** ἅπας ὢν Schultz
 cf. Dem. 19.127 ὅλος πρὸς τῷ λημματι | ἐν **k** Plin. ἐπὶ **βfTUAld** |
 ψηφίσματι **βfkTUAld** Plin. (vulg.) φωτὶ Plin. (cod. γ)

πρὸς τῷ κλέμματι, γράψας καὶ τὰ πέντε τάλαντα τοὺς πρέσβεις ἀξιοῦν τοὺς Ὁρείτας μὴ ὑμῖν, ἀλλὰ Καλλίᾳ διδόναι. Ὅτι δ' ἀληθῆ λέγω, ἀφελὼν τὸν κόμπον καὶ τὰς τριήρεις καὶ τὴν ἀλαζονείαν, ἀνάγνωθι καὶ τοῦ κλέμματος ἄψαι ὃ ὑφείλετο ὁ μιὰρὸς καὶ ἀνόσιος ἄνθρωπος ὃν φησι Κτησιφῶν ἐν τῷδε τῷ ψηφίσματι διατελεῖν λέγοντα καὶ πράττοντα τὰ ἄριστα τῷ δήμῳ τῶν Ἀθηναίων. 5

Ψήφισμα

[102] Οὐκοῦν τὰς μὲν τριήρεις καὶ τὴν πεζὴν στρατιάν καὶ τὴν πανσέληνον καὶ τοὺς συνέδρους λόγῳ ἠκούσατε, τὰς δὲ συντάξεις τῶν συμμάχων, τὰ δέκα τάλαντα, ἔργῳ ἀπωλέσατε. 1

[103] Ὑπόλοιπον δ' εἰπεῖν ἐστὶ μοι ὅτι λαβὼν τρία τάλαντα μισθὸν τὴν γνώμην ταύτην ἔγραψε Δημοσθένης, τά- 1

[101]

2 καὶ om. **axLf**

3 ἀξιοῦν **m^cg^ckTU^c** ἀξιῶν **am^ag^aVxLfU^aAld** | ἡμῖν **βfkU**, corr. **TAld** Plin.

5 τὴν ἀλαζονείαν **βfTUAlD** Plin. (-νίαν Plin.) cf. 237 τὰς ἀλαζονείας **k** | ἀνάγνωθι **am^ag^aVxLkT** ἐκ τοῦ ψηφίσματος ἀνάγνωθι **m^cfUAld** ἀνάγνωθι καὶ del. Weidner | καὶ **amgfAld** καὶ ἀπὸ **VxLkTU** “quae lectio si accipiatur verbum ἄψαι in ἄρξαι mutandum videtur” Martin Budé καὶ del. Blass

6 ἄψαι del. Blass | ὑφείλετο **βf^ckTUAlD** ὑφείλατο **f^a** | φησι hab. Π40 (ut vid.) **mgVxLkTAld** om. **af^aU**

7 ἐν Π40**xL^akT** καὶ ἐν **amgVL^cfUAld**

8 τὰ om. Π40 | τῶν] τῷ Π40 Weidner, sed cf. 90, 156

9 tit. ψηφισμα Π40**VL^afkAld** ψηφίσματι **a** ψηφίσματα **mgL^cU**, sine term. **x**

[102]

1 μὲν om **f^a** | στρατιάν **V^ckT** στρατείαν **amgV^axLfUAld**

3 ἔργῳ – [103] τάλαντα om. **V**

[103]

1 δ' εἰπεῖν ἐστὶ μοι **kT** cf. 76 δέ μοι ἐστὶν εἰπεῖν **βfUAld** | τρία **m^cg^cfkTUAlD** δέκα **am^ag^axL**

λαντον μὲν ἐκ Χαλκίδος παρὰ Καλλίου, τάλαντον δ' ἐξ
 Ἑρετρίας παρὰ Κλειτάρχου τοῦ τυράννου, τάλαντον δ' ἐξ
 Ὀρεοῦ, δι' ὃ καὶ καταφανῆς ἐγένετο, δημοκρατουμένων 5
 τῶν Ὀρειτῶν καὶ πάντα πραπτόντων μετὰ ψηφίσματος.
 Ἐξανηλωμένοι γὰρ ἐν τῷ πολέμῳ καὶ παντελῶς ἀπόρως
 διακείμενοι, πέμπουσι πρὸς αὐτὸν Γνωσίδημον τὸν Χαρι-
 γένους υἱὸν τοῦ δυναστεύσαντός ποτε ἐν Ὀρεῶ, δε-
 ησόμενον τὸ μὲν τάλαντον ἀφείναι τῇ πόλει, ἐπαγγελλό- 10
 μενον δ' αὐτῷ χαλκῆν εἰκόνα σταθήσεσθαι ἐν Ὀρεῶ.
 [104] Ὁ δὲ ἀπεκρίνατο τῷ Γνωσιδήμῳ ὅτι ἐλάχιστου χαλκοῦ 1
 οὐδὲν δέοιτο, τὸ δὲ τάλαντον διὰ τοῦ Καλλίου εἰσέπρατ-
 τεν. Ἀναγκαζόμενοι δὲ οἱ Ὀρεῖται καὶ οὐκ εὐποροῦντες,
 ὑπέθεσαν αὐτῷ τοῦ ταλάντου τὰς δημοσίας προσόδους,
 καὶ τόκον ἤνεγκαν Δημοσθένει τοῦ δωροδοκήματος δραχ- 5
 μῆν τοῦ μηνὸς τῆς μνάς, ἕως τὸ κεφάλαιον ἀπέδοσαν.
 [105] Καὶ ταῦτ' ἐπράχθη μετὰ ψηφίσματος τοῦ δήμου. Ὅτι 1
 δὲ ἀληθῆ λέγω, λαβέ μοι τὸ ψήφισμα τῶν Ὀρειτῶν.

[103]

5 δι' ὃ Brémi διὸ **βfkTUAld** δι' οὗ Wolf
 7 τῷ **af^ok** τῷ πρὸς φίλιππον **mgVxLTUAld** (τὸν φ. L) **f^o**
 8 χαριγένους **βfTUAld** χαιρεγένους **k**
 9 δεησόμενον **k** δεησόμενον αὐτοῦ **βfTUAld**
 10 ἀφείναι **k** ἀφιέναι **βfTUAld** | ἐπαγγελλόμενον **βfkTUAld**
 ἐπαγγελλόμενον Stephanus
 11 σταθήσεσθαι **βkTAld** στήσεσθαι **fU** | στραθήσεσθαι – Ὀρεῶ del
 Blass (hiat.) | ἐν ὠρεῶ om. **f^o**

[104]

1 ἐλάχιστου **βfkTUAld**, corr. Dobree ἐλάχιστα Reiske
 2 οὐδὲν del. Reiske Dilts | εἰσέπραττεν **k** εἰσπράττειν **βfTUAld**

[105]

1 ταῦτ' **m^cxfkU^cAld** πάντα **am^agVLTU^a** | ὅτι – 2 ψήφισμα om. **k**
 2 τῶν **βfTUAld** τοῦ **k**

Ψήφισμα

Τοῦτ' ἐστὶ τὸ ψήφισμα, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, αἰσχύνῃ μὲν
τῆς πόλεως, ἔλεγχος δὲ οὐ μικρὸς τῶν Δημοσθένους πολι- 5
τευμάτων, φανερά δὲ κατηγορία Κτησιφῶντος· τὸν γὰρ
οὕτως αἰσχυρῶς δωροδοκοῦντα οὐκ ἔνεστιν ἄνδρα γεγονέναι
ἀγαθόν, ὃ τετόλμηκεν οὗτος ἐν τῷ ψηφίσματι γράψαι.

[106] Ἐνταῦθ' ἤδη τέτακται καὶ ὁ τρίτος τῶν καιρῶν, 1
μᾶλλον δ' ὁ πάντων πικρότατος χρόνος, ἐν ᾧ Δημοσθένης
ἀπώλεσε τὰς τῶν Ἑλλήνων καὶ τῆς πόλεως πράξεις, ἀσε-
βήσας μὲν εἰς τὸ ἱερὸν τὸ ἐν Δελφοῖς, ἄδικον δὲ καὶ οὐδα-
μῶς ἴσην τὴν πρὸς Θηβαίους συμμαχίαν γράψας. Ἄρξομαι 5
δὲ ἀπὸ τῶν εἰς τοὺς θεοὺς αὐτοῦ πλημμελημάτων λέγειν.

[107] Ἔστι γάρ, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, τὸ Κιρραῖον ὀνομα- 1
σμένον πεδίον καὶ λιμὴν ὁ νῦν ἐξάγιστος καὶ ἐπάρατος
ὀνομασμένος. Ταύτην ποτὲ τὴν χώραν κατώκησαν Κιρραῖοι
καὶ Κραγαλίδαι, γένη παρανομώτατα, οἱ εἰς τὸ ἱερὸν τὸ ἐν
Δελφοῖς καὶ περὶ τὰ ἀναθήματα ἠσέβουν, ἐξημάρτανον δὲ 5

[105]

6 κτησιφῶντος **m^cfkU^aAld** τοῦ κτησιφῶντος **am^gVx LTU^{ms}** | τὸν]
τῶν **U^a**, corr. **U^{ms}**

7 ἔνεστιν **mgfkU** ἔστιν **aVxLTAlD**

8 ἄ **βfkU^{ms}Ald**, hab. **TU^a**, corr. Stephanus | ἐν – ψηφίσματι del. Weid-
ner | ἐν τῷ ψηφίσματι γράψαι **k** γράψαι ἐν τῷ ψηφίσματι **βfTUAlD**
(γράφας **fUAlD**)

[106]

1 ἤδη] ἴδη **U^a**, corr. **U^{s1}**

5 ἄρξομαι **βfTUAlD** ἄρχομαι **k**

6 τοὺς om. **k** | αὐτοῦ πλημμελημάτων **βfTUAlD** πλημμελημάτων
αὐτοῦ **k**

[107]

1 ὀνομασμένον del. Weidner Dilts cf. Harp.

4 κραγαλίδαι **k Ph. Suid.**, corr. Sauppe ἀκραγαλίδαι **βfTUAlD**
κραυαλίδαι Harp. κραυγαλίδαι Didymus ap. Harp. | εἰς] περὶ
Blass

5 περὶ om. **amL²fAlD** | τὰ om. **k**

καὶ εἰς τοὺς Ἀμφικτύονας. Ἀγανακτήσαντες δ' ἐπὶ τοῖς γι-
 γνομένοις μάλιστα μὲν, ὡς λέγονται, οἱ πρόγονοι οἱ ὑμέ-
 τεροι, ἔπειτα καὶ οἱ ἄλλοι Ἀμφικτύονες, μαντείαν ἐμαντεύ-
 σαντο παρὰ τῷ θεῷ, τίνι χρή τιμωρία τοὺς ἀνθρώπους
 τούτους μετελθεῖν. [108] Καὶ αὐτοῖς ἀναιρεῖ ἡ Πυθία πολε- 1
 μεῖν Κιρραίοις καὶ Κραγαλίδαις πάντ' ἤματα καὶ πάσας
 νύκτας, καὶ τὴν χώραν αὐτῶν καὶ τὴν πόλιν ἐκπορθήσαν-
 τας καὶ αὐτοὺς ἀνδραποδισαμένους ἀναθεῖναι τῷ Ἀπόλλωνι
 τῷ Πυθίῳ καὶ τῇ Ἀρτέμιδι καὶ Λητοῖ καὶ Ἀθηνᾶ Προναίᾳ 5
 ἐπὶ πάσῃ ἀεργίᾳ, καὶ ταύτην τὴν χώραν μὴτ' αὐτοὺς ἐργά-
 ζεσθαι μὴτ' ἄλλον ἔαν. Λαβόντες δὲ τὸν χρησμὸν οἱ Ἀμφι-
 κτύονες ἐψηφίσαντο Σόλωνος εἰπόντος Ἀθηναίου τὴν γνώ-
 μην, ἀνδρὸς καὶ νομοθετῆσαι δυνατοῦ καὶ περὶ ποιήσιν
 καὶ φιλοσοφίαν διατετριφότες, ἐπιστρατεύειν ἐπὶ τοὺς ἐνα- 10
 γεῖς κατὰ τὴν μαντείαν τοῦ θεοῦ. [109] καὶ συναθροίσαντες 1
 δύναμιν πολλὴν τῶν Ἀμφικτυόνων, ἐξηδραποδίσαντο τοὺς

[107]

6 τοῖς γιγνομένοις **kTAld** τοὺς γενομένους **βfU^a** τοῖς γενομένοις
U^{mg} conflat.

7 λέγονται **fkU^aAld** λέγεται **βTU^{mg}** | οἱ πρόγονοι οἱ ὑμέτεροι **mg**
VL^ekTAld οἱ ὑμέτεροι **ax^aL^a** οἱ πρόγονοι οἱ ἡμέτεροι **x^efU** οἱ
 ὑμέτεροι πρόγονοι schol. 3.108.242

8 ἔπειτα **fkAld** ἔπειτα δὲ **βTU**

[108]

1 ἡ Πυθία del. Blass (hiat.)

2 ἀκραγαλλίδαις **βfkTUAld**, corr. Sauppe

3 καὶ¹ – πόλιν om. **βfU** καὶ τὴν πόλιν om. **TAld**

4 ἀνδραποδισαμένους **βfk^aTUAld** ἠνδραποδισαμένους **k^e**

5 τῇ om. **βkT** | <τῇ> Λητοῖ Herwerden | προνοίᾳ **βfkTU Ald**, corr.
 Baiter-Sauppe cf. Harp. et schol. 3.108.240

6 καὶ – 7 ἔαν del. Papavasiliou

7 χρησμὸν **βfTUAld** χρησμὸν τοῦτον **k**

10 ἀναγεῖς Harp.

[109]

2 πολλὴν **k** ἱκανὴν **βfTUAld** | τῶν **βkT** ἐκ τῶν **fUAld**

ἀνθρώπους καὶ τὸν λιμένα καὶ τὴν πόλιν αὐτῶν κατέσκα-
 ψαν καὶ τὴν χώραν αὐτῶν καθιέρωσαν κατὰ τὴν μαν- 5
 τείαν· καὶ ἐπὶ τούτοις ὄρκον ὤμοσαν ἰσχυρόν, μήτ' αὐτοὶ
 τὴν ἱεράν γῆν ἐργάσασθαι μήτ' ἄλλω ἐπιτρέψειν, ἀλλὰ
 βοηθήσειν τῷ θεῷ καὶ τῇ γῇ τῇ ἱερᾷ καὶ χειρὶ καὶ ποδὶ
 <καὶ φωνῇ> καὶ πάσῃ δυνάμει. [110] Καὶ οὐκ ἀπέχρησεν 1
 αὐτοῖς τοῦτον μόνον τὸν ὄρκον ὁμόσαι, ἀλλὰ καὶ
 προστροπὴν καὶ ἄραν ἰσχυρὰν ὑπὲρ τούτων ἐποιήσαντο.
 Γέγραπται γὰρ οὕτως ἐν τῇ ἀρχῇ, 'εἴ τις τάδε' φησὶ 'παρα- 5
 βαίνοι ἢ πόλις ἢ ἰδιώτης ἢ ἔθνος, ἐναγῆς' φησὶν 'ἔστω τοῦ
 Ἀπόλλωνος καὶ τῆς Ἀρτέμιδος καὶ Λητοῦς καὶ Ἀθη-
 νᾶς Προναίας'. [111] Καὶ ἐπεύχεται αὐτοῖς μήτε γῆν καρ- 1
 ποὺς φέρειν, μήτε γυναῖκας τέκνα τίκτειν γονεῦσιν ἐοικότα,
 ἀλλὰ τέρατα, μήτε βοσκήματα κατὰ φύσιν γονὰς ποιεῖ-
 σθαι, ἧτταν δὲ αὐτοῖς εἶναι πολέμου καὶ δικῶν καὶ ἀγο-
 ρῶν, καὶ ἐξώλεις εἶναι καὶ αὐτοῦς καὶ οἰκίας καὶ γένος τὸ 5
 ἐκείνων. 'Καὶ μήποτε' φησὶν 'ὄσιως θύσειαν τῷ Ἀπόλλωνι

[109]

3 τὸν λιμένα **k** cf. 119. 123 τὸς λιμένας ἔχωσαν **βfTUAld**
 4 αὐτῶν del. Markland Dilts
 6 ἐργάσασθαι **βfTAlld**, hab. **U** corr. Stephanus ἐργάζεσθαι **k** |
 ἄλλω] ἄλλον **TU**
 7 καὶ² – 110,4 ἀρχῇ om. **k**
 8 add. Baiter-Sauppe cf. 120; 2.115

[110]

2 μόνον τὸν ὄρκον **aVfTUAld** τὸν ὄρκον μόνον **mgx** Dilts μόνον
 om. **L** Budé-Martin | καὶ **f**^a
 4 ἀρχῇ] ἱερᾷ **U^a**, corr. **U^{ms}** | παραβαίνοι] παραβαίνων **T** παραβαίνη **T^{s1}**
 5 πόλις] πολίτης **U^a**, corr. **U^{ms}** | ἰδιώτης ἢ ἔθνος **βfkTUAld** ἔθνος ἢ
 δυναστής ἢ ἰδιώτης **Π41**
 6 τῆς ante Λητοῦς add. Schultz cf. 111, 121
 7 προνοίας **βfkTUAld** (**Π41** incert.)

[111]

1 ἐπεύχεται **amgx^afUAld** ἐπεύχεσθαι **Vx^cLkT** | μήτε] μηδὲ **UAld**
 2 μήτε **gVxLkTUAld** μηδέ **amf**
 3 μήτε Reiske μηδὲ **βfkTUAld** | φύσιν] φήσιν **U**, corr. **U^{s1}**
 4 αὐτοῖς εἶναι **βfTUAld** εἶναι αὐτοῖς **k** | ἀγορῶν **βfTUAld** ἀγο-
 ρᾶς **k**
 5 καὶ² om. **k** | τὸ om. **k**
 6 θύσαιεν **am^cVxfkTUAld**, corr. Franke θύσαι **am^agL**

μηδὲ τῆ Ἀρτέμιδι μηδὲ τῆ Λητοῖ μηδ' Ἀθηνᾶ Προναίᾳ,
μηδὲ δέξαιντο αὐτῶν τὰ ἱερά.' [112] Ὅτι δ' ἀληθῆ λέγω, 1
ἀνάγνωθι τὴν τοῦ θεοῦ μαντείαν. Ἀκούσατε τῆς ἀρᾶς.
Ἀναμνήσθητε τῶν ὄρκων οὓς ὑμῶν οἱ πρόγονοι μετὰ τῶν Ἀμ-
φικτυόνων συνώμοσαν.

Μαντεία 5

[Οὐ πρὶν τῆσδε πόλης ἐρείψετε πύργον ἐλόντες,
πρὶν γε θεοῦ τεμένει κυανώπιδος Ἀμφιτρίτης
κῦμα ποτικλύζη κελαδοῦν ἱεραῖσιν ἐπ' ἀκταῖς.]

Ὅρκοι. Ἄρα

[113] Ταύτης τῆς ἀρᾶς καὶ τῶν ὄρκων καὶ τῆς μαντείας 1
[γενομένης] ἀναγεγραμμένων ἔτι καὶ νῦν, οἱ Λοκροὶ οἱ Ἄμ-

[111]

7 μηδ' **βftUAld** μήτε **k** | προνοία **βfkTUAld**, corr. Baiter-Sauppe
8 αὐτῶν **βkTU** schol. cf. 121 αὐτοῖς **fAld**

[112]

2 τῆς ἀρᾶς **βf^akTUAld** τὰς ἀρᾶς **f^a** (Π41 incert.)
4 συνώμοσαν Π41**βftUAld** ὤμοσαν **k**
5 tit. μαντεία Π41 μαντεία om. **ax** post μαντεία praeb. ὄρκοι ἀρὰ
Π41**mgVlfkUAld**, transp. ad 9 Wolf
6–8 om. Π41 del. Wolf
6 ἐρείψετε **fUAld** Paus. ἐρίψετε **βkT**
7 γε **βftUAld** τε **k** κε Blass ex κεν Paus. Suid. | θεοῦ **βfkTUAld**
ἐμῶ Paus. Suid. | τεμένει **aT** Paus. Suid. τεμένη **mgVxLf^akUAld**
τειη **f^a**
8 ποτικλύζη **amxLfU** Paus. ποτικλύζει **VkTAld** ποτικλύζοι Suid.
περικλύζη **g** | κελαδοῦν **m^cg^c** κέλαδον **m^ag^ak** κελάδον **VxLf**
TUAld κέλαδος **a** | ἱεραῖσιν (ἱεραῖς **T**) ἐπ' ἀκταῖς **βfkTUAld** ἐπὶ
οἴνοπα πόντον Paus. Suid.

[113]

1 τῆς ἀρᾶς – μαντείας **βfkTUAld** τῆς μαντείας γενομένης καὶ τῆς
ἀρᾶς καὶ τῶν ὄρκων Π41
2 del. Cobet, om. **l** γε **amg**

φισσεῖς, μᾶλλον δὲ οἱ προεστηκότες αὐτῶν, ἄνδρες πα-
 ρανομώτατοι, ἐπηργάζοντο τὸ πεδῖον, καὶ τὸν λιμένα τὸν
 ἐξάγιστον καὶ ἐπάρατον πάλιν ἐτείχισαν καὶ συνώκισαν, 5
 καὶ τέλη τοὺς καταπλέοντας ἐξέλεγον, καὶ τῶν ἀφικνουμέ-
 νων εἰς Δελφοὺς πυλαγῶρων ἐνίους χρήμασι διέφθειρον, ὧν
 εἷς ἦν Δημοσθένης. [114] Χειροτονηθεὶς γὰρ ὑφ' ὑμῶν πυ- 1
 λάγορος, λαμβάνει δισχιλίας δραχμὰς παρὰ τῶν Ἀμφισ-
 σέων, ὑπὲρ τοῦ μηδεμίαν μνείαν περὶ αὐτῶν ἐν τοῖς Ἀμφι-
 κτύοσι ποιήσασθαι. Διωμολογήθη δ' αὐτῷ καὶ εἰς τὸν 5
 λοιπὸν χρόνον ἀποστέλλεσθαι Ἀθήναζε τοῦ ἐνιαυτοῦ ἐκά-
 στου μνᾶς εἴκοσι τῶν ἐξαγίστων καὶ ἐπαράτων χρημάτων,
 ἐφ' ᾧτε βοηθήσει τοῖς Ἀμφισσεῦσιν Ἀθήνησι κατὰ πάντα
 τρόπον· ὅθεν ἔτι μᾶλλον ἢ πρότερον συμβέβηκεν αὐτῷ,
 ὅτου ἂν προσάψηται, ἢ ἀνδρὸς ιδιώτου ἢ δυνάστου ἢ 10
 πόλεως δημοκρατουμένης, τούτων ἐκάστους ἀνιάτοις συμ-
 φοραῖς περιβάλλειν.
 [115] Σκέψασθε δὴ τὸν δαίμονα καὶ τὴν τύχην, ὅσω πε- 1
 ριεγένετο τῆς τῶν Ἀμφισσέων ἀσεβείας. Ἐπὶ γὰρ Θεοφρά-

[113]

4 ἐπειργάζοντο **βfkAld**, corr. Blass (Π41 incert.) ἐπεργάζοντο **TU**
 6 καταπλέοντας **Π41βkT** παραπλέοντας **fUAld**
 7 διέφθειρον **k** διέφθειραν **βfTUAld** (Π41 incert.)

114]

1 πυλάγορος **Π41f^a** cf. 115, 122, 124, 126, 127 πυλαγῶρας **βf^akTUAld**
 2 δισχιλίας **Π41m^cV^akT^cU^mg** χιλίας **am^agV^axLfT^aU^aAld**
 3 ὑπὲρ om. **l** del. Brémi | περὶ **βfT^cU** ὑπὲρ **kAld** (Π41 incert.)
 4 ποιήσασθαι **Π41βfTUAld** ποιῆσθαι **k**
 5 ἀποστέλλεσθαι **Π41V^ckT** ἀποσταλήσεσθαι **amgxLfUAld**
 ἀποσταλήσαι **V^a**
 6 τῶν **Π41βfUAld** ἐκ τῶν **kT**
 7 βοηθήσειν **βfkTUAld** βοηθῆσθαι **Π41**, corr. **d** Blass
 8 ἔτι hab. **Π41m^cVxLkTU** om. **am^agfAld**
 9 ἢ¹ om. **Π41βfTUAld** | ιδιώτου **βfAld** cf. 158, 233, 252 ἢ ιδιώτου
Π41kTU
 10 συμφοραῖς **Π41k** cf. 226 κακοῖς **fTUAld**

[115]

1 ὅσω **Π41V^ckTU** ὧς **amgxL** ᾧ **f** ἄ **V^a** ὅς **Ald**

στου ἄρχοντος, ἱερομνήμονος ὄντος Διογνήτου Ἀναφλυ-
 στίου, πυλαγόρους ὑμεῖς εἴλεσθε Μειδίαν τε ἐκείνον τὸν 5
 Ἀναγυράσιον, ὃν ἐβουλόμην ἂν πολλῶν ἕνεκα ζῆν, καὶ
 Θρασυκλέα τὸν ἐξ Οἴου, καὶ τρίτον δὴ μετὰ τούτων ἐμέ.
 Συνέβη δ' ἡμῖν ἀρτίως μὲν εἰς Δελφοὺς ἀφίχθαι, παρα-
 χρῆμα δὲ τὸν ἱερομνήμονα Διόγνητον πυρέττειν· τὸ δ'
 αὐτὸ τοῦτο συνεπεπτώκει καὶ τῷ Μειδίᾳ. [116] Οἱ δ' ἄλλοι 1
 συνεκάθηντο Ἀμφικτύονες. Ἐξηγγέλλετο δ' ἡμῖν παρὰ τῶν
 βουλομένων εὐνοίαν ἐνδείκνυσθαι τῇ πόλει ὅτι οἱ Ἀμφισ-
 σεῖς ὑποπεπτωκότες τότε καὶ δεινῶς θεραπεύοντες τοὺς 5
 Θηβαίους εἰσέφερον δόγμα κατὰ τῆς ἡμετέρας πόλεως,
 πεντήκοντα ταλάντοις ζημιῶσαι τὸν δῆμον τῶν Ἀθηναίων
 ὅτι χρυσᾶς ἀσπίδας ἀνέθεμεν πρὸς τὸν καινὸν νεῶν πρὶν
 ἐξαρέσασθαι, καὶ ἐπεγράψαμεν τὸ προσῆκον ἐπίγραμμα·
 Ἄθηναῖοι ἀπὸ Μήδων καὶ Θηβαίων, ὅτε τάναντία τοῖς 10
 Ἑλλησιν ἐμάχοντο. Μεταπεμψάμενος δ' ἐμὲ ὁ ἱερομνήμων
 ἠξίου εἰσελθεῖν εἰς τὸ συνέδριον καὶ εἰπεῖν τι πρὸς τοὺς

[115]

3 <τοῦ> Ἀναφλυστίου Baiter

4 ὑμεῖς] ὑμῶν U^a, corr. U^{ms}

5 ἀναγυράσιον **amgV^aU** Harp. ἀναγυρράσιον **V^cxLfTAld**
 ἀγυρράσιον **k** | ἕνεκα **fkTUAld** ἕνεκεν **β**

6 ἐξ οἴου **k** λέσβιον **βfTUAld** Λέκκιον Wolf | δὴ **k** δὲ **βfTUAld**
 utrum om. cod. **Flor.**

7 ἀφίχθαι] ἀφείχθαι **U**

8 τὸν om. **amgxL**

[116]

6 ταλάντοις] ταλάντα U^{ms} | τῶν **βkTU** cf. 90, 156 τὸν **fAld**

7 χρυσᾶς **am^agVxLkT** Harp. τὰς χρυσᾶς **m^cf UAld** | ἀνεθεμεν **βf**
TU^aAld cf. 122 ἀνέθηκεν **kU^{ms}** Harp.

8 ἐξαρέσασθαι **V^ck** ἐξαράσασθαι Harp. ἐξειργάσθαι **amgV^axLf**
TU^aAld ἐξαράσεσθαι (sic) U^{ms}

10 δέ με **m^cg^cV^ckTU**, corr. Bekker δὲ **am^ag^aV^axLfAld** με post
 ἠξίου Blass

11 καὶ – [117] συνέδριον om. **k**

Αμφικτύονας ὑπὲρ τῆς πόλεως, καὶ αὐτὸν οὕτω προηρη- 1
 μένον. [117] Ἀρχομένου δέ μου λέγειν καὶ προθυμότερόν 1
 πως εἰσεληλυθότος εἰς τὸ συνέδριον, τῶν ἄλλων πυλα-
 γόρων μεθεστηκότων, ἀναβοήσας τις τῶν Ἀμφισσέων, ἄν-
 θρωπος ἀσελγέστατος καὶ ὡς ἐμοὶ ἐφαίνετο οὐδεμιᾶς παι- 5
 δείας μετεσχηκῶς, ἴσως δὲ καὶ δαιμονίου τινὸς ἐξαμαρτά- 5
 νειν προαγομένου, ἀρχὴν δέ γε ἔφη, ὧ ἄνδρες Ἕλληνες,
 εἰ ἐσωφρονεῖτε, οὐδ' ἂν ὠνομάζετο τοῦνομα τοῦ δήμου τῶν
 Ἀθηναίων ἐν ταῖσδε ταῖς ἡμέραις, ἀλλ' ὡς ἐναγεῖς ἐξείρ-
 γετ' ἂν ἐκ τοῦ ἱεροῦ. [118] Ἄμα δὲ ἐμέμνητο τῆς τῶν Φω- 1
 κέων συμμαχίας ἣν ὁ Κρωβύλος ἐκεῖνος ἐγραψε, καὶ ἄλλα 1
 πολλὰ καὶ δυσχερῆ κατὰ τῆς πόλεως διεξήει, ἃ ἐγὼ οὔτε
 τότ' ἐκαρτέρου ἀκούων, οὔτε νῦν ἠδέως μέμνημαι αὐτῶν. 5
 Ἀκούσας δ' ἐγὼ οὕτω παρωξύνθην ὡς οὐδεπώποτ' ἐν τῷ 5
 ἔμαυτοῦ βίῳ. Καὶ τοὺς μὲν ἄλλους λόγους ὑπερβήσομαι
 ἐπήλθε δ' οὖν μοι ἐπὶ τὴν γνώμην μνησθῆναι τῆς τῶν Ἀμ-
 φισσέων περὶ τὴν ἱερὰν γῆν ἀσεβείας, καὶ αὐτόθεν ἐστη-

[117]

2 εἰς τὸ συνέδριον del. Franke

3 μεθεστηκότων] καθεστηκότων U^{ms} παρεστηκότων Wolf, sed cf. schol. 3.117.263 ab

5 ἐξαμαρτάνειν k ἐξαμαρτάνειν αὐτὸν βfTUAlid

6 ἀρχὴν βkTU^{ms}Alid ἀρχὴ fU^a | γε om. mgVT

7 ὠνομάζετε fk ὠνομάζετο βTAlid ὠνομάζετε U | τῶν βfTUAlid τοῦ k

8 ἐναγεῖς] ἐναγῆς U | ἐξείργετ' ἂν k ἐξείργετ' m^cg^cU^a ἐξήγετε am^ag^aVxLfTU^{ms}Alid

[118]

1 Φωκέων] φωκαίων U

2 κρωβύλος βk κρωβύλος fTUAlid Harp.

3 διεξήει VxLkT διεξήει λέγων amgfUAlid | ἐγὼ om. d, del. Blass (hiat.)

5 ἐγὼ om. fAlid | οὕτω] οὕτως U

7 ἐπήλθε am^ag^aVxLfTU^aAlid ἐπήει m^cg^ckU^{ms} | οὖν om. βT | ἐπὶ – γνώμην del. Baiter

8 περὶ k ἐπὶ βfTUAlid | ἱερὰν γῆν fkU cf. 109, 119; Dem. 19.154, 155, 157 γῆν τὴν ἱερὰν βTAlid cf. 120, 122, 124, fort. recte | ἀσεβείας βf TUAlid παρανομίας k

κὼς ἐδείκνυον τοῖς Ἀμφικτύοσιν· ὑπόκειται γὰρ τὸ Κιρ-
ραῖον πεδίον τῷ ἱερῷ καὶ ἔστιν εὐσύνοπτον. 10

[119] ‘Ὁρατ’ , ἔφην ἐγώ, ὧ ἄνδρες Ἀμφικτύονες, ἐξειργα- 1
σμένον τουτὶ τὸ πεδίον ὑπὸ τῶν Ἀμφισσέων, καὶ κεραμεῖα
ἐνφοδομημένα καὶ αὐλία· ὁρᾶτε τοῖς ὀφθαλμοῖς τὸν ἐξά-
γιστον καὶ ἐπάρατον λιμένα τετειχισμένον· ἴστε τούτους 5
αὐτοί, καὶ οὐδὲν ἑτέρων δεῖσθε μαρτύρων, τέλη πεπρακό-
τας καὶ χρήματα λαμβάνοντας ἐκ τοῦ ἱεροῦ λιμένος.’ Ἄμα
δὲ ἀναγιγνώσκειν ἐκέλευον αὐτοῖς τὴν μαντείαν τοῦ θεοῦ,
τὸν ὄρκον τῶν προγόνων, τὴν ἄρὰν τὴν γενομένην, καὶ 1
διωριζόμενην [120] ὅτι ἐγὼ μὲν ὑπὲρ τοῦ δήμου τοῦ Ἀθη-
ναίων καὶ τοῦ σώματος καὶ τέκνων καὶ οἰκίας τῆς ἑμαυτοῦ
βοηθῶ κατὰ τὸν ὄρκον καὶ τῷ θεῷ καὶ τῇ γῆ τῇ ἱερᾷ καὶ
χειρὶ καὶ ποδὶ καὶ φωνῇ καὶ πᾶσιν οἷς δύναμαι, καὶ τὴν 5
πόλιν τὴν ἡμετέραν τὰ πρὸς τοὺς θεοὺς ἀφοσιῶ· ὑμεῖς
δ’ ὑπὲρ ὑμῶν αὐτῶν ἤδη βουλευέσθε. Ἐνήρκται μὲν τὰ
κανᾶ, παρέστηκε δὲ τοῖς βωμοῖς τὰ θύματα, μέλλετε δ’ αἰ-

[118]

9 ὑπόκειται **VxLf^kTUAld** ὑπέκειτο **mgf^a** ὑπέρκειται **a**

[119]

2 τουτὶ **k** τοῦτο **βfTUAld** | τὸ om. **f^a**

3 αὐλία **βkTU^{mg}** ἐπαύλια **fU^aAld**

4 τούτους **βf^kTUAld** τούτοις **f^a**

5 πεπραχότας **βfkTUAld**, corr. Hamaker

[120]

1 τοῦ² **βk** τῶν **fTUAld**

2 τέκνων **k** τῶν τέκνων **fTUAld** | ἑμαυτοῦ] ἑμαυτῷ **T**

3 τὸν ὄρκον **amgfAld** τὸν τῶν προγόνων ὄρκον **VxkTU** τῶν
προγόνων τὸν ὄρκον **L** | καὶ¹ om. **k** | καὶ³ om. **k**

4 δύναμαι **βfTUAld** ἂν δύναμαι **k**

5 ἀφοσιῶ] ἀφοδιῶ **U**, corr. **U^{mg}**

6 βουλευέσθε **β** βολεύεσθαι **k** βουλεύσασθε **fUAld** βεβουλευέσθε
T

7 παρέστηκε **βfTUAld** παρέστη **k** | τοῖς βωμοῖς τὰ θύματα **βf**
TUAld τὰ θύματα τοῖς βωμοῖς **k** τοῖς βωμοῖς del. Weidner

τεῖν τοὺς θεοὺς τάγαθὰ καὶ κοινῇ καὶ ἰδίᾳ. [121] Σκοπεῖτε 1
 δὴ ποία φωνῆ, ποία ψυχῆ, ποίοις ὄμμασι, τίνα τόλμαν
 κτησάμενοι τὰς ἰκετείας ποιήσεσθε, τούτους παρέντες
 ἀτιμωρήτους τοὺς ἐναγεῖς καὶ ταῖς ἀραῖς ἐνόχους. Οὐ γὰρ
 δι' αἰνιγμῶν, ἀλλ' ἐναργῶς γέγραπται ἐν τῇ ἀρχῇ κατὰ τε 5
 τῶν ἀσεβησάντων ἃ χρῆ παθεῖν αὐτούς, καὶ κατὰ τῶν ἐπι-
 τρεψάντων, καὶ τελευταῖον, [ἐν τῇ ἀρχῇ γέγραπται] 'μή-
 ποθ' ὀσίως', φησί, 'θύσειαν οἱ μὴ τιμωροῦντες τῷ Ἀπόλ-
 λωνι μηδὲ τῇ Ἀρτέμιδι μηδὲ τῇ Λητοῖ μηδ' Ἀθηνᾶ
 Προναίᾳ, μηδὲ δέξαιντο αὐτῶν τὰ ἱερά.' 10

[122] Τοιαῦτα καὶ πρὸς τούτοις ἕτερα πολλὰ διεξεληθόντος 1
 ἐμοῦ, ἐπειδὴ ποτε ἀπηλλάγην καὶ μετέστην ἐκ τοῦ συνε-
 δρίου, κραυγὴ πολλὴ καὶ θόρυβος ἦν τῶν Ἀμφικτυόνων,
 καὶ ὁ λόγος ἦν οὐκέτι περὶ τῶν ἀσπίδων ἃς ἡμεῖς ἀνέθε-
 μεν ἀλλ' ἤδη περὶ τῆς τῶν Ἀμφισσέων τιμωρίας. Ἦδη δὲ 5
 πόρρω τῆς ἡμέρας ὄντος, προελθὼν ὁ κῆρυξ ἀνεῖπε, Δελ-
 φῶν ὅσοι ἐπὶ δίετες ἠβῶσι, καὶ δούλους καὶ ἐλευθέρους,
 ἦκειν ἅμα τῇ ἡμέρᾳ ἔχοντας ἅμας καὶ δικέλλας πρὸς τὸ

[121]

2 δὴ **LfkUAld** δὲ **amgVxT**

3 ἰκετείας **k** ἰκεσίας **βfTUAlD** | ποιήσεσθε **mgxkTAld** ποιήσησθε
afU ποιήσασθε **VL** | τούτους παρέντες **βfTU Ald** παρέντες
 τούτους **k**

4 ταῖς **fkUAld** τούς **βT**

5 αἰνιγμῶν **k** αἰνιγμάτων **βfTUAlD** | ἐν – ἀρχῇ del. Blass (hiat.)

7 del. Baiter | μήποθ' **fU** cf. 111 μήθ' **βkTAld** cf. 108 μηδ' Bekker

8 φησι post τιμωροῦντες **βfTUAlD** | θύσειαν **f** θύσαιεν **βkTU**

9 μήδε¹] μήτε **U** | μήδε²] μήτε **Ald** | ἀθηνᾶ **amgLfk** τῇ ἀθηνᾶ **VxTU**

10 προνοία **βfkTU**, corr. Baiter-Sauppe | μηδὲ **βkTUAlD** μήτε **f** |
 αὐτοῖς Dobree

[122]

1 τοιαῦτα **βfkTUAlD** ταῦτα Reiske Dilts cf. Dem. 18.241

4 ὁ om. **βfTUAlD**

6 οὔσης **βfkTUAlD**, corr. Hamaker ὄν Herwerden del. Frohberger |
 προσελθὼν **βfkTUAlD**, corr. Markland cf. 154

8 ἦκειν **βfTU^aAlD** ἦκειν αὔριον **kU^{mg}**

Θυτεῖον ἐκεῖ καλούμενον· καὶ πάλιν ὁ αὐτὸς κῆρυξ ἀναγο-
 ρεῦει τοὺς ἱερομνήμονας καὶ τοὺς πυλαγόρους ἤκειν εἰς 10
 τὸν αὐτὸν τόπον βοηθήσοντας τῷ θεῷ καὶ τῇ γῆ τῇ ἱερᾷ·
 ἥτις δ' ἂν μὴ παρῆ πόλις, εἴρξεται τοῦ ἱεροῦ καὶ ἐναγῆς
 ἔσται καὶ τῇ ἀρᾷ ἔνοχος·

[123] Τῇ δὲ ὑστεραίᾳ ἤκομεν ἔωθεν εἰς τὸν προειρημένον 1
 τόπον, καὶ κατέβημεν εἰς τὸ Κιρραῖον πεδῖον, καὶ τὸν λι-
 μένα κατασκάψαντες καὶ τὰς οἰκίας ἐμπρήσαντες ἀνεχω-
 ροῦμεν. Ταῦτα δὲ ἡμῶν πραττόντων οἱ Λοκροὶ οἱ Ἀμφισ-
 σεῖς, ἐξήκοντα στάδια ἄπωθεν οἰκοῦντες Δελφῶν, ἦλθον 5
 ἐφ' ἡμᾶς μεθ' ὄπλων πανδημεί· καὶ εἰ μὴ δρόμῳ μόλις
 ἐξεφύγομεν εἰς Δελφούς, ἐκινδυνεύσαμεν ἂν ἀπολέσθαι.

[124] Τῇ δὲ ἐπιούσῃ ἡμέρᾳ Κόπτυφος ὁ τὰς γνώμας ἐπι- 1
 ψηφίζων ἐκκλησίαν ἐποίει τῶν Ἀμφικτυόνων· ἐκκλησίαν
 γὰρ ὀνομάζουσι, ὅταν τις μὴ μόνον τοὺς πυλαγόρους καὶ
 τοὺς ἱερομνήμονας συγκαλέσῃ, ἀλλὰ καὶ τοὺς θύοντας καὶ
 τοὺς χρωμένους τῷ θεῷ. Ἐνταῦθ' ἤδη πολλὰ μὲν τῶν Ἀμ- 5
 φισσέων ἐγίνοντο κατηγορία, πολὺς δ' ἔπαινος ἦν κατὰ

[122]

9 θύτιον Harp. (ἐν τοῖς Ἀττικιστοῖς) θύστιον Didymus apud
 Harp. | ἀναγορεύει **k** (-ε U^{m6}) ἀνήγορευε **βTAlD** ἀντηγόρευε **f**
 ἀνηγόρευσε Franke ἀντιγόρευε U^a
 10 τοὺς² om. **βfTUAlD** | ἤκειν **βfTUAlD** ἄπαντας ἤκειν **k**
 11 τόπον **βfTUAlD** τόπον τοῦτον **k**
 12 ἥτις **amgfkUAlD** εἴ τις **VxLT**

[123]

1 ὑστεραίᾳ **βfTUAlD** ὑστεραίᾳ ἡμέρᾳ **k** | ἔωθεν **βfTUAlD** ἔσωθεν **k**
 2 πεδῖον] παιδίον **U**
 4 ταῦτα δὲ **βfTUAlD** καὶ ταῦτα **k**
 5 ἄποθεν **mgVxfkU**, correcte **aLTAlD** | ἦλθον **k** cf. 87 ἦκον **βf**
TUAlD
 6 ἐφ' **k** πρὸς **βfTUAlD** | ἡμᾶς **βkTUAlD** ὑμᾶς **f** | πανδημεί **βf**
TUAlD πανδημί **k**
 7 ἂν om. **βfTU**

[124]

1 Κόπτυφος del. Dobree Κόπτυκος U^a Κόπτυφος U^{s1}
 3 τις om. **βfTUAlD** | πηλαγόρους (sic) **U**
 4 συγκαλέσῃ **k** συγκαλέσωσιν **βfTUAlD** | θύοντας **k** συνθύοντας
βfTUAlD
 5 τοὺς om. **βfTUAlD** | τῶν ἀμφ. ἐγίνοντο **fkUAlD** ἐγίνοντο τῶν
 ἀμφ. **βT**

τῆς ἡμετέρας πόλεως· τέλος δὲ παντὸς τοῦ λόγου ψηφίζον-
ται ἤκειν τοὺς ἱερομνήμονας πρὸ τῆς ἐπιούσης πυλαίας ἐν
ρήτῳ χρόνῳ εἰς Πύλας, ἔχοντας δόγμα, καθ' ὃ τι δίκας
δώσουσιν οἱ Ἀμφισσεῖς ὑπὲρ ὧν εἰς τὸν θεὸν καὶ τὴν γῆν 10
τὴν ἱεράν καὶ τοὺς Ἀμφικτύονας ἐξήμαρτον. Ὅτι δὲ ἀληθῆ
λέγω, ἀναγνώσεται ὑμῖν ὁ γραμματεὺς τὸ ψήφισμα.

Ψήφισμα

[125] Τοῦ δόγματος τούτου ἀποδοθέντος ὑφ' ἡμῶν ἐν τῇ 1
βουλῇ καὶ πάλιν ἐν τῇ ἐκκλησίᾳ, καὶ τὰς πράξεις ἡμῶν
ἀποδεξαμένου τοῦ δήμου, καὶ τῆς πόλεως ἀπάσης προ-
αιρουμένης εὐσεβεῖν, καὶ Δημοσθένους ὑπὲρ τοῦ μεσεγγυή-
ματος τοῦ ἐξ Ἀμφίσσης ἀντιλέγοντος, καὶ ἐμοῦ φανερώς 5
ἐναντίον ὑμῶν ἐξελέγχοντος, ἐπειδὴ ἐκ τοῦ φανεροῦ τὴν
πόλιν ἄνθρωπος οὐκ ἐδύνατο σφῆλαι, εἰσελθὼν εἰς τὸ βου-
λευτήριον καὶ μεταστησάμενος τοὺς ιδιώτας, ἐκφέρεται
προβούλευμα εἰς τὴν ἐκκλησίαν, προσλαβὼν τὴν τοῦ γρά-
ψαντος ἀπειρίαν· [126] τὸ δ' αὐτὸ τοῦτο καὶ ἐν τῇ ἐκκλησίᾳ 1

[124]

7 ἡμετέρας **βkT** ὑμετέρας **fUAld** | <συλ>λόγου Scheibe cf. 126 |
ψηφίζονται] ψηφίζονται **U**
8 πυλαίας **βf^akTUAld** παλαιᾶς **f^a**
9 ἔχοντας] ἔχοντάς τε **U** | καθ' ὃ τι] διὰ τὸ τιμωρίαν **U^{mg}** | δίκας **βf**
TUAld δίκην **k**
12 ἀνάγωθι **e** Blass | ὑμῖν – γραμματεὺς del. Blass sed cf. 190, 192; 1.11,
147
13 tit. om. **m^aL^aT**

[125]

1 τούτου τοῦ δόγματος Blass (hiat.) | δόγματος **aVxLfk** δόγμα-
τος οὖν **mgAld** δόγματος δὲ **TU** | ἀποδοθέντος **βfTU^aAld**
ἀναγνώθεντος **kU^{mg}** | ὑμῶν **U^a**, corr. **U^{mg}** | ἐν om. **k**
2 ἐκκλησίᾳ **a** ἐκκλησίᾳ τῷ δήμῳ **mgVxLfkTUAld** cf. 34 τῇ
ἐκκλησίᾳ del. Taylor | ἡμῶν] ὑμῶν **U**
3 ἀπάσης **kUAld** πάσης **βfT**
4 καὶ] καὶ τοῦ **U**
7 ἄνθρωπος **βfkTUAld**, corr. Markland | ἐδύνατο **fk** ἠδύνατο
βTUAld
8 καὶ om. **k**
9 εἰς – ἐκκλησίαν del. Dobree
10 ἀπειρίαν **βf^akTUAld** ἀπορίαν **f^a**

[126]

1 ἐν om. **m^ag**

διεπράξατο ἐπιψηφισθῆναι καὶ γενέσθαι δήμου ψήφισμα,
 ἐπ' ἀναστάσει τῆς ἐκκλησίας <οὔσης>, ἀπεληλυθότος ἐμοῦ,
 οὐ γὰρ ἂν ποτε ἐπέτρεψα, καὶ τῶν πολλῶν διαφειμένων
 οὐ τὸ κεφάλαιόν ἐστι· τὸν ἱερομνήμονα' φησὶ τῶν Ἀθη- 5
 ναίων καὶ τοὺς πυλαγόρους τοὺς ἀεὶ πυλαγοροῦντας
 πορεύεσθαι εἰς Πύλας καὶ εἰς Δελφοὺς ἐν τοῖς τεταγμένοις
 χρόνοις ὑπὸ τῶν προγόνων', εὐπρεπῶς γε τῷ ὀνόματι,
 ἀλλὰ τῷ ἔργῳ αἰσχυρῶς· κωλύει γὰρ εἰς τὸν σύλλογον τὸν
 ἐν Πύλαις ἀπαντᾶν, ὃς ἐξ ἀνάγκης πρὸ τοῦ καθήκοντος 10
 ἔμελλε χρόνου γίνεσθαι. [127] Καὶ πάλιν ἐν τῷ αὐτῷ ψηφί-
 σματι πολὺ καὶ σαφέστερον καὶ πικρότερον [πρόσταγμα]
 γράφει, τὸν ἱερομνήμονα' φησὶ τῶν Ἀθηναίων καὶ τοὺς
 πυλαγόρους τοὺς ἀεὶ πυλαγοροῦντας μὴ μετέχειν τοῖς 5
 ἐκεῖσε συλλεγομένοις μήτε λόγου μήτε ἔργου μήτε
 δόγματος μήτε πράξεως μηδεμιᾶς'. Τὸ δὲ μὴ μετέχειν τί
 ἐστὶ; πότερα τᾶληθές εἶπω, ἢ τὸ ἥδιστον ἀκοῦσαι; τᾶληθές
 ἔρῳ· τὸ γὰρ ἀεὶ πρὸς ἡδονὴν λεγόμενον οὕτωςι τὴν πόλιν
 διατέθεικεν. Οὐκ ἔῃ μεμνήσθαι τῶν ὄρκων οὓς ἡμῶν ὤμο-

[126]

2 διεπράξατο **amgVkTUAld** διεγράψατο **xLf** | δήμου **βkT**, del.
 Saupre τοῦ δήμου τὸ **fUAld**
 3 ἐπ' ἀναστάσει **k** ἤδη ἐπαναστάσεως **βfTAld** (-στή- U^a) ἐπαναστάς
 U^{mg} | add. Hamaker
 4 πολλῶν **βfTU^aAld** πλείστων **kU^{mg}** | διαφειμένων **βk** δὲ ἀφει-
 μένων **fTUAld**
 5 τὸν **βkT** τὸν δὲ **fUAld** | τῶν **aVxLfkTUAld** τὸν **mg**
 6 ἀεὶ **aVxLfkTU** εἰς ἀεὶ **mgAld**
 7 πορεύεσθαι – [127] πυλαγοροῦντας hab. **f^cTUAld**, om. **f^a**

[127]

2 del. Dobree πρόσταγμα **m^cg^cfkU^{mg}** σύγγραμμα **am^ag^aVxL**
TU^aAld
 3 τῶν **amgxLfkTUAld** τὸν **V**
 4 ἀεὶ om. **f^c**
 5 ἐκεῖσε **k** ἐκεῖ **βfTUAld** | μήτε¹ **kTAld** μὴ **βfU** | λόγου... ἔργου... **6**
 δόγματος **k** λόγων ... ἔργων ... **6** δογμάτων **βfTUAld**
 7 πότερα **βfTUAld** πότερον **k** | τᾶληθές¹ | τὸ ἀληθές **T** | τᾶληθές² **k**
 τὸ ἀληθές **βfTUAld**
 8 ἀεὶ] αἰεὶ **U^aAld**, corr. **U^{mg}** | οὕτωςι **βkTUAld** οὕτω **f**
 9 διατέθεικεν **V^cfkU^{mg}Ald** διατέθηκεν **amgV^axLT** Budé-Martin
 διατέθειμεν **U^a**
 9.10 ὤμοσαν οἱ πρόγονοι **k** οἱ πρόγονοι ὤμοσαν **βfTUAld**

σαν οἱ πρόγονοι, οὐδὲ τῆς ἀρᾶς, οὐδὲ τῆς τοῦ θεοῦ μαν- 10
τείας.

[128] Ἡμεῖς μὲν οὖν, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, κατεμείναμεν 1
διὰ τοῦτο τὸ ψήφισμα, οἱ δ' ἄλλοι Ἀμφικτύονες συνελέγη-
σαν εἰς Πύλας πλὴν μιᾶς πόλεως, ἧς ἐγὼ οὐτ' ἂν τοῦνομα 1
εἴποιμι, μήθ' αἰ συμφοραὶ παραπλήσιοι γένοιτο αὐτῆς μη-
δενὶ τῶν Ἑλλήνων. Καὶ συνελθόντες ἐψηφίσαντο ἐπιστρα- 5
τεύειν ἐπὶ τοὺς Ἀμφισσέας, καὶ στρατηγὸν εἶλοντο
Κόττυφον τὸν Φαρσάλιον τὸν τότε τὰς γνώμας ἐπιψη-
φίζοντα, οὐκ ἐπιδημοῦντος ἐν Μακεδονίᾳ Φιλίππου,
ἀλλ' οὐδ' ἐν τῇ Ἑλλάδι παρόντος, ἀλλ' ἐν Σκύθαις οὕτω 10
μακρὰν ἀπόντος· ὃν αὐτίκα μάλα τολμήσει λέγειν Δημο-
σθένης ὡς ἐγὼ ἐπὶ τοὺς Ἑλληνας ἐπήγαγον. [129] Καὶ πα- 1
ρελθόντες τῇ πρώτῃ στρατείᾳ καὶ μάλα μετρίως ἐχρήσαντο
τοῖς Ἀμφισσεῦσιν· ἀντὶ γὰρ τῶν μεγίστων ἀδικημάτων
χρήμασιν αὐτοὺς ἐζημίωσαν, καὶ ταῦτ' ἐν ῥητῶ χρόνῳ 5
προεῖπον τῷ θεῷ καταθεῖναι, καὶ τοὺς μὲν ἐναγεῖς καὶ τῶν
πεπραγμένων αἰτίους μετεστήσαντο, τοὺς δὲ δι' εὐσέβειαν
φεύγοντας κατήγαγον. Ἐπειδὴ δὲ οὔτε τὰ χρήματα ἐξέτινον
τῷ θεῷ, τοὺς τ' ἐναγεῖς κατήγαγον, καὶ τοὺς εὐσεβεῖς καὶ
κατελθόντας διὰ τῶν Ἀμφικτυόνων ἐξέβαλον, οὕτως ἤδη

[127]

10 μαντείας] μαντείαν U^a, corr. U^{mg}

[128]

3 ἐγὼ del. Blass (hiat.)

4 παραπλήσιοι] παραπλήσια TU | αὐτῆς] αὐτοὺς vel αὐτοῖς U^{mg}Ald

9 ἀλλ' del. Schaefer, sed cf. 46 | οὐδ' om. k^a | ἐπὶ τὴν Ἑλλάδα παρίοντος
Blass

10 μάλα βkTU^{mg} μάλιστα fU^aAld | τολμήσει m^cVxLfktUAld
τολμήσειε am^ag

[129]

2 στρατεία amgk στρατιᾶ VxLfTUAld

4 αὐτοὺς amgV^ckTU αὐτοῖς V^axLf αὐτοῦ Ald

5 προεῖπον βfTUAld προειπῶν k

6 μετέστησαν Cobet cf. 125

7 φεύγοντας kU^{mg} φυγόντας βfTU^aAld | οὔτε kT οὐδὲ βfUAld |
ἐξέτινον βf^ckTUAld ἐξέτεινον f^a

8 καὶ² om. βfTUAld

9 ἐξέβαλον amgVktU ἐξέβαλλον xLfAld | οὕτως] οὕτω U

τὴν δευτέραν ἐπὶ τοὺς Ἀμφισσέας στρατείαν ἐποιήσαντο, 10
πολλῷ χρόνῳ ὕστερον, ἐπανεληλυθότος Φιλίππου ἐκ τῆς
ἐπὶ τοὺς Σκύθας στρατείας, τῶν μὲν θεῶν τὴν ἡγεμονίαν
τῆς εὐσεβείας ἡμῖν παραδεδωκότων, τῆς δὲ Δημοσθένους
δωροδοκίας ἐμποδῶν γεγενημένης.

[130] Ἄλλ' οὐ προύλεγον, οὐ προεσήμαινον οἱ θεοὶ φυλά- 1
ξασθαι, μόνον γε οὐκ ἀνθρώπων φωνὰς προσκτησάμενοι;
οὐδεμίαν τοι πώποτε ἔγωγε μᾶλλον πόλιν ἐώρακα ὑπὸ μὲν
τῶν θεῶν σωζομένην, ὑπὸ δὲ τῶν ῥητόρων ἐνίων ἀπολλυ-
μένην. Οὐχ ἰκανὸν ἦν τὸ τοῖς μυστηρίοις φανέν σημεῖον, 5
[φυλάξασθαι] ἢ τῶν μυστῶν τελευτή; οὐ περὶ τούτων
Ἀμεινιάδης μὲν προύλεγεν εὐλαβεῖσθαι καὶ πέμπειν εἰς
Δελφοὺς ἐπερησομένους τὸν θεὸν ὃ τι χρὴ πράττειν, Δημο-
σθένης δὲ ἀντέλεγε φιλιππίζειν τὴν Πυθίαν φάσκων, ἀπαί-
δευτος ὢν καὶ ἀπολαύων καὶ ἐμπιπλάμενος τῆς δεδομένης 10
ὑφ' ὑμῶν αὐτῷ ἐξουσίας; [131] οὐ τὸ τελευταῖον ἀθύτων 1
καὶ ἀκαλλιερέτων ὄντων τῶν ἱερῶν ἐξέπεμψε τοὺς στρα-
τιώτας ἐπὶ τὸν πρόδηλον κίνδυνον; καίτοι γε πρόην ποτὲ
ἀπετόλμα λέγειν ὅτι παρὰ τοῦτο Φίλιππος οὐκ ἦλθεν

[129]

10 ἐπὶ τοὺς ἀμφισσ. **fkUAld** del. Sauppe cf. 128 post στρατείαν **βT** |
ἀμφισσεάς **k** ἀφισσεῖς **βfTUAlD**
11 ἐπανεληλυθότος] ἐπανεληθόντος **UAld**
13 ἡμῖν **βfUAld** ὑμῖν **k**

[130]

1 προεσήμαινον **k** προεσήμαινον ἡμῖν **βfTUAlD** (-με- **U^a**, corr. **U^{sl}**)
2 γε om. **βfAlD** | προσκτησάμενοι **βkUAld** προκτησάμενοι **fT**
6 del. Baiter | τελευτή] τελετή (sic) **U^{ms}**
7 ἀμεινιάδης **amgV^cxLT** ἀμινιάδης **V^afUAld**
8 <τοὺς> ἐπερησομένους Dobree
10 δεδομένης **m^cgLkU^{sl}** διδομένης **am^aVxfTU^aAlD**
11 αὐτῷ del. Blass (hiat.)

[131]

2 ὄντων τῶν ἱερῶν **k** τῶν ἱερῶν ὄντων **βfTU** τῶν ἱερῶν **Ald** |
ἐξέπεμψε **aVxLfkTUAlD** ἐξέπεμπε **mg**
3 γε πρόην **βfTUAlD** cf. 252; 1.26 πρόην γέ ποτε **k** πρόην γε **e**
4 ἀπετόλμα **k** cf. 160, 194 ἀπετόλμησε **βfTUAlD**

ἡμῶν ἐπὶ τὴν χώραν ὅτι οὐκ ἦν αὐτῷ καλὰ τὰ ἱερά. Τίνος 5
 οὖν σὺ ζημίας ἄξιος εἶ τυχεῖν, ὧ τῆς Ἑλλάδος ἀλιτήριε; εἰ
 γὰρ ὁ μὲν κρατῶν οὐκ ἦλθεν εἰς τὴν τῶν κρατουμένων
 χώραν ὅτι οὐκ ἦν αὐτῷ καλὰ τὰ ἱερά, σὺ δ' οὐδὲν προει-
 δὼς τῶν μελλόντων ἔσεσθαι, πρὶν καλλιερῆσαι τοὺς στρα-
 τιώτας ἐξέπεμψας, πότερα στεφανοῦσθαί σε δεῖ ἐπὶ ταῖς 10
 τῆς πόλεως ἀτυχίαις, ἢ ὑπερωρίσθαι;
 [132] Τοιγάρτοι τί τῶν ἀνελπίστων καὶ ἀπροσδοκῆτων 1
 ἐφ' ἡμῶν οὐ γέγονεν; οὐ γὰρ βίον γε ἡμεῖς ἀνθρώπινον
 βεβιώκαμεν, ἀλλ' εἰς παραδοξολογίαν τοῖς μεθ' ἡμᾶς ἐσο-
 μένοις ἔφουμεν. Οὐχ ὁ μὲν τῶν Περσῶν βασιλεύς, ὁ τὸν 5
 Ἄθω διορύξας, ὁ τὸν Ἑλλήσποντον ζεύξας, ὁ γῆν καὶ
 ὕδωρ τοὺς Ἑλληνας αἰτῶν, ὁ τολμῶν ἐν ταῖς ἐπιστολαῖς
 γράφειν ὅτι δεσπότης ἐστὶν ἀπάντων ἀνθρώπων ἀφ' ἡλίου
 ἀνιόντος μέχρι δυομένου, νῦν οὐ περὶ τοῦ κύριος ἐτέρων
 εἶναι διαγωνίζεται, ἀλλ' ἤδη περὶ τῆς τοῦ σώματος σωτη-
 ρίας; καὶ τοὺς αὐτοὺς ὀρώμεν τῆς τε δόξης ταύτης καὶ 10
 τῆς ἐπὶ τὸν Πέρσην ἡγεμονίας ἡξιωμένους, οἳ καὶ τὸ ἐν
 Δελφοῖς ἱερὸν ἠλευθέρωσαν; [133] Θῆβαι δέ, Θῆβαι, πόλις 1

[131]

5 ἐπὶ **βfTUAl** εἰς **k** | τίνος - 8 ἱερά om. **T**

6 σὺ om. **βfAl** | εἶ¹ ante σὺ **k** | ἄξιος om. **U** | ἀλιτήριε Budé-Martin
cf. 157

10 πότερα **k** πότερον **βfTUAl**

11 ὑπερωρίσθαι] ὑπερορίζεσθαι **UAl**

[132]

1 τοιγάρτοι] τί γὰρ τοι **U^{mg}** | τί τῶν ἀνε. καὶ om. **U^{mg}** ἀνε. καὶ om. **k**

2 ἀπανθρώπιον **U^{mg}**

3 μεθ' ἡμᾶς ἐσομένοις **k** ἐσομένοις μεθ' ἡμᾶς **βfT UAl** ἐσομένοις
del. Cobet

5 ὁ¹] καὶ **TU^a**, corr. **U^{mg}**

8 δυομένου **βfTU^aAl** ἡλίου δυομένου **kU^{mg}** | ἐτέρων om. **amgx^aL**

9 σωτηρίας **βkTU^{mg}Al** εὐτυχίας **fU^a**

11.12 ἐν δελφοῖς om. **VxLkT**

[133]

1 θῆβαι² **mgkU^{mg}** Aps. Hdn. Demetr. om. **aVxLfTU^aAl**

ἀστυγείτων, μεθ' ἡμέραν μίαν ἐκ μέσης τῆς Ἑλλάδος
 ἀνήρπασται, εἰ καὶ δικαίως, περὶ τῶν ὄλων οὐκ ὀρθῶς
 βουλευσάμενοι, ἀλλὰ τὴν γε θεοβλάβειαν καὶ τὴν ἀφροσύ- 5
 νην οὐκ ἀνθρωπίνως, ἀλλὰ δαιμονίως κτησάμενοι. Λακε-
 δαιμόνιοι δ' οἱ ταλαίπωροι, προσασάμενοι μόνον τούτων
 τῶν πραγμάτων ἐξ ἀρχῆς περὶ τὴν τοῦ ἱεροῦ κατάληψιν,
 οἱ τῶν Ἑλλήνων ποτὲ ἀξιοῦντες ἡγεμόνες εἶναι, νῦν ὀμη-
 ρεύσοντες καὶ τῆς συμφορᾶς ἐπίδειξιν ποιησόμενοι μέλλου-
 σιν ὡς Ἀλέξανδρον ἀναπέμπεσθαι, τοῦτο πεισόμενοι, καὶ 10
 αὐτοὶ καὶ ἡ πατρίς, ὅ τι ἂν ἐκείνῳ δόξῃ, καὶ ἐν τῇ τοῦ
 κρατοῦντος καὶ προηδικημένου μετριότητι κριθησόμενοι.

[134] Ἡ δ' ἡμετέρα πόλις, ἡ κοινὴ καταφυγὴ τῶν Ἑλλή- 1
 νων, πρὸς ἣν ἀφικνοῦντο πρότερον ἐκ τῆς Ἑλλάδος αἱ πρε-
 σβεῖαι, κατὰ πόλεις ἕκαστοι παρ' ἡμῶν τὴν σωτηρίαν εὐ-
 ρησόμενοι, νῦν οὐκέτι περὶ τῆς τῶν Ἑλλήνων ἡγεμονίας
 ἀγωνίζεται, ἀλλ' ἤδη περὶ τοῦ τῆς πατρίδος ἐδάφους. Καὶ 5
 ταῦθ' ἡμῖν συμβέβηκεν ἐξ ὅτου Δημοσθένης πρὸς τὴν
 πολιτείαν προσελήλυθεν. Εὐ γὰρ περὶ τῶν τοιούτων Ἡσίο-
 δος ὁ ποιητὴς ἀποφαίνεται. Λέγει γὰρ που παιδεύων τὰ
 πλήθη καὶ συμβουλεύων ταῖς πόλεσι τοὺς πονηροὺς τῶν
 δημαγωγῶν μὴ προσδέχεσθαι. [135] λέξω δὲ καὶ τὰ ἔπι- 1
 διὰ τοῦτο γὰρ οἶμαι ἡμᾶς παῖδας ὄντας τὰς τῶν ποιητῶν
 γνώμας ἐκμανθάνειν, ἵν' ἄνδρες ὄντες αὐταῖς χρώμεθα.

[133]

2 ἀστυγείτων **TU^aAld** ἀστυγειτόνων **U^mg** | μεθ'] εἰς **U^{s1}** | μεθ' – μίαν
 om. Demetr. | μίαν om. Aps. Hdn.

12 κριθησόμενοι **kU^mg** κριθήσονται **βfTU^aAld**

[134]

3 ἡμῶν **βfTU** ὑμῶν **kAld**

6 ἡμῖν **xLkTU^aAld** ὑμῖν **amgVf** | πρὸς **βfTU^aAld** εἰς **kU^mg**

[135]

1 λέξω **f^rkTU^aAld** λέγω **fa** | διὴ καὶ ἐγὼ τὰ **U^mg**

2 παῖδας ὄντας ἡμᾶς **a**

Πολλάκι δὴ ξύμπασα πόλις κακοῦ ἀνδρὸς ἀπηύρα,
 ὅς κεν ἀλιτραίνῃ καὶ ἀτάσθαλα μηχανάαται· 5
 τοῖσιν δ' οὐρανόθεν μεγ' ἐπήγαγε πῆμα Κρονίων,
 λιμὸν ὁμοῦ καὶ λοιμὸν, ἀποφθινύθουσι δὲ λαοί·
 ἢ τῶν γε στρατὸν εὐρὺν ἀπώλεσεν ἢ ὅ γε τείχος,
 ἢ νέας ἐν πόντῳ ἀποτίννεται εὐρύοπα Ζεὺς.

[136] Ἐὰν περιελόντες τοῦ ποιητοῦ τὸ μέτρον τὰς γνώμας 1
 ἐξετάζητε, οἶμαι ὑμῖν δόξειν οὐ ποιήματα Ἡσιόδου εἶναι,
 ἀλλὰ χρησμὸν εἰς τὴν Δημοσθένους πολιτείαν· καὶ γὰρ
 ναυτικὴ καὶ πεζὴ στρατιὰ καὶ πόλεις ἄρδην εἰσὶν ἀνηρπα- 5
 σμέναι ἐκ τῆς τούτου πολιτείας.
 [137] Ἀλλ' οἶμαι οὔτε Φρυνώνδας οὔτε Εὐρύβατος οὔτ' ἄλ- 1
 λος οὐδεὶς πώποτε τῶν πάλαι πονηρῶν τοιοῦτος μάγος

[135]

4 δὴ **βfkTU^a** καὶ Hes. **U^{mg}** τοι Aeschin. 2.158 δὲ **Ald**
 5 κεν **βfkUAld** Aeschin. 2.158 τις Hes. **T** | ἀλιτραίνῃ **βf** (-λυ- **U**) **Ald**
 ἀλιτραίνῃ **k** ἀλιτραίνει Hes. **T** | μηχανάασται **βkTUAld** Aeschin.
 2.158 μητιάαται **f**
 6 μεγ' ἐπήγαγε πῆμα Hes. *Op.* 240 sqq. **T^cU^{mg}Ald** μέγα πῆμα δῶκε
amgxLfkT^aU^a (ἔδωκε **k**) πῆμα μέγα δῶκε **V** δῶκεν μέγα πῆμα
 Sauppe Budé-Martin μέγ' ἐπήλασε πῆμα Chrysip. apud Plu. *Mor.*
 1040c
 7 λιμὸν – λοιμὸν Hes. **βfTU** λοιμὸν ὁμοῦ καὶ λιμὸν **kAld** | post 7
 sequuntur in **hU^{mg}** *Op.* 244–245 quae om. **fkTAld** et nonnulli codices
 Hesiodi
 8 τῶν **amf^cTUAld** τὸν **gVxLf^a** ὅ **k** | ὅ **βf^ckTUAld** τό **f^a**
 9 νέας Hes. **aT^aU^{mg}Ald** νῆας **mgVxLfkT^cU^a** | ἐν Hes. **TAld** ἐνὶ
βfkU | τίννεται **βfT^aU^a** τείνηται **kT^c** (ut vid.), corr. Baiter-Sauppe
 ἀποτίννεται **U^{mg}Ald** ἀποτείννεται Blass | ἀποτίννεται – Ζεὺς]
 Κρονίδης ἀποτείννεται αὐτῶν **Ald** (-τίννου- **Ald**) Hes.

[136]

1 ἐὰν **fkU** ἐὰν δὲ **βTAld** | περιελόντος **U^a**, corr. **U^{mg}**
 2 Ἡσιόδου del. Boekmeijer
 4 στρατιὰ **amgk** στρατεία **VxLftUAld** στρατεία **x**

[137]

1 Φρυνώνδας] Φρυνώντας **U** | οὔτ' **βfkTUAld** οὐδ' Suid.
 2 οὐδεὶς om. Suid. | πάλαι om. **amg**

καὶ γόης ἐγένετο, ὅς, ὧ γῆ καὶ θεοὶ καὶ δαίμονες καὶ ἄν-
 θρωποὶ ὅσοι βούλεσθε ἀκούειν τάληθῆ, τολμᾷ λέγειν, βλέ- 5
 πων εἰς τὰ πρόσωπα τὰ ἡμέτερα, ὡς ἄρα Θηβαῖοι τὴν
 συμμαχίαν ὑμῖν ἐποίησαντο οὐ διὰ τὸν καιρὸν, οὐ διὰ τὸν
 φόβον τὸν περιστάντα αὐτούς, οὐ διὰ τὴν ὑμετέραν δόξαν,
 ἀλλὰ διὰ τὰ Δημοσθένους δημηγορίας. [138] Καίτοι πολλὰς 1
 μὲν τούτου πρότερον πρεσβείας ἐπρέσβευσαν εἰς Θήβας οἱ
 μάλιστα οἰκείως ἐκείνοις διακείμενοι, πρῶτος μὲν Θρασύ-
 βουλος ὁ Κολλυτεύς, ἀνὴρ ἐν Θήβαις πιστευθεὶς ὡς οὐδεὶς
 ἕτερος, πάλιν Θράσων ὁ Ἐρχιεύς, πρόξενος ὢν Θηβαίοις, 5
 [139] Λεωδάμας ὁ Ἀχαρνεύς, οὐχ ἦττον Δημοσθένους λέγειν
 δυνάμενος, ἀλλ' ἔμοιγε καὶ ἡδίων, Ἀρχέδημος ὁ Πήληξ,
 καὶ δυνατὸς εἰπεῖν καὶ πολλὰ κεινδυνευκῶς ἐν τῇ πολι-
 τείᾳ διὰ Θηβαίους [δημαγωγός], Ἀριστοφῶν ὁ Ἀζηνιεύς,
 πλεῖστον χρόνον τὴν τοῦ βοιωτιάζειν ὑπομείνας αἰτίαν, 5
 Πύρρανδρος ὁ Ἀναφλύστιος, ὅς ἔτι καὶ νῦν ζῆ. Ἀλλ' ὅμως
 οὐδεὶς πώποτε αὐτοὺς ἐδυνήθη προτρέψασθαι εἰς τὴν ὑμε-
 τέραν φιλίαν. Τὸ δ' αἴτιον οἶδα μὲν, λέγειν δ' οὐδὲν δέομαι

[137]

3 καὶ² om. U5 ἡμέτερα **k** ὑμέτερα **βfTUAlD**6 ὑμῖν **βfTU** ἡμῖν **kAlD**7 οὐ **aV** οὐδὲ **mgxLfkUAlD**8 διὰ τὰ] τὰς διὰ **U** διὰ τὰς **TAlD**

[138]

2 τούτου om. **a** | πότερον **U^a**, corr. **U^{mg}**3 πρῶτον conl. Blass | θρασύβουλος **amgV^axL** οὗτος στρατηγὸς
 θρασύβουλος **V^cfkTUAlD** cf. schol. 3.138.3124 Κολλυτεύς] Κολλιτεύς **U**5 ἐρχιεύς **mgV^ckT** ἀρχιεύς **axLfU^aAlD** ἀρχιερεύς **U^{mg}**

[139]

1 εἴτα ante Λεωδάμας add. **TU**2 ἀρχέδημος **β** ῥήτωρ καὶ οὗτος ἀρχέδημος **fkTUAlD** (ἀρχίδημων
U^a, corr. **U^{mg}** ἀρχίδημος **AlD**) cf. schol. 3.139.314 (**VxLS**)3 καὶ² **fkTUAlD** ὡς **β**4 del. Bekker cf. schol. 3.139.314 (**VxLS**)6 πύρρανδρος **βkT^c** (πύρα- **VxLkT^a**) ῥήτωρ πύρανδρος **fUAlD** cf.
 schol. 3.139.318 (**VxLS**) | ἔτι **βkTUAlD** ἐστὶ **f**

διὰ τὰς ἀτυχίας αὐτῶν. [140] Ἄλλ' οἶμαι, ἐπειδὴ Φίλιππος 1
αὐτῶν ἀφελόμενος Νίκαιαν Θετταλοῖς παρέδωκε, καὶ τὸν
πόλεμον, ὃν πρότερον ἐξήλασεν ἐκ τῆς χώρας τῶν Βοιω-
τῶν, τοῦτον πάλιν τὸν αὐτὸν πόλεμον ἐπήγαγε διὰ τῆς Φω-
κίδος ἐπ' αὐτὰς τὰς Θήβας, καὶ τὸ τελευταῖον Ἐλάτειαν 5
καταλαβὼν ἐχαράκωσε καὶ φρουρὰν εἰσήγαγεν, ἐνταῦθ'
ἤδη, ἐπεὶ τὸ δεινὸν αὐτῶν ἤπτετο, μετεπέμψαντο Ἀθηναί-
ους, καὶ ὑμεῖς ἐξήλθετε καὶ εἰσήητε εἰς τὰς Θήβας ἐν τοῖς
ὄπλοις διεσκευασμένοι, καὶ οἱ πεζοὶ καὶ οἱ ἵππεῖς, πρὶν
περὶ συμμαχίας μίαν μόνην συλλαβὴν γράψαι Δημοσθένην. 10
[141] Ὁ δ' εἰσάγων ἦν ὑμᾶς εἰς τὰς Θήβας καιρὸς καὶ φόβος 1
καὶ χρεῖα συμμαχίας, ἀλλ' οὐ Δημοσθένης.
Ἐπεὶ περὶ γε ταύτας τὰς πράξεις τρία πάντων μέγιστα
Δημοσθένης εἰς ὑμᾶς ἐξημάρτηκε, πρῶτον μὲν ὅτι Φι-
λίππου τῷ μὲν ὀνόματι πολεμοῦντος ὑμῖν, τῷ δ' ἔργῳ πολὺ 5
μᾶλλον μισοῦντος Θηβαίους, ὡς αὐτὰ τὰ πράγματα δεδή-
λωκε, καὶ τί δεῖ τὰ πλείω λέγειν; ταῦτα μὲν τὰ τηλικαῦτα
τὸ μέγεθος ἀπεκρύψατο, προσποιησάμενος δὲ μέλλειν τὴν
συμμαχίαν γενήσεσθαι οὐ διὰ τοὺς καιροὺς, ἀλλὰ διὰ τὰς
αὐτοῦ πρεσβείας, [142] πρῶτον μὲν συνέπεισε τὸν δῆμον μη- 1
κέτι βουλευέσθαι ἐπὶ τίσι δεῖ ποιεῖσθαι τὴν συμμαχίαν,

[140]

2 αὐτῶν ἀφελόμενος **βfTUAld** ἀφελόμενος αὐτῶν **k**
3 τῶν **mgxLkT** τῆς **aVfU** τῆς τῶν **Ald** | Βοιωτῶν] Βιωτῶν (sic) **U**
4 ἐπήγαγε **βfkTUAld**, cf. 135 ἐπήγε Blass Dilts
7 αὐτῶν ἤπτετο **βkT** ἤπτετο αὐτῶν **fUAld**
8 εἰσήητε **x** et Schultz εἰσήητε **amgVLfkTUAld**
9 καὶ οἱ πεζοὶ καὶ οἱ ἵππεῖς **k** cf. 88 καὶ οἱ ἵππεῖς καὶ οἱ πεζοὶ **βf**
TUAld
10 τῆς post περὶ add. **U** | μόνην **amgfkUAld** μόνον **VxLT**

[141]

1 ὑμᾶς **amgxLfTUAld** ἡμᾶς **Vk**
3 πάντων **D** τὰ πάντων **βfkTUAld**
5 μὲν τῷ **T** | ὑμῖν **βfTUAld** ἡμῖν **k**
7 τὰ¹ om. **fUAld** | πλείω] πλέω **U^a**, corr. **U^{mg}**
8 προσποιησάμενος **amgfkUAld** προσποιούμενος **VxLT**
9 γενήσεσθαι **amgV^axLfTU^aAld** γίγνεσθαι **V^ckU^{mg}**

[142]

2 ποιεῖσθαι **βfTUAld** ποιήσασθαι **k**

ἀλλ' ἀγαπᾶν μόνον εἰ γίγνεται, τοῦτο δὲ προλαβὼν
 ἔκδοτον μὲν τὴν Βοιωτίαν ἄπασαν ἐποίησε Θηβαίοις, γρά- 5
 ψας ἐν τῷ ψηφίσματι, ἐάν τις ἀφιστῆται πόλις ἀπὸ Θη-
 βαίων, βοηθεῖν Ἀθηναίους Βοιωτοῖς τοῖς ἐν Θήβαις, τοῖς
 ὀνόμασι κλέπτων καὶ μεταφέρων τὰ πράγματα, ὥσπερ εἴω-
 θεν, ὡς τοὺς Βοιωτοὺς ἔργῳ κακῶς πάσχοντας τὴν τῶν
 ὀνομάτων σύνθεσιν τῶν Δημοσθένους ἀγαπήσαντας, ἀλλ' οὐ
 μᾶλλον ἐφ' οἷς κακῶς ἐπεπόνθεσαν ἀγανακτήσαντας 10
 [143] δεύτερον δὲ τῶν εἰς τὸν πόλεμον ἀναλωμάτων τὰ μὲν
 δύο μέρη ὑμῖν ἀνέθηκεν, οἷς ἦσαν ἀπωτέρω οἱ κίνδυνοι,
 τὸ δὲ τρίτον μέρος Θηβαίοις, δωροδοκῶν ἐφ' ἐκάστοις τού-
 των, καὶ τὴν ἡγεμονίαν τὴν μὲν κατὰ θάλατταν ἐποίησε
 κοινήν, τὸ δ' ἀνάλωμα ἴδιον ὑμέτερον, τὴν δὲ κατὰ γῆν, εἰ 5
 μὴ δεῖ ληρεῖν, ἄρδην φέρων ἀνέθηκε Θηβαίοις, ὥστε παρὰ
 τὸν γενόμενον πόλεμον μὴ κύριον γενέσθαι Στρατοκλέα
 τὸν ὑμέτερον στρατηγὸν βουλευσάσθαι περὶ τῆς τῶν στρα-
 τιωτῶν σωτηρίας. [144] Καὶ ταῦτ' οὐκ ἐγὼ μὲν κατηγορῶ, 1
 ἕτεροι δὲ παραλείπουσιν, ἀλλὰ καὶ ἐγὼ λέγω καὶ πάντες ἐπι-
 τιμῶσι καὶ ὑμεῖς σύνιστε καὶ οὐκ ὀργίζεσθε. Ἐκεῖνο γὰρ
 πεπόνθατε πρὸς Δημοσθένην· συνείθισθε ἤδη τὰδικήματα

[142]

3 τις post εἰ add. U^{ms}4 ἄπασαν **fkUAld** πᾶσαν **βT**

7 κλέπτων] κρύπτων Bernardus

8 τοὺς βοιωτοὺς ἔργῳ] ὑμᾶς ὀρρωδῶ D. H. | τὴν – 9 Δημοσθένους] τὴν
 σύνθεσιν τῶν Δημοσθένους ὀνομάτων D. H.

9 ἀγαπήσαντας D. H.

10 ἐπεπόνθεσαν **k** πεπόνθεσαν **βfTUAlD**

[143]

4 θάλατταν **aT** θάλασσαν **mgVxLfkUAld**5 τὸ **m^cg^cV^ck^cTUAlD** τὴν **am^ag^aV^axL** τῆς **f**6 δεῖ Cobet cf. Dem. 18.297; 19.262 | δεῖ **βfTUAlD** δεῖν **k** | παρὰ] πρὸς
 U^{ms}7 τὸν] τὸ **U**8 ὑμέτερον hab. **TU** ἡμέτερον edd.

<τὰ> τούτου ἀκούειν, ὥστε οὐ θαυμάζετε. Δεῖ δὲ οὐχ οὐ- 5
τως, ἀλλ' ἀγανακτεῖν καὶ τιμωρεῖσθαι, εἰ χρή τὰ λοιπὰ τῆ
πόλει καλῶς ἔχειν.

[145] Δεύτερον δὲ καὶ πολὺ τούτου μεῖζον ἀδίκημα ἠδί- 1
κησεν ὅτι τὸ βουλευτήριον τὸ τῆς πόλεως καὶ τὴν δημο-
κρατίαν ἄρδην ἔλαθεν ὑφελόμενος, καὶ μετήνεγκεν εἰς Θή-
βας εἰς τὴν Καδμείαν, τὴν κοινωνίαν τῶν πράξεων τοῖς 5
βοιωτάρχαις συνθέμενος· καὶ τηλικαύτην αὐτὸς αὐτῷ δυνα-
στείαν κατεσκεύασεν ὥστ' ἤδη παριῶν ἐπὶ τὸ βῆμα πρε-
σβεύσειν μὲν ἔφη ὅπου ἂν αὐτῷ δοκῆ, [146] κἂν μὴ ὑμεῖς 1
ἐκπέμπητε, εἰ δέ τις αὐτῷ τῶν στρατηγῶν ἀντίποι, κα-
ταδουλούμενος τοὺς ἄρχοντας καὶ συνεθίζων μηδὲν αὐτῷ
ἀντιλέγειν, διαδικασίαν ἔφη γράψαι τῷ βήματι πρὸς τὸ 5
στρατήγιον· πλείω γὰρ ὑμᾶς ἀγαθὰ ὑφ' ἑαυτοῦ ἔφη ἀπὸ
τοῦ βήματος πεπονθέναι ἢ ὑπὸ τῶν στρατηγῶν ἐκ τοῦ
στρατηγίου. Μισθοφορῶν δ' ἐν τῷ ξενικῷ κεναῖς χώραις,
καὶ τὰ στρατιωτικὰ χρήματα κλέπτων, καὶ τοὺς μυρίους

[144]

5 τὰ hab. Budé-Martin, add. Baiter-Sauppe Dilts | τούτου **βT** τ'αυτοῦ
f αὐτοῦ **kUAld**

[145]

3 εἰς θήβας del. Cobet

4 τήν² om. **fU^a**, hab. **TU^{mg}Ald**

5 αὐτῷ] ἑαυτῷ **U**

6 παριῶν **βkTU^a** περιῶν **fU^{mg}Ald** | πρεσβεύσειν **βkTU^{mg}** πρεσ-
βεύειν **fU^aAld**

7 ὅπου **βkT** cf. Dem. 18.29 ὅπότ' **fU** ὅποι **Ald** Reiske et codd.
descripti | ἂν om. **U**

[146]

3 καταδουλούμενος] καταδουλωσο- **U^{mg}** | αὐτῷ **βfTUAlld** ἑαυτῷ **k**

4 γράψαι **βTAld** γράφειν **fkU**

5 στρατήγιον **am^aV^ck** στρατηγεῖον **m^cgV^axLfTUAlld** στρατηγίαν
Plu. (codd.) | δι' ἑαυτὸν [ἔφη] conl. Blass (hiat.)

6 τοῦ om. **β** | ὑπὸ <πάντων> Cobet | στρατηγῶν del. Cobet

7 στρατηγίου **am^ak** στρατηγείου **m^cgV^axLfTUAlld** | δ' ἐν] δὲ **T** |
ἐν ταῖς post ξενικῷ add. **TU** | κεναῖς **m^cg^cVf U^aAld**, om. **T** κainaῖς
am^ag^axLkU^{mg} ἐν κainaῖς Poutsma

8 τὰ om. **xk**

ξένους ἐκμισθώσας Ἀμφισσεῦσι, πολλὰ διαμαρτυρομένου
καὶ σχετλιάζοντος ἐν ταῖς ἐκκλησίαις ἐμοῦ, προσέμειξε φέ- 10
ρων ἀναρπασθέντων τῶν ξένων τὸν κίνδυνον ἀπαρασκευῶ
τῇ πόλει. [147] Τί γὰρ ἂν οἴεσθε Φίλιππον ἐν τοῖς τότε 1
καιροῖς εὐξασθαι; οὐ χωρὶς μὲν πρὸς τὴν πολιτικὴν δύνα-
μιν, χωρὶς δ' ἐν Ἀμφίσσῃ πρὸς τοὺς ξένους διαγωνίσασθαι,
ἀθύμους δὲ τοὺς Ἑλληνας λαβεῖν τηλικαύτης πληγῆς 5
προγεγεννημένης; καὶ τηλικούτων κακῶν αἴτιος γενόμενος
Δημοσθένης οὐκ ἀγαπᾷ εἰ μὴ δίκην δέδωκεν, ἀλλ' εἰ μὴ
καὶ χρυσῶ στεφάνῳ στεφανωθήσεται, ἀγανακτεῖ· οὐδ' ἰκα-
νὸν ἐστὶν αὐτῷ ἐναντίον ὑμῶν κηρύττεσθαι, ἀλλ' εἰ μὴ
τῶν Ἑλλήνων ἐναντίον ἀναρρηθήσεται, τοῦτ' ἀγανα- 10
κτεῖ. Οὕτως ὡς ἔοικε πονηρὰ φύσις, μεγάλης ἐξουσίας ἐπι-
λαβομένη, δημοσίας ἀπεργάζεται συμφοράς.

[148] Τρίτον δὲ καὶ τῶν προειρημένων μέγιστόν ἐστιν 1
ὃ μέλλω λέγειν. Φιλίππου γὰρ οὐ καταφρονοῦντος τῶν
Ἑλλήνων, οὐδ' ἀγνοοῦντος, οὐ γὰρ ἦν ἀσύνητος, ὅτι περὶ
τῶν ὑπαρχόντων ἀγαθῶν ἐν ἡμέρας μικρῶ μέρει διαγωνιῖ-

[146]

9 διαμαρτυρομένου **mgVx** διαμαρτυρουμένων **L** διαμαρτυ-
ραμένου **afkU^a** διαμαρτυρομένου **TAld** διαμαρτυρω- **U^{ms}**
10 προσέμειξε **βfkTUAld**, corr. Blass
11 ἀναρπασθέντων **amgV^axLAld** schol. ἐκ τῶν ἀναρπασθέντων
V^cfkTU | τῶν om. **fk**

[147]

5 προγεγεννημένης **amgVxL^cT** (προσ- **T**) γεγεννημένης **L^afkUAld** |
γενόμενος **k** γεγεννημένος **βfTUAld**
6.7 μὴ καὶ **gfkU** καὶ μὴ **amVxLTald**
7 στεφανωθήσεται **βfTUAld** στεφανωθήσεσθαι **k**
9 τοῦτ' ἀγανακτεῖ **βfTUAld** τοῦτ' ἤδη ἀγανακτεῖ **k**
10 μεγάλης om. Gnom. | ἐπιλαβομένη **βfkUTald** λαβομένη Stob.
11 δημοσίας **βfkTUAld** Gnom. μεγάλας Stob.

[148]

4 μικρῶ **ktU^{ms}** σμικρῶ **βfU^aAld**

5
 1
 5
 1
 5

ται, καὶ διὰ ταῦτα βουλομένου ποιήσασθαι εἰρήνην καὶ
 πρεσβείας ἀποστέλλειν μέλλοντος, καὶ τῶν ἀρχόντων τῶν
 ἐν Θήβαις φοβουμένων τὸν ἐπιόντα κίνδυνον, εἰκότως· οὐ
 γὰρ ῥήτωρ ἀστράτευτος καὶ λιπῶν τὴν τάξιν αὐτοὺς ἐνου-
 θέτησεν, ἀλλ' ὁ Φωκικὸς πόλεμος δεκέτης γεγωνὸς ἀείμνη-
 στον παιδείαν αὐτοὺς ἐπαίδευσεν· [149] τούτων δ' ἐχόντων
 οὕτως αἰσθόμενος Δημοσθένης, καὶ τοὺς βοιωτάρχας ὑπο-
 πτεύσας μέλλειν εἰρήνην ἰδίᾳ ποιῆσθαι, χρυσίον ἄνευ αὐτοῦ
 παρὰ Φιλίππου λαβόντας, ἀβίωτον ἠγησάμενος εἶναι εἴ τις
 ἀπολειφθήσεται δωροδοκίας, ἀναπηδήσας ἐν τῇ ἐκκλησίᾳ,
 οὐδενὸς ἀνθρώπων λέγοντος οὐθ' ὡς δεῖ ποιῆσθαι πρὸς
 Φίλιππον εἰρήνην οὐθ' ὡς οὐ δεῖ, ἀλλ' ὡς ᾤετο τοῦτο κή-
 ρυγμά τι τοῖς Βοιωτάρχεις προκηρύττων, ἀναφέρειν ἑαυτῷ
 τὰ μέρη τῶν λημμάτων, διώμνυτο τὴν Ἀθηνᾶν, [150] ἦν ὡς
 ἔοικε Φειδίας ἐνεργολαβεῖν εἰργάσατο καὶ ἐνεπιορκεῖν
 Δημοσθένη, ἧ μὲν, εἴ τις ἐρεῖ ὡς χρή πρὸς Φίλιππον εἰ-
 ρήνην ποιήσασθαι, ἀπάξειν εἰς τὸ δεσμοτήριον ἐπιλαβό-
 μενος τῶν τριχῶν, ἀπομιμούμενος τὴν Κλεοφῶντος πολι-
 τεῖαν, ὃς ἐπὶ τοῦ πρὸς Λακεδαιμονίους πολέμου, ὡς
 λέγεται, τὴν πόλιν ἀπώλεσεν. Ὡς δ' οὐ προσεῖχον αὐτῷ οἱ
 ἄρχοντες οἱ ἐν ταῖς Θήβαις, ἀλλὰ καὶ τοὺς στρατιώτας
 τοὺς ὑμετέρους πάλιν ἀνέστρεψαν ἐξεληλυθότας, ἵνα βου-

[148]

8 λιπὼν U^a, corr. U^{m8} | τὴν τάξιν βfUAld τὰς τάξεις kT cf. 7, 155, 159, 181

9 δεκέτης k δεκαετής βTAld δεκαετής fU | γεγωνὸς βfTUAld προγεγεννημένος k

[149]

1 δ' om. k cf. 3, 5, 81

3 ἰδίᾳ om. k | αὐτοῦ βfkTUAld, corr. Baiter-Sauppe

6 οὐδενὸς βk οὐθενὸς fTUAld

7 τοῦτο κήρυγμά τι βfTUAld (τούτῳ U^a, corr. U^{m8}) κηρύγματι

τούτῳ k κήρυγμά τι τοῦτο cod. Flor. Blass

8 ἑαυτῷ kTU αὐτῷ βfAld, num αὐτῷ?

[150]

2 ἠργάσατο Blass

4 δὲ post εἰς τὸ add. T | δεσμοτήριον] δαιμοτήριον U

9 πάλιν om. fU^aAld

λεύσησθε περὶ τῆς εἰρήνης, [151] ἐνταῦθ' ἤδη παντάπασιν 1
 ἔκφρων ἐγένετο, καὶ παρελθὼν ἐπὶ τὸ βῆμα προδότας τῶν
 Ἑλλήνων τοὺς βιοωτάρχας ἀπεκάλει, καὶ γράψειν ἔφη ψή-
 φισμα ὁ τοῖς πολεμίοις οὐδεπώποτ' ἀντιβλέψας, πέμπειν 5
 ὑμᾶς πρέσβεις εἰς Θήβας αἰτήσοντας Θηβαίους δίοδον ἐπὶ
 Φίλιππον. Ὑπεραιοχυνθέντες δὲ οἱ ἐν Θήβαις ἄρχοντες μὴ
 δόξωσιν ὡς ἀληθῶς εἶναι προδόται τῶν Ἑλλήνων, ἀπὸ μὲν
 τῆς εἰρήνης ἀπετράποντο, ἐπὶ δὲ τὴν παράταξιν ὤρμησαν.
 [152] Ἐνθα δὴ καὶ τῶν ἀγαθῶν ἀνδρῶν ἄξιόν ἐστιν ἐπι- 1
 μνησθῆναι οὓς οὗτος ἀθύτων καὶ ἀκαλλιερήτων ὄντων τῶν
 ἱερῶν ἐκπέμψας ἐπὶ τὸν πρόδηλον κίνδυνον ἐτόλμησε, τοῖς
 δραπέταις ποσὶ καὶ λελοιπόσι τὴν τάξιν ἀναβάς ἐπὶ τὸν 5
 τάφον τὸν τῶν τελευτησάντων, ἐγκωμιάζειν τὴν ἐκείνων
 ἀρετήν. Ὡς πρὸς μὲν τὰ μεγάλα καὶ σπουδαῖα
 πάντων ἀνθρώπων ἀχρηστότατε, πρὸς δὲ τὴν ἐν τοῖς

[151]

1 ἤδη om. **βfTUAlD**

3 τοὺς βιοωτάρχας ἀπεκάλει **U^{ms}** Blass Budé-Martin ἀπεκάλει
 τοὺς βιοωτάρχας **k Dilts** τοὺς βιοωτάρχας (βιω- **U**) ἀπεκάλεισε **βfT^c**
U^aAlD, num recte? | γράψειν **βTU^a** γράφειν **fAlD** γράφει **kU^{ms}** |
 ἔφη om. **kU^{ms}**

4 ὁ – ἀντιβλέψας] ὁ μηδεπώποτε μήτε τοὺς πολεμίους ἀντιβλέψας
 Prisc. | οὐδεπώποτ' **k** οὐδέποτε **βfTUAlD**

6 ἐν **βfTUAlD** ἐν ταῖς **k**8 ἀπετράποντο **kT** ἀπετρέποντο **βfUAlD**

[152]

1 τῶν ἀγαθῶν ἀνδρῶν **βfTUAlD** cf. 1.118 τῶν ἀνδρῶν τῶν ἀγαθῶν **k**
 5 τὸν om. **βfTUAlD** | τελευτησάντων **kU^{ms}** τετελευτηκότων **βf**
TU^aAlD

6 πρὸς **βfkTUAlD** Alex. om. Zon. | περὶ Anon. | τὰ – 7 ἀνθρώπων]
 ἔργων τὰ μεγάλα ἀπάντων Anon. | καὶ σπουδαῖα om. Alex. Zon. | καὶ
 σπουδαῖα **βkT** καὶ σπουδαῖα τῶν πραγμάτων **fUAlD**, num recte
 καὶ σπουδαῖα τῶν ἔργων Alex. Sauppe

7 πάντων **gVxLkT** ἀπάντων **fUAlD** Alex. τῶν **am** ἀπάντων
 ἀνθρώπων om. Zon. | τοῖς **amVxLfkTUAlD** Plu. om. **g** Anon. Alex.
 Zon.

λόγοις τόλμαν θαυμασιώτατε, ἐπιχειρήσειν ἐθελήσεις αὐτί-
 κα μάλα, βλέπων εἰς τὰ τούτων πρόσωπα λέγειν ὡς δεῖ σε
 ἐπὶ ταῖς τῆς πόλεως συμφοραῖς στεφανοῦσθαι; ἐὰν δ' οὐ- 10
 τος λέγῃ, ὑμεῖς ὑπομενεῖτε, καὶ συναποθανεῖται τοῖς τε-
 λευτήσασιν ὡς ἔοικε καὶ ἡ ὑμέτερα μνήμη; [153] Γένεσθε 1
 δὴ μοι μικρὸν χρόνον τὴν διάνοιαν μὴ ἐν τῷ δικαστηρίῳ,
 ἀλλ' ἐν τῷ θεάτρῳ, καὶ νομίσαθ' ὄρᾶν προϊόντα τὸν κή-
 ρυκα καὶ τὴν ἐκ τοῦ ψηφίσματος ἀνάρρησιν μέλλουσαν γί- 5
 γνεσθαι, καὶ λογίσασθε πότερ' οἶεσθε τοὺς οἰκείους τῶν τε-
 λευτησάντων πλείω δάκρυα ἀφήσειν ἐπὶ ταῖς τραγωδίαις
 καὶ τοῖς ἥρωικοῖς πάθεσι τοῖς μετὰ ταῦτ' ἐπεισιούσιν, ἢ
 ἐπὶ τῇ τῆς πόλεως ἀγνωμοσύνῃ. [154] Τίς γὰρ οὐκ ἂν ἀλγή- 1
 σειεν ἄνθρωπος Ἑλλήν καὶ παιδευθεὶς ἐλευθερίως ἀνα-
 μνησθεὶς ἐν τῷ θεάτρῳ ἐκεῖνό γε, εἰ μηδὲν ἕτερον, ὅτι
 ταύτῃ ποτὲ τῇ ἡμέρᾳ μελλόντων ὥσπερ νυνὶ τῶν τραγω-
 δῶν γίνεσθαι, ὅτ' εὐνομεῖτο μᾶλλον ἢ πόλις καὶ βελτίοσι 5
 προστάταις ἐχρήτο, προελθὼν ὁ κήρυξ καὶ παραστησά-
 μενος τοὺς ὄρφανούς, ὧν οἱ πατέρες ἦσαν ἐν τῷ πολέμῳ
 τετελευτηκότες, νεανίσκους πανοπλίᾳ κεκοσμημένους, ἐκή-
 ρυττε τὸ κάλλιστον κήρυγμα καὶ προτρεπτικώτατον πρὸς

[152]

8 ἐπιχειρήσειν ἐθελήσεις] ἐπιχειρήσεις Reiske, cf. Dem. 8.14 | ἐθέλεις
 U^{mg}

10 ἐὰν βfTUAld ἂν k

[153]

1 γένεσθαι U^a γίνεσθε corr. U^{mg} Alex.

2 δὴ om. xL Alex. | τὴν διάνοιαν amVxLfkTUAld Alex. (cf. 1.179 τὰς
 ψυχὰς) τῇ διανοίᾳ g et Bernardus (cf. 157, 186)

3 τὸν post ὄρᾶν add. U | προϊόντα βfkTUAld προϊόντα Alex.

4 γίνεσθαι k γίνεσθαι VxLftU Alex. γενέσθαι amg

7 ἐπεισιούσιν a^cmgxAld ἐπιούσιν a^afkTU^a εἰσεπιούσιν VL
 εἰσιούσιν U^{mg}

8 τῇ om. U

[154]

2 καὶ k ἢ καὶ βfTUAld | ἐλευθέρως βfkUAld, corr. Cobet
 ἐλευθέρος T

3 ἐν τῷ θεάτρῳ del. Blass (hiat.)

4 νυνὶ βfUAld νῦν kT | τραγωδῶν] τραγωδιῶν U

6 προσελθὼν βfTUAld, corr. B Bekker παρελθὼν k

ἀρετήν, ὅτι τούσδε τοὺς νεανίσκους, ὧν οἱ πατέρες ἔτελεύ- 10
 τησαν ἐν τῷ πολέμῳ ἄνδρες ἀγαθοὶ γενόμενοι, μέχρι μὲν
 ἤβης ὁ δῆμος ἔτρεφε, νυνὶ δὲ καθοπλίσας τῆδε τῇ πανο-
 πλία, ἀφίησιν ἀγαθῇ τύχῃ τρέπεσθαι ἐπὶ τὰ ἑαυτῶν, καὶ
 καλεῖ εἰς προεδρίαν. [155] Τότε μὲν ταῦτ' ἐκήρυττεν, ἀλλ' οὐ 1
 νῦν, ἀλλὰ παραστησάμενος τὸν τῆς ὀρφανίας τοῖς παισὶν
 αἴτιον, τί ποτ' ἀνερεῖ, ἢ τί φθέγγεται; καὶ γὰρ ἐὰν αὐτὰ
 διεξίη τὰ ἐκ τοῦ ψηφίσματος προστάγματα, ἀλλ' οὐ τό 5
 γ' ἐκ τῆς ἀληθείας αἰσχρὸν σιωπήσεται, ἀλλὰ τὰναντία δό-
 ξει τῇ τοῦ κήρυκος φωνῇ φθέγγεσθαι ὅτι τόνδε τὸν ἄν-
 δρα, εἰ δὴ καὶ οὗτος ἀνὴρ, στεφανοῖ ὁ δῆμος τῶν Ἀθη-
 ναίων ἀρετῆς ἕνεκα τὸν κάκιστον καὶ ἀνδραγαθίας ἕνεκα
 τὸν ἀνανδρον λελοιπότα τὴν τάξιν. [156] Μὴ πρὸς τοῦ Διὸς 1
 καὶ θεῶν ἰκετεύω ὑμᾶς, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, μὴ τρόπαιον
 ἴστατε ἀφ' ὑμῶν αὐτῶν ἐν τῇ τοῦ Διονύσου ὀρχήστρα,
 μηδ' αἰρεῖτε παρανοίας ἐναντίον τῶν Ἑλλήνων τὸν δῆμον 5
 τῶν Ἀθηναίων, μηδ' ὑπομνησθετε τῶν ἀνιάτων καὶ ἀνη-
 κέστων κακῶν τοὺς ταλαιπώρους Θηβαίους, οὓς φεύγοντας
 διὰ τοῦτον ὑποδέδεχθε τῇ πόλει, ὧν ἱερὰ καὶ τέκνα καὶ
 τάφους ἀπώλεσεν ἡ Δημοσθένους δωροδοκία καὶ τὸ βασι-

[154]

10 μέχρη U^a, corr. U^{s1}

12 ἔθρειψε B.

[155]

3 ἄν ἐρεῖ βfk^cTUAlD, corr. Stephanus ἄν αἰρή k^a | τί² βfTUAlD τί

ποτ' k cf. 165 | ἐὰν βkTU ἄν fAlD

5 γ' om. fUAlD | σιωπήσεται fUAlD σιωπηθήσεται βkT

7 τῶν βT ὁ fU om. k, num recte ὁ τῶν Ald

8 ἕνεκα¹ om. kT | καὶ om. UAlD | ἕνεκα² del. Sauppe

9 λελοιπότα fk καὶ λελοιπότα βTUAlD

[156]

2 θεῶν kT cf. 1.87; Dem. 19.19, 45, 78 τῶν ἄλλων θεῶν βfUAlD cf. 1.70

| ἰκετεύω ὑμᾶς post ἀθηναῖοι k (del. Cobet [hiat.]) | μὴ om. k

5 τῶν¹ | τὸν Weidner | ἀνιάτων] ἀνιώτων U | καὶ ἀνηκέστων om. T

6 φυγόντας βfkTUAlD, corr. Franke cf. 129

7 ὑποδέδεχθε βfTUAlD ὑποδέδεχε k | τέκνα καὶ post ὧν Richards |

τέκνα] τείχη Schultz cf. 157 τεμένη Cobet

λικὸν χρυσίον· [157] ἀλλ' ἐπειδὴ τοῖς σώμασιν οὐ παρεγέ- 1
 νεσθε, ἀλλὰ ταῖς γε διανοίαις ἀποβλέψατ' αὐτῶν εἰς τὰς
 συμφοράς, καὶ νομίσαθ' ὄρᾶν ἀλισκομένην πόλιν, τειχῶν
 κατασκαφάς, ἐμπρήσεις οἰκιῶν, ἀγομένας γυναῖκας καὶ παῖδας
 εἰς δουλείαν, πρεσβύτας ἀνθρώπους, πρεσβύτιδας γυναῖκας 5
 ὁψὲ μεταμανθάνοντας τὴν ἐλευθερίαν, κλαίοντας, ἰκετεύον-
 τας ὑμᾶς, ὀργιζομένους οὐ τοῖς τιμωρομένοις, ἀλλὰ τοῖς
 τούτων αἰτίοις, ἐπισκίητοντας μηδενὶ τρόπῳ τὸν τῆς Ἑλ-
 λάδος ἀλιτήριον στεφανοῦν, ἀλλὰ καὶ τὸν δαίμονα καὶ τὴν
 τύχην τὴν συμπαρακολουθοῦσαν τῷ ἀνθρώπῳ φυλάξασθαι. 10
 [158] Οὔτε γὰρ πόλις οὔτ' ἀνὴρ ιδιώτης οὐδεὶς πώποτε κα- 1
 λῶς ἀπήλλαξε Δημοσθένει συμβούλῳ χρησάμενος. Ὑμεῖς δέ,
 ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, οὐκ αἰσχύνεσθε εἰ ἐπὶ μὲν τοὺς
 πορθμέας τοὺς εἰς Σαλαμίνα πορθμεύοντας νόμον ἔθεσθε 5
 ἐὰν τις αὐτῶν ἄκων ἐν τῷ πόρῳ πλοῖον ἀνατρέψῃ, τούτῳ
 μὴ ἐξεῖναι πάλιν πορθμεῖ γενέσθαι, ἵνα μηδεὶς αὐτοσχε-
 διάζῃ εἰς τὰ τῶν Ἑλλήνων σώματα, τὸν δὲ τὴν Ἑλλάδα

[157]

2 ἀλλὰ om. **fU^aAld**, hab. **U^{mg}**

3 ὄρᾶς Anon. | πόλιν Hdn. τὴν πόλιν **βfkTUAld** Theon Marcell.

4 οἰκιῶν **βfkT^aUAld** Hdn. οἰκῶν **T^a** Theon | ἀγομένας **βfkTUAld**
Hdn. ἱερὰ συλόμενα ἀγομένας Theon | καὶ παῖδας **βfkTUAld**
παῖδας Hdn.

5 εἰς **βfkTUAld** Theon ἐπὶ Hdn. | ἀνθρώπους **βfkTUAld** Theon
ἄνδρας Hdn.

7 ὑμᾶς **βfkTUAld** ἡμᾶς Hdn.

9 ἀλειτήριον Blass cf. 131

[158]

1 γὰρ πόλις **Π42k** cf. 1.47, 186; Dem. 18.234, 278 πόλις γὰρ **βfTUAld**
| ἀνὴρ ιδιώτης **k** ιδιώτης ἀνὴρ **βfTUAld**

2 ὑμεῖς] ὑμᾶς **U^a**, corr. **U^{mg}**

5 ἐὰν **βfTUAld** ἄν **k** | πλοῖον ἀνατρέψῃ] περιτρέψῃ Philod.

5 πόρῳ] πόρθμῳ **U^{mg}**

καὶ τὴν πόλιν ἄρδην ἀνατετροφότα, τοῦτον ἐάσετε πάλιν ἀπευθύνειν τὰ κοινά;

[159] Ἴνα δ' εἶπω καὶ περὶ τοῦ τετάρτου καιροῦ καὶ τῶν 1
 νυνὶ καθεστηκότων πραγμάτων, ἐκεῖνο ὑμᾶς ὑπομνήσαι
 βούλομαι ὅτι Δημοσθένης οὐ τὴν ἀπὸ στρατοπέδου μόνον
 τάξιν ἔλιπεν, ἀλλὰ καὶ τὴν ἐκ τῆς πόλεως, τριήρη 5
 προσλαβὼν ὑμῶν, καὶ τοὺς Ἑλληνας ἀργυρολογήσας. Κατα-
 γαγούσης δ' αὐτὸν εἰς τὴν πόλιν τῆς ἀπροσδοκίτου σωτη-
 ρίας, τοὺς μὲν πρώτους χρόνους ὑπότρομος ἦν ἄνθρωπος,
 καὶ παριῶν ἡμιθνης ἐπὶ τὸ βῆμα, εἰρηνοφύλακα ὑμᾶς
 αὐτὸν ἐκέλευε χειροτονεῖν· ὑμεῖς δὲ κατὰ μὲν τοὺς πρώ- 10
 τους χρόνους οὐδ' ἐπὶ τὰ ψηφίσματα εἶατε τὸ Δημοσθένους
 ἐπιγράφειν ὄνομα, ἀλλὰ Ναυσικλεῖ τοῦτο προσετάττετε-
 νυνὶ δ' ἤδη καὶ στεφανοῦσθαι ἀξιοῖ.

[160] Ἐπειδὴ δ' ἐτελεύτησε μὲν Φίλιππος, Ἀλέξανδρος 1
 δ' εἰς τὴν ἀρχὴν κατέστη, πάλιν αὖ τερατευόμενος ἱερὰ μὲν
 ἰδρύσατο Πausανίου, εἰς αἰτίαν δὲ εὐαγγελίων θυσίας τὴν
 βουλὴν κατέστησεν, ἐπωνυμίαν δ' Ἀλεξάνδρῳ Μαργίτην 5
 ἐτίθετο, ἀπετόλμα δὲ λέγειν ὡς οὐ κινήσεται ἐκ Μα-

[158]

8 ἀνατετροφότα **am** ἀνατετραφότα **gVxLfkTUAld** (-τρηφ- T?)
 Philod.

9 ἀπευθύνειν **h** Reiske ἐπευθύνειν **βfkTU** ἀπεωθύνειν **Ald**

[159]

4 ἐκ **βfkTUAld**, del. Auger ἀπὸ Scrimg. Dilts | πόλεως <***> Reiske
 <ὄς τότ' ἀπέδρα> Bake

5 ἡργυρολόγησε **βfkTUAld**, corr. Scrimg.

7 ἄνθρωπος **βfkTUAld**, corr. Markland

8 ἡμιθνης **βfTUAld** ἡμιθανής **k**

9 αὐτὸν **βfkTUAld**, corr. Bekker | ἐκέλευεν αὐτὸν **UAld** | ἐκέλευε]
 ἐκέλευσε **T** | ὑμεῖς] ὑμᾶς **U^a**, corr. **U^{ms}** | κατὰ μὲν τοὺς πρώτους χρόνους
 del. Taylor Dilts

10 εἶατε] ἐάτε **U^{ms}**

[160]

1 μὲν om. **βfT^aUAld**, add. **T^{sl}**

2 αὖ **βk** αὐτὸς **fUAld** οὖν **T**

3 ἰδρύσατο <αὐτὸς> Dobree | θυσίας **aVxLfkTU** καὶ θυσίας **mgAld**

4 βουλὴν **βfTUAld** ἀρχὴν **k** | ποιῆσαι post κατέστησεν add. **TU** |
 δ' **kT** Harp., om. **βfUAld** Suid.

5 ἔθετο Harp. Suid. ἔθεντο Harp. Ph.

κεδονίας. ἀγαπᾶν γὰρ αὐτὸν ἔφη ἐν Πέλλῃ περιπατοῦντα
καὶ τὰ σπλάγχνα φυλάττοντα. Καὶ ταυτὶ λέγειν ἔφη οὐκ εἰ-
κάζων, ἀλλ' ἀκριβῶς εἰδὼς ὅτι αἵματός ἐστιν ἡ ἀρετὴ ὠνία,
αὐτὸς οὐκ ἔχων αἷμα, καὶ θεωρῶν τὸν Ἀλέξανδρον οὐκ ἐκ
τῆς Ἀλεξάνδρου φύσεως, ἀλλ' ἐκ τῆς ἑαυτοῦ ἀνανδρίας. 10
[161] Ἦδη δ' ἐψηφισμένων Θετταλῶν ἐπιστρατεύειν ἐπὶ τὴν 1
ὑμετέραν πόλιν, καὶ τοῦ νεανίσκου τὸ πρῶτον παροξυν-
θέντος εἰκότως, ἐπειδὴ περὶ Θήβας ἦν τὸ στρατόπεδον,
πρεσβευτῆς ὑφ' ὑμῶν χειροτονηθεῖς, ἀποδρᾶς ἐκ μέσου
τοῦ Κιθαιρῶνος ἦκεν ὑποστρέψας, οὔτ' ἐν εἰρήνῃ οὔτ' ἐν 5
πολέμῳ χρήσιμον ἑαυτὸν παρέχων. Καὶ τὸ πάντων δεινό-
τατον, ὑμεῖς μὲν τοῦτον οὐ προὔδοτε, οὐδ' εἰάσατε κριθῆ-
ναι ἐν τῷ τῶν Ἑλλήνων συνεδρίῳ, οὗτος δ' ὑμᾶς νυνὶ
προδέδωκεν, εἴπερ ἀληθὴ ἐστὶν ἃ λέγεται. [162] Ὡς γάρ φα- 1
σιν οἱ Πάραλοι καὶ οἱ πρεσβεύσαντες πρὸς Ἀλέξανδρον,
καὶ τὸ πρᾶγμα εἰκότως πιστεύεται, ἔστι τις Ἀριστίων
Πλαταϊκός, ὁ τοῦ Ἀριστοβούλου τοῦ φαρμακοπόλου υἱός,
εἴ τις ἄρα καὶ ὑμῶν γινώσκει. Οὗτός ποθ' ὁ νεανίσκος 5
ἐτέρων τὴν ὄψιν διαφέρων γενόμενος, ᾤκησε πολὺν χρόνον
ἐν τῇ Δημοσθένους οἰκίᾳ· ὅ τι δὲ πάσχων ἢ πράττων, ἀμ-

[160]

6 ἔφη **βfTUAld** ἔφησε **k** del. Blass (hiat.)
7 ταυτὶ **fkUAld** ταῦτα **βT** | ἔφη del. Blass (hiat.)

[161]

2 ὑμετέραν **βfTUAld** ἡμετέραν **k** | τὸ πρῶτον παροξυνθέντος **βfk**
TUAld παροξυνθέντος τὸ πρῶτον **Π43**
4 ὑμῶν **Π43^cβfkTUAld** ἡμῶν **Π43^a**
8 νυνὶ **k** νῦν **βfTUAld**
9 προσδέδωκεν **Ald** παρέδωκεν **U^a** προὔδωκεν **U^{mg}**

[162]

2 παράλοι **am^ag^aV^axL** παράλοι **m^cg^cV^cfkTUAld** παράλλοι **T^a**
3 ἀριστίων **βfTUAld** ἀριστείων **k**
4 ἀριστοβούλου **βfTUAld** ἀριστοφίλου **k** | φαρκοπούλου **U^a**, corr.
U^{mg} | υἱός del. Blass (hiat.) Dilts
5 ὁ del. Blass
7 δὲ om. **k** | πάσχων ἢ πράττων **k** πράττων ἢ πάσχων **βfTUAld**

φίβολος ἢ αἰτία, καὶ τὸ πρᾶγμα οὐδαμῶς εὐσχημον ἐμοὶ
λέγειν. Οὗτος, ὡς ἐγὼ ἀκούω, ἠγνοημένος ὅστις ποτ' ἐστὶ
καὶ πῶς βεβιωκῶς, τὸν Ἀλέξανδρον ὑποτρέχει καὶ πλησιάζει
ἐκείνῳ. Διὰ τούτου γράμματα πέμψας ὡς Ἀλέξανδρον,
ἀδειάν τινα εὔρηται καὶ διαλλαγᾶς, καὶ πολλὴν κολακείαν
πεποιήται.

[163] Ἐκεῖθεν δὲ θεωρήσατε ὡς ὁμοίον ἐστὶ τὸ πρᾶγμα
τῇ αἰτίᾳ. Εἰ γάρ τι τούτων ἐφρόνει Δημοσθένης καὶ πολε-
μικῶς εἶχεν, ὡσπερ καὶ φησί, πρὸς τὸν Ἀλέξανδρον, τρεῖς
αὐτῷ καιροὶ κάλλιστοι παραγεγόνασιν, ὧν οὐδενὶ φαίνεται
κεχρημένος. Εἰς μὲν ὁ πρῶτος, ὅτ' εἰς τὴν ἀρχὴν οὐ πάλαι
καθεστηκῶς Ἀλέξανδρος, ἀκατασκεύων αὐτῷ τῶν ἰδίων
ὄντων, εἰς τὴν Ἀσίαν διέβη, ἠκμαζε δ' ὁ τῶν Περσῶν βα-
σιλεὺς καὶ ναυσὶ καὶ χρήμασι καὶ πεζῇ στρατιᾷ, ἄσμενος
δ' ἂν ὑμᾶς εἰς τὴν συμμαχίαν προσεδέξατο διὰ τοὺς ἐπι-
φερομένους ἑαυτῷ κινδύνους. Εἰπᾶς τινα ἐνταῦθα λόγον,
Δημόσθενες, ἢ ἔγραψάς τι ψήφισμα; βούλει σε θῶ φοβη-
θῆναι καὶ χρήσασθαι τῷ αὐτοῦ τρόπῳ; καίτοι ῥητορικὴν
δειλίαν δημόσιος καιρὸς οὐκ ἀναμένει. [164] Ἄλλ' ἐπειδὴ

[162]

9.10 ποτ' ἐστὶ καὶ πῶς **m^eg^ck** καὶ πῶς ποτ' ἐστὶ **am^ag^aVxLfTUAld**
11 γράμματα **βkTUAld** γράμμα **f** | πέμψας **βkT** πέμψας δημοσ-
θένης **fUAld**
12 εὔρηται **Π48 cett.** εὔρε **U^{mg}** | διαλλαγᾶς **Π48βfTUAld**
καταλλαγᾶς **k** | πολλὴν **Π48 (ut. vid.) βfTUAld** πολλὴν τὴν **k**

[163]

1 θεωρήσατε **Π48 (ut vid.) βfTUAld** θεωρήσατε **k**
2 τι **Π48 (ut vid.) βfTUAld** τοι **k** | ἐφρόνει δημοσθένης **Π48βf**
TUAld δημοσθένης ἐφρόνει **k** δημοσθένης del. Weidner
3 πρὸς τὸν **Π48xLfUAld** πρὸς **amgVkt** Budé-Martin Dilts
4 κάλλιστοι καιροὶ **Π48**
6 ἀκατασκεύων **k** cf. 70 ἀπαρασκεύων **βfTUAld** cf. 146 | αὐτῷ
Baiter-Sauppe
8 στρατιᾷ **amgV^ckT^ald** στρατεία **V^axLfT^aU**
9 δ' ἂν **VxLfkTUAld** ἂν δ' **amg** | ὑμᾶς **βfTUAld** ἡμᾶς **k** | τὴν
βkT τὴν κοινὴν **fUAld**
10 ἑαυτῷ **mgVxLkT** αὐτῷ **afUAld**
11 θῶ **am^eg^cxL^ak** θεῶ **m^ag^aV^aL^c** θῶ καὶ **fUAld** θεὸν **V^cT** |
φοβηθῆναι] βοηθῆναι **U^a**, corr. **U^{mg}**
12 αὐτοῦ **am^ag^aVxLk**, corr. Baiter-Sauppe Dilts σαυτοῦ **m^eg^c** cf. 176
ἑαυτοῦ **fUAld** αὐτῷ **T**
13 ἀναμένει **βfkTUAld** παραμένει Mant.

πάση τῇ δυνάμει Δαρεῖος κατεβεβήκει, ὁ δ' Ἀλέξανδρος ἦν
 ἀπειλημμένος ἐν Κιλικίᾳ πάντων ἐνδεής, ὡς ἔφησθα σύ,
 αὐτίκα μάλα δ' ἔμελλεν, ὡς ἦν ὁ παρὰ σοῦ λόγος, συμπα- 5
 τηθήσεσθαι ὑπὸ τῆς Περσικῆς ἵππου, τὴν δὲ σὴν ἀηδῖαν
 ἢ πόλις οὐκ ἐχώρει καὶ τὰς ἐπιστολάς ἃς ἐξηρητημένος ἐκ
 τῶν δακτύλων περιήεις, ἐπιδεικνύων τισὶ τὸ ἐμὸν πρόσωπον
 ὡς ἐκπεπληγμένου καὶ ἀθυμοῦντος, καὶ χρυσόκερων ἀπο-
 καλῶν καὶ κατεστέφθαι φάσκων εἴ τι πταῖσμα συμβήσεται
 Ἀλεξάνδρῳ, οὐδ' ἐνταῦθα ἔπραξας οὐδέν, ἀλλ' εἷς τινα 10
 καιρὸν ἀνεβάλου καλλίω.

[165] Ὑπερβᾶς τοίνυν ἅπαντα ταῦτα ὑπὲρ τῶν νυνὶ καθε- 1
 στηκότων λέξω. Λακεδαιμόνιοι μὲν καὶ τὸ ξενικὸν ἐπέ-
 τυχον μάχη, καὶ διέφθειραν τοὺς περὶ Κόρραγον στρατιώ-
 τας, Ἡλεῖοι δ' αὐτοῖς συμμετεβάλλοντο καὶ Ἄχαιοι πάντες 5
 πλὴν Πελληνέων, καὶ Ἄρκαδία πᾶσα πλὴν Μεγάλης
 πόλεως, αὕτη δὲ ἐπολιορκεῖτο καὶ καθ' ἐκάστην ἡμέραν
 ἐπίδοξος ἦν ἀλῶναι, ὁ δ' Ἀλέξανδρος ἔξω τῆς ἄρκτου καὶ
 τῆς οἰκουμένης ὀλίγου δεῖν πάσης μεθειστήκει, ὁ δὲ Ἀντί-
 πατρος πολὺν χρόνον συνῆγε στρατόπεδον, τὸ δ' ἐσόμενον 10
 ἄδηλον ἦν. Ἐνταῦθ' ἡμῖν ἀπόδειξιν ποιήσαι, Δημόσθενες, τί
 ποτ' ἦν ἃ ἔπραξας, καὶ τί ποτ' ἦν ἃ ἔλεγες· καὶ εἰ βούλει,
 παραχωρῶ σοι τοῦ βήματος, ἕως ἂν εἴπῃς. [166] Ἐπειδὴ δὲ 1

[164]

2 κατεβεβήκει **amVKAld** καταβεβήκει **gxLfTU**
 4 μάλα δ' **βfTUAlD** δὲ μάλα **k** | ἔμελλεν **k** ἤμελλεν **βfTUAlD**
 7 τισὶ **f^ckTUAlD** τι **f^c**
 11 ἀνεβάλου **k** ἀνεβάλλου **βfTUAlD**

[165]

4 συμμετεβάλλοντο **kAlD** συμμετεβάλλοντο **βfTU**
 5 πελληνέων **k** πελληναίων **βfTUAlD**
 6 αὕτη **k** αὐτή **βfTUAlD**
 8 δεῖν] μὲν **U^a**, corr. **U^{mg}**
 10 ἐνθαῦθ' **aVxLfkTUAlD** ἐνθαῦτα δὲ **mg** | ποιήσαι **am gVxkTAlD**
 ποιῆσαι **LfU** | δημόσθενες om. **k**
 11 καὶ¹ **fkUAlD** ἢ **βT** | ἃ **βfTU^aAlD** ὁ **kU^{mg}**
 12 εἴπῃς **am^cgVlfTUAlD** εἴποις **m^axk**

σιγᾶς, ὅτι μὲν ἀπορεῖς, συγγνώμην ἔχω σοι, ἃ δὲ τότε ἔλε-
 γες, ἐγὼ νυνὶ λέξω. Οὐ μέμνησθε αὐτοῦ τὰ μιὰ καὶ ἀπί-
 θανα ῥήματα, ἃ πῶς ποθ' ὑμεῖς, ὧ σιδηροῖ, ἐκαρτερεῖτε 5
 ἀκροώμενοι; ὅτ' ἔφη παρελθόν· ἄμπελουργοῦσί τινες τὴν
 πόλιν, ἀνατετεμνήκασί τινες τὰ κλήματα τὰ τοῦ δήμου,
 ὑποτέτμηται τὰ νεῦρα τῶν πραγμάτων, φορμορραφού-
 μεθα, ἐπὶ τὰ στενά τινες ὡσπερ τὰς βελόνας διεύρουσι.
 [167] Ταῦτα δὲ τί ἐστίν, ὧ κίναδος; ῥήματα ἢ θαύματα; καὶ 1
 πάλιν ὅτε κύκλω περιδινῶν σεαυτὸν ἐπὶ τοῦ βήματος ἔλε-
 γες, ὡς ἀντιπράττων Ἀλεξάνδρω· ὁμολογῶ τὰ Λακωνικὰ
 συστήσαι, ὁμολογῶ Θετταλοὺς καὶ Περραιβοὺς ἀφιστάναι.'

[166]

2 ἔχω σοι ἔχωσι U

3 νυνὶ k νῦν **βfTUAlD** | μιὰ καὶ ἀπίθανα ῥήματα **β fktU** Hdn.
 τὰ ἀπίθανα καὶ μιὰ ῥήματα Alex. τὰ πιθανὰ ῥήματα καὶ μικρὰ
 Alex.

4 ἃ om. Hdn. | ἃ – ἐκαρτερεῖτε] παντελῶς ἐκαρτερεῖτε ὡς σιδήρειοι
 Aristid. | ὧ **βfTUAlD** Alex. ὡς k Aristid. Hdn. | σιδηροῖ Cobet
 σιδήρειοι **βfTUAlD** σιδήρειοι k Aristid. Hdn. σιδήριοι Alex.

5 ὅτ' **βfkTUAlD** Alex. ὅποτε Hdn.

6 ἀνατετεμνήκασί – δήμου om. D. H., del. Martin-Budé ἀνατετεμνήκασί
 τινες om. Hdn., del. Blass | ἀνατετεμνήκασί] ἀνατετεμνήκασί **TUAlD** | τὰ²
 om. **fkTUAlD**

7 ὑποτέτμηται - πραγμάτων del. Dilts | ὑποτέτμηται] ὑποβέβληται
 Hdn. | τὰ – πραγμάτων om. Hdn., del. Blass | τῶν πραγμάτων νεῦρα
 Poll. | τῶν πραγμάτων] τοῦ δήμου D. H.

8 τινες D. H. τινες πρῶτον **βfkTUAlD**

[167]

1 τί Π3k (ut vid.) D. H. τίνος **mgVxLTUAlD** τίνα af |
 ὧ κίναδος ante τί D. H. | κίναδος Π3am^cg^cVxLfk D. H. κίναδος
m^ag^aTUAlD

2 περιδινῶν **βfkTUAlD** περιδεινῶν Π3 | σεαυτὸν Π3**βfTUAlD**
 σαυτὸν k

4 συστήσαι **amgV^axLfUAlD** συστήσασθαι Π3V^ckT

Σὺ Θετταλοὺς ἀφιστάναι; σὺ γὰρ ἂν κώμην ἀποστήσειας; 5
 σὺ γὰρ ἂν προσέλθοις μὴ ὅτι πρὸς πόλιν, ἀλλὰ πρὸς οἰ-
 κίαν, ὅπου κίνδυνος πάρεστιν; ἀλλ' εἰ μὲν που χρήματα
 ἀναλίσκεται, προσκαθιζήσει, πρᾶξιν δὲ ἄνδρὸς οὐ πράξεις
 ἔαν δ' αὐτόματόν τι συμβῆ, προσποιήση καὶ σεαυτὸν ἐπὶ
 τὸ γεγενημένον ἐπιγράψεις· ἂν δ' ἔλθῃ φόβος τις, ἀπο- 10
 δράσῃ· ἂν δὲ θαρρήσωμεν, δωρεὰς αἰτήσεις καὶ χρυσοῖς
 στεφάνοις ἀξιώσεις στεφανοῦσθαι.
 [168] Ναί, ἀλλὰ δημοτικὸς ἐστίν. Ἐὰν μὲν τοίνυν πρὸς 1
 τὴν εὐφημίαν αὐτοῦ τῶν λόγων ἀποβλέπητε, ἐξαπατηθήσε-
 σθε, ὡσπερ καὶ πρότερον, ἔαν δ' εἰς τὴν φύσιν καὶ τὴν
 ἀλήθειαν, οὐκ ἐξαπατηθήσεσθε. Ἐκείνως δὲ ἀπολάβετε
 παρ' αὐτοῦ τὸν λόγον. Ἐγὼ μὲν μεθ' ὑμῶν λογιούμαι ἃ δεῖ 5

[167]

5 σὺ θ. ἀφιστάναι Π3m^cg^vxLkT^c om. am^ag^aV^aT^aAld σὺ θ.
 ἀποστήσειας fU (post σὺ γὰρ ἂν κώμ. ἀποστ. U) σὺ θ. ἀποστήσας
 Alex. | σὺ² βTUAlD Alex. οὐ f^ck (οὐ – κώμην f^c, om. f^a) .υ Π3 |
 ἀποστήσειας – 6 ἂν om. Alex. | ἀποστήσειας Π3k om. f ἀποστήσας
 amgxLAlD ἀποστήσαιο VTU
 6 μὴ – οἰκίαν om. Alex. | πρὸς om. T
 7 πάρεστιν Π3 (ut vid.) pace Lenaerts πρόσεστι βfkTUAlD ἐστι
 Alex.
 8 ἀναλίσκεται Π3βfkTUAlD ἀναλώσει Z. | προσκαθιζήσει Π3
 (ut vid.) T Lobeck προσκαθεστήση am^ag^a προκαθεστήση m^cg^c
 προκαθεστήση VxT^a προσκαθεστήση LfUAlD προσκαθίζεις
 εἰς k προκαθεζήσει Z.
 9 ἔαν Π3βfkTUAlD ἂν k | προσποιήση βfkTUAlD ἄγαν
 προσποιήσει Π3 | σεαυτὸν Π3 σαυτὸν βkT^cU^mg^aAlD εἰς αὐτὸν f
 συνῶν T^aU^a | ἐπὶ Π3m^cg^vxLkTUAlD ἔτι am^af
 10 ἂν kAlD ἔαν βfTU
 11 ἂν] ἔαν TUAlD
 11.12 χρυσοῖς στεφάνοις βfkTUAlD χρυσοῦς στεφάνους D
 12 ἀξιώσεις om. fTUAlD sed cf. 159, 226, 236, 253 | στεφανοῦσθαι del.
 Weidner

[168]

1 ἔαν βfTUAlD cf. 180, 254 ἂν k | πρὸς βfTUAlD εἰς k
 2 αὐτοῦ τῶν λόγων fkUAlD τῶν λόγων αὐτοῦ βT | ἀποβλέπητε
 amgxLk ἀποβλέψητε VfTUAlD
 3 ἔαν βfTUAlD ἂν k | τὴν² βfUAlD εἰς τὴν kT
 5 τὸν am^ag^aVxLfUAlD cf. 164, 176 om. m^cg^ckT

ὑπάρξει ἐν τῇ φύσει τῷ δημοτικῷ ἀνδρὶ καὶ σώφρονι, καὶ
 πάλιν ἀντιθήσω ποιὸν τινα εἰκός ἐστιν εἶναι τὸν ὀλιγαρ-
 χικὸν ἄνθρωπον καὶ φαῦλον· ὑμεῖς δ' ἀντιθέντες ἐκάτερα
 τούτων θεωρήσατ' αὐτόν, μὴ ὀποτέρου τοῦ λόγου,
 ἀλλ' ὀποτέρου τοῦ βίου ἐστίν. [169] Οἶμαι τοίνυν ἅπαντας 1
 ἂν ὑμᾶς ὁμολογήσαι τάδε δεῖν ὑπάρξει τῷ δημοτικῷ,
 πρῶτον μὲν ἐλεύθερον αὐτὸν εἶναι καὶ πρὸς πατρός καὶ
 πρὸς μητρός, ἵνα μὴ διὰ τὴν περι τὸ γένος ἀτυχίαν δυσμε-
 νῆς ἢ τοῖς νόμοις, οἳ σώζουσι τὴν δημοκρατίαν, δεύτερον 5
 δ' ἀπὸ τῶν προγόνων εὐεργεσίαν τινα αὐτῷ πρὸς τὸν
 δῆμον ὑπάρχειν, ἢ τὸ γ' ἀναγκαιότατον μηδεμίαν ἔχθραν,
 ἵνα μὴ βοηθῶν τοῖς τῶν προγόνων ἀτυχήμασι κακῶς ἐπι-
 χειρῇ ποιεῖν τὴν πόλιν. [170] Τρίτον σώφρονα καὶ μέτριον 1
 χρῆ πεφυκέναι αὐτὸν πρὸς τὴν καθ' ἡμέραν δίαιταν, ὅπως
 μὴ διὰ τὴν ἀσέλγειαν τῆς δαπάνης δωροδοκῇ κατὰ τοῦ
 δήμου. Τέταρτον εὐγνώμονα καὶ δυνατὸν εἰπεῖν· καλὸν γὰρ 5
 τὴν μὲν διάνοιαν προαιρεῖσθαι τὰ βέλτιστα, τὴν δὲ παι-
 δεῖαν τὴν τοῦ ῥήτορος καὶ τὸν λόγον πείθειν τοὺς ἀκούον-
 τας· εἰ δὲ μή, τὴν γ' εὐγνωμοσύνην αἰεὶ προτακτέον τοῦ
 λόγου. Πέμπτον ἀνδρεῖον εἶναι τὴν ψυχὴν, ἵνα μὴ παρὰ
 τὰ δεινὰ καὶ τοὺς κινδύνους ἐγκαταλείπη τὸν δῆμον. Τὸν

[168]

6.7 καὶ πάλιν **fkTUAld** Dilts πάλιν om. Budé-Martin

[169]

2 ὑμᾶς ὁμολογήσαι **k** ὑμᾶς ὁμολογήσειν **fUAld** ὁμολογήσεινὑμᾶς **βT**3 ἐλεύθερον αὐτὸν **βAld** αὐτὸν ἐλεύθερον **fkTU** αὐτὸν del.

Weidner

4 πρὸς om. **amgVfUAld** | μὴ διὰ τὴν ... ἀτυχίαν **βfTUAld** τῇ ...ἀτυχίαν **k** | περι **k** πρὸς **βfTUAld**8 τῶν om. **U**

[170]

2 αὐτὸν del. Blass (hiat.)

6 τὴν – ῥήτορος del. Blass | τὸν – πείθειν om. **f**7 γ' **mgVxLT** δὲ **a** om. **fkUAld**8 ἀνδρεῖον **amgfAld** ἀνδρεῖον αὐτὸν **xL** ἀνδρεῖον καὶ αὐτὸν**VkTU**9 καὶ – κινδύνους del. Weidner | κινδύνους **m^cg^ckT^c** πολέμους **am^a****g^aVxLfT^aUAld** | ἐγκαταλείπη **βkT** ἐγκαταλίπη **fUAld**

δ' ὀλιγαρχικὸν πάντα δεῖ τάναντία τούτων ἔχειν· τί γὰρ 10
 δεῖ πάλιν διεξιέναι; σκέψασθε δὴ τί τούτων ὑπάρχει Δημο-
 σθένει· ὁ δὲ λογισμὸς ἔστω ἐπὶ πᾶσι δικαίοις.

[171] Τούτῳ πατήρ μὲν ἦν Δημοσθένης ὁ Παιανιεύς, ἀνὴρ 1
 ἐλεύθερος· οὐ γὰρ δεῖ ψεύδεσθαι· τὰ δ' ἀπὸ τῆς μητρὸς
 καὶ τοῦ πάππου τοῦ πρὸς μητρὸς πῶς ἔχει αὐτῷ, ἐγὼ
 φράσω. Γύλων ἦν ἐκ Κεραμέων. Οὗτος προδοὺς τοῖς πολε-
 μίοις Νύμφαιον τὸ ἐν τῷ Πόντῳ, τότε τῆς πόλεως ἐχούσης 5
 τὸ χωρίον τοῦτο, φυγὰς ἀπ' εἰσαγγελίας ἐκ τῆς πόλεως
 ἐγένετο θανάτου καταγνωσθέντος αὐτοῦ, τὴν κρίσιν οὐχ
 ὑπομείνας, καὶ ἀφικνεῖται εἰς Βόσπορον κάκεῖ λαμβάνει
 δωρεὰν παρὰ τῶν τυράννων τοὺς ὠνομασμένους Κήπους,
 [172] καὶ γαμεῖ γυναῖκα πλουσίαν μὲν νῆ Δία καὶ χρυσίον 1
 ἐπιφερομένην πολὺ, Σκύθιν δὲ τὸ γένος, ἐξ ἧς αὐτῷ γί-

[170]

11 δεῖ om. **fAld** | ὑπάρχειν **U^a**, corr. **U^{ms}**

[171]

1 τούτου Anon. Seguer. | ἦν om. **m^aVxL** | δημοσθένης – 2 ἐλεύθερος]
 ἐλεύθερος ἀνὴρ δημοσθένης Anon. Seguer. Io. Sard. ἐλεύθερος Do-
 chorat.

3 πρὸς om. **U** | ἐγὼ φράσω om. **k**

5 νύμφαιον **βfTUAlD** Harp. νυμφαῖον **k** | ἐν] ἐπὶ schol. | τῷ om. **a**

6 ἀπ' εἰσαγγελίας om. **am^axL^af** ἀπὸ ἀγγελίας **g^a** | ἐκ – πόλεως del.
 Sakorraphos cf. 79, sed cf. Plu. v. Dem. 4

7 θανάτου – αὐτοῦ del. Bake

[172]

2 Σκυθίδα Syr. schol. 3.172.396 Σκυθικὴν etiam schol. | ἐξ ἧς om. **fU^a**,
 hab. **U^{ms}** | ἐξ – 3 ἐκεῖνος om. **V** | ἧς om. **xL** | αὐτῷ γίνονται **k**, om. **T**
 αὐτῶν γεννῶνται **x** αὐτῶν γίνονται **L** γίνονται αὐτῷ **amgfUAlD**
 (δ' αὐτῷ **fU**)

γνονται θυγατέρες δύο, ἄς ἐκεῖνος δεῦρο μετὰ πολλῶν χρη-
 μάτων ἀποστείλας, συνώκισε τὴν μὲν ἑτέραν ὄτωδήποτε, 5
 ἵνα μὴ πολλοῖς ἀπεχθάνωμαι, τὴν δ' ἑτέραν ἔγημε παρι-
 δὼν τοὺς τῆς πόλεως νόμους Δημοσθένης ὁ Παιανιεύς, ἐξ
 ἧς ὑμῖν ὁ περίεργος καὶ συκοφάντης Δημοσθένης γεγένη-
 ται. Οὐκοῦν ἀπὸ μὲν τοῦ πάππου πολέμιος ἂν εἴη τῷ
 δήμῳ, θάνατον γὰρ αὐτοῦ τῶν προγόνων κατέγνωτε, τὰ 10
 δ' ἀπὸ τῆς μητρὸς Σκύθης βάρβαρος ἐλληνίζων τῇ φωνῇ·
 ὅθεν καὶ τὴν πονηρίαν οὐκ ἐπιχώριός ἐστι. [173] Περὶ δὲ 1
 τὴν καθ' ἡμέραν δίκαιαν τίς ἐστίν; ἐκ τριηράρχου
 λογογράφος ἀνεφάνη, τὰ πατρῶα καταγελάστως προέ-
 μενος· ἄπιστος δὲ καὶ περὶ ταῦτα δόξας εἶναι καὶ τοὺς
 λόγους ἐκφέρων τοῖς ἀντιδίκους, ἀνεπήδησεν ἐπὶ τὸ βῆμα 5
 πλείστον δ' ἐκ τῆς πολιτείας εἰληφῶς ἀργύριον, ἐλάχιστα
 περιεποιήσατο. Νῦν μέντοι τὴν δαπάνην ἐπικέκλυκεν
 αὐτοῦ τὸ βασιλικὸν χρυσίον, ἔσται δ' οὐδὲ τοῦθ' ἰκανόν·

[172]

3 θυγατέρες **βfUAld** δύο θυγατέρες **kT** | post θυγ. add. γεννήσας **T** |
 ἄς ἐκεῖνος] καὶ ταύτας **T**
 4 ἀποστείλας **fkT^aUAld** (-λλ- **U**) στείλας **βT^a** | τὴν om. **T**
 6 ἐξ ἧς ante δημοσθένης **f**
 7 ὑμῖν **aVxAld** ἡμῖν **mgLkTU** | ὑμῖν – συκοφάντης om. **f** | γεγένηται
 δημοσθένης **Ald**
 8 πάππου **k** πάππου τοῦ πρὸς μητρὸς **βfTUAld**

[173]

2 τοῦ post ἐκ add. **TU**
 3 τὰ πατρῶα καταγελάστως **βfTUAld** καταγελάστως τὰ πατρῶα **k**
 4 καὶ² del. Halm.
 5 ἐκφέρειν Blass
 6 τῆς om. Stob. | πολιτείας **m^cg^ck** Stob. πόλεως **am^ag^aVxLfTUAld**
 cf. 23
 7.8 τὴν δαπ. ἐπικ. αὐτοῦ τὸ βασιλ. χρυσ. D. S. τὸ βασιλ. χρυσ. ἐπικ.
 τὴν δαπ. αὐτοῦ **βfkTUAld** Stob.
 7 ἐπικέκλυκεν **am^cg^cVxfkTU** ἐπικέκληκεν **m^ag^aLAld** D. S.
 8 ἔσται **βkT** D.S. Stob. ἔστι **fUAld**

οὐδεὶς γὰρ πώποτε πλοῦτος τρόπου πονηροῦ περιεγένετο.
Καὶ τὸ κεφάλαιον, τὸν βίον οὐκ ἐκ τῶν ἰδίων προσόδων 10
πορίζεται, ἀλλ' ἐκ τῶν ὑμετέρων κινδύνων.

[174] Πρὸς δ' εὐγνωμοσύνην καὶ λόγου δύναμιν πῶς πέ- 1
φυκε; δεινὸς λέγειν, κακὸς βιώναι. Οὕτω γὰρ κέχρηται καὶ
τῷ ἑαυτοῦ σώματι καὶ παιδοποιῶν ὥστ' ἐμὲ μὴ βούλεσθαι
λέγειν ἅ τούτῳ πέπρακται· ἤδη γάρ ποτε εἶδον μισηθέντας
τοὺς τὰ τῶν πλησίον αἰσχροῦ λίαν σαφῶς λέγοντας. Ἐπειτα 5
τί συμβαίνει τῇ πόλει; οἱ μὲν λόγοι καλοὶ, τὰ δ' ἔργα
φαῦλα. [175] Πρὸς δὲ ἀνδρείαν βραχὺς μοι λείπεται λόγος. 1
Εἰ μὲν γὰρ ἠρνεῖτο μὴ δειλὸς εἶναι ἢ ὑμεῖς μὴ συνήδετε,
διατριβὴν ὁ λόγος ἄν μοι παρέσχεν· ἐπειδὴ δὲ καὶ αὐτὸς
ὁμολογεῖ ἐν ταῖς ἐκκλησίαις, καὶ ὑμεῖς σύνιστε, λοιπὸν
ὑπομνήσαι τοὺς περὶ τούτων κειμένους νόμους. Ὁ γὰρ 5
Σόλων ὁ παλαιὸς νομοθέτης ἐν τοῖς αὐτοῖς ἐπιτιμίοις ᾤετο
δεῖν ἐνέχεσθαι τὸν ἀστράτευτον καὶ τὸν λελοιπότεν τὴν τά-
ξιν καὶ τὸν δειλὸν ὁμοίως· εἰσὶ γὰρ καὶ δειλίας γραφαί.

[173]

9 πώποτε om. **fU^aAld**, hab. **U^{ms}** | τρόπου πονηροῦ **βfkT UAld** Sopt.
D. S. πονηροῦ τρόπου Syr. Apostol. τρόπου om. Stob. | περιεγένετο
Apostol.

11 ὑμετέρων **βfTUAlD** ἡμετέρων **k** Stob. Apostol.

[174]

1 πρὸς Stob. cf. 170 περὶ **βfkTUAlD** | λόγου **βfkT UAld** λόγων
Stob.

2 δεινὸς **am^cg^vxLfkU** δεινῶς **m^ag^aV^cTAld** Stob. | κακὸς **V^ck**
κακῶς **amgV^axLFTUAlD** Stob. | βιώναι **am^ag^aVxLfkTUAlD** βίων
m^cg^c | οὕτω **βfkTUAlD** οὔτε Stob.

3 καὶ] ἐκ **TU** | παιδοποιῶν] παιδὸς **U^a**, corr. **U^{ms}** | ὥστε με μὴ **βfTUAlD**,
corr. Bekker ὥστε μὴ με **k** ὥστε μὴ Stob. | βούλεσθε **U**

5 πλησίον **amgxkAlD** Stob. πλησίων **VLfTU**

[175]

2 συνήδετε **amgxLk**, corr. Schultz συνήδετε αὐτῷ **VfTUAlD**

3 παρέσχεν **βfTUAlD** παρείχεν **k**

6 ὁ παλαιὸς νομοθέτης del. Sakorrhaphos def. Heyse cf. 1.6

8 καὶ² om. **k**

Καίτοι θαυμάσειεν ἄν τις ὑμῶν εἰ εἰσὶ φύσεως γραφαί. Εἰ-
 σίν. Τίνος ἔνεκα; ἴν' ἕκαστος ἡμῶν τὰς ἐκ τῶν νόμων ζη- 10
 μίας φοβούμενος μᾶλλον ἢ τοὺς πολεμίους, ἀμείνων ἀγωνι-
 στήσ ὑπὲρ τῆς πατρίδος ὑπάρχη. [176] Ὁ μὲν τοίνυν 1
 νομοθέτης τὸν ἀστράτευτον καὶ τὸν δειλὸν καὶ τὸν λιπόντα
 τὴν τάξιν ἔξω τῶν περιραντηρίων τῆς ἀγορᾶς ἐξείργει, καὶ
 οὐκ ἔῃ στεφανοῦσθαι, οὐδ' εἰσιέναι εἰς τὰ ἱερὰ τὰ δημο-
 τελῆ· σὺ δὲ τὸν ἀστεφάνωτον ἐκ τῶν νόμων κελεύεις ἡμᾶς 5
 στεφανοῦν, καὶ τῷ σαυτοῦ ψηφίσματι τὸν οὐ προσήκοντα
 εἰσκαλεῖς τοῖς τραγωδοῖς εἰς τὴν ὀρχήστραν, εἰς τὸ ἱερὸν
 τοῦ Διονύσου τὸν τὰ ἱερὰ διὰ δειλίαν προδεδωκότα.

Ἴνα δὲ μὴ ἀποπλανῶ ὑμᾶς ἀπὸ τῆς ὑποθέσεως, ἐκεῖνο
 μέμνησθε, ὅταν φῆ δημοτικὸς εἶναι· θεωρεῖτ' αὐτοῦ μὴ 10
 τὸν λόγον, ἀλλὰ τὸν βίον, καὶ σκοπεῖτε μὴ τίς φησιν εἶναι,
 ἀλλὰ τίς ἐστίν.

[177] Ἐπεὶ δὲ στεφάνων ἀνεμνήσθη καὶ δωρεῶν, ἕως ἔτι 1
 μέμνημαι, προλέγω ὑμῖν, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, εἰ μὴ κατα-
 λύσετε τὰς ἀφθόνους ταύτας δωρεὰς καὶ τοὺς εἰκῆ διδο-
 μένους στεφάνους, οὔθ' οἱ τιμώμενοι χάριν ὑμῖν εἴσονται,
 οὔτε τὰ τῆς πόλεως πράγματα ἐπανορθωθήσεται· τοὺς μὲν 5
 γὰρ πονηροὺς οὐ μὴ ποτε βελτίους ποιήσετε, τοὺς δὲ χρη-
 στοὺς εἰς τὴν ἐσχάτην ἀθυμίαν ἐμβαλεῖτε. Ὅτι δ' ἀληθῆ

[175]

9 καιτοὶ – γραφαί (ὄμ.) om. **k**

10 ἡμῶν **kT** ὑμῶν **βfUAld**

11 ἀμείνων **βkTAld** μαλ' ἀμείνων **fU** (μαλλ' **U**)

12 ὑπάρχη **m^cgTUAld** (-χει **m^aU**) ὑπάρχον **aVxLf** γίγνηται **k**

[176]

2 λιπόντα] λελοιπότα **T**

3 περιραντηρίων **amgLfktUAld**, correcte **Vx**

6 σαυτοῦ **βfTUAld** ἑαυτοῦ **k** cf. 163

8 τὸν om. **k** | διὰ om. **VT** δειλίᾳ **p** et Schultz

[177]

2 ὑμῖν] ὑμεῖς **U^a**, corr. **U^{mg}**

3 τὰς] τοὺς **U** | εἰκεῖ **U^a**, corr. **U^{mg}**

5 ἐπανορθωθήσεται **βfUAld** οὐδέποτ' ἐπανορθωθήσεται **k**
 ἐπανορθήσεται **T**

6 γὰρ om. **mgk** | οὐ μὴ ποτε **mgVxLfTUAld** cf. 1.48 οὐδέποτε **a**
 cf. 151 οὐ **k** | ποιήσετε **βkTAld** ποιήσητε **fU**

λέγω, μεγάλα τούτων οἶμαι σημεῖα δείξιν ὑμῖν. [178] Εἰ 1
 γάρ τις ὑμᾶς ἐρωτήσῃ, πότερον ὑμῖν ἐνδοξότερα δοκεῖ ἢ
 πόλις εἶναι ἐπὶ τῶν νυνὶ καιρῶν ἢ ἐπὶ τῶν προγόνων,
 ἅπαντες ἂν ὁμολογήσῃτε, ἐπὶ τῶν προγόνων. Ἄνδρες δὲ
 πότερον τότε ἀμείνους ἦσαν ἢ νυνὶ; τότε μὲν διαφέροντες, 5
 νυνὶ δὲ πολλῶ καταδεέστεροι. Δωρεαὶ δὲ καὶ στέφανοι καὶ
 κηρύγματα καὶ σιτήσεις ἐν πρυτανείῳ πότερα τότε ἦσαν
 πλείους ἢ νυνὶ; τότε μὲν ἦν σπάνια τὰ καλὰ παρ' ἡμῖν, καὶ
 τὸ τῆς ἀρετῆς ὄνομα τίμιον· νυνὶ δὲ καταπέλυται τὸ
 πρᾶγμα, καὶ τὸ στεφανοῦν ἐξ ἔθους, ἀλλ' οὐκ ἐκ προνοίας 10
 ποιεῖσθε. [179] Οὐκ οὖν ἄτοπον οὕτως διαλογιζομένοις, τὰς
 μὲν δωρεὰς νυνὶ πλείους εἶναι, τὰ δὲ πράγματα τὰ τῆς
 πόλεως τότε μᾶλλον ἰσχύειν, καὶ τοὺς ἄνδρας νῦν μὲν
 χεῖρους εἶναι, τότε δ' ἀμείνους; ἐγὼ δὲ τοῦθ' ὑμᾶς ἐπιχει-
 ρήσω διδάσκειν. Οἴεσθ' ἂν ποτε, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, ἐθε- 5
 λῆσαι τινα ἐπασκεῖν εἰς τὰ Ὀλύμπια, ἢ ἄλλον τινὰ τῶν
 στεφανιτῶν ἀγώνων, παγκράτιον ἢ καὶ ἄλλο τι τῶν βαρυ-
 τέρων ἄθλων, εἰ ὁ στέφανος ἐδίδοτο μὴ τῷ κρατίστῳ,

[177]

8 τούτων **βkT** νῦν **fUAld** | ὑμῖν del. Blass, sed cf. 2.103

[178]

2 ὑμῖν om. **fU**3 πόλις **fUAld** πόλις ἡμῶν **βT** πόλις ὑμῶν **k**4 ὁμολογήσητε **amg**, corr. **Ald** ὁμολογήσετε **VxLfkTU**5 νυνὶ **βfTUAld** νῦν **k**6 δὲ¹ om. **U**7 σιτήσεις **Π1mgfkAld** σιτίσεις **aVxLTU** | πότερα **Π1** πότερον
βfkUAld, om. **T** | ἦσαν πλείους **Π1βfTUAld** πλείους ἦσαν **k**9 νυνὶ **Π1kT** νῦν **βfUAld** | δὲ **Π1** δ' ἦδη **βfkTUAld** | καταπέλυται
mgL^afkU^aAld Poll. καταλέλυται **axL^cΠ1** καταπέλυται **V**
 καταπεπάτηται **T^umg** καταπλέπλησται **T^a**11 ποιεῖτε **Π1**

[179]

1 οὖν **Π1¹βfkU** οὖν ἄρα **Π1²** οὐκοῦν **TAld** | οὕτως διαλογι-
 ζομένοις **Π1βfTUAld** οὕτως ἰδίᾳ λογιζομένοις **k**2 νυνὶ **Π1k** νῦν **βfTUAld** | τὰ² **Π1** cf. 57, 177 om. **βfkTUAld**3 μᾶλλον **Π1^ak** μᾶλλον ἢ νῦν **Π1^cβfTUAld**4 δὲ **Π1aVxfkUAld** om. **mgL** καὶ **T** | ὑμᾶς] ὑμῖν **T**5 ἂν **Π1k** om. **βfTUAld**6 ἢ **Π1k** ἢ εἰς **βfTUAld**7 καὶ om. **U**

ἀλλὰ τῷ διαπραξαμένῳ; οὐδείς ἂν ποτ' ἠθέλησεν ἐπα- 1
 σκεῖν. [180] Νῦν δ' οἶμαι διὰ τὸ σπάνιον καὶ τὸ περιμάχητον 1
 καὶ τὸ καλὸν καὶ τὸ ἀείμνηστον ἐκ τῆς νίκης ἐθέλουσιν τι-
 νες τὰ σώματα παρακαταθέμενοι καὶ τὰς μεγίστας ταλαι-
 πωρίας ὑπομείναντες διακινδυνεύειν. Ὑπολάβετε τοῖνυν 5
 ὑμᾶς αὐτοὺς εἶναι ἀγνοητάς πολιτικῆς ἀρετῆς κάκεινο 5
 ἐκλογίσασθε ὅτι, ἐὰν μὲν τὰς δωρεὰς ὀλίγοις καὶ ἀξίοις
 καὶ κατὰ τοὺς νόμους διδῶτε, πολλοὺς ἀγωνιστὰς ἔξετε
 τῆς ἀρετῆς, ἂν δὲ τῷ βουλομένῳ καὶ τοῖς διαπραξαμένοις
 χαρίζησθε, καὶ τὰς ἐπιεικεῖς φύσεις διαφθερεῖτε.

[181] Ὅτι δὲ ὀρθῶς λέγω, ἔτι μικρῷ σαφέστερον ὑμᾶς 1
 βούλομαι διδάξαι. Πότερον ὑμῖν ἀμείνων ἀνὴρ εἶναι δοκεῖ 1
 Θεμιστοκλῆς ὁ στρατηγῆσας ὅτ' ἐν τῇ περὶ Σαλαμίνα ναυ-
 μαχίᾳ τὸν Πέρσην ἐνικᾶτε, ἢ Δημοσθένης ὁ νυνὶ τὴν τά-
 ξιν λιπών; Μιλτιάδης δὲ ὁ τὴν ἐν Μαραθῶνι μάχην 5
 τοὺς βαρβάρους νικήσας, ἢ οὗτος; ἔτι δ' οἱ ἀπὸ Φυλῆς

[179]

9 οὐδείς ἂν Π1βkTU^{mg} οὐδέ fU^aAld | ἐπασκεῖν del. Weidner | εἰς τὰ
 Ὀλύμπια post ἐπασκεῖν add. T

[180]

1 οἶμαι om. k | τὸ² Π1βftUAld om. k
 3 παρακαταθέμενοι Π1βfkTU^aAld D. H. (apud schol. 412b) Stob. cf.
 schol. 412a παραθέμενοι Herwerden
 4 ὑπομείναντες om. Budé-Martin
 5 τῆς ante πολιτικῆς add. TU
 6 ἐκλογίσασθε Π1βfU^{mg}Ald Stob. λογίσασθε k ἀναγλογίσασθε
 TU^a | μὲν Π1βftUAld Stob. om. k
 7 καὶ Π1βfkTU^aAld ἢ Stob.
 8 ἂν Π1k ἐὰν βftUAld Stob. cf. 32, 168, 254
 9 διαφθερεῖτε βfkTU Stob. διαφθείρητε Π1 διαφερεῖτε Ald

[181]

1 ἔτι om. Π1
 3 ἐν Π1βkT om. fUAld, sed cf. infra et 222 | περὶ om. VxTU παρὰ
 mg | σαλαμίνα k σαλαμίνη βftU σαλαμίνοι Π1 σαλαμίνει Ald
 4 τοὺς Πέρσας T | ἐνικᾶτε βftUAld ἐνικήσατε Schindel Dilts
 cf. 2.80; 1.189, 222 νενικήκατε k ἐνικήκατε Π1 | νυνὶ Π1 νῦν k
 om. βftUAld | τὴν τάξιν Π1 amgV^cxLk τὰς τάξεις V^aftUAld
 5.6 τοὺς βαρβ. νικήσας Π1βftUAld νικήσας τοὺς βαρβ. k

φεύγοντα τὸν δῆμον καταγαγόντες; Ἀριστείδης δ' ὁ δίκαιος ἐπικαλούμενος, ὁ τὴν ἀνόμοιον ἔχων ἐπωνυμίαν Δημοσθένει; [182] Ἄλλ' ἔγωγε μὰ τοὺς θεοὺς τοὺς Ὀλυμπίους οὐδ' ἐν ταῖς αὐταῖς ἡμέραις ἄξιον ἠγοῦμαι εἶναι μεμνησθαι τοῦ θηρίου τούτου κάκείνων τῶν ἀνδρῶν. Ἐπιδειξάτω τοίνυν Δημοσθένης ἐν τῷ ἑαυτοῦ λόγῳ εἶ που γέγραπταί τινα τούτων τῶν ἀνδρῶν στεφανῶσαι. Ἀχάριστος ἄρ' ἦν ὁ δῆμος; οὐκ, ἀλλὰ μεγαλόφρων, κάκεῖνοί γε οἱ μὴ τετιμημένοι τῆς πόλεως ἄξιοι· οὐ γὰρ ᾤοντο δεῖν ἐν τοῖς γράμμασι τιμᾶσθαι, ἀλλ' ἐν τῇ μνήμῃ τῶν εὖ πεπονθότων, ἢ ἀπ' ἐκείνου τοῦ χρόνου μέχρι τῆσδε τῆς ἡμέρας ἀθάνατος οὔσα διαμένει. Δωρεὰς δὲ τίνας ἐλάβανον, ἄξιον [ἔστι] μνησθῆναι.

[183] Ἦσάν τινες, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, κατὰ τοὺς τότε καιροὺς, οἱ πολὺν πόνον ὑπομείναντες καὶ μεγάλους κινδύνους ἐπὶ τῷ Στρυμόνι ποταμῷ ἐνίκων μαχόμενοι Μή-

[181]

7 φεύγοντα Π1βfTUAld φεύγοντες k (sic) | καταγαγέντος Π1
7.8 δίκαιος ἐπικαλούμενος Π1VxL^cfkTUAld (def. Schindel ZPE 46)
δίκαιος amgL^a ἐπικαλούμενος del. Baiter-Sauppe cf. 1.25

[182]

1 ἔγωγε βfkTUAld ἐγὼ Π1 cf. 1.55
2 ταῖς αὐταῖς βfkTUAld ταύταις ταῖς Π1 | εἶναι Π1k om. βfTUAld
3 κάκείνων Π1k καὶ ἐκείνων βfTUAld cf. 1.133
4 ἐν – λόγῳ del. Cobet | ἑαυτοῦ Π1k αὐτοῦ βfTUAld ἐμῷ Wackendorf cf. 2.59
5 τούτων τῶν ἀνδρῶν Π1fkUAld τῶν ἀνδρῶν τούτων βT
6 κάκεῖνοί Π1m^cxfkTUAld κάκεῖνό am^agVL κάκεῖνω Simcox | οἱ μὴ τετιμημένοι del. Hamaker Dilts μὴ Π1β kTU^{mg} μὴ οὕτω fU^aAld
7 ἄξιοι Π1βkTU^{mg}Ald ἀνάξιοι fU^a
9 ἢ am^cgkTUAld ἢ (Π1 incert.) m^aVxLf
11 del. Blass ἀξιόν ἐστι Π1fAld ὧν ἀξιόν ἐστι βkTU^{mg} | μνησθῆναι Π1amg^cVxLfkUAld μεμνησθῆναι g^a μεμνησθαι LT

[183]

1 ὧ ἄ. Ἄθ. om. TUAld
2 πόνον om. V^cfTU | ὑπομείναντες Π1m^cg^ck ὑπομείναντες χρόνον am^ag^aVLfTU^aAld ὑπομείναντες πόνον U^{mg} χρόνον ὑπομείναντες πόνον x

δους· οὔτοι δεῦρο ἀφικόμενοι τὸν δῆμον ἤτησαν δωρεὰν
καὶ ἔδωκεν αὐτοῖς ὁ δῆμος τιμὰς μεγάλας, ὡς τότε ἔδοκει, 5
τρεῖς λιθίνους Ἑρμᾶς στήσαι ἐν τῇ στοᾷ τῇ τῶν Ἑρμῶν,
ἐφ' ᾧτε μὴ ἐπιγράφειν τὸ ὄνομα τὸ ἑαυτῶν, ἵνα μὴ τῶν
στρατηγῶν, ἀλλὰ τοῦ δήμου δοκῆ εἶναι τὸ ἐπίγραμμα.
[184] Ὅτι δ' ἀληθῆ λέγω, ἐξ αὐτῶν τῶν ποιημάτων εἴσεσθε. 1

Ἐπιγέγραπται γὰρ ἐπὶ μὲν τῷ πρώτῳ τῶν Ἑρμῶν·
ἦν ἄρα κάκεῖνοι ταλακάρδιοι, οἳ ποτε Μῆδων
παισὶν ἐπ' Ἡϊόνι, Στρυμόνος ἀμφὶ ῥοάς,
λιμόν τ' αἶθωνα κρατερόν τ' ἐπάγοντες Ἄρηα 5
πρώτοι δυσμενέων εὖρον ἀμηχανίην.

Ἐπὶ δὲ τῷ δευτέρῳ·

ἠγεμόνεσσι δὲ μισθὸν Ἀθηναῖοι τάδ' ἔδωκαν
ἀντ' εὐεργεσίας καὶ μεγάλης ἀρετῆς.

[183]

5 καὶ Π1βfTUAld om. k

6 ἐν – ἐρμῶν del. Jacoby | τῆ² βfTAlld om. Π1kU

7 ἐφ' ᾧτε Π1m^gkT ἔφη τε a (ἔφην a) m^ag^aVxLUAlld ἔφησε f | τὸ
ὄνομα τὸ Π1k cf. 185 τὰ ὀνόματα τὰ βfTU Ald

[184]

1 εἴσεσθε βfTUAld γνώσεσθε Π1k

2 γὰρ Π1βfTAlld om. k δὲ U | μὲν τῷ Π1gxfkTUAld τῷ μὲν amV

3 ἦν Π1βfT^aUAld Plu. Tz. ἦσαν kT^cU^mg Apostol. | ἄρα om. T |
τλησικάρδιοι T^aU^a ταληκάρδιοι U^mg

4 παισὶν Π1amgfkTUAld Plu. Apostol. Tz. πᾶσιν VxL

5 κρατερόν Π1βfkTUAld Apostol. κρυερόν Plu. | Ἄρηα] ἔριν U^a,
corr. U^mg

6 εὖρον Π1βkTUAld Plu. Apostol. τεῦκρον f

8 τάδ' ἔδωκεν Π1TU^c Tz. τάδε δῶκεν βfU^aAld τὰ γ' ἔδωκεν
kTU^mg Apostol. τάδε ἐπέδωκεν Plu.

9 μεγάλης ἀρετῆς Π1βfkTUAld Apostol. Tz. μεγάλων ἀγαθῶν Plu.

- μᾶλλον τις τάδ' ἰδὼν καὶ ἐπεσσομένων ἐθελήσει 10
ἀμφὶ ξυνοῖσι πράγμασι μόχθον ἔχειν.
- [185] Ἐπὶ δὲ τῷ τρίτῳ ἐπιγέγραπται Ἑρμῆ· 1
- ἔκ ποτε τῆσδε πόληος ἄμ' Ἀτρείδησι Μενεσθεὺς
ἠγείτο ζάθεον Τρωικὸν ἄμ πεδίον,
ὄν ποθ' Ὀμηρος ἔφη Δαναῶν πύκα χαλκοχιτώνων 5
κοσμητήρα μάχης ἔξοχον ἄνδρα μολεῖν.
οὕτως οὐδὲν ἀεικέες Ἀθηναίοισι καλεῖσθαι
κοσμητὰς πολέμου τ' ἀμφὶ καὶ ἠνορέης.
- Ἔστι που τὸ τῶν στρατηγῶν ὄνομα; οὐδαμοῦ, ἀλλὰ τὸ τοῦ
δήμου.
- [186] Προέλθετε δὴ τῇ διανοίᾳ καὶ εἰς τὴν στοὰν τὴν 1
ποικίλην· ἀπάντων γὰρ ὑμῖν τῶν καλῶν ἔργων τὰ ὑπομνή-
ματα ἐν τῇ ἀγορᾷ ἀνάκειται. Τί οὖν ἐστίν, ὧν ἐγὼ λέγω ἐν-
ταῦθα; ἢ ἐν Μαραθῶνι μάχῃ γέγραπται. Τίς οὖν ἦν ὁ 5
στρατηγός; οὕτωςί μὲν ἐρωτηθέντες ἅπαντες ἀποκρινεῖσθε
- [184]
10 ὡς ante μᾶλλον add. TU | ἐπεσσομένοις Π1^c
11 ἀμφὶ ξυνοῖσι Π1βfT^aU^aAld Tz. χαίρων ἀμφὶ ξυνοῖσι kT^c Apostol.
ἀμφὶ περι ξυνοῖς Plu. ἢ κοινοῖσι U^{ms} (ut vid.) | μόχθον Π1mgVxLfk
TUAld Apostol. πόνον a δῆριν Plu.
- [185]
1 ἐπιγέγραπται βfkTUAld ἐνγέγραπται Π1 | ἐπιγέγραπται Ἑρμῆ
del. Blass
2 πόληος am^ckT^cAld Plu. πόλεως (Π1 incert.) m^agVxLFT^aU
3 ἄμ βfTUAld Tz. ἐς Π1k Plu.
4 χαλκοχιτώνων Π1m^ag^aVxLfkTUAld Tz. περ φρονεόντων a
θωρηκτῶν m^cg^c Plu.
5 κοσμητήρα a^cm^cg^ck Plu. Κοσμητόρα (Π1 incert.) a^am^ag^aVxLFTU
Tz. κοσμητῶρα Ald | ἄνδρα Π1βfkTUAld Tz. ὄντα Plu. | μολεῖν]
μελεῖν Tz.
6 ἀεικέες Π1βkTUAld Plu. Tz. ἀεικεσθ' f
7 κοσμητὰς Π1βfkTUAld Tz. κοσμηταῖς Plu. | τ' om. k
8 ἔστι] ἐνθαῦθ' ἔστι TU | τὸ om. U
- [186]
1 προέλθετε Π1m^cfk προσέλθετε am^agVxLTUAld
2 ὑμῖν Π1βfTUAld ἡμῖν k
3 ἐστίν ὧν ἐγὼ Π1 Blass ἐστίν ὧ ἄνδρες ἀθηναῖοι ὁ βfkTUAld
(ἄνδρες om. TUAld)
4 [ἦν] conī. Blass
5 ἀποκρινεῖσθε Π1^c Dilts cf. 243 ἀποκρίνασθ' ἄν Ald Budé-
-Martin ἀποκρίνεσθε ἄν ag^aVLF^aTU ἀποκρινεῖσθε ἄν m^cg^c
ἄν ἀποκρινεῖσθ' k ἀποκρίνασθε m^ax (-σθαι x) ἀποκρίνοισθ' Π1^a

ὅτι Μιλτιάδης, ἐκεῖ δὲ οὐκ ἐπιγέγραπται. Πῶς; οὐκ ἦτησε
 ταύτην τὴν δωρεάν; ἦτησεν, ἀλλ' ὁ δῆμος οὐκ ἔδωκεν,
 ἀλλ' ἀντὶ τοῦ ὀνόματος συνεχώρησεν αὐτῷ πρώτῳ γραφῆ- 1
 ναι παρακαλοῦντι τοὺς στρατιώτας. [187] Ἐν τοίνυν τῷ μη-
 τρώῳ παρὰ τὸ βουλευτήριον ἦν ἔδοτε δωρεάν τοῖς ἀπὸ
 Φυλῆς φεύγοντα τὸν δῆμον καταγαγοῦσιν, ἔστιν ἰδεῖν. Ἦν
 μὲν γὰρ ὁ τὸ ψήφισμα γράψας καὶ νικήσας Ἀρχῖνος ὁ ἐκ
 Κοίλης, εἷς τῶν καταγαγόντων τὸν δῆμον, ἔγραψε δὲ 5
 πρώτον μὲν αὐτοῖς εἰς θυσίαν καὶ ἀναθήματα δοῦναι χι-
 λίας δραχμάς, καὶ τοῦτ' ἔστιν ἔλαττον ἢ δέκα δραχμαὶ
 κατ' ἄνδρα, ἔπειτα κελεύει στεφανῶσαι θαλλοῦ στεφάνῳ
 αὐτῶν ἕκαστον, ἀλλ' οὐ χρυσῷ· τότε μὲν γὰρ ἦν ὁ τοῦ
 θαλλοῦ στέφανος τίμιος, νυνὶ δὲ καὶ ὁ χρυσοῦς καταπε- 10
 φρόνηται. Καὶ οὐδὲ τοῦτο εἰκῆ πράξει κελεύει ἀλλ' ἀκρι-
 βῶς τὴν βουλήν σκεψαμένην ὅσοι ἐπὶ Φυλῆ ἔπολιορκήθη-
 σαν, ὅτε Λακεδαιμόνιοι καὶ οἱ τριάκοντα προσέβαλλον τοῖς
 καταλαβοῦσι Φυλῆν, οὐχ ὅσοι τὴν τάξιν ἔλιπον ἐν Χαιρω-
 νείᾳ τῶν πολεμίων ἐπιόντων. Ὅτι δ' ἀληθῆ λέγω, ἀναγνώ- 15
 σεται ὑμῖν τὸ ψήφισμα.

[186]

7 ταύτην τὴν δωρεάν Π1k τὴν δωρεάν ταύτην βfTUAlD
 8 αὐτῷ πρώτῳ Π1 (ut vid.) βfTUAlD αὐτῷ γρ. πρώτῳ k

[187]

2 παρὰ τὸ βουλευτήριον del. Bake Dilts
 3 φεύγοντα βkTU^cAlD φεύγοντας fU^a
 4 γὰρ om. U | γράψας καὶ om. k fort. recte cf. 63, 68
 5 καταγαγόντων βkTAlD ἀγαγόντων fU
 6 αὐτοῖς post θυσίαν a
 8 ἄνδρα k ἄνδρα ἕκαστον βfTUAlD | στεφανῶσαι k cf. 2.46
 στεφανοῦσθαι βfTUAlD
 9 αὐτῶν βfTUAlD αὐτὸν k [αὐτῶν ἕκαστων] conl. Blass (hiat.) |
 ὁ βfTUAlD καὶ ὁ k
 10 νυνὶ βfTUAlD νῦν k | καὶ om. U | χρυσοῦς βkU^{mg} χρυσὸς
 fTU^aAlD
 12 ὅσοι k ὅσοι αὐτῶν βfTUAlD | φυλῆ βT cf. Lys. 12.52 φυλῆς
 fkUAlD
 13 ὅτε mgVxLfTUAlD ὅι τε ak
 14 ἐν χαιρωνείᾳ del. Weidner

Ψήφισμα περὶ δωρεᾶς τοῖς ἀπὸ Φυλῆς

[188] Παρανάγνωθι δὴ καὶ ὁ γέγραφε Κτησιφῶν Δημο- 1
σθένει τῶ τῶν μεγίστων αἰτίῳ κακῶν.

Ψήφισμα

Τούτῳ τῶ ψηφίσματι ἐξαλείφεται ἡ τῶν καταγαγόντων 5
τὸν δῆμον δωρεά. Εἰ τοῦτ' ἔχει καλῶς, ἐκεῖνο αἰσχρῶς· εἰ
ἐκεῖνοι κατ' ἀξίαν ἐτιμήθησαν, οὗτος ἀνάξιος ὢν στεφανα-
νοῦται.

[189] Καίτοι πυνθάνομαί γ' αὐτὸν μέλλειν λέγειν ὡς οὐ 1
δίκαια ποιῶ παραβάλλων αὐτῶ τὰ τῶν προγόνων ἔργα·
οὐδὲ γὰρ Φιλάμμωνα φήσει τὸν πύκτην Ὀλυμπίασι στεφανα-
νωθῆναι νικήσαντα Γλαῦκον τὸν παλαιὸν ἐκεῖνον πύκτην,
ἀλλὰ τοὺς καθ' ἑαυτὸν ἀγωνιστάς, ὥσπερ ὑμᾶς ἀγνοοῦντας 5
ὅτι τοῖς μὲν πύκταις ἐστὶν ὁ ἀγὼν πρὸς ἀλλήλους, τοῖς
δ' ἀξιοῦσι στεφανοῦσθαι πρὸς αὐτὴν τὴν ἀρετὴν, ἧς καὶ
ἔνεκα στεφανοῦνται. Δεῖ γὰρ τὸν κήρυκα ἀψευδεῖν ὅταν
τὴν ἀνάρρησιν ἐν τῶ θεάτρῳ ποιῆται πρὸς τοὺς Ἑλληνας.
Μὴ οὖν ἡμῖν ὡς Παταικίωνος ἄμεινον πεπολίτευσαι διέξιθι, 10
ἀλλ' ἐφικόμενος τῆς ἀνδραγαθίας, οὕτω τὰς χάριτας τὸν
δῆμον ἀπαίτει.

[187]

17 tit. om. **βT** | τοῖς] τῆς **U**

[188]

1 δὴ om. **βfTUAl**d2 αἰτίῳ κακῶν **k** κακῶν αἰτίῳ **βfTUAl**d3 tit. om. **agVx**5 τὸν δῆμον om. **kU^a** | εἰ τοῦτ' **βkTU^{mg}** εἴτ' **fU^aAl**d

[189]

3 φιλάμμωνα **βkAl**d (-μ- **Al**d) φιλάμμωνα **fTU** (-μ- **T**) | φήσει **fUAl**dφησι **βT** φῆ **k**4 ἐκεῖνον om. **k**5 ὑμᾶς **βTAl**d ἡμᾶς **fkU**6 ὁ om. **fTU** ἀγῶν Franke7 καὶ om. **k**

[190] Ἴνα δὲ μὴ ἀποπλανῶ ὑμᾶς ἀπὸ τῆς ὑποθέσεως, 1
ἀναγνώσεται ὑμῖν ὁ γραμματεὺς τὸ ἐπίγραμμα ὃ ἐπιγέγρα-
πται τοῖς ἀπὸ Φυλῆς τὸν δῆμον καταγαγοῦσιν.

Ἐπίγραμμα

Τούσδ' ἀρετῆς ἔνεκα στεφάνοις ἐγέραιρε παλαίχθων 5
δῆμος Ἀθηναίων, οἳ ποτε τοὺς ἀδίκους
θεσμοῖς ἄρξαντας πόλεως πρῶτοι καταπαύειν
ἤρξαν, κίνδυνον σώμασιν ἀράμενοι.

[191] Ὅτι τοὺς παρὰ τοὺς νόμους ἄρξαντας κατέλυσαν, 1
διὰ τοῦτ' αὐτοὺς φησιν ὁ ποιητὴς τιμηθῆναι. Ἐναυλον γὰρ
ἦν ἔτι τότε πᾶσιν ὅτι τηρικαῦτα ὁ δῆμος κατελύθη ἐπειδὴ
τινες τὰς γραφὰς τῶν παρανόμων ἀνεῖλον. Καὶ γὰρ τοι, ὡς
ἐγὼ τοῦ πατρὸς τοῦ ἑμαυτοῦ ἐπυνθανόμην, ὅς ἔτη βιοῦς 5
ἐνενήκοντα καὶ πέντε ἐτελεύτησεν, ἀπάντων μετασχὼν τῶν
πόνων τῇ πόλει, ὅς πολλάκις πρὸς ἐμὲ διεξῆει ἐπὶ σχολῆς
ἔφη γάρ, ὅτε ἀρτίως κατεληλύθει ὁ δῆμος, εἴ τις εἰσίοι
γραφὴν παρανόμων εἰς δικαστήριον, εἶναι ὅμοιον τὸ ὄνομα
καὶ τὸ ἔργον. Τί γάρ ἐστιν ἀνοσιώτερον ἀνδρὸς παράνομα 10
λέγοντος καὶ πράττοντος; [192] καὶ τὴν ἀκρόασιν, ὡς 1
ἐκεῖνος ἀπήγγελλεν, οὐ τὸν αὐτὸν τρόπον ἐποιοῦντο, ὥσπερ

[190]

4 tit. om. ag

5 ἐγέραιρε Blass

6 ἀδίκους] ἀδικους U^a (-ης U^{sl}), corr. U^{mg}

7 θεσμοῖς] νόμοις U^{mg} | πόλιος πρῶτοι k, corr. Franke πρῶτοι πόλεως

βfTU^aAld πρῶτοι ἤρξαν πόλεως U^{mg}

[191]

1 παρὰ τοὺς νόμους βfTU^aAld παρανόμως k

3 ὅτι βfTU^aAld ὅτε k

7 ὅς fkTU^{mg}Ald οὗς Markland Dilts ὥστε Weidner ὡς U^a

8 εἰσίοι βfTU εἰσῆει kAld

9 γραφὴ q Bake cf. 197, sed cf. Dem. 18.105; 28.17; 59.121

10 ἔργον <καὶ πικρότατα ἐδίκάζον οἱ τότε εἰκότως> Dobree

[192]

2 ἐποιοῦντο βkTU ἐποίουν fAld

νῦν γίνεταί, ἀλλ' ἦσαν πολὺ χαλεπώτεροι οἱ δικασταὶ τοῖς
 τὰ παράνομα γράφουσιν αὐτοῦ τοῦ κατηγοροῦ, καὶ πολλὰ-
 κικς ἀνεπόδιζον τὸν γραμματέα καὶ ἐκέλευον πάλιν ἀναγι- 5
 γνῶσκαι τοὺς νόμους καὶ τὸ ψήφισμα, καὶ ἠλίσκοντο οἱ
 τὰ παράνομα γράφοντες, οὐκ εἰ πάντας παραπηδήσειαν
 τοὺς νόμους, ἀλλ' εἰ μίαν μόνον συλλαβὴν παραλλάξειαν.
 Τὸ δὲ νυνὶ γιγνόμενον πρᾶγμα ὑπερκαταγέλαστόν ἐστιν· ὁ
 μὲν γὰρ γραμματεὺς ἀναγιγνώσκει τὸ παράνομον, οἱ δὲ δι- 10
 κασταὶ ὡσπερ ἐπωδὴν ἢ ἀλλότριόν τι πρᾶγμα ἀκροώμενοι,
 πρὸς ἑτέρῳ τινὶ τὴν γνώμην ἔχουσιν.

[193] Ἦδη δ' ἐκ τῶν τεχνῶν τῶν Δημοσθένους αἰσχροὺν 1
 ἔθος ἐν τοῖς δικαστηρίοις παραδέχεσθε. Μετενήκεται γὰρ
 ὑμῖν τὰ τῆς πόλεως δίκαια· ὁ μὲν γὰρ κατηγορὸς ἀπο-
 λογεῖται, ὁ δὲ φεύγων τὴν γραφὴν κατηγορεῖ, οἱ δὲ δικα- 5
 σταὶ ἐνίοτε ὧν μὲν εἰσι κριταὶ ἐπιλανθάνονται, ὧν δ' οὐκ
 εἰσὶ δικασταί, περὶ τούτων ἀναγκάζονται τὴν ψῆφον φέ-
 ρειν· λέγει δὲ ὁ φεύγων, ἂν ἄρα ποθ' ἄψηται τοῦ πράγ-
 ματος, οὐχ ὡς ἔνομα γέγραφεν, ἀλλ' ὡς ἦδη ποτὲ καὶ

[192]

3 οἱ om. **k**4 τὰ om. **fkU**7 τὰ om. **βfTUAlD** | παραπηδήσειαν **βfkTU^aAlD**, corr. Franke
 ὑπερπηδ. Bernardus cf. 12, 200, 202 παραποιήσειαν **U^{mg}**8 παραλλάξειαν **f** παραλλάξειαν **βkTUAlD**10 γὰρ om. **U**

11 ἢ ἀλλότριόν τι] ἢ ἄλλο τι ἀλλότριον Prisc.

[193]

1 τῶν² **βfTUAlD** τοῦ **k** | αἰσχροὺν] κακὸν S. E.2 ἐν – παραδέχεσθε] εἰς τὰ δικαστήρια παρηλθε S. E. | παραδέδεχθε (cf.
 1.178) vel παρεδέξασθε Reiske3 ἡμῖν **k**, corr. Markland ὑμῶν **βfTUAlD** | ἀπολογεῖται **βkTU^{mg}AlD**
 ἀπολεῖται **fU^a**

4 δικασταὶ del. Cobet cf. 1.175

6 ἀναγκάζονται – φέρειν] ψηφοφορεῖν ἀναγκάζονται S. E. | φέρειν
am^ag^aVxLfkTUAlD ἐκφέρειν **m^cg^c**7 ἂν **βfTU^aAlD** ἐὰν **kU^{mg}** | ἄψηται] ἄψητε **U^a**, corr. **U^{mg}**8 ποτὲ om. **U**

πρότερον ἕτερος τοιαῦτα γράψας ἀπέφυγεν. Ἐφ' ᾧ καὶ νυνὶ
 μέγα φρονεῖν ἀκούω Κτησιφῶντα. [194] Ἐτόλμα δ' ἐν ὑμῖν 1
 ποτε σεμνύνεσθαι Ἀριστοφῶν ἐκεῖνος ὁ Ἀζηνιεὺς λέγων
 ὅτι γραφὰς παρανόμων ἀπέφυγεν ἑβδομήκοντα καὶ πέντε.
 Ἀλλ' οὐχὶ Κέφαλος ὁ παλαιὸς ἐκεῖνος, ὁ δοκῶν δημοτικώ- 5
 τατος γεγονέναι, οὐχ οὕτως, ἀλλ' ἐπὶ τοῖς ἐναντίοις ἐφιλο-
 τιμεῖτο, λέγων ὅτι πλεῖστα πάντων γεγραφῶς ψηφίσματα,
 οὐδεμίαν πώποτε γραφὴν πέφευγε παρανόμων, καλῶς οἶ-
 μαι σεμνυόμενος. Ἐγράφοντο γὰρ ἀλλήλους παρανόμων οὐ
 μόνον οἱ διαπολιτευόμενοι, ἀλλὰ καὶ οἱ φίλοι τοὺς φίλους,
 εἴ τι ἐξαμαρτάνοιεν εἰς τὴν πόλιν. [195] Ἐκεῖθεν δὲ τοῦτο 1
 γνώσεσθε. Ἀρχῖνος γὰρ ὁ ἐκ Κοίλης ἐγράψατο παρανόμων
 Θρασύβουλον τὸν Στεριέα, [γράψαντά τι παρὰ τοὺς 5
 νόμους] ἕνα τῶν συγκατελθόντων αὐτῷ ἀπὸ Φυλῆς, καὶ
 εἶλε νεωστὶ γεγενημένων αὐτῷ τῶν εὐεργεσιῶν, ἃς οὐχ
 ὑπελογίσαντο οἱ δικασταί· ἠγοῦντο γάρ, ὥσπερ τότε αὐ-
 τοὺς φεύγοντας ἀπὸ Φυλῆς Θρασύβουλος κατήγαγεν, οὕτω

[193]

9 τοιαῦτα **βftUAld** τσαῦτα **k** | νυνὶ **βtUAld** νῦν **fk**
 10 μέγα φρονεῖν **βftU^aAld** μεγαλοφρονεῖν **kU^{sl}**

[194]

3 ἀπέφυγεν **k** πέφευγεν **βftUAld**
 4 οὐχὶ **βftUAld** οὐχ **k** | κέφαλος cod. **Flor.** ὁ κέφαλος **βfkTU**
 7 γραφὴν πέφευγε **βftUAld** γραφὴν ἔφευγε **k** ἔφευγε γραφὴν
 Π12 ἔφυγε fort. Π12 Cobet
 8 γὰρ **βfkTUAld** δὲ Π12
 10 ἐξαμαρτάνοιεν **βfkTAld** ἐξαμαρτάνοιεν Π12 ἐξαμαρτάνοι **U**

[195]

1 τοῦτο] τούτῳ **U^a**, corr. **U^{sl}**
 3 del. Dobree cf. infra 8 | τι om. **k** del. Markland
 4 ἕνα **f^a** στεφανοῦν ἕνα **βf^akTUAld** schol. 3.195.435 | συγκατελθόντων
 αὐτῷ ἀπὸ φυλῆς **βfkTUAld** ἀπὸ φυλῆς αὐτῷ συγκατελθόντων **I**
 Blass (hiat.)
 6 ὑπελογίσαντο **βkT** ἐλογίζοντο **f** ὑπελογίζοντο **Π12UAld** |
 δικασταί **βfkTUAld** δικασταί αὐτῷ **Π12**
 7 ἀπὸ φυλῆς del. Dobree

νῦν μένοντας ἐξελαύνειν γράφοντά τι παρὰ τοὺς νόμους.
[196] Ἄλλ' οὐ νῦν, ἀλλὰ πᾶν τούναντίον γίνεται· οἱ γὰρ 1
 ἀγαθοὶ στρατηγοὶ ὑμῖν καὶ τῶν τὰς σιτήσεις τινὲς εὐρημέ-
 νων ἐν πρυτανείῳ ἐξαιτοῦνται τὰς γραφὰς τῶν παρανόμων,
 οὓς ὑμεῖς ἀχαρίστους εἶναι δικαίως ἂν ὑπολαμβάνοιτε· εἰ 5
 γὰρ τις ἐν δημοκρατίᾳ τετιμημένος, ἐν τοιαύτῃ πολιτείᾳ
 ἦν οἱ θεοὶ καὶ οἱ νόμοι σῶζουσι, τολμᾷ βοηθεῖν τοῖς τὰ
 παράνομα γράφουσι, καταλύει τὴν πολιτείαν, ὑφ' ἧς τετί-
 μηται.

[197] Τίς οὖν ἀποδέδεικται λόγος ἀνδρὶ δικαίῳ συνηγόρῳ, 1
 ἐγὼ λέξω. Εἰς τρία μέρη διαιρεῖται ἡ ἡμέρα, ὅταν εἰσὶν
 γραφὴ παρανόμων εἰς τὸ δικαστήριον. Ἐγχεῖται γὰρ τὸ μὲν
 πρῶτον ὕδωρ τῷ κατηγορῶ καὶ τοῖς νόμοις καὶ τῇ δημο- 5
 κρατίᾳ, τὸ δὲ δεύτερον ὕδωρ τῷ τὴν γραφὴν φεύγοντι
 καὶ τοῖς εἰς αὐτὸ τὸ πρᾶγμα λέγουσιν· ἐπειδὴν δὲ τῇ
 πρώτῃ ψήφῳ λυθῆ τὸ παράνομον, ἤδη τὸ τρίτον ὕδωρ ἐγ-
 χεῖται τῇ τιμῆσει καὶ τῷ μεγέθει τῆς ὀργῆς τῆς ὑμετέρας.

[195]

8 μένοντας **Π12β^fkT^aAld** μέλλοντας **f^aT^aU** | γράφοντά τι παρὰ
 τοὺς νόμους **Π12k** παρὰ τοὺς νόμους post ἐξελαύνειν **βfTUAlD**
 παρὰ – νόμους del. Dobree | τοὺς ante παρὰ add. **T**

[196]

1 ἀλλὰ πᾶν **Π12kT** ἀλλ' ἅπαν **βfUAlD**
2 στρατηγοὶ **Π12βkTU^{mg}Ald** στρατιῶται **fU^a** | ὑμῖν **k** ὑμῶν **βfAlD**
 del. Sauppe (**Π12** incert.) ἡμῶν **TU**
3 ἐν **Π12** et Schultz schol. 178; 2.80; Dem. 19.330 ἐν τῷ **βfkTUAlD** |
 ἐν τῷ πρυτανείῳ del. Weidner
4 εἶναι δ. ἂν **βfkTUAlD** ἂν εἶναι δ. **Π12** | ὑπολαμβάνοιτε **βfTUAlD**
 ὑπολαμβάνητε **k** ὑπολάβοιτε **Π12**
6 τὰ **Π12** et Weidner cf. 7, 11, 192 om. **βfkTAlD** τοῖς **U**

[197]

1 δικαίῳ συνηγόρῳ **Π12k Dilts** συνηγόρῳ δικαίῳ καὶ σώφρονι
mg Budé-Martin δικαίῳ συνηγόρῳ καὶ σώφρονι **aVxLfT^aUAlD**
 δικαίῳ καὶ σώφρονι **T^a**
3 τὸ' om. **k**
5 ὕδωρ del. Weidner Dilts
7 ψήφῳ **Π12k** cf. 8 ψήφῳ μὴ **βfTUAlD**
8 τιμῆσει] τιμωρία **U^{mg}**

[198] Ὅστις μὲν οὖν ἐν τῇ τιμήσει τὴν ψῆφον αἰτεῖ, τὴν 1
 ὄργην τὴν ὑμετέραν παραιτεῖται· ὅστις δ' ἐν τῷ πρώτῳ
 λόγῳ τὴν ψῆφον αἰτεῖ, ὄρκον αἰτεῖ, νόμον αἰτεῖ, δημοκρα-
 τίαν αἰτεῖ, ὧν οὔτε αἰτῆσαι οὐδὲν ἐστὶν ὅσιον οὐδενί, οὔτ'
 αἰτηθέντα ἐτέρῳ δοῦναι. Κελεύσατε οὖν αὐτούς, ἐάσαντας 5
 ὑμᾶς τὴν πρώτην ψῆφον κατὰ τοὺς νόμους διενεγκεῖν,
 ἀπαντᾶν εἰς τὴν τίμησιν. [199] Ὅλωσ δ' ἔγωγε, ὧ ἄνδρες 1
 Ἀθηναῖοι, ὀλίγου δέω εἰπεῖν ὡς καὶ νόμον δεῖ τεθῆναι ἐπὶ
 ταῖς γραφαῖς μόναις <ταῖς> τῶν παρανόμων, μὴ ἐξεῖναι
 μήτε τῷ κατηγορῷ συνηγόρους παρασχέσθαι, μήτε τῷ τὴν 5
 γραφὴν τῶν παρανόμων φεύγοντι. Οὐ γὰρ ἀόριστόν ἐστι τὸ
 δίκαιον, ἀλλ' ὠρισμένον τοῖς νόμοις τοῖς ὑμετέροις. Ὡσπερ
 γὰρ ἐν τῇ τεκτονικῇ, ὅταν εἰδέναι βουλώμεθα τὸ ὀρθὸν
 καὶ τὸ μῆ, τὸν κανόνα προσφέρομεν, ᾧ διαγιγνώσκεται, 1
 [200] οὕτω καὶ ἐν ταῖς γραφαῖς ταῖς τῶν παρανόμων παρὰ-

[198]

2 πρώτῳ λόγῳ **βfkTUAld** Alex. (cod. Paris 1741) συλλόγῳ Alex.
 (vulg.)

3 αἰτεῖ¹] αἰτεῖς Alex. | ὄρκον αἰτεῖ νόμον αἰτεῖ **Π12 Ald** Alex. Tib. Phoeb.
 Plan. νόμον αἰτεῖ ὄρκον αἰτεῖ **kT** ὄρκον αἰτεῖ om. **βfU** *ut periurent*
rogas ut existimationem neglegant rogas ut leges tuae libidini largiantur
rogas Rhet. Her. | αἰτεῖ^{2,3}] αἰτεῖς Alex. | αἰτεῖ³ et **4**] αἰτεῖς Phoeb. *Rhet. Her.*

4 ἐστὶν **Π12k** om. **βfTUAld**

6 ὑμᾶς τὴν πρώτην **Π12** (ut vid.) **βfTUAld** τὴν πρώτην ὑμᾶς **k**

[199]

2 ἔδει coni. Blass

3 ταῖς² add. Weidner Dilts, om. **fkTUAld**, cf. 200 | μόναις **Π12k**
 μόνον **βfTUAld** |

4 συνηγόρους παρασχέσθαι post 5 φεύγοντι **Π12** | παρέχεσθαι **U^aAld**
 παρέσθαι **U^me** | τὴν – 5 παρανόμων del. Franke τῶν παρανόμων del.
 Weidner, sed vid. 191, 194

6 ἀλλ' ὠρισμένον Budé-Martin Dilts ἀλλ' ὡς ὀρισμένον **U** ἀλλ'
 ὡς ὠρισμένου corr. Hernández

[200]

1 ταῖς² om. **βfTUAld**

κεται κανὼν τοῦ δικαίου τουτὶ τὸ σανίδιον, [καί] τὸ ψήφισμα καὶ οἱ παραγεγραμμένοι νόμοι. Ταῦτα συμφωνοῦντα ἀλλήλοις ἐπιδείξας κατὰβαινε· καὶ τί δεῖ σε Δημοσθένην παρακαλεῖν; ὅταν δ' ὑπερπηδήσας τὴν δικαίαν ἀπολογίαὶν παρακαλῆς κακοῦργον ἄνθρωπον καὶ τεχνίτην λόγων, κλέπτεις τὴν ἀκρόασιν, βλάπτεις τὴν πόλιν, καταλύεις τὴν δημοκρατίαν.

[201] Τίς οὖν ἐστὶν ἀποτροπὴ τῶν τοιούτων λόγων, ἐγὼ προερῶ. Ἐπειδὴν προελθὼν ἐνταυθοῖ Κτησιφῶν διεξέλθη πρὸς ὑμᾶς τοῦτο δὴ τὸ συντεταγμένον αὐτῷ προοίμιον, ἔπειτ' ἐνδιατρίβη καὶ μὴ ἀπολογῆται, ὑπομνήσατ' αὐτὸν ἄνευ θορύβου τὸ σανίδιον λαβεῖν καὶ τοὺς νόμους τῷ ψήφισματι παραναγνῶναι. Ἐὰν δὲ μὴ προσποιῆται ὑμῶν ἀκούειν, μηδὲ ὑμεῖς ἐκείνου ἐθέλετε ἀκούειν· οὐ γὰρ τῶν φευγόντων τὰς [οὐ] δικαίας ἀπολογίας εἰσεληλύθατε ἀκροασόμενοι, ἀλλὰ τῶν ἐθελόντων δικαίως ἀπολογεῖσθαι.

[202] Ἐὰν δ' ὑπερπηδήσας τὴν δικαίαν ἀπολογίαὶν Δημοσθένην παρακαλῆ, μάλιστα μὲν μὴ προσδέχεσθε σοφιστὴν οἰόμενον ῥήμασι τοὺς νόμους ἀναιρήσειν, μηδ' ἐν ἀρετῇ τοῦθ' ὑμῶν μηδεὶς καταλογιζέσθω, ὅς ἂν ἐπανερομένου Κτησι-

[200]

2 del. Sauppe

[201]

2 προερῶ **k** ἐρῶ **βfTUAld** δὲ ἐρῶ **U** | προελθὼν **k** προσελθὼν **βfTUAld**

5 ἄνευ θορύβου **βfTUAld** cf. 2 ἀθορύβως **k**

6 ἀκούειν del. Weidner

8 om. cod. **Flor.** del. Hamaker

[202]

1 ἐὰν δ'] ἂν τοίνυν κτησιφῶν **Io. Sic.**

1.2 δημοσθένην παρακαλῆ **kT Io. Sic.** παρακαλῆ δημοσθένην **β** παρακαλῆ δημοσθένει **f** δημοσθένη παρακαλῆ **UAld**

2 μὴν μὴ] δὲ **Io. Sic.** | προσδέχεσθε **βfTUAld Io. Sic.** προσδέχεσθαι **k** | σοφιστὴν **k Io. Sic.** κακοῦργον ἄνθρωπον **βfTUAld** | σοφιστὴν – 3 ἀναιρήσειν **deleverit Bake** cf. 16

3 ῥήμασι om. **k Io. Sic.**

φώντος εἰ καλέσῃ Δημοσθένην, πρῶτος ἀναβοήσῃ ‘κάλει, 5
 κάλει.’ Ἐπὶ σαυτὸν καλεῖς, ἐπὶ τοὺς νόμους καλεῖς, ἐπὶ τὴν
 δημοκρατίαν καλεῖς. Ἄν δ’ ἄρα ὑμῖν δόξῃ ἀκούειν, ἀξιώ-
 σατε τὸν Δημοσθένην τὸν αὐτὸν τρόπον ἀπολογεῖσθαι
 ὄνπερ κάγῳ κατηγόρηκα. Ἐγὼ δὲ πῶς κατηγόρηκα; ἵνα
 καὶ ὑπομνήσω ὑμᾶς. 10

[203] Οὔτε τὸν ἴδιον βίον τὸν Δημοσθένους πρότερον διε- 1
 ξήλθον, οὔτε τῶν δημοσίων ἀδικημάτων οὐδενὸς πρότερον
 ἐμνήσθην, ἄφθονα δήπου καὶ πολλὰ ἔχων λέγειν, ἢ πάντων
 γ’ ἂν εἶην ἀπορώτατος· ἀλλὰ πρῶτον μὲν τοὺς νόμους ἐπέ- 5
 δεῖξα ἀπαγορεύοντας μὴ στεφανοῦν τοὺς ὑπευθύνους,
 ἔπειτα τὸν ῥήτορα ἐξήλεγξα γράψαντα Δημοσθένην ὑπεύ-
 θυνον ὄντα στεφανοῦν οὐδὲν προβαλλόμενον, οὐδὲ προσεγ-
 γράψαντα ‘ἐπειδὴν δῶ τὰς εὐθύνας,’ ἀλλὰ παντελῶς καὶ
 ὑμῶν καὶ τῶν νόμων καταπεφρονηκότα· καὶ τὰς ἐσομένας 10
 πρὸς ταῦτα προφάσεις εἶπον, ἃς ἀξιῶ καὶ ὑμᾶς διαμνημο-
 νεύειν. [204] Δεύτερον δ’ ὑμῖν διεξήλθον τοὺς περὶ τῶν κη- 1
 ρυγμάτων νόμους, ἐν οἷς διαρρήδην ἀπείρηται τὸν ὑπὸ τοῦ
 δήμου στεφανούμενον μὴ κηρύττεσθαι ἔξω τῆς ἐκκλησίας

[202]

5 καλέσῃ Bekker cf. 2.64, 68 καλέσω **βT^a** Io. Sic. καλέσει **fT^aUAld**
 καλέσεις **k** | ἀναβοήσῃ **βf TU** ἀναβοήσει **kAld** Io. Sic.
 6 ἐπὶ – καλεῖς¹ post καλεῖς² Hermog. Io. Sic. | ἐπὶ² – καλεῖς om. Io. Sic. |
 ἐπὶ² – 7 καλεῖς om. **U** | τὴν om. **k**
 7 δ’ om. **fU** Io. Sic. | ὑμῖν] ὑμῶν **TU** | δόξῃ **βfkTUAld** δόκη Io. Sic.
 9 κάγῳ κατηγόρηκα **amgV^kTU** κατηγόρηκα om. **xLfAld**
 κατηγόρηκα ἐγὼ Io. Sic. | ἐγὼ δὲ **βkTU** ὤδε **fAld** | πῶς κατηγόρηκα
 post δὲ add. **U^{mg}**

[203]

1 τὸν² **βfTU** τοῦ **kAld**
 2 ἀδικημάτων **βfTUAld** τῶν ἀδικημάτων ante τῶν δημοσίων **k**
 3 ἔχων λέγειν **βfTUAld** λέγειν ἔχων **k**
 4 ἐπέδειξα ante τοὺς **k**
 7 προβαλλόμενον **βfkTUAld**, corr. Stephanus | προσγράψαντα codd.
hgT cf. 11
 10 ταῦτα **m^eVkT** ταύτας **am^agxLfUAld** | προφάσεις] φρονῆται **T**

ὁ δὲ ῥήτωρ ὁ φεύγων τὴν γραφὴν οὐ τοὺς νόμους μόνον
 παραβέβηκεν, ἀλλὰ καὶ τὸν καιρὸν τῆς ἀναρρήσεως καὶ 5
 τὸν τόπον, κελεύων οὐκ ἐν τῇ ἐκκλησίᾳ, ἀλλ' ἐν τῷ θεά-
 τρῳ τὴν ἀνάρρησιν γίγνεσθαι, οὐδ' ἐκκλησιαζόντων Ἀθη-
 ναίων, ἀλλὰ μελλόντων τραγωδῶν εἰσιέναι. Ταῦτα δ' εἰ-
 πὼν μικρὰ μὲν περὶ τῶν ἰδίων εἶπον, τὰ δὲ πλεῖστα περὶ 1
 τῶν δημοσίων ἀδικημάτων. [205] Οὕτω δὴ καὶ τὸν Δημοσθέ-
 νην ἀξιῶσατε ἀπολογεῖσθαι, πρὸς τὸν τῶν ὑπευθύνων
 νόμον πρῶτον, πρὸς τὸν περὶ τῶν κηρυγμάτων δεύτερον,
 τρίτον δὲ τὸ μέγιστον λέγω, ὡς οὐδὲ ἀνάξιός ἐστι τῆς 5
 δωρεᾶς. Ἐὰν δ' ὑμῶν δέηται συγχωρῆσαι αὐτῷ περὶ τῆς τά-
 ξεως τοῦ λόγου, κατεπαγγελόμενος ὡς ἐπὶ τῇ τελευτῇ τῆς
 ἀπολογίας λύσει τὸ παράνομον, μὴ συγχωρεῖτε, μηδ' ἀγνο-
 εῖθ' ὅτι πάλαισμα τοῦτ' ἐστὶ δικαστηρίου· οὐ γὰρ εἰσαυ-
 θίς ποτε βούλοιτ' ἂν πρὸς τὸ παράνομον ἀπολογεῖσθαι, 10
 ἀλλ' οὐδὲν ἔχων δίκαιον εἰπεῖν ἐτέρων παρεμβολῇ πραγμά-
 των εἰς λήθην ὑμᾶς βούλεται τῆς κατηγορίας ἐμβαλεῖν.
 [206] Ὡσπερ οὖν ἐν τοῖς γυμνικοῖς ἀγῶσιν ὁρᾶτε τοὺς πύ- 1
 κτας περὶ τῆς στάσεως ἀλλήλοις διαγωνιζομένους, οὕτω

[204]

4 φεύγων **βkTAld** φυγῶν **fU**

5 τῆς om. **U**

7 οὐδ' **βfTUAlD** οὐκ **k**

10 ἀδικημάτων **fTU** ἀδικημάτων λέγω **βkAlD**

[205]

3 πρὸς τὸν **k** om. **fU** καὶ τὸν **βTAld** τὸν **Blass**

4 τὸ] ὁ **Bekker** | λέγω **del. Blass Dilts** λεγέτω **Hamaker** | οὐδὲ ἀνά-
 ξιός **m^ak** οὐκ ἀνάξιός **f** οὐδ' ἄξιός **ag^aVxLTUAlD** οὐδὲν
 ἀνάξιός **m^cg^c**

6 τῆς τελευτῆς **U**

7 συγχωρεῖτε **amgxL^ckTUAlD** συγχωρῆτε **VL^af** | μηδ' ἀγνοεῖσθ'
T^cAlD om. **aLf** μηδ' ἀνήθ' **VT^a** μηδ' ἀγνοεῖθ' **U**

9 βούλοιτ' ἂν **m^cg^ck** βούλεται **am^ag^aVxLTUAlD** βουλεύεται **f**

[206]

2 ἀλλήλοις **m^ck** ἀλλήλους **am^ag^aVxLT** πρὸς ἀλλήλους **fUAlD**

καὶ ὑμεῖς ὄλην τὴν ἡμέραν ὑπὲρ τῆς πόλεως περὶ τῆς τά-
 ξεως αὐτῶ τοῦ λόγου μάχεσθε καὶ μὴ ἔατε αὐτὸν ἔξω τοῦ
 παρανόμου [λόγους] περιστάσθαι, ἀλλ' ἐγκαθήμενοι καὶ 5
 ἐνεδρεύοντες ἐν τῇ ἀκροάσει, εἰσελαύνετε αὐτὸν εἰς τοὺς
 τοῦ παρανόμου λόγους, καὶ τὰς ἐκτροπὰς αὐτοῦ τῶν λόγων
 ἐπιτηρεῖτε. [207] Ἀλλ' ἃ δὴ συμβήσεται ὑμῖν, ἐὰν τοῦτον τὸν 1
 τρόπον τὴν ἀκρόασιν ποιήσησθε, ταῦθ' ὑμῖν ἤδη δίκαιός
 εἴμι προειπεῖν. Ἐπεισάξει γὰρ τὸν γόητα καὶ βαλλαν-
 τιοτόμον καὶ διατετμηκότα τὴν πολιτείαν. Οὗτος κλάει μὲν
 ῥᾶον ἢ οἱ ἄλλοι γελῶσιν, ἐπιορκεῖ δὲ πάντων προχειρό- 5
 τατα· οὐκ ἂν θαυμάσαιμι δὲ εἰ μεταβαλλόμενος τοῖς ἔξωθεν
 περιεστηκόσι λοιδορήσεται, φάσκων τοὺς μὲν ὀλιγαρχικούς
 ὑπ' αὐτῆς τῆς ἀληθείας διηριθμημένους ἦκειν πρὸς τὸ
 τοῦ κατηγοροῦ βῆμα, τοὺς δὲ δημοτικούς πρὸς τὸ τοῦ
 φεύγοντος. [208] Ὅταν δὴ τὰ τοιαῦτα λέγη, πρὸς μὲν τοὺς 1

[206]

3 περὶ **βkT** καὶ περὶ **fUAld** | τάξεως **βfkTUAld** στάσεως Petrus
 Faber (ap. Dilts)
 4 αὐτῶ τοῦ λόγου **βfTUAld** τοῦ λόγου αὐτῶ **k** τοῦ λόγου del.
 Blass cf. Quint. | μάχεσθαι **U** | ἔξω **am^agVxLfTUAld** εἰς τοὺς ἔξω
m^ck
 5 del. Franke Acta 28 λόγους **am^cxLkTUAld** λόγος **V** λόγου **m^af**
 6 ἀκροάσει **βfTUAld** Plin. ἐκκλησίᾳ **k** Plin. (Catan.)
 7 τοῦ παρανόμου **k** Plin. (Catan.) τοῦ πράγματος **βfTUAld** παρα-
 νόμους Plin.

[207]

1 ἀλλ' ἃ om. **k**, hab. **U^{ms}** ἀλλ' οὐ **U^a** | δὴ om. **fU** | ἐὰν **βfUAld** ἂν **k**
 2 ποιήσησθε **k** ποιήσθε **βfTUAld** | ταῦθ' **βfTUAld** τοῦθ' **k**
 3 γὰρ om. **k** | βαλλαντιοτόμον **axLf** βαλαντιοτόμον **mgVktUAld**
 4 κλαίει **am^agVxLfktUAld** κλάει **m^c**
 5 ῥᾶον **m^cg^ck** ῥαδίως **am^ag^aVxLfTUAld** Tz. | οἱ om. **βfTUAld** Tz. |
 προχειρότατα **βkT** προχειρότατα ἀνθρώπων **fUAld**
 6 μεταβαλλόμενος **βfkTUAld** μεταβαλόμενος Blass Dilts | ἔξω **βkT**
Ald, corr. Kleyn cf. 56; 2.5; Dem. 18.196 ἔξω τῆς πόλεως **fU**

[208]

1 τὰ τοιαῦτα **k** ταῦτα **βfTUAld**

στασιαστικούς λόγους ἐκεῖνο αὐτῶ ὑποβάλλετε· ὅτι ὦ
 Δημόσθενες, εἰ σοὶ ἦσαν ὅμοιοι οἱ ἀπὸ Φυλῆς φεύγοντα
 τὸν δῆμον καταγαγόντες, οὐκ ἂν ποθ' ἡ δημοκρατία κατέ- 5
 στη. Νῦν δὲ ἐκεῖνοι μὲν μεγάλων κακῶν συμβάντων ἔσω-
 σαν τὴν πόλιν τὸ κάλλιστον ἐκ παιδείας ῥῆμα φθεγξά-
 μενοι, μὴ μνησικακεῖν· σὺ δὲ ἔλκοποιεῖς, καὶ μᾶλλον σοὶ
 μέλει τῶν αὐθήμερον λόγων, ἢ τῆς σωτηρίας τῆς πόλεως.
 Ὅταν δ' ἐπίορκος ὢν εἰς τὴν διὰ τῶν ὄρκων πίστιν κα-
 ταφυγάνη, ἐκεῖνο ἀπομνημονεύσατε αὐτῶ ὅτι τῶ πολλὰ 10
 κίς μὲν ἐπίορκοῦντι, ἀεὶ δὲ [πρὸς τοὺς αὐτοὺς] μεθ' ὄρκων
 ἀξιοῦντι πιστεῦεσθαι, δυοῖν θάτερον ὑπάρχει δεῖ, ὧν οὐδέ-
 τερόν ἐστι Δημοσθένει ὑπάρχον, ἢ τοὺς θεοὺς καινοὺς, ἢ
 τοὺς ἀκροατὰς μὴ τοὺς αὐτοὺς. [209] Περὶ δὲ τῶν δακρύων 1
 καὶ τοῦ τόνου τῆς φωνῆς, ὅταν ὑμᾶς ἐπερωτᾷ· 'ποῖ κατα-
 φύγω, ὦ ἄνδρες Ἀθηναῖοι; περιεγράψατέ με ἐκ τῆς πολι-
 τείας οὐκ ἔστιν ὅποι ἀναπτῆσομαι», ἀνθυποβάλλετε αὐτῶ· 5
 ὁ δὲ δῆμος ὁ Ἀθηναίων ποῖ καταφύγη, Δημόσθενες; πρὸς
 ποῖαν συμμάχων παρασκευήν; πρὸς ποῖα χρήματα; τί
 προβαλλόμενος ὑπὲρ τοῦ δήμου πεπολίτευσαι; ἃ μὲν γὰρ
 ὑπὲρ σεαυτοῦ βεβούλευσαι, πάντες ὀρώμεν. Ἐκλιπῶν μὲν τὸ

[208]

2 ὅτι ὦ xLfkU ὦ amgVTAlid
 3 εἰ] ἐάν U^{mg} | σοὶ ἦσαν ὅμοιοι βfTUAlid ἦσαν ὅμοιοι σοὶ k
 4 ἢ om. fAlid
 7 ἔλκοποιεῖς βkTU^{mg}Alid Plin. Tz. Bekker λογοποιεῖς fU^a
 8 μέλει f^akAlid Plin. μέλλει βf^aTU | αὐθήμερον βk^aTAlid αὐθήμερων
 fk^cU Plin.
 9 διὰ del. Sakorraphos
 11 del. Dobree | τοὺς om. T
 12 δυοῖν θατέρον βfTU^aAlid ἔν τοῖν δυοῖν k δυ. τὸ ἐτέρον U^{mg} |
 ὑπάρξει TUAlid
 13 ὑπάρχων U | καινοὺς am^agVxLkTU^{mg} κενοὺς m^cfU^aAlid

[209]

2 καταφύγω fkUAlid, cf. infra φύγω βT
 3 ὦ om. TUAlid | περιεγράψατέ k περιγράψατέ βfTUAlid | ἐκ τῆς
 πολιτείας om. k
 5 ὁ² om. k | ποῖ] πῆ U | πρὸς VxLkT ἢ πρὸς amgfUAlid
 7 πεπολίτευσαι βTUAlid τί πεπολίτευσαι fk
 8 πάντες k ἅπαντες βfTUAlid

ἄστῳ οὐκ οἰκεῖς, ὡς δοκεῖς, ἐν Πειραιεῖ, ἀλλ' ἐξορμεῖς ἐκ
 τῆς πόλεως, ἐφόδια δὲ πεπόρισαι τῇ σαυτοῦ ἀνανδρίᾳ τὸ 10
 βασιλικὸν χρυσίον καὶ τὰ δημόσια δωροδοκήματα.'

[210] 'Ὅλως δὲ τί τὰ δάκρυα; τίς ἡ κραυγή; τίς ὁ τόνος τῆς 1
 φωνῆς; οὐχ ὁ μὲν τὴν γραφὴν φεύγων ἐστὶ Κτησιφῶν, ὁ
 δ' ἀγὼν οὐκ ἀτίμητος; σὺ δ' οὔτε περὶ τῆς οὐσίας οὔτε
 περὶ τοῦ σώματος οὔτε περὶ τῆς ἐπιτιμίας ἀγωνίζῃ· ἀλλὰ
 περὶ τίνος ἐστὶν αὐτῷ ἡ σπουδὴ; περὶ χρυσῶν στεφάνων 5
 καὶ κηρυγμάτων ἐν τῷ θεάτρῳ παρὰ τοὺς νόμους; [211] ὄν 1
 ἐχρῆν, εἰ καὶ μανεῖς ὁ δῆμος ἢ τῶν καθεστηκότων ἐπιλε-
 λησμένος, ἐπὶ τοιαύτης ἀκαιρίας ἐβούλετο στεφανοῦν
 αὐτόν, παρελθόντα εἰς τὴν ἐκκλησίαν εἰπεῖν· 'ἄνδρες Ἀθη- 5
 ναῖοι, τὸν μὲν στέφανον δέχομαι, τὸν δὲ καιρὸν ἀποδοκι-
 μάζω ἐν ᾧ τὸ κήρυγμα γίνεται· οὐ γὰρ δεῖ, ἐφ' οἷς ἡ
 πόλις ἐπένησε καὶ ἐκείρατο, ἐπὶ τούτοις ἐμὲ στεφανοῦ-
 σθαι.' Ἀλλ' οἶμαι ταῦτα μὲν ἂν εἴποι ἀνὴρ ὄντως βεβιωκῶς
 μετ' ἀρετῆς· ἂ δὲ σὺ λέξεις, εἴποι ἂν κάθαρμα ζηλοτυποῦν
 ἀρετήν. [212] Οὐ γὰρ δὴ μὰ τὸν Ἡρακλέα τοῦτό γε ὑμῶν 1
 οὐδεὶς φοβήσεται, μὴ Δημοσθένης, ἀνὴρ μεγαλόψυχος καὶ

[209]

9 ἐξορμήσας Prisc.

[210]

3 οὔτε – οὐσίας post 4 ἐπιτιμίας k

5 αὐτῷ ἐστὶν T | ἢ om. U

[211]

7 ἐπένησε καὶ ἐκείρατο βfTUAld ἐκείρετο καὶ ἐπένησε k
 ἐπένησε καὶ del. Weidner

8 ὄντως] ὄντος U^a, corr. U^{ms} οὕτω T | βεβιωτικῶς U

9 ζηλοτυποῦν] ζηλοτυπεῖν Harp.

[212]

1 γε om. k | ὑμῶν amgxLfTUAld ἡμῶν Vk

2 φοβήσεται axLfkU φοβηθήσεται mgVTAlld | δημοσθένης g^ck
 ὁ δημοσθένης amg^aVxLfTUAld

τὰ πολεμικὰ διαφέρων, ἀποτυχῶν τῶν ἀριστείων ἐπανελ-
 θῶν οἴκαδε ἑαυτὸν διαχρήσεται· ὃς τοσοῦτον καταγελᾶ
 τῆς πρὸς ὑμᾶς φιλοτιμίας ὥστε τὴν μιὰν κεφαλὴν ταύ- 5
 την καὶ ὑπεύθυνον, ἣν οὗτος παρὰ πάντας τοὺς νόμους γέ-
 γραφε στεφανῶσαι, μυριάκις κατατέμῃκε καὶ τούτων μι-
 σθοὺς εἴληφε τραύματος ἐκ προνοίας γραφᾶς γραφόμενος,
 καὶ κατακεκονδύλισται, ὥστε αὐτὸν οἶμαι τὰ τῶν κονδύ-
 λων ἵχνη τῶν Μειδίου ἔχειν ἔτι φανερά· ὁ γὰρ ἄνθρωπος 10
 οὐ κεφαλὴν, ἀλλὰ πρόσοδον κέκτηται.

[213] Περὶ δὲ Κτησιφῶντος τοῦ γράψαντος τὴν γνώμην 1
 βραχέα βούλομαι εἰπεῖν, τὰ δὲ πολλὰ ὑπερβήσομαι, ἵνα
 καὶ πεῖραν [ὑμῶν] λάβω εἰ δύνασθε τοὺς σφόδρα πονη-
 ροὺς, κἂν μή τις προείπη, διαγιγνώσκειν. Ὁ δ' ἐστὶ κοινὸν
 καὶ δίκαιον κατ' ἀμφοτέρων αὐτῶν ἀπαγγεῖλαι πρὸς ὑμᾶς, 5
 τοῦτ' ἐρῶ. Περιέρχονται γὰρ τὴν ἀγορὰν ἀληθεῖς κατ' ἀλ-
 λήλων ἔχοντες δόξας καὶ λόγους οὐ ψευδεῖς λέγοντες.
 [214] Ὁ μὲν γὰρ Κτησιφῶν οὐ τὸ καθ' ἑαυτὸν φησι φοβεῖ- 1
 σθαι, ἐλπίζειν γὰρ δόξειν ἰδιώτης εἶναι, ἀλλὰ τὴν τοῦ
 Δημοσθένους ἐν τῇ πολιτείᾳ δωροδοκίαν φησὶ φοβεῖσθαι
 καὶ τὴν ἐμπληξίαν καὶ δειλίαν ὁ δὲ Δημοσθένης εἰς αὐτὸν

[212]

3.4 ἐπανελθῶν οἴκαδε **k** cf. 246; 1.145, 186 οἴκαδ' ἐπανελθῶν **βfUAld**
 οἴκαδ' ἐλθῶν **T**
 4 ὃς] ὡς **U^a**, corr. **U^{mg}**
 6 πάντας om. **βT**
 9 οἶμαι **βfTUAld** οἶομαι **k**
 11 οὐ] ὁ τὴν vita Dem. | ἀλλὰ om. vita Dem. ἀλλὰ <κεφάλαιον, οὐ
 πρόσωπον ἀλλὰ> Weidner | πρόσοδον] κεφάλαιον Tour.

[213]

3 del. Baiter-Sauppe ὑμῶν ante καὶ **k** ὑμῶν post λάβω **mg**
 6 γὰρ om. **Ald** | τὴν **βfTAld** cf. Dem. 19.225; And. 1.99 κατὰ τὴν
Π45kU^{mg}, om. **U^a**
 7 οὐ ψευδεῖς **βfkTUAld** ἀψευδεῖς **Π45**

[214]

2 εἶναι **βfkTUAld** φανήσεσθαι **Π45**
 3 φησὶ φοβεῖσθαι del. Hamaker Dilts
 4 τὴν om. **U**

μὲν ἀποβλέπων θαρρεῖν φησιν, τὴν δὲ τοῦ Κτησιφῶντος 5
 πονηρίαν καὶ πορνοβοσκίαν ἰσχυρῶς δεδιέναι. Τοὺς δὴ κα-
 τεγνωκότας ἀλλήλων ἀδικεῖν μηδαμῶς ὑμεῖς οἱ κοινοὶ κρι-
 ταὶ τῶν ἐγκλημάτων ἀπολύσητε.

[215] Περὶ δὲ τῶν εἰς ἑμαυτὸν λοιδοριῶν βραχέα βούλο- 1
 μαὶ προειπεῖν. Πυνθάνομαι γὰρ λέξειν Δημοσθένην ὡς ἡ
 πόλις ὑπ' αὐτοῦ μὲν ὠφέληται πολλά, ὑπ' ἐμοῦ δὲ καταβέ-
 βλαπται, καὶ τὸν Φίλιππον καὶ τὸν Ἀλέξανδρον καὶ τὰς 5
 ἀπὸ τούτων αἰτίας ἀνοίσειν ἐπ' ἐμέ. Οὕτω γὰρ ἐστὶν ὡς
 ἔοικε δεινὸς δημιουργὸς λόγων ὥστε οὐκ ἀποχρῆ αὐτῷ εἶ
 τι πεπολίτευμαι παρ' ὑμῖν ἐγώ, ἢ εἴ τινας δημηγορίας εἴ- 1
 ρηκα, τούτων κατηγορεῖν, [216] ἀλλὰ καὶ τὴν ἡσυχίαν αὐ-
 τῆν τοῦ βίου διαβάλλει καὶ τῆς σιωπῆς μου κατηγορεῖ, ἵνα
 μηδεὶς αὐτῷ τόπος ἀσυκοφάντητος παραλείπηται, καὶ τὰς 5
 ἐν τοῖς γυμνασίοις μετὰ τῶν νεωτέρων μου διατριβὰς κα-
 ταμέμφεται, καὶ κατὰ τῆσδε τῆς κρίσεως εὐθύς ἀρχόμενος
 τοῦ λόγου φέρει τινὰ αἰτίαν, λέγων ὡς ἐγώ τὴν γραφήν
 οὐχ ὑπὲρ τῆς πόλεως ἐγραψάμην, ἀλλ' ἐνδεικνύμενος Ἀλε- 1
 ξάνδρῳ διὰ τὴν πρὸς αὐτὸν ἔχθραν. [217] Καὶ νῆ Δί' ὡς ἐγώ 1

[214]

6 δὴ **VxLfkTUAld** δὲ δὴ **amg**

7 ἀδικεῖν om. **VT**, del. Blass, sed vid. 1.111; 2.6

[215]

2 προειπεῖν **m^cfTUAld** προσειπεῖν **am^agVxLk** | ὡς **βfTU^aAld** ὅτι
kU^{mg}

3 μὲν om. **k** | ὑπ' ἐμοῦ δὲ **βkTU^c** δὲ ὑπ' ἐμοῦ **fU^aAld**

5 ἀνοίσειν **βfUAld** ἀνήσειν **kT** | γὰρ] δ' Blass

[216]

1 αὐτὴν **Π46fUAld** μου **βkT** αὐτὴν μου con. Blass

2 ἵνα **βfkTUAld** ἵνα δὲ **Π46**

3 παραλείπηται **Π46VxLf^ak** παραλίπηται **amgf^cTUAld** κατα-
 λείπηται **Π46**

4 νεωτέρων] νέων **U^{mg}**

6 φέρει] ἐρεῖ Poutsma <μέλλει> φέρειν con. Blass

8 διὰ om. **m^cg^c** del. Wolf

πυνθάνομαι, μέλλει με ἀνερωτᾶν διὰ τί τὸ μὲν κεφάλαιον
 αὐτοῦ τῆς πολιτείας ψέγω, τὰ δὲ καθ' ἕκαστα οὐκ ἐκώ-
 λυον οὐδ' ἐγγραφόμεν ἄλλὰ διαλείπων καὶ πρὸς τὴν πολι- 5
 τείαν οὐ πυκνὰ προσιῶν ἀπήνεγκα τὴν γραφήν. Ἐγὼ δὲ
 οὔτε τὰς Δημοσθένους διατριβὰς ἐζήλωκα, οὔτ' ἐπὶ ταῖς
 ἑμαυτοῦ αἰσχύνομαι, οὔτε τοὺς εἰρημένους ἐν ὑμῖν λόγους
 ἑμαυτῷ ἀρρήτους εἶναι βουλοίμην, οὔτε τὰ αὐτὰ 1
 τούτῳ δημηγορήσας δεξαίμην ἂν ζῆν. [218] Τὴν δ' ἐμὴν σιω-
 πὴν, ᾧ Δημόσθενης, ἢ τοῦ βίου μετριότης παρεσκεύασεν.
 ἀρκεῖ γὰρ μοι μικρά, καὶ μειζόνων αἰσχυρῶς οὐκ ἐπιθυμῶ,
 ὥστε καὶ σιγῶ καὶ λέγω βουλευσάμενος, ἀλλ' οὐκ ἀναγ- 5
 καζόμενος ὑπὸ τῆς ἐν τῇ φύσει δαπάνης. Σὺ δ' οἶμαι λα-
 βῶν μὲν σεσίγηκας, ἀναλώσας δὲ κέκραγας· λέγεις δὲ οὐχ
 ὅταν σοὶ δοκῇ οὐδ' ἂ βούλει, ἀλλ' ὅταν οἱ μισθοδῶται σοὶ
 προστάττωσιν· οὐκ αἰσχύνῃ δὲ ἀλαζονευόμενος ἂ παρα- 1
 χρῆμα ἐξελέγχη ψευδόμενος. [219] Ἀπηνέχθη γὰρ ἢ κατὰ
 τοῦδε τοῦ ψηφίσματος γραφή, ἣν οὐχ ὑπὲρ τῆς πόλεως,
 ἀλλ' ὑπὲρ τῆς πρὸς Ἀλέξανδρον ἐνδείξεώς με φῆς ἀπενεγ-
 κεῖν, ἔτι Φιλίππου ζῶντος, πρὶν Ἀλέξανδρον εἰς τὴν ἀρχὴν

[217]

2 μέλλει Π46 (ut vid.) **m^cg^akTAld** μέλλειν **am^ag^aVxLfU** | τὸ ...
 κεφάλαιον Π46**afkUAld** τὰ ... κεφάλαια **mgVxLT**
 3 αὐτοῦ post πολιτείας **βfTUAld** | ἕκαστα Π46 (pace Dilts) **fTU**
 ἕκαστον **kAld**
 4 διαλείπων Π46 (ut vid.) cod. **Flor.** διαλιπῶν **βfkTUAld** cf. 89 | τὴν
 om. Budé-Martin
 5 <vñv> ἀπήνεγκα conl. Blass
 8 βουλοίμην ἂν εἶναι Weidner βουλοίμην ἂν Bekker Dilts
 9 ἐδεξαίμην **βfkTUAld** Budé-Martin, corr. Blass Dilts cf. 1.55

[218]

4 σιγῶ **βfTU^aAld** σιωπῶ **kU^mg** | ἀλλ' om. **k**
 6 σιγᾶς Cobet cf. Dem. 18.82
 7 ὅταν ... ὅταν **kU^mg** ὁπόταν ... ὁπόταν **βfU^aAld** ὁπόταν ...
 ὁπόσα **T** | <ἂν> βούλη Weidner | σοὶ **βfTU^aAld** οἱ σοὶ **kU^mg**
 8 δὲ **βkT** γὰρ **fUAld**
 9 ἐξελέγχη **am^ag^aV^afTUAld** ἐξελεγχθήση **m^cg^axLk** ἐξελέγχει **V^a**

[219]

1 γὰρ om. **U**
 3 πρὸς **kU^mg** εἰς **βfTU^aAld**

καταστήναι, οὕτω σοῦ τὸ περι Πausανίαν ἐνύπνιον ἐω- 5
ρακότος, οὐδὲ πρὸς τὴν Ἀθηνᾶν καὶ τὴν Ἥραν νύκτωρ δι-
ειλεγμένου. Πῶς ἂν οὖν ἐγὼ προενεδεικνύμην Ἀλεξάνδρῳ;
εἴ γε μὴ ταύτῳ ἐνύπνιον ἐγὼ καὶ Δημοσθένει εἶδομεν.

[220] Ἐπιτιμᾶς δέ μοι εἰ μὴ συνεχῶς, ἀλλὰ διαλείπων 1
πρὸς τὸν δῆμον προσέρχομαι, καὶ τὴν ἀξίωσιν ταύτην οἶμι
λανθάνειν ἡμᾶς μεταφέρων οὐκ ἐκ δημοκρατίας, ἀλλ' ἐξ
ἐτέρας πολιτείας. Ἐν μὲν γὰρ ταῖς ὀλιγαρχίαις οὐχ ὁ
βουλόμενος, ἀλλ' ὁ δυναστεύων δημηγορεῖ, ἐν δὲ ταῖς 5
δημοκρατίαις ὁ βουλόμενος καὶ ὅταν αὐτῷ δοκῇ. Καὶ τὸ
μὲν διὰ χρόνου λέγειν σημεῖόν ἐστιν ἐπὶ τῶν καιρῶν καὶ
τοῦ συμφέροντος ἀνδρὸς πολιτευομένου, τὸ δὲ μηδεμίαν
παραλείπειν ἡμέραν ἐργαζομένου καὶ μισθαρνοῦντος.

[221] Ὑπὲρ δὲ τοῦ μήπω κεκρίσθαι ὑπ' ἐμοῦ, μηδὲ τῶν ἀδι- 1
κημάτων τιμωρίαν ὑποσχεῖν, ὅταν καταφεύγῃς ἐπὶ τοὺς
τοιούτους λόγους, ἢ τοὺς ἀκούοντας ἐπιλήσμονας ὑπολαμ-
βάνεις, ἢ σαυτὸν παραλογίζῃς. Τὰ μὲν γὰρ περὶ τοὺς Ἀμφισ-
σέας ἡσεβημένα σοι καὶ τὰ περὶ τὴν Εὐβοίαν δωροδοκη- 5
θέντα χρόνων ἐγγεγεννημένων ἐν οἷς ὑπ' ἐμοῦ φανερώς
ἐξηλέγχου ἴσως ἐλπίζεις τὸν δῆμον ἀμνημονεῖν.
[222] τὰ δὲ περὶ τὰς τριήρεις καὶ τοὺς τριηράρχους ἀρπάγ- 1
ματα τίς ἂν ἀποκρύψαι χρόνος δύναται ἂν, ὅτε νομοθετή-

[219]

5 σοῦ] σὸν U^a, corr. U^{mg}

8 ταύτῳ schol. 3.219.480 ταύτῳ **βfkTUAl**d

[220]

2 προσέρχομαι **TU^aAl**d εἰσέρχομαι U^{mg} | οἶμι] οἶ U^a, corr. U^{mg}

3 λανθάνειν ἡμᾶς **gVxLfkTUAl**d λανθάνειν **am**

5 δημηγορεῖ Bekker κατηγορεῖ **βfkTUAl**d def. Orelli (ap. Brémi)

6 δόκη **aVxLkT** δόξῃ **mgfUAl**d

9 παραλείπειν **Π47(h)kT** παραλιπεῖν **βfUAl**d

[221]

1 μήπω **fk** μηδέπω **βTUAl**d | μηδὲ **βfTUAl**d μήτε **k**

3 τοὺς om. **k**

6 ἐν] ἐφ' Blass

5.6 δωροδοκηθέντα ἐν οἷς ὑπ' ἐμοῦ φανερώς ἐξηλέγχου χρόνων
ἐγγεγεννημένων Dobree

[222]

2 ἀποκρύψαι **βfTUAl**d χρόνος ἀποκρύψαι **k** | ἂν om. **k**

σας περὶ τῶν τριακοσίων νεῶν καὶ σαυτὸν πείσας Ἀθηναί-
 οὺς ἐπιστάτην τάξει τοῦ ναυτικοῦ, ἐξηλέγχθης ὑπ' ἐμοῦ
 ἐξήκοντα καὶ πέντε νεῶν ταχυναυτουσῶν τριηράρχους ὑφη- 5
 ρημένος, πλείον τῆς πόλεως ἀφανίζων ναυτικὸν ἢ ὅτε
 Ἀθηναῖοι τὴν ἐν Νάξῳ ναυμαχίαν Λακεδαιμονίους καὶ
 Πόλλιν ἐνίκησαν; [223] οὕτω δὲ ταῖς αἰτίαις ἐνέφραξας τὰς 1
 κατὰ σαυτοῦ τιμωρίας ὥστε τὸν κίνδυνον εἶναι μὴ σοὶ τῷ
 ἀδικήσαντι, ἀλλὰ τοῖς ἐπεξιούσι, πολὺν μὲν τὸν Ἀλέξαν-
 δρον καὶ τὸν Φίλιππον ἐν ταῖς διαβολαῖς φέρων, αἰτιώ- 5
 μενος δὲ τινὰς ἐμποδίζειν τοὺς τῆς πόλεως καιρούς, (ἀεὶ τὸ
 παρὸν λυμαινόμενος, τὸ δὲ μέλλον κατεπαγγελόμενος). Οὐ
 τὸ τελευταῖον εἰσαγγέλλεσθαι μέλλων ὑπ' ἐμοῦ, τὴν Ἀνα-
 ξίνου σύλληψιν τοῦ Ὀρείτου κατεσκεύασας, τοῦ τὰ ἀγορά-
 σματα Ὀλυμπιάδι ἀγοράζοντος; [224] καὶ τὸν αὐτὸν ἄνδρα 1
 δις στρεβλώσας τῇ σαυτοῦ χειρὶ, ἔγραψας αὐτὸν θανάτῳ
 ζημιῶσαι, καὶ παρὰ τῷ αὐτῷ ἐν Ὀρεῶν κατήγου, καὶ
 ἀπὸ τῆς αὐτῆς τραπέζης ἔφαγες καὶ ἔπιες καὶ ἔσπειςας,
 καὶ τὴν δεξιὰν ἐνέβαλες ἄνδρα φίλον καὶ ξένον ποιού- 5

[222]

3 νεῶν om. βT

5 ὑφηρημένος mgV^cxLkTAld ὑφηρημένους aV^afU

6 πλείον fkU πλέον βTAld | πόλεως k πόλεως ἡμῶν βfTUAld |

ὅτε βfTUAld ᾧπερ (vel ᾧ) Dobree Dilts ὁπότε k ᾧ ποτε Weidner

ὅτῳ Cobet ναυτικὸν οὐ εἶχον ὅτε schol. 222.484

8 πόλλιν m^agxLf^kU^c πόλλιν m^cVf^aTU^aAld π(fen.)λλιν a

[223]

4 τὸν hab. Π47(i) kT, om. βfUAld

5 ἀεὶ <μὲν> Wolf <δὲ> Reiske τὸ <μὲν> Routsma

6.7 οὐ τὸ βkT οὕτω fUAld

8 κατεσκεύασας fk κατασκεύασας βTUAld

[224]

2 δις στρεβλώσας amgx διαστρεβλώσας VT στρεβλώσας L

διεστρέβλωσας fkUAld | ἔγραψας βT γράψας fkUAld

3 τῷ αὐτῷ] ᾧ Cobet, sed cf. Wilamowitz, *Hermes* 1924 | καὶ <ᾧ> ἀπὸ

add. Blass Dilts

4 ἔπιες] ἔπινες U

5 ἄνδρα – ποιούμενος βfUAld κατ' ἄνδρὸς φίλου καὶ ξένου k | ξένον

καὶ φίλον T

μενος, καὶ τοῦτον ἀπέκτεινας, καὶ περὶ τούτων ἐν ἅπασιν
 Ἀθηναίοις ἐξελεγχθεὶς ὑπ' ἐμοῦ καὶ κληθεὶς ξενοκτόνος,
 οὐ τὸ ἀσέβημα ἠρνήσω, ἀλλ' ἀπεκρίνω, ἐφ' ᾧ ἀνεβόησεν
 ὁ δῆμος καὶ ὅσοι ξένοι περιέστασαν τὴν ἐκκλησίαν· ἔφη-
 σθα γὰρ τοὺς τῆς πόλεως ἄλλας περὶ πλείονος ποιήσασθαι 10
 τῆς ξενικῆς τραπέζης. [225] Ἐπιστολὰς δὲ σιγῶ ψευδεῖς καὶ 1
 κατασκόπων συλλήψεις καὶ βασάνους ἐπ' αἰτίαις ἀγενή-
 τοις, ὡς ἐμοῦ μετὰ τινων ἐν τῇ πόλει νεωτερίζειν βουλο-
 μένου.

Ἔπειτα ἐπερωτᾶν με, ὡς ἐγὼ πυνθάνομαι, μέλλει τίς ἂν 5
 εἶη τοιοῦτος ἰατρός, ὅστις τῶ νοσοῦντι μεταξὺ μὲν ἀσθε-
 νοῦντι μηδὲν συμβουλεύοι, τελευτήσαντος δ' ἐλθὼν εἰς τὰ
 ἔνατα διεξίει πρὸς τοὺς οἰκείους, ἃ ἐπιτηδεύσας ὑγιῆς ἂν
 ἐγένετο. [226] Σαυτὸν δ' οὐκ ἀνερωτᾶς τίς ἂν εἶη δημα- 1
 γωγὸς τοιοῦτος ὅστις τὸν μὲν δῆμον θωπεῦσαι δύναιτο,
 τοὺς δὲ καιρούς, ἐν οἷς ἦν σῶζεσθαι τὴν πόλιν, ἀποδοῖτο,
 τοὺς δ' εὖ φρονοῦντας κωλύει διαβάλλων συμβουλεύειν,
 ἀποδρᾶς δ' ἐκ τῶν κινδύνων καὶ τὴν πόλιν ἀνηκέστοις 5
 συμφοραῖς περιβαλὼν ἀξιοῖ στεφανοῦσθαι ἐπ' ἀρετῇ,

[224]

6 καὶ¹ del. Cobet Dilts | τούτων **amgxfk** τούτον **VLTUAlD** Cobet
 8 ἀπεκρίνω **k** ἀπεκρίνου **βfTUAlD** | ἀνεβόησεν **U^a**, corr. **U^{ms}** |
 ἀνεβόησεν ὁ δῆμος **βfTUAlD** ὁ δῆμος ἀνεβόησεν **k**
 9 περιέστασαν **βfUAlD** περιέστησαν **kT**
 10 ποιήσασθαι **βfTUAlD** ποιῆσθαι **Π47(i)** incert. **k** cf. 2.23

[225]

2 ἀγενήτοις om. **Π47(i)**
 3 ἐν τῇ πόλει νεωτερίζειν **βfTUAlD** νεωτερίζειν ἐν τῇ πόλει **k**
 5 ἐπερωτᾶν **βfTUAlD** ἐρωτᾶν **k**
 7 ἐλθὼν **Π47(k)k** αὐτοῦ ἐλθὼν **βfTUAlD**
 7.8 ἂν ἐγένετο **Π47(k)βfTUAlD** ἐγένετο ἂν **k**
 8 ἔνατα **Π47(k)aL^c** ἔννατα **mgVxL^akTUAlD** ἔνατα **f**

[226]

1 ἀνερωτᾶς **fkTUAlD**, cf. 3, 217 ἀντερωτᾶς **β**
 3 ἀπόλλυσιν **U^a** ἀποδεῖτο **U^{ms}**, corr. **U^{sl}**
 4 κωλύει **am^cVxLfUAlD** κωλύει **m^agkT**
 6 συμφοραῖς **k** cf. 114 κακοῖς **fTUAlD** | ἀξιοῖ **βfkTUAlD**, corr.
 Franke cf. 2.83

ἀγαθὸν μὲν πεποικῶς μηδέν, πάντων δὲ τῶν κακῶν αἰ-
τιος γεγονώς, ἐπερωτῶν δὲ τοὺς συκοφαντηθέντας ἐκ τῆς
πολιτείας ἐπ' ἐκείνων τῶν καιρῶν ὅτ' ἐνήν σφῶζεσθαι, διὰ
τί αὐτὸν οὐκ ἐκώλυσαν ἐξαμαρτάνειν, [227] ἀποκρύπτοιο 1
δὲ τὸ πάντων τελευταῖον, ὅτι τῆς μάχης ἐπιγενομένης οὐκ
ἐσχολάζομεν περὶ τὴν σὴν εἶναι τιμωρίαν, ἀλλ' ὑπὲρ τῆς
σωτηρίας τῆς πόλεως ἐπρεσβεύομεν. Ἐπειδὴ δὲ οὐκ ἀπέχρη
σοι δίκην μὴ δεδωκέναι, ἀλλὰ καὶ δωρεὰς αἰτεῖς, καταγέ- 5
λαστον ἐν τοῖς Ἑλλησι τὴν πόλιν ποιῶν, ἐνταῦθ' ἐνέστην
καὶ τὴν γραφὴν ἀπήνεγκα.

[228] Καὶ νῆ τοὺς θεοὺς τοὺς Ὀλυμπίους, ὧν ἐγὼ πυν- 1
θάνομαι Δημοσθένην λέξειν, ἐφ' ᾧ νυνὶ μέλλω λέγειν ἀγα-
νακτῶ μάλιστα. Ἀφομοιοῖ γάρ μου τὴν φύσιν ταῖς Σειρήσιν
ὡς ἔοικε. Καὶ γὰρ ὑπ' ἐκείνων οὐ κηλεῖσθαί φησι τοὺς
ἄκροωμένους, ἀλλ' ἀπόλλυσθαι, διόπερ οὐδ' εὐδοκμεῖν 5
τὴν τῶν Σειρήνων μουσικὴν· καὶ δὴ καὶ τὴν τῶν ἐμῶν
λόγων ἐμπειρίαν καὶ τὴν φύσιν μου γεγενῆσθαι ἐπὶ βλάβῃ

[226]

7 πεποικῶς μηδέν **βfTUAlD** μηδέν πεποικῶς **k** | τῶν om. **U**
8 ἐκ – 9 πολιτείας susp. Taylor διὰ τὴν πολιτείαν Wolf

[227]

1 ἀποκρύπτοιο **am^agVxLkT** ἀποκρίνοιτο **m^cfUAlD** (-οιντο **fUAlD**)
2 ἐπιγενομένης **βfTUAlD** ἐπιγνομένης **k**
3 τιμωρίαν **βfTUAlD** τὴν μωρίαν **k**
5 αἰτεῖς **βfkTUAlD** ἤτεῖς Blass Dilts
6 ἐνέστην] ἔνεστιν **U^a** ἄνεστιν **U^{mg}**

[228]

1 ὧν Bernardi ὡς **βfkTUAlD** schol.
2 δημοσθένην **mgkTAlD** δημοσθένη **aLfU**, sine term. **Vx** | ἀγανακτῶ
μάλιστα **g^cxLU^cAlD** ἀγανακτῶν μάλιστα **amg^aVfTU^a** μάλιστα
ἀγανακτῶν **k**
3 μου om. **f**
3.4 ταῖς σειρήσιν ὡς ἔοικε **βfTUAlD** ὡς ἔοικε ταῖς σειρήσιν **k** ὡς
ἔοικε del. Baiter
4 ὑπ' ἐκείνων οὐ κηλεῖσθαί φησι **βfTUAlD** ἐκεῖνας φησὶν οὐ κη-
λεῖν **k** | οὐ κηλεῖσθαι et 5 ἀλλ' del. Blass, defendit Wilamowitz, *Hermes*
1924
5 οὐδ' **Vk** οὐκ **amgxLfTUAlD**
6 σειρήνων **βkTU** εἰρημένων **fAlD** | τῶν ἐμῶν] ἐμήν Dobree ἐμῶν
del. **T**
7 λόγων ἐμπειρίαν **am^ag^aVxLfU^aAlD** (ἀπορίαν **aU^{mg}**), cf. 1.24 λόγων
εὐπορίαν **m^cg^c** εὐπορίαν λόγων **k** εὐροίαν λόγων Blass | καὶ – μου
del. Blass | ἐπὶ βλάβῃ] ἐπὶ βλάβῃν **T** ἐπιλάβῃ **U^a**, corr. **U¹**

τῶν ἀκούοντων. Καίτοι τὸν λόγον τοῦτον ὅλως μὲν ἔγωγε οὐδενὶ πρέπει ἠγοῦμαι περὶ ἐμοῦ λέγειν· τῆς γὰρ αἰτίας αἰσχρὸν τὸν αἰτιώμενόν ἐστι τὸ ἔργον μὴ ἔχειν ἐπιδειξά- 10
 [229] εἰ δ' ἦν ἀναγκαῖον ῥηθῆναι, οὐ Δημοσθένους ἦν ὁ 1
 λόγος, ἀλλ' ἀνδρὸς στρατηγοῦ μεγάλα μὲν τὴν πόλιν κατ-
 ειργασμένου, λέγειν δὲ ἀδυνάτου καὶ τὴν τῶν ἀντιδίκων
 διὰ τοῦτο ἐζηλωκότος φύσιν, ὅτι σύνοιδεν ἑαυτῷ μὲν οὐ-
 δὲν ὧν διαπέπρακται δυναμένῳ φράσαι, τὸν δὲ κατήγορον 5
 ὀρᾷ δυνάμενον καὶ τὰ μὴ πεπραγμένα ὑπ' αὐτοῦ παριστά-
 ναι τοῖς ἀκούουσιν ὡς διώκηκεν. Ὅταν δ' ἐξ ὀνομάτων συγ-
 κείμενος ἄνθρωπος, καὶ τούτων πικρῶν καὶ περιέργων,
 ἔπειτα ἐπὶ τὴν ἀπλότητα καὶ τὰ ἔργα καταφεύγη, τίς ἂν
 ἀνάσχοιτο; οὗ τὴν γλῶτταν ὡσπερ τῶν αὐλῶν ἕαν τις 10
 ἀφέλη, τὸ λοιπὸν οὐδὲν ἐστίν.

[230] Θαυμάζω δ' ἔγωγε ὑμῶν, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, καὶ 1
 ζητῶ πρὸς τί ἂν ἀποβλέποντες ἀποψηφίσασθε τὴν γρα-
 φήν. Πότερον ὡς τὸ ψήφισμά ἐστιν ἔννομον; ἀλλ' οὐδεμία
 πώποτε γνώμη παρανομωτέρα γεγένηται. Ἄλλ' ὡς ὁ τὸ ψή-
 φισμα γράψας οὐκ ἐπιτήδειός ἐστι δίκην δοῦναι; οὐκ 5

[229]

2 τὴν πόλιν **k** τῆ πόλει **βfTUAlD** | <ἀγαθ'> εἰργασμένου Herwerden
 cf. And. 2.17 καλὸν τι τὴν πόλιν κατεργάζονται
 6 ὀρᾷ] ὀρᾶν **U** | ὑπ' αὐτοῦ **mgkT** ὑφ' αὐτοῦ **aVxLfUAld**
 8 ἄνθρωπος ante 7 ἐξ D. H. | πικρῶν **βfUAld** D. H. τῶν πικρῶν **kT**
 9 καταφεύγη **a^mgVlfTUAlD** καταφεύγει **a^axk** | ἂν om. **f**
 10 τῶν αὐλῶν **amgfkTUAlD** τὸν αὐλὸν **VxL**

[230]

2 ζητῶ **βkT** ζητῶ πυθέσθαι **fUAld** | ἂν om. **f** | ἀποβλέποντες **βfTUAlD**
 ἀναβλέψαντες **k** ἀποβλέψαντες **ez** cod. **Flor.** cf. 256 | ἀποψηφίσασθε
βfTUAlD, corr. Bernardus Stephanus ἀποψηφίσασθε **k**
 3 πότερον **βfTUAlD** πότερα **k**
 4 ὁ om. **TU**

ἄρ' εἰσὶ παρ' ὑμῖν εὐθυναί βίου, εἰ τοῦτον ἀφήσετε. Ἐκεῖνο
 δ' οὐ λυπηρόν, εἰ πρότερον μὲν ἐνεπίμπλατο ἢ ὀρχήστρα
 χρυσῶν στεφάνων οἷς ὁ δῆμος ἐστεφανοῦτο ὑπὸ τῶν Ἑλ-
 λήνων, διὰ τὸ ξενικοῖς στεφάνοις ταύτην ἀποδεδόσθαι τὴν
 10 ἡμέραν, ἐκ δὲ τῶν Δημοσθένους πολιτευμάτων ὑμεῖς μὲν
 ἀστεφάνωτοι καὶ ἀκήρυκτοι γίνεσθε, οὗτος δὲ κηρυχθή-
 1 σεται; [231] καὶ εἰ μὲν τις τῶν τραγικῶν ποιητῶν τῶν μετὰ
 ταῦτα ἐπεισαγόντων ποιήσειεν ἐν τραγωδίᾳ τὸν Θερασίτην
 ὑπὸ τῶν Ἑλλήνων στεφανούμενον, οὐδεὶς ἂν ὑμῶν ὑπομεί-
 νειεν, ὅτι φησὶν Ὅμηρος ἄνανδρον αὐτὸν εἶναι καὶ συκο-
 φάντην· αὐτοὶ δ' ὅταν τὸν τοιοῦτον ἄνθρωπον στεφανῶτε, 5
 οὐκ οἶεσθε ἐν ταῖς τῶν Ἑλλήνων δόξαις συρίττεσθαι;
 οἱ μὲν γὰρ πατέρες ὑμῶν τὰ μὲν ἔνδοξα καὶ λαμπρὰ τῶν
 πραγμάτων ἀνετίθεσαν τῷ δήμῳ, τὰ δὲ ταπεινὰ καὶ κατα-
 δεέστερα εἰς τοὺς ῥήτορας τοὺς φαύλους ἔτρεπον· Κτησι-
 10 φῶν δ' ὑμᾶς οἶεται δεῖν ἀφελόντας τὴν ἀδοξίαν ἀπὸ Δημο-
 σθένους περιθεῖναι τῷ δήμῳ. [232] Καὶ φατὲ μὲν εὐτυχεῖς
 1 εἶναι, ὡς καὶ ἐστὲ, καλῶς ποιοῦντες, ψηφιεῖσθε δ' ὑπὸ μὲν
 τῆς τύχης ἐγκαταλελειφθαι, ὑπὸ Δημοσθένους δὲ εὖ
 πεπονθέναι; καὶ τὸ πάντων ἀτοπώτατον, ἐν τοῖς αὐτοῖς δι-
 5 καστηρίοις τοὺς μὲν τὰς τῶν δώρων γραφὰς ἀλισκομένους
 ἀτιμοῦτε, ὃν δ' αὐτοὶ μισθοῦ πολιτευόμενον σὺνιστε, στε-
 φανώσετε; καὶ τοὺς μὲν κριτὰς τοὺς ἐκ τῶν Διονυσίων,
 ἐὰν μὴ δικαίως τοὺς κυκλίους χοροὺς κρίνωσι, ζημιοῦτε

[230]

6 ὑμῖν] ἡμῖν U

7 οἷς βfTUAld οὐς k

9 διὰ – 10 ἡμέραν del. Halm

10 τῶν] τοῦ TU

11 γίνεσθε] γίνεσθαι U, corr. U^{sl}

[231]

4 αὐτὸν ante ὄμηρος hab. k

5 ὅταν] ὅτε U

6 οὐκ <ἂν> οἶεσθε add. Cobet Dilts | ταῖς τῶν ἑλ. δόξαις βfTUAld

ταῖς δόξαις ταῖς τῶν ἑλ. k

7 ὑμῶν] ἡμῶν U

[232]

2 καὶ om. k

7 τῶν om. mgVxLfkTUAld

8 ἐὰν βfTUAld ἂν k

αὐτοὶ δὲ οὐ κυκλίων χορῶν κριταὶ καθεστηκότες, ἀλλὰ νόμων καὶ πολιτικῆς ἀρετῆς, τὰς δωρεὰς οὐ κατὰ τοὺς νόμους οὐδ' ὀλίγοις καὶ τοῖς ἀξίοις, ἀλλὰ τῷ διαπραξα-
μένῳ δώσετε;

[233] Ἐπειτ' ἔξεισιν ἐκ τοῦ δικαστηρίου ὁ τοιοῦτος κρι-
τῆς ἑαυτὸν μὲν ἀσθενῆ πεποικῶς, ἰσχυρὸν δὲ τὸν ῥήτορα.
Ἄνθρωπος γὰρ ἰδιώτης ἐν πόλει δημοκρατουμένη νόμῳ καὶ
ψῆφῳ βασιλεύει· ὅταν δ' ἐτέρῳ ταῦτα παραδῶ καταλέλυκε
τὴν αὐτὸς αὐτοῦ δυναστείαν. Ἐπειθ' ὁ μὲν ὄρκος, ὃν
ὁμωμοκῶς δικάζει, συμπαρακολουθῶν αὐτὸν λυπεῖ· δι' αὐ-
τὸν γὰρ οἶμαι γέγονε τὸ ἀμάρτημα· ἢ δὲ χάρις πρὸς ὃν
ἐχαρίζετο ἄδηλος γεγένηται· ἢ γὰρ ψῆφος ἀφανῆς φέρε-
ται. [234] Δοκοῦμεν δ' ἔμοιγε, ὧς ἄνδρες Ἀθηναῖοι, ἀμφο-
τερα καὶ κατορθοῦν καὶ παρακινδυνεύειν εἰς τὴν πολι-
τείαν, οὐ σωφρονοῦντες. Ὅτι μὲν γὰρ ἐπὶ τῶν νυνὶ καιρῶν
οἱ πολλοὶ τοῖς ὀλίγοις προῖεσθε τὰ τῆς δημοκρατίας
ἰσχυρά, οὐκ ἐπαινῶ· ὅτι δ' οὐ γεγένηται φορὰ καθ' ἡμᾶς
ῥητόρων πονηρῶν ἅμα καὶ τολμηρῶν, εὐτυχοῦμεν.
Πρότερον μὲν γὰρ τοιαύτας φύσεις ἤνεγκε τὸ δημόσιον, αἱ
ῥαδίως οὕτω κατέλυσαν τὸν δῆμον· ἔχαιρε γὰρ κολακευό-

[232]

9 οὐ κυκλίων **βfTUAl** οὐκ ἐγκυκλίων **k** | κριταὶ **U^{sl}**, om. **fU^a** post
καθεστηκότες **k**

10 νόμον **U**, corr. **U^{sl}**

11 οὐδ' **βfk^aTUAl** ἀλλ' **k^a** | τῷ διαπραξαμένῳ] τῶν διαπραξαμένων
U, corr. **U^{mg}**

[233]

4 βασιλεύειν **Alex.**

5 τὴν αὐτὸς **kT** cf. 2.69; Dem. 24.87 αὐτὸς τὴν **fUAl**

6 δι' αὐτὸν] ἀνίατον **Emperius** | δι' – 7 ἀμάρτημα **del. Bake**

[234]

1 δοκοῦμεν] δοκεῖ **U^{mg}**

3 σωφρονοῦντες <ἀλλ' εὐτυχοῦντες> **Dobree** | νυνὶ **kT** νῦν **βfUAl**

5 φορὰ καθ' ἡμᾶς **βfTUAl** καθ' ἡμᾶς φορὰ **k**

6 πονηρῶν ἅμα καὶ τολμηρῶν **βfTUAl** τολμηρῶν ἅμα καὶ πονηρῶν
k

8 οὕτω om. **k** οὕτως **U** | κατέλυσαν **βfTUAl** κατέλευσαν **k**

μενος, ἔπειτ' αὐτὸν οὐχ οὖς ἐφοβεῖτο, ἀλλ' οἷς ἑαυτὸν ἐνε-
 χείριζε, κατέλυσαν. [235] ἔνιοι δὲ καὶ αὐτοὶ τῶν τριάκοντα 1
 ἐγένοντο οἱ πλείους ἢ χιλίους καὶ πεντακοσίους τῶν πολι-
 τῶν ἀκρίτους ἀπέκτειναν, πρὶν καὶ τὰς αἰτίας ἀκοῦσαι
 ἐφ' αἷς ἔμελλον ἀποθνήσκειν, καὶ οὐδ' ἐπὶ τὰς ταφὰς καὶ
 ἐκφορὰς τῶν τελευτησάντων εἶων τοὺς προσήκοντας παρα- 5
 γενέσθαι. Οὐχ ὑφ' ὑμῖν αὐτοῖς ἔξετε τοὺς πολιτευομέ-
 νους; οὐ ταπεινώσαντες ἀποπέμψετε τοὺς νῦν ἐπηρμένους;
 οὐ μέμνησθ' ὅτι οὐδεὶς πώποτε ἐπέθετο πρότερον τῆ τοῦ
 δήμου καταλύσει, πρὶν ἂν μείζον τῶν δικαστηρίων ἰσχύση;
 [236] Ἡδέως δ' ἂν ἔγωγε, ὃ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, ἐναντίον 1
 ὑμῶν ἀναλογισαίμην πρὸς τὸν γράψαντα τὸ ψήφισμα, διὰ
 ποίας εὐεργεσίας ἀξιοὶ Δημοσθένην στεφανῶσαι. Εἰ μὲν
 γὰρ λέξεις, ὅθεν τὴν ἀρχὴν τοῦ ψηφίσματος ἐποιήσω, ὅτι 5
 τὰς τάφρους τὰς περὶ τὰ τείχη καλῶς ἐτάφρευσε, θαυ-
 μάζω σου. Τοῦ γὰρ ταῦτ' ἐξεργασθῆναι καλῶς τὸ γεγενῆ-
 σθαι τούτων αἴτιον μείζω κατηγορίαν ἔχει· οὐ γὰρ περιχα-
 ρακώσαντα χρὴ τὰ τείχη, οὐδὲ ταφὰς δημοσίας ἀνελόντα
 τὸν ὀρθῶς πεπολιτευμένον δωρεὰς αἰτεῖν, ἀλλ' ἀγαθοῦ
 τινος αἴτιον γεγενημένον τῆ πόλει. [237] Εἰ δὲ ἦξεις ἐπὶ τὸ 1

[235]

1 δὲ **βfTUAld** δὲ αὐτῶν **k** quod maluit, αὐτοὶ deleto, Markland |
 αὐτοὶ del. Weidner

2 οἱ **amgVTU** καὶ **xfkAld** ἢ **L**

3 καὶ om. **VxLfkUAld**

4 ταφὰς καὶ del. Weidner Dilts

4.5 καὶ ἐκφορὰς del. Cobet

5 παραγενέσθαι **aLfUAld** παραγίνεσθαι **mgVxkT**

6 ὑφ' om. **aVL^aT** |

6.7 προσήκοντας πολιτευομένους Dilts

8 μέμνησθ' **βfkTUAld** μέμνησεθ' Cobet Dilts | ἐπέθετο] ὑπέθετο **U**
 (ἀπ- **T** ut vid.) | τῆ τοῦ om. **k**

9 μείζον **k** μείζω **βfTUAld** | ἰσχύση **mgfkTUAld** ἰσχύσε **aVxL**

[236]

2 ἀναλογισαίμην **m^cfkU^{mg}** ὁμολογησαίμην **am^agVxLTU^aAld**

3 στεφανῶσαι **βfTUAld** στεφανωθῆσαι **k**

4 λέξεις **kU^{sl}** λέγεις **βfTU^aAld**

6 ἐξεργασθῆναι **βfTUAld** ἐξεργάσθαι **k**

8 τείχη **βkT** τείχη οὐδὲ τὰς (τοὺς **U**) τάφρους **fUAld** | τάφας δη-
 μοσίας **k** τὰς δημοσίας τάφας **fTUAld** τάφους δημοσίους Blass

[237]

1 ἦξεις] ἄξεις **U^a**, corr. **U^{sl}**

δεύτερον μέρος τοῦ ψηφίσματος, ἐν ᾧ τετόλμηκας γράφειν
 ὡς ἔστιν ἀνὴρ ἀγαθός, καὶ διατελεῖ λέγων καὶ πράττων τὰ
 ἄριστα τῷ δήμῳ τῶν Ἀθηναίων, ἀφελὼν τὴν ἀλαζονείαν
 καὶ τὸν κόμπον τοῦ ψηφίσματος ἄψαι τῶν ἔργων, ἐπί- 5
 δειξον ἡμῖν ὅ τι λέγεις. Τὰς μὲν γὰρ περὶ τοὺς Ἀμφισσέας
 καὶ τοὺς Εὐβοέας δωροδοκίας παραλείπω· ὅταν δὲ τῆς
 πρὸς Θηβαίους συμμαχίας τὰς αἰτίας ἀνατιθῆς Δημοσθέ-
 νει, τοὺς μὲν ἀγνοοῦντας ἕξαπατᾶς, τοὺς δ' εἰδότας καὶ αἰ-
 σθανομένους ὑβρίζεις. Ἀφελὼν γὰρ τὸν καιρὸν καὶ τὴν 10
 δόξαν τὴν τούτων, δι' ἣν ἐγένετο ἡ συμμαχία, οἶει λανθά-
 νειν ἡμᾶς τὸ τῆς πόλεως ἀξίωμα Δημοσθένει περιτιθεῖς.
 [238] Ἡλίκον δ' ἐστὶ τὸ ἀλαζόνευμα τοῦτο, ἐγὼ πειράσομαι 1
 μεγάλῳ σημείῳ διδάξαι. Ὁ γὰρ τῶν Περσῶν βασιλεὺς οὐ
 πολλῷ χρόνῳ πρὸ τῆς Ἀλεξάνδρου διαβάσεως εἰς τὴν
 Ἀσίαν κατέπεμψε τῷ δήμῳ καὶ μάλα ὑβριστικὴν καὶ βάρ-
 βαρον ἐπιστολὴν ἐν ἣ τὰ τε δὴ ἄλλα καὶ μάλ' ἀπαιδεύτως 5
 διελέχθη, καὶ ἐπὶ τελευτῆς ἐνέγραψεν ἐν τῇ ἐπιστολῇ,
 'ἐγὼ' φησιν 'ὑμῖν χρυσίον οὐ δώσω· μή με αἰτεῖτε· οὐ γὰρ
 λήψεσθε.' [239] Οὗτος μέντοι ὁ αὐτὸς ἐγκαταληφθεὶς ὑπὸ 1
 τῶν νυνὶ παρόντων αὐτῷ κινδύνων, οὐκ αἰτούντων Ἀθη-
 ναίων, αὐτὸς ἐκὼν κατέπεμψε τριακόσια τάλαντα τῷ
 δήμῳ, ἃ σωφρονῶν οὐκ ἐδέξατο. Ὁ δὲ κομίζων ἦν τὸ χρυ-

[237]

4 τῶν **βkTU** τῷ **fAld** Budé-Martin6 περὶ] ἐπὶ **U^a**, corr. **U^{mg}**8 ἀνατιθῆς **mgLfTUAlD** ἀνατιθεῖς **aVxk**9 αἰσθανομένους **βfTUAlD** αἰσθομένους **k**11 οἶει λανθάνειν **βfTUAlD** λανθάνει οἶει **k**12 ἡμᾶς del. Blass Budé-Martin Dilts, cf. 220 | περιτιθεῖς **βkTAlD**περιτίθης **fU**

[238]

1 δ' om. **U**3 χρόνῳ **k** πρότερον χρόνῳ **βfTUAlD**

6 ἐν τῇ ἐπιστολῇ del. Hamaker Dilts

7 γὰρ om. **U^a**, corr. **U^{sl}**

[239]

1 μέντοι **βfTUAlD** τοίνυν **k** | ἐγκαταληφθεὶς **afkTUAlD**ἐγκαταλειφθεὶς **mgVxL**3 τριακόσια **βfUAlD** τριάκοντα **mgVxLkT** πεντήκοντα **a**4 οὐκ **βfTUAlD** ὁ δῆμος οὐκ **k** | ὁ δῆμος post ἐδέξατο add. **U**

σίον καιρὸς καὶ φόβος καὶ χρεῖα συμμάχων. Τὸ δὲ αὐτὸ τοῦτο 5
 καὶ τὴν Θηβαίων συμμαχίαν ἐξεργάσατο. Σὺ δὲ τὸ μὲν
 τῶν Θηβαίων ὄνομα καὶ τὸ τῆς δυστυχεστάτης συμμαχίας
 ἐνοχλεῖς αἰεὶ λέγων, τὰ δ' ἑβδομήκοντα τάλαντα ὑποσιω-
 πᾶς, ἃ προλαβὼν τοῦ βασιλικοῦ χρυσίου ἀπεστέρησας.
 [240] Οὐδὲ ἔνδειαν χρημάτων ἕνεκα μὲν πέντε ταλάντων οἱ 1
 ξένοι Θηβαίοις τὴν ἄκραν οὐ παρέδοσαν; διὰ ἑννέα δὲ τάλ-
 λαντα ἀργυρίου πάντων Ἀρκάδων ἐξεληλυθότων καὶ τῶν
 ἡγεμόνων ἐτοίμων ὄντων βοηθεῖν, ἢ πράξις οὐ γεγένηται;
 σὺ δὲ πλουτεῖς καὶ ταῖς ἡδοναῖς ταῖς σαυτοῦ χορηγεῖς. Καὶ 5
 τὸ κεφάλαιον, τὸ μὲν βασιλικὸν χρυσίον παρὰ τούτῳ, οἱ δὲ
 κίνδυνοι παρ' ὑμῖν.
 [241] Ἄξιον δ' ἐστὶ καὶ τὴν ἀπαιδευσίαν αὐτῶν θεωρῆσαι. 1
 Εἰ γὰρ τολμήσει Κτησιφῶν μὲν Δημοσθένην παρακαλεῖν
 λέξοντα εἰς ὑμᾶς, οὗτος δ' ἀναβὰς ἑαυτὸν ἐγκωμιάσει, βα-
 ρύτερον τῶν ἔργων ὧν πεπόνθαμεν τὸ ἀκρόαμα γίγνεται.

[239]

5 τοῦτο om. Dilts, sed cf. 126

6 θηβαίων συμμαχίαν Π18βfTUAlδ συμμαχίαν θηβαίων k |
 ἐξεργάσατο Π18 et Blass ἐξεργάσατο m^cg^cxk ἐξεργάζετο am^a
 g^aVlftUAlδ

8 ἐνοχλεῖς βfk^cTUAlδ ἐνώκλεις k^a

9 ἀπεστέρησας βfkTUAlδ ἀπεστέρησας D Budé-Martin

[240]

1 ἕνεκα μὲν k μὲν post ἔνδειαν βfTUAlδ | ἕνεκα – ταλάντων om.
 Suid.

2 θηβαίοις Suid. τοῖς θηβαίοις amgVlftU θηβαῖοι xk τῆς
 θηβαίους (sic) Ald | ἑννέα amVxfTUAlδ δὲ ἑννέα gLk Suid.

3 καὶ – 4 βοηθεῖν om. Suid.

5 σαυτοῦ] αὐτοῦ U σαυτῶν T

7 ὑμῖν βfTUAlδ ἡμῖν k

[241]

2 τολμήσει k τολμήσει βfTUAlδ | δημοσθένην mgT δημοσθένη
 aVxf^ckUAlδ δημοσθένει L(?)f^a

3 λέξοντα] λέγοντα U^a, corr. U^{mg} λέξον T | ἐγκωμιάσει βfkTUAlδ
 ἐγκωμιάζει Reiske Dilts

4 πεπόνθαμεν k Bachmann Ph. πεπόνθατε βfTUAlδ

“Ὅπου γὰρ τοὺς μὲν ὄντως ἄνδρας ἀγαθοὺς οἷς πολλὰ καὶ 5
καλὰ σύνισμεν ἔργα, τοὺς καθ’ ἑαυτῶν ἐπαίνους ἐὰν λέγω-
σιν, οὐ φέρομεν· ὅταν δὲ ἄνθρωπος αἰσχύνῃ τῆς πόλεως
γεγονῶς ἑαυτὸν ἐγκωμιάζῃ, τίς ἂν τὰ τοιαῦτα καρτερή-
σειεν ἀκούων;

[242] Ἀπὸ μὲν οὖν τῆς ἀναισχύντου πραγματείας, ἐὰν σω- 1
φρονῆς, ἀποστήσῃ, ποιήσαι δέ, ὡς Κτησιφῶν, διὰ σαυτοῦ
τὴν ἀπολογία. Οὐ γὰρ δὴ που τοῦτο γε σκήψῃ ὡς οὐ δυ-
νατὸς εἶ λέγειν. Καὶ γὰρ ἂν ἄτοπόν σοι συμβαίνοι, εἰ
πρῶν μὲν ποθ’ ὑπέμεινας πρεσβευτῆς ὡς Κλεοπάτραν τὴν 5
Φιλίππου θυγατέρα χειροτονεῖσθαι, συναχθεσθησόμενος
ἐπὶ τῇ τοῦ Μολοττῶν βασιλέως Ἀλεξάνδρου τελευτῇ, νυνὶ
δὲ οὐ φήσεις δύνασθαι λέγειν. Ἐπειτα γυναῖκα μὲν ἄλλο-
τρίαν πενθοῦσαν δύνασαι παραμυθεῖσθαι, γράψας δὲ μι-
σθοῦ ψήφισμα οὐκ ἀπολογήσῃ; [243] ἢ τοιοῦτός ἐστιν ὄν 1
γέγραφας στεφανοῦσθαι οἷος μὴ γινώσκεσθαι ὑπὸ τῶν εὔ-
πεπονθότων, ἂν μὴ τίς σοι συνείπῃ; ἐπερώτησον δὴ τοὺς
δικαστὰς εἰ ἐγίγνωσκον Χαβρίαν καὶ Ἴφικράτην καὶ Τιμό-
θεον, καὶ πυθοῦ παρ’ αὐτῶν διὰ τί τὰς δωρεὰς αὐτοῖς ἔδο- 5
σαν καὶ τὰς εἰκόνας ἔστησαν. Ἄπαντες γὰρ ἅμα σοι ἀπο-

[241]

5 γὰρ **fkUAld** γὰρ δὴ **βT** | μὲν del. Gebauer Dilts
6 ἐὰν **k** ante τοὺς **βftUAld** (ἂν **TUAld**)
7 δὲ del. Markland Dilts, pace Brémi
9 ἀκούων om. **βT**

[242]

1 οὖν om. **fU^a**, corr. **U^{mg}** | σωφρονῆ **U^{mg}** σωφρόνως **T**
2 ποιήσαι **βfkTU^aAld** ποιήσῃ Bekker ποιησαίασθω **U^{mg}**
4 ἂν om. **amgLT** | συμβαίνοι **VfkUAld** συμβαίνει **am gxLT**
7 Μολοττῶν] Μολοσσῶν **U^{mg}** | νυνὶ **Π47(p)** (ut vid.) **βft UAld** νῦν **k**
8 οὐ om. **Π47(p)** | λέγειν hab. **Π47(p)amVxLfTUAld** om. **gk**

[243]

2 στεφανοῦσθαι **βfkTUAld**, cf. 43, 49, 131, 159, etc. στεφανῶσαι
Blass cf. 26, 182, 187, 212, 236
3 ἂν **aVxLfUAld** ἐὰν **mgkT** | σοι om. **kU** | συνείποι **Ald**
5 πυθοῦ **m^cfk^aUAld** πύθου **am^agVxLk^cT** | αὐτῶν **βftUAld** αὐτὸν
k
6 ἅμα σοι **βftUAld** σοι ἅμα **k** (σοι del. Weidner [hiat.]

κρινούνται ὅτι Χαβρία μὲν διὰ τὴν περὶ Νάξον ναυμαχίαν, Ἰφικράτει δὲ ὅτι μόραν Λακεδαιμονίων ἀπέκτεινε, Τιμοθέω δὲ διὰ τὸν περίπλουν τὸν εἰς Κέρκυραν, καὶ ἄλλοις, ὧν ἐκάστῳ πολλὰ καὶ καλὰ κατὰ πόλεμον ἔργα πέπρακται. [244] Δημοσθένει δ' ἀντεροῦ διὰ τί δώσετε; ὅτι δωροδόκος, ὅτι δειλός, ὅτι τὴν τάξιν ἔλιπε; καὶ πότερον τοῦτον τιμήσετε, ἢ ὑμᾶς αὐτοὺς ἀτιμωρήτους ἐάσετε καὶ τοὺς ὑπὲρ ὑμῶν ἐν τῇ μάχῃ τελευτήσαντας; οὓς νομίσασθ' ὀρᾶν σχετλιάζοντας, εἰ οὗτος στεφανωθήσεται. Καὶ γὰρ ἂν εἴη δεινόν, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, εἰ τὰ μὲν ξύλα καὶ τοὺς λίθους καὶ τὸν σίδηρον, τὰ ἄφωνα καὶ τὰ ἀγνώμονα, ἐὰν τῷ ἐμπεσόντα ἀποκτείνῃ, ὑπερορίζομεν, καὶ ἐὰν τις αὐτὸν διαχρήσῃται, τὴν χεῖρα τὴν τοῦτο πράξασαν χωρὶς τοῦ σώματος θάπτομεν, [245] Δημοσθένην δέ, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, τὸν γράψαντα μὲν τὴν πανυστάτην ἔξοδον, προδόντα δὲ τοὺς στρατιώτας, τοῦτον ὑμεῖς τιμήσετε. Οὐκοῦν ὑβρίζονται μὲν οἱ τελευτήσαντες, ἀθυμότεροι δὲ οἱ ζῶντες γίνονται, ὀρῶντες τῆς ἀρετῆς ἄθλον τὸν θάνατον κείμενον, τὴν δὲ μνήμην ἐπιλείπουσαν· τὸ δὲ μέγιστον, ἐπερωτῶσιν ὑμᾶς οἱ νεώτεροι πρὸς ὁποῖον χρεὶ παράδειγμα αὐτοὺς τὸν βίον ποιεῖσθαι. [246] Εὖ γὰρ ἴστε, ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, ὅτι οὐχ αἱ παλαιστραὶ οὐδὲ τὰ διδασκα-

[243]

8 μόραν Bernardus Wolf μοῖραν **βfkTUAld** | ἀπέκτεινε] κατέκοψε schol. et Cobet

[244]

1 ἀντεροῦ **k** ἐὰν (ἂν **amgVx**) τις ἐρωτᾷ **βfTUAld** | δώσετε **gxk del.** Sauppe Budé-Martin οὐ δώσετε **amVLfTU^sAld** (-ται **U^a**), num recte | φήσεται ante ὅτι add. **U**

3 ἀτιμωρήτους ἐάσετε **xk** ἀτιμώσετε **amgVLfTUAld**

4 νομίσασθ' **k** νομίζεθ' **βfTUAld**

7 τὰ² om. **fAld**

8 τῷ] τε **U** τις **Ald**

9 διαχρήσῃται **fAld** διαχειρίσῃται **βT** (-ρήσ- **VxU^a**) διαχρήσῃ **k** διαχρήσει **U^{mg}** | πράξασαν] πράξαξαν **U^a**, corr. **U^s**

[245]

5 ἄθλον <μὲν> τὸν add. Blass Dilts

6 τὸ δὲ **βfTUAld** καὶ τὸ **k**

7 ἐπερωτῶσιν **k** ἀνεπερωτῶσιν **T** ἐὰν ἐπερωτῶσιν **βfUAld** | ὁποῖον **xk** ποῖον **amgVLfTUAld** | χρεὶ παράδειγμα **βkT** παράδειγμα χρεὶ **fUAld**

8 ποιεῖσθαι **k** ποιεῖσθαι, τί κρινεῖτε **βfTUAld**

[246]

1 ὧ ἄ. Ἀθ. om. **TUAld**

2 αἱ παλαιστραὶ **βfTUAld** ἢ παλαιστρα **k**

λεία οὐδ' ἢ μουσική μόνον παιδεύει τοὺς νέους, ἀλλὰ πολὺ
 μᾶλλον τὰ δημόσια κηρύγματα. Κηρύττεται τις ἐν τῷ θεά- 5
 τρω ὅτι στεφανοῦται ἀρετῆς ἕνεκα καὶ ἀνδραγαθίας καὶ
 εὐνοίας, ἄνθρωπος ἀσχημονῶν τῷ βίῳ καὶ βδελυρός· ὁ δέ
 γε νεώτερος ταῦτ' ἰδὼν διεφθάρη. Δίκην τις δέδωκε
 πονηρὸς καὶ πορνοβοσκός, ὥσπερ Κτησιφῶν· οἱ δέ γε 10
 ἄλλοι πεπαίδευνται. Τάναντία τις ψηφισάμενος τῶν καλῶν
 καὶ δικαίων, ἐπανελθὼν οἴκαδε παιδεύει τὸν υἱόν· ὁ δέ γε 10
 εἰκότως οὐ πείθεται, ἀλλὰ τὸ νοθετεῖν ἐνοχλεῖν ἐνταῦθα
 ἤδη δικαίως ὀνομάζεται. [247] Ὡς οὖν μὴ μόνον κρίνοντες, 1
 ἀλλὰ καὶ θεωρούμενοι, οὕτω τὴν ψῆφον φέρετε, εἰς ἀπο-
 λογισμὸν τοῖς νῦν μὲν οὐ παροῦσι τῶν πολιτῶν, ἐπερη-
 σομένοις δὲ ὑμᾶς τί ἐδικάζετε. Εὖ γὰρ ἴστε, ὧ ἄνδρες 5
 Ἀθηναῖοι, ὅτι τοιαύτη δόξει ἢ πόλις εἶναι ὁποῖός τις ἂν ἦ
 ὁ κηρυττόμενος· ἔστι δὲ ὄνειδος μὴ τοῖς προγόνοις ὑμᾶς,
 ἀλλὰ τῇ Δημοσθένους ἀνανδρίᾳ προσεικασθῆναι.
 Πῶς οὖν ἂν τις τὴν τοιαύτην αἰσχύνην ἐκφύγοι; [248] ἐὰν 1
 τοὺς προκαταλαμβάνοντας τὰ κοινὰ καὶ φιλόανθρωπα τῶν
 ὀνομάτων, ἀπίστους ὄντας τοῖς ἡθεσι, φυλάξησθε. ἢ

[246]

3 νέους **xk** νεωτέρους **amgVLfTUAlid** | πολὺ] πολὰ (sic) Dilts, cf.
 1.179
 4 κηρύγματα **βfTUAlid** δίκαια **k** schol. (**f**) |
 5 καί¹ – 6 εὐνοίας om. **k**
 6 ἀσχημονῶν **βkT** (εὐσχ- T^a) ἀσχήμων ὧν **fUAlid** | καὶ βδελυρός
 om. **k**
 7 γε om. **k**
 8 ὥσπερ Κτησιφῶν del. Dobree
 10 παιδεύει **g^cxfkUAlid** παιδεύειν **amg^aVLT**
 11 ἐνοχλεῖν ἐνταῦθα **VxfkU** ἐνταῦθα ἐνοχλεῖν **amgLTAlid** ἐνταῦθα
 del. Weidner
 12 ἤδη **VxLfkUAlid** ἤδη καὶ **amgT**

[247]

2 θεωρούμενοι **amgVLfTUAlid** θεωροῦντες **xk** | ἀπολογισμὸν **Vf**
kUAlid ἀπολογίαν **amgLT** schol. (**f**) (2 εἰς – 4 ἐδικάζετε om. **x**)
 5 δόξει ἢ πόλις **amgVLfTUAlid** ἢ πόλις δόξει **xk** | ἦ **amgftUAlid**
 ἦ **V** εἶη **xLk**
 6 ὑμᾶς **Ald** Bekker ἡμᾶς **βfkU** ἡμῶν **T**
 8 ἐκφύγοι **amgVfTUAlid** ἐκφεύγοι **xk** ἐκφύγη **L**

[248]

1 οὖν post ἐὰν add. **U**
 3 ἀπίστους <δ'> ὄντας add. Blass Dilts | καλῶς ποιήσεται post
 φυλάξησθε add. **U**

γὰρ εὐνοια καὶ τὸ τῆς δημοκρατίας ὄνομα κεῖται μὲν ἐν
 μέσῳ, φθάνουσι δ' ἐπ' αὐτὰ καταφεύγοντες τῷ λόγῳ ὡς 5
 ἐπὶ πολὺ οἱ τοῖς ἔργοις πλεῖστον ἀπέχοντες. [249] Ὅταν οὖν 1
 λάβητε ῥήτορα [ξενικῶν] στεφάνων καὶ κηρυγμάτων ἐν
 τοῖς Ἑλλησιν ἐπιθυμοῦντα, ἐπανάγειν αὐτὸν κελεύετε καὶ
 τῶν λόγων, ὥσπερ καὶ τὰς βεβαιώσεις τῶν κτημάτων ὁ 5
 νόμος κελεύει ποιεῖσθαι, εἰς βίον ἀξιοχρεῶν καὶ τρόπον 5
 σῶφρονα. Ὅτῳ δὲ ταῦτα μὴ μαρτυρεῖται, μὴ βεβαιούτε
 αὐτῷ τοὺς ἐπαίνους, καὶ τῆς δημοκρατίας ἐπιμελήθητε ἤδη
 διαφευγούσης ὑμᾶς. [250] Ἡ οὐ δεινὸν ὑμῖν εἶναι δοκεῖ, ὅτι 1
 τὸ μὲν βουλευτήριον καὶ ὁ δῆμος παροραῖται, αἱ δ' ἐπι-
 στολαὶ καὶ αἱ πρεσβεῖαι ἀφικνοῦνται εἰς ἰδιωτικὰς οἰκίας,
 οὐ παρὰ τῶν τυχόντων ἀνθρώπων, ἀλλὰ παρὰ τῶν πρω- 5
 τευόντων ἐν τῇ Ἀσίᾳ καὶ τῇ Εὐρώπῃ; καὶ ἐφ' οἷς ἐστὶν 5
 ἐκ τῶν νόμων ζημία θάνατος, ταῦτά τινες οὐκ ἐξαρνοῦνται
 πράττειν, ἀλλ' ὁμολογοῦσιν ἐν τῷ δήμῳ, καὶ τὰς ἐπιστολάς
 ἀλλήλοις παραναγιγνώσκουσιν· παρακελεύονται δ' ὑμῖν οἱ
 μὲν βλέπειν εἰς τὰ ἑαυτῶν πρόσωπα ὡς φύλακες τῆς δημο-
 κρατίας, ἕτεροι δ' αἰτοῦσι δωρεὰς ὡς σωτῆρες τῆς πόλεως 10
 ὄντες. [251] Ὁ δὲ δῆμος ἐκ τῆς ἀθυμίας τῶν συμβεβηκότων 1
 ὥσπερ παραγεγηρακῶς ἢ παρανοίας ἐαλωκῶς αὐτὸ μόνον
 τοῦνομα τῆς δημοκρατίας περιποιεῖται, τῶν δ' ἔργων ἐτέ-

[248]

6 πολὺ **βkTUAld**, cf. 1.179 τὸ πολὺ **f**

[249]

2 del. Benseler, sed cf. 44, 45, 46, 230 | ἐν om. **xk**3.4 καὶ τῶν λόγων **xfkU^aAld** τὸν λόγον **amgVLTU^{mg}**4 καὶ om. **fU** | κτημάτων **f²kTU^{mg}** κηρυγμάτων **f²U^aAld**5 τρόπον] τρόπων **U^a**, corr. **U^{sl}**7 οὕτω γὰρ post ἐπαίνους add. **U**

[250]

1 ὑμῖν εἶναι δοκεῖ **xk** ὑμῖν δοκεῖ εἶναι **VlfUAld** δοκεῖ ὑμῖν εἶναι**amgT** | ὅτι **xfkUAld** εἰ **amgVLT**3 αἱ om. **amgVLT**4 πρωτευόντων **βkTUAld** (προ- **U**) πρωτευόντων ἀνθρώπων **f**5 τῆ² **βkT** ἐν τῇ **fUAld** | ἢ post ἐστὶν om. **amgVlftUAld**6 ἐκ **amgVlftUAld** παρὰ **xk**8 ἀλλήλοις] ἀλλήλους **U^a**, corr. **U^{sl}** | παρακαλεῦνται δ' **f** καὶπαρακαλεῦνται **βkTUAld** | ὑμῖν del. Sauppe Dilts ὑμῖν post **9** μὲν**xfkU**9 τῆς om. **U**

ροις παρακεχώρηκεν. Ἐπειτ' ἀπέρχεσθε ἐκ τῶν ἐκκλησιῶν 5
 οὐ βουλευσάμενοι, ἀλλ' ὡσπερ ἐκ τῶν ἐράνων, τὰ περιόντα 1
 νειμάμενοι. [252] Ὅτι δ' οὐ ληρῶ, ἐκεῖθεν τὸν λόγον θεωρή-
 σατε. Ἐγένετό τις, ἄχθομαι δὲ πολλάκις μεμνημένος, ἀτυ-
 χία τῇ πόλει. Ἐνταῦθ' ἀνήρ ιδιώτης ἐκπλεῖν μόνον εἰς
 Σάμον ἐπιχειρήσας ὡς προδότης τῆς πατρίδος αὐθημερὸν 5
 ὑπὸ τῆς ἐξ Ἀρείου πάγου βουλῆς θανάτῳ ἐζημιώθη.
 Ἄλλος δ' ἐκπλεύσας ιδιώτης εἰς Ῥόδον, ὅτι τὸν φόβον
 ἀνάνδρως ἤνεγκε, πρώην ποτὲ εἰσηγγέλθη καὶ ἴσαι αἱ
 ψῆφοι αὐτῷ ἐγένοντο· εἰ δὲ μία μόνον μετέπεσεν, ὑπερώ-
 ριστ' ἂν ἢ ἀπέθανεν. [253] Ἀντιθῶμεν δὴ τὸ νυνὶ γι- 1
 γνόμενον. Ἀνήρ ῥήτωρ, ὁ πάντων τῶν κακῶν αἴτιος, ἔλιπε
 μὲν τὴν ἀπὸ στρατοπέδου τάξιν, ἀπέδρα δ' ἐκ τῆς πόλεως·
 οὗτος στεφανοῦσθαι ἀξιοῖ καὶ κηρύττεσθαι οἶεται δεῖν.

[251]

5 περιόντα **amgVlftUAld** περιϋόντα **xk** παριόντα **U^{sl}**

[252]

2 πολλάκις μεμνημένος **amgVlftUAld** μεμνημένος πολλάκις **xk**
 2.3 ἀτυχία τῇ πόλει **xk** τὰς ἀτυχίας τῆς πόλεως **am gVlftUAld**
 3 ιδιώτης **k** ιδιώτης ὡς **βftUAld** | μόνος **amgVxUAld**, corr. Taylor,
 sine term. **k**, om. **Lf** νόμος **T**
 4 ἐπιχειρήσας **amgVxkTU** ἐγχειρήσας **LfAld**
 5 ὑπὸ **amgVlftUAld** ἀπὸ **xk**
 6 ἐπλεύσας ιδιώτης **xk** πλεύσας ιδιώτης Harp. Ph. Suid. ιδιώτης
 ἐκπλεύσας **amgVlftUAld**
 7 πρώην **βfkTUAld** πρώην μὲν Harp. Ph. Suid. | καὶ – **8** ἐγένοντο
 del. Weidner
 7.8 αἱ ψῆφοι αὐτῷ **Π47(t)amgVlftUAld** Harp. Suid. αὐτῷ αἱ
 ψῆφοι **xk**
 8 μία **m^cg^cxLfkUAld** Harp. Suid. μιᾶ **am^ag^aVT** | μόνον **Π47(t)** (ut
 vid.) **βfkTUAld** ψῆφος Harp. Suid. utrum del. coni. Baiter-Sauppe |
 μετέπεσεν **Π47(t)** (ut vid.) **βfkTUAld** ὑπερέπεσεν Harp. Ph. Suid.
 9 ἢ ἀπέθανεν del. A. Schaefer Dilts | ἢ **βfkTUAld** καὶ **Π47(t)** Harp.

[253]

1 νυνὶ **xkU** νῦν **amgVlftUAld**
 2 ὁ πάντων **amgVxkTU** (τὸ **a**) ἀπάντων **LfAld**
 3 ἀπέδρα **amgVlftUAld** ἀποδέδρακε **xk**

Οὐκ ἀποπέμψετε τὸν ἄνθρωπον ὡς κοινήν τῶν Ἑλλήνων 5
 συμφορὰν; Ἡ συλλαβόντες ὡς ληστήν τῶν πραγμάτων,
 ἐπ' ὀνομάτων διὰ τῆς πολιτείας πλέοντα, τιμωρήσεσθε;
 [254] καὶ τὸν καιρὸν μὴν μνήσθητε ἐν ᾧ τὴν ψῆφον φέρετε. 1
 Ἡμερῶν μὲν ὀλίγων μέλλει τὰ Πύθια γίνεσθαι καὶ τὸ
 συνέδριον τὸ τῶν Ἑλλήνων συλλέγεσθαι· διαβέβληται δ' ἡ
 πόλις ἐκ τῶν Δημοσθένους πολιτευμάτων περὶ τοὺς νυνὶ
 καιροὺς· δόξετε δ' ἔαν μὲν τοῦτον στεφανώσητε, 5
 ὁμογνώμονες εἶναι τοῖς παραβαίνουσι τὴν κοινήν εἰρήνην,
 ἔαν δὲ τοῦναντίον τούτου πράξητε, ἀπολύσετε τὸν δῆμον
 τῶν αἰτιῶν.

[255] Μὴ οὖν ὡς ὑπὲρ ἀλλοτρίας ἀλλ' ὡς ὑπὲρ οἰκείας 1
 τῆς πόλεως βουλευέσθε, καὶ τὰς φιλοτιμίας μὴ νέμετε,
 ἀλλὰ κρίνετε, καὶ τὰς δωρεὰς εἰς βελτίω σώματα καὶ ἄν-
 δρας ἀξιολογωτέρους ἀπόθεσθε, καὶ μὴ μόνον τοῖς ὠσίν,
 ἀλλὰ καὶ τοῖς ὄμμασι διαβλέψαντες εἰς ὑμᾶς αὐτοὺς βου- 5
 λεύσασθε τίνες ὑμῶν εἰσιν οἱ βοηθήσοντες Δημοσθένει,
 πότερον οἱ συγκυνηγέται, ἢ οἱ συγγυμνασται αὐτοῦ, ὅτ' ἦν
 ἐν ἡλικίᾳ; Ἀλλὰ μὰ τὸν Δία τὸν Ὀλύμπιον οὐχ ὕς ἀγρίους
 κυνηγετῶν, οὐδὲ τῆς τοῦ σώματος εὐεξίας ἐπιμελούμενος,

[253]

5 ἀποπέμψετε **βfkTU** Plin. ἀποπέμψετε **Ald** schol. 3.253.546 (S)

[254]

1 μὴ μνησθῆτε **amgVxkT** (Bekker) μέμνησθε **LfUAld** μὴ <οὐ>
 μνησθῆτε Saurpe
 3 τὸ om. **k** | ἢ **xk** ἡμῶν ἢ **amgVLfTUAld**
 4 νυνὶ **xk** νῦν **amgVLfTUAld**
 5 ἔαν **amgLTUAld** ἔαν **Vxk**
 7 ἀπολύσετε **βkTUAld** ἀπολύσητε **f**

[255]

1 ὑπὲρ ... ὑπὲρ **amgVLfTUAld** περὶ ... περὶ **xk**
 3.4 ἄνδρας ἀξιολογ. **xk** ἀξιολογ. ἄνδρας **amgLfTUAld** (2 τὰς¹ – 4
 καὶ om. **V**)
 4 ὠσίν **amgVxkTAld** σώμασιν **LfU^a** οἰσίν **U^{mg}** | ὠσίν <ἀκούσαντες>
 conl. Blass
 6 βοηθήσοντες **amgxkTAld** βοηθήσαντες **VlfU**
 9 ἐπιμελούμενος **xf^ak** ἐπιμελούμενος διατετέλεκεν **amg VLf^aTUAld**

ἀλλ' ἐπασκῶν τέχνας ἐπὶ τοὺς τὰς οὐσίας κεκτημένους δια- 10
γεγένηται. [256] Ἄλλ' εἰς τὴν ἀλαζονείαν ἀποβλέψαντες, 1
ὅταν φῆ Βυζαντίους μὲν ἐκ τῶν χειρῶν πρεσβεύσας ἐξελέ-
σθαι τῶν Φιλίππου, ἀποστήσαι δὲ Ἀκαρνᾶνας, ἐκπλήξαι
δὲ Θηβαίους δημηγορήσας· οἶεται γὰρ ὑμᾶς εἰς τοσοῦτον
εὐηθείας ἤδη προβεβηκέναι ὥστε καὶ ταῦτα ἀναπεισθήσε- 5
σθαι, ὥσπερ Πειθῶ τρέφοντας, ἀλλ' οὐ συκοφάντην ἄν-
θρωπον ἐν τῇ πόλει.

[257] Ὅταν δ' ἐπὶ τελευτῆς ἤδη τοῦ λόγου συνηγόρους 1
τοὺς κοινωνοὺς αὐτῶ τῶν δωροδοκημάτων παρακαλῆ, ὑπο-
λαμβάνετε ὅραν ἐπὶ τοῦ βήματος, οὗ νῦν ἐστηκῶς ἐγὼ
λέγω, ἀντιπαρατεταγμένους πρὸς τὴν τούτων ἀσέλγειαν
τοὺς τῆς πόλεως εὐεργέτας, Σόλωνα μὲν τὸν καλλίστοις 5
νόμοις κοσμήσαντα τὴν δημοκρατίαν, ἄνδρα φιλόσοφον
καὶ νομοθέτην ἀγαθόν, σωφρόνως, ὡς προσῆκον αὐτῶ,

[255]

10 post διαγεγένηται <***> Dobree, "exciderunt plura de studiis Dem."

[256]

1 ἀποβλέψαντες **amgVxkTAld** βλέψαντες **LfU**
2 βυζαντίους **amgVxkTU^{s1}** βυζάντιον **LfU^aAld** | πρεσβεύσας
ἐξελέσθαι **amgVLfTUAld** ἐξελέσθαι πρεσβεύσας **xk**
3 τῶν **xLfkAld** τοῦ **amgVTU**
4 ὑμᾶς **amgVLfTUAld** ἡμᾶς **xk**
5 ταῦθα (sic) **U^a**, corr. **U^{s1}** | ἀναπεισθήσεσθαι **amgxkTAld** ἄν
ἀναπεισθήσεσθε **V** ἀναπέισεσθαι **L** ἀναπεισθήσεσθε **fU**
6 τρέφοντες **U**

[257]

1 δ' om. Alex. | δ' – 2 τοὺς om. Alex. | συνηγόρους τοὺς] τοὺς συνηγόρους
καλῆ καὶ Alex. Io. Sard.
2 αὐτῶ Alex. post δωροδοκημάτων **bfkTUAld** αὐτοῦ Alex. |
αὐτῶ – δωροδοκημάτων om. Io. Sard. | τῶν δωροδοκημάτων] τῆς
δωροδοκίας Alex.
6 ἄνδρα – 7 ἀγαθόν del. Hamaker post 7 προσῆκον transp. Dobree
(6 ἄνδρα – 9 νόμων om. Alex.)
7 νομοθέτην] ποιητὴν Blass cf. 108 et Lycurg. 100 | ὡς **amgVxkT**
ὥσπερ **LfUAld** | προῆκεν **bfk**, corr. Emperius προσῆκεν **TUAld**

δεόμενον ὑμῶν μηδενὶ τρόπῳ τοὺς Δημοσθένους λόγους
 περὶ πλείονος ποιήσασθαι τῶν ὄρκων καὶ τῶν νόμων· 1
 [258] Ἀριστείδην δὲ τὸν τοὺς φόρους τάξαντα τοῖς Ἑλλησιν, 1
 οὐ τελευτήσαντος τὰς θυγατέρας ἐξέδωκεν ὁ δῆμος, σχετ-
 λιάζοντα ἐπὶ τῷ τῆς δικαιοσύνης προπηλακισμῷ, καὶ ἐπε-
 ρωτῶντα εἰ οὐκ αἰσχύνεσθε, εἰ οἱ μὲν πατέρες ὑμῶν Ἄρθ- 5
 μιον τὸν Ζελεΐτην κομίσαντα εἰς τὴν Ἑλλάδα τὸ ἐκ
 Μήδων χρυσίον, ἐπιδημήσαντα εἰς τὴν πόλιν, πρόξενον
 ὄντα τοῦ δήμου τοῦ Ἀθηναίων, παρ' οὐδὲν μὲν ἦλθον ἀπο-
 κτεῖναι, ἐξεκήρυξαν δ' ἐκ τῆς πόλεως καὶ ἐξ ἀπάσης ἧς 5
 ἄρχουσιν Ἀθηναῖοι, [259] ὑμεῖς δὲ Δημοσθένην, οὐ κομί- 1
 σαντα τὸ ἐκ Μήδων χρυσίον, ἀλλὰ δωροδοκήσαντα καὶ ἔτι
 καὶ νῦν κεκτημένον, χρυσῷ στεφάνῳ μέλλετε στεφανοῦν.
 Θεμιστοκλέα δὲ καὶ τοὺς ἐν Μαραθῶνι τελευτήσαντας καὶ
 τοὺς ἐν Πλαταιαῖς καὶ αὐτοὺς τοὺς τάφους τοὺς τῶν 5
 προγόνων οὐκ οἴεσθε στενάξειν, εἰ ὁ μετὰ τῶν βαρβάρων
 ὁμολογῶν τοῖς Ἑλλησιν ἀντιπράττειν στεφανωθήσεται;
 [260] Ἐγὼ μὲν οὖν, ὧ γῆ καὶ ἦλιε καὶ ἀρετὴ καὶ σύνεσις 1
 καὶ παιδεία, ἧ διαγιγνώσκομεν τὰ καλὰ καὶ τὰ αἰσχρά,
 βεβοήθηκα καὶ εἴρηκα. Καὶ εἰ μὲν καλῶς καὶ ἀξίως τοῦ
 ἀδικήματος κατηγόρηκα, εἶπον ὡς ἐβουλόμην, εἰ δὲ ἐνδε-

[258]

4 εἰ¹ **TU^aAld** ἢ **U^{s1} Alex.** | εἰ² **amgVlftUAld Alex.** ὅτι **xk**
Alex. | ὑμῶν **amgVlftUAld Alex.** ἡμῶν **xk** | ἄρθμιον **mgxLkTAld**
 ἀρίθμιον **aVfU Alex.**

7 τοῦ² **amVxfk** τῶν **gLTUAld** | παρ' – [259] χρυσίον **om. x** | μὲν
om. k

9 ἄχρουσιν ἀθηναῖοι **xk** ἀθηναῖοι ἄχρουσιν **amgVlftUAld**

[259]

5 τοῦς² **om. gLkAld**

6 οὐκ **amgVxkT** οὐκ ἂν **LfUAld** | στενάξειν **xk** στενάξαι **amgVT**
 ἀναστενάξαι **LfUAld**

7 ἀντιπράττειν **amgVxkT** ἀντιπράξαι **LfU^aAld** ἀντιπράττω **U**

εστέρωσ, ὡσ ἔδυνάμην. Ὑμεῖσ δὲ καὶ ἐκ τῶν εἰρημένων 5
λόγων καὶ ἐκ τῶν παραλειπομένων αὐτοὶ τὰ δίκαια καὶ τὰ
συμφέροντα ὑπὲρ τῆσ πόλεωσ ψηφίσασθε.

[260]

6 παραλειπομένων **xL** (-λιπ- **L**) **fkUAld** παραλελειμένων **amgVT** |
καὶ² – 7 συμφέροντα om. **Lf**

TERCEIRA PARTE

TRADUÇÃO

Contra Ctesifonte

[1] Atenienses, vós vedes a que ponto chegou a preparação e a disposição das forças, e também as petições que chegam à Ágora, de que alguns tiram partido, para que a moderação e o costume não tenham lugar na cidade. Eu, pelo contrário, vim confiante em primeiro lugar nos deuses, em segundo nas leis e em vós, considerando que nenhuma preparação tem mais força entre vós do que as leis e a justiça.

[2] Como eu desejaria, Atenienses, que o Conselho dos Quinhentos e as reuniões da Assembleia fossem correctamente dirigidos pelos seus presidentes, e que prevalecessem as leis que Sólon¹ legislou acerca da conduta dos oradores, para que em primeiro lugar fosse possível ao mais velho dos cidadãos, como estipulam as leis, subir à tribuna com moderação e, sem confusão nem tumulto, aconselhar o melhor para a cidade a partir da sua experiência; e em segundo lugar então, aquele que quisesse falar de entre os restantes cidadãos, segundo a idade, separadamente e à vez, poderia mostrar a sua opinião sobre cada assunto. Desta forma parece-me que a cidade seria mais bem governada e que os julgamentos seriam muito menos.

[3] Mas desde então, tudo o que antes era consensual, por ser justo, agora está destruído. Alguns propõem até levemente moções ilegais e outros submetem-nas a votação para decretos - pois não obtiveram por sorteio ser *proedroi*² de modo mais justo, mas presidem na sequência de intrigas. Mas se algum dos outros membros, que foi realmente nomeado *proedros* por sorteio, torna público a vossa votação de forma precisa, a esse prometem acusá-lo aqueles que consideram, para si, o governo da cidade já não um bem comum, mas privado, ao escravizar homens comuns³ e ao apoderar-se de poderes despóticos.

[4] E desde que foram abolidos os julgamentos de acordo com a lei e os julgam com

¹ Ao longo do texto, a figura e as leis de Sólon, enquanto legislador ateniense por excelência, são citadas algumas vezes, mas sem referência a leis concretas. Para a discussão das passagens e autenticidades dessas leis, veja-se Leão e Rhodes 2016.

² Os *πρόεδροι*, em número de nove, sorteados um de entre as dez tribos (*φυλαί*) juntamente com o *ἐπιστάτης* (presidente dos *πρόεδροι*) estavam encarregues de, nas suas próprias reuniões, fazer prosseguir a ordem de trabalhos do dia, estabelecido pelo Conselho, e a sua actuação passava por assegurar o correcto procedimento da própria reunião, das votações feitas, e de dissolver a reunião. Arist. *Ath.* 44.2-3. Sobre o cargo e data da sua instituição, o modo de votação e funções do *πρόεδρος*, vide Hansen (1977).

³ O *ιδιώτης*, que aqui traduzimos por 'homem comum', mas também 'particular', tem geralmente o sentido oposto da noção de *πολίτης*, o cidadão livre que actua no Estado. Em contexto, o *ιδιώτης* tende a valorizar os assuntos pessoais e privados em detrimento da causa pública. Ao longo do texto, Ésquines acusa Demóstenes de ter criado situações desvantajosas para a cidade, a causa pública, e, por contrário, vantajosas para si próprio.

fervor de acordo com os decretos, calou-se a mais bela e a mais razoável proclamação de todas na cidade: “Quem deseja tomar da palavra de entre os que têm mais de cinquenta anos de idade, e ainda, à vez, os outros cidadãos?”. É que a desordem dos oradores já não a dominam nem as leis, nem os prítanes⁴, nem os *proedroi*, nem a tribo que preside, a décima parte da cidade.

[5] Sendo assim a situação e tais as circunstâncias para a cidade, de maneira que vós assumis que são mesmo assim, se bem o sei, resta uma única parte da constituição: as acusações públicas por ilegalidade. Se também estas as abolirdes ou permitirdes que sejam anuladas, predigo-vos que pouco a pouco, sem dar-vos conta, cedereis o governo da cidade a uns poucos.

[6] Sabeis bem, Atenienses, que existem três formas de governo para os homens: a tirania, a oligarquia, e a democracia. As tiranias e as oligarquias são governadas pelas imposições que estabelecem, as cidades democráticas pelas leis estabelecidas. Que nenhum de vós o ignore, mas cada um saiba claramente que quando alguém entra no tribunal para julgar acusações públicas ilegais, nesse mesmo dia estará a votar sobre a sua própria liberdade de expressão. Por isso, o legislador colocou o seguinte no juramento dos juízes: “Votarei de acordo com as leis.”, sabendo bem, pelo menos, que quando as leis são observadas pela cidade, também a democracia é salvaguardada.

[7] Lembrai-vos disto: é preciso que odieis os que propõem acusações públicas ilegais e não considereis qualquer destas injustiças coisa pequena, mas cada uma excessivamente grave, e que nenhum dos homens vos retire este direito; nem os discursos de defesa dos estrategos, aqueles que há já muito tempo assistem a alguns dos oradores a maltratar a constituição; nem as petições dos estrangeiros, os quais sobem à tribuna para que alguns escapem dos tribunais e consigam governar com políticas ilegais. Mas como cada um de vós se envergonharia de ter deixado a linha de batalha ou de ter abandonado o seu posto na guerra, envergonhai-vos também agora de ter deixado essa linha e de ter abandonado o vosso posto enquanto guardiães das leis da democracia neste dia.

[8] É necessário que estes assuntos sejam lembrados, pois agora todos os cidadãos deixam a cidade ao vosso cuidado e confiam na constituição, estes que estão presentes e escutam este processo e também os que estão ausentes em assuntos particulares. Senti vergonha por eles e pelos juramentos que firmastes e lembrai-vos das leis. Se provardes que Ctesifonte propôs uma moção ilegal, falsa e prejudicial à cidade, Atenienses, anulai essas moções ilegais, garanti a democracia para a cidade, castigai os que levam uma política contrária às leis e ao vosso interesse. Se, em relação a este assunto, escutardes as palavras que vão ser pronunciadas, sei bem que votareis com justiça, de acordo com os juramentos, e no que é útil para vós e para toda a cidade.

[9] Pois bem, acerca de toda a acusação, espero falar o bastante. Em relação às leis

⁴ Os prítanes (Arist. *Ath.* 21, 43-44) eram representantes das 10 tribos (φυλάι) instituídas por Clístenes em 508 a.C., formavam o Conselho dos Quinhentos durante, inicialmente, uma décima parte do ano, período ao qual se chamava pritania (depois dividido em 12 pritanias), e tinham funções semelhantes às dos πρόεδροι antes de se instituir esse cargo. Rhodes 1972.

que foram estabelecidas acerca dos magistrados em prestação de contas⁵, leis que Ctesifonte violou com a proposta do seu decreto, quero falar brevemente. Em tempos anteriores, alguns magistrados que ocupavam os mais altos cargos e administravam as receitas públicas, aceitavam subornos por cada uma dessas funções, associando-se aos oradores do Conselho e da Assembleia. Com tempo, antecipavam as rendições de contas com elogios e proclamações públicas, de tal forma que na prestação de contas das suas magistraturas os acusadores chegavam a um grande impasse, e muito mais ainda os juízes.

[10] Muitos dos magistrados em condição de prestação de contas, manifestamente condenados por serem ladrões de fundos públicos, fugiriam dos tribunais, como esperado. E penso que os juízes se envergonhariam se, por um lado, o mesmo homem, na mesma cidade, talvez também no mesmo ano, uns dias antes, fosse publicamente proclamado nos jogos públicos ao receber, pela Assembleia, uma coroa de ouro por causa da sua virtude e justiça, sendo possível, por outro, que o mesmo homem, passado pouco tempo, fosse condenado pelo tribunal como ladrão por causa da sua prestação de contas. De tal forma que os juízes eram forçados a votar não sobre uma injustiça presente, senão para salvaguardar o povo da vergonha.

[11] Ao ver esta situação, um certo legislador promulga uma lei, bastante boa, que proíbe expressamente os magistrados sujeitos a prestação de contas de serem coroados. Apesar de esta lei ter sido bem antecipada pelo legislador, descobriram-se argumentos mais fortes do que as leis, que, se alguém não vos der conta, escapar-vos-á que estais a ser enganados. Pois esses que, à margem da lei, propõem coroas aos magistrados em prestação de contas, alguns são moderados por natureza - se é que alguém é moderado ao propor ilegalidades - mas, pelo menos, apresentam-se como culpados expondo a sua vergonha, e acrescentam aos seus decretos a proposta de coroar o magistrado em prestação de contas, “quando tiver apresentado um relatório e prestado contas do seu cargo”.

[12] Também a cidade sofre igual injustiça, pois antecipam-se as prestações de contas com elogios e com coroas. É por isso que o proponente mostra o seu decreto aos que o ouvem, e, porque propôs uma moção ilegal, envergonha-se depois pelos erros que cometeu. Ctesifonte, porém, Atenienses, transgredindo a lei estabelecida acerca dos magistrados em prestação de contas, e anulando o motivo que eu precisamente vos acabei de dizer, antes de ter apresentado o relatório e antes de ter prestado contas, propôs que Demóstenes fosse coroado durante a sua magistratura.

[13] Acrescentarão ainda, Atenienses, um outro argumento contrário ao que se acaba de dizer: que as funções que a pessoa eleita desempenha não são uma magistratura, mas uma comissão e um serviço público. Dirão que estas magistraturas são as que

⁵ O εὔθυνος era o magistrado encarregado das εὔθυναί, ou a examinação pública para cargos públicos, e que tinha por função examinar, no final de cada magistratura, a apresentação de um relatório de execução do cargo e de um relatório de contas entregues pelos magistrados responsáveis por esses cargos (ὁ νόμος κελεύει λόγον καὶ εὔθυνας δίδοναι, Aeschin. 3.11, 20). Os magistrados sujeitos a prestação de contas chamavam-se ὑπεύθυνοι. Sobre o grupo de magistrados eleitos para o cargo das εὔθυναί, vide Arist. *Ath.* 48.4, *Pol.* 1322b; Fröhlich 2004: 103-116, Adam-Magnissali 2010.

os *thesmothetai*⁶ atribuíram por sorteio no *Theseion*⁷ e as que o povo costuma votar na eleição dos magistrados - estrategos e hiparcos⁸ e magistraturas dessa natureza -, todas as ocupações são, porém, impostas por decreto.

[14] Eu, perante os argumentos deles, apresentar-vos-ei uma lei que vós votastes, pensando em revogar tais pretextos, na qual está expressamente escrito: “as magistraturas electivas” - a todas estas, o legislador conferiu uma única denominação e acrescentou que todas eram magistraturas que o povo votaria de mão erguida -, “e os supervisores de obras públicas” - Demóstenes é inspector de fortificações, supervisor da obra mais importante -, “e todos os que administram assuntos da cidade por mais do que trinta dias e os que se ocupam da presidência dos tribunais” -, todos os encarregados de obras públicas têm a presidência de um tribunal. E a estes o que manda fazer a lei?

[15] Não é prestar um serviço público, mas “exercer o cargo depois de ser aprovado apto em tribunal” - uma vez que os cargos elegidos por sorteio não são isentos de escrutínio, mas é examinada a aptidão [dos magistrados] para o seu exercício - e “apresentar por escrito um relatório de contas diante dos auditores”, precisamente como os outros cargos exigem. Para mostrar que o que digo é verdade, ser-vos-ão lidas as leis.

Leis.

[16] Pois bem, Atenienses, sempre que, aquilo que o legislador denomina magistraturas, outros lhes chamem ocupações e comissões, é vosso dever recordar a lei e opor-se ao descaramento desses aí, e sugerir-lhes que não admitis um sofista pernicioso que julga poder anular as leis com palavras. Mas quantas mais propostas ilegais alguém apresentar, maior indignação vos deve suscitar. É preciso, Atenienses, que o orador e as leis pronunciem a mesma coisa. Quando a lei tem uma enunciação e o orador outra, é preciso conferir o voto à justiça da lei, e não ao descaramento daquele que fala.

[17] Perante o inevitável discurso que Demóstenes fará, quero pronunciar-me em poucas palavras. Pois ele dirá assim: “Sou inspector de fortificações, concordo. Mas

⁶ Os *θεσμοθέται* eram originalmente seis dos nove arcontes eleitos anualmente para o governo da cidade, juntamente com o arconte epónimo, o arconte rei e o arconte polemenco. As suas funções prendiam-se com a inscrição dos *θέσμοι* (literalmente aquilo que ficou fixado por lei) e a preservação dos mesmos, não necessariamente um conjunto de leis, mas decisões decorrentes dos processos judiciais, que serviriam de precedentes em casos e processos de tribunal no futuro. Arist. *Ath.* 3.4-5; 55.2-4, 59; Gagarin 1981; Gagarin 2008: 114 e ss.

⁷ Santuário dedicado a Teseu.

⁸ Os *στρατηγοί* eram os generais eleitos do exército e os *ἵππαρχοι* os comandantes da cavalaria. Sobre o cargo e a sua eleição, leia-se Arist. *Ath.* 61.1-2, 4, 44.4.

⁹ O processo de *δοκιμασία* passava por examinar publicamente a aptidão dos cidadãos para ocupar um cargo público e até, por exemplo, para obter a cidadania. Diante do Conselho ou de um tribunal, o examinando deveria responder a questões relativas à sua família e proveniência do demo e proferir um discurso de defesa pessoal, caso fosse acusado. Outro processo é o de *δοκιμασία τῶν ῥητόρων*, que permitia a um cidadão acusar outro de inaptidão para falar publicamente, em Assembleia. Ésquines, no *Contra Timarco*, elenca os casos de quem, impedido de falar publicamente, deveria passar pelo processo de escrutínio da *δοκιμασία τῶν ῥητόρων*. Arist. *Ath.* 42.1-2, 45.3, 49, 55.2-4, 56.1; Aeschin. 1.28-30; MacDowell 2005; Gagliardi 2005.

ofereci cem minas à cidade e a obra tornou-se maior. De que é que eu tenho de prestar contas? A não ser que alguém preste contas da boa vontade.” Diante deste pretexto, escutai-me agora enquanto eu digo o que é justo e útil.

Nesta cidade, que é tão antiga e grandiosa, ninguém é isento de prestar contas de entre os que, de algum modo, ocupam um cargo público.

[18] Mostrar-vos-ei primeiro com exemplos que desafiam a expectativa comum. A lei estabelece que os sacerdotes e as sacerdotisas prestem contas, todos colectivamente e por pessoa, cada um separadamente, eles que apenas recebem as oferendas e rezam em vosso favor as preces aos deuses, não apenas individualmente, mas também famílias em comum: os Eumólpidas, os Céricas¹⁰, e todos os demais.

[19] A lei estabelece que os trierarcas¹¹ estejam sujeitos a prestação de contas, mesmo os que não gerem fundos públicos, os que não diminuem muito a vossa receita pagando pouco, ou os que dizem que fazem doações voluntárias quando vos restituem o que é vosso, mas que reconhecidamente gastam o património familiar, de modo a obter honra perante vós. Agora não só os trierarcas, mas também os mais importantes tribunais estão sujeitos ao voto dos juízes.

[20] Em primeiro lugar, a lei estabelece que o Conselho do Areópago¹² decrete aos inspectores¹³ a apresentação de um relatório e da prestação de contas, essa severa lei que tem o maior poder e age através do vosso voto. Não deverá o Conselho do Areópago ser coroado? Não, não é seu costume. Não procuram alcançar a honra? Sim, de certo, mas não se contentam se alguém entre eles comete injustiças; se alguém erra, castigam-no. E os vossos oradores são corruptos. Então o legislador fez sujeito a prestação de contas o Conselho dos Quinhentos.

[21] E o Conselho desconfia de forma tão veemente dos magistrados sujeitos a prestação de contas, que no início das leis afirma: “o magistrado sujeito a prestação de contas não se ausentará”. “Por Hércules”, interromperia alguém, “porque exerci um cargo não me posso ausentar?” Por certo, para que não te julguem em fuga, depois de teres recebido dinheiro da cidade ou de a teres gerido. Por outro lado, não é permitido àquele que está sujeito a prestação de contas consagrar a sua propriedade, nem dedicar oferendas, nem fazer-se filho adoptivo, nem legar o que é seu, nem muitas outras coisas. Numa palavra, o legislador detém os bens do que está sujeito a prestação de contas até

¹⁰ Famílias sacerdotais relacionadas com os Mistérios de Eléusis, cujos antepassados fundadores foram, respectivamente, Eumolpo e Cérrix.

¹¹ Os trierarcas eram os responsáveis pela trierarquia, uma forma de contribuição para financiamento e equipamento de uma trirreme. Arist. *Ath.* 61.1.

¹² A instituição do Conselho dos Quinhentos foi uma das reformas de Clístenes em 508/7, determinando que da sua constituição deveriam fazer parte 50 membros (os βουλευται) de cada uma das dez tribos (φυλαί), cargo para o os seus membros teriam de passar a fase de escrutínio (δοκιμασία) e fazer um juramento de lealdade à cidade. A selecção por sorteio deverá ter sido introduzida c. 450 e o pagamento do cargo a partir de 412. As suas funções passavam por atribuir um calendário de actividades ao Conselho e à Assembleia, para a qual enviavam, depois de examinados se conforme os νόμοι, os documentos/decretos/leis a ser discutidos e votados. Arist. *Ath.* 21.3, 22.2. Rhodes 1972. Ober 2015.

¹³ Os λογισταί eram inspectores, eleitos anualmente, em número de dez, um de cada tribo, e por sorteio, que verificavam os relatórios de contas. Veja-se Arist. *Ath.* 48.3-5.

que as apresente à cidade.

[22] Sim, mas há um homem que não recebeu bens públicos nem gastou deles, e que participou nos assuntos públicos. Mesmo a esse, [a lei] estabelece prestar contas perante os auditores. E como é que alguém que não recebeu ou gastou presta contas à cidade? A própria lei sugere e indica o que se deve escrever, pois manda pôr por escrito “não recebi nada da cidade, nem gastei”. Não há nada na cidade que não esteja sujeito a prestação de contas, examinação e investigação. E porque digo a verdade, ouvi-lo das próprias leis.

Leis

[23] Posto que Demóstenes manifesta excessiva confiança, ao dizer que a sua doação voluntária não está sujeita a prestação de contas, dissei-lhe o seguinte: “Não devias tu, Demóstenes, permitir que o mensageiro público dos auditores proclamasse o anúncio ancestral e conforme a lei «Quem deseja acusar»? Permite que um qualquer cidadão discorde de ti, ao dizer que não fizeste nenhuma doação voluntária, mas do muito que tens para a construção das muralhas pouco gastaste, porque recebeste da cidade dez talentos para esse efeito. Não te aproveites de honras, nem tires os votos das mãos dos juízes, nem pratiques uma política acima das leis, mas submetido a elas. Pois é isto que sustenta a democracia.”

[24] No que se refere, então, aos pretextos vazios que esses¹⁴ alegaram, disse o bastante até aqui. Visto que Demóstenes estava realmente sujeito a prestação de contas, quando Ctesifonte apresentou o seu decreto - pois ocupava a magistratura do Fundo Teatral¹⁵ e a de inspector de fortificações - de nenhum desses dois cargos ele vos apresentou um relatório ou prestou contas. Tentar-vos-ei explicar esta situação através dos documentos públicos. Lê-me em que arcontado, em que mês, em que dia e em que Assembleia, Demóstenes foi eleito magistrado do Fundo Teatral.

Cálculo dos Dias

Pois bem, se eu não mostrasse nada mais além disto, Ctesifonte seria já justamente condenado. A minha acusação não o condena, mas os documentos públicos sim.

[25] Antigamente, Atenienses, havia um funcionário eleito pela cidade que, por cada pritania, prestava contas das receitas ao povo. Desde que tendes confiança em Eubulo, os eleitos para gerir o Fundo Teatral, antes da lei de Hégemon entrar em vigor, desempenhavam o cargo desse funcionário, e também o de oficial de contas e de estaleiros, o de construção de arsenais, eram também oficiais de construção de caminhos e tinham

¹⁴ Ctesifonte no decreto e Demóstenes.

¹⁵ O Fundo Teatral (τὸ θεωρικόν) foi inicialmente criado para pagar a entrada de cidadãos mais pobres nos festivais de teatro atenienses. O uso deste fundo desenvolveu-se e passou a contribuir para o pagamento de outras festividades públicas e, por fim, passou a financiar obras públicas. Associa-se a criação da magistratura do fundo teatral a Eubulo [§25], político ateniense influente por volta de 350 a.C. Veja-se Cawkwell 1963a e Rhodes 1972: 235-240.

a seu cargo quase toda a administração da cidade.

[26] Eu não digo isto para acusá-los ou censurá-los, mas quero mostrar-vos que, se alguém está sujeito a prestação de contas até do mais pequeno cargo, o legislador não permite que este homem seja coroado, antes de entregar um relatório e prestar contas; Ctesifonte, porém, não teve escrúpulos ao propor por escrito coroar Demóstenes, que, em suma, desempenhava todos os cargos em Atenas.

[27] Além disso, desempenhava também o cargo de inspector de fortificações, quando esse aí propôs o decreto. Administrava os fundos públicos e impunha penas, como os outros magistrados, e ocupava presidências dos tribunais: destas coisas vos darei como testemunhas o próprio Demóstenes e Ctesifonte. No arcontado de Querondas¹⁶, no segundo dia da última dezena do mês de Targélion¹⁷, numa sessão da Assembleia, Demóstenes propôs por escrito convocar uma reunião das tribos, no segundo e terceiro dias da primeira dezena do mês de Escirofórion¹⁸. Estabelecia nesse decreto que cada uma das tribos elegesse um inspector de obras das muralhas e tesoureiros - muito correctamente -, para que a cidade tivesse pessoas responsáveis pela prestação de contas, cuja função seria receber os relatórios da despesa. Lê-me¹⁹ também o decreto.

Decreto

[28] Sim, mas a isto ele replica dizendo de imediato que não obteve por sorteio o cargo de inspector de fortificações, nem foi votado pelo povo. Acerca deste assunto, Demóstenes e Ctesifonte fabricaram muitos discursos. Mas a lei é breve e clara, e rápida a desfazer os estratagemas desses dois. Primeiro, quero dizer-vos poucas palavras acerca deste assunto.

[29] Atenienses, há três formas de magistraturas: uma das quais, para todos a mais evidente, as magistraturas por sorteio e por voto de mão no ar; a segunda para todos quanto administram os assuntos da cidade por mais de trinta dias e para os que inspecionam os trabalhos públicos; e a terceira está inscrita na lei - se outros, eleitos, assumem a presidência dos tribunais, “esses, que desempenhem a magistratura, depois de passar a prova de escrutínio”.

[30] Depois que se separa os magistrados que foram votados de mão no ar pelo povo dos que foram escolhidos por sorteio, restam aqueles que as tribos, as secções das tribos²⁰ e os demos elegeram de entre eles para administrar os bens públicos. Isto

¹⁶ Arconte epónimo no ano 338/337. Lucas de Dios 2002: 466, n.101.

¹⁷ O mês de Targélion corresponde aos meses maio-junho do calendário ático. Cada mês estava dividido em três partes, cada uma delas contava com uma dezena de dias, e a última dezena do mês contava-se do fim para o início. Desta forma, o “segundo dia da última dezena” corresponde ao dia 29 do mês.

¹⁸ O mês de Escirofórion corresponde aos meses junho-julho do calendário ático.

¹⁹ Durante as sessões da Assembleia e do Conselho ou, neste caso, num julgamento em tribunal, havia presente um secretário a quem lhe era pedido que lesse, em voz alta e clara, documentos públicos (decretos e leis) e declarações de testemunhas. Para grande parte das actividades públicas havia um secretário, que tinha função de registo e conservação de documentos. Sobre as várias categorias de secretários em Atenas, leia-se Abbot 2012.

²⁰ O que se traduz por ‘secções das tribos’ corresponde à palavra τριττύες, que era a divisão das tribos

acontece quando quer que, como agora, seja estabelecido pelas tribos: seja trabalhar nas fossas, seja construir trirremes. O que digo é verdade, saíam-o a partir das leis.

Leis

[31] Recordai-vos do que já foi dito: que o legislador determina o exercício de magistraturas das tribos depois de ter passado a prova de escrutínio no tribunal. A tribo de Pandión designou Demóstenes como magistrado e inspector de fortificações, que, para esse efeito, tem quase dez talentos do fundos públicos. Outra lei proíbe a concessão de uma coroa a magistraturas sujeitas a prestação de contas. Vós haveis jurado votar segundo as leis, e esse orador propôs a concessão de uma coroa ao que estava ainda sujeito a prestação de contas, sem acrescentar “depois que tenha entregado um relatório e prestado contas”. Eu tentarei provar a ilegalidade apresentando como testemunhas as leis, os decretos e os meus adversários. Como, pois, se pode mostrar, de forma evidente, que um homem tenha apresentado uma proposta ilegal?

[32] Além disso, ele estipula no decreto que a proclamação pública da coroa seja feita de forma ilegal, e tudo isto vos explicarei. A lei estabelece explicitamente que se o Conselho atribui a alguém uma coroa, ele deverá ser proclamado na sede de Conselho²¹; se é o povo, na Assembleia, “e de modo nenhum em outro lugar”. Lê-me a lei.

Lei

[33] Assim é, Atenienses, descrita a lei muito correctamente. O legislador não acreditava, penso, que o orador devesse ser louvado diante dos estrangeiros, mas [deveria] contentar-se em ser honrado pelo povo na própria cidade, e não lucrar com proclamações públicas. Assim estabelece o legislador. E Ctesifonte, como procede? Lê o decreto.

Decreto.

[34] Ouvi, Atenienses, como o legislador estipula que a concessão da coroa seja proclamada pelo povo na Assembleia popular, na Pnix²², “e de modo nenhum em outro lugar”. Ctesifonte, porém, propôs no teatro, transgredindo não só as leis, mas alterando o lugar; não durante a celebração de uma Assembleia, mas durante a competição das novas tragédias; não na presença do povo, mas na presença dos Gregos, para que connosco possam testemunhar que espécie de homem honramos.

[35] Portanto, já que propôs de forma evidente um decreto ilegal, associado a Demóstenes, usará contra as leis dos seus estratagemas retóricos, que eu vos revelarei e

(φυλαί) em três partes, no tempo da vigência da legislação de Sólon. Durante a reforma de Clístenes, as quatro tribos de Sólon passaram a dez e os τριττύες a doze. Para a evolução da organização das tribos, veja-se Arist. *Ath* 8.3, 21.3.

²¹ O βουλευτήριον é o local de reunião do Conselho.

²² A Pnix é o local de reunião da Assembleia.

denunciarei de antemão, para que não vos esqueçais que fostes enganados. Esses aí não poderão dizer que as leis não proibem que a concessão de uma coroa pelo povo seja proclamada fora da Assembleia, mas trarão em sua defesa a lei Dionisiaca, e servir-se-ão da lei truncada, enganando os vossos ouvidos.

[36] Apresentar-vos-ão também uma lei que nada tem que ver com esta acusação e dirão que há na cidade duas leis estabelecidas sobre as proclamações públicas: uma, que eu agora apresento, proíbe expressamente a concessão de uma coroa pelo povo, proclamada fora da Assembleia; outra, dirão eles, contrária a esta, que confere autoridade ao fazer a proclamação pública da coroa, no teatro, durante o concurso de tragédias, “se o povo o decretar”. Foi de acordo com esta lei, dirão, que Ctesifonte apresentou a sua proposta.

[37] Mas eu, perante estes seus estratagemas, apresentarei como defensoras as vossas leis, que continuarei a usar diligentemente ao longo de toda a acusação. Mas se isso é verdade, de tal forma o hábito se imiscuiu na vossa constituição que as leis sem autoridade são registadas com autoridade, e há duas leis sobre uma única actividade contrárias entre si. O que poderia chamar-se a uma constituição na qual as leis prescrevem que fazer e não fazer é o mesmo?

[38] Mas as coisas não são assim. Oxalá vós nunca chegueis a tamanha desordem nas leis. E não houve negligência do legislador em relação a elas, quando este estabeleceu a democracia, mas ordenou expressamente aos *thesmothetai* que, a cada ano, corrigissem as leis na Assembleia examinando-as e observando-as cuidadosamente, caso fosse gravada uma lei contrária a outra lei, ou invalidadas as que têm validade, ou caso houvesse muitas leis, que as registassem numa só, sobre cada actividade.

[39] E se encontram tal situação, [o legislador] estipula que as inscrevam em tabuinhas e que as coloquem diante dos heróis epónimos²³, que os prítanes convoquem uma Assembleia depois de consignados os nomótetas²⁴, e que o presidente dos *proedroi* conceda à Assembleia o direito de votar de mão no ar para anular umas leis e manter outras, para que apenas exista uma lei e não várias sobre cada assunto. Lê-me as leis.

Leis

[40] Portanto, Atenienses, se o argumento deles fosse verdadeiro e houvesse duas

²³ A constituição dos heróis epónimos é também uma das reformas de Clístenes. Cada tribo ateniense teria o seu santuário dedicado ao seu herói correspondente, e em Atenas, perto do βουλευτήριον, haveria um lugar destacado onde estariam, coletivamente, cada uma das dez estátuas dos heróis. *Ath. Pol.* 53.4; Shear Jr. 1970.

²⁴ Os nomótetas faziam parte de uma comissão com a função de aprovar ou repelir leis. Primeiramente, as propostas de leis eram analisadas, e só depois de passarem um escrutínio prévio (δοκιμάζειν), poderiam ser aceites como leis sem qualquer outro processo legal. Era ilegal propor uma nova lei sem anular uma pré-existente que fosse contraditória da nova lei. É também por volta de 403/2 a.C que os estudiosos julgam passar-se a distinguir νόμος (lei de carácter geral mais ou menos permanente) de ψήφισμα (os decretos com carácter imediato que legislassem sobre assuntos prementes). É o que Ésquines está a pôr em discussão: o facto de haver duas leis contraditórias sobre o lugar da concessão de coroas e as suas excepções. Rhodes 1972: 50-65; Ober 1989: 96-97; Todd 1995: 19; Rhodes 2003.

leis estabelecidas acerca das proclamações públicas, por força creio que os *thesmothetai* teriam dado conta disso, que os prítanes o teriam transmitido aos nomótetas e que se teria anulado uma das leis: ou a que confere autoridade à proclamação, ou a que a proíbe. Uma vez que nada disso aconteceu, prova-se claramente não só como dizem falsidades, mas sobretudo coisas impossíveis de acontecer.

[41] De onde eles inferiram esta falsidade, isso vos explicarei, expondo por que razão foram estabelecidas as leis acerca das proclamações públicas no teatro. Quando havia representações trágicas na cidade, alguns, sem autorização do povo, proclamavam que lhes era concedida uma coroa pelos membros da sua tribo, outros pelos do seu demo, outros ainda mandavam anunciar que davam a liberdade aos seus próprios escravos, fazendo dos Gregos testemunhas da libertação.

[42] O que era mais odioso é que alguns, depois de obter o estatuto de *proxenos*²⁵ em cidades estrangeiras, faziam com que houvesse uma proclamação pública de que o povo lhes atribuía uma coroa, fosse o [povo] de Rodes, ou o de Quios, ou de qualquer outra cidade, por causa da sua excelência e coragem. E faziam isto não como os que são coroados pelo vosso Conselho ou pelo povo, depois de vos persuadir e com decreto, confirmando a gratidão, mas como os que se escolhem a si próprios, sem a vossa decisão.

[43] Resulta deste costume que os espectadores, os coregas²⁶ e os actores são incomodados, e as coroações que se proclamam no teatro conferem maiores honras do que aquelas proclamadas pelo povo. Para estes, na verdade, o lugar designado é a Assembleia, na qual devem ser coroados, e “de modo nenhum em outro lugar” lhes é permitida a proclamação. Aqueles, pelo contrário, são proclamados diante de todos os Gregos: uns com decreto (depois de vos persuadir), e outros sem decreto.

[44] Examinando estes assuntos, um legislador promulga uma lei que não tem nada que ver com a lei acerca das coroações atribuídas pelo povo. Mas não anula a pré-existente, pois não é a Assembleia que é perturbada, mas sim o teatro. E também não é promulgada contrária às [leis] anteriormente estabelecidas, porque tal não é permitido - excepto em relação à atribuição de coroas, sem um decreto vosso, pela sua tribo e pelo seu demo, em relação à libertação de escravos e em relação às coroas de estrangeiros. Também é expressamente proibida a libertação de um escravo no teatro e a proclamação pública da atribuição de uma coroa pela tribo ou pelo demo, ou “por qualquer outro”, acrescenta-se, “ou caso contrário o mensageiro público perde os seus direitos cívicos”.

[45] Portanto, quando se designa aos coroados pelo Conselho que sejam proclamados na sede de Conselho, e aos coroados pelo povo na Assembleia; quando aos coroados pelo demo e pela tribo lhes é proibida a proclamação nas representações trágicas (para que ninguém adquira recompensas falsas através da ambição ao coleccionar coroas);

²⁵ O πρόξενος era um cidadão de uma dada cidade mas que vivia em uma outra e que passava a ser o protector de todos os membros da primeira que residissem ou passassem tempo na segunda. Lucas de Dios 2002: 416, n.490.

²⁶ A χορηγία era uma λειτουργία, isto é, uma forma de financiamento público, na qual se escolhiam três dos cidadãos mais ricos de Atenas para financiar as representações teatrais. Cada tribo nomeava os seus cidadãos e estes podiam não exercer o cargo, se conseguissem nomear algum cidadão mais rico do que eles (ἀντίδοσις). Arist. *Ath.* 56.3.

quando está ainda proibida na lei a proclamação por qualquer outro [órgão], excepto o Conselho, o povo, as tribos e os demos; quando tudo isto é revogado, o que resta a não ser coroas estrangeiras?

[46] E o que eu digo é verdade, mostrar-vos-ei grande prova disso através das próprias leis. Acerca da própria coroa de ouro, quer fosse proclamada no teatro ou na cidade, a lei dita que seja consagrada a Atena, e que se a retire do coroador. Pois quem de entre vós se atreveria a acusar o povo de Atenas de tamanha relutância? Ora, não digo nem uma cidade, nem um homem comum, nem ninguém tão mal nascido proclamaria, retiraria e dedicaria a coroa que ele próprio tinha atribuído. Porém, eu penso que se a coroa é de origem estrangeira e se torna objecto de consagração, é para que ninguém, dando mais valor aos favores estrangeiros do que aos da pátria, corrompa a sua alma.

[47] Pelo contrário, ninguém consagra uma coroa proclamada na Assembleia, mas é-lhe permitido guardá-la, para que não só o próprio, mas também os seus descendentes, tendo em casa esta lembrança, nunca se tornem de má índole para o povo. E por isso, o legislador acrescentou que fosse proibido proclamar uma coroa estrangeira no teatro, “se o povo não o decretasse”, para que a cidade, que queira coroar algum de nós, envie embaixadores quem peçam permissão ao povo, para que aquele que é anunciado reconheça maior gratidão por vós do que por aqueles que concedem a coroa, já que permitistes a proclamação. E aquilo que digo é verdade, ouvi as leis.

Leis

[48] Portanto, quando, para vos enganar, dizem que está registada na lei a possibilidade de conceder uma coroa “se o povo o decreta”, lembrai-vos de responder: “sim, se de facto alguma outra cidade concede a coroa; se é o povo ateniense, ser-te-á mostrado o lugar onde isso deve acontecer. É-te proibido proclamá-la fora da Assembleia. Repete todo o dia o que significa ‘de modo nenhum em outro lugar’. Não provarás que este decreto é legal.”

[49] Resta, no entanto, uma parte da acusação, da qual me ocuparei mais. O assunto é o motivo pelo qual Ctesifonte considera justo que Demóstenes seja coroador. Assim se diz no decreto: “que o mensageiro público anuncie no teatro diante dos Gregos que o povo Ateniense lhe concede uma coroa por causa da sua excelência e coragem”. E mais: “porque continua a dizer e a fazer o melhor para o povo”.

[50] Deste modo, é totalmente simples, para mim, o discurso, e para vós, que ouvis, julgar com conhecimento. Pois é preciso que, numa certa medida, eu, o acusador, vos mostre como são falsos os louvores a Demóstenes, e como nem começou “a dizer o melhor”, nem agora “continua a servir os interesses do povo”. Se eu o provar, Ctesifonte, de alguma maneira, será justamente condenado nesta acusação. Todas as leis proibem que se registre publicamente textos falsos nos decretos públicos. Pela parte do defensor, deve ser provado o contrário disto. Vós sereis os juizes das nossas palavras.

[51] Assim é a situação. Considero que examinar a vida de Demóstenes é trabalho

de um discurso mais longo. Que necessidade há agora de referir coisas que lhe aconteceram, descritas na acusação por lesão física, quando acusou no Areópago²⁷ Demómeles da Peânia que é seu primo, e as incisões na cabeça? Ou o comando de Cefisódoto²⁸ e a expedição naval ao Helesponto, quando Demóstenes, [52] que era um dos trierarcas e levava o estratega na sua nau, com quem partilhava refeições, sacrifícios e libações, e era considerado digno de honra por ser amigo da família, não hesitou, numa acusação pública, em tornar-se o seu acusador quando o próprio Cefisódoto era julgado num processo de pena capital? Ou ainda os assuntos com Mídias²⁹ e as bofetadas que levou na orquestra enquanto corega³⁰, e como vendeu, de uma vez, por trinta minas, a insolência contra a sua pessoa e a sentença do povo que, no teatro de Dioniso, votou a condenação de Mídias.

[53] Pois bem, parece-me que passarei por alto estas e outras situações semelhantes, não vos traindo nem desistindo do debate por complacência, mas por recear que me pareça haver oposição da vossa parte, embora diga a verdade, em assuntos antigos e bastante conhecidos. Na verdade, Ctesifonte, para aquele que tem as maiores vergonhas tão credíveis e tão conhecidas pelos ouvintes, de tal forma que o acusador não parece dizer mentiras, mas apenas coisas antigas e sobejamente confirmadas, esse aí deve receber uma coroa de ouro ou ser censurado? E tu, que tiveste a coragem de propor uma moção ilegal e falsa, deves desdenhar dos tribunais ou receber a condenação da cidade?

[54] Contudo, acerca das faltas públicas contra a justiça, tentarei falar claramente. Ouvi dizer, com efeito, que Demóstenes, quando lhe for concedida a palavra, enumerar-vos-á que houve quatro períodos na cidade, durante os quais ele fez parte do governo. Deles, um e o primeiro de todos, segundo ouço [dizer], conta-se naquele tempo em que lutávamos contra Filipe por Anfípolis. Limita-se com a celebração de paz e aliança, que Filócrates de Hagnunte propôs, ele próprio com este aqui, como vos mostrarei.

[55] O segundo diz-se que foi o tempo em que estávamos em paz, nomeadamente desde o dia em que este mesmo orador anulou a paz existente na cidade e propôs a guerra. O terceiro é o tempo em que estivemos em guerra até ao infortúnio de Quero-neia, e o quarto agora, o momento presente. Depois de enumerar isto, segundo ouço [dizer], convocar-me-á e perguntar-me-á de qual destes quatro períodos eu o acuso e

²⁷ O conselho do Areópago começou por ter a função de observância das leis e administração dos mais graves assuntos da cidade, tendo poderes plenipotenciários para punir os desordeiros (Arist. *Ath.* 3.6). Eram os arcontes que se tornavam membros do Conselho do Areópago, sendo este um cargo vitalício. Ao longo dos séculos, de acordo com a situação sócio-militar, ganhou e perdeu importância, entre as reformas de Efilates (Arist. *Ath.* 25.2) e Péricles (Arist. *Ath.* 27.1). Durante o tempo histórico do discurso, O Conselho do Areópago tinha a função de julgar crimes por homicídio e agressão intencionais, envenenamento e incêndio criminoso (Arist. *Ath.* 57.3).

²⁸ Cefisódoto de Atenas foi general em 360/359 e arconte em 358/357. Veja Lucas de Dios 2002: 480, n. 139 e Osborne-Byrne 1994, s.v. Cefisódoto.

²⁹ Leite 2017.

³⁰ A orquestra era o espaço dedicado às actuações dos coros e actores de teatro. Ésquines indica-nos que Demóstenes foi corega nesse ano, isto é, financiou a preparação e equipamento do coro, bem como a contratação de um maestro, gastos com um poeta e tocadores de flauta. Aos coregas era-lhes conferido preferência de assento durante as actuações.

quando é que eu afirmo que ele não fez politicamente o melhor para o povo. E se eu não quiser responder, ou se me esconder ou fugir, ele diz que virá e que me descobrirá, que me trará à tribuna e me obrigará a falar.

[56] Ora, para que esse aí não se engrandeça e vós o saibais de antemão, e para que eu te responda, Demóstenes, a ti na presença dos juízes e de quantos outros cidadãos estejam reunidos aí fora, e de quantos Gregos tenham interesse em ouvir este julgamento (e vejo que não são poucos os presentes, mas ninguém alguma vez se lembra de tantos quantos vieram para o debate público), eu respondo que acusarei todos esses quatro períodos, os que tu distingues.

[57] E se os deuses quiserem e os juízes, de igual forma, nos ouvirem, e se eu for capaz de recordar o que sei sobre ti, julgo que, certamente, mostrarei aos juízes que da preservação da cidade são responsáveis os deuses e os que, de forma humana e em justa medida, tomam parte nos assuntos dela, enquanto que de todas as desgraças o responsável é Demóstenes. Usarei esta ordem no discurso, a qual fiquei a saber que ele há-de seguir. Falarei primeiro sobre o primeiro período, depois sobre o segundo, em terceiro sobre o seguinte, e em quarto sobre os assuntos correntes. Volto-me agora para a paz que tu e Filócrates propuseram.

[58] Ter-vos-ia sido possível, Atenienses, celebrar aquela primeira paz em confederação comum com os Gregos, se alguns de vós tivessem permitido a chegada das embaixadas que foram enviadas, naquele tempo, por toda a Grécia, apelando-os contra Filipe ao fazer parte da confederação grega e, com o passar do tempo, recuperar sem dúvida a hegemonia para os Gregos. E nisto fostes defraudados por Demóstenes e Filócrates e pelos subornos que aceitaram, enquanto conspiravam contra o vosso estado.

[59] E se a alguns de vós, de repente ao ouvir isto, vos surpreender esta afirmação, em relação a este caso, prestai atenção ao restante. Como, desde há muito tempo, quando quer que nos sentemos para fazer as contas sobre o dinheiro gasto, por vezes saímos de casa com opiniões erradas contra os números, de igual forma, uma vez apurado o valor, nenhum de vós é tão teimoso por natureza que não se vai embora a concordar e a anuir que é verdade o que quer que o próprio cálculo tenha provado.

[60] Assim também agora prestai atenção. Se alguns de vós, em tempos passados, vieram de casa com esta opinião, que Demóstenes jamais em tempo algum tenha falado em favor de Filipe em associação com Filócrates, quem quer que assim se encontre, que não absolva nem acuse ninguém antes de me ouvir. Isso não seria justo. Mas se me ouvirdes brevemente, enquanto eu recordo as circunstâncias e apresento os decretos que Demóstenes propôs em associação com Filócrates; se o raciocínio da verdade constribe Demóstenes a propor mais decretos do que Filócrates acerca da paz inicial e da aliança; [61] se, com excesso de vergonha, bajulou Filipe e os seus embaixadores indiscriminadamente e se tornou culpado para o povo de não celebrar a paz com a confederação comum dos gregos; se a Filipe entregou Quersobleptes, o rei da Trácia, um homem que era amigo e aliado da cidade; se tudo isto eu vos mostrar claramente, far-vos-ei um pedido moderado: concordai comigo, pelos deuses, que durante o primeiro dos quatro períodos ele não governou bem a cidade. Falarei a partir de onde

me sigais mais atentamente.

[62] Filócrates propôs que fosse permitido a Filipe enviar aqui um mensageiro público e embaixadores para tratar da paz. Este decreto que foi proposto é ilegal. Chegou o tempo de decidir. Por um lado, pela acusação estava Licino, aquele que o denunciou, por outro, pela defesa, Filócrates, e a acompanhá-lo na defesa, Demóstenes. Filócrates foi absolvido. Depois destes acontecimentos, chegou o tempo do arcontado de Temístocles³¹. Nesse tempo, Demóstenes ingressa como membro do Conselho, sem ser sorteado, nem em primeiro lugar nem como suplente, mas pela compra de intrigas, para que pudesse falar e actuar em qualquer momento em apoio de Filócrates, como a própria acção o demonstrou.

[63] Filócrates consegue que se aprove um outro decreto, no qual exorta que se escolham dez embaixadores que se apresentem diante de Filipe e lhe peçam que envie ele também embaixadores de plenos direitos para tratar da paz. Um deles era Demóstenes. Quando de lá voltou, elogiava a paz e reportava notícias semelhantes às dos outros embaixadores. E foi o único membro do Conselho que propôs tréguas para o mensageiro público e para os embaixadores de Filipe, propondo-o em conformidade com Filócrates. Enquanto um autorizou que daqui se enviasse um mensageiro público e embaixadores, o outro criava tréguas para a embaixada.

[64] Já acerca dos acontecimentos seguintes, prestai-me muita atenção. Continuavam as negociações, mas não com os outros embaixadores, que foram falsamente acusados por vós depois da mudança [de opinião] de Demóstenes, mas continuavam com Filócrates e Demóstenes. E assim foi, porque, juntos, serviam como embaixadores e, juntos, propunham os decretos, de maneira a que, em primeiro lugar, não pudésseis esperar os embaixadores, que foram enviados apelando contra Filipe, e que não celebrásseis uma paz com todos os Gregos, mas uma de forma particular; [65] em segundo lugar, de maneira a que votásseis que se celebrasse com Filipe não apenas paz, mas também aliança, para que, caso alguém recorresse ao vosso povo, caísse no mais extremo desânimo, ao ver que vós mesmos, apelando para a guerra, em casa tínheis feito votar não apenas paz, mas também aliança; em terceiro lugar, de maneira a que Quersobleptes, o rei da Trácia, não estivesse incluído nos juramentos, nem fizesse parte da aliança, nem da paz. Já se tinha anunciado uma expedição contra ele.

[66] E ele, que comprava estas vantagens, não cometia injustiças, pois, diante dos juramentos e dos tratados, não era culpado de fazer o que era vantajoso para ele próprio, mas os que vendiam e partilhavam entre eles os poderes da cidade eram merecedores de uma grande cólera. E aquele que agora diz que é anti-Alexandre, e outrora anti-Filipe, Demóstenes, ele que exibia na minha cara a hospitalidade de Alexandre, propôs um decreto - diminuindo as vantagens da cidade - [67] para que os prítanes fizessem uma assembleia no oitavo dia do mês de Elafebólion, quando se celebrava o sacrifício em honra de Asclépio e a cerimónia preliminar dos concursos, nesse dia sagrado, do qual ninguém se lembra que alguma vez tivesse acontecido. Por que motivo o fez? Para

³¹ Temístocles de Atenas foi arconte epónimo em 347/346. Orborne-Byrne 1994.

que, diz ele, uma vez presentes os embaixadores de Filipe, o povo pudesse deliberar o mais rapidamente possível sobre os seus assuntos com Filipe, de forma a antecipar a assembleia para os embaixadores presentes, adiantando o vosso tempo e acelerando o assunto, para que não fizésseis a paz com todos os Gregos, mas para vós apenas, quando os vossos embaixadores regressassem.

[68] Depois disto, Atenienses, chegaram os embaixadores de Filipe e os vossos estavam fora, no apelo a todos os Gregos contra Filipe. Ao mesmo tempo, Demóstenes conseguia passar outro decreto, no qual propunha que se deliberasse não apenas sobre a paz, mas também sobre uma aliança, sem esperar pelos vossos embaixadores, imediatamente depois das Dionísias Urbanas, nos dias dezoito e dezanove. E porque digo a verdade, ouvi os decretos.

Decretos

[69] Então, Atenienses, depois que decorreram as Dionísias, tiveram lugar as assembleias. Na primeira assembleia, no dia dezoito, leu-se a resolução comum dos aliados, cujos pontos principais direi em poucas palavras. Primeiro, propuseram que vós apenas deliberásseis sobre a paz, e omitiram a menção à aliança, não por vos terdes esquecido, mas porque percebiam que a paz era mais forçada do que bela. Então resistiram honestamente como se tivessem um tratamento contra a corrupção de Demóstenes, [70] e acrescentaram à proposta de decreto que fosse possível, para qualquer grego que quisesse, em três meses, inscrever-se na mesma estela junto dos Atenienses e celebrar com eles os juramentos e os tratados, com isso antecipando duas grandes situações: em primeiro lugar, era suficiente providenciar o espaço de três meses para a chegada das embaixadas dos Gregos; depois, conseguiam a benevolência dos Gregos com a confederação comum na cidade, para que, se os tratados fossem transgredidos, não tivéssemos que lutar sozinhos nem sem preparação, que é o que agora estamos a viver por causa de Demóstenes. E porque digo a verdade, entendê-lo-eis se ouvirdes a própria resolução.

Resolução dos aliados

[71] Reconheço que intervim em apoio desta resolução, assim como todos os que falaram na primeira Assembleia. E o povo retirou-se com esta suposta opinião: que se faria a paz - mas sobre a aliança, seria melhor não decidir por causa da convocação dos Gregos - e que se faria em comum com todos os Gregos. Depois dessa noite, apresentámo-nos no dia seguinte para a Assembleia. Então Demóstenes, antecipando-se para a tribuna, sem deixar tomar a palavra a qualquer um dos outros, disse que não havia utilidade nos discursos que tinham sido proferidos no dia anterior, se, por eles, os embaixadores de Filipe não foram persuadidos, e disse não conceber uma paz desprovida de aliança.

[72] Disse mesmo que não era preciso - lembro-me da expressão que usou por causar desagrado pelo que pronunciava, bem como pela palavra - separar a aliança da paz,

nem esperar pelos atrasos dos Gregos, mas sim que vós fizésseis a guerra e que fizésseis uma paz de forma privada. E ao terminar, chamou Antípatro à tribuna e às perguntas que lhe fez (disse-lhe antes o que ia perguntar) instruiu-o previamente a responder em prejuízo da cidade. No fim, prevaleceu a sua vontade, Demóstenes impôs-se pela força do seu discurso e Filócrates redigiu o decreto.

[73] O que vos restava era entregar Quersobleptes e a região da Trácia e consegui-lo antes do final do sexto dia do mês de Elafebólion, antes que, no dia seguinte, na embaixada enviada para os juramentos, partisse Demóstenes, o anti-Alexandre e o anti-Filipe - esse que, para vós, serviu duas vezes na embaixada à Macedónia como orador, quando não devia ter ido uma única vez, aquele que agora vos manda cuspir nos Macedónios. E na Assembleia desse sexto dia, servindo como *bouleuta*³², eleito por meio de intrigas, entregou Quersobleptes com a ajuda de Filócrates.

[74] E portanto, Filócrates passou despercebido, de maneira que no decreto interpolou outros documentos, como aquele em que votaram ele e Demóstenes, e no qual propôs “a concessão dos juramentos aos embaixadores de Filipe, nesse dia, pelos aliados na confederação”. Da parte de Quersobleptes, nenhum representante teve assento. Uma vez que foi proposto que os membros da confederação votariam nesse momento, excluiu-se Quersobleptes dos juramentos, porque não era membro.

[75] E porque digo a verdade, lê-me quem foi o redactor da proposta e quem a pôs a votação.

Decreto

Boa coisa, Atenienses, boa coisa é conservar documentos públicos. Pois são inamovíveis e não mudam juntamente com aqueles que são uns vira-casacas no governo, mas permitem ao povo, quando queira, perceber os que são malvados, que, por uma mudança, se estimam justos.

[76] Resta-me passar em detalhe a adulação. Pois bem, Atenienses, Demóstenes, que foi membro do Conselho durante um ano, parece que nunca tinha convidado nenhuma embaixada para uma *proedria*, mas aquela foi a única e a primeira vez que os convidou para essa *proedria*, e colocou almofadas e estendeu tecidos púrpuros, e ao amanhecer guiou os embaixadores ao teatro, de tal forma que foi assobiado pela sua conduta vergonhosa e adulação. E quando partiram para Tebas, contratou-lhes três pares de mulas e escoltou os embaixadores até Tebas, ridicularizando a cidade. E para não me desviar do assunto, traz-me o decreto sobre a *proedria*.

Decreto

[77] Assim, Atenienses, este tão grande adulator, informado primeiro, pelos espões da parte de Caridemo, da morte de Filipe, fingiu um sonho dos deuses para si próprio

³² Ver nota 12.

- mentiu ao dizer que não tinha sido informado do assunto por Caridemo, mas por Zeus e Atena, em nome dos quais cometia perjuro dia e noite, e disse que conversaram com ele e lhe anunciaram o que iria acontecer. Estando morta a sua filha havia sete dias, em vez de se enlutar e fazer o que é costume³³, depois de usar uma coroa e vestir roupa branca, sacrificava bois e transgredia a lei, desgraçado, depois de ter perdido a única e a primeira que o chamava de pai.

[78] Eu não censuro a sua desgraça, mas examinarei a sua posição. Aquele que odeia os seus filhos, um pai malvado, nunca em momento algum se tornaria um bom líder público, como tampouco aquele que não ama as pessoas mais queridas e familiares jamais vos estimará assim como aos estrangeiros; nem aquele que é mau em assuntos privados se tornaria bom em assuntos públicos; nem aquele que em sua casa é miserável jamais se tornaria um homem honrado, servindo na embaixada à Macedónia. Pois não foi de disposição, mas de posição que ele mudou.

[79] Desde quando, então, é que ocorreu a mudança das circunstâncias - este é o segundo período - e por que razão Filócrates, na mesma situação política que Demóstenes, fugiu da acusação pública? Demóstenes, que se instituiu acusador dos restantes, desde quando esse homem vil nos infligiu este infortúnio? É conveniente que ouçais estas coisas com especial atenção.

[80] De forma rápida, Filipe ultrapassou as Termópilas e arruinou inesperadamente as cidades na Fócica. Aos Tebanos, porém, tal como pensáveis, deu-lhes poder para além do razoável e do vosso interesse, e vós, com medo, saístes dos campos com os vossos bens. E os embaixadores que negociaram a paz foram os maiores responsáveis, sobretudo Filócrates e Demóstenes entre eles, não apenas porque serviram como embaixadores, mas também porque propuseram os decretos.

[81] E acontecia que, nessa mesma altura, Demóstenes e Filócrates tinham já as suas divergências por, mais ou menos, as mesmas razões pelas quais vós suspeitastes em que eles divergiam. Depois desta confusão, aquele já conseguia deliberar sobre estes assuntos, com os vícios que lhe são naturais, com cobardia e inveja em relação a Filócrates por causa dos seus subornos. E pensou que, se se declarasse acusador dos seus companheiros de embaixada e de Filipe, e se arruinasse Filócrates completamente, poria em perigo os seus companheiros de embaixada, mas conseguiria grande prestígio. E este traidor e malvado para os seus amigos, pareceria ao povo digno de confiança.

[82] Ao ver isto, os que moviam guerra contra a tranquilidade da cidade chamaram-no, de bom grado, à tribuna, nomeando-o o único ser incorruptível na cidade. E ele, chegava-se à frente e mostrava-lhes o início da guerra e da confusão. Este é, Atenenses, o primeiro que descobriu a fortificação de Sérrio e Dorisco e Ergisce e Mirtisce e Ganos e Ganiade, lugares cujos nomes não sabíamos antes. Nisto dispunha-se a enrolar os

³³ Os ritos fúnebres, na vida social grega, representavam um papel importante e continuavam durante o mês seguinte do falecimento da pessoa, sob a forma de libações, oferendas e sacrifícios. Os dias mais importantes, durante esse mês, eram o terceiro, nono dias, durante os quais se preparavam refeições perto da tumba do falecido, e o trigésimo dia, no qual se celebravam novos ritos funerários, que posteriormente tinham uma regularidade mensal. Garland 1985: 38-41.

assuntos, de tal forma que, se Filipe não enviava embaixadores, dizia que ele desprezava a cidade, mas se enviava, que enviava espiões e não embaixadores.

[83] Mas se [Filipe] queria deixar estas acusações ao arbítrio de uma cidade imparcial e igualitária, ele dizia que não havia um juiz imparcial nem para nós nem para Filipe. Filipe entregaria o Haloneso. E Demóstenes proibia que o aceitássemos na condição “de ele o render, mas não no caso de o restituir”, ao diferenciar as sílabas³⁴. E, por fim, ao coroar os que serviram em embaixada à Tessália e a Magnésia, ao lado de Aristodemo, contra os acordos de paz, dissolveu a paz e instaurou o infortúnio e a guerra.

[84] Sim, mas foi com as brônzeas e adamantinas fortificações, como ele diz, que ele fortificou a nossa terra, com a aliança dos Eubeus e dos Tebanos. Mas, Atenenses, por causa destes assuntos fostes bastante prejudicados e sobretudo não o soubestes. Tenho pressa de falar sobre a maravilhosa aliança com os Tebanos mas, para que eu fale respeitando a ordem dos factos, lembrarei primeiro a dos Eubeus.

[85] Vós, Atenenses, fostes bastante e vastamente prejudicados por Mnesarco de Cálcis, pai de Cális e de Tauróstenes, aos quais, agora, esse aí, depois de receber deles dinheiro, se atreve a atribuir nacionalidade ateniense; [fostes prejudicados] novamente, por Temíson da Erétria, que durante a paz nos privou de Oropo. Vós, voluntariamente esquecestes estes assuntos, quando os Tebanos passaram a Eubeia e tentaram escravizar as cidades. Em cinco dias, enviaste-lhes ajuda, com um contingente por terra e por mar, e, antes de passarem trinta dias, deixastes que os Tebanos fizessem tréguas, tornastes-vos senhores da Eubeia, e devolvestes correcta e justamente as mesmas cidades e as constituições àqueles a quem vo-las tinham confiado. É que não pensastes que era justo lembrar a ira no momento em que se confiava em vós.

[86] E embora os Calcídios depositassem tamanha confiança em vós, não vos retribuíram com igual agradecimento; mas quando passastes a Eubeia para ajudar Plutarco, nos primeiros momentos, simularam, contudo, ser vossos amigos; mas quando rapidamente chegámos a Taminas e ultrapassámos o chamado monte Cotileu, então Cális de Cálcis, que Demóstenes elogiou enquanto dele recebeu dinheiro, [87] ao ver o exército da cidade constrangido por dificuldades terríveis, de onde não havia retirada a não ser vencendo a batalha, nem esperança de ajuda nem por terra nem por mar, reuniu o exército de toda a parte da Eubeia e procurou um contingente da parte de Filipe; ele, que era irmão do próprio Tauróstenes, e que agora sorri a todos, fez transportar os mercenários fócios, que conseguiram chegar até nós para nos destruir.

[88] E se algum deus, em primeiro lugar, não tivesse salvado o exército, e se ainda os vossos soldados, tanto a infantaria como a cavalaria, fossem corajosos, ao vencer

³⁴ A frase em grego é “μή λαμβάνειν «εἰ δίδωσιν, ἀλλὰ μὴ ἀποδίδωσι», περὶ συλλαβῶν διαφερόμενος”. Em causa está a diferença entre δίδωσιν e ἀποδίδωσι, ambos construídos a partir do verbo δίδωμι (dar), e ao segundo acrescentado o prefixo ἀπο-. É neste sentido que o segundo verbo ganha novo significado, pois o prefixo ἀπο-, neste caso, quer dizer ‘de volta’. O verbo significará então ‘dar de volta’, daí ‘restituir’. Contudo, em português, dar e restituir não funcionam de igual forma como δίδωσιν e ἀποδίδωσι; daí que Ésquines pôde acrescentar que Demóstenes, enquanto falava, separava as sílabas. Por esse motivo, escolhemos o verbo ‘render’ para traduzir δίδωσιν, numa tentativa de criar um jogo de sons, como em grego, entre render e restituir.

junto ao hipódromo de Taminas em batalha campal, e ao expulsar os inimigos sob uma trégua, a nossa cidade teria corrido o perigo de passar pela maior desonra. Pois o maior mal não é ter infortúnio na guerra, mas alguém arriscar desesperadamente diante do seu oponente imerecido e falhar. É razoável que a desgraça seja a dobrar. Contudo, vós que passastes por tudo isto, de novo vos reconciliastes com eles.

[89] Mas Cálías de Cálcis conseguiu o vosso perdão, e passado pouco tempo deixou-se levar de novo pelo seu estado natural. Sob o pretexto de convocar os Eubeus para a confederação em Cálcis, equipando, com poder, a Eubeia para a acção contra vós, conseguiu que o escolhessem como tirano. Ao mesmo tempo que esperava obter de Filipe um companheiro para a guerra, [Cálías] partiu para a Macedónia e cirandava com Filipe, dizendo ser um dos seus guardas³⁵.

[90] Depois de enganar Filipe e fugir dali, entregou-se espontaneamente aos Tebanos. Abandonando estes últimos, mudou de direcção mais vezes do que o Euripo³⁶ junto do qual habitava, e caiu no meio das hostilidades dos Tebanos e de Filipe. Sem saber o que fazer, e depois do exército ter já ordens contra ele, apercebeu-se de que a salvação era a única esperança que lhe restava. Ao admitir o juramento conjunto, o povo ateniense, que o chamava de aliado, ajudá-lo-ia caso alguém investisse contra ele. Era evidente que tal aconteceria, se vós não o impedísseis.

[91] Com isto em mente, envia até nós os embaixadores Glaucetes, Empédon e Diodoro, o corredor do *dolichos*³⁷, que trazem para o povo uma esperança vã, mas dinheiro para Demóstenes e para os que o rodeiam. Três eram as coisas que, nessa altura, ele tentou comprar: primeiro, não falhar na aliança convosco, pois não havia diferença, se o povo, ao lembrar-se das injustiças passadas, não aceitasse a aliança, mas restar-lhe-ia ou fugir de Cálcis ou morrer quando capturado - tão grandes eram as forças militares que contra ele marchavam, as de Filipe e as dos Tebanos; em segundo lugar, o pagamento chegava àquele que tinha proposto a aliança nos termos de os Calcídices não fazerem parte da confederação em Atenas; em terceiro lugar, dessa forma não pagaria contribuições.

[92] E Cálías não falhou em nenhum dos seus planos, mas foi Demóstenes, o anti-tirano, como ele mesmo se finge - e Ctesifonte ainda pensa que ele diz as melhores coisas - a vender as vantagens disponíveis para a cidade, e a propor na aliança que ajudássemos os Calcídices. Mas, em contrapartida, mudou uma única frase: por eufemismo, acrescentou que os Calcídices deviam ajuda, se alguém avançasse contra os Atenienses.

³⁵ O ἑταῖρος, na sua tradução mais abrangente, é um simples companheiro. Pode, no entanto, ter outros significados diversos: desde companheiro de armas, ou até comensal, ou, particularizando, pode ser no plural os guardas dos reis da Macedónia, como é o caso. No feminino, assume também a generalização de companheira, mas também de prostituta.

³⁶ Euripo é um canal estreito de mar, de cerca de 40m, que separa a Eubeia do continente e onde o fluxo e refluxo das águas é violento. Diz-se que “mudar de direcção como o Euripo” é mudar muitas vezes de opinião, daí ser fraco.

³⁷ O corredor do δόλιχος, uma prova do Jogos Olímpicos, era um corredor de longa distância. Embora as fontes não mostrem unanimidade em relação à distância da corrida, oscilando entre 7 e 24 estádios (entre 1346m e 4614m), explicam-se estas diferentes distâncias tendo em conta a possibilidade de que as corridas para crianças e jovens fossem mais pequenas e, mesmo para adultos, a distância do δόλιχος poderia variar de uns jogos para outros. García Romero 1992.

[93] Em relação às sessões da confederação e às contribuições, a partir das quais a guerra ganharia força, [Demóstenes] vendeu-as por inteiro, ao propor, com as melhores palavras, as acções mais vergonhosas. Persuadiu-vos pela palavra de como era necessário que a cidade prestasse auxílio, em primeiro lugar, a todos os Gregos que necessitassem, depois às alianças por bons serviços. Para que saibais bem que o que digo é verdade, traz-me a proposta de Cálías sobre a aliança e lê o decreto.

Decreto

[94] Portanto, já não é tão terrível assim caso tão grandes vantagens tenham sido vendidas, bem como os lugares na confederação e as contribuições, mas, disto tudo, revelar-se-á ainda mais terrível aquilo que vou dizer. A tal ponto levou Cálías de Cálcis a sua ambição e arrogância, e Demóstenes, que Ctesifonte aprova, a sua ganância, que as contribuições vindas de Oreu e da Erétria, dez talentos, escaparam-vos, sem dar-vos conta, enquanto tínheis vida, enquanto tínheis entendimento e enquanto tínheis visão. Retiraram, do vosso lado, os membros da confederação das outras cidades, e, por sua vez, reuniu-se em Cálcis a chamada Confederação Eubóica: de que maneira e por que fraudes, é justo ouvir já esses meios.

[95] Cálías chegou junto de vós já não por mediação de mensageiros, mas em pessoa, e ao apresentar-se na Assembleia proferiu um discurso preparado por Demóstenes. Disse que ele tinha chegado recentemente do Peloponeso, onde se estabeleceu um acordo de um fundo de cem talentos [para usar] contra Filipe, e calculou o que cada um devia contribuir: todos os Aqueus e os Megarenses sessenta talentos, todas as cidades na Eubeia quarenta talentos.

[96] A partir desses recursos, manter-se-ia uma força de infantaria e naval. Havia ainda muitos outros Gregos que queriam participar no acordo, de tal forma que não haveria falta nem de recursos, nem de soldados. Estas eram as medidas públicas. Disse também que faria outras acções em segredo e que delas havia algumas testemunhas entre os nossos cidadãos, e, por fim, convocava Demóstenes pelo seu nome, para que falasse em sua defesa.

[97] Com grande pompa ele chegou-se à frente, elogiou Cálías sem medida, fingiu saber o segredo e disse que queria relatar-vos a embaixada do Peloponeso, na qual tinha servido, e também a da Acarnânia. A parte principal das suas palavras era de que todos os Peloponésios estavam prontos, e todos os Acarnenses organizados contra Filipe, graças a si. Havia um acordo sobre os bens e soma [disponíveis] para cem naus de navegação rápida, para dez mil soldados de infantaria e para mil de cavalaria.

[98] Além disto, estariam garantidas as forças das cidades: do Peloponeso mais de vinte mil hoplitas e da Acarnânia outros tantos - e ele conceder-vos-ia a hegemonia de tudo isto. Esta preparação deveria ser posta em prática não a longo prazo, mas no dia dezasseis do mês de Antestérion³⁸, pois, por sua conta, tinha dito nas cidades e anun-

³⁸ O mês de Antestérion corresponde aos meses fevereiro-março do calendário ático.

ciado que todos viriam a Atenas para uma sessão da Confederação, na lua cheia. É assim, pois, que actua este homem de forma particular e não para o bem comum.

[99] Os outros fanfarrões, quando mentem, tentam dizer coisas incertas e obscuras, temendo o escrutínio. Demóstenes, porém, quando se arma em fanfarrão, em primeiro lugar, mente com um juramento e lança imprecensões de destruição total sobre si mesmo; em segundo lugar, aquilo que ele sabe bem que de modo nenhum acontecerá, tem a coragem de dizer uma data para quando acontecerá; e aqueles de quem nunca viu a figura, diz o nome deles, enganando o auditório e imitando os que dizem a verdade. Por isto, é muitíssimo merecido odiá-lo, porque quando é desonesto destrói os sinais que identificam os homens honestos.

[100] Depois de ter dito isto, deu a ler ao secretário o decreto, maior do que a *Iliada*, mais vazio do que as palavras que costumava dizer e do que a vida que tem vivido, cheio de esperanças que não existirão e de exércitos que jamais serão reunidos. Desviando-vos, porém, para longe desta fraude, e fazendo-vos depender de esperanças, apresenta então uma proposta sucinta e exorta que sejam escolhidos embaixadores para a Erétria, os quais pediriam aos Eritreus (era realmente necessário pedi-lo) que não mais vos dessem contribuição, os cinco talentos, mas a Cálías; por sua vez, que escolhêsseis outros embaixadores para Oreu, os quais pediriam que fossem determinados os mesmos amigos e inimigos que os dos Atenienses.

[101] Depois descobriu-se que a fraude estava totalmente no decreto, porque ele propunha que os embaixadores pedissem os cinco talentos aos Oreus não para vós, mas que os dessem a Cálías. E porque digo a verdade, deixando de lado a pompa, as trirremes e a fanfarronice, lê e restringe a fraude àquele que roubou, esse homem repugnante e sacrílego, do qual Ctesifonte diz, nesse mesmo decreto, que continua a “dizer e a fazer o melhor para o povo ateniense”.

Decreto

[102] Assim, as trirremes, o exército de infantaria, a [data da] lua cheia e os membros da Confederação, ouviste-os por palavras; mas das contribuições dos aliados, os dez talentos, perdeste-os de facto.

[103] Resta-me dizer que Demóstenes recebeu três talentos de salário por propor esta moção, mais um talento de Cálcis da parte de Cálías, um talento da Erétria da parte de Clitarco, o tirano, e um talento de Oreu, que se comprovou claramente, uma vez que os Oreus têm uma democracia e fazem tudo com decretos. Por se terem arruinado na guerra e por terem ficado totalmente sem meios, enviaram à sua presença³⁹ Gnosidemo, filho de Carígenes, este o antigo soberano de Oreu, pedindo que perdoasse o talento à cidade, oferecendo-lhe a construção de uma estátua de bronze em Oreu.

[104] Ele respondeu a Gnosidemo que não precisaria da mais pequena quantidade de bronze, mas do talento que pagariam através de Cálías. Os Oreus, constrangidos e

³⁹ Demóstenes.

sem recursos, deram-lhe em hipoteca os fundos públicos pelo talento, e pagaram juros a Demóstenes, como corrupção: uma dracma por mês, por cada mina, até terem restituído a soma total⁴⁰.

[105] E este arranjo foi feito com um decreto do povo. E porque digo a verdade, traz-me o decreto dos Oreus.

Decreto

Este, Atenienses, é o decreto, a vergonha da cidade, prova não pequena das actuações políticas de Demóstenes e acusação explícita de Ctesifonte. Pois aquele que tão vergonhosamente se deixa corromper por subornos não é possível que se possa tornar num homem bom, aquele que esse aí⁴¹ teve a ousadia de incluir por escrito no seu decreto.

[106] Já nisto recai o terceiro período, de todos o mais detestável, no qual Demóstenes deita a perder todas as condições dos Helenos e desta cidade, ao cometer impiedade para com o templo sagrado de Delfos, e ao propor uma aliança injusta e de modo nenhum igualitária para com os Tebanos. Começarei por falar das suas faltas para com os deuses.

[107] Há, Atenienses, na chamada planície de Cirra, um porto, apelidado de abominável e maldito. Antes, nessa região habitavam os Cirreus e os Cragálidas, povo sem lei, que cometiam impiedades contra o templo sagrado de Delfos e as suas oferendas votivas, e injuriavam os Anfictíones. Exasperados por muito do que vinha acontecendo, como se diz, os vossos antepassados, e depois também os restantes Anfictíones, consultaram o oráculo do deus, [para saber] com que castigo era necessário perseguir todos estes homens.

[108] E a Pítia responde-lhes para fazer guerra contra os Cirreus e os Cragálidas, todos os dias e todas as noites, pilhar a sua terra e a sua cidade e escravizá-los; e dedicar a Apolo pítico, a Ártemis, Leto e Atena Pronaia todo esse campo inculto; e jamais cultivar essa terra ou permiti-lo a outrem. Depois de receber este oráculo, os Anfictíones votaram uma moção que foi proposta pelo ateniense Sólon, um homem com capacidade de legislar e que dedicou a sua vida à poesia e à filosofia: iniciar a guerra contra os ímpios, segundo o oráculo do deus.

[109] Depois que reuniram um grande exército de Anfictíones, escravizaram os homens, arrasaram o porto e a cidade e consagraram aquele terreno, segundo o oráculo. Além disso, prestaram um severo juramento: eles próprios jamais cultivariam essa terra sagrada ou o permitiriam a outrem, mas prestariam auxílio ao deus e à terra sagrada com mão, pé, voz e toda a sua força.

[110] Não lhes bastou prestar esse juramento, mas também fizeram sobre ele uma súplica e uma pesada imprecação. Está escrito na imprecação: “se alguém transgredir esta terra” - assim diz - “ou uma cidade, ou uma pessoa, ou um povo seja amaldiçoado

⁴⁰ Um talento equivalia a 60 minas ou 6000 dracmas. Os Oreus deveriam pagar uma dracma por mês por cada uma das 60 minas, equivalente ao talento, o que perfazia um total de 12% de juro ao ano (1% por cada um dos dozes meses do calendário ático), até 5 anos (os 60 meses).

⁴¹ Ctesifonte.

por Apolo, Ártemis, Leto e Atena Pronaia.”

[111] E imprecou contra eles que nem a terra desse frutos, nem as mulheres parissem filhos semelhantes aos pais, mas monstros, que nem o gado gerasse crias segundo a natureza; mas que obtivessem derrota na guerra, nos julgamentos e nas assembleias, e que fossem completamente destruídos, eles próprios, as suas casas e a sua descendência. “E que jamais”, continuava, “pudessem oferecer religiosamente um sacrifício a Apolo, a Ártemis, a Leto e a Atena Pronaia, nem receber deles as suas oferendas.”

[112] E porque digo a verdade, lê o oráculo do deus. Escutai as imprecções. Recordai-vos do juramento que os vossos antepassados celebraram juntamente com os Anfictíones.

Oráculo

*[Capturada a torre desta cidade, não a derrubarás
antes que contra o templo da deusa Anfitrite de olhos azuis
a onda esbarre, bradando sobre os promontórios sagrados.]*

Juramentos. Imprecções.

[113] Ainda que a inscrição desta imprecção, destes juramentos e deste oráculo exista até hoje, os Lócrios de Anfissa, ou melhor os seus chefes, homens violentos, cultivaram esse campo, fortificaram e habitaram de novo esse porto, abominável e maldito, cobraram taxas aos que aí desembarcaram e subornaram com dinheiro os pilágoras⁴² que chegavam a Delfos, incluindo Demóstenes.

[114] Eleito por vós como pilágora, ele recebe duas mil dracmas do povo de Anfissa, para que não faça qualquer menção deles aos Anfictíones. Foi decidido com ele que, no futuro, enviariam para Atenas vinte minas por ano desse dinheiro abominável e maldito, na condição de ajudar o povo de Anfissa em Atenas, por todos os meios. Daí, ainda mais que antes, acontece que quem quer que interfira com ele, seja pessoa particular, governante ou cidade democrática, a cada um deles o envolve em desgraças incuráveis.

[115] Vede, pois, que divindade ou acaso, e em que medida prevaleceu sobre a impiedade do povo de Anfissa. No arcontado de Teofrasto, sendo *hieromnemon*⁴³ Diogneto de Anafisto, vós elegestes como pilágora o bem conhecido Mídias de Anagiro (que eu queria, por muitas razões, que estivesse vivo), Trasicles de Eo, e em terceiro lugar, junto com estes, a mim. Aconteceu que, acabados de chegar a Delfos, nesse preciso momento, o *hieromnemon* Diogneto teve febre - e isso aconteceu também a Mídias.

[116] Os outros Anfictíones estavam já em sessão. Contavam-nos, da parte dos que

⁴²Os pilágoras (πυλαγόροι) eram delegados das várias *poleis*, enviados a comparecer às reuniões da Liga Anfictiónica, que tinham lugar perto das Termópilas, ou em grego, simplesmente Πύλαι, daí serem chamados de pilágoras.

⁴³ O *hieromnemon* era um magistrado encarregado de administração dos templos e de assuntos sagrados.

queriam mostrar boa vontade à cidade, que o povo de Anfissa, naquele momento submisso e ao terrível serviço dos Tebanos, apresentava uma moção contra a nossa cidade: multar em cinquenta talentos o povo ateniense porque tínhamos oferecido uns escudos de ouro ao novo templo antes de o consagrar, e porque tínhamos gravado uma apropriada inscrição: “Os Atenienses, livres dos Medos e dos Tebanos, quando estes lutavam contra os Gregos”. Fui, por isso, convocado, e o *hieromnemon* considerou justo que assistisse à sessão e falasse em favor dos Anfictíones, em defesa da cidade - eu próprio já tinha decidido assim fazer.

[117] Quando comecei a falar, e por ter entrado com uma certa impaciência na reunião, e porque os outros [dois] pilágoras estavam ausentes, alguém dos de Anfissa grita em voz alta, homem mais obscuro, e como me pareceu, sem ter qualquer educação, talvez levado por alguma divindade a cometer este erro. Disse ele: “Atenienses, se fôsseis sensatos, nem sequer diriam o nome do povo ateniense durante estes dias, mas seríeis barrados fora do templo como impuros.”

[118] Ao mesmo tempo, recordava-se a aliança com os Fócios, que o distinto Senhor do Tufo⁴⁴ propusera, e detalhavam-se muitos outros assuntos insultuosos contra a cidade, que eu nem suportava ouvi-los antes, nem agora os recordo com agrado. Ao ouvi-lo, porém, irritei-me tanto, como nunca antes na minha vida. Deixarei de lado também os restantes discursos. Mas ocorreu-me lembrar a moção do povo de Anfissa acerca da impiedade para com a terra sagrada. E daquele lugar, em pé, mostrava-a aos Anfictíones, pois a planície de Cirra está situada perto do templo e é alcançável à vista.

[119] “Vede”, disse eu, “Anfictíones, que foi cultivada essa planície pelos de Anfissa, e que foram construídas oficinas de cerâmica e estábulos. Vede, com os vossos olhos, que o porto mais abominável e maldito está fortificado. Sabeis por vós próprios - pois não tendes necessidade de outros testemunhos - que eles exigem uma taxa e recebem dinheiro pela passagem no porto sagrado.” Ao mesmo tempo, recomendava que lhes lessem o oráculo do deus, o juramento dos antepassados, a imprecação existente, e declarava [120] que “pela minha parte, em nome do povo ateniense, pela minha pessoa, pelos meus filhos e pela minha casa, ajudarei, segundo o juramento, o deus e esta terra sagrada, com mão, pé, voz e com tudo o que puder, e expio a nossa cidade em relação aos deuses. Pela vossa parte, vós, em vosso próprio nome, tomai já uma decisão. Pois as cestas estão preparadas, as oferendas estão colocadas nos altares, e vós estais prestes a pedir aos deuses o melhor para a vida pública e privada.

[121] Considerai, então, com que voz, com que ânimo, com que olhos fareis as súplicas, depois de incorrer em tal imprudência, quando deixam escapar os impuros sem castigo e os culpados contra as imprecações. Pois não é por enigmas, mas está claramente inscrito na imprecação que é necessário que sofram os que são ímpios e também aqueles que o permitem; e por fim, está inscrito na imprecação: “os que não são castigados, que jamais ofereçam um sacrifício religioso a Apolo, ou a Ártemis, ou a Leto, ou a Atena

⁴⁴ Traduz-se por ‘Senhor do Tufo’ a palavra grega κρωβύλος, que significa um tufo de cabelo no topo da cabeça, alcunha dada a Hegesipo, político na altura de Demóstenes e Ésquines, e que se opunha à paz com Filipe. É referido também em Aeschin. 1.64.

Pronaia, e que estes não aceitem as suas oferendas sagradas”.

[122] Estes assuntos e muitos outros relacionados, passei-os em detalhe. Nesse momento, quando terminei e saí da sessão da Confederação, houve muitos gritos e barulho entre os Anfictíones, e já não se falava sobre os escudos que tínhamos oferecido, mas sobre a punição do povo de Anfissa. Como o dia já ia avançado, o mensageiro público chegou-se à frente e anunciou que todos os Déléficos, que tivessem dois anos a mais da idade da puberdade⁴⁵, tanto escravos como livres, viessem logo ao romper do dia, trazendo pás e picaretas, para o chamado Titéon⁴⁶. E de novo, o mesmo mensageiro público anunciou que os *hieromnemes* e os pilágoras se deviam dirigir ao mesmo lugar para ajudar o deus e a terra sagrada. “E qualquer cidade que não esteja presente, será excluída do templo e será ímpia e condenada pela imprecação.”

[123] No dia seguinte, chegámos ao amanhecer ao local anunciado e descemos à planície de Cirra. Depois de arrasar o porto e de ter posto fogo às casas, regressámos. Enquanto fazíamos isto, os Lócrios de Anfissa, que viviam a sessenta estádios de Delfos⁴⁷, munidos de armas, atacaram-nos em massa. E se não fosse pelo facto de termos escapado em corrida para Delfos, teríamos corrido perigo de morte.

[124] No dia seguinte, Cótifo, aquele que pôs as moções a votação, convoca uma assembleia dos Anfictíones - pois chamam assembleia quando alguém se reúne, não apenas os pilágoras e os *hieromnemes*, mas também os que oferecem sacrifícios e os que consultam os oráculos. Nisto, tinham aparecido já muitas acusações contra o povo de Anfissa, e havia muitos elogios a respeito da nossa cidade. No final de toda a discussão, votou-se que os *hieromnemes* deveriam ir às Termópilas, em data fixada, antes da próxima assembleia anfictiónica, levando uma moção para que o povo de Anfissa recebesse [o devido] castigo pelas faltas cometidas contra o deus, contra esta terra sagrada e contra os Anfictíones. E porque digo a verdade, o secretário ler-vos-á o decreto.

Decreto

[125] Depois de entregarmos esta moção no Conselho e de novo na Assembleia, o povo aprovou as nossas acções e toda a cidade escolheu actuar com piedade. Demóstenes discordava, por causa do dinheiro negociado com Anfissa, enquanto eu, obviamente, vos provava o contrário. Uma vez que não é possível, de forma evidente, esse homem enganar a cidade, ele entrou no local do Conselho, mandou sair os particulares e trouxe um decreto preliminar diante da Assembleia, servindo-se da inexperiência daquele que redigiu a proposta.

⁴⁵ A idade da puberdade terminava aos 16 anos, seguindo-se o período da efebria, portanto o anúncio era para todos os que tivessem acima 18 anos ou mais.

⁴⁶ Chama-se *Thiteon*, em grego, ao lugar de sacrifício, que está relacionado etimologicamente com o verbo θύω, que significa ‘oferecer um sacrifício’.

⁴⁷ Se atendermos que o estádio ático equivalia a cerca de 185m, sessenta estádios seriam pouco mais de 11km.

[126] E este texto conseguiu ser votado na Assembleia e tornar-se um decreto do povo, quando a Assembleia tinha sido adiada, e eu estava de partida - em momento algum tê-lo-ia permitido -, e a maioria tinha dispersado. O essencial do texto decretava “que o *hieromnemon* dos Atenienses”, dizia, “e os pilágoras que, por ora, desempenhavam essas funções se dirigissem às Termópilas e a Delfos, nas datas estabelecidas, em defesa dos seus antepassados”, com um motivo plausível, embora com uma acção vergonhosa, pois isso impedia a comparência na reunião das Termópilas, que, necessariamente, ia acontecer antes do tempo determinado.

[127] E, de novo, no mesmo decreto, ele propôs de forma mais perspicaz e astuta: “que o *hieromnemon* dos Atenienses”, dizia, “e os pilágoras que, por ora, desempenhavam essas funções não participassem nas reuniões nesse lugar, nem em discussões, nem em diligências, nem em decisões, nem em acções, nem em qualquer outra coisa.” Mas o que significa ‘não participar’? Deverei falar a verdade ou o que é mais agradável de ouvir? Direi a verdade, já que a cidade está nesta situação porque sempre se fala para agradar e não vos é permitido recordar nem os juramentos que os vossos antepassados celebraram, nem as imprecções, nem o oráculo do deus.

[128] Nós, Atenienses, permanecemos aqui por causa desse decreto, enquanto que os outros da Anfictionia se reuniam nas Termópilas, excepto uma única cidade, da qual eu não vos poderia dizer o nome, nem se os seus infortúnios fossem semelhantes a algum dos Gregos. Aí reunidos, votaram uma expedição militar contra os de Anfissa, e elegeram o estratega Cótifo de Farsalo que, nessa altura, punha as moções em votação, na altura em que Filipe não vivia na Macedónia, nem estava presente na Grécia, mas teria partido para a longínqua Cítia; e agora, Demóstenes atreve-se a dizer que eu o influenciei contra os Gregos.

[129] Depois de chegar a primeira expedição militar, trataram o povo de Anfissa com muita moderação. Em contrapartida, impuseram-lhes uma das mais injustas multas em dinheiro e disseram que, em devido tempo, dedicá-las-iam ao deus; desterraram os ímpios e os responsáveis pelo que acontecera, e repatriaram os que fugiram pela sua piedade. E enquanto o dinheiro não fosse pago ao deus na totalidade, repatriariam os ímpios e baniriam os piedosos que tinham regressado por causa do povo de Anfictionia. Então, nessa altura, fizeram a segunda expedição militar contra os de Anfissa, muito tempo depois de Filipe ter já regressado da sua expedição contra os Citas. Nesse momento, os deuses concediam-nos a hegemonia graças à nossa piedade, mas a corrupção de Demóstenes tornou-se um obstáculo.

[130] Mas não prediziam, não anunciavam os deuses que estivésseis alerta, mesmo não tendo voz humana? Nenhuma cidade, que eu saiba, alguma vez foi salva pelos deuses, mas sim arruinada por alguns dos seus oradores. Não era suficiente o que vos advertia o sinal que apareceu nos Mistérios, a morte dos iniciados? Não vos predizia Aminíades⁴⁸ que tivéssemos cuidado e que fôssemos a Delfos perguntar ao deus o que era necessário fazer, enquanto Demóstenes contradizia que a Pítia se afirmava a favor

⁴⁸ Adivinho ateniense, segundo um comentário nos escólios. Apud Lucas de Dios 2002: 526, n. 303.

de Filipe, esse homem inculto que goza e se satisfaz do poder que lhe foi dado por vós?

[131] Não enviou ele, por fim, os soldados contra o perigo eminente, sem oferenda e aceitação dos ritos sagrados? E no entanto, recentemente, ousou dizer que Filipe não marchava contra a nossa terra por este motivo, porque os ritos sagrados não tinham sido auspiciosos. Que castigo, então, mereces tu, sua praga dos gregos? Pois se o vencedor não marchou contra a terra vencida porque os ritos sagrados não foram auspiciosos, tu, que sem prever nada do que estava para acontecer enviaste os soldados sem ter os sinais favoráveis do sacrifício, deves tu receber uma coroa pelos infortúnios desta cidade ou ser desterrado?

[132] Por essa razão, que acontecimento desesperado e imprevisível nos sucedeu? Não temos vivido uma vida própria de homens, senão que criámos entre nós uma realidade de assombro para os que hão-de vir. Não é verdade que o rei dos Persas, que escavou a terra no monte Atos, o que uniu o Helesponto, que reclama a terra e a água dos Gregos, que tem a ousadia de escrever nas cartas que é senhor de todos os homens, desde onde o sol se levanta até onde se põe, já não luta agora para ser senhor dos outros, mas para salvação da sua vida? E não é verdade que vemos que aqueles que agora são dignos de honra e de hegemonia contra o Persa são os que também libertaram o santuário de Delfos⁴⁹?

[133] E Tebas, Tebas, a cidade vizinha, que num único dia foi arrasada, no meio da Grécia, se bem com justiça, os que deliberaram no seu conjunto, como se inspirados pelos deuses e sem consciência, não decidiram de forma humana, mas divina. E os infelizes dos Lacedemónios, que se associaram apenas a esta causa no início da ocupação do santuário, eles que nessa altura esperavam ser líderes dos Gregos, agora, como mostra do seu infortúnio, estão a ponto de ser enviados a Alexandre como reféns, estão dispostos a sofrer, eles próprios e também a sua pátria, o que quer que àquele lhe pareça bem, e a ser julgados pela moderação do vencedor, que antes tinha sido injustiçado.

[134] A nossa cidade, refúgio comum dos Gregos, para onde antes acorriam os embaixadores da Grécia (pois cada cidade sabia que encontrava a salvação entre nós), agora já não luta pela hegemonia entre os Gregos, mas pelo solo da sua pátria. Isto acontece-nos desde o tempo em que Demóstenes se envolveu na política. E que bem que mostrou este assunto o poeta Hesíodo. Disse, em algum lugar, que se ensinasse as massas e se aconselhasse as cidades, para que não se admitisse as acções gravosas de demagogos.

[135] Direi também eu esses versos⁵⁰, porque penso que são as crianças que aprendem a fundo as sentenças dos poetas - elas que os utilizem quando forem homens.

Muitas vezes toda a cidade suporta o castigo do homem malvado
que se torna culpado e maquina loucuras.

Sobre esses, do céu, manda uma grande desgraça o Crónida:
a fome e a peste ao mesmo tempo; as pessoas perecem;
ou destrói-lhes ainda o vasto exército, ou então as muralhas,

⁴⁹ Os Macedónios.

⁵⁰ Hes. *Op.* 240-245.

ou vingam-se nos seus barcos no mar Zeus que vê ao longe.

[136] Se retirarmos a versificação do poeta e escrutinarmos as sentenças, penso que sériéis da opinião de que os versos não são de Hesíodo, mas um oráculo sobre a política de Demóstenes, porque as cidades, o exército de infantaria e a armada são completamente arrasadas pelas políticas deste sujeito.

[137] Eu julgo que nem Frinondas, nem Euríbatos⁵¹, nem nenhum outro malvado de outrora, alguma vez, se tornou tamanho impostor e trapaceiro, - ó terra, ó deuses, divindades e homens, que quereis ouvir a verdade - que ousasse dizer, olhando-nos na cara, como os Tebanos fizeram a sua aliança connosco, não por causa da situação do momento, nem por medo do que lhes poderia acontecer, nem pela vossa reputação, mas pelos discursos públicos de Demóstenes.

[138] De facto, antes dele, serviram em embaixadas a Tebas os que dispunham de maior familiaridade com eles: primeiro, Trasíbulo de Colito, homem de confiança em Tebas como nenhum outro; de novo, Tráson de Erquia, *proxenos*⁵² dos tebanos; [139] Leodamante de Acarnas, não inferior a Demóstenes no poder da palavra, e para mim até mais agradável; Arquedemo de Peleces, hábil a falar e que incorreu em muitos riscos em actividade política pelos Tebanos; o demagogo Aristofonte de Acenia, que durante muito tempo se subjugou à responsabilidade de advogar pela causa da Beócia; Pirrandro de Anaflisto, que ainda vive hoje. E no entanto, nunca ninguém conseguiu atraí-los para a vossa amizade. Eu sei o motivo, mas não devo falar por causa dos seus infortúnios.

[140] Julgo que quando Filipe os despojou de Niceia e a entregou aos Tessálios e à guerra, ele que antes expulsara da terra dos Beócios essa mesma guerra, trouxe-a através da Fócida contra Tebas e por fim apoderou-se de Elateia, fortificou-a e pôs-lhe dentro uma guarnição. Então, quando o perigo os assaltou, procuraram os Atenenses e vós marchastes e entrastes armados em Tebas, com a infantaria e a cavalaria, antes que Demóstenes pudesse escrever uma única sílaba sobre a aliança.

[141] Aquilo que vos levou a Tebas foi a oportunidade, o medo e a necessidade de aliança, e não Demóstenes, uma vez que, em relação a estas actuações, cometeu contra vós três grandes erros: primeiro, porque Filipe lutava contra vós por palavras, e na realidade odiava muito mais os Tebanos, como ele próprio mostrou através da sua incursão (que necessidade há de dizer mais?); de tal forma estes assuntos foram bem escondidos, que Demóstenes fingiu que a aliança aconteceria não por causa desta situação, mas por causa do seu serviço de embaixador.

[142] Em primeiro lugar, convenceu o povo a não deliberar acerca do que era necessário fazer em relação à aliança, mas apenas a contentar-se com o que acontecera. Quando o conseguiu, entregou toda a Beócia aos Tebanos e propôs no seu decreto que “se alguma cidade se separasse dos Tebanos, os Atenenses ajudariam os Beócios em

⁵¹ Frinondas e Euríbatos são dois nomes-tipo usados para significar ‘maldade’. Para Frinondas as fontes divergem entre ser ateniense ou peloponésio. Quanto a Euríbatos, um escólio indica-nos que era lídio.

⁵² Ver nota 25.

Tebas”, enganando por palavras e subvertendo os acontecimentos, como de costume - como se os Beócios, sofrendo de facto males terríveis, se contentassem com a composição de palavras de Demóstenes e não se indignassem mais por lhes terem infligido esses males.

[143] E depois, atribui-vos dois terços dos custos de guerra, a vós, de quem estavam mais longe os perigos; e aos Tebanos um terço, recebendo subornos por cada um destes favores. E tornou comum a hegemonia sobre o mar, que a duras penas era só vossa; e a hegemonia sobre a terra - se não é necessário dizer baboseiras - tomou-a na sua totalidade e entregou-a aos Tebanos, de tal modo que, durante a guerra que se seguiu, Estrátocles⁵³ não pôde comandar o vosso exército, nem deliberar sobre a salvação dos soldados.

[144] Não é que eu faça estas acusações e outros as negligenciem, mas eu falo e todos censuram, e vós testemunhais e não vos enfureceis. Pois isto foi o que vos aconteceu no caso de Demóstenes: estais já acostumados a ouvir as suas injustiças, de tal forma que nem vos admirais. É, no entanto, necessário que assim não o seja, mas que vos indigneis e o castigueis, se de facto a cidade precisa de um futuro próspero.

[145] Em segundo lugar, cometeu uma injustiça muito maior do que esta, pois enganou discretamente o Conselho da cidade e toda a democracia, ao retirar-lhes poder e transferir para Tebas e para Cadmeia a gestão conjunta dos assuntos, arquitetada com os beotarcas⁵⁴. E para si próprio criou tal poder, que quando subia à tribuna dizia que iria em embaixada onde lhe parecesse bem, [146] ainda que vós não o tivesses enviado. Se algum dos generais o contradizia, uma vez que é seu costume escravizar os arcontes e ninguém o contrariar, ele dizia que apresentaria uma disputa entre a tribuna e os generais. Dizia ainda que recebestes dele maiores benefícios a partir da tribuna do que dos generais do seu local de reunião. Pagando à classe de mercenários por terras inocupadas, roubando dinheiro do fundo militar, e contratando 10000 mercenários para os de Anfissa, apesar de eu ter denunciado muitas destas situações e de me ter indignado nestas assembleias, ele atingiu-vos, roubou os mercenários e precipitou o perigo na cidade.

[147] Que esperáveis que Filipe desejasse naquelas circunstâncias? Não seria, por um lado, combater isoladamente a força da nossa cidade e, por outro, isoladamente também, os mercenários de Anfissa, ao apresentar-se diante dos Gregos desanimados, tomando-os com tamanho golpe? E Demóstenes, que foi o responsável de tamanhos males, não se contenta em não ser castigado, mas indigna-se se não lhe é concedida uma coroa de ouro. E não lhe é suficiente que seja proclamada na vossa presença, mas enfurece-se se não for anunciada na presença dos Gregos. Assim, como parece, uma natureza malvada, quando se apodera de grande licenciosidade, causa o infortúnio público.

[148] A terceira e maior injustiça do até aqui exposto é o que passo a dizer. Filipe não desprezava os Gregos, nem os ignorava - não era desprovido de entendimento - pois iria

⁵³ General ateniense à frente das tropas de Atenas na batalha de Queroneia.

⁵⁴ Literalmente, os dirigentes da Beócia.

lutar pelas melhores riquezas numa curta parte do dia e, por essa razão, quis celebrar a paz e dispunha-se a enviar embaixadores. Também os governantes de Tebas temiam o perigo eminente (com razão, pois não foi o orador, sem serviço militar e desertor da linha de batalha, que os avisou, mas a guerra da Fócida, que durou dez anos, que lhes proporcionou esse ensinamento lembrado para sempre).

[149] Demóstenes, ao aperceber-se destas circunstâncias e ao suspeitar que os beotarcas estariam prestes a celebrar uma paz em privado, pela qual receberiam dinheiro de Filipe sem contar com ele próprio (pois considerava ser insuportável se fosse deixado de parte de algum dos subornos), saltou para a Assembleia e, como nenhum dos homens dissesse nem que se devia, nem que não se devia fazer a paz com Filipe, como se esperava, anunciou a proclamação da paz aos beotarcas, resgatando para si uma parte dos ganhos, ao jurar por Atena, [150] a estátua que, segundo parece, Fídias criou para que Demóstenes se aproveitasse dela e perjurasse. E em verdade, se alguém tivesse dito como era necessário celebrar a paz com Filipe, teria sido enviado para a prisão, agarado pelos cabelos, reproduzindo a política de Cleofonte⁵⁵, que, durante a guerra com os Lacedemónios, como se diz, destruiu a cidade. E como os governantes em Tebas não o aceitaram, fizeram regressar os vossos soldados, que já tinham partido, para que deliberásseis sobre a paz.

[151] Nesse momento, perdeu as estribeiras e, dirigindo-se à tribuna, chamava aos beotarcas traidores dos Gregos e dizia, ele que nunca até então olhara os inimigos de frente, que proporia um decreto para que vós enviásseis embaixadores a Tebas, pedindo aos Tebanos permissão de passagem [para a batalha] contra Filipe⁵⁶. Envergonhados, os governantes em Tebas não admitiam ser de facto traidores dos Gregos, desistiram da paz e apressaram-se para a frente da batalha.

[152] Neste momento, é justo recordar os homens corajosos que, mesmo sem os sacrifícios e com presságios funestos, foram enviados ao perigo certo - ele atreveu-se a elogiar a sua bravura, ele que, com os seus fugitivos pés, desertou da linha de batalha e subiu para cima do túmulo dos que morreram. Ó mais inútil de todos os homens para os maiores e mais graves assuntos, ó mais admirável em coragem por palavras! Estarás disposto a tentar olhar, neste exacto momento, para as nossas caras e dizer como é necessário que recebas uma coroa pelos infortúnios da cidade? E se assim ele o disser, suportá-lo-eis vós para que a vossa memória morra juntamente com os defuntos?

[153] Prestai-me atenção durante um momento e pensai que não estamos no tribunal, mas no teatro, e vê-se chegar o arauto, e ele está prestes a fazer a proclamação do decreto: pensai se acreditais que os familiares dos que morreram chorarão mais lágrimas pelas tragédias e pelos infortúnios dos heróis (que depois disto, irão ser postos em cena), ou

⁵⁵ Cleofonte foi um político ateniense que conduziu o povo, nos finais da Guerra do Peloponeso, depois da ruínosa expedição à Sicília, proposta por Alcibíades. Rejeitando fazer a paz com Esparta, diz-se que se tornou mais do que um tirano. Segundo o escólio, Demóstenes imitava o tirano na teimosia. Dils 1992: 140.

⁵⁶ Os Atenienses teriam de passar por território tebano, pois Filipe encontrava-se a norte de Tebas, já depois de ter capturado Elateia, e esperava-se que atacasse Tebas em breve.

pela ingratidão da cidade.

[154] Pois que homem grego e educado em liberdade não se lamentaria, ao recordar no teatro, se não outra coisa, isto pelo menos? É que, quando, nesse mesmo dia em que, como agora, se representavam as tragédias, e quando a cidade era mais bem governada e tinha melhores magistrados, vinha o arauto e apresentava os órfãos, cujos pais tinham morrido na guerra. Os jovens envergavam uma armadura completa⁵⁷, e fazia-se a mais bela proclamação e a que mais incitasse à coragem, porque a estes jovens, cujos pais morreram na guerra como homens corajosos, o povo alimentou-os até à adolescência, e agora armava-os com essa armadura completa, deixava-os entregues à sua vida com desejos de boa sorte, e convidava-os para a um lugar de honra no teatro.

[155] Assim antes proclamava o arauto, mas agora não - e ao apresentar o responsável da orfandade destas crianças, que proclamação fará ou que palavras dirá? Pois, mesmo se expuser as prescrições do decreto, pelo menos a vergonha da verdade não se calará e parecerá dizer palavras contrárias à da voz do arauto. Pois a este homem, se é de facto um homem, o povo atribuiu-lhe uma coroa pela sua coragem, ao mais malvado, e pela sua bravura, ao cobarde que desertou da linha de batalha.

[156] Por Zeus e pelos deuses, suplico-vos, Atenienses, não erijais um monumento a vossas expensas na orquestra de Dioniso; nem condeneis por loucura os Atenienses, na presença dos Gregos; nem vos recordeis dos incuráveis e irremediáveis males dos desditos Tebanos, que fugiram por causa desse aí e que recebeis na cidade, cujos templos, filhos e túmulos, a venalidade de Demóstenes e o ouro do Rei destruíram.

[157] Mas, uma vez que não estivestes presentes em pessoa, reconheci pelo menos em espírito os seus infortúnios e pensai que vedes a cidade conquistada, a destruição das muralhas, o incêndio das casas, mulheres e crianças levados como escravos, anciãos e anciãs desaprendendo tarde a liberdade, chorando e suplicando-vos, enfurecendo-se não contra os seus castigadores senão contra os responsáveis destes acontecimentos, e recomendando que de maneira nenhuma coroaem esta praga da Grécia, mas que vos guardéis do mau espírito e má fortuna que acompanham esse homem.

[158] Pois nem nenhuma cidade, nem nenhum homem jamais escapou ileso ao servir-se do conselho de Demóstenes. E vós, Atenienses, não vos envergonhais que, tendo estabelecido para o caso dos marinheiros que atravessaram Salamina uma lei segundo a qual, se algum deles revirasse inadvertidamente o barco na travessia, não lhe fosse permitido ser marinheiro como antes, de modo a que ninguém actuasse indiferentemente para com as pessoas gregas -, mas para o causador da ruína da Grécia e de toda a cidade, a este permitis-lhe de novo dirigir os assuntos públicos?

[159] Para que eu me pronuncie acerca do quarto período e dos assuntos que aconteceram recentemente, quero lembrar-vos do facto de que Demóstenes não só desertou da linha de batalha do exército, mas também do seu posto de cidadão, apoderando-se de uma trirreme e cobrando uma taxa aos Gregos. Quando a salvação inesperada da

⁵⁷ Aos órfãos, o estado oferecia uma armadura completa para que pudessem cumprir as suas obrigações militares.

cidade o trouxe de volta, nos primeiros tempos ele era um homem tímido e, subindo meio morto à tribuna, exortava-vos a votar nele como 'guardião da paz'. Vós, porém, nos primeiros tempos, não permitíeis que se registasse o nome de Demóstenes nos decretos, mas atribuístes essa tarefa a Nausicles - e agora ele considera-se digno de ser coroado.

[160] Quando Filipe morreu e Alexandre assumiu o comando, Demóstenes dizia maravilhas como antigamente. Dedicou um altar a Pausânias⁵⁸, instituiu no Conselho a responsabilidade de oferecer sacrifícios pelas boas novas, deu a Alexandre o sobrenome de Margites⁵⁹, e atreveu-se a dizer que ele não sairia da Macedónia. Disse que Alexandre contentar-se-ia em passear-se por Pela e em observar as entranhas das vítimas de sacrifício, e disse que não era por conjecturas mas porque sabia exactamente que a virtude se compra com sangue (embora ele não tenha sangue) e porque considerava que Alexandre não tinha a natureza de Alexandre, mas a da sua própria cobardia.

[161] Tendo os Tessálios já votado fazer guerra contra a vossa cidade, como seria de esperar, pela primeira vez o jovem sentiu-se estimulado. E quando o exército estava às portas de Tebas, Demóstenes, o embaixador que vós votastes, escapou a meio do caminho do Citéron, deu meia volta e voltou para trás, mostrando que não tem utilidade nem na paz nem na guerra. E o mais terrível de tudo é que vós não o abandonastes, não permitistes que ele fosse afastado da confederação dos Gregos, embora ele vos abandone agora, se o que se diz é verdade.

[162] Pois como diz a tripulação da Páralo⁶⁰ e os que serviram na embaixada a Alexandre (acredita-se razoavelmente na ocorrência), há um certo Aristión de Plateias, filho de Aristobulo, o vendedor de fármacos, caso alguém o conheça; ele, enquanto jovem, distinguia-se dos outros pela aparência e viveu durante muito tempo em casa de Demóstenes. Do que experimentou e do que fez, a reputação é ambígua, e não é de maneira nenhuma um assunto apropriado para eu falar. Ele, então, segundo ouço dizer, sem saber nem onde, nem como tinha vivido, insinuou-se a Alexandre e tornou-se próximo do seu círculo. Através dele, Demóstenes enviou uma carta a Alexandre, descobriu uma passagem segura e uma forma de reconciliação, e recomeçou a adulação.

[163] A partir deste ponto, considerai de que forma os factos estão de acordo com a acusação. Se Demóstenes assim o pensava e era hostil a Alexandre, como ele dizia, teve três óptimas oportunidades, a nenhuma das quais parece ter dado uso: uma, a primeira, quando Alexandre, ainda não há muito tempo no poder e sem ordem nos seus assuntos particulares, atravessou a Ásia. O rei dos Persas tinha navios em abundância, dinheiro e infantaria, e estava satisfeito por receber-vos em aliança, devido aos perigos iminentes. Disseste, então, alguma palavra, Demóstenes? Ou propuseste algum decreto? Queres que eu assuma que tiveste medo e que te sujeitaste à tua forma de ser? É que o momento oportuno não espera por um orador cobarde.

⁵⁸ Assassino de Filipe.

⁵⁹ *Margites* ('homem louco') é o nome de um herói épico cómico, atribuído a Homero, acerca de um herói trapalhão, cuja substância cómica é comparada às comédias gregas por Aristóteles (*Arist. Po.* 13.92).

⁶⁰ Páralo era o nome de uma trirreme sagrada da cidade de Atenas, da qual apenas fariam parte homens livres.

[164] Mas quando Dario atracou na costa com toda a sua força, Alexandre estava retido na Cilícia, a faltar-lhe tudo, como tu dizias, e nesse momento estava prestes a ser, como dizias o teu discurso, pisado pela cavalaria persa. A cidade já não dava espaço à tua insolência, nem às cartas que, presas aos teus dedos, fazias circular. Mostrando a alguns o meu carácter, como fora de mim e desanimado, chamando-me de vítima de cornos de ouro, dizias que eu já era coroadado, se algum infortúnio viesse a acontecer a Alexandre. Nesse momento, não fizeste nada, mas reservaste-te para uma melhor ocasião.

[165] Pois bem, passando tudo isto à frente, falarei dos acontecimentos recentes. Os Lacedemónios saíram vitoriosos da batalha e arrasaram os soldados de Córrago⁶¹; os Eleios mudaram-se para o lado deles e também todos os Aqueus, excepto os Peleneus, mais toda a Arcádia, excepto Megalópolis; esta estava sitiada e, a cada dia, era expectável que fosse conquistada; Alexandre encontrava-se para lá do norte da Ursa Polar e de quase toda a terra habitada; Antípatro tentava juntar um exército há muito tempo, e não era evidente que isso fosse acontecer. Faz-nos prova agora, Demóstenes, do que estavas para fazer e do que estavas para dizer. E se quiseres, cedo-te a tribuna, até que tenhas falado.

[166] E quando te calares, porque estás confuso, eu serei tolerante. Mas acerca do que antes dizias, falarei eu agora. Não vos recordais das palavras impuras e incríveis que antes, homens de ferro, suportáveis ouvir? Quando ele, subindo à tribuna, dizia: “Alguns podam a cidade, outros dissecam os nervos do povo; cortam-se os assuntos pelas raízes, somos cosidos como tapetes e alguns fazem-nos passar por situações de estreiteza, como às agulhas.”

[167] E isto o que é, sua raposa matreira? Palavras ou maravilhas? E, de novo, quando giravas em volta de ti mesmo, na tribuna, e dizias como enfrentarias Alexandre: “Reconheço ter organizado as forças lacónicas, reconheço ter agitado a revolta dos Tessálios e dos Perrebos.” Tu, agitar os Tessálios? Poderias tu agitar uma aldeia? Não te aproximarias de uma casa, quanto mais de uma cidade onde houvesse perigo? Mas se for para gastar dinheiro em alguma coisa, sentar-te-ás e não terás uma conduta própria de um cidadão. E se algo acontecer por si mesmo, arrogar-te-ás e registrarás o teu nome no acontecimento. Mas se sobrevier algum receio, fugirás; e caso nos encorajemos, pedirás recompensas e acharás justo receber coroas de ouro.

[168] Sim, mas ele é um homem de inclinações democráticas. Pois bem, se prestardes atenção para o eufemismo das suas palavras, sereis enganados, assim como antes; mas se prestardes atenção à sua natureza e sinceridade, não sereis enganados. Recebei, desta forma, a sua palavra. Eu determinarei convosco o que é necessário ter, em sua natureza, um homem de inclinações democráticas e prudente. De outro lado, oporei de que forma se parece um homem de inclinações oligárquicas e malvado. Depois de contrapor cada um dos pontos, vós vereis que ele não deve ser julgado por uma das duas reputações, senão por um dos dois modos de vida.

[169] Deste modo, eu sei, todos vós concordaríeis com o que é necessário para ser

⁶¹ General macedónio de Alexandre.

democrático: em primeiro lugar, deve ser um homem livre da parte do pai e da parte da mãe, para que, por causa dos infortúnios da sua família, não seja hostil às leis que salvam a democracia; em segundo lugar, que, dos seus antepassados, tenha a bondade para com o povo, e se não nenhum inimigo, pelo menos que tenha o mínimo, para que, ao auxiliar os infortúnios dos antepassados, não tente fazer mal à cidade.

[170] Em terceiro lugar, é necessário que ele se torne prudente e comedido no seu modo de vida de cada dia, de forma a que, por causa da sua licenciosidade no gasto, não receba subornos contra o interesse do povo. Em quarto lugar, deve ser razoável e capaz de falar, pois a boa inteligência escolhe as melhores coisas, e a educação do orador e o seu discurso convencem os ouvintes - se assim não for, pelo menos que anteponha consideração ao discurso; em quinto lugar, que tenha coragem de espírito, para que não abandone o povo ao sofrimento e ao perigo. Em relação ao de inclinação oligárquica, ele será todo o oposto do que foi dito. Por que há necessidade de passar de novo por isto? Observai a qual destes exemplos corresponde Demóstenes e que o cômputo seja feito com toda a justiça.

[171] Demóstenes teve por pai Demóstenes da Peânia, homem livre - não há por que mentir - e como era da parte da mãe e do avô materno, eu mostrarei. Havia um Gílon de Cerameu. Este abandonou Ninfeu aos inimigos no Ponto⁶², na altura em que a nossa cidade possuía essa região. Este fugiu da acusação de condenação à morte, feita pela cidade, sem esperar o julgamento. Chegou ao Bósforo e aí recebeu de oferta dos tiranos uma propriedade, que se chamava Jardins.

[172] Casou, por Zeus, com uma mulher rica, que trazia muito ouro por dote. Mas era da raça cita, da qual lhe nasceram duas filhas, que aquele, depois de as enviar para aqui com muito dinheiro, deu umas delas em casamento a não sei quem (para não me tornar odiado por muitos), e Demóstenes da Peânia, ignorando as leis da cidade, casou com a outra, da qual nasceu, para vós, este impertinente e sicofanta do Demóstenes. Decerto, da parte do seu avô seria inimigo do povo, pois condenastes à morte o seu antepassado; da parte da mãe, seria um bárbaro que fala grego. Daí que até na sua maldade ele não é desta terra.

[173] Quem é ele, segundo o seu modo de vida? Depois de trierarca, apresentou-se como logógrafo, uma vez que perdeu de forma ridícula o património do seu pai. Acerca da sua reputação, ele não era de confiança nem ao entregar os seus discursos aos oponentes, e mesmo assim subia à tribuna. E apesar de ter recebido muito dinheiro com a política, poupou muito pouco. Agora o ouro do Rei cobre-lhe as despesas, mas isso não será suficiente, pois nenhuma riqueza alguma vez superou um carácter malvado. E o principal é que ele ganha a vida não com os bens dos privados, mas com os vossos perigos.

[174] Em relação à sua consideração e poder de palavra, como se tornou? Hábil a falar, vergonhoso a viver. De tal forma fez uso do seu corpo e da sua procriação, que eu não quero falar do que lhe tem feito, pois já uma vez eu vi que são odiados os que falam com

⁶² Cidade na costa sul do Mar Negro.

muita clareza as indecências dos vizinhos. E qual é depois o resultado para a cidade? Por um lado bons discursos, por outro acções desprezíveis.

[175] Em relação à sua coragem, pouco há a dizer. Se ele negasse que era cobarde ou se vós não concordásseis com ele, o meu discurso produziria motivo de debate. Mas uma vez que ele próprio o reconhece e vós bem o sabeis, resta lembrar as leis estabelecidas acerca deste assunto. Pois Sólon, o antigo legislador, previu que, para a mesma punição, era necessário imputar o incumpridor do serviço militar, o desertor da linha de batalha e o cobarde, todos por igual. É que também há acusações públicas por cobardia. Contudo, alguns admirar-se-iam se existissem acusações públicas por uma questão de carácter. Existem. E por que razão? Para que, cada um de nós, ao recear mais a punição das leis do que dos inimigos, seja melhor defensor da pátria.

[176] De mesmo modo, o legislador ao incumpridor do serviço militar, ao cobarde e ao desertor da linha de batalha exclui-os dos espaços lustrais da ágora e não permite que sejam coroados, nem que participem nos sacrifícios públicos. Porém, tu⁶³, para aquele que, de acordo com as leis, não pode ser coroado, reclamas-nos uma coroa e, no teu decreto, àquele que não merece, chama-lo à orquestra, durante as representações das tragédias, ao recinto sagrado de Dioniso, o homem que alienou templos por causa da sua cobardia. E para que eu não vos desvie deste assunto, lembrai-vos dele e de quanto ele diz ser favorável ao povo. Examinai não o seu discurso, mas a sua vida, e vede não quem ele diz ser, senão quem de facto é.

[177] Como eu vos lembrei de coroas e recompensas, e até que eu me lembre, adverti-vos, Atenenses, que se não puserdes fim a estas muitas recompensas, ao dar coroas indistintamente, nem aqueles que as recebem vos agradecerão, nem os assuntos da cidade serão melhorados. Aos malvados, em momento algum, fá-los-eis melhores, e aos prestáveis atirá-los-eis para um extremo desânimo. E porque digo a verdade, penso que vos poderei mostrar grandes provas acerca de Demóstenes.

[178] Se alguém vos perguntar em que momento vos parecia que a cidade era mais admirada, se no tempo actual ou se no dos antepassados, todos concordariam que era no tempo dos antepassados. Os homens de então eram melhores do que os de agora? Antes eram distintos, agora são muito inferiores. As recompensas, as coroas, as proclamações públicas e as refeições no pritaneu⁶⁴, nessa altura eram mais do que agora? Nessa altura, eram raras as distinções entre vós e o nome da virtude era valorizado. Agora a acção não tem valor e atribuíis as coroas por hábito e sem previdência.

[179] Para os que pensam assim, não é extraordinário que agora haja mais recompensas, enquanto que antes os assuntos da cidade eram mais importantes? E que os homens agora são inferiores, e os de antigamente melhores? Tentarei demonstrar-vos isso mesmo. Pensais, Atenenses, que em algum momento alguém se dispunha a treinar

⁶³ Ctesifonte.

⁶⁴ O Pritaneu era o edifício público de reunião dos pritanes (ver nota 4), que, entre outras, tinha como função servir refeições a expensas públicas a cidadãos, e por vezes estrangeiros distintos, como forma de prestar conhecimento público da honra dessa pessoa. Em questão, está a forma de recompensa por σιτήσις, que consistia numa refeição concedida ao longo da vida do cidadão distinguido. Miller 1978.

para os Jogos Olímpicos, ou para qualquer outra competição que concede coroas (o pancrácio ou qualquer outra competição mais pesada), se a coroa fosse dada não ao mais forte, mas ao que conspira com sucesso? Ninguém assim, alguma vez, desejaria treinar.

[180] Agora eu julgo que, pelo o que é raro, árduo, belo e pela eterna lembrança da vitória, alguns estão dispostos a correr perigo, ao expor a sua vida aos riscos e ao esperar as maiores dificuldades. Suponde, deste modo, que vós próprios sois juízes da virtude política e reflecti se daríeis recompensas segundo as leis a poucos e justos, pois teríeis muitos competidores; ou se agradeceríeis a um qualquer e aos que conspiram com sucesso, perdendo pessoas de natureza honesta.

[181] E porque falo correctamente, quero ainda mostrar-vos com um pouco mais de clareza. Quem, para vós, parece ser melhor homem: Temístocles, que comandou na batalha naval de Salamina que vós vencestes contra o Persa, ou Demóstenes, que é, neste caso, desertor da linha de batalha? Miltíades, que venceu a batalha de Maratona contra os bárbaros, ou o outro? E ainda os que restauraram a democracia banida de File? Aristides, apelidado de 'O Justo' e que tinha diferente sobrenome de Demóstenes?

[182] Mas eu, pelos deuses olímpicos, não penso que é justo, no mesmo dia, lembrar esta besta e aqueles homens. Que Demóstenes prove em seu discurso se está escrito em algum lado alguma concessão de coroa a estes homens. Acaso o povo era ingrato? Não, era generoso. E esses homens, mesmo não tendo sido honrados, eram dignos da cidade, pois eles acreditavam que não era necessário serem honrados por documentos, mas na memória dos que receberam benefícios, memória essa que continua a ser imortal desde aquele tempo até a este dia. Que recompensas recebiam, é justo que se recordem.

[183] Houve, Atenienses, nos tempos passados, homens que, suportando muitos sofrimentos e grandes perigos, venceram os Medos em batalha, junto ao rio Estrímon. Quando aqui chegaram, pediram ao povo uma recompensa, e o povo deu-lhes grandes honras, como então era costume dar: erigir três Hermes de pedra no pórtico dos Hermes, sob condição de não se inscrever os seus nomes, para que a inscrição desse a impressão de ser do povo e não dos generais.

[184] E porque digo a verdade, confirmá-lo-ás a partir destes versos. Assim está inscrito no primeiro dos Hermes:

Foram então muito sofridos aqueles que, antes
 contra os filhos dos Medos em Éon, junto às correntes do Estrímon,
 a quem trouxeram a fome ardente e o poderoso Ares,
 foram os primeiros a descobrir impotência dos inimigos.

E no segundo:

Aos generais deram os Atenienses estes versos como recompensa,
 pelos seus bons serviços e grande coragem.
 Ao vê-los, os vindouros desejaram fazer
 mais esforços pelo bem comum.

E no terceiro Hermes está escrito:

Desta cidade, um dia, com os Atridas, Menesteu
comandou, a bordo, até à planura sagrada de Tróia,
do qual, outrora, Homero disse que, sobre os Dânaos, de sólido bronze
encouraçado, este homem excelente marchou para o combate.
Assim não é impróprio chamar-se aos Atenienses
comandantes em ambas, guerra e virilidade.

Onde está escrito o nome do general? Em parte nenhuma, senão o do povo.

[186] Chegai em pensamento ao Pórtico Pintado⁶⁵. O memorial de todas as vossas nobres empresas está erigido na ágora. Dessas pinturas, qual é a que eu me estou a referir neste momento? Aquela que pinta a batalha de Maratona. Quem foi, pois, o general? Se assim vos perguntasse, todos vós responderíeis que foi Miltíades, mas o seu nome não está lá inscrito. Como? Ele não pediu essa recompensa? Pediu, mas o povo não lha deu, mas, em vez do seu nome, acordaram pintá-lo em primeiro plano exortando os soldados.

[187] Além disso, no templo de Cíbele⁶⁶, junto à sede do Conselho, pode ver-se que concedestes uma recompensa aos que restauraram a democracia banida [de File]. Aquele que propôs o decreto e o ganhou foi Arquino de Cele, um dos que restaurou a democracia. Ele propôs, em primeiro lugar, que lhes fosse dado, para sacrifícios e oferendas, mil dracmas (e isto perfazia menos de dez dracmas por pessoa); depois recomendou-vos coroar cada um deles com uma coroa de oliveira, e não de ouro - pois, na altura, a coroa de oliveira era valorizada, ao passo que agora desdenha-se da de ouro. Ele recomendou-vos também que o Conselho não examinasse sem ordem, mas com precisão, quantos sitiaram File, quando os Lacedemónios e os Trinta atacaram os que haviam tomado File, e não quantos desertaram da linha de batalha em Queroneia, enquanto os inimigos se aproximavam. E porque digo a verde, leia-se o decreto.

Decreto acerca da recompensa ao povo de File

[188] Lê ainda em comparação o que Ctesifonte propôs para Demóstenes, o responsável dos piores males.

Decreto.

⁶⁵ A στοὰ ποικίλη foi um pórtico construído entre 470-460 na ágora de Atenas. Sobre ele, estavam pintados motivos míticos e históricos, nomeadamente a vitória dos Gregos sobre os Persas em Maratona, aqui descrita, e que, 600 anos mais tarde, ainda pôde ser visto e também descrito por Pausânias na sua *Descrição da Grécia* 1.15.3.

⁶⁶ O templo da deusa mãe, τὸ μητρῶον, foi o templo dedicado a Cíbele, a mãe dos deuses. Durante o século V foi a sede do Conselho (βουλευτήριον); depois da construção do novo βουλευτήριον (415-406), passou a ser o local de depósito e arquivo dos documentos do estado.

Com este decreto, anula-se a recompensa dos que restauraram a democracia. Se este decreto é decoroso, o outro é vergonhoso. Se esses foram honrados pelo seu mérito, este é coroado sem merecer.

[189] Além disso, fiquei a saber, ele vai pelo menos dizer que eu não procedo com justiça, quando apresentar os feitos dos seus antepassados. Pois dirá que Filámon, o pugilista, não foi coroado nos Jogos Olímpicos, quando venceu Glauco, aquele antigo pugilista, senão por ter vencido concorrentes do seu tempo - como se vós não percebesseis que o combate é de uns pugilistas contra os outros; ao passo que, para os que se consideram honrados, para receber uma coroa, é contra a própria virtude graças à qual são coroados. É necessário que o arauto não minta, quando fizer a proclamação no teatro diante dos Gregos. Nos nos pormenorizes que fazes melhor política do que Patécion⁶⁷, e só depois de teres alcançado a virtude, reivindica os agradecimentos ao povo.

[190] E para que eu não vos desvie deste assunto, o secretário ler-vos-á a inscrição que foi escrita para os que restauraram a democracia de File.

Inscrição

A estes, pela sua virtude, honrou com coroas o antigo povo de Atenas, outrora os primeiros, ao depor os que com injustos preceitos governavam a cidade, e que começaram a suscitar perigos para as suas vidas.

[191] Eles depuseram aqueles que governavam à margem das leis, e é por esta razão que o poeta diz que eles foram honrados. Pois ainda estava presente no espírito de todos, que, naquela época, a democracia fora deposta quando alguns anularam os processos por ilegalidade. Assim foi, de facto, como eu vim a saber pelo meu próprio pai, que morreu depois de viver noventa e cinco anos e depois de fazer parte de todos os infortúnios da cidade, ele que muitas vezes mo relatava no seu tempo livre. Ele dizia que, quando a democracia foi novamente restaurada, se alguém iniciasse um processo por ilegalidade no tribunal, seriam iguais o nome da ilegalidade e a acção da ilegalidade. E o que é, pois, mais sacrílego do que um homem dizer e cometer ilegalidades?

[192] E a audiência, como ele relatava, não a faziam da mesma forma como agora acontece. Os juizes eram muito mais severos com os que iniciavam o processo por ilegalidade do que com a própria acusação e, muitas vezes, voltavam a chamar o secretário e pediam-lhe que lesse de novo as leis e o decreto, para condenar os que iniciavam os processos por ilegalidade e para que não se transgredisse nenhuma lei, nem se alterasse uma única sílaba. O que acontece agora é uma situação excessivamente risível. O secretário lê a ilegalidade e os juizes, como sob um encantamento ou uma força alheia, ao ouvir um certo assunto, voltam o seu pensamento para outra coisa qualquer.

⁶⁷ Não é conhecida mais nenhuma referência a Patécion. Outros autores utilizam o nome de Patécion como um nome-tipo, para significar 'miserável', 'ladrão' ou 'sicofanta'. Apud Lucas de Dios 2002: 567, n. 476.

[193] Já dos artifícios de Demóstenes, admitis um hábito horrível nos tribunais. Vós inverteis a justiça da nossa cidade: o acusador defende-se, o acusado acusa no processo, os juízes, em algumas situações, esquecem-se de que são juízes e de que são constrangidos a votar sobre os casos. O acusado, se por ventura alguma vez tocou no assunto, não assume que escreveu uma proposta legal, mas sim que, outrora, em algum momento, um outro fora absolvido por processo semelhante. É deste fundamento, ouço dizer, que Ctesifonte se ocupa agora.

[194] Noutro tempo, entre vós, o tal de Aristofonte de Acenia⁶⁸ enchia-se de orgulho, quando afirmava que fora absolvido em processos por ilegalidade setenta e cinco vezes - mas não para o antigo Céfalos⁶⁹, que parece que foi o mais amigo do povo, para ele não. De facto, orgulhava-se por motivos contrários, dizendo que de todos os decretos que propôs, em nenhum alguma vez fora condenado num processo por ilegalidade - e eu acho que se orgulhava justamente. Redigiam-se processos por ilegalidade uns contra os outros, não apenas rivais políticos, mas amigos contra amigos, se se cometesse algum erro para com a cidade.

[195] Sabê-lo-eis pelo seguinte facto. Arquino de Cele⁷⁰ redigiu um processo por ilegalidade contra Trasibulo de Estíria, um dos que regressou com ele de File, e conseguiu condená-lo recentemente apesar dos seus bons serviços prestados, os quais os juízes não tiveram em consideração. Eles pensavam que, como na altura Trasibulo fez regressar exilados, assim também agora expulsaria os que estavam na sua pátria ao redigir uma proposta à margem das leis.

[196] Mas agora não, agora acontece todo o contrário. Os bons gerais e alguns dos que conseguiram refeições no pritaneu pedem-vos absolvição nos processos por ilegalidade, aqueles que vós justamente tomaríeis por ingratos. Pois se alguém honrado em

⁶⁸Aristofonte de Acenia (ver também [139]) foi um político ateniense activo desde a restauração da democracia em 403. Seja ou não anedota o facto de Aristofonte ter sido acusado setenta e cinco vezes, Ésquines cita aqui a sua actividade política com dupla intenção: ao mesmo tempo que louva as instituições de justiça atenienses (que julgarão este caso), enfatiza a facilidade com que políticos reconhecidamente corruptos se escapam a condenações, para tentar mostrar, deste modo, que os juízes não poderiam deixar que o mesmo sucedesse com Ctesifonte, e por consequência com Demóstenes. Oost (1977) avança a hipótese de a quantidade de acusações expressa se tratar de uma corrupção textual, embora nenhuma das edições recentes, nem a nossa, apresente aparato crítico para a passagem discutida, nem tampouco o mais antigo manuscrito de Ésquines (*Coisilianus* 249 do século X) copia, para a passagem, numerais gregos, se não que apresenta o numeral 75 por extenso (ἑβδομήκοντα καὶ πέντε), assim como todos os manuscritos discutidos nesta tese. Embora nos pareça um número exagerado, é perfeitamente plausível, uma vez que o próprio Ésquines (1.64) diz-nos que Aristofonte viveu perto de 100 anos. Por outro lado, o exagero do número pode constituir apenas um motivo retórico que não afecta nem a veracidade histórica, nem a compreensão geral do texto.

⁶⁹Céfalos de Colito era também um político activo durante a restauração da democracia ateniense. Ésquines sublinha o prestígio deste político; Demóstenes menciona-o no discurso *Sobre a Coroa* (219), ao lado de outros político influentes, e compara-se a ele..

⁷⁰Arquino de Cele foi também um político ateniense activo na restauração da democracia, cuja actuação foi apoiada por Trasibulo. Na questão de File, Trasibulo tinha proposto uma série de medidas, sendo que uma delas passava por atribuir a cidadania ateniense a todos aqueles que tinham ajudado no processo, incluindo escravos. Esta medida contou com a oposição de Arquino de Cele, que o acusou numa γραφή παρανόμων. Cf. Arist. *Ath.* 40.2.

democracia, em tal constituição cujos deuses e as leis salvam, ousasse ajudar os que redigem processos por ilegalidade, dissolveria essa mesma constituição pela qual fora honrado.

[197] Pois que tipo de discurso profere um homem que advoga pela justiça, eu vo-lo direi. O dia divide-se em três partes, sempre que se inicia um processo por ilegalidade no tribunal. Na primeira parte, a clepsidra enche-se com a acusação, com as leis e com a democracia. No segundo momento, a clepsidra enche-se com o acusado no processo e com os que falam sobre o mesmo caso. E quando, na primeira votação, se tiver anulado a ilegalidade, na terceira parte, a clepsidra enche-se com a atribuição da pena e com a magnitude da vossa cólera.

[198] Aquele que vos pede o voto na atribuição da pena, pede-vos para deixardes de lado a vossa cólera. Aquele que vos pede o voto no primeiro discurso, que vos pede o juramento, que vos pede a lei, que vos pede a democracia, não vos pede nada que não seja permitido pedir a alguém, nem dar a alguém, depois de pedidos. Exortai-os, portanto, a conceder-vos fazer a primeira votação, segundo as leis, e a estar presente na atribuição da pena.

[199] Em suma, Atenienses, da minha parte estou a pouco de dizer que se deve estabelecer uma lei apenas sobre os processos por ilegalidade, e que não seja possível ao acusador apresentar uma defesa, nem ao acusado uma proposta de moção por ilegalidade. Pois o justo não está indeterminado, mas determinado pelas vossas leis. Como na arte da construção, cada vez que queremos saber o que está em linha recta ou não, usamos uma régua com a qual decidimos.

[200] Também desta maneira, nos processos por ilegalidade, apresenta-se como régua do justo este registo público: o decreto e as leis anexas contra as quais houve ilegalidade. Mostra que estes assuntos estão de acordo uns com os outros e desce daí⁷¹. Para que te serve chamar Demóstenes? Sempre que transgredes a justa defesa, chamas esse homem malvado e o seu discurso técnico, e roubas a atenção da audiência, enganas a cidade e destróis a democracia.

[201] Eu dir-vos-ei qual é então o elemento de dissuasão dos seus discursos. Quando Ctesifonte, ao aqui chegar, vos mostrar o proémio que arranjou com aquele lá, e enquanto se delongar e não fizer a sua defesa, lembrai-o, sem tumulto, de pegar neste registo público e de comparar as leis ao seu decreto. Se ele fingir que não vos ouve, vós também não o ouvireis a ele. Pois vós não viestes aqui ouvir as justas defesas dos que fogem delas, senão dos que desejam defender-se justamente.

[202] Mas se ele chamar Demóstenes porque transgrediu a sua justa defesa, é melhor que não admitais um sofista que pensa que, com palavras, poderá anular as leis. Que nenhum de vós conte como virtude esta acção que Ctesifonte, quando questionado se chamaria Demóstenes, logo gritou “chamo, chamo”. Contra ti o chamas, contra as leis o chamas, contra a democracia o chamas. Mas se acaso vos parecer bem ouvi-lo, obrigai Demóstenes a defender-se da mesma forma que eu o tenho vindo a acusar. E de que

⁷¹ Ctesifonte.

forma o tenho vindo a acusar? Eu lembrar-vos-ei.

[203] Eu não passei em pormenor anteriormente a vida particular de Demóstenes, nem recordei anteriormente nenhuma das suas transgressões públicas, embora pudesse dizer, sem dúvida, muitas coisas sem as invejar ou, caso contrário, seria o mais intratável de todos. Mas, primeiro que tudo, mostrei as leis que proíbem a atribuição de uma coroa ao magistrado sujeito a prestação de contas, depois provei que Ctesifonte propôs coroar Demóstenes, estando este ainda sujeito a prestação de contas, sem apresentar um motivo, nem ter acrescentado ao decreto “depois que tenha entregue um relatório e prestado contas”, com total desprezo por vós e pelas leis. Falei ainda sobre as alegadas causas que apresentariam, das quais penso que é oportuno que vos lembreis.

[204] Em segundo lugar, expus-vos o assunto acerca das leis das proclamações, nas quais se proíbe expressamente a coroação pelo povo, se feita a proclamação fora da Assembleia. O orador⁷² acusado da proposta não só transgrediu as leis, como também a ocasião da proclamação e o seu lugar, exigindo que a proclamação não fosse feita na Assembleia, mas no teatro, não com os Atenienses em assembleia, mas quando fosse dado início às representações das tragédias. Ao ter mencionado estes motivos, eu falei pouco da sua vida particular, mas muito das suas transgressões públicas.

[205] Exigi também, portanto, a Demóstenes que recorra a esta forma de defesa: sobre a lei da prestação de contas em primeiro lugar, sobre a lei das proclamações em segundo, e o terceiro e mais importante, que ele prove que não é indigno da recompensa. Se ele vos pedir para aceitar a disposição do seu discurso, ao prometer que no final da defesa anulará a ilegalidade, não aceiteis nem ignoreis porque isto é um truque de tribunal, já que ele não quererá defender-se da ilegalidade de novo, nessa altura. Mas como não tem nada justo para dizer, quer pôr fim à acusação, fazendo-vos esquecer dos outros casos através de interpolações.

[206] Vedes, então, que, assim como nas competições nos ginásios, os pugilistas lutam uns contra os outros pela posição. Combatei vós também com ele⁷³, durante todo o dia, em defesa da cidade, pela disposição do seu discurso. Não permitais que ele vos empurre para fora da esfera da ilegalidade, nem espereis, sentados, por uma cilada através da audição. Empurrai-o para dentro do assunto da ilegalidade e ficai atentos às digressões das suas palavras.

[207] Isto é o que de facto vos acontecerá, se escutardes o discurso desta forma - é meu dever dizer-vos. Ele fará entrar um trapaceiro e um gatuno, afastando-se da constituição. Este chora mais facilmente do que riem os outros e perjura mais rapidamente do que todos. Eu não me admiraria se, mudando de opinião, ele criticasse os que conseguiu enganar e dissesse que os oligárquicos, ajustados pela mesma verdade, subiram à tribuna pela parte da acusação e os democráticos pela parte do acusado.

[208] Pois bem, sempre que ele disser estas palavras, sugeri-lhe, a essas palavras

⁷² Ctesifonte.

⁷³ Demóstenes.

facciosas, o seguinte: “Demóstenes, se os que restauraram a democracia banida de File fossem iguais a ti, nunca teriam restabelecido a democracia. Agora, depois de lhes ter acontecido grandes males, eles salvaram a cidade, proferindo as mais belas palavras, resultado da educação: ‘não guardeis rancor’. Tu abres feridas e preocupas-te mais com discursos extemporâneos do que com a salvação da cidade.”

Sempre que, sendo perjuro, ele se refugiar na garantia dos seus juramentos, recordai-o de que aquele que muitas vezes perjura e sempre acha digno confiar nos seus juramentos precisa de ter uma de duas coisas, das quais Demóstenes não tem nenhuma: ou os deuses são novos ou os ouvintes não são os mesmos.

[209] Pelas suas lágrimas e pelo tom da sua voz, quando vos perguntar: “Para onde fugir, Atenienses? Limitastes-me da vida pública. Eu não tenho para onde fugir”, retorqui-lhe: “E para onde pode fugir o povo ateniense, Demóstenes? Com que apoio de aliados? Com que recursos? Que tipo de política farás, dispondo-te pelo povo? Todos vemos o que deliberaste para ti próprio. Abandonaste a cidade, não habitas no Pireu e, segundo parece, sairás à pressa da cidade, com provimentos que reuniste para a tua fuga cobarde: o ouro do rei e os subornos dos teus actos públicos.”

[210] Na verdade, que lágrimas são essas? Que gritos? Que é esse tom de voz? Acaso não é Ctesifonte o acusado no processo e não será feito o seu julgamento em tribunal? Tu não lutas nem pela tua propriedade, nem pela tua pessoa, nem pelos teus direitos civis. Então, que pressa há para ele neste caso? Pressa na coroa de ouro e na proclamação pública no teatro à margem da lei.

[211] Se o povo, tomado de loucura e esquecido das circunstâncias presentes, quisesse coroá-lo em tempo inadequado, era necessário dizer: “Atenienses, eu aceito a coroa, mas rejeito a ocasião durante a qual acontecerá a proclamação. Pois não é necessário que eu seja coroado e que por isso a cidade se lamente ou arranque os cabelos.” Eu julgo que um homem diria estas palavras se realmente tivesse vivido com virtude. Porém, tu dirás o que diria um homem excluído que aparenta virtude.

[212] Por Hércules, pelo menos nenhum de vós temerá Demóstenes, o homem nobre e distinto nas artes da guerra, aquele que não alcançando feitos de valor, regressa a casa e mata-se. De tal modo ele ridiculariza a vossa estima pela honra, que dez mil vezes cortou a sua própria cabeça poluída e sujeita a prestação de contas, que o outro propôs coroar à margem de todas as leis. E ele fez dinheiro, ao ter iniciado um processo por agressão premeditada e até foi agredido com murros, de tal modo que eu julgo que ainda são visíveis nele marcas dos punhos de Mídias. O homem não tem tido cabeça, mas tem conseguido bons rendimentos.

[213] Acerca de Ctesifonte, autor da moção, quero falar rapidamente (tenho, portanto, de omitir muitas coisas), para tentar perceber se vós conseguis reconhecer os terríveis malfeitores, sem vos prevenir. O que é comum e justo que eu vos reporte de ambos, é o que vos direi. Eles deambulam na ágora, manifestando opiniões verdadeira um acerca do outro e dizendo palavras que não são mentiras.

[214] Por um lado, Ctesifonte diz que não tem receio por si e espera dar a impressão de ser um homem comum, mas diz reçar a corrupção de Demóstenes na política; por

outro lado, Demóstenes olha para si e diz ser de grande coragem, mas receia a perversidade de Ctesifonte e o lenocínio excessivo. Quando eles se acusam uns aos outros, que vós, os juízes imparciais desta acusação, não absolvais nenhum dos malfeitores.

[215] Quero avisar-vos rapidamente acerca de injúrias contra mim. Fiquei a saber que Demóstenes dirá como a cidade beneficiou muito dos seus serviços, e que foi prejudicada por mim. Culpar-me-á por Filipe, por Alexandre e pelas acusações deles. Assim é, pois, como ele é tão hábil artífice de palavras que não lhe é suficiente acusar o tipo de política que tenho feito a vosso favor ou os tipos de discursos públicos que tenho pronunciado, [216] mas ataca a quietude da minha vida e acusa o meu silêncio, para que nenhuma parte seja omitida pelas suas denúncias. E censurará o meu passatempo nos ginásios com os mais jovens, e com este claro julgamento, ao iniciar o seu discurso, imputa-me responsabilidade, explicando como eu apresentei esta acusação não no interesse da cidade, mas para me evidenciar a Alexandre por causa da sua inimizade com ele.

[217] Mas por Zeus, eu ouvi dizer também que ele me perguntará por que censuro o conjunto da sua política, e por que, para cada um dos pontos, eu nem me opus nem os acusei, mas ausente e já não muito activo na vida política, trouxe de novo a acusação. Eu não invejo os passatempos de Demóstenes, nem me envergonho dos meus. Também não quereria que os discursos que pronunciei não tivessem sido proferidos, nem aceitaria viver se tivesse pronunciado em assembleia o mesmo que esse aí.

[218] Em relação ao meu silêncio, Demóstenes, o comedimento da minha vida é o seu resultado. Bastam-me poucas coisas e não desejo infamemente as coisas melhores, de tal forma que me calo e falo apenas com reflexão e não constrangido pela extravagância da natureza. Mas tu, julgo eu, calas-te quando te aproprias de dinheiro, e depois de o gastares, gritas. Tu falas não quando te parece bem nem o que queres, mas quando os teus pagadores te mandam. Não te envergonhas de fazer suposições que imediatamente se provam que são falsas.

[219] Quanto à acusação contra esse decreto, dizes que eu a apresentei não no interesse da cidade, mas para me evidenciar perante Alexandre. Eu apresentei-a ainda enquanto Filipe vivia⁷⁴, antes de Alexandre assumir o poder, e tu ainda não tinhas visto Pausânias em sonhos, nem falado de noite com Atena e Hera. Como é que eu me poderia ter evidenciado a Alexandre? A não ser que eu e Demóstenes tivéssemos tido o mesmo sonho.

[220] Censuras-me se venho falar ao povo, não de uma forma constante, mas com intervalos, e pensas que nos esquecemos que esse princípio não se altera em democracia, mas sob outra forma de governo: na oligarquia, não é quem quer, mas o que tem o poder, que fala na Assembleia; em democracia, fala aquele que quer sempre que lhe parece bem. Falar depois de um intervalo é marca de um homem que faz política com sentido de oportunidade e de utilidade, enquanto que não deixar passar nenhum dia sem falar é próprio de um homem que o faz por ofício e por salário.

⁷⁴ O início do processo data de 336, mas Ésquines só dá andamento ao processo em 330. Harris (1995): 138-148.

[221] Acerca do facto de ainda não te ter levado a julgamento e de não teres recebido castigo pelas tuas transgressões públicas, sempre que te refugias nas tuas palavras ou assumes que o auditório se esqueceu, enganas-te no teu raciocínio. Pois quanto às tuas impiedades contra os de Anfissa e aos teus actos de corrupção contra a Eubeia, pelos quais te condenei de forma evidente, pelo tempo que já passou, esperas provavelmente que o povo se esqueça.

[222] Em relação às trirremes e aos trierarcas que roubaste, acaso algum tempo o conseguiria obscurecer, quando legislaste acerca das trezentas naves e tentaste convencer os Atenienses a dar-te o cargo de superintendente da frota? Acaso te condenei por teres subtraído sessenta e cinco trierarcas das naves de navegação rápida, fazendo com que a cidade perdesse mais navios do que quando os Atenienses ganharam a batalha naval, em Naxos, contra os Lacedemónios e contra Pólis?

[223] De tal forma impediste, com as tuas acusações, os castigos contra ti, que já não há perigo para ti, que cometeste injustiça, mas há para os teus acusadores. Nas tuas calúnias, mencionavas muitas vezes o nome de Alexandre e de Filipe, acusavas alguns de impedir boas oportunidades para a cidade (arruinavas sempre o presente, mas fazias promessas para o futuro). Por fim, quando eu estava para iniciar o processo de acusação, não foste tu que arranjaste o confisco de Anaxino de Oreu, ele que fazia compras na ágora para Olímpia⁷⁵?

[224] A esse homem, duas vezes o torturaste pela tua própria mão, propuseste condená-lo a pena de morte, mas alojaste-te em casa dele em Oreu e comeste e bebeste à sua mesa, fizeste libações, estendeste-lhe a tua mão direita, tratando-o como um homem amigo e com hospitalidade - e mataste-o. Quando te condenei por tudo isto entre todos os Atenienses e te chamei de assassino do teu hóspede, não negaste a impiedade, mas deste uma resposta que fez o povo bradar, e de igual forma também os estrangeiros que rodeavam a Assembleia. Disseste que davas mais importância ao sal da cidade do que à mesa de um hóspede.

[225] Nego as cartas falsas, a detenção de espões e a sua tortura sob acusações infundadas, de como eu queria tentar, juntamente com outras pessoas, uma revolução política na cidade.

Depois ele irá perguntar-me, segundo ouço dizer, o que seria um médico que não desse qualquer conselho a um doente durante a sua doença mas, depois de morrer, quando o médico fosse às cerimónias do nono dia⁷⁶, explicasse aos familiares o que poderia ter feito para o curar.

[226] Não te questionas sobre o que seria um demagogo que conseguisse adular o povo; que vendesse as oportunidades nas quais se encontraria salvação para a cidade; que impedisse, com calúnias, o aconselhamento de homens sensatos; que, depois de fugir dos perigos e de rodear a cidade de infortúnios irreparáveis, considerasse justo

⁷⁵ Anaxino de Oreu residia em Atenas, a mando de Olímpia, mãe de Alexandre, para a qual se ocupava em fazer compras na ágora. Demóstenes denunciou-o como espião de Alexandre e fez com que fosse preso e condenado à morte.

⁷⁶ Ver nota 33.

receber uma coroa pela sua virtude (quando não fez nada bom e se tornou o responsável de todos os males); [227] que perguntasse às vítimas das suas calúnias, arredadas da cidade, quando ainda lhes era possível salvar-se naquelas circunstâncias, por que não as impediu de errar; e que, no fim de tudo, escondesse que, quando se deu a batalha⁷⁷, nós não tivemos tempo de te aplicar o castigo, pois servíamos nas embaixadas pela salvação da cidade? Além de não te ser suficiente não receberes o castigo, também pedes recompensas, ridicularizando a cidade entre os Gregos. Foi aí que instaurei o processo e trouxe de novo a acusação.

[228] Pelos deuses olímpicos, de todas as coisas que eu ouço dizer sobre as quais Demóstenes se pronunciará, vou falar-vos agora sobre a que mais me indigna. Ele comparará a minha natureza com as das sereias, segundo parece, e dirá também que o auditório não se encanta por elas, mas será destruído; e é por isso que a música das sereias não tem boa reputação. Dirá também que a experiência dos meus discursos e a minha natureza prejudicam os ouvintes. Porém, em relação aos meus discursos, eu entendo que não é claro para ninguém o que se diz de mim. É vergonhoso que o responsável da acusação não tenha meios de o provar.

[229] Se fosse obrigatório dizê-lo, o discurso não seria de Demóstenes, mas de um general que alcança grandes feitos para a cidade, contudo inábil em falar e, por isso mesmo, inveja a natureza dos adversários, porque sabe que não consegue contar os feitos que alcançou, enquanto vê o seu acusador capaz de apresentar aos ouvintes, inclusivamente, os feitos que ele não fez, como obra sua. Quando um homem, composto de palavras, dessas amargas e elaboradas, apela à franqueza e aos seus feitos, quem o suportará? Se alguém lhe tira a língua, como às flautas, não lhe resta nada.

[230] Pela minha parte, Atenienses, pasmo convosco e pergunto-me se prestastes atenção quando votastes contra a acusação. Acaso o decreto é legal? Nenhuma moção alguma vez foi mais ilegal. Ou é porque o autor do decreto não é merecedor de aplicação de castigo? Não haverá, entre vós, [mais ninguém] sujeito a apresentação de contas de uma vida, se o absolverdes. Não é inquietante? Antigamente, a orquestra enchia-se de coroas de ouro, com as quais o povo era coroado pelos Gregos, pelo facto de esse dia ser designado para as coroas estrangeiras. Agora, por causa da política de Demóstenes, vós não tendes nem coroados nem proclamações públicas, mas será esse aí que será honrado com uma proclamação pública?

[231] Se algum dos poetas trágicos, que apresenta as suas obras depois da proclamação, representasse, numa tragédia, Tersites⁷⁸ a ser coroado pelos Gregos, nenhum de vós o suportaria, porque Homero disse que ele era um covarde e um sicofanta. E sempre que vós coroaís um tal homem, não pensais que sereis vaiados pelas opiniões dos Gregos? Os vossos antepassados dedicaram ao povo acções notáveis e brilhantes, as desprezíveis e inferiores voltaram-nas para os maus oradores. Ctesifonte pensa também ser necessário que vós arranqueis a má reputação de Demóstenes e a depositeis no povo.

⁷⁷ Queroneia.

⁷⁸ Homero, *Il.* 2.212 e ss.

[232] Dizeis que sois afortunados, porque de facto o sois e fazeis bem em dizê-lo e votareis, no entanto, [dizendo] que fostes abandonados pela fortuna, mas beneficiados por Demóstenes? O mais estranho de tudo, nos próprios tribunais, é que, aos que são condenados por acusações de corrupção, vós castigai-los com a perda de direitos civis, enquanto que, àqueles que vós sabeis que fazem política mediante pagamento, a esse, conceder-lhe-eis uma coroa. Aos juizes das Dionisiacas, se não julgam com justiça os coros circulares, vós castigai-los; mas vós mesmos, que fostes eleitos juizes, não de coros circulares mas de leis e de virtude política, dareis recompensas, à margem das leis, não a poucos nem a merecedores, mas a quem criou intrigas com sucesso.

[233] Além disso, um tal juiz sairá do tribunal enfranqueando-se a si mesmo, enquanto fortalece um orador. Um homem comum reina numa cidade com leis democráticas e votos. E sempre que transfere este poder para outro, ele mesmo depõe o próprio poder. Depois, o juramento que prestou para ser juiz⁷⁹ segue-o e atormenta-o, e é por causa disso, penso, que se deu a falta. O favor tornou-se invisível para aquele que era agraciado, pois o voto é secreto.

[234] Pela minha parte, Atenienses, parece-me que, em política, tanto temos sucesso como corremos riscos, porque não somos sensatos. E nas presentes circunstâncias, quando a maioria abandona os poderes da democracia em favor da minoria, eu não aplaudo. Tivemos a boa sorte de que, no nosso tempo, não houve produção de oradores malvados e ousados. Noutra ocasião, o estado produziu tais naturezas, aquelas que facilmente destruiriam a democracia. O povo alegrou-se ao ser adulado e depois foi destruído não por aqueles que temia, senão por aqueles em quem confiava.

[235] Alguns deles faziam parte dos Trinta - que mataram mais de mil e quinhentos cidadãos sem julgamento, antes que pudessem ouvir sequer as acusações pelas quais iriam ser mortos - esses que nem tão-pouco permitiram aos parentes dos mortos estar presente nos enterros ou cerimónias fúnebres. Não tereis sob vosso controlo os que fazem política? Não humilhareis nem expulsareis os que são soberbos? Não vos recordeis que nunca ninguém tentou destruir a democracia, antes de se tornar mais forte do que os tribunais?

[236] Eu, pelo menos, Atenienses, diante de vós, de bom grado, calcularia, junto do autor do decreto, a que tipo de serviços públicos Demóstenes considera justo atribuir uma coroa. Pois, se tu dizes que - a partir do que deu origem ao decreto -, se escavou muito bem as fundações para as muralhas, admiro-te. No entanto, a acusação de seres o responsável da construção é mais gravosa do que o facto de teres completado bem as escavações. Não é por ter fortificado muralhas, nem por ter destruído tumbas públicas que aquele que faz política correctamente deve pedir recompensas, mas por ter sido responsável de algum bem para a cidade.

[237] Se chegaste⁸⁰ à segunda parte do decreto, no qual tentaste redigir como é um homem bom, que “continua a dizer e a fazer o melhor para o povo Ateniense”, separa

⁷⁹ Ver nota 9.

⁸⁰ Ctesifonte.

a fanfarronice e a pompa do decreto, cinge-te às ações e mostra-nos o que queres dizer. Eu deixo de parte os subornos em relação aos assuntos de Anfissa e da Eubeia. Sempre que atribuis a Demóstenes a responsabilidade da aliança com os Tebanos, enganas os que ignoram os factos e ultrajas os que os sabem e compreendem. Pois retiras a oportunidade e a reputação destes homens, por causa dos quais aconteceu a aliança, e esperas fazer-nos esquecer que conferes a Demóstenes a reputação da cidade.

[238] Quão grande é este impostor, tentar-vos-ei explicar com uma prova importante. O rei dos Persas, não muito tempo antes de Alexandre atravessar a Ásia, enviou ao povo uma carta extremamente ultrajante e bárbara, na qual falava de muitos assuntos e muito grosseiramente. Por fim, escreveu na carta: “Eu”, disse ele, “não vos darei ouro. Não mo peçais. Não o tereis.”

[239] Contudo, ele próprio, apanhado pelos perigos que agora o assaltam, e ainda que os Atenenses não lho pedissem, ele mesmo enviou propositadamente trezentos talentos ao povo, que, sensatamente, não os aceitou. O que trazia o ouro era a ocasião, o medo e a necessidade de aliados. E foi por este mesmo meio que conseguiu a aliança com os Tebanos. Tu cansas sempre que dizes o nome dos Tebanos e falas da infornada aliança, e sempre que manténs o silêncio acerca dos setenta talentos, que tiraste, subtraindo-os ao ouro do Rei.

[240] Acaso não foi por dinheiro, por causa de cinco talentos, que os mercenários não entregaram a cidadela aos Tebanos? E que, por causa de nove talentos de prata, depois que todos os Arcádios se marcharam em retirada e os seus chefes estavam preparados para ajudar, a acção não se deu? Contudo, tu és rico, e como a um coro, pagas os teus próprios prazeres. E o mais importante é que o ouro do Rei está do lado dele, mas os perigos estão do vosso.

[241] É justo também observar as grosserias de ambos. Se Ctesifonte tentar convocar Demóstenes para discursar diante de vós, ele, quando subir, fará o elogio da sua própria pessoa; ouvi-lo será mais penoso do que as acções que temos vindo a suportar. Aos homens realmente bons, a quem reconhecemos muitas e belas acções, se eles dissessem elogios de cada um deles, não os suportaríamos. Porém, sempre que um homem se tornou a vergonha da cidade e se elogia a si mesmo, quem suportará ouvir essas palavras?

[242] Então, se fores sensato, livrar-te-ás desta acção vergonhosa, e farás, Ctesifonte, a tua própria defesa. Pois, pelo menos neste momento, não alegarás algures de que não te é possível falar. Seria, de facto, estranho, se ainda há pouco tempo consentiste ser eleito embaixador a Cleópatra, filha de Filipe, para prestar condolências pela morte de Alexandre, rei dos Molossos, e agora dizeres que não és capaz de falar. Com efeito, consegues consolar uma mulher estrangeira de luto, mas não fazes a defesa do decreto que redigiste por dinheiro?

[243] Ou esse aí, a quem propuseste atribuir uma coroa, é tal que não pode ser reconhecido por aqueles a quem fez bem, a não ser que alguém advogue a tua causa? Pergunta, então, aos juizes se conheciam Cábrias ou Ifícrates ou Timóteo, e fica a saber por eles a razão por que lhes deram recompensas e lhes erigiram estátuas: todos te

responderão que a Cábrias pela batalha naval de Naxos, a Ifícrates por ter morto uma divisão do exército lacedemónio, a Timóteo pela sua circum-navegação a Cócira, e a outros, cada um dos quais por ter realizado, em tempo de guerra, muitos e belos feitos.

[244] “E a Demóstenes - pergunta por outro lado - por que lha concedeis?” Por corrupção, por cobardia ou por ter desertado da linha de batalha? Dar-lhe-eis honras ou permitireis que sejais desonrados vós mesmos e os que por vós morreram em batalha? Imaginai que os vedes a lamentar-se, se este for coroado. Pois, seria incrível, Atenienses, se baníssemos a madeira, as pedras e o ferro, que não têm voz nem entendimento, caso matassem alguém ao caírem. Porém, se alguém se mata a si mesmo, a mão que cometeu o crime, enterramo-la separada do corpo⁸¹.

[245] Quanto a Demóstenes, Atenienses, o que redigiu a proposta da última expedição militar, esse abandonou os soldados, e vós pretendeis honrá-lo. Seguramente os mortos são ultrajados, e os vivos desanimam-se ainda mais, vendo que o prémio da virtude se encontra na morte que deixa para trás a memória. E o mais importante é que os jovens vos perguntam por que tipo de exemplo é necessário que eles levem a vida.

[246] Sabeis bem, Atenienses, que não são apenas as palestras, as escolas e a música que educam os jovens, mas muito mais as proclamações públicas. Proclama-se alguém, no teatro, a quem será atribuída uma coroa por causa da virtude, da coragem e da benevolência, um homem de comportamento indecente na vida e revoltante. Assim que um jovem o vê, é corrompido. Alguém que é malvado e pratica o lenocínio, como Ctesifonte, é castigado; os outros, pelo menos, recebem uma lição. Quando alguém vota o oposto do que é correcto e justo, ao chegar a casa, educa o seu filho e, logicamente, este não lhe obedece, porque ao aconselhamento já lhe chama mesmo um aborrecimento.

[247] Então, não apenas como juízes, senão também como quem está sob observação, assim votais, para justificação dos cidadãos que agora não estão presentes, mas que perguntarão que sentença determinastes. Sabeis bem, Atenienses, que será tal a reputação da cidade conforme aquele que é proclamado. E é censurável que vós sejais equiparados não aos antepassados, mas à cobardia de Demóstenes. Como é que alguém poderia escapar a tal vergonha? [248] Se vos guardardes dos que, sendo desleais nos costumes, se apropriam dos assuntos públicos e privilégios dos nomes. A boa vontade e o nome da democracia está ao alcance de todos, mas os que chegam primeiro a recorrer a estes modelos nos seus discursos, frequentemente ficam mais longe em acções.

[249] Sempre que tiverdes um orador a desejar ser coroado e proclamado entre os

⁸¹ O suicídio ilegal, ou seja, não atribuído legalmente como no caso de Sócrates, não estava regulamentado por nenhuma lei, em Atenas. Implicava, no entanto, rituais de purificação para expiar a falta do suicida na sociedade, conquanto que o suicídio atravessava a barreira do indivíduo e manifestava-se na comunidade, pois era considerado como uma forma de abandono dos deveres cívicos. Além disso, não apenas havia poluição pelo suicídio em si, representado através do próprio corpo, mas também pelos objectos usados para cometer o suicídio, fossem eles armas, cordas para o enforcamento, ou venenos ingeridos, e, por esse motivo, os materiais eram também castigados. Nesta passagem, Ésquines comprova ainda que a mão do suicida era removida do resto do corpo e enterrada em local diferente, como forma de castigo. Em relação aos ritos fúnebres realizados em casos de suicídio, cf. Garrison 1991, especialmente pp. 7 a 9. Leia-se ainda Antiph. 3; Dem. 23.76; Arist. *Ath.* 57.4.

Gregos, exortai-o à reparação do seu discurso, assim como a lei exige fazer garantia da propriedade, com uma vida digna e um modo de ser sensato. Àquele que não possa dar prova destas coisas, não lhe aproveis os elogios, e preocupai-vos com a democracia que já vos escapa.

[250] Acaso não vos parece terrível que o Conselho e a Assembleia sejam desprezados, e as cartas e as embaixadas cheguem a casas particulares, não junto de qualquer pessoa, mas junto daqueles que ocupam lugares cimeiros na Ásia e na Europa? Para esses casos, segundo as leis, há pena de morte. Alguns não negam praticá-los, e até o reconhecem em Assembleia, e uns com os outros comparam as cartas. Se uns vos encorajam a olhar para os seus próprios rostos como guardiães da democracia, outros pedem recompensas como se fossem salvadores da cidade.

[251] O povo, quando lhe falta o espírito, como que tomado de velhice ou apanhado pela paranóia, guarda em si apenas o nome da democracia e cede a outros a realização das ações. Além disso, vós saís das assembleias não como se tivésseis deliberado, mas como a quem foram distribuídas as sobras dos banquetes.

[252] E porque não digo baboseiras, examinai o seguinte discurso. Aconteceu (indigname muito recordá-lo) um infortúnio à cidade. Num certo momento, um homem comum, ao tentar navegar apenas daqui para Samos, nesse mesmo dia foi condenado à morte pelo Conselho do Areópago, como traidor da pátria. Um outro homem, navegando daqui para Rodes, como levasse o medo sem coragem, recentemente foi julgado e a votação foi equilibrada. Se um único voto tivesse caído em lugar diferente, ele teria sido exilado ou morto⁸².

[253] Contraponhamos ao que agora acontece. Este homem, orador, o responsável de todos os males, que deixou a linha de batalha do exército e escapou da cidade, considera justo ser coroado e pensa que deve ser proclamado publicamente. Não enviarás para longe este homem, infortúnio comum dos Gregos? Ou não o castigarás, quando captura, como pirata dos assuntos, a navegação dos assuntos políticos através das palavras⁸³?

[254] Recordai-vos então da ocasião em que deveis votar. Dentro de poucos dias, terão lugar os Jogos Píticos e reunir-se-á o congresso dos Gregos. A cidade está desacreditada por causa das políticas de Demóstenes, dentro das circunstâncias recentes. Parecerá, no entanto, se lhe concederdes uma coroa, que estais de acordo com os que transgridem a paz comum; e se fizerdes o contrário, destituireis o povo das acusações.

[255] Então não delibereis como se se tratasse de uma cidade estrangeira, mas da vossa própria cidade; e não distribuais honras, mas ponderai-as, e guardai as recompensas para as melhores pessoas e os homens mais extraordinários. Deliberai, ao prestardes atenção não apenas com os ouvidos mas também com os olhos, sobre aqueles que, de entre vós, são os ajudantes de Demóstenes, se os que caçavam em conjunto ou

⁸² Sobre a interpretação deste parágrafo, leia-se Sullivan 2002 e Bianchi 2002.

⁸³ A alegoria da nau do Estado (a cidade sendo dirigida da mesma forma que se conduz um barco) é muito antiga no pensamento grego, estando já presente em autores como Arquíloco, Heráclito e Alceu. Continuou recorrente na literatura sempre que era necessário destacar os impactos das decisões de um governo sobre a cidade. Leite 2014: 74; Ferreira & Leão: 2010: 71.

os que se exercitavam em conjunto, quando ele era jovem. Mas por Zeus Olímpico, ele nunca caçou javalis selvagens, nem nunca cuidou da saúde do seu corpo, mas passou a vida toda a praticar técnicas contra aqueles que possuem fortuna.

[256] Prestai atenção, no entanto, à fanfarronice, quando ele diz que tirou Bizâncio das mãos de Filipe, quando serviu em embaixada; que provocou a revolta dos Acarnânios; que surpreendeu os Tebanos com os seus discursos públicos. Ele acredita que vós chegastes já a um tal ponto de simplicidade, que sois persuadidos com estes argumentos, como se alimentasses na cidade a Persuasão e não a este sicofanta.

[257] Quando, no final do seu discurso, ele convocar os defensores que partilharam comumente os subornos, imaginai que o vedes na tribuna, a partir da qual agora, de pé, vos falo, e colocai-vos em posição contra a licenciosidade desses benfeitores da cidade. Sólon, que adornou a democracia com as mais belas leis, um filósofo e um bom legislador, com a sensatez que lhe é reconhecida, pede-vos que, de nenhuma maneira, nada vos faça ter mais consideração pelas palavras de Demóstenes do que pelos juramentos e pelas leis.

[258] Aristides, o que impôs o tributo aos Gregos, a cujas filhas o povo compensou depois de morrer, lamentando-se pelo tratamento insolente da justiça, pergunta-vos se não vos envergonhais quando Artmio de Zeleia transportou para a Grécia o ouro dos Medos, enquanto residia na cidade e era *proxenos* do povo ateniense. Os vossos antepassados por pouco o mataram e, por proclamação, baniram-no da cidade e de todo o território sob governo ateniense.

[259] No entanto, vós, a Demóstenes, que não transportou o ouro dos Medos, que recebeu subornos e que ainda agora os possui, honrá-lo-eis com uma coroa de ouro. E em relação a Temístocles e aos que morreram em Maratona e em Plateias e às tumbas dos antepassados, não julgais que se lamentarão se aquele que se concerta com os bárbaros e que actua contra os Gregos for coroado?

[260] Pois bem, no que me toca, ó terra, ó sol, ó virtude, inteligência e educação, com o que distinguimos o bem e o mal, está dada a minha ajuda e tenho dito. E se tenho acusado, de forma correcta e justa, as transgressões públicas, falei como entendi; se de forma inferior, como fui capaz. Vós mesmos, pelas palavras que foram ditas e pelas que foram omitidas, votai o que é justo e conveniente para a cidade.

ANEXOS

ÍNDICE DE NOMES

(em tradução referente ao parágrafo)

- A** carnânia 256
- Acarnas, v. Glauco, Leodamante e Timómaco
- Alexandre (rei dos Molossos) 242
- Alexandre (Magno) 66, 133, 160-165, 167, 215, 219, 223, 238
- Aminíades 130
- Anaxino de Oreu 223
- anfictiones 107-109, 112-116, 118, 122, 124, 128
- Anfípolis 54
- Anfissa 113-119, 122-125, 128, 146, 221, 237
- Anfitrite 112
- Antestérion 98
- Antípatro 72, 165,
- Apolo 110, 121; — Pítio 108
- Aqueus 95, 165
- Arcádia 165, 240; v. arcádios
- Areópago 20, 51, 252
- Ares 184
- Aristides (filho de Lisímaco) 181, 258
- Aristión de Plateias 162 — Aristobulo (pai de)
- Aristodemo (actor) 83
- Aristofonte de Acenia 139, 194
- Arquedemo de Peleces 139
- Arquino de Cele 187, 195
- Ártemis 108, 110, 121
- Artmio de Zeleia 258
- Ásia 163, 238, 250
- Atena 46, 77, 150, 210 — Pronaia 108, 110, 121
- Atenas 1, 4, 6, 8, 13, 16, 25, 29, 33, 40, 46, 48, 58, 68-70, 75, 77, 82, 84, 90-92, 98, 100, 105, 107, 114, 116, 120, 126-128, 139, 142, 155, 158, 177, 179, 183, 186, 190, 199, 204, 209, 211, 222, 224, 230, 234, 236, 244, 247, 258; — atenienses
- Atos 132
- Atridas 185
- Atrometo (pai de Ésquines)
- B**eócia 140, 142; — beócios
- Bizâncio 256; — Pítion de Bizâncio
- Bósforo 171

Cábrias 243

Cadmeia 145

Cálcis 89, 91, 94, 103; — Calcídices

Cálias de Cálcis 85, 89, 92-94, 97, 100, 103, 195

Caridemo 77

Carígenes 103

Céfalo 194

Cefisódoto 51

Cérices 18

Cilícia 164

Cirra 107, 118, 123; — cirreus

Citéron 161

Cítia 128; — citas

Cleofonte 150

Cleópatra (filha de Filipe II da Macedónia) 242

Clitarco 103

Córcira 243

Córrago 165

Cótifo de Farsalo 124, 128

Cotileu 86

Cragálicas 107

Ctesifonte (amigo de Demóstenes) 8, 12, 24, 26, 28, 33, 36, 50, 53, 92, 94, 101, 105, 188, 193, 201, 210, 213, 231, 241, 246

Dânaos 185

Dario 164

Delfos 106, 113, 115, 122, 126, 130, 132

Demóstenes da Peânia (pai de Demóstenes) 171

Demóstenes (orador) *passim*

Diodoro (atleta) 91

Diogneto de Anaflisto 91

Dionísias Urbanas 35, 68, 232

Dioniso 52, 156, 176

Dorisco 82

Elafebólion 67, 73

Elateia 140

Eleios 165

Empédon 91

Éon 184

Erétria 94, 100, 103; — Temíson de Erétria

Ergisce 82

Ésquines 2

Estratocles

Estrátocles 143

Estrímon 183

Eubeia 84-87, 89, 94, 221, 237; — eubeus

Eubulo de Probalinto 25

Eumólpidas 18

Euríbato 137

Euripo 90

Europa 250

Filamon 189

File 181, 187, 190, 195, 208

Filipe II da Macedónia 67, 81, 215, 223, 256

Filócrates de Hagnunte 54, 57, 60, 62-64, 72-74, 79-81

Fócida 80, 87, 118, 140, 148; — Fócios

Frinondas 137

Ganiáde 82

Ganos 82

Gílon de Cerameu 171

Glaucetes 91

Glauco (pugilista) 189

Gnosidemo 103

Grécia 58, 117, 128, 131, 133, 154, 157; — grego

Haloneso 83

Hégemon 25

Helesponto 51, 132

Hera 219
 Héracles 21, 212
 Hermes (estátuas de) 183-185
 Hesíodo 134-136
 Homero 185, 231

Ificrates 243

Ilíada 100

Jardins 171

Lacedemónia 133, 150, 165, 187, 222, 243; — lacedemónio
 Leodamante de Acarnas 139
 Leto 108, 110, 121

Macedónia 73, 78, 83, 89, 128, 160; —
 macedónios

Magnésia (região da Grécia) 83; —
 magnésios

Maratona 181, 186, 259

Margites 160

Megalópolis 165

Menesteu 185

Mídias de Anagirunte 52, 115, 211

Milcíades 181, 186

Mirtisce 82

Mnesarco de Cálcis 85

Nausicles 159

Naxos 222, 243

Niceia 140

Ninfeu do Ponto 171

Olimpíadas 223

Oreu 94, 100, 103-105, 223, 224

Oropo 85

Páralo 162

Patécion 189

Pela 160

Peleneus 165

Pelopoenso 95, 97

Perrebos 167

Persas 116, 132, 163, 181, 183, 238, 258

Persuasão 256

Pireu 209

Pirrandro de Anaflisto 139

Pítia 108

Plateias 259

Plutarco 86

Pnix 34

Pólis 222

Ponto 171

Pritaneu 178, 196

Querondas 27

Queroneia 55

Quersobleptes 61, 65, 74

Rodes 42, 252; — ródios

Salamina 158, 181

Samos 252

Scirofórion 27

Sereias 228

Sérrio 82

Sólon de Atenas 2, 108, 175, 257

Taminas 86

Targélion 27

Tauróstenes 85

Tebas 76, 84, 116, 133, 137, 140-142, 145,
 148, 150, 156, 161, 239; — tebanos

Temíson de Erétria 85

Temístocles (general ateniense) 181, 259

Temístocles (arconte) 62

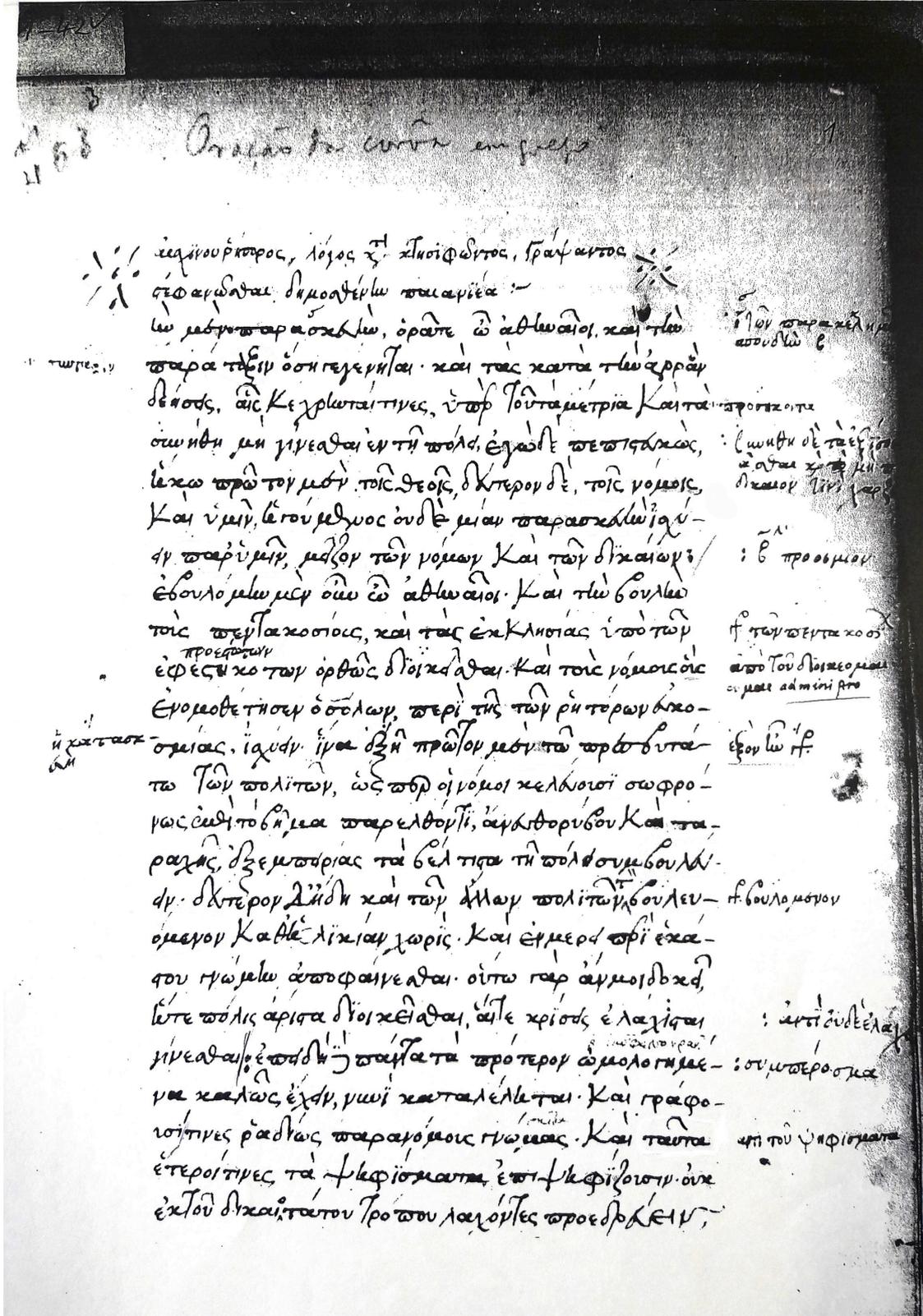
Teofrasto (arconte) 115
Termópilas 80, 124, 126, 128
Tersites 231
Tessália 83, 140, 161, 167; — tessálios
Teseion 13
Timóteo 243
Trácia 61, 65, 73
Trasibulo de Estiria 195
Trasicles de Eo 115
Tráson de Erquia 138
Trinta (tiranos) 187, 235
Tróia 185

Zeus 77, 135, 156, 172, 217, 255

IMAGENS

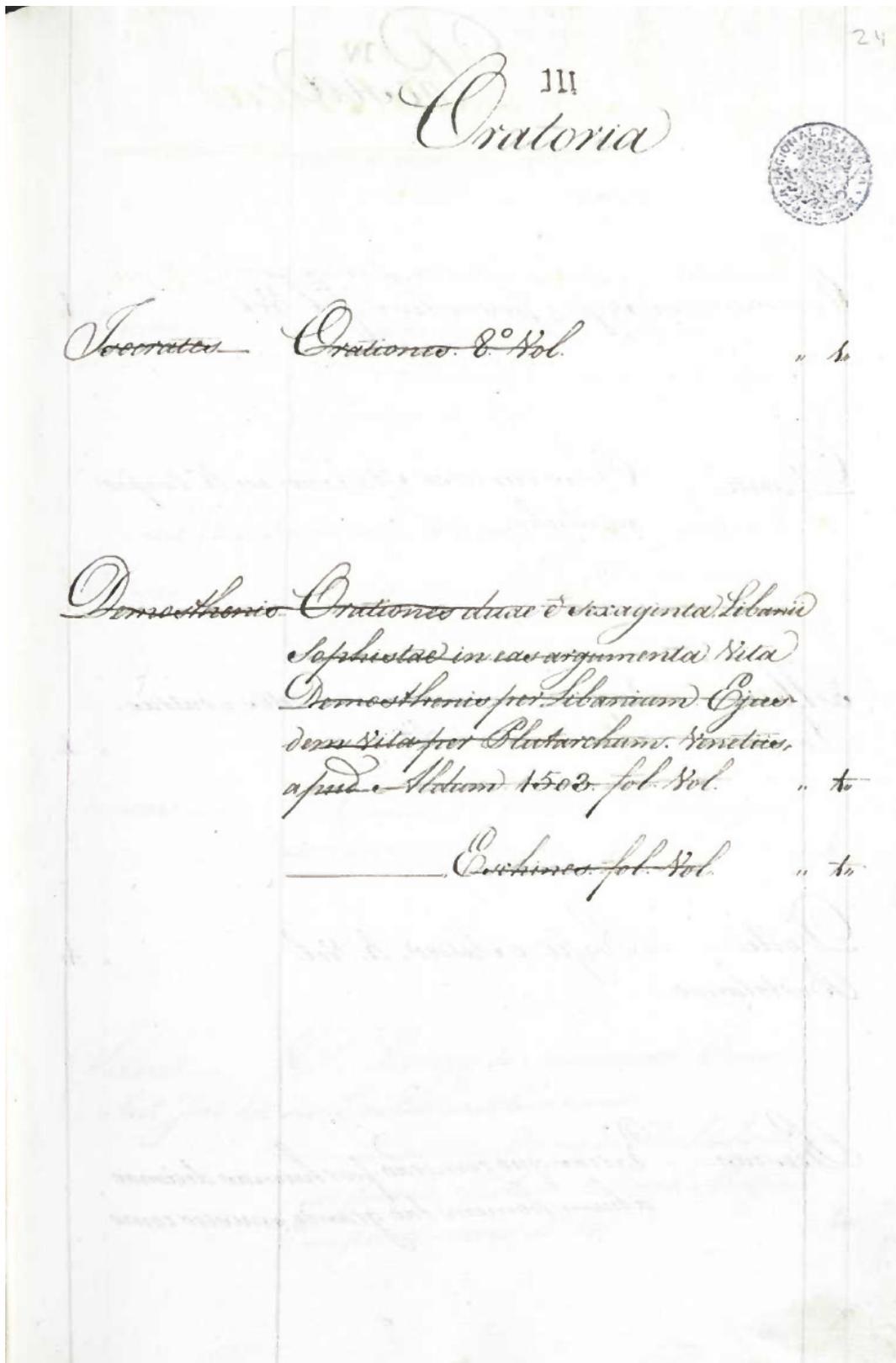
1. FIGURA 1

Primeiro fólio do manuscrito Reservado 463 da Biblioteca Nacional de Portugal, onde se lê a titulação errada de "Oração da Corôa em grego"



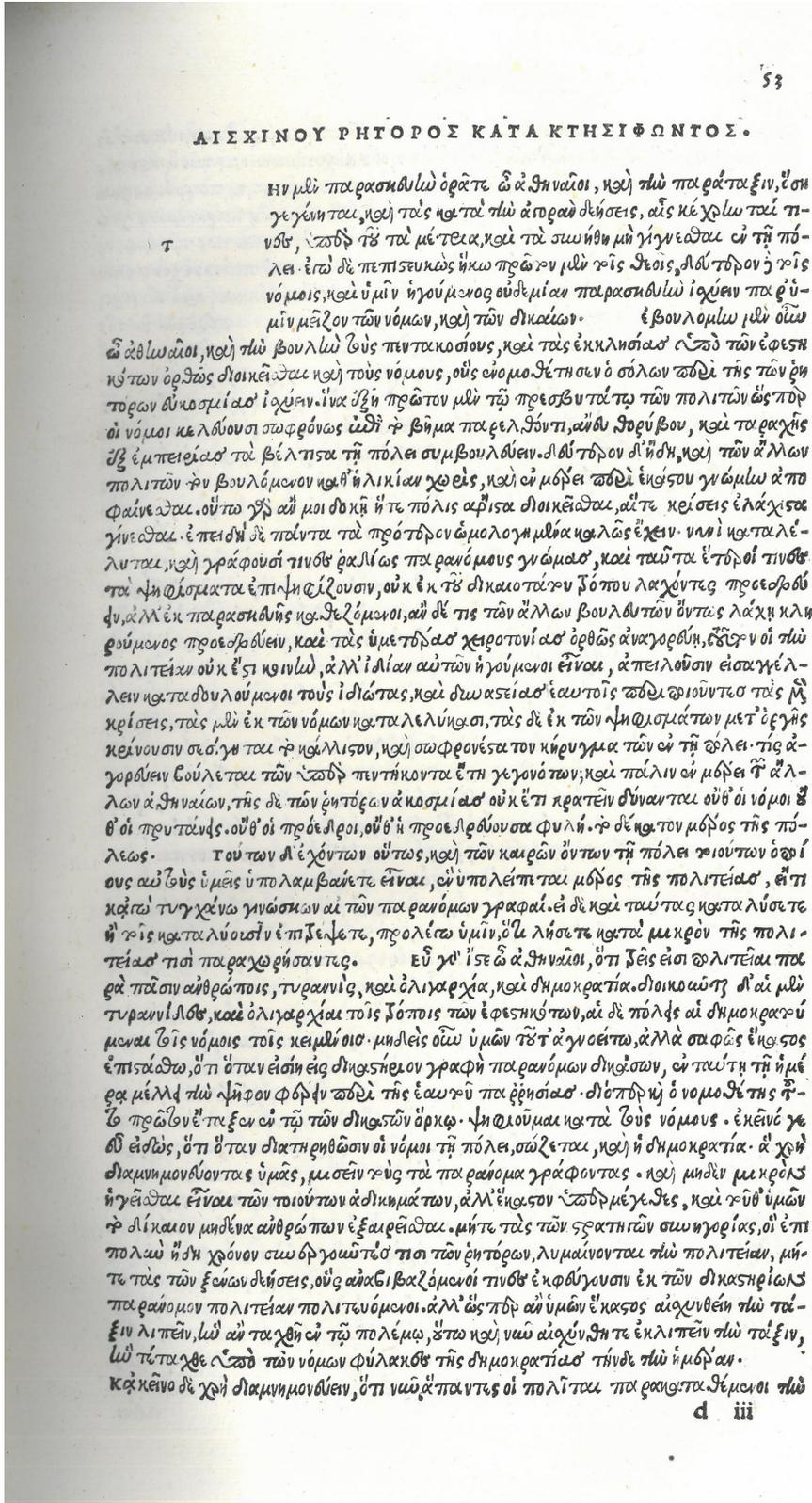
2. FIGURA 2

Página de ofertas do *Catálogo Methodico dos Livros...*, sob o título Oratória.



3. FIGURA 3

Digitalização do fólio 53r. da edição aldina de Êsquines, da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, onde tem início o *Conta Ctesifonte*.



5. FIGURA 5

Pap. Oxy. 4054, 216-217 (papiro 46 no texto), onde se lê Ε]ΚΑΣΤΑΟ[Υ]Κ[, linha 14, a partir de onde editamos ἕκαστα, apoiados por *f*.

[217.3] ἕκαστα Π46 (pace Dilts) **fTU** ἕκαστον **kAld**

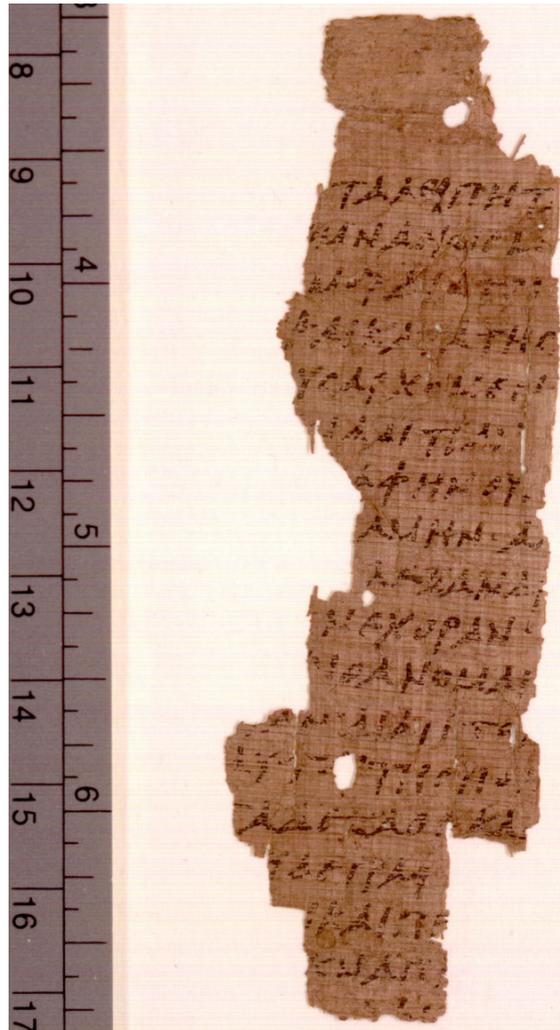


TABELA DE CORRESPONDÊNCIA DOS MESES DO ANO

Calendário ático > Calendário gregoriano

Gamélion	Janeiro/ Fevereiro
Antestérion	Fevereiro/Março
Elafébólion	Março/ Abril
Muníquion	Abril/ Maio
Targélion	Maios/ Junho
Escirofóron	Junho/ Julho
Hecatombeu	Julho/ Agosto
Metagítion	Agosto/ Setembro
Boedrómion	Setembro/ Outubro
Pianépsion	Outubro/ Novembro
Memactérion	Novembro/ Dezembro
Posidéon	Dezembro/ Janeiro

BIBLIOGRAFIA

Edições Críticas

Αἰσχίνου ῥήτορος λόγοι καὶ αὐτοῦ βίος, in Λόγοι τουτωνὶ τῶν ῥητόρων. Αἰσχίνου. Λυσίου...
apud Aldum, Venetiis, 1513 (editio princeps).

*Demosthenes et Aeschines Opera... cum utriusque autoris vita et Ulpiani commentariis
novisque scholiis, ex quarta eaque postrema recognitione, graeco-latina... a mendis
repurgata, variis lectionibus adaucta, annotationibus illustrata per. Hier. Wolfium...*,
Basiliae, 1572.

Τῶν παλαιῶν ῥητόρων, ed. H. Stephanus, Parisiis, 1575.

Δημοσθένους καὶ Αἰσχίνου ἔνιοι λόγοι ἔκλεκτοι (orr. 1, 2, 3) ed. Io. Taylor, vol. I,
Cantabrigae, 1754.

Oratorum Graecorum volumen tertium Aeschinis omnia complectens, ed. Ioannes Iacobus
Reiske, Lipsiae, 1771.

Œuvres complètes de Démosthène et d'Eschine, ed. l'abbé Auger, Paris, 1777.

Oratores Attici, ex recensione Imm. Bekkeri, vol. III, Oxonii, 1823.

Oratores Attici, ex recensione Imm. Bekkeri, vol. III, Berolini, 1823.

Aeschinis oratoris Opera omnia, ed. I. H. Bremius, Turici, 1823.

Oratores Attici, edd. J. G. Baiterus et H. Sauppius, vol. III, Turici, 1840.

Aischinis Orationes, curavit F. Franke, Lipsiae, Teubner, 1851.

Aischinis Orationes e codicibus partim nunc primum excussis, ed. F. Schultz, Lipsiae,
Teubner, 1865.

Aischinis Orationes, recensuit A. Weidner, Berolini, Weidmann, 1872.

Aischines, Rede gegen Ktesiphon, erklärt von A. Weidner, Berlin, 1878.

Aischines Orationes, post Fr. Frankium curavit Fridericus Blass, Lipsiae, Teubner, 1896;
editio altera currector 1908.

Eschine. Discours, texte établi et traduit par V. Martin et G. de Budé, vol. I, II, Paris, Les Belles Lettres, 1927.

Oratori Attici Minori, vol. I: ... Eschine... a cura de P. Leone, Torino, 1977.

Aischinis Orationes post Fr. Frankium curavit Fridericus Blass editionem alteram correctiorem anni MCMVIII iterum correxit Udalricus Schindel. Stuttgart, Teubner, 1978.

Aeschinis Orationes, ed. Mervin R. Dilts. Stugardiae, Lipsiae, Teubner, 1997.

Edições de Papiros

GRENFELL, Bernard P., HUNT, Arthur S. (1903), *The Oxyrrhyncus Papyri*. Part III, Oxford.

GRENFELL, Bernard P., HUNT, Arthur S. (1904), *The Oxyrrhyncus Papyri*. Part IV, Oxford.

GRENFELL, Bernard P., HUNT, Arthur S. (1919), *The Oxyrrhyncus Papyri*. Part XIII, Oxford.

SAVORELLI, Gabriela M., PINTAUDI, Rosario (1997), "Frammenti di Rotoli Letterari Laurenziani", *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 115: 171–177.

EFSTATHIOU, Athanasios A., Solti, Dora E. (2018), "Neue Ergebnisse zum Aischinesfragment P. Vindob. G. 2. 314 und zur Überlieferungsgeschichte des Aischineskorpus", *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 205: 41–54

Comentários, e traduções

ADAMS, Charles (1919), *Aeschines. Speeches*, Loeb Classical Library 106, Harvard University Press.

CAREY, Christopher (2000), *Aeschines*, University of Texas Press.

DRERUP, Engelbert (1904), *Aeschines quae feruntur epistolae*, Lipsiae.

FISCHER, Nick (2001), *Aeschines. Against Timarchos*, Oxford University Press.

GARCÍA RUIZ, José Miguel, *Esquines. Discursos, Cartas*. Introducción, traducción y notas, Ediciones Clásicas.

HORVÁTH, László (2014), *Der Neue Hypereides: Textedition, Studien und Erläuterungen*, Texte und Kommentare 50, De Gruyter.

LUCAS DE DIOS, José Maria (2002), *Esquines. Discursos, Testimonis y cartas*. Editorial Gredos.

PALLÍ I BONET, Juli (1999), *Discursos. Èsquines*, 2 vols., Fundació Bernat Metge.

PEREIRA, Luiz Guilherme Couto (2016), *Contra Timarco de Èsquines: tradução e estudo introdutório*, Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.

PORRO, Antonietta, FORTUNA, Sonia (1995), *Contro Ctesifonte. Eschine*, Mondadori.

RHODES, Peter J. (1973), *A Commentary on the Aristotelian Athenaion Politeia*, Clarendon Press.

ZAJAC, Irene (1994), *A commentary on Aeschines' "Contra Ctesiphontem" sections 177-260*, Ph.D. Diss. New York University.

Estudos

- ABBOT, Terry (2012), *The Ancient Greek Secretary: A study of secretaries in Athens and the Peloponnese*, PhD thesis submitted to the University of Manchester.
- ADAM-MAGNISSALI, Sophia (2010), “Un cas particulier de gage dans l’Athènes classique (4^e s. av. notre ère)”, *Revue historique de droit français et étranger* 88. 3: 443-447.
- ADELEYE, Gabriel (1983), “The purpose of Dokimasia”, *Greek, Roman and Byzantine Studies* 24: 295-306.
- ANDREWS, Avery (1971), “Case agreement of predicate modifiers in Ancient Greek”, *Linguistic Inquiry* 2.2: 127-151.
- ARAÚJO, Ana Cristina (1999), “Livros de uma vida: critérios e modalidades da constituição de uma livraria particular no sec XVIII”, *Revista de História das Ideias* 20: 149-185.
- ARTHURS, Jeffrey (1994), “The Term *Rhetor* in Fifth- and Fourth-Century B.C.E. Greek Texts”, *Rhetoric Society Quarterly* 23.3/4: 1-10.
- AVILES, Domingo (2011), “«Arguing against the law»: non-literal interpretation in Attic forensic oratory”, *Dike* 14: 19-42.
- BADIAN, Ernst, HESKEL, Julia (1987), “Aeschines 2.12-18: a study in rhetoric and chronology”, *Phoenix* 41.3: 264-271.
- BECK, Hans (ed.) (2013), *A Companion to Ancient Greek Government*, Wiley-Blackwell.
- BERNABÉ PAJARES, Alberto, HERNÁNDEZ MUÑOZ, Felipe G. (2010), *Manual de crítica textual y edición de textos griegos*, Akal.
- BIANCHI, Erika (2002), “Ancora su Eschine III 252”, *Dike* 5: 83-94.
- BLOSS, Friedrich (1887), *Die Attische Beredsamkeit. Demosthenes* 3.1, Teubner.
- BLOSS, Friedrich (1887), *Die Attische Beredsamkeit. Demosthenes’ Genossen und Gegner*. 3.2, Teubner.
- BOUCHET, Christian (2008), “Les Lois dans le *Contre Timarque* d’Eschine”, *Rivista di cultura classica e medioevale* 50.2: 267-288.
- BRAUW, Michael de (2002), “Listen to the laws themselves: citations of Laws and Portrayal of Character in Attic Oratory”, *Classical Journal* 97.2, 161-176.
- BROWNING, Robert (1960), “Recentiores non deteriores”, *Bulletin of the Institute of Classical Studies* 7: 11-21.
- BUCKLER, John (2001), “Demosthenes and Aeschines”, in WORTHINGTON, Ian, *Demosthenes. Statesman and Orator*, Routledge.
- BURKE, Edmund (1997), “*Contra Leocratem* and the *Corona*: Political Collaboration?”, *Phoenix* 31.4: 330-340.
- CABRAL, Maria Luísa (2011), “Uma jornada de Lisboa a Roma”, *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias* 28: 89-102.
- CANEVARO, Mirko (2013), *The Documents in the Attic Orators: Laws and Decrees in the Public Speeches of the Demosthenic Corpus*, Oxford University Press.
- CANFORA, Luciano (1982), “Origine della stematica de Paul Maas”, *Rivista di Filologia e di Istruzione Classica* 110.3: 362-279.
- CARAWAN, Edwin (2007), *The Attic Orators*, Oxford University Press.

- CAREY, Chris (1996), "Nomos in Attic Rhetoric and Oratory", *Journal of Hellenic Studies* 116: 33-46.
- CAWKWELL, George (1960), "Aechines and the Peace of Philocrates", *Révue des Études Grecques* 73: 416-438.
- CAWKWELL, George (1963), "Demosthenes' Policy after the Peace of Philocrates", *Classical Quarterly* 13.1: 120-138.
- CAWKWELL, George (1963a), "Eubulus", *Journal of Hellenic Studies* 83: 47-67.
- CAWKWELL, George (1969), "The crowning of Demosthenes", *Classical Quarterly* 19.1: 163-180.
- CAWKWELL, George (1976), "The Imperialism of Thrasybulus", *Classical Quarterly* 26.2: 270-277.
- CAWKWELL, George (1978), "The Peace of Philocrates again", *Classical Quarterly* 28: 93-104.
- CHRIST, Matthew (2007), "The Evolution of the *Eisphora* in Classical Athens", *Classical Quarterly* 57.1: 53-69.
- COBET, Carel (1854), *Variae lectiones quibus continentur observationes criticae in scriptores graecos*, E. J. Brill.
- COHEN, Edward (2015), *Athenian Prostitution. The Business of Sex*, Oxford University Press.
- CONTI, Eleonora (2011), *Papiri di Oratoria Adespoti. Nuova edizione di alcuni frammenti conservati all'Istituto Papirologico "G. Vitelli"*, Tesi di dottorato, Università degli Studi di Firenze.
- COLOMO, Daniela (2008), "Osservazioni sullo scriba ossirinchita", *Segno e Testo* 6: 3-34.
- COOK, Brad (2009), "Athenian Terms of Civic Praise in the 330s. Aeschines vs Demosthenes", *Greek, Roman and Byzantine Studies* 49: 31-52.
- COOK, Brad (2012), "Swift-boating in antiquity: rhetorical framing of the good citizen in fourth-century Athens", *Rhetorica* 30.3: 219-251.
- CURADO, Ana Lúcia (2008), *Mulheres em Atenas. As Mulheres Legítimas e as Outras*, Editora Sá da Costa.
- DAINS, Alphonse (1967), *Les manuscrits*, Les Belles Lettres.
- DESBORDS, Françoise (1996), *La rhétorique antique*, Hachette.
- DICKEY, Eleanor (2007), *Ancient Greek Scholarship*, Oxford University Press.
- DILLER, Aubrey (1979), "The Manuscript Tradition of Aeschines' Orations", *Illinois Classical Studies* 4: 34-64.
- DILTS, Mervin (1992), *Scholia in Aeschinem*, Teubner.
- DILTS, Mervin (1994), "Hiatus in the Orations of Aeschines" *American Journal of Philology* 115.3: 367-373.
- DILTS, Mervin (1998), "Ancient variants in the manuscripts of Aeschines", *Dissertationum criticae: Festschrift für Günther Christian Hansen*, Königshausen und Neumann: 39-51.
- DOMINGOS, Manuela, LÓPEZ, Inés, BRAZ DE OLIVEIRA, A. (1992), "Biblioteca Nacional de Portugal", *Boletín de la ANABAD* 42.3-4: 363-402.
- DORJAHN, Alfred (1929), "Some remarks on Aeschines' career as an actor", *Classical Journal*, 25.3: 223-229.

- DOVER, Kenneth (2016, 3rd ed.), *Greek Homosexuality*, Harvard University Press.
- DRUMMOND BRAGA, Isabel (2015), “Bibliotecas Particulares em Portugal e no Brasil: o testemunho das fontes inquisitoriais (séculos XVII e XVIII)”, in Alvim, Márcia Helena, *Conhecimento, Cultura e Circulação de Ideias na América Colonial Luso-Hispânica*, Universidade Federal do ABC.
- DYCK, Andrew (1985), “The Function and Persuasive Power of Demosthenes' Portrait of Aeschines in the Speech 'On the Crown'”, *Greece & Rome* 32.1: 42-48.
- EASTERLING, Pat (1999), “Actors and voices: reading between the lines in Aeschines and Demosthenes”, in Simon Goldhill, Robin Osborne, *Performance Culture in Athenian Democracy*, Cambridge University Press: 154-166.
- EFSATHIOU, Athanasios (2007), “Euthyna procedure in 4th c.: Athens and the case on the false embassy”, *Dike* 10: 113-135.
- ELIOT, Simon, ROSE, Jonathan (ed.) (2007), *A Companion to the History of the Book*, Blackwell Publishing.
- FABRICE, Jean (2003), “Citations épiques sur les orateurs attiques: le cas d'Eschine” *GAIA. Revue interdisciplinaire sur la Grèce ancienne* 7: 355-377.
- FERREIRA, José Ribeiro; LEÃO, Delfim (2010), *Dez grandes estadistas athenienses*, Lisboa, Edições 70.
- FERREIRA, Teresa Duarte, SANTANA, Ana Cristina (2006) *O tratamento documental de manuscritos ao serviço da investigação: a experiência da Biblioteca Nacional*, [<http://purl.pt/6393/1/comunicacoes/manuscritos.pdf>]
- FORBES, Clarence (1967), “An episode in the Life of Aeschines”, *American Journal of Philology* 88.4: 443-448.
- FRÖHLICH, Pierre (2004), *Les cités grecques et le contrôle des magistrats (IVe-Ier siècle avant J.-C.)*, Librairie Droz.
- GAGARIN, Michael (1981), “The Thesmothetai and the earliest Athenian Tyranny Law”, *Transactions of the American Philological Association* 111: 71-77.
- GAGARIN, Michael (2008), *Writing Greek Law*, Cambridge University Press.
- GAGARIN, Michael (2011), *Speeches from Athenian Law*, University of Texas Press.
- GAGARIN, Michael (2012), “Law Politics and the Question of Relevance in the Case *On the Crown*”, *Classical Antiquity* 31.2: 293-314.
- GAGARIN, Michael, COHEN, David (eds.) (2005), *The Cambridge Companion to Ancient Greek Law*, Cambridge University Press.
- GAGLIARDI, Lorenzo (2005), “The Athenian procedure of *dokimasia* of orators. A response to Douglas M. MacDowell”, in Robert Wallace and Michael Gagarin (eds.), *Symposium 2001*, Vol. 16, Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften: 89-97.
- GARCÍA ROMERO, Fernando (1992), *Los Juegos Olímpicos y el deporte en Grecia*, Editorial AUSA, Sabadell.
- GARCÍA RUIZ, José Miguel, HERNÁNDEZ MUÑOZ, Felipe G. (2012), “Critical edition of the «Letters» attributed to Aeschines”, in F. G. Hernández Muñoz (ed.), *La tradición y la transmisión de los oradores y rétores griegos* (Tradition and transmission of Greek orators and rhetors), Logos-Verlag.

- GARLAND, Robert (2001, 2^a ed.), *The Greek Way of Death*, Cornell University Press.
- GARRISON, Elise (1991), "Attitudes toward Suicide in Ancient Greece", *Transactions of the American Philological Association* 121: 1-34.
- GOLDMAN, Max (2017) "Demosthenes, Chaeronea and the Rhetoric of Defeat", in Jessica Clark and Brian Turner, *Brill's Companion to Military Defeat in Ancient Mediterranean Society*, Brill.
- GONÇALVES, Maria Filomena, BANZA, Ana Paula (coords.) (2013), *Património Textual e Humanidades Digitais: da antiga à nova Filologia*, CIDEHUS.
- GOTTELAND, Sophie (2006), "La sirène et l'enchanteur: portraits croisés d'Eschine et de Démosthène à la tribune", *Révue des Études Grecques* 119: 588-608.
- GRAUX, Charles (1892), "Notices sommaires des manuscrits grecs d'Espagne et de Portugal", *Mélanges de l'école française de Rome* 12: 491-492.
- GUTH, Dina (2015), "The king's speech: Philip's rhetoric and democratic leadership in the debate over the Peace of Philocrates", *Rhetorica* 33.4: 333-348.
- GWATKIN JR., William (1957), "The Legal arguments in Aeschines' *Against Ktesiphon* and Demosthenes' *On the Crown*", *Hesperia* 26.2: 129-141.
- HANSEN, Mogens H. (1977), "How did the Athenian Ecclesia Vote?", *Greek, Roman and Byzantine Studies*, 18.2: 123-137.
- HANSEN, Mogens H. (1978), "Nomos and Psephisma in Fourth-Century Athens?", *Greek, Roman and Byzantine Studies*, 19.4: 315-330.
- HANSEN, Mogens H. (1978), "οἱ πρόεδροι τῶν νομοθετῶν. A Note on IG II² 222, 41-52", *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 30: 151-157
- HANSEN, Mogens H. (1985), "Athenian Nomothesia", *Greek, Roman and Byzantine Studies* 26.4: 345-371.
- HARDING, Philip (1987), "Rhetoric and Politics in Fourth-Century Athens", *Phoenix* 41.1: 25-39.
- HARRIS, Edward (1985), "The Date of the Trial of Timarchus", *Hermes* 113.3: 376-380.
- HARRIS, Edward (1988), "When was Aeschines Born?", *Classical Philology* 83.3: 211-214.
- HARRIS, Edward (1995), *Aeschines and Athenian Politics*, Oxford University Press.
- HARRIS, Edward (2009/2010), "What Are the Laws of Athens About? Substance and Procedure in Athenian Statutes" *Dike* 12/13: 5-67.
- HARRIS, Edward, RUBINSTEIN, Lene (2004), *The Law and the Courts in Ancient Greece*, Duckworth.
- HEADLAM, Walter (1902), "Transposition of Words in MSS", *Classical Review* 16.5: 243-256.
- HERNÁNDEZ MUÑOZ, Felipe (2004), "Las citas de Demóstenes y Esquines en el rétor Teón: valoración literaria y textual", in Santiago Talavera Cuesta, Ignacio Javier García Pinilla, *Charisterion, Francisco Martín García oblatum*, Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha: 167-174.
- HERNÁNDEZ MUÑOZ, Felipe (2006), "Demóstenes, Esquines y el teatro", in Mariano Valverde Sánchez, Esteban Antonio Calderón Dorda, Alicia Morales Ortiz (coords.), *Koinòs lógos: homenaje al profesor José García López*, Universidad de Murcia: 425-430.

- HERNÁNDEZ MUÑOZ, Felipe (2009), "Aeschinea", *Emerita* 77.2: 247-269.
- HERNÁNDEZ MUÑOZ, Felipe (2009a), "Recentiores non semper deteriores: Nuevos materiales para una vieja discusión", in Manuel María Sanz Morales, Myriam Librán Moreno (eds.), *Verae Lectiones. Estudios de crítica textual y edición de textos griegos*, Universidad de Huelva/ Extremadura: 355-376.
- HERNÁNDEZ MUÑOZ, Felipe (2016), *Manuscritos Griegos en España y su contexto europeo*, Clásicos Dykinson.
- HEYSE, Max (1912), *Die handschriftliche Ueberlieferung der Reden des Aeschines*, Teubner.
- HOBDEN, Fiona (2007), "Imagining Past and Present. A Rhetorical Strategy in Aeschines 3, *Against Ctesiphon*", *The Classical Quarterly* 57.2: 490-501.
- HORVÁTH, László (2009), "Hyperidea", *Bulletin of the Institute of Classical Studies* 52: 187-221.
- HUNTER, Virginia (1990), "Gossip and the politics of reputation in Classical Athens", *Phoenix* 44.4, 299-325.
- IRIGOIN, Jean (1997), *Tradition et critique des textes grecques*, Les Belles Lettres.
- JOHNSON, William (2004), *Bookrolls and Scribes in Oxyrhynchus*, University of Toronto Press.
- KURIHARA, Asako (2003), "Personal Enmity as a Motivation in Forensic Speeches", *Classical Quarterly* 53.2: 464-477.
- LANE FOX, Robin (1994), "Aeschines and Athenian democracy", in Robin Osborne & Simon Hornblower, *Ritual, finance, politics: Athenian democratic accounts presented to David Lewis*, Clarendon Press: 135-155.
- LANNI, Adriaan (2010), "Judicial review and the Athenian «constitution»", in Pasquale Pasquino, Mogens Herman Hansen, Pierre Ducrey & Alain-Christian Hernández, *Démocratie athénienne - démocratie moderne: tradition et influences*, Vandœuvres-Genève, 24-28 août 2009, Fondation Hardt.
- LENAERTS, Jean (2004), "Le papyrus d'Eschine P.Oxy. III 457: nouvelle mise au point", *Chronique d'Égypte* 79, Issue 157-158: 187-192.
- LEONE, Pietro (1972-73), "Appunti per la storia del testo di Echines", *Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia*, Università di Macerata 5-6: 11-43.
- LEWIS, David (1958), "When was Aeschines born?", *Classical Review* 8.2: 108.
- LEWIS, David, BOARDMAN, John, HORNBLOWER, Simon, OSTWALD, Martin (eds.) (2006), *Cambridge Ancient History*, vol. 6, Cambridge University Press.
- LEÃO, Delfim, ROSSETTI, Livio, FIALHO, Maria do Céu (eds.) (2004), *Nomos. Direito e Sociedade na Antiguidade Clássica*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Ediciones Clásicas.
- LEÃO, Delfim (2009), "O sexo e a cidade: um caso de prostituição masculina (Ésquines, *Contra Timarco*)", in José Ramos, Maria do Céu Fialho, Nuno Simões Rodrigues, *A Sexualidade no Mundo Antigo*, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Centro de História da Universidade de Lisboa.
- LEÃO, Delfim, RHODES, Peter J. (2016), *The Laws of Solon. A New Edition with Introduction, Translation and Commentary*, I.B. TAURIS.

- LEITE, Priscilla Gontijo (2014), *Ética e retórica forense: asebeia e hybris na caracterização dos adversários em Demóstenes*, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- LEITE, Priscilla Gontijo (2017), *Religião e Jogos de Poder: o Contra Mídias de Demóstenes*, Editora Prismas.
- LOURENÇO, Frederico (2009), “Homossexualidade masculina e cultura grega”, in José Ramos, Maria do Céu Fialho, Nuno Simões Rodrigues, *A Sexualidade no Mundo Antigo*, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Centro de História da Universidade de Lisboa.
- MAAS, Paul (1958, 2ª ed.), *Critica del testo*. Traduzione dal tedesco di Nello Martinelli, F. Le Monnier.
- MACDOWELL, Douglas M. (2005), “The Athenian procedure of *dokimasia* of orators”, in Robert Wallace and Michael Gagarin (eds.), *Symposion 2001*, Vol. 16, Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften: 79-87.
- MANZANO, Teresa Martínez (2012), “Esquines en época humanística. El caso del manuscrito de Salamanca 223”, in Felipe G. Hernández Muñoz (ed.), *La tradición y la transmisión de los oradores y rétores griegos. Tradition and Transmission of Greek Orators and Rhetors*, Logos Verlag: 181-194.
- MARTÍN VELASCO, María José (1993), “Notas sobre la transmission del texto del orador Esquines”, *Estudios Clásicos* 104: 97-111.
- MARTÍN VELASCO, María José (1994), El uso de abstractos como sujetos en el orador Esquines”, *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios griegos e indoeuropeos* 4: 319-328.
- MARTÍN VELASCO, María José (1997), “Sintaxis y Argumentación en el Contra Ctesifonte de Esquines”, *Epos* 13, 13-29.
- MARTINO, Giuseppina (2000), “Sul testo di Eschine”, *Studi Italiani di Filologia Classica* 18: 71-98.
- MAXWELL-STUART, Peter (1975), “Three words of abusive slang in Aeschines”, *American Journal of Philology* 96.1: 7-12.
- MAZZUCCHI, Carlo (1979), “Sul sistema di accentazione dei testi greci in età romana e bizantina”, *Aegyptus* 59: 145-167.
- McKECHNIE, Paul, KERN, Stephen (1988), *Hellenica Oxyrrhynchia*, Aris and Phillips.
- MERKELBACH, Reinhold (1975), “Aischines 1.20”, *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 16: 145-148.
- MILLER, Stephen (1978), *The Prytaneion: its function and architectural form*, University of California Press.
- MITCHEL, Lynette, RHODES, Peter J. (1996), “Friends and Enemies in Athenian Politics”, *Greece & Rome* 43.1: 11-30.
- MONACO, Matteo (2000), “La tradizione manoscritta di Eschine tra i papiri i codici medievali”, *Aegyptus* 80.1/2: 3-98.
- MONTANARI, Franco (2009), “Un papiro di Eschine con correzioni (P.Oxy. 2404). Considerazioni sull’ ekdosis alessandrina”, *Archiv für Papyrusforschung* 55.2: 401-411.
- MONTANARI, Franco, MATTHAIOS, Stefanos, RENGAKOS, Antonios (eds.) (2015), *Brill's Companion to Ancient Greek Scholarship*, vol. 1 & 2, Brill.

- MORAIS, Rui (2009), "Um caso exemplar: Cenáculo e o colecionismo no Portugal de setecentos", *Cadmo* 19: 209-228.
- MOSLEY, Derek (1965), "The Size of Embassies in Ancient Greek Diplomacy", *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 96: 255-266.
- MUÑOZ FLORES, Juan (2011), "El nuevo Hiperides *In Diondam*: introducción, traducción y notas", *Cuadernos de Filología Clásica* 21: 193-230.
- MUÑOZ LLAMOSAS, Virginia (2008), "Insultos e Inyectiva entre Demostenes y Esquines", *Minerva* 21: 33-49.
- OBER, Josiah (1989), *Mass and Elite in Democratic Athens. Rhetoric, Ideology, and the Power of the People*, Princeton University Press.
- OBER, Josiah (2015), *The Rise and Fall of Classical Greece*, Princeton University Press.
- OOST, Stewart (1977), "Two Notes on Aristophon of Azenia", *Classical Philology* 72.3: 238-242.
- OSBORNE, Michael, BYRNE, Sean (1994), *A lexicon of Greek Personal Names*, vol. II, Oxford.
- PASQUALI, Georgio (1988), *Storia della tradizione e critica del testo*, Le Lettere.
- PINA MARTINS, José (coord.) (1994), *Edições Aldinas da Biblioteca Nacional: séculos XV-XVI*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- PERRONE, Serena (2015), "Papiri letterari: piccola antologia di immagini in rete", [<https://mediaclassica.loescher.it/files/2049>]
- PICKERING, Peter (2003), "Did the Greek Ear detect 'careless' verbal repetitions", *Classical Quarterly* 53.2: 490-499.
- PREUS, Christian (2012), *The art of Aeschines: anti-rhetorical argumentation in the speeches of Aeschines*, PhD Thesis, University of Iowa.
- REYNOLDS, Leighton, WILSON, Nigel (2013, 4th ed.), *Scribes and Scholars. A Guide to the Transmission of Greek and Latin Literature*, Oxford University Press.
- RHODES, Peter J. (1972), *The Athenian Boule*, Clarendon Press.
- RHODES, Peter J. (2003), "Sessions of *Nomothetai* in Fourth-Century Athens", *Classical Quarterly* 53.1: 124-129.
- RHODES, Peter J. (2001), *A History of the Classical Greek World: 478 - 323 BC*, John Wiley & Sons.
- ROWE, Galen (1966), "The Portrait of Aeschines in the Oration *On the Crown*", *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 97: 397-406.
- SAWADA, Noriko (1996), "Athenian Politics in the Age of Alexander the Great. A Reconsideration of the Trial of Ctesiphon", *Chiron* 26: 57-84.
- SCHINDEL, Ulrich (1978), "Doppeltes Recht oder Prozesstaktik? zu Aischines' Erster und Dritter Rede", *Hermes* 106.1: 100-116.
- SCHMITZ, Thomas (2000), "Plausibility in Greek Orators", *American Journal of Philology* 121.1: 47-77.
- SEALY, Raphael (1982), "On the Athenian Concept of Law", *Classical Journal* 77.4: 289-302.
- SHEAR JR, T. Leslie (1970), "The Monument of the Eponymous Heroes in the Athenian Agora", *Hesperia* 39.3: 145-222.
- SULLIVAN, Janet (2002), "Second Thoughts on Aischines 3.252", *Greece & Rome* 49.1: 1-7.

- TCHERNETSKA, Natalie (2005), "New Fragments of Hyperides from the Archimedes Palimpsest", *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* Bd. 154: 1-6.
- TODD, Stephen (1995), *The Shape of Athenian Law*, Clarendon Press.
- TURNER, Eric (1968), *Greek Papyri. An Introduction*, Princeton University Press.
- Ureña Prieto, Maria Helena (1995), *Índices de nomes próprios gregos e latinos*, Fundação Calouste Gulbenkian.
- VAZ, Francisco (coord.) (2009), *Os livros e as bibliotecas no espólio de D. Frei Manuel do Cenáculo. Repertório de correspondência, róis de livros e doações a bibliotecas*, Biblioteca Nacional de Portugal.
- VAZ, Francisco (2013), "A Importância Histórica dos Manuscritos da Biblioteca Pública de Évora. O exemplo da correspondência de Frei Manuel do Cenáculo", in Maria Filomena Gonçalves e Ana Paula Banza, *Património Textual e Humanidades Digitais: da antiga à nova Filologia*, CIDEHUS: 25-45.
- WANKEL, Hermann (1996), "Zum Aischinestext (Mit den neuen Papyri)", *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 113: 27-34.
- WEBB, Ruth (2009), "Eschine et le passé athénien: narration, imagination et construction de la mémoire", *Cahiers des études anciennes* 46: 129-147.
- WEIL, Raymond (1984), "Le singe tragique. Observations sur l'éloquence d'Eschine", *Estudios Clásicos* 87. Dedicado a: Apophoreta philologica: A. Fernández-Galiano: a sodalibus oblata: 311-318.
- WEST, Martin (1973), *Textual Criticism and Editorial Technique Applicable to Greek and Latin texts*, Teubner.
- WOLFF, Hans (1946), "The Origin of Judicial Litigation among the Greeks", *Traditio* 4: 31-87.
- WOOTEN, Cecil (1988), "Clarity and Obscurity in the speeches of Aeschines", *American Journal of Philology* 109.1: 40-43.
- WORMAN, Nancy (2004), "Insult and oral excess in the disputes between Aeschines and Demosthenes", *American Journal of Philology* 125.1: 1-25.
- WORMAN, Nancy (2008), *Abusive Mouths in Classical Athens*, Cambridge University Press.
- WORTHINGTON, Ian (2012), *Demosthenes of Athens and the Fall of Classical Greece*, Oxford University Press.
- WORTHINGTON, Ian (ed.) (2001), *Demosthenes. Statesman and Orator*. Routledge.
- WORTHINGTON, Ian (ed.) (2007), *A Companion to Greek Rhetoric*, Wiley - Blackwell.
- YUNIS, Harvey (2001), *Demosthenes. On The Crown*, Cambridge University Press.
- YUNIS, Harvey (1988), "Law, Politics, and the *Graphe Paranomon* in Fourth-century Athens", *Greek, Roman, and Byzantine Studies* 29.4: 361-382.

Recursos digitais

Évora, Biblioteca Pública de Évora, *Diário de Frei Manuel do Cenáculo*, 1º tomo: 1766 Fev.-1780 Jul., 286 fls. Último acesso a 15.05.2019. <http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?id=313>

- Évora, Biblioteca Pública de Évora, *Diário de Frei Manuel do Cenáculo*, 2º tomo: 1780-1784, 253 fls. Último acesso a 15.05.2019. <http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?id=315>
- Évora, Biblioteca Pública de Évora, *Diário de Frei Manuel do Cenáculo*, 3º tomo: 1784 Abr.-1788, 224 fls. Último acesso a 15.05.2019. <http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?id=316>
- Évora, Biblioteca Pública de Évora, *Diário de Frei Manuel do Cenáculo*, 4º tomo: 1788 Dez.-1790 Jul., 224 fls. Último acesso a 15.05.2019. <http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?id=317>
- Évora, Biblioteca Pública de Évora, *Diário de Frei Manuel do Cenáculo*, 5º tomo: 1794 Jun.-1808, 290 fls. Último acesso a 15.05.2019. <http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?id=314>
- Lisboa. Biblioteca Nacional de Portugal. *Catalogo Methodico dos livros que o Ex.mo e R.mo D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas-boas Bispo de Beja doou à Real Bibliotheca Publica da Corte* ; Tomo III. Último acesso a 15.05.2019. <http://purl.pt/5944>
- Paris, Bibliothèque nationale de France, *MS Coislianus gr. 249*, fols. 116v-142r. Último acesso a 15.05.2019. <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b110040277/f122.image>
- Paris, Bibliothèque nationale de France, *MS Parisinus gr. 2998*, fols. 83r-102v. Último acesso a 15.05.2019. <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b10723163f/f91.image.r=grec%202998>
- Pinakes s.v. Aeschines orator. Último acesso a 01.07.2019. <https://pinakes.irht.cnrs.fr/notices/oeuvre/7670/>
- Π14 Ctesiph. 51 sq. Pap. Oxy. 2404 (1957). Último acesso a 15.05.2019. <http://163.1.169.40/gsd/collect/POxy/index/assoc/HASH010c/018f6b59.dir/POxy.v0024.n2404.a.01.hires.jpg>.
- Π31 Ctesiph. 6-7 Pap. Oxy. 4039 (1994). Último acesso a 15.05.2019. <http://163.1.169.40/gsd/collect/POxy/index/assoc/HASH9784/f787b744.dir/POxy.v0060.n4039.a.01.hires.jpg>.
- Π32 Ctesiph. 8 Pap. Oxy. 4040 (1994). Último acesso a 15.05.2019. <http://163.1.169.40/gsd/collect/POxy/index/assoc/HASH01f5/94678842.dir/POxy.v0060.n4040.a.01.hires.jpg>.
- Π33 Ctesiph. 15-17. 22-23 Pap. Oxy. 4041 (1994). Último acesso a 15.05.2019. <http://163.1.169.40/gsd/collect/POxy/index/assoc/HASH75e6/9b360515.dir/POxy.v0060.n4041.a.01.hires.jpg>.
- Π34 Ctesiph. 33-34. 35-36 Pap. Oxy. 4042 (1994). Último acesso a 15.05.2019. <http://163.1.169.40/gsd/collect/POxy/index/assoc/HASH1994/87884363.dir/POxy.v0060.n4042.a.01.hires.jpg>.
- Π35 Ctesiph. 39 Pap. Oxy. 4043 (1994). Último acesso a 15.05.2019. <http://163.1.169.40/gsd/collect/POxy/index/assoc/HASH2b94/978843f3.dir/POxy.v0060.n4043.a.01.hires.jpg>.

- Π36 Ctesiph. 56-58 Pap. Oxy. 4044 (1994). Último acesso a 15.05.2019. <http://163.1.169.40/gsd/collect/POxy/index/assoc/HASH3d94/a7884483.dir/POxy.v0060.n4044.a.01.hires.jpg>.
- Π37 Ctesiph. 57-59. 60-61 Pap. Oxy. 4045 (1994). Último acesso a 15.05.2019. <http://163.1.169.40/gsd/collect/POxy/index/assoc/HASH4f94/b7884514.dir/POxy.v0060.n4045.a.01.hires.jpg>.
- Π38 Ctesiph. 80-81. 91 Pap. Oxy. 4046 (1994). Último acesso a 15.05.2019. <http://163.1.169.40/gsd/collect/POxy/index/assoc/HASH0116/9d1b3bb9.dir/POxy.v0060.n4046.a.01.hires.jpg> e <http://163.1.169.40/gsd/collect/POxy/index/assoc/HASH0116/9d1b3bb9.dir/POxy.v0060.n4046.b.01.hires.jpg>.
- Π39 Ctesiph. 98 Pap. Oxy. 4047 (1994). Último acesso a 15.05.2019. <http://163.1.169.40/gsd/collect/POxy/index/assoc/HASH7394/d7884634.dir/POxy.v0060.n4047.a.01.hires.jpg>.
- Π40 Ctesiph. 101 Pap. Oxy. 4048 (1994). Último acesso a 15.05.2019. <http://163.1.169.40/gsd/collect/POxy/index/assoc/HASH8594/e78846c4.dir/POxy.v0060.n4048.a.01.hires.jpg>.
- Π41 Ctesiph. 110-115 Pap. Oxy. 4049 (1994). Último acesso a 15.05.2019. <http://163.1.169.40/gsd/collect/POxy/index/assoc/HASH0177/0a9b3f25.dir/POxy.v0060.n4049.a.01.hires.jpg> e <http://163.1.169.40/gsd/collect/POxy/index/assoc/HASH0177/0a9b3f25.dir/POxy.v0060.n4049.b.01.hires.jpg>.
- Π42 Ctesiph. 157-158 Pap. Oxy. 4050 (1994). Último acesso a 15.05.2019. <http://163.1.169.40/gsd/collect/POxy/index/assoc/HASH01f5/a46788d2.dir/POxy.v0060.n4050.a.01.hires.jpg>.
- Π43 Ctesiph. 160-161 Pap. Oxy. 4051 (1994). Último acesso a 15.05.2019. <http://163.1.169.40/gsd/collect/POxy/index/assoc/HASH07a4/7788d2e3.dir/POxy.v0060.n4051.a.01.hires.jpg>.
- Π44 Ctesiph. 195-196 Pap. Oxy. 4052 (1994). Último acesso a 15.05.2019. <http://163.1.169.40/gsd/collect/POxy/index/assoc/HASH19a4/8788d373.dir/POxy.v0060.n4052.a.01.hires.jpg>.
- Π45 Ctesiph. 213-214. 215-216 Pap. Oxy. 4053 (1994). Último acesso a 15.05.2019. <http://163.1.169.40/gsd/collect/POxy/index/assoc/HASH01c8/40ab4091.dir/POxy.v0060.n4053.a.01.hires.jpg>.
- Π46 Ctesiph. 216-217 Pap. Oxy. 4054 (1994). Último acesso a 15.05.2019. <http://163.1.169.40/gsd/collect/POxy/index/assoc/HASH3da4/a788d493.dir/POxy.v0060.n4054.a.01.hires.jpg>.
- Π47 Ctesiph. 87-92. 94. 220, 223-225. 233-234. 240. 242. 248-249. 252 Pap. Oxy. 4055 (1994). Último acesso a 15.05.2019. <http://163.1.169.40/gsd/collect/POxy/index/assoc/HASH013a/f88e3eae.dir/POxy.v0060.n4055.a.01.hires.jpg> e <http://163.1.169.40/gsd/collect/POxy/index/assoc/HASH013a/f88e3eae.dir/POxy.v0060.n4055.a.02.hires.jpg>.

